P. Gonçalo Alves
No Paiz
de Christo

O CATALOGO GERAL da Livraria Chardron, consta das seguintes obras:

I — *Litteratura:* romances, poesias, etc.

II — Bibliotheca racionalista.

III — Estudos philosophicos e critica religiosa.

IV — Assumptos economicos e estudos sobre Portugal e Brazil.

V — Galeria com os retratos dos principaes auctores editados pela Livraria.

VI — Reedições de obras primas da litteratura portugueza.

VII — Livros religiosos.

VIII — Panegyricos, sermões, discursos e conferencias de caracter religioso.

IX — Livros escolares, educação e ensino.

X — Legislação e direito.

XI — Livros de commercio.

XII — Agricultura, veterinaria e industria agricola.

XIII — *Livros uteis e instructivos:* medicina, indicações e receituarios ás industrias e artes.

XIV — *Leitura util e recreativa:* Livros que tratam de cosinha, jogos de prendas, jogos diversos, prestidigitação, cartas amorosas, magica e magnetismo, etc.

XV — *Bibliotheca theatral:* dramas, comedias, monologos, etc.

XVI — *Bibliotheca para o povo:* Historias, contos, autos, entremezes, farças, lôas, etc.

Envia-se gratis o CATALOGO GERAL a quem o requisitar

No Paiz de Christo

Padre Gonçalo Alves

Porto

Livraria Chardron

Rua das

No Paiz de Christo

DO AUCTOR

EM PREPARAÇÃO:

Roma (impressões de viagem) . . . . 1 vol.
Lourdes (impressões de viagem). . . . . 1 vol.
Notas e apontamentos d'uma viagem no Brasil . . . . . . 1 vol.
Apontamentos e subsidios para o estudo e interpretação da Biblia 1 vol.
A Semente do Evangelho ou Homilias, Sermoes, Praticas e Panegyricos, prégados pelo auctor em diversos templos de Portugal e do Brazil . . . . 1 vol.
S. Paulo (sua vida, suas Missões e seu papel definitivo na expansão do Christianismo) . . . . 1 vol.
Os Santos Padres e Doutores da Egreja Latina e Grega dos primeiros cinco seculos do Christianismo . . . . 1 vol.
Vida de Nosso Senhor Jesus Christo (obra escripta sob um plano inteiramente novo sob o ponto de vista exegetico e critico). 1 vol.
Relatorio sobre a Obra das Irmãs de S. José da Apparição na Terra Santa. (Este opusculo é enviado gratis a quem o requisitar do auctor).

JÁ PUBLICADAS:

O Heitorsinho de Loureiro . . . . 1 vol.
S. Thiago de Compostella . . . . 1 vol.

OBRAS EM QUE O AUCTOR COLLABOROU, CORRIGINDO, ANNOTANDO E ACTUALISANDO:

A Alma de Jesus em sua Paixão, pelo padre Monsabré . . 1 vol.
Maná do Sacerdote, pelo padre Mach . . . . 1 vol.
Padre Antonio Vieira (Sermões completos).

P.e GONÇALO ALVES

No Paiz de Christo

Os Logares Santos da Palestina

Aspectos e impressões de viagem na Palestina e na Syria em 1902

Obra enriquecida de grande numero de notas hagiographicas, criticas, historicas, religiosas e archeologicas subpostas ao texto

Sete oceanos de tinta não bastariam para descrever todas as maravilhas da natureza.

DO KORAN.

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
RUA DAS CARMELITAS, 144

1907

Elementos e subsidios para uma bibliographia Palestiniana [1]

As Sagradas Escripturas.
As Compilações Rabbinnicas.
Flavio Josepho: *Historia das Antiguidades Judaicas.* — *Historia da. Guerra dos Judéos.*
S. Jeronymo: *De Situ et Nominibus locorum Hebraicorum, Peregrinatio Silviae* (seculo 4.º).
Arculfo: *Viagem á Palestina.* (Arculfo foi abbade de Jona, em Inglaterra. Morreu em 706. E' citado por Beda em *De Locis Sanctis*).
Blazio Terzzi de Lauria: *Syria Sacra.* 1 vol. Romæ, 1695.
Eusebio de Cesaréa: Obras (Topicos). Basiléa. 1570.
Nicephoro: *Historia Ecclesiastica.* Pariz. apud Grovinum. 1573.
Sozomeno, Socrates e Theodoreto: *Historia Ecclesiastica,* vertida em latim por Epiphanio. Pariz. 1574.
Cassiodoro: *Historia Ecclesiastica Tripartita.* Colonia. 1656.

---

[1] Como esta Bibliographia foi organisada á ultima hora não houve tempo em dispôr os auctores e os livros chronologicamente, nem fazer a classificação e distincção dos historicos, dos geographicos, dos puramente litterarios ou mysticos, dos devocionarios, dos religiosos, poeticos, tanto antigos e modernos, como exigia o methodo e a boa ordem.

Vão, pois, como iam acorrendo á memoria e brotando dos apontamentos colligidos.

O leitor será benevolo e condescendente com o auctor que só por meio d'um trabalho asperrimo d'investigação, póde conseguir fornecer aos estudiosos, aos eruditos, aos amadores de bibliographias, esta que vae lêr-se.

Muitos Santos Padres, escriptores ecclesiasticos e profanos, antigos e modernos, historiadores pagãos dos primeiros seculos do christianismo, Ammiano Marcellino, Sulpicio Severo, Eusebio, Euthymius, Guilherme de Tyro, Ludolpho, etc., citados nas paginas d'este livro em varios pontos, todos concorrem para a historia das tradições sacras da Palestina.

Itinerarium á Burdigala Hierusalem usque.

L'Itineraire de Virgilius en Palestine, traduzido e commentado pelo P. Edmond Bouvy.

Beda (Veneravel): *De situ Urbis Jerusalem.* Tomo 3.º das suas Obras. Basiléa. 1563.

A Collecção *Gesta Dei per Francos.*

Rob, Monachus, Opera. } muito antigos.
Baldric. Hist. Jerosol. }

Pedro de la Vallée. Viaggi.

Tacito, Plinio, Strabão, Josepho, Aristoteles, Diodoro Siculo, Solino, Galieno, Dioscoridos, Estevam de Bysancio, fallam do Mar Morto e das cidades n'elle submergidas. Daniel, Abbade de S. Sabas, fez uma viagem de contorno ao lago Asphaltite. A sua narrativa foi-nos conservada pelo padre jesuita Nau. Nyembourg, Mariti, Volney, apenas copiam Nau. Malte-Brun (Annaes), Busching (Memoria sobre o Mar Morto) fallam d'elle com prolixidade.

Relation de Terre Sainte, par Greffin Affagard Seigneur de Courtelles. (Muito antiga).

O Talmud.

Voyage de la Saincte Cyté de Hierusalem par un Anonyme français du XV siecle.

Dr. Joseph de Sesse: *Cosmographia Universal do Mundo e Viagem de Jerusalem.* Saragoça. 1619.

Fr. Francisco de Aranda: *Itinerario da Terra Santa.* Alcalá de Henares. 1563.

Bernardo de Breidenback: *Itinerarium Terræ Sanctæ.* Moguncia. 1480.

Jacob Gretzer: *De Sancta Cruce et sacris peregrinationibus.* Ingolstadï. 1610.

Brocardo Monacho: *Descriptio Terræ Sanctæ.* Basiléa. 1532.

Francisco Guerreiro: *Viagem de Jerusalem.* Alcalá de Henares. 1605.

Guilherme, Arcebispo de Tyro: *Historia da Guerra Sacra de Jerusalem.* Veneza. 1562.

Fr. Eugenio Roger: *Description de la Terre Sainte.* Pariz. 1664.
Fr. Franciscus Quaresmius: *Historica, Theologica et Moralis Terræ Sanctæ Elucidatio.* Antuerpia. 1639.
Fr. Antonio Castilho: *Devoto Peregrino e Itinerario da Terra Sancta.* Pariz. 1666.

Este livro é curiosissimo pelas muitas informações que fornece sobre todos os Sanctuarios Franciscanos da Terra Santa, sobre a forma de fazer-se a visita dos mesmos e de todos os Santos Logares da Palestina, bem como pela narrativa que faz dos trabalhos, luctas e perseguições que os Religiosos de S. Francisco têm soffrido de parte dos Turcos e dos Scismaticos na manutenção e conservação dos mesmos, das solemnidades religiosas que elles todos os dias fazem nos mesmos Sanctuarios, bem como pela noticia que dá de todas as Indulgencias concedidas á visita dos mesmos.

Fr. Bernardino Amico de Gallipoli: *Tratato de le piante e Imagini de sacri edifizi di Terra Santa.* Florença. 1620.
Christiano Adricomio Delpho: *Theatrum Terræ Sanctæ cum Chronicis.* Colonia.
Noë: *Viaggio da Veneti al Santo Sepulchro.* Venetia. 1676.
Baumgarten: *Peregrinationes in Ægyptum.*
Cotovic: *Descripção do Santo Sepulcho.* (As mais antigas descripções sobre o Santo Sepulchro são as de Adamannus, Béda, Brocard, Willibaldus, Breydenbach, Ludolpho, Reland, Adrichomius, Quaresmius, Baumgerten, Montanus, Bochart, Reuwich, Hese, Deshayes, etc. Deshayes (1621) é um dos auctores que melhor descreve o Santo Sepulcro. Descripções mais antigas, ainda, do Santo Sepulchro são as de Cachermois (1490), Regnault. (1522), Salignac, (1522), Giraudet, (1575) etc.
Temos ainda as bellas relações do Santo Sepulchro do padre Pacifique, (1622) de Doubdan, (1651) de Villamont, (1588) de De Vera, hespanhol, de Zuallardo, italiano, do padre Boucher, (1610) de Benard, (1616) etc.
P.e Nau: *Voyage nouveau de la Terre Sainte.* 1679.
Marcellus. *Souvenirs de l'Orient.*
D'Anville: *Dissertação sobre a topographia de Jerusalem.* (Transcripta em Chateaubriand. *Itinerario).*
Bernardo Lamy: *De Tabernaculo Fœderis, De Sancta Civitate Jerusalem et Templo ejus.* Pariz. 1720.

Fr. Pantaleão d'Aveiro: *Itinerario da Terra Santa.* Lisboa. 1720.

Fr. João Baptista de Santo Antonio: *Paraizo Seraphico.* Lisboa. 1774.

E' este um dos livros mais interessantes que eu conheço, para a historia antiga e religiosa da Palestina. Alli se encontra a narrativa circumstanciada de todas as lendas, e factos mais ou menos maravilhosos ligados aos *Logares Santos*, nas tradicções orientaes, hoje já olvidados.

G. A. de la Rocque: *Voyage de la Palestine.* Amsterdam. 1718.

Esta obra é muito bem estudada, magnifica para a historia dos costumes, sentimentos, paixões, vicios, virtudes, tradicções, religião, habitos, hospitalidade, respeito pela barba, e pelos animaes, gatos e cães, principalmente, de parte dos beduinos e arabes da Palestina.

Fr. F. do Santissimo Sacramento: *Viage y peregrinacion de Jerusalem.* Lisboa. 1744.

Mariti: *Voyage dans l'isle de Chypre, la Syrie et la Palestine.* Pariz. 1799.

H. Maundrell: *Voyage d'Alep a Jerusalem.* Utrecht. 1705

Cornelis de Bruyn: *Viagens na Europa, Asia Menor, Syria, Palestina, Egypto.* Amsterdam. 1714.

Shaw: *Voyages dans plusieurs Provinces de Barbarie et de Tunis.* Haya. 1743.

F. Hasselquist: *Voyages dans le Levant.* Pariz. 1769.

Thévenot: *Voyage au Levant.* 1656.

Padre Nerét: *Lettres Edifiantes.*

Fr. Bernardo de Brito: *Monarchia Luzitana.*

Pockocke (R): *Voyages dans l'Orient.* Pariz. 1772.

Baron de Tott: *Memorias.*

Vida dos Padres do Deserto (Para a historia do Convento de S. Sabas).

Reland: *Palæstina ex monumentis veteribus illustrata.*

Fr. Antonio do Sacramento: *Viagem e Peregrinação devota aos Santos Logares de Jerusalem.* Lisboa. 1748.

La Terre Sainte Ou description des Lieux les plus celebres de la Palestine. Metz. 1819.

Fr. J. de Jesus Christo: *Viagem d'um peregrino a Jerusalem.* Lisboa. 1831.

F. A. de Chateaubriand: *Itinerario de Pariz a Jerusalem.* Londres. 1813. — *Martyres.*

Robault de Fleury (Ch): *Memoire sur les Instruments de la Passion de N. S. J. C.* Pariz. 1870. — *L'Evangile. Etudes iconographes et archeologiques.* Tours. 1874.

Fr. Antonio Taveira Pimentel de Carvalho: *Diario de Viagem á Terra Santa.* 1857.
Alphonse de Lamartine: *Voyage en Orient.* Pariz. 1849.
Mgr. Joaquim Pinto de Campos: *Jerusalem.*

E' esta uma obra profundamente erudita e minuciosa para fazer-se a historia da Jerusalem judaica dos tempos de Herodes e para a historia das transformações porque têm passado os Logares Santos de Jerusalem, desde os primeiros seculos christãos.

Conde Melchior de Voguë: *Le Temple de Jerusalem. — Les Eglises de la Terre Sainte. — La Voie Douloureuse.*
Ernest Rénan: *Mission de Phenice. — Histoire du peuple d'Israël.*
Migne: vol. 28. *Geographia Sacra.*
Schumacher: *Across the Jordan.* Londres. 1866.
A. Barbier: *Lettres d'un pelerin sur la Terre Sainte.*
P. Barnabé d'Alsace. O. F. M.: *Le Mont Tabor.* Pariz. 1900.
Rebello da Silva: *Fastos da Egreja.*
Dean Farrar: *The Life of Christi.* Londres. 1906.
Les Annales Archeologiques de 1851, 1852 e 1853.
Robinson: *Biblical Researches.*
W. M. Thomson. (D. D.): *The Land and the Book.* Londres. 1860.

E' este livro de grande auctoridade para a identificação topographica dos Logares Santos da Palestina. O seu auctor é um missionario protestante muito erudito que viveu 30 annos na Palestina e na Syria. E' uma obra profusamente ornada de gravuras e escripta n'um estylo muito puro e elevado.

Dr. Lortet: *Poissons et reptiles du lac de Tiberiades et de quelques autres parties de Syrie.*
P.e Albert Marie de Saint-Sauveur: *Vie du Saint Prophete Elie. Maison de la Bonne Presse.* Pariz.
Fr. Lievin de Hamme: *Guide Indicateur des sanctuaires et Lieux historiques de la Terre Sainte. Jerusalem.* Imprimerie des P.P. Franciscains. 1897. 3 vol.

M. de Saulcy: *Histoire de l'art judaique.* Pariz. 1858. —*Voyage autour de la Mer Morte.* Pariz. 1853.
P.e M. Jullien (S. J.): *Sinaï et Syrie. Souvenirs bibliques et chretiens.* Lille. 1893.
M.me A. Sargenton: *A Travers le Hauran et chez les Druses. Excursion à Palmyre, par Homs.* Genéve. 1905.
M. Poujoulat: *Correspondance de l'Orient.*
Volney: *Etat politique de la Syrie.*
Dr. Gaillardot: *Note sur la Mer Morte et la vallée du Jourdain. Annalles de la Societé d'emulation des Vosges.* 1848.
La Revue Biblique, dos Padres Dominicanos de Jerusalem.
L'Année Dominicaine.
Jerusalem. Revista Mensal dos Assumpcionistas.
Mattos Ferreira: *Relances da Palestina.* Lisboa. 1905.
La Revue des Religions.
Anna Catharina Emmerich: *A Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo.*
P.e Ollivier. O. D.: *La Passion.*
Vigouroux: *La Bible et les decouvertes modernes.*
Le Bêle (Dr. J.): *Le Rosaire et les trois ages de la vie. Le Rosaire et les Saints Lieux.* Pariz. Maison de la Bonne Presse.
Mislin (Mgr). *Les Lieux Saints.*
Lagrange: *Histoire de Sainte Paule.* 1869.
Linnéo: *Flora Palestina.*
Modernamente ha grande numero de viajantes que fallam da basilica do Santo Sepulcro e a descrevem minuciosamente.

*

* *

E não cito muitas obras mysticas, Sanctoraes, Chronicas Seraphicas, Bullarios, etc., tanto antigas como modernas, que alludem e derramam luz sobre a historia profana e religiosa da Palestina.

Tambem a litteratura moderna franceza e ingleza possue uma riquissima bibliographia palestiniana, que seria impossivel citar aqui.

A grande maioria dos livros, revistas e boletins que esta bibliographia abrange foram consultados e lidos por mim em bibliothecas de Portugal e da Palestina.

E' claro que não tenho a estulta presumpção de ter feito uma bibliographia completa sobre a Palestina; apenas quiz mostrar aos estudiosos quam explendida, rica e variada ella seja, a ponto que já Chateaubriand affirmava ter visto mais de duzentas obras sobre o assumpto.

*

* *

Cumpre-me, ainda, prevenir o leitor d'este livro de que todas as citações biblicas que n'elle apparecem são rigorosamente verificadas nas Sagradas e Divinas Lettras Escripturaes e que todas as outras citações d'auctores religiosos e profanos, tanto antigos como modernos, quasi todas foram egualmente constatadas por mim nos proprios originaes. Eu percorri a Palestina repassado das mais piedosas intenções, segurando nas mãos sempre a Santa Biblia, que lia religiosamente, todas as vezes que as circumstancias o permittiam e pediam.

Duas palavras ao leitor, servindo de prologo

Foi no meu regresso de Moçambique, na Africa Oriental Portugueza, em Fevereiro de 1897, onde estive na qualidade de missionario do Real Padroado Portuguez, onde senti o travor das mais intensas dôres e os meus olhos por muitas vezes se ungiram com esse oleo sagrado da desventura que se chama o pranto, que eu pude fazer pela primeira vez, ainda que á custa de penosissimos sacrificios — que são a pedra de toque onde se aquilatam as grandezas moraes das almas — a visita dos Logares Santos da Palestina, desejos que desde tempos já eu alimentava, desde o dia em que pela primeira vez na minha florescente mocidade rebentaram as grandes e nobres aspirações.

Fui a Jérusalem no intuito exclusivo de beijar o Santo Sepulchro de Christo. A funebre e lu-

ctuosa cidade, erma e melancholica como um cemiterio, vasou-me n'alma uma grande, funda e pungente commoção.

Desolada e triste, sem as bençãos de Deus, envolta em um sudario d'amarguras, saciada de humilhações e desprezos, varrida por um vento adusto de abstração e de morte, perdido todo o seu antigo prestigio, anniquilada pelas invasões e destruida pelos seculos, a sagrada e proterva Jérusalem, chora e repete hoje dolorida, entre mal abafados soluços e a custo mal represadas lagrimas, a lamentação do propheta Jeremias, amarga como o travo lacrimoso dos psalmos penitentes, perguntando a Deus: *Para que me tiraste Tu do ventre de minha mãe para vêr os trabalhos e as dôres, para se afundarem os meus dias na confusão!* [1]

Depois, dei-me em percorrer toda a Palestina, toda a terra que constituira por legado de Deus a herança de Judá, no afan de seguir por todo aquelle paiz de bençãos, de desolações e de ruinas, as pisadas ainda visiveis do Messias, do Salvador.

Esta viagem inebriou-me. Estive nas tres provincias que constituiam o antigo reino d'Israël. Visitei a Syria e fui, atravessando o Libano, até Damasco.

---

[1] Jer., xx, 18.

Atravez de villas e cidades, de montes e aldeias, a pé ou a cavallo, só ou acompanhado, peregrino christão de fervida fé e enthusiasmo ardente, acabrunhado muitas vezes pela febre, torrado pelo calor e estarrecido pela fadiga, nunca desfalleci!

Confiando em Deus, que mandara um anjo ao joven Tobias, eram sempre seguros os meus passos, firmes os meus propositos! Quantas dôces e effusivas alegrias não gosei eu, me não repassaram, dia a dia, por toda aquella terra abençoada!

Ah! Eu estive junto de todos os santuarios onde se manifestou a bondade do nosso Creador!

Tanto eu estive no Logar onde Christo ensinou o *Pater* aos seus Discipulos, na Gruta onde os Apostolos compuzeram o *Credo,* sobre o emprazamento do Templo onde Simeão entoou o *Nunc dimittis,* nos campos onde os anjos fizeram resoar os ares com o divino cantico *Gloria in excelsis,* na aldeia onde Maria glorificou a Deus com os maviosos accentos do *Magnificat* e echoaram os transportes arrebatados de Zacharias cantando o *Benedictus,* como na terra onde o anjo Gabriel saudou a mais pura das virgens, dizendo-lhe: *Ave, gratia plena!*

Eu percorri todos esses campos, valles, montes e outeiros sagrados, em cuja terra foram impressas as pégadas dos pés bemditos, que ha dezoito seculos, n'um duro madeiro, pela salvação do genero humano, foram pregados:

Those holy fields
Over whose acres whalk'd those blessed feets
Which eighteen hundred years ago were mail'd
For our advantage, to the bitter cross. [1]

Sim! Perlustrando todo esse paiz bemdito, peregrinando por toda essa terra sagrada d'Israël, tanto pela Judéa austera e melancholica, de desoladora evocação, opulenta de paisagens esfumadas de mysterio, envolta sempre em penumbras suaves, como pela viçosa e romantica Galiléa, eu me parecia ouvir, ainda, os accentos dos Anjos, as lições dos Prophetas, alguma das palavras cahidas da propria bocca de Deus!

Fiz uma viagem da qual, hoje me resta, ainda chagada, perduravel e pungentissima saudade.

Desejaria repetil-a, se pudesse, mais que repetil-a, eu desejaria mesmo morrer na Palestina e ser ahi enterrado, na leiva humida d'um dos seus cemiterios, o mais proximo possivel do Santo Sepulchro do meu amado Jesus.

De regresso á patria, como gosto immenso de recordar-me — *recordar-se é consolar-se* — e por que muitos dilectos amigos me sollicitaram vivamente para que imprimisse e fizesse apparecer em livro todas as minhas impressões de viagem sentidas na Palestina, satisfiz-lhes a vontade, para mim gratissima e penhorantissima, dando publicidade

---

[1] Skakspeare. *Henrique IV*. Act. I. Scena I.

a um livro que correu mundo sob o titulo de *A Terra Santa.*

Em Agosto de 1902, porém, dominado pelas saudades e premido por desgostos intimos, parti novamente sosinho para o Oriente, n'uma longa peregrinação pela Grecia, pela Turquia e pela Palestina. Este livro é o *compte-rendu* d'esta minha segunda viagem.

Não quero, porém, alterar-lhe a forma primitiva dada ao livro *A Terra Santa*, em segunda edição, por ser isto de somenos importancia. Conservará pois, este novo livro a mesma forma, o mesmo methodo e a mesma disposição das materias como se vêem n'esse outro. Differirá, porém, d'elle essencialmente pela addição de novas impressões e apontamentos colligidos na minha segunda viagem, pela esmerada correcção exercida em quasi todas as suas paginas e pelo grande numero de novas notas elucidativas que o enriquecem.

Estou bem certo e persuadido que todos os leitores d'este novo livro intitulado *No Paiz de Christo,* que leram, ou tiveram a paciencia de lêr o livro *A Terra Santa* dar-se-hão por satisfeitos com a sua acquisição, porque n'elle encontrarão, agora, um verdadeiro *Guia*, um *Vade-Mecum* segurissimo e completo sobre a Palestina, qualidades que realmente se não podia dizer existissem no livro *A Terra Santa.* Accresce ainda a valorisar este livro a luzida e suggestiva orna-

mentação de algumas paisagens palestinianas que o adornam, as quaes para assim dizer, como que nos fazem amar mais intensamente o livro e o bello e divino paiz que elle descreve.

N'este livro, porém, eu seguirei apenas, ainda, as pisadas do Salvador do Mundo, atravez de toda a terra d'Israël, durante a sua vida activa, desde Bethléem ao Carmelo, a Sidon, a Tyro e a Cesaréa de Phillipe *(Paneas)*, hoje, e desde Jérusalem até ao lago de Génézareth, prolongando-se algum tanto para leste, além Jordão, no paiz da *Decapole.*

E não entrarei, ainda, n'este livro em discussões sobre a exacta topographia do paiz e authenticidade de certos *Logares* biblicos, tão debatida entre os palestinologos.

Somente em seu logar proprio, eu alludirei a estas desintelligencias entre os archeologos, os sabios, os eruditos.

Tambem me não preoccuparei com o exame da authenticidade das tradições evangelicas e biblicas ligadas a muitas localidades do paiz, sobre as quaes pairará sempre a eterna duvida, a impalpavel treva, limitando-me simplesmente a indical-as, sem sobre ellas fazer critica alguma historica.

Se eu fosse a embrenhar-me n'estas discussões estereis e fatigantes evolar-se-hia do meu livro todo o perfume suave do encanto, da poesia e da ternura sentimental que d'elle se exhala. E'

claro que não estou enaltecendo meritos proprios que não possuo; estou simplesmente alludindo á natureza do assumpto do meu livro que, desviado da orientação em que o escrevi, afundar-se-hia no marnel viscoso e doentio da insipidez e seria immediatamente posto de lado pelos corações sensiveis, pelas almas piedosas para quem o escrevo e até mesmo pelos espiritos frivolos do nosso tempo que o começassem de lêr.

Meu Deus! Como é frio o scepticismo, como é devastadora a brisa, a lufada agreste da duvida! Sabe-se muito bem que emquanto á authenticidade dos Logares Santos, até o proprio Calvario augusto, o mesmo sacrosancto Sepulchro divino de Christo são postos a descoberto no campo da discussão entre certos pretensos criticos!

E que razões dadas, por vezes bem perturbadoras do nosso sentimento piedoso, da nossa fé viva e mesmo, se quizerem, da nossa illusão suave! Não! Essas discussões matariam o livro, vasariam n'elle mortal veneno.

Ellas não o macularão! As paginas d'este livro são inteiramente pessoaes e subjectivas, embora escriptas n'um desordenado *pêle-mêle,* segundo a recordação que, hoje, ainda conservo do que vi e constatei pessoalmente — *au jour le jour* — no *Paiz de Christo.*

Não tenho livros, estou completamente desajudado de livros que me orientem.

Apenas notulas rapidas, ligeiros apontamen-

tos tomados me servem, agora, de auxilio e subsídio na confecção d'este novo trabalho litterario, desguarnecido de flôres de linguagem, alheio, absolutamente extranho a toda e qualquer pretenciosa ostentação d'amor proprio, d'esse amor pessoal que, na phrase do sentencioso *Fontenelle,* é o mais poderoso inimigo da razão.

Eu atravessei a Palestina como devoto e piedoso peregrino. Nada mais me importava.

Hoje, que só me fallecem ambições e sobejam desenganos, escrevendo estas paginas desartificiosas, traço, apenas, a *esquisse* das impressões intimas que me ficaram e friso, exclusivamente, as referencias historicas, geographicas, ethnographicas e religiosas que me acódem á memoria.

Que os competentes, que os eruditos suppram ou firmem melhor o que houver d'incompleto ou mal averiguado n'este desvalioso livro: *Tractent fabrilia fabri.*

São, pois, estas narrativas essencialmente imperfeitas. Têm, porém, um grande merito: são absolutamente authenticas e veridicas.

São a condensação das minhas proprias observações pessoaes; são o transumpto fidelissimo das minhas proprias investigações historicas.

E a deficiencia da descripção topographica minuciosa ha-de ser larga e sobejamente recompensada no animo do leitor pela certeza da verdade da narrativa.

As correcções que a este livro fôrem feitas

por amôr á verdade eu gostosamente as acceitarei: *cujusvis est hominis errare; nullius nisi insipientis perseverare in errore,* dizia Cicero. E se em materia de fé alguma coisa affirmo menos orthodoxa, ao juizo recto e inappellavel da Egreja a sugeito e a minha retractação solemne não retardarei, fazendo minhas as palavras de S. Pedro Damião: *Nos, si quid erravimus, ad Petri magisterium corrigendi libenter accedimus et retractationis opprobrium non veremur.* [1]

Quero, pois, que este meu livro seja, ainda, como o *A Terra Santa* inteiramente pessoal e subjectivo!

Quero que elle fique entre as mãos dos meus amigos e leitores como o timbre da minha fé christã, como o esmalte das minhas crenças religiosas!

Apparece elle desadornado e desataviado d'ouropeis d'erudição historica e artistica, despido completamente de toda a affectação litteraria. Não se esmalta d'enfeites d'estylo. Não se enflora de galas e *coquetteriès* litterarias, nem se adorna de fórmas novas, de rendilhados lavôres, de cinzelamentos artisticos de rhetorica, de phrases cadentes e harmonicamente dispostas, d'essas metaphoras vivas, d'esses amavios litterarios, emfim, que, nas obras dos mestres espalham e esparzem por todas as suas paginas, como as rosas de eterna fragran-

[1] *S. Petr. Damia. Epist. ad Hildebr.*

cia, o eterno filtro da amenidade e da belleza, centelhas inapagaveis de formosissima luz.

Todavia não são mortas, frias, galvanizadas, mumificadas e impessoaes as suas paginas. Pelo contrario, até eu me esforço em pintalgal-as de tintas hilariantes, em imprimir n'ellas uma certa *griserie* enthusiastica de convicção e de mocidade.

Com a maior ou menor nitidez analytica com que eu vi as coisas, assim as revejo agora na memoria, e assim as gizo, descrevo e pinto.

Não ha pois que procurar no meu trabalho a chamada ***habilidade do processo d'escrever,*** pois que não ha n'elle processo, ha natural!

Não se filia, todavia, o meu livro em nenhuma das escolas da bohemia litteraria do nosso paiz, do pandemonio moderno das lettras patrias. Não apparecem em nenhuma das suas paginas resquicios sequer d'essas casquilharias de linguagem, d'essas farfalhices, funambulices e nephelibatices d'estylo, que caracterizam a decadente litteratura portugueza do nosso tempo e que a sensação tem transviado até ás fermentações morbidas e doentias da *nevrose*.

Muito menos me proponho captar as boas graças do leitor, os elogios, louvores e applausos indigenas que envaidecem os frivolos.

E' o meu livro, um livro todo sincero, todo do coração, de todas as suas impressões até hoje ineditas. Elle traduz, apenas, a emoção, a impressão, em toda a sua nativa singeleza. As suas pa-

ginas fôram todas intensivamente sentidas. São o ultimo echo das impressões que se vão apagando já n'um coração exacerbado, enlanguescido, crestado e devastado pelo vento calido de todas as desillusões d'uma vida repungida. Ellas deverão agradar á maioria dos seus leitores. Assim o creio e firmemente espero.

Todavia, como é certo que é um livro d'alma, psychologico quasi todo, e todo ungido e polvilhado sempre de lagrimas amaras e de saudades pungentes; como não é um livro d'arte lançado ao pelago da litteratura portugueza, no engodo da gloria; como no jardim murcho e sêcco das suas paginas descóradas não florejam, viçosas e louçãs, setineas flôres d'estylo, nem ellas se desabotoam em verdes e exuberantes grinaldas de prosa amena e perfumada, mas apenas se esfumam n'ellas, aqui e alli, recordações deleitosas das edenicas paisagens e dos horizontes luminosos da Palestina, e sobretudo, ó imperdoavel peccado! como por sobre todas ellas esgarça ao de leve a aza immaculada da ave azul da fé christã, é quasi certo que ao seu encontro sahirá a critica aggressiva, desfechando-lhe com pontaria certeira os dardos da mordacidade caustica!

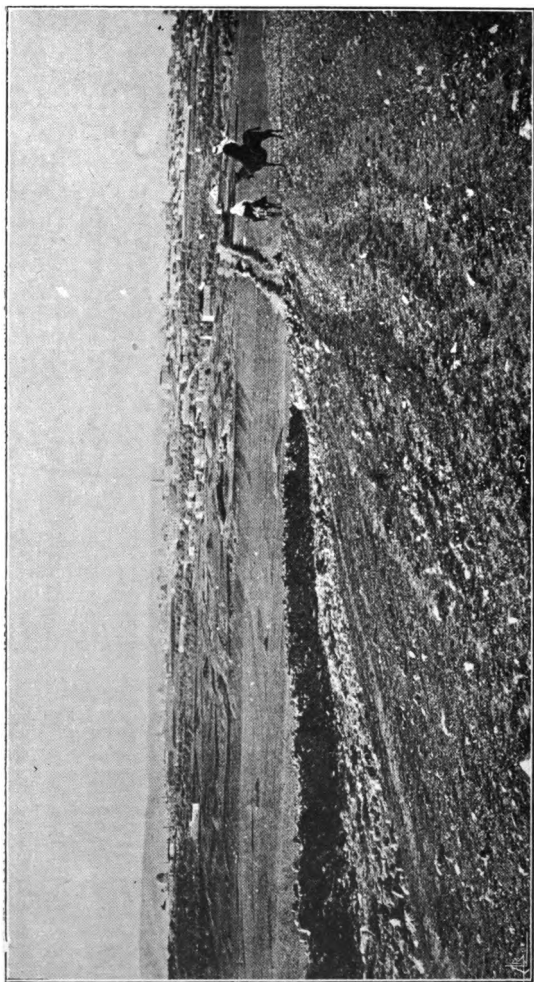
Pois bem vinda seja ella e nas boas horas! Que ella applique ao pobre, desvalioso e desprimoroso livro energico vesicatorio que lhe faça suppurar violentamente á epiderme todos os seus senões e imperfeições.

Mas que lh'o appliquem mãos experimentadas, mãos auctorizadas na arte critica e na critica serena, fria, imparcial, comedida e nobre, limpa de paixões sectarias, lavada de preconceitos e prejuizos litterarios!

Se do nosso boçal gentio litterario, de bisonhos pimpolhos e plumitivos solertes ella lhe advier, se lhe sahir de frente, de lança em riste, a critica jogralesca dos modernos e hodiernos litteratiços voltaireanos, doutorados na eschola de ***Pigault-Lebrun*** e em cujos craneos parece não ter phosphoreado jámais a luz da razão... então não! então declaro e friso já cathegoricamente que este livro não lhes pertence, o não escrevi para elles! E passem estas palavras em julgado, extremes e lizas d'intenções offensivas.

E está dita e escripta a ultima palavra d'este prologo. Este livro ha de ficar e permanecer sempre em minhas mãos e sobre a mesa de todos os meus amigos e leitores como amphora de perfumes evolados já, como urna repleta de petalas murchas de flôres balsamicas e odoriferas, cujo olôr se aspira ainda nas suas derradeiras emanações.

Porto, 6 de Fevereiro, de 1907, festa das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, na commemoração liturgica da Egreja.

Padre Gonçalo Alves.

Vista geral de Jerusalem

JÉRUSALEM

I

O SANTO SEPULCHRO

Venite et videte Locum ubi positus erat Dominus.
Vinde e véde o logar onde o Senhor estava posto.
MATHEUS, XXVIII, V. 6.

Foi no dia 16 do mez de Março do anno de 1897, que eu, pela primeira vez, desembarquei em Jaffa, a caminho da Cidade Santa. [1]

O trem de ferro que liga o littoral com Jérusalem, chegou á real cidade de David pelas seis horas da tarde, approximadamente.

As montanhas da Judéa, desoladas e tristes, d'uma melancholia exhaustiva, ficavam já na rectaguarda.

Atravez da planicie de Sephéla, atapetada

---

[1] E' este o melhor tempo para se visitar a Palestina. Março e Abril. N'esta epocha do anno o paiz é lindo, poetico, encantador. Ao depois o sol queima tudo, não chove mais e a terra toma a apparencia d'um deserto abrasado. A agua secca. A febre persegue implacavelmente os viajantes. O calor chega a attingir 39 graus, ás primeiras horas do dia! A insolação, por vezes, fulmina os viajantes. Geralmente fallando, as bellas descripções da natureza, feliz, amavel e sorridente, que apparecem nos livros dos viajantes litteratos e dos *touristes* artistas devem entender-se, apenas, referentes á primavera na Palestina.

d'uma relva sempre fresca, atravessando Lydda e Ramleh, voara a locomotiva.

Os deliciosos e seivosos hortos de Jaffa, plantados de pequenas larangeiras, figueiras e limoeiros, carregados de fructos summarentos e dulcidos, e ornamentados de tuffos poeticos de myrtos em flôr, de lyrios, de hydrangeas e de dahlias, de côres vivas, ruidosas, festivaes, haviam despertado já a minha admiração.

Um tapete de verdura alfombrava a poetica planicie, matizada e tauxiada de flôres, d'uma incomparavel frescura.

Pelas agrestes encostas das montanhas de Judá, que antecedem Jérusalem, desdobravam-se alcatifas de papoilas d'uma encantadora belleza.

No resto do anno a paisagem n'este paiz desolado, apenas tem frescura e vida junto das fontes e nas margens, na ourela sempre viçosa do Jordão; tudo o mais tem o aspecto d'uma terra incinerada, d'uma melancholia e tristeza infinitas.

Foi o que pude observar na minha segunda viagem á Palestina, nos mezes de Agosto e Setembro, do anno de 1902. Eu ahi fui, d'esta vez, encorporado na *Peregrinação Nacional Franceza*, dos P.P. Assumpcionistas, partida de Marselha e formada por um grupo de 150 peregrinos, entre homens e senhoras, a qual tendo visitado o Stromboli, nas costas da Italia, Caïffa, o Carmello, Názareth, Tiberiades, a Samaria, o Jordão, Jérusalem e o Mar Morto, regressou novamente á Europa, fazendo rota por Constantinopla, por Athenas e pela Italia, sem ter que lastimar a perda d'um só dos seus membros, caso pouco commum nas grandes peregrinações francezas, que quasi sempre registram mortes de peregrinos na Palestina, vencidos pelas fadigas, pelas febres e pelos calores. Da Peregrinação de que eu fiz parte n'esta minha segunda viagem, era director o conego Gerbier, o padre Athanasio Vanhove e o padre Antonin, economo de *Notre Dame de France*, em Jérusalem.

Excellentes corações todos, dos quaes conservo a mais saudosa recordação. Todos os outros peregrinos, padres e leigos, francezes na maior parte, outros belgas e canadia-

Embriagantes perfumes embalsamavam a atmosphera!

O sol, um quente sol de primavera, d'uma infinita pureza de diamante e d'uma calma serenidade contemplativa, desanuviado e limpo agora das humidas brumas do inverno passado, cahia, áquella hora, em largas reverberações luminosas por sobre as pequenas collinas do paiz, ensombradas pelas plantações das figueiras e das oliveiras.

Era aquella a hora das melancholias da natureza.

A tristeza das coisas invadia tudo. As trevas cahiam dos altos montes e a approximação da noite infundia nos corações uma vaga tristeza.

São assim os crepusculos no Oriente. Um céo

---

nos, eram gente amavel, com quem mantive sempre a bórdo e em terra a mais cordeal intimidade. Com alguns d'elles ainda hoje mantenho correspondencia epistolar.

O vapor que transportou a Peregrinação de Marselha a Caïffa e no regresso, de Jaffa a Marselha, foi a esbeltissima nau, muito conhecida pelos peregrinos da *Penitencia*, de nome *Notre Dame de Salut*, hoje novamente chrismada com o nome auspicioso de *Etoile*. Quem quizer encorporar-se n'estas peregrinações que se realisam geralmente duas vezes por anno, (Março, Abril, Agosto e Setembro) com demora, approximadamente de 40 dias, de Marselha a Marselha, deve pedir esclarecimentos para Pariz, a M. le Secretaire du Pélérinage de Penitence (Avenue Breteuil, 4) que promptamente lhe serão fornecidos.

Os preços são vantajosos e as viagens por terra e mar feitas com a possivel commodidade.

O programma fornecido pelo Secretariado dá plenas e completas informações a quem o pedir. No emtanto saiba o peregrino que quizer atravessar a Samaria, que essa viagem é de cinco dias, e durante ella tem que contentar-se em dormir n'uma tenda, em pleno campo, sugeitar-se a andar a cavallo, em sellas arabes por vezes bem incommodas, atravez de caminhos perigosissimos, alimentando-se, por vezes bem deficientemente, a carnes cruas e fructas e bebendo agua em algumas localidades lodosa, morna, animada de milhões de batrachios. Em

afogueado, uma atmosphera limpidissima, perfumes que se derramam, os poentes mudando gradativamente de côr, desde a esmeralda liquida á opála lactescente, eis os prenuncios da noite!

Depois, a vida adormece, a natureza mergulha-se no somno reparador que o trabalho do dia lhe exige, e tudo fica prostrado na inacção absoluta!

A esta hora, entrava eu já, atravez da porta de Jaffa, a dentro dos muros da Cidade Santa, atravessava a montanha de Sião, rente da torre de David, coroada por um alto mastro, e corria offegante para o Santo Sepulchro. Desci a movimentada rua dos Christãos e, a poucos passos, cheguei á santa collina do Calvario.

Na pequena praça fronteira ao magestoso tem-

---

compensação a excellente e attenciosissima Irmã Josephina, da Congregação de S. José da Apparição, a minha sempre saudosa amiga, que tantas vezes me tem convidado já em cartas a voltar á Palestina, ella que sempre acompanha os peregrinos desde Caïffa a Jérusalem, ministrará ao peregrino, diariamente, depois de longa e fatigante jornada, a deliciosa *camomilla,* bebida quente, refrigerante, hygienica, therapeutica, que faz as delicias dos peregrinos da *Penitencia.*

Irmã Camomilla, lhe chamam elles já graciosamente. A hospedagem em Jérusalem é no magnifico convento dos Assumpcionistas, conhecido pelo nome de *Notre Dame de France,* edificado sobre o emprazamento do historico campo dos Cruzados, na biblica collina do Gareb, quasi em frente á *Casa Nova* dos padres Franciscanos. O convento é uma construcção immensa que póde alojar com todo o conforto para cima de 600 peregrinos! Eu estive alli hospedado durante 12 dias. A alimentação é muito boa e a hospedagem excellente. O convento possue uma magnifica capella, rica em pinturas e ornamentações e possue amplos salões de recreio e de leitura, um magnifico muséo archeologico palestiniano, etc. Emfim não falta alli nada que os mais exigentes possam desejar.

No decorrer da leitura das paginas d'este livro encontrará o leitor desenvolvida noticia em notas correntes, d'esta minha segunda visita e viagem á Palestina.

plo do Santo Sepulchro formigava e agitava-se, ondulante e loquaz, n'um grande *brouhaha*, a innumeravel peregrinação russa, chegada de vespera. [1]

Confundido na mó humana, entrei eu no templo.

Na amplidão da egreja reflectiam-se mil brilhos faiscantes. Os renques de lustres doirados, suspensos profusamente dos fechos das altissimas abobadas, riscavam finas verticaes, lustrosas e brilhantes, na macieza marmorea das columnas côr de roza que ornamentam o divino ediculo do Santo Sepulchro.

Um côro de harmoniosas vozes resoava em vibrações sonoras pelas altas regiões do zimborio.

Era uma psalmodia liturgica, d'uma incomparavel harmonia, evolada das profundezas da magestosa capella dos gregos scismaticos. [2]

---

[1] Esta peregrinação, quasi toda composta de pobres *moujiks*, fôra minha companheira de viagem desde Port-Saïd a Jaffa e, como eu, andara baldeada pelos contratempos do mofino temporal, desde Jaffa até Beyrouth. Adeante, alludirei a este facto. Sómente, agora, ella antecipara a sua chegada a Jérusalem, porque, apenas chegada a Jaffa, logo partira a caminho da Cidade Santa, espaçando eu a minha viagem para o dia seguinte, não só para descançar das fadigas da viagem, mas ainda por convite do Superior do Hospicio Franciscano, em Jaffa. De resto, uma cruel febre africana flagellava-me tambem ao momento. A epocha das grandes peregrinações em Jérusalem é por occasião da festa da Paschoa. N'estes dias Jérusalem está sempre cheia de peregrinos, aos milhares, ás dezenas de milhares, chegados de todos os paizes, principalmente da Russia, pelo caminho de Odessa.

[2] Na Edade-Media, era alli o côro dos Conegos latinos do Santo Sepulcro. Esta capella, situada em face do Santo Sepulcro e coroada por uma cupula, fórma a grande nave de toda a basilica. Ella é digna de admiração pela regularidade da sua architectura, pela magnificencia dos seus doirados, profusão dos seus quadros bysantinos, can-

Uma agitação d'uma forte intensidade nervosa, fazia-me estremecer commovido!

Ah! Eram agora satisfeitos todos os mais ardentes e anhelantes desejos da minha alma!

Mais um passo e os meus olhos veriam e os meus labios beijariam a pedra tumular do sagrado sarcophago do Senhor!

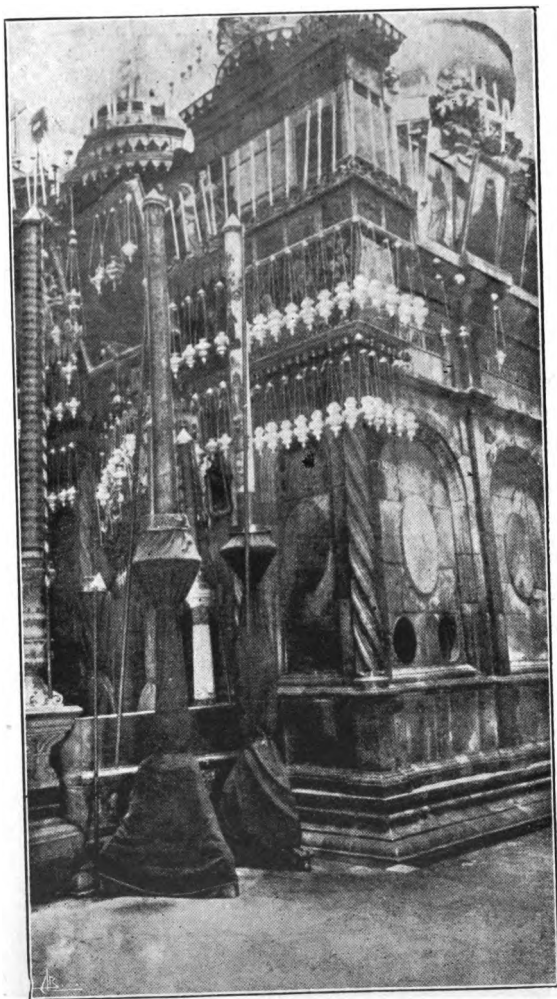
De joelhos, alli, entre mal represados soluços e a custo mal contidas lagrimas, a minha alma agradecida deixar-se-hia derramar toda em perfumes de amor!

Eu evocaria todas as recordações dos seculos, eu relembraria todos os mais profundos factos da historia e, alli, anesthesiado, de joelhos e mãos postas, adoraria um morto tão immortal como a consciencia humana, que, resurgindo em divina gloria das caligens d'aquelle tumulo, deixava para sempre no mundo a celeste religião da misericordia, da egualdade, da justiça, da esperança e do amor! E cheguei.

A pequenina capella que guarda o mais veneravel thesoiro da humanidade, rebrilhava na scintillação deslumbrante dos marmores, na luxuosa e resplandecente magnificencia dos marmores, dos quadros e das gemmas preciosas!

Macissos de plantas verdes transformavam o pequeno recinto n'um jardim vivaz, aromal, onde floresciam grossos tuffos de camellias brancas, de azaleas, de lyrios e de lilazes, de *nuances* doces,

---

delabros macissos, *etc.* O altar-mór levanta-se ao centro do abside; ao fundo, e em volta estão dispostos os thronos dos Patriarchas, dos Bispos e das outras dignidades da Egreja grega scismatica. A pequena distancia da entrada Oeste nota-se uma rosacea incrustada no pavimento, a cujo centro se levanta um hemispherio que marca, dizem os Gregos com a maior simplicidade ingenua, intrepretando erroneamente uma passagem de Ezequiel, e dos psalmos, o centro e o umbigo d'este ellipsoide chamado terra! *(Ezequiel,* V. v. 5. Psalm. 73, v. 12).

Santo Sepulchro

das côres mais vivas, de côres escarlates, d'azues expirantes, de reflexos de neve!

Algumas variedades de pequenas palmeiras de mascula pujança, contrastando admiravelmente com as folhas dolentes e recurvas de fetos ornamentaes, d'um verde moribundo, punham uma nota esthetica e artistica de jardim ou de parque real no pequenino atrio da capella do Anjo que precede a entrada do divino Tumulo!

Toda a atmosphera envolvente, embalsamada pelos perfumes odorantes que se exhalavam dos velludineos calices das flôres, rescendia! Alguns olhos choravam umas lagrimas côr de sangue, que se assemelhavam aos rubis que adereçam as corôas dos reis!

A radiosa fronte de Jesus parecia sorrir-me e abençoar-me lá do fundo da primorosa tela que se ergue na extrema do pequeno recinto.

Eu sustentava nas mãos um viçoso e perfumado ramalhete de lindas flôres, nascidas e desabrochadas á luz plena da vida nas planicies de Ramleh.

Fôra um pequenino arabe quem ahi me offerecera em venda o gracioso *bouquet* e, eu, que vinha a Jérusalem, que vinha alli a beijar os pés ensanguentados do divino Salvador, na ancia effusiva d'uma affeição incomparavel, comprei-lhe as graciosas e gentis flôres, com intenção de as espalhar ao depois por sobre a pedra tumular do sagrado e divino sarcophago!

E assim fiz. Eram perfumados cravos, geraneos balsamicos, pudicos jasmins, setineas açucenas, rubras flôres d'aloës, lyrios de pallidez arroxeada, papoilas sanguineas brotadas por entre as verduras das planicies, pequeninos *iris* de côres scintillantes, anemonas avelludadas e algumas hastes d'umas plantas de tão inebriante odôr, d'uma fragrancia ao mesmo tempo suave e forte, que, nem mesmo as essencias purissimas das rosas ou os effluvios biblicos do cinnamomo, poderiam ser-lhes comparadas! Ah! E depois orei!

Orei silenciosamente, recolhidamente, piedosamente!

Era uma linguagem toda tão do coração, que ninguem a poderia ouvir, a não ser o divino Senhor, a dentro do Sepulchro adormecido!

Eram preces d'alma, orações férvidas, ancias represas, que, agora, extravazavam n'uma torrente indomita de murmurios dôces! Eu via, agora, o Santo dos Santos envolto na imperial purpura do seu funebre sudario, alli tumulado em melancholica tarde de primavera, ah! eu me parecia vêl-o, agora, na triumphante gloria da sua resurreição immortal, irromper d'aquelle tumulo, redivivo e glorioso!

E tudo havia acabado!

Os deliciosos prados da Galiléa, as poeticas margens do Jordão, as florídas encostas das montanhas da Samaria, não mais veriam e ouviriam o divino, amoravel e adoravel Mestre expulsando demonios, curando doentes, dando vista a cegos, pernas a coixos, sangue e nervos a paralyticos, resuscitando mortos, fallando a todos os homens das celestiaes glorias do *Reino de Deus* e do advento feliz da sua *divina justiça.* Mas que importava isso!

Dois anjos de tunicas brancas, tão alvas como as neves que corôam perpetuamente as vertentes do Hermon, alli estavam, sentados ao lado do divino sarcophago, annunciando ás piedosas mulheres que Jesus havia resuscitado!

E era tudo! A consciencia humana ouve sempre atravez dos seculos as palavras angelicas, e, crente n'ellas, alli acode piedosa e soluçante.

E, assim, eu, atomo da creação, tambem alli estava orando, na universal união dos espiritos crentes! E orava e pedia!

Pedia ao Senhor bençãos, graças e perfumes! Pedia protecção e arrimo para uma vida, uma attribulada existencia, derramada e desfeita toda pelo mundo em lagrimas candentes e martyrios acerbissimos!

Pedia bençãos para quem — caminhante extenuado pelo piso dilacerante dos caminhos de longinqua jornada — chegara alli, deixando a metade da vida despedaçada pelas urzes de mil soffrimentos crudelissimos!

Jesus sabia que, quem alli orava, chegara alli, advena de remotos paizes, das regiões temerosas e adustas do sol, da luz e das febres, flagellado de dôres, afistulado e torturado por mil dolorosos martyrios!

Jesus tudo isto sabia. Aquella alma pedia então ao Senhor graças e perfumes!

Graças santificantes e perfumes celestes, tudo, tudo pedia a Jesus aquelle pobre coração, rasgado pelos cravos perfurantes da dôr, provado e caldeado já na fragoa viva e ardente das mais pungentes amarguras!

Graças para si, para todos os entes queridos, para todos os seus amigos dilectos que, muito longe ainda, d'elle se lembravam saudosos, lá sob o ridente céo da sua patria!

E Jesus bom, Jesus terno, Jesus, sorrindo-lhe da tela do fundo do pequeno recinto, infinitamente compassivo e infinitamente cariciante, embriagava de perfumes odorantes, d'ineffaveis consolações espirituaes a dolorida alma a seus pés ajoelhada!

Bemdito seja Jesus! Bemditissimo seja o seu Santo Tumulo! [1]

---

[1] Em frente ao Santo Sepulchro ganha-se uma Indulgencia plenaria resando-se um *Pater* e um *Ave*. Segundo S. João (cap. XIX), foi alli que o Salvador do mundo foi tumulado após a sangrenta tragedia do Calvario. No decorrer dos seculos téem sido effectuados diversos trabalhos no divino Tumulo. A cavidade no rochedo que José d'Arimathéa mandara fazer para lhe servir de monumento funebre (Math. XXVII, 60) tem sido alterada no lapso dos tempos por Santa Helena, desconhecidos, Cruzados, Franciscanos, Cophtas e Gregos scismaticos. O divino Sarcophago, como actualmente se vê, tem de largura 93

centimetros e 1 metro e 89 de comprimento. Elle é aberto totalmente na rocha e tem a fórma de uma tina. As partes posterior e anterior estão revestidas de marmore branco. Os retabulos, relevos, candelabros, alampadas, flôres e cirios que ornamentam o interior do ediculo do Santo Sepulchro pertencem ás diversas communidades christãs de Jérusalem. O Santo Sepulchro está actualmente em poder dos Gregos scismaticos.

Alongando-se a capella do Santo Sepulchro pelo lado de fóra na direcção norte vai encontrar-se a capella dos Cophtas, adherente á capella do Santo Sepulchro desde 1573. Ao noroeste da porta d'esta capella entra-se n'uma pequena camara, d'onde se volta á esquerda, chegando-se então a uma capella pertencente aos Syrianos scismaticos, muito mal conservada. Atravessando-a inteiramente na direcção sul, póde ir visitar-se a Cava sepulchral de José d'Arimathéa.

Segundo a tradição, este santo homem, tendo cedido a Jesus morto o sarcophago funebre que para si mandara abrir na rocha do seu horto adjacente á collina do Golgotha, para si e sua familia mandara na sua mesma propriedade abrir aquelle outro sarcophago. Esta Cava é propriedade, hoje, dos Syrios Jacobitas. E' tão baixa que se não cabe alli em pé. Notam-se ahi seis sepulchros e vestigios d'outros.

N'outro ponto d'este livro alludirei a outros altares e capellas que se encerram a dentro da egreja do Santo Sepulchro.

A basilica do Santo Sepulchro é o *rendez-vous* principal dos peregrinos christãos do mundo inteiro.

O Ediculo que encerra o divino Sarcophago está completamente isolado do resto da egreja do Santo Sepulchro. Não o descrevo em suas partes architecturaes e ornamentaes porque me não parece despertar isso interesse aos meus leitores. Todavia, direi que o *ensemble* do monumento é de muito mau gosto esthetico.

As tres alampadas que ardem em frente á fachada do santo Ediculo pertencem: uma aos Franciscanos, outra aos Gregos scismaticos e outra aos Armenios não unidos. São estas, tambem, as tres communidades christãs que téem direito de officiar todos os dias sobre o Santo Tumulo.

Todo o interior do santo Ediculo divide-se em duas partes, que formam como que duas camaras quasi quadradas, communicando uma com a outra por uma porta

baixa e estreita. E' este o velho estylo sepulchral dos Hebreus.

Á porta da fachada dá ingresso na capella do Anjo; d'esta, uma outra, ainda mais baixa e estreita, dá communicação para a capella do Santo Tumulo onde, apenas, pódem caber quatro a cinco pessoas de joelhos.

A capella do Anjo é uma especie de vestibulo de 3 metros e 45 de comprimento por 2 metros e 90 de largo. Ardem ahi dia e noite, suspensas da abobada, 15 alampadas pertencentes ás diversas communhões religiosas (franciscanos, armenios, gregos e cophtas) representadas na basilica Constantiniana do Santo Sepulchro.

Esta capella marca o Logar onde estava assentado sobre uma pedra o Anjo que annunciou ás piedosas mulheres a resurreição de Christo. (Marc., xvi. v. 5.) Esta pedra vê-se alli, ao centro da capella, enquadrada, porém, em marmore branco.

O Superior dos RR. Padres Franciscanos, que é o Guardião do Monte Sião e Custodio dos Logares Santos, o Superior dos monges Gregos scismaticos e o dos Armenios não unidos são os unicos que téem direito de exigir dos Musulmanos a abertura da basilica do Santo Sepulchro, mediante uma retribuição em dinheiro, café, *etc.*, que ha-de distribuir-se-lhes emquanto a porta estiver aberta.

Os peregrinos catholicos que desejarem visitar a basilica no momento em que ella estiver fechada poderão dirigir-se ao Reverendo Padre Custodio da Terra Santa, residente no convento de S. Salvador, que a porta ser-lhes-ha aberta.

JÉRUSALEM

II

O GOLGOTHA OU CALVARIO [1]

Et bajulans sibi Crucem exivit in eum, qui dicitur Calvariæ locum, Hebraice autem Golgotha.

E levando a sua cruz as costas, sahiu para aquelle logar que se chama do Calvario e em hebreu Golgotha.

JOÃO, XIX, 17.

Almas piedosas, almas liliaes, almas christianissimas, que viveis absortas nos mysterios da fé e mergulhaes na onda perfumada das crenças religiosas o vosso espirito abrazado pelo sopro calido do mundo, em demanda, á procura de suaves e dôces consolações, de ternas doçuras espirituaes, vós, almas santas, para vós, candidissimas almas, que seguis pela vida fóra rythmando as vossas sau-

[1] Assim chamado por ter a configuração d'um craneo humano e por ser tradição que ahi fôra enterrada a cabeça do primeiro homem. A propria palavra Golgotha, significa *craneo*. Segundo outra opinião, era assim chamado por terem logar alli as execuções dos condemnados á morte. Aproveito ainda a occasião para observar que um illustre viajante inglez, o General Gordon, sustentou que o Calvario actual era falsamente circumscripto ao local aonde a tradição o prende e que deve ser antes fixado ao lado da estrada de Damasco, no emprazamento aonde se encontra o actual "Jardim do Tumulo" pois

dades pelo incognoscivel infinito na harpa da eterna esperança, para vós, que sois vasos alabastrinos onde floresce, como em terra divina, a rosa mystica do amor e da fé, que sois urnas sagradas onde se occulta e encerra o embriagante perfume da virtude religiosa, para vós escrevo estas linhas, são para vós todas as phrases e todos os pensamentos que ides lêr!

Porque vós não sabeis, ainda, o que é gosar na terra as delicias do céo; vós não sabeis, ainda, quantos arrebatamentos ha na alma d'aquelle que um dia sobe á santa collina do Calvario, á montanha do sacrificio, ao jardim da myrrha, ao altar sagrado onde se consummou o sanguinolento martyrio do Senhor!

Não, não sabeis.

Se vós houvesseis já, como eu, atravessado a terra; se, como eu, vos houvesseis embalado já por sobre as mugentes ondas, escutando o murmurio cadenciado das salsas aguas e sentido a impressão extranha das noites silenciosas do mar; se houvesseis deixado já patria, familia, amigos, todas as mais gratas affeições do vosso coração e passado além, a novos paizes, ao Oriente, por exemplo, onde tudo se apresenta vario, extranho, bizarro; se, como eu, houvesseis descido já o mar Vermelho, navegado na extensão infinda do Oceano Indico,

---

que é ahi, indiscutivelmente, que se observa a configuração d'um craneo humano! Rénan suppõe o Calvario sobre os cabeços que dominam o valle de Hinnon, acima do Birket-Mamilla. De resto não poucos ataques, sobre variadas razões e motivos, tem soffrido a authenticidade do Calvario. O que podemos, porém, affirmar, com segurança é que o Calvario, nos tempos de Jesus, estava fóra dos muros da cidade. As execuções capitaes faziam-se sempre *extra civitatem*. O blasphemador do Levitico foi lapidado fóra do campo, (*Levit.* XXIV, v. 23) e os judeus arrastaram Santo Estevam para fóra da cidade para o lapidarem. (Act. VII, v. 57).

esteirado por sobre as ondas azues e ardentes do Equador, e contemplado as paysagens soberbas e feiticeiras, o *decór* scenico dos paizes tropicaes; se, no Egypto, fôsseis visitar, como eu fui, o sagrado valle do Nilo e descesseis até ao Cairo, [1] até ás

---

[1] O trem de ferro põe, hoje, em communicação Port-Saïd, á entrada do Canal de Suez, com o Cairo, por diversas vias. O Cairo com as suas trezentas mesquitas, os seus 600:000 habitantes e os seus costumes bizarros, é uma cidade typicamente oriental. A civilização européa, porém, irrompe hoje victoriosamente pelas suas ruas, bellas, cruzadas por carros electricos. Por entre o enorme fluxo e refluxo de povo que fervilha pelos bazares, passam frequentemente os luxuosos vehiculos europeus, precedidos por um andarilho que vai gritando para que todos abram passagem! Lá, as mulheres escancham-se pittorescamente como os homens sobre o dorso dos jumentos arreados; ellas apparecem em publico com a cabeça coberta por um manto até á testa e o resto da cara tapada com um véo onde apenas existem duas aberturas correspondentes ás orbitas! Por todos os logares se encontram os turcos, acocorados, fumando nos seus longos *narghilehs*. Há no Cairo interessantissimas coisas a vêr: os Bazares, (mercados indigenas) o Muséo, a egreja de S. Sergio, no velho Cairo, construida proxima da gruta onde Nossa Senhora se refugiou com o menino Jesus na fuga para o Egypto, os tumulos dos Califas e Mamelucos, o viveiro d'Avestruzes, o Nilometro, etc.

Um kilometro para além da cidadella ficam as celebres ruinas de Heliopolis. E' a duas horas de distancia para o lado oriental do Cairo, que póde ir visitar-se o poço e a arvore da Virgem, aos quaes se prendem as mais sympathicas tradições de Jesus, Maria e José. Um dos braços do sycomoro venerando, cahiu despedaçado pela velhice, em 14 de Julho, de 1906.

O sabio padre Jullien, S. J. que construiu um bello sanctuario em Matarieh, em honra da Sagrada Familia, tem ahi plantados dois rebentos do sycomoro venerando afim d'assegurar uma descendencia á arvore archi-secular.

As pyramides de Gizéh e a Esphynge ficam nos confins do deserto, a quatro leguas de distancia do Cairo, uma hora, hoje, pelo carro electrico.

Pyramides, e, penetrando nas extensas solidões do deserto, ahi fôsseis contemplar as solemnes e col-

---

Foi perante ellas que Napoleão disse aos seus soldados esta sublime phrase: "Soldados! Do alto d'estas pyramides quarenta seculos vos contemplam!„

E' a Sueste da pyramide de Chapha que se vê a Esphinge. Ah! Se o comportasse a indole d'este livro, quantas impressões não deixaria eu aqui consignadas da minha visita e viagem atravez d'esse delicioso valle do Nilo, d'essa terra dos desertos, das cataractas, das pyramides, dos hieroglyphos, das esphinges, das mumias, dos mysterios, do rio-mar de incognita origem, dos crocodilos, dos pelicanos, dos hippopotamos, dos papyros, das inscripções, da theogonia mythologica, dos obeliscos, dos templos, de Memphis, de Thebas, do collosso de Memnon, dos Pharaós, dos Ptolomeus, do berço de Moysés e do povo hebreu, finalmente, partido de Gessen para a terra de Chanaan! O viajante que se encontra no Cairo aproveitará ainda muito bem o tempo se fizer uma viagem a Lucsor, para visitar as maravilhosas ruinas dos templos egypcios, construcções gigantescas, algumas das quaes datam de mil e quinhentos annos antes da era de Christo, tendo portanto a idade de tres mil annos! A viagem é muito commoda; sahe-se do Cairo no expresso diario ás 6 e 30 da tarde, janta-se no comboio (wagon-restaurante) e passa-se a noite no comboio wagon-leito da C.ª Internacional, e chega-se a Lucsor ás 8 horas e meia da manhã seguinte, levando-se, portanto, 14 horas de viagem. O preço em 1.ª classe é de £ 2.4.6. O supplemento para o wagon-leito fr. 18,75.

Chegados a Lucsor encontram-se na estação carros para a conducção dos passageiros, com suas bagagens, aos hoteis. São estes os hoteis: "Lucsor„, "Karnak„ e o novo "Winter Palace„. Os preços regulam entre 80 e 60 piastras por dia.

Em Lucsor, a 5 minutos dos hoteis e á beira do Nilo encontram-se as soberbas ruinas do Templo de Lucsor e a meia hora de trem, em boa estrada, as ruinas do Templo de Karnak, maior mas menos bem conservado que o primeiro. Na margem opposta do Nilo e a pequena distancia d'elle encontram-se as ruinas de varios grandes templos, os restos da cidade de Thebas, as duas estatuas

lossaes esphinges; se nas planicies da Syria subisseis até Báalbeck, [1] a vêr as suas magestosas ruinas, e, chegasseis, como eu cheguei, até Damasco, [2] até á historica cidade, tão cheia de recorda-

---

colossaes chamadas dos Memmoneos, maravilhosos tumulos de reis, rainhas, etc. Os principaes são illuminados a luz electrica. Para os visitar é, porém, necessario um passeio em burro de umas cinco a seis horas.

De Lucsor é costume os viajantes seguirem até Assuan (5 horas em comboyo, wagon-restaurant, preço de 1.ª classe £ 1.0) onde se encontra a ilha, agora submergida, de Philae, com bellas ruinas de templos (entre outros o lindo Kiosk) que sahindo da agua que lhes cobre a base, são de um effeito ao mesmo tempo phantastico e triste. Perto encontra-se a grande presa d'agua, causadora da submersão da ilha. Em Assuan recommenda-se o "Grande Hotel Assuan", que é muito commodo, ou então o "Savoy" situado na ilha Elephantine e o "Cataract-Hotel". Os preços regulam entre 80 e 70 piastras por dia.

Tànto em Lucsor como em Assuan encontram-se durante o inverno muitos *touristes*, sobretudo inglezes e americanos, que ahi vão gozar o bello clima. N'estas paragens nunca chove nem faz frio.

A meio caminho entre Lucsor e Assuan, mas do lado opposto do Nilo, fica Ed-Fou, onde se encontra o templo mais perfeito de todo o Egypto. Para lá ir são precisos burros.

[1] Báalbeck, é uma cidadezinha de 2:000 habitantes, mais ou menos. São celeberrimas as suas grandiosas ruinas do Templo de Venus e da Cidadella, as Pedreiras, e a Fonte de Leontes. O caminho de ferro sobe, hoje, já até Báalbeck. Os viajantes encontram alli em condições excellentes de conforto o *Hotel de Palmyre.*

[2] Damasco é a cidade mais importante da Syria e os seus Bazares são os mais importantes do Oriente. Nas suas ruas muito estreitas formiga gente de todas as partes do Oriente. A sua rua chamada *Direita* é a principal arteria da cidade; é a mesma de que fallam os Actos dos Apostolos, (IX-11). E' n'esta rua que se encontram os Bazares. A mesquita de Omaiade em Damasco é muito visitada por causa da sua opulencia e dos maravilhosos ta-

ções de S. Paulo; sim, se, como eu, houvesseis contemplado já todas essas encantadoras perspectivas que offerecem á vista as montanhas e as planicies da poetica Cœlésyria, [1] desde as montanhas do Libano, toucadas de cedros, até aos visos do grande Hermon, coroados de neves, que lhes dão a apparencia da cabeça de um velho; se como eu, sim, santas e piedosas almas, que reverberaes no crystal dos vossos olhos as chagas doridas do Senhor e espelhaes no jaspe dos vossos corações a dôce calma do amor de Jesus, sim, se como eu houvesseis atravessado já toda a santa e illustre Palestina, desde as regiões abrazadas da Gaulonitida e da Peréa até ás plagas longinquas do Mar Occidental, beijando em Bethléem o berço infantil do Senhor, em Jérusalem o seu Santo Sepulchro, em Názareth a humilde terra onde desabrochou a sua mocidade, na Samaria a pedra do venerando poço de Jacob, pela Galiléa todos os palmos de terra que relembram os mais estrondosos milagres do Mestre, navegando por sobre as transparentes aguas do mar de Génézareth, bebendo agua na torrente do Jordão e banhando-vos nas sulfu-

---

petes que cobrem o pavimento. Os viajantes não devem deixar de visitar, ainda, o Tumulo de Saladin—*Es-Salié*—d'onde se disfructa um panorama encantador e os fertilissimos e graciosissimos jardins que cercam a cidade, regados d'aguas vivas, rescendendo perfumes, engrinaldados de flôres e coroados de fructos, offerecendo á vista a mais agradavel e jucunda perspectiva. E' alli o *paraizo de Deus,* dizem os arabes. Em Damasco ha, hoje, bons hoteis.

[1] Este nome é dado, principalmente, ao valle existente entre o Libano e o Anti-Libano e que se extende desde a entrada de Emath de Suba, (2.º do Páral. VIII, v. 3 e 4), até á de Heliopolis, cidade do sol. Emath é nome derivado do seu fundador, undecimo filho de Chanaan. Estava esta cidade situada perto do monte Libano, nos confins de Damasco.

reas aguas do lago Asphaltite, sim, se, como eu, houvesseis percorrido já quasi todo o territorio que occuparam as doze tribus d'Israël, interrogando, analysando, estudando, auscultando, crendo ouvir uma voz em cada ruina e aprendendo uma lição profunda da vida na contemplação de todas as paizagens distantes e de todos os horizontes longinquos, ah! sim, se, como eu, tudo isto houvesseis visto e todas estas impressões houvereis sentido, para vós não seriam opportunas já estas linhas que escrevo!

Mas porque, vós, santas e candidissimas almas, não haveis podido gosar na terra tanta felicidade, não haveis por isso de perder a posse espiritual e contemplativa d'ella!

Para vós, pois, escrevo, são para vós todas as impressões que vou escrever, colhidas por mim na doirada, luminosa e poetica tarde em que subi, peregrino christão de férvida fé, á santa collina [1] do Calvario, na cidade augusta de Jérusalem!

*

* *

Repungido e reconcentrado em funda meditação, sahira eu do pequeno recinto que guarda o Santo Sepulchro do Senhor!

Era agora o Calvario que eu subia, na ancia, a custo represada, d'uma intensa commoção espiritual!

---

[1] Verdadeiramente uma collina e uma diminuta collina. Não sei explicar a tradiccional exageração de chamar-se-lhe a *montanha do Calvario.* Os quatro Evangelistas fallam d'elle em termos que não justificam de fórma alguma tal exagero. Todos elles empregam a palavra *locus.* (MARC. XV, 22, LUC. XXIII, 33. MATH. XXVII, 33).

Ah! Sobre o pequeno pavimento de variados, ricos e brilhantes marmores polycromos que, hoje, tapetam o chão da pequenina eminencia, olhando a abobada da pequena capella que guarda a sagrada collina, toda estrellada, constellada e rebrilhante na irização dos lumes vivissimos das alampadas, e, olhos fitos na sideral constellação das gemmas preciosas e dos rubis sanguineos que pareciam gottejar dos braços da *Cruz* que ao fundo do recinto eu avistava, ah! todo o meu ser estremecia, sob a impressão intensissima e alvoroçada d'uma extranha commoção! Não estava eu alli sósinho.

Ouviam-se dôces múrmurios de preces sentidas, soluços abafados, vozes d'alma que eram ternissimos suspiros de bons corações, significando-se em sonoros e férvidos osculos de veneração no marmore frio e impassivel do pavimento!

O immenso candelabro d'oiro do centro da capella faiscava por todo o recinto, como um grande sol flammejante, scintillações luminosas, chammas altas e immoveis, radiações claras de pureza matinal!

As luzes vivas das alampadas punham nas paredes tons luzentes de saphira! Os lyrios e os geranios dos jarrões dos altares circumdantes embalsamavam a atmosphera com as suas essencias odoriferas e os seus aromas capitosos! O altar da *Crucifixão*, emergindo da frescura viva das rosas e das orchideas, coberto com uma toalha branca, de linho immaculado, alvissimo como uma açucena e illuminado pela luz cirial e baça dos tocheiros lateraes, scintillava!

Ao lado, o santuario da *Dolorosa*, a dentro do qual a *Virgem das Amarguras* eternamente sorri com os seus divinos e purissimos labios, attingia proporções d'um encanto incomparavel!

A magica luz dos candelabros pendentes, espelhando-se em laminações d'oiro e em radiancias d'esmeralda nos brilhantes e nos rubis que adereçam a divina Mãe, tinha longes de doirados

poentes, de phantasticos cambiantes d'auroras boreaes!

Todo o recinto fulgurava, alacreante de luz, ornamentado d'alampadas e engrinaldado garridamente de flôres que derramavam pela atmosphera a onda dos seus perfumes, inebriantes e esponsalicios!

Eu approximei-me do altar da *Crucifixão.* [1]

Lá estava, bem visivel e a descoberto, o proprio logar, cavado e fundo, onde fôra firmada a cruz do martyrio do Senhor! [2] Os fieis apertavam-se alli, no ardente desejo, no espiritual anceio de imprimirem no santo *Logar* um osculo d'amor!

Ao lado, um padre grego-scismatico, [3] de lon-

---

[1] Este altar pertence aos Gregos scismaticos. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria.

[2] João, xix, v. 18. Póde introduzir-se alli a mão perfeitamente. Aos lados, a pequena distancia, vêem-se ainda, marcados por uma lage negra circular, os logares onde se firmaram as cruzes dos dois ladrões, crucificados ao lado de Jesus. (Luc., xxiii., 33).

[3] O rito grego não unido extende-se pela Europa e pela Asia, abrangendo o rito romaico, o bulgaro, e o slavo ou russo. O rito grego unido abrange ainda o melchita e o rutheno, que não téem scismaticos e o romaico e o bulgaro que abrangem fieis unidos a Roma. A Egreja Grega scismatica, fundada por Photio e Miguel Cerulario, patriarchas de Constantinopla nos seculos ix e x, abrange um numero de 280 bispos e quatro grandes Patriarchados: Constantinopla, Jérusalem, Alexandria e Antiochia, sendo de todos principal o de Constantinopla cujo titular toma o titulo de "muito santo arcebispo da nova Roma e patriarcha ecumenico" e extende a sua jurisdição por sobre 136 prelados e tres milhões de fieis. O Patriarcha grego scismatico de Jérusalem extende a sua jurisdicção por sobre 14 bispos. Os popes ou padres da Egreja Grega scismatica são casados. Todos deixam crescer o cabello e a barba que nunca cortam. As suas cabeças são, em geral, bellas, mas o olhar é negro e mau. Os monges, porém, guardam o celibato e os bispos são recrutados entre elles. E' sabida a ignorancia profunda do clero secular da Egreja

gas barbas, na *pose* altiva do seu habito negro e do seu descompassado chapéo cylindrico, derramava por sobre as mãos dos que se approximavam, agua de essencia de rosas! [1]

Alguns Abyssinios, [2] cophtas scismaticos, olhavam o santo *Logar*, com a fixidez imperturbavel dos magnetizados!

Um bispo catholico americano, resplendente no brilho das sedas prelaticias estava ao meu lado, em postura piedosa e commovida.

Grega scismatica. Sobre a hierarchia, disciplina, liturgia, sacramentos e constituição religiosa e temporal da Egreja Grega scismatica ou orthodoxa pódem os estudiosos consultar a obra *Voyage dans l'Isle de Chypre, La Syrie et la Palestine,* par M. l'Abbé Mariti, Pariz, 1791, a qual dá informações muito exactas e completas sobre o assumpto. 2 vol. Existe na Bibliotheca Municipal do Porto.

[1] Os Gregos scismaticos estão de posse do Calvario. Os Latinos apenas possuem na sagrada collina o altar da *Dolorosa* e o altar commemorativo da *Crucifixão* do Senhor. Só n'elles é que pódem celebrar Missa. O Santo Sepulchro está, egualmente, em poder dos Gregos scismaticos. Os Latinos, porém, téem o direito de fazer celebrar ahi tres Missas diarias. Nos dois altares latinos do Calvario, ganha-se, no da *Dolorosa* ou do *Stabat,* Indulgencia parcial, no outro plenaria. A pequena distancia do Logar veneravel onde o Senhor foi cravado na cruz, marcado no pavimento por um quadrado em mosaico, marca, tambem, uma rosacea o Logar onde o Senhor foi despojado dos seus vestidos. Ganha-se alli Indulgencia parcial.

No muro sul da capella franciscana está aberta uma janella fechada por uma grade que olha para a capella de Nossa Senhora das Sete Dôres e de S. João *Evangelista,* tambem chamada capella dos *Francos.* Ella possue um altar antiquissimo e bellissimos vitraes. Esta capella está construida no local onde, segundo a tradição, se achavam Nossa Senhora e o *Evangelista* emquanto os algozes crucificavam Jesus.

[2] Os Abyssinios, existindo unicamente na Abyssinia, abrangem uma communidade de tres milhões de fieis.

Ah! elle seria, alguns dias depois, o meu companheiro affectuoso e inseparavel nas montanhas da Judéa, e, ambos, iriamos ao *Deserto de S. João Baptista*, tão amigos como irmãos, pisando campos fóra e montanhas floridas, na expansibilidade hilariante de peregrinos felizes, poetizando a cada levada d'agua que encontrassemos, beijando clara a herva tenra e fresca das pastagens e a cada horto florescente que a passos se nos apresentava, reverdecendo nos renovos das grandes arvores fructiferas e em pequeninos taboleiros de floritas multicôres!

Bondosissimo prelado, que nunca mais talvez eu haja de encontrar na vida, a não ser nas inolvidaveis recordações dos nossos fraternaes passeios pela idyllica terra de Chanaan; bondosissimo prelado, n'este momento em que relembro os mais bellos dias da minha existencia, do ignorado canto do meu paiz onde vivo, eu vos saudo!

Não foi sem custo que eu consegui approximarme até junto do altar da *Crucifixão*. De joelhos e mãos postas, curvei-me, e, arrastando-me por debaixo d'elle, pude vêr o santo *Logar* onde firmaram a Cruz do martyrio do Senhor!

A rocha do Calvario estava ao lado, rota, fendida, escalavrada. O milagre era palpavel, incontestavel, inilludivel, evidente! [1]

---

[1] Uma tradição constante affirma que esta pedra se fendeu no momento em que Jesus exhalou o seu derradeiro suspiro. MATH., XXVII, confirma isto mesmo, mais ou menos. A rocha do Calvario ainda apresenta, hoje, todos os signaes e vestigios de ter sido fendida por um violento terremoto. A rocha do Calvario, ainda que não possa examinar-se attentamente, hoje, por estar toda coberta de cera, nota-se, todavia, ser um calcareo compacto d'uma côr esbranquiçada, raiado de veios vermelhos.

Historiadores muito distinctos, como Maundrell, e Shaw, viajantes inglezes e outros asseveram que a rocha do Calvario não abriu naturalmente pelos veios da pedra, mas estalou por uma forma fóra do commum. *Voyage d'Alep a Jérusalem*, par Henri Maundrell. 1705.

Não era possivel represar por mais tempo as lagrimas! Os meus olhos choravam!

Lagrimas de crystal, gottas de sangue do coração brilhavam nos olhos de quantos me rodeavam!

E eu, que viera a Jérusalem no desejo unico de offerecer a Deus a Hostia Augusta, no altar do sacrificio do Senhor; eu que, peregrino na Terra Santa, nada mais anhelava do que percorrer a Via Dolorosa, desde o *Pretorio* de Pilatos até ao Golgotha, e ir beijar depois a terra sagrada da Gruta da Agonia, adjuncta ao horto de Géthsémani; eu, que viera á real cidade de David n'este fito unico, deixei que o coração se me diluisse então alli todo em lagrimas!

E chorei e meditei. E meditei e orei.

O passado, a scena do passado consummada sobre aquella eminencia, no alto do cerro escalvado do Monte dos Supplicios, passou e repassou deante da minha phantasia sonhadora!

Era, agora, Jesus que eu via, em quente tarde de primavera, suspenso dos braços frios d'uma cruz, n'aquelle proprio oiteiro em que me encontrava!

O madeiro do seu martyrio destacava-se cruamente no claro azul do céo lizo, ao meio d'outras duas mais grossas pontas de madeiros, por entre os quaes se movia um montão de gente curiosa, e faiscavam ao sol os elmos polidos dos legionarios romanos.

A plebe de Jérusalem cheia de risos, maculados os labios pela nodoa irritante do sarcasmo, rugia e blasphemava, olhando o Divino Mestre!

Eram noite os olhos do Senhor; aquelles olhos tão meigos e insinuantes, aquelles crystallinos e esmeraldinos olhos que durante a vida só se abriram para vêrem miserias, chagas vermelhas e cancerosas, filtrando n'ellas a penetrante doçura

d'uma illimitada compaixão, logo traduzida em balsamo salutar,—aquelles divinos e alabastrinos olhos, vidrados, agora, pelo frio da morte, esboçavam a tristeza elegiaca dos poentes outomnaes, tinham, agora, a pallidez cadaverica dos lyrios que fenecem nos jardins, á mingua de sol e á mingua d'agua!

Jesus estava immovel, em postura magestosa, hieratica e solemne, no espasmo dos mais affrontosos e inconfortaveis soffrimentos. Ah! aquelle divino Jesus que viera ao mundo para salvar os homens, via-O eu agora, alli, cravado n'um madeiro de ignominia, pela ingratidão e perversidade dos mesmos homens!

Estava Elle arquejante; as suas veias latejavam fortemente, intumescidas por distensões violentas; tinha os pés, solidamente amarrados com uma grossa corda de esparto, roxos e torcidos de dôr; todo o seu corpo, onde não havia uma fibra só que não fôsse dolorida, manchado de nodoas violaceas, marcado pelo estigma sangrento e corrosivo das chagas, escorria sangue, que se coagulava em reticulas e laivos filamentosos, á volta dos cravos dilacerantes com que estava pregado na cruz; as mãos tinham a apparencia livida e denegrida que os soffrimentos intensos originam; estavam decompostas as suas faces, arroxeados os seus labios, escalavrado o seu peito pela ponta acerada d'uma lança, empastado o seu rosto em suor, poeira, escarros e sangue; o seu corpo nu, via-se resguardado, apenas, por um farrapo de panno velho, apertado em torno da cinta; a sua cabeça, escurecida por uma onda de sangue, mais livida do que um marmore, rolava d'um a outro hombro; um travessão de madeira, finalmente, passado entre as pernas, dava ao corpo d'aquelle padecente uma horrorosa posição de dôr e de soffrimento!

Todo o bando sordido da gente que alli se amontoava, áquella hora, por sobre aquella aspera collina coberta de rochas e urze, falava e gesticulava, cheia de rumores.

Apenas o centurião romano encarregado por Pilatos do commando da escolta, que devia velar pela execução da Lei que condemnara Jesus, rondava gravemente, sem manto, com os braços cruzados por sobre a sua coiraça d'escamas, silencioso e mudo, cravando por vezes duramente sobre a multidão tumultuosa o seu olhar severo e grave!

Alguns soldados, sentados no chão, entretinham-se jogando as tunicas dos tres padecentes, alli levantados ao alto.

Ao lado, destavava-se, ainda, entre a mó do povo, o grupo luctuoso de quatro mulheres, desgrenhadas, descalças, vestidas de tunicas pobres, chorando, como n'um funeral! Uma d'ellas, immovel, soluçava surdamente, escondendo o rosto debaixo do seu manto azul; outra, de perfil meigo e pallido, exhausta de lagrimas, jazia n'uma pedra, semelhante a melancholica estatua sobre quebrado sepulchro, com a formosa cabeça pendida por sobre os joelhos e os seus esplendidos cabellos loiros, da côr dos linhos em flôr, desmanchados e alastrados até ao chão!

As outras duas, amodorradas, cobriam, em postura desolada, a face da terra!

Os dois padecentes das duas cruzes lateraes haviam accordado já do primeiro desmaio, reanimados pela frescura da aragem da tarde.

Um d'elles, grosso, peludo, com os olhos esbugalhados, o pescoço jugulado por uma corda na haste vertical da cruz, o peito atirado para deante e as costellas a estallar, como se n'um esforço desesperado quizesse arrancar-se do madeiro, urrava em roncos estertorosos, medonhamente, sem descontinuar; o sangue escorria-lhe em gottas lentas e estrias filiformes dos pés negros, das mãos esgaçadas e da bocca entortorada; abandonado, sem affeição ou piedade que lhe assistissem, era como um lobo uivando e morrendo n'um brejo!

O outro, delgado e loiro, pendia da cruz, sem

soltar um gemido, como uma haste debil de mimosa planta, meia partida pelo vento!

De repente, d'entre toda aquella mó tumultuosa de povo que zombava, abanando as cabeças, dizendo injurias espurcissimas e blasphemando, ouviu-se a voz forte d'um homem, como se fôra o grasnar d'um corvo na concavidade d'uma rocha alpestre, atirando os braços para a cruz do meio, exclamar rouquejante:

— Tu que dizias destruir o Templo e reedifical-o em tres dias, desce agora d'essa cruz, salvando-te a ti mesmo!

A estas palavras, d'entre toda a turba dos circumstantes, estalaram risadas alvares.

Os proprios principes dos sacerdotes, os doutores da Lei e os magistrados motejavam Jesus, dizendo entre si: «Vah! Elle que salvava os outros, porque se não salva a si! Se elle é Christo e escolhido por Deus, como dizia, que desça agora da cruz e nós creremos n'elle!»

Até mesmo um dos proprios condemnados que estavam ao lado suspensos em suas cruzes lhe gritou, o rosto contrahido n'um rictus de desesperação:

— Se tu és o Christo, salva-te a ti e a nós! Approximadamente pelas trez horas da sésta, Jesus bradou:

— Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste!

Alguns que ouviram estas palavras e as não comprehenderam, disseram entre si: «Vêde, chama Elias em sua ajuda!»

Depois Jesus bradou:

— Tenho sede! [1]

---

[1] Para a comprehensão e explicação mystica d'estas palavras de Jesus, lêde a obra ascetica do eminente Cardeal Bellarmino, *De Septem Verbis Domini in Cruce prolatis* e a commovente e eloquentissima obra do vene-

Ouvindo estas palavras, um soldado correu a molhar uma esponja em vinagre, e na ponta d'uma cana lh'a levou aos labios. Jesus provou, estremeceu, soltou um grande brado e dizendo: «Meu Pae, em vossas mãos encommendo o meu espirito!» inclinou a cabeça dôcemente para o céo e expirou.

Tudo estava consummado! Algumas horas depois, quando batia já a oitava hora judaica, quando os ultimos fumos da tarde cediam já ás primeiras trevas da noite, appareceu alli, no alto do Calvario, José d'Arimathéa, acompanhado d'alguns creados, d'algumas mulheres e d'alguns amigos occultos do Mestre.

Lançaram á cruz do meio uma escada; desencravaram d'ella o corpo; desceram-n'o ao chão e perfumaram-n'o, após a exsudação da agonia, com aromas e essencias; envolveram-n'o em faxas de linho, segundo o uso judaico; amortalharam-n'o em um lençol novo, e, depois e em seguida, tomando-o sobre os robustos e musculosos hombros, o foram depositar, descendo silenciosamente por sobre as agras asperidades da collina do Golgotha, a horas já fechadas da noite, allumiados, apenas, pela luz dubia das estrellas, n'um sepulchro novo, aberto n'uma rocha bronca e em meio d'um vizinho horto, ensombrado tristèmente por algumas melancholicas oliveiras!

Acompanhavam este luctuoso funeral, soltando afflictivos e lancinantes suspiros, aquellas mulheres, que, momentos antes, se encontravam junto á cruz, em postura desolada!

Chegados junto do sepulchro, estes bons e caritativos corações depositaram no chão o cadaver hirto e frio de Jesus, todo apertado, ainda, nas ligaduras da mortalha!

---

rando padre Monsabré, ***A Alma de Jesus na sua Paixão,*** ultimamente traduzida e publicada na nossa patria sob a minha direcção e correcção.

Beijaram-n'o todos em seguida; collaram cada um por sua vez, os seus labios, n'um osculo effusivo d'amor, nas chagas abertas do seu corpo exulcerado; derramaram novamente por sobre elle perfumadas e odoriferas essencias; depois, novamente o levantaram nos braços; depositaram-n'o em seguida no seio d'uma das mulheres que alli estava e que era a sua propria mãe; novamente o fizeram circumdar por todos os presentes, para que todos, pela ultima vez, ainda, o beijassem na face branca e fria, e, por ultimo, chorando todos, em meio dos lamentos e dos gritos afflictivos e feraes das mulheres, o desceram serenamente ao seu tumulo, por sobre o qual, passados alguns minutos em reconcentrada e profunda meditação, deixaram cahir a pedra sepulcral!

A lua, passando a estas horas no céo, allumiava com a sua frouxa, baça e desmaiada claridade esta luctuosa scena de lagrimas e de dôres!

Ao longe, no valle de Josaphat, ouvia-se o crocitar sinistro dos corvos, revoando em bandos, por sobre cadaveres insepultos; o mar, ao largo, entoava, em sua eterna orchestração monotona, o hymno plangente das ondas enfurecidas; o silencio, a tranquillidade e o repoiso da noite desciam já, cahindo do céo por sobre a terra; a tenue e fugitiva aragem do crepusculo perpassava subtilmente, agitando ao de leve, n'uma suave caricia, as folhas tristes das oliveiras circumjacentes, e, a pequena distancia d'aquelle jardim d'amarguras pungentes e de saudades excruciantes, a grande, a rica, a populosa Jérusalem começava já de entregar-se, despreoccupada e livre, depois da fatigante labutação do dia, á serena paz do descanço nocturno!

Depois, as trevas cobriram por completo o grande corpo da terra; a natureza entregou-se inteiramente á celebração de todos os seus mysterios; o horto onde se desenrolara a funebre scena da deposição de Jesus despovoou-se e o Mestre, o meu Jesus, o meu Salvador, o meu Redemptor, o

Rei dos Reis, o Santo dos Santos, o Verbo Eterno feito homem por amor dos homens lá ficou, sósinho, abandonado no silencio das sombras do seu tumulo, vivendo apenas, agora, na memoria e na saudade d'aquelles poucos que o tinham amado na terra, crido na divina verdade da sua palavra e confiado esperançados nas celestes promessas que lhes fizera do reino de Deus! [1]

---

[1] Depois da morte do Salvador do mundo, n'uma sexta feira, a 14 do *Nisam*, no anno 33 da nossa era, o Golgotha ou Calvario e o Santo Sepulchro foram tidos sempre em grande veneração pelos christãos. De todas as partes elles ahi acudiam em piedosa romagem. O assedio de Tito em 70 veiu interromper temporariamente essas visitas. S. Simão, filho de Cléophas, chamado, tambem *irmão do Senhor*, (Marc. vi, v. 3) e que foi segundo bispo de Jérusalem, vendo que o momento da destruição da cidade, predicto pelo Salvador, havia chegado, refugiou-se com todos os christãos da Cidade Santa, em numero já de muitos milhares, em Pella, cidade sita além do Jordão.

Elles ahi permaneceram até ao fim do assedio, voltando depois novamente a habitar as ruinas ainda fumegantes da cidade e dedicando-se á santificação dos Logares Santos.

O imperador Adriano, como se sabe, profanou Jérusalem, dedicando-a ao culto de Jupiter e de Venus. Foi Constantino quem, restituindo a paz á Egreja, ordenou a destruição dos idolos que se levantavam por sobre os mais sagrados Logares do christianismo e mandou desaterrar o Santo Tumulo de Christo, perdido sob um montão d'escombros.

O sagrado monumento, perfeitamente conservado, foi então totalmente descoberto, sob a direcção de S. Macario, bispo de Jérusalem.

Santa Helena, que aos oitenta annos da sua vida percorreu toda a Palestina, ornou magnificamente este sagrado monumento, construindo ahi uma soberba basilica; scintillante d'oiro e marmores, *miræ pulchritudinis*, diz o auctor do *Itinerarium á Burdigala Hierusalem usque*, que se encontrava em Jérusalem em 333. (Este *Itinerarium* acha-se transcripto em Chateaubriand. *Itine-*

*

* *

A paixão de Christo, toda a sua intensa e fervida vida interior, o seu tragico e sanguinolento epilogo, e mais do que tudo, o modo verdadeiramente admiravel e sobrenatural como depois, na andada depuradora dos seculos, a ignominia decretada pelos phariseus contra o santo Reforma-

---

rario de Pariz a Jérusalem. vol. 3.º). Infelizmente, porém, este soberbo edificio durou em pé apenas 278 annos, até 614, em que Kosroës II, rei dos Persas, o incendiou, após haver roubado tudo quanto ahi havia encontrado de valor, incluindo a Vera Cruz e os Instrumentos da Paixão, que levou comsigo para a Persia, d'onde a Santa Cruz não retornou senão depois de comprada aos vencedores por Heraclio, em 629.

Este terrivel Kosroës, com todo o seu exercito, demorou-se cinco annos na Palestina, até destruir todos os edificios sagrados. Esses vandalos, açulados e reforçados por bandos de Judeus de Tiberiades, destruiram pelo fogo, com raivoso phrenezi, essa maravilhosa basilica do Santo Sepulchro, soberbamente decorada de marmores e mosaicos preciosos, a cuja Dedicação, em 335, tinham assistido 300 Bispos.

O monge Modesto, bispo de Jérusalem, ajudado por S. João, o Esmoler, bispo d'Alexandria, graças á intervenção da mulher do vencedor, que era christã, pôde reedificar a basilica de Santa Helena, não em suas primitivas proporções grandiosas, mas recobrindo novamente com um edificio particular cada um dos veneraveis santuarios — da Resurreição, do Golgotha, da Invenção da Santa Cruz e o santuario da Santa Virgem. Todas estas obras, porém, foram implacavelmente destruidas pela segunda vez em 1010 pelo kalifa dos Fatimidas do Egypto, Almansor Hhakembillâ, o Nero do Egypto, em odio á superstição do *fogo sagrado* dos Gregos, em vespera de Paschoa. Para não extender demasiadamente o assumpto

dor se transmutou em veneração e gloria — constituem uma série de factos sem par, pela transcendencia e pelo alcance, na historia de todas as epocas da terra e por isso sobejamente justificada fica a sua eterna repercussão e o seu universal e sempre crescente alcance, atravez de todas as civilisações e de todos os regimens. Baseada toda no sentimento e no instincto moral mais puro, havendo aproveitado dos velhos ritos orientaes e sèmitas o que n'elles havia de santo, equitativo e justo e engeitando-lhe, ao mesmo tem-

---

d'esta nota, omitto aqui a historia e narrativa d'essa cerimonia antiquissima do *fogo sagrado* dos Gregos em sabbado d'Alleluia, que historiarei amplamente n'um futuro livro que tenciono publicar de titulo: *As Egrejas scismaticas orientaes*. Sobre o assumpto, porém, podem os estudiosos consultar a obra de Maundrell, já citada, que lhe faz larga referencia.

Em 1048, todavia, já a basilica estava novamente reconstruida sob o primitivo plano de Modesto, isto é, uma rotunda e tres egrejas ou capellas separadas, por iniciativa do imperador Constantino Monomaco que obteve do neto de Hhakem o direito de reedificar a basilica. *(Guilherme, bispo de Tyro, livro 1.º cap. 7)*.

Os Cruzados emprehenderam a juncção dos diversos santuarios n'um só monumento. Foi então que elles construiram a actual fachada da basilica. Depois, vieram os Frades Menores, que tomaram o Santo Sepulchro sob a sua guarda, sendo d'elle constituidos perpetuamente Guardiões pela bulla *Nuper carissimi* dada em Avignon pelo papa Clemente VI, em 1342.

Finalmente, em 12 d'outubro de 1808, rebentou um incendio a dentro da basilica do Santo Sepulchro, cujas chammas embravecidas, raivosas, destruiram a grande cupula que coroava o sagrado Ediculo do Tumulo de Christo, construido em 1555 pelos Franciscanos.

Depois d'este sinistro, os Gregos scismaticos obtiveram de Constantinopla, á força de dinheiro, licença para substituirem o revestimento do Santo Ediculo. E' desde então para cá que o bello marmore que o ornamentava foi substituido pela grossa maçonaria que hoje ahi se vê.

po, toda a orientação sensual, todo esse fatalismo grosseiro destinado a lisongear a carne — a doutrina christã, dirigida ao sentimento, fundada toda na poesia dos grandes sentimentos naturaes — prégando o perdão, a renuncia dos prazeres terrenos, a organisação da familia, a rehabilitação da mulher e a segurança n'uma finalidade incorruptivel de egualdade e de justiça, ficou sendo, assim, d'entre todas as ideias e concepções religiosas a mais humana e, portanto, aquella que principalmente aos miseraveis e aos pequenos

---

O edificio actual é, pois, a obra de Modesto, sensivelmente modificada pelos Cruzados, e encerra quatro partes principaes: a rotunda que recobre o Santo Sepulchro, a capella franciscana da Apparição do Salvador á sua Santissima Mãe, a egreja do Calvario e a egreja subterranea da Invenção da Santa Cruz. Todos estes edificios estão ligados entre si e formam uma construcção immensa, destrambelhada, asymetrica e sem gosto.

Ahi ininterruptamente, quasi todos os dias do anno, fervilha sob as suas altas abobadas a multidão compacta dos turcos, armenios, arabes, cophtas, abyssinios, egypcios, europeus, de todas as origens e de todos os typos, padres e monges de todas as religiões, mulheres de todas as côres acotovelando-se n'esse immenso labyrintho, sob essa collossal construcção que se chama a basilica do Santo Sepulchro, sustentada por altas columnas quadradas, formada de mil capellas, altares, lustres, quadros, galerias, balaustradas onde a multidão se aperta, se empurra, grita, canta, conversa e reza simultaneamente, n'uma confusão bizárra, guardada e vigiada sempre pelos janizaros turcos olhando indifferentes para toda essa mó humana, apoiados nas suas espingardas, não por simples *dilletantismo*, mas para acalmarem as luctas continuas alli travadas constantemente entre todas aquellas communidades christãs, degladiando-se a toda a hora, muitas vezes até á effusão do sangue! Ainda não ha muito tempo que Cophtas e Armenios se bateram ahi a golpes de incensarios; não vae longe ainda o dia em que os Latinos e os Gregos ahi vieram ás mãos e o sangue cor-

mais eloquentemente falla á alma, persuade o coração e prende e arrasta a vontade. Todo esse fundo anceio para um estado melhor e mais perfeito, todo o mundo de aladas aspirações que irresistivelmente nos deslumbram e erguem á phantasia, têm como que o seu traslado e a sua mystica e perenne consagração nos dogmas d'essa moral sublime prégada pelo Rabbi austero da Galiléa.

A equidade das suas formulas é impeccavel, a legitimidade das suas aspirações não a póde haver nem mais nobre nem mais alta, e a universalidade dos seus sentimentos é o mais fiel e completo

---

reu sobre as lages da basilica. Apesar, porém, da cacophonia que ahi resoa dia e noite, apesar da diversidade d'orações, liturgias, canticos e officios, apesar do *brouhaha* incessante d'essa feira das religiões, é tão poderosa a força das impressões que ahi se sentem ao ajoelhar-se o peregrino, ou em frente ao Santo Sepulchro, ou á sagrada Pedra da Uncção, ou no Calvario, que um ineffavel cantico d'acções de graças irrompe espontaneo dos corações sensiveis e piedosos em honra d'esse Deus Humano que nos amou tanto e que por nós quiz soffrer, morrer e resuscitar afim de nos trazer a *Nova* do grande perdão e a certeza d'uma vida eterna.

Como a egreja do Santo Sepulchro foi incendiada em 1808, é claro que nós hoje, apenas, podemos admirar a basilica reconstruida posteriormente ao incendio. Chateaubriand, o illustre viajante e litterato francez, foi o ultimo peregrino que a visitou antes do incendio. No seu bello *Itinerario de Pariz a Jérusalem*, vol. 2.º elle nos dá uma magnifica descripção da basilica antiga, que aliás póde vêr-se e lêr-se em muitos outros livros de viajantes e peregrinos que foram a Jérusalem, muitos d'elles citados na mesma obra do visconde de Chateaubriand.

A erudita obra *Jerusalem*, de Mgr. Joaquim Pinto de Campos, illustre sacerdote brazileiro já fallecido, fornece as mais completas informações sobre todas as vicissitudes porque tem passado a construcção da basilica do Santo Sepulchro, desde os tempos de Constantino até aos tempos modernos.

transumpto do sentir geral humano. Como systema, uma synthese; como religião, um balsamo. Por isso os homens sagraram o seu propugnador, esse obscuro e austero vidente, esse martyr inquebrantavel — cuja figura, adoração e prestigio não fazem senão crescer, de seculo para seculo, mercê da tragica odysséa da sua dôr e da pacificadora e redemptora luz da sua doutrina. E nunca mais do que hoje a dôce e tolerante licção da religião do Crucificado foi precisa! Nunca mais do que hoje houve mistér que o luminoso symbolo erguido no alto do Golgotha projectasse bem amorosamente a sua sombra fraternal sobre as populações endurecidas. O egoismo é grande, cega a necessidade, as luctas dos interesses são implacaveis, sem treguas. Não ha corações para amar, ha só ardis para atraiçoar e corromper. A terra está sendo como nunca um deflagrante e sangrento campo de batalha. E' mister procurar afincada e sinceramente convertel-a, por meio da religião, n'uma agradavel, segura e dôce mansão de paz, de amor e de trabalho. E isto só se realisará, este supremo *desideratum*, converter-se-ha n'uma realidade, apenas, quando o livro da humanidade fôr aquelle onde estão escriptas as licções do Calvario.

Bemdito seja o Calvario! Bemditissimo seja o divino Jesus que do alto do Calvario falla mysteriosamente a todos os homens!

JÉRUSALEM

III

O SANTO CENACULO [1]

Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem, sicut ego dilexi vobis.

Porque eu dei-vos o exemplo, para que, como eu vos fiz, assim façaes vós tambem.

JOÃO, XIII. 15.

Passado o triumpho solemne d'esse dia em que Jesus entrara na *Cidade Santa* entre os *hossanahs* freneticos e sob as bençãos jubilosas das multidões, caminhando n'uma triumphal apotheose por sobre os mantos extendidos a seus pés e por entre os ramos d'oliveira e as verdes palmas da victoria, [2] os ultimos momentos da sua vida passam-se quasi que obscuros.

Na tarde d'esse grande dia, o nove do Nizam, [3] sahiu Jesus de Jérusalem e foi pernoitar a Bethania.

---

[1] Os Arabes chamam-lhe *El Nébi Daoud.*

[2] MATH., XXI.

[3] *Nizam* ou *Abib* é o primeiro mez do anno ecclesiastico dos Judeus. Corresponde ao março dos christãos. E' o mez dos trigos novos de que falla o Exodo. cap. XIII. v. 4.

A distancia será d'uma hora de caminho, approximadamente. Passando-se rente do *Jardim das Oliveiras*, depois de se haver atravessado o *Cédron*, começa-se subindo o Olivete, chegando-se sem demora, depois de transposta a pequenina povoação de *Bethphagé*, á poetica Bethania, alcandorada na vertente oriental da montanha das *Oliveiras*.

Eu pude contar, ainda, todos os passos d'estes caminhos, pois que fui por duas vezes em passeio até Bethania, que era, a meus olhos, o mais lindo e gracioso arrabalde de Jérusalem.

Eu sabia mais que ia pisando a mesma terra e aspirando os mesmos ares que Jesus pisara e aspirara! E este era para mim o principal motivo determinante dos meus passeios para Bethania!

Jesus foi hospedar-se em casa dos seus amigos, Lazaro e suas irmãs.

No dia seguinte voltou a Jérusalem e, entrando no Templo, expulsou d'elle com um latego, os vendilhões que o profanavam. [1] Ahi respondeu, ainda, aos phariseus, confundindo maravilhosamente algumas cavillosas perguntas que estes lhe fizeram. [2]

Propoz-lhes varias parabolas, entre as quaes a do pae e seus dois filhos, aos quaes mandou trabalhar na sua vinha e a tocante parabola do rei, que fizera um banquete por occasião das nupcias de seu filho e para as quaes, havendo-se recusado a comparecer os que convidara, mandou pelos seus creados convidar todos os pobres que fossem encontrados. [3]

Ora, como entre estes entrasse um sem veste nupcial, o mandou o senhor do banquete atar de pés e mãos e lançal-o nas trevas, onde só ha prantes e ranger de dentes.

---

[1] Marc., xi, 15. Math., xxi, 12.
[2] Luc., xx.
[3] Math., xxii, v. 2 e seg.

Applicando a parabola, concluiu o Senhor dizendo que «muitos são os chamados e poucos os escolhidos.»

Confundiu, ainda, o Mestre os phariseus que se não cansavam de propôr-lhe capciosas perguntas.

Ao vêr a pobre viuva deitar dez réis no gazophylacio do Templo, chamou os discipulos e disse-lhes:

— Aquella pobre mulher deu mais que os ricos, que esses dão do superfluo e ella deu da sua pobreza; deu quanto tinha. [1]

Voltando-se Jesus em seguida para os seus discipulos e para o povo, exclamou:

— Phariseus e Doutores da Lei se assentaram na cadeira de Moysés; fazei o que elles dizem, mas não façaes o que elles fazem; põem ás costas dos outros grandes cargas e nem sequer as tocam elles com os dedos. Tudo quanto fazem é só para serem vistos dos homens.» [2]

E, voltando-se para elles, disse-lhes:

— Ai de vós, hypocritas, que pagaes o dizimo da hortelã e não tendes fé; que pagaes o dizimo do endro e não tendes justiça; que pagaes o dizimo dos cominhos e não tendes misericordia!

Repetiu-lhes Jesus Christo, ainda, aquillo que já lhes havia dicto em diversa occasião: «que elles eram sepulchros caiados por fóra, e por dentro cheios de vermes; que elles eram uma raça de viboras!»

A todo o povo disse seguidamente:

— Jérusalem, Jérusalem, que matas os teus prophetas e apedrejas os que te são enviados; quantas vêzes quiz eu reunir teus filhos, como a gallinha junta seus pintos debaixo das azas, e tu não quizeste! Vossas casas serão devastadas. Não

---

[1] Luc., xxi, 1, 2, 3, 4.

[2] Matth., xxiii, v. 2 e seg.

me vereis mais até que digaes: Bemdito seja o que vem em nome do Senhor! [1]

Parece que foi esta a ultima vez que Jesus ensinou no Templo.

Foi em dia de terça-feira e conjectura-se que passara a quarta e a quinta até á tarde em praticas familiares com os seus discipulos, preparando-se para morrer.

Entretanto, faziam conselho os Principes dos Sacerdotes para o prenderem e foi então que Judas se veiu offerecer para O entregar por trinta dinheiros! [2]

Sahindo do Templo, finalmente, para se recolher a *Bethania*, de caminho falou aos discipulos da sua destruição, e, assentando-se n'uma pedra, na encosta do monte *Olivete*, fronteiro ao Templo, esteve explicando aos Apostolos quando seria essa destruição, quando acabaria o mundo, quando viria Elle glorioso e que signaes precederiam esse acontecimento. [3]

Sobre todo este assumpto proferiu Jesus palavras solemnes e tremendas!

Occupou-se depois, ainda, em preparar os seus discipulos para o seu segundo advento, dizendo-lhes:

— Tomae cuidado que não estejam pesados vossos corações com a boa comida e demasiada bebida e embaraçados com os cuidados das coisas temporaes, para não serdes tomados de subito, porque Elle virá quando menos se espera. Assim como aconteceu nos dias de Noé, assim acontecerá na vinda do *Filho do Homem!* [4]

Apresentou-lhes em seguida o exemplo dos bons servos, que, na ausencia do seu senhor, cum-

---

[1] Luc., xiii, v. 34 e 35. Math., xxiii, v. 37, 38 e 39.

[2] Math., xxvi, v. 14 e 15.

[3] Luc., xxi, 6. Marc., xiii, 2. Math., xxiv, 2.

[4] Math., xxiv, 37.

prem fieis com os seus mandados e velam á espera d'elle, não sabendo a que hora voltará e concluiu dizendo:

— Velae assim, para que vos não ache dormindo o senhor, quando venha repentino: o que a vós digo, a todos digo: Vigiae!

Depois lhes propoz mais, ainda, em confirmação d'esta verdade, a parabola das virgens prudentes e das virgens loucas e a parabola dos talentos, [1] encerrando o assumpto com a descripção do *Juizo Final*, em que o Filho do Homem, assentado com magestade no throno da sua gloria, tendo todas as nações postas perante Elle, separará os bons dos maus, como um pastor aparta os cabritos das ovelhas e a uns e a outros dirigirá a sua sentença propria, a uns d'eterna gloria e a outros d'eterna condemnação!

Approximava-se, hora a hora, o momento tremendo em que Jesus deveria expiar com a sua affrontosa morte os peccados da humanidade.

Approximava-se, tambem, a grande solemnidade da Paschoa.

Jesus quiz celebral-a pela ultima vez com todos os seus discipulos.

— Muito desejei comer comvosco esta Paschoa antes de padecer, que d'ella não comerei d'ora em deante, que não seja cumprida no Reino de Deus. [2]

Isto disse Jesus aos seus amigos, quando já assentados á mesa celebravam a Paschoa.

Tambem Jesus n'esse momento tomou um calix e, dando graças, lhes disse:

— Tomae-o e distribui-o entre vós; que não beberei, vos digo, do fructo da videira até que o Reino de Deus seja chegado. [3]

Depois, Jesus lavou humildemente os pés aos seus discipulos!

---

1 MATH., XXV.
2 LUC., XXII, 15, 16.
3 LUC., XXII, 17, 18.

E, como não bastasse a licção de tão edificante exemplo, Jesus, depois que lavou os pés aos seus Apostolos, lhes disse mais:

— Sabeis que acção acabo de fazer? Chamaes-me Mestre e Senhor e com razão, porque eu o sou. Mas se eu, vosso Mestre e Senhor, vos lavei os pés, vós, tambem, deveis lavar os pés uns aos outros; eu vos dei o exemplo, para que, imaginando no que eu fiz, assim façaes! [1]

Em seguida, assentando-se todos novamente á mesa, Jesus instituiu o admiravel, divino e augustissimo Sacramento da Eucharistia, o grande e excelso sacramento do amor, em que se compendiam todos os fructos da sua Paixão sacratissima, cumprindo assim tudo quanto havia promettido aos seus discipulos! [2]

Jesus havia dito que a todos quantos n'Elle cressem daria em comida e em bebida a sua propria carne e o seu proprio sangue, o seu verdadeiro corpo e o seu verdadeiro sangue, com a sua alma e divindade, real e substancialmente, debaixo das especies sacramentaes do pão e do vinho. E assim o fez!

Bemdita seja eternamente a ineffavel bondade de nosso Senhor Jesus Christo, Salvador dos homens!

Todo este solemne, solemnissimo acontecimento, que é o mais brilhante esmalte do christianismo, a reverberação mais fulgente da infinita caridade de Jesus e o mais poderoso factor da civilização humana, realizou-se a dentro das abobadas do *Santo Cenaculo*, que os peregrinos christãos ainda hoje pódem visitar a dentro dos muros da santa e celestial cidade de Jérusalem!

Mas quantas sublimes recordações, quantos augustos mysterios se não prendem a este sagrado monumento!

---

[1] JOÃO, cap. XIII, v. 12, 13 e seg.
[2] MATH., XXVI, v. 26 e seg.

Foi aqui que Jesus Christo celebrou a sua ultima *Ceia;* aqui lavou Elle os pés a seus discipulos, e predisse a traição de Judas e a negação de Pedro; aqui pronunciou esse admiravel discurso pelo qual preparou os Apostolos para o sacerdocio da Nova Lei; aqui ordenou os primeiros sacerdotes e os primeiros Bispos da sua Egreja; aqui appareceu a primeira vez aos Apostolos, depois da sua gloriosa resurreição; aqui instituiu o augusto e salutar Sacramento da Penitencia; aqui tornou a apparecer, oito dias depois, aos mesmos Apostolos, que se achavam de portas fechadas e aqui os confirmou dando-lhes o poder de perdoar peccados; aqui confundiu a incredulidade de Thomé, fazendo-lhe tocar com o dedo as suas sacratissimas chagas; aqui appareceu, pela ultima vez, antes de subir ao céo, sentando-se á mesa com seus discipulos; aqui, regressando do monte Olivete, se congregaram os Apostolos, depois de haverem assistido á *Ascensão* do Senhor; aqui perseveraram elles em continua oração por espaço d'oito dias, juntamente com a Mãe de Jesus e com as devotas mulheres; aqui foi escolhido á sorte o apostolo S. Mathias para succeder a Judas Iscariotes; aqui baixou o Divino Parácleto em linguas de fogo por sobre as cabeças de todos; aqui se fez a eleição dos sete primeiros diaconos; aqui se congregou o primeiro Concilio da Egreja; aqui, finalmente, depois de dividirem o mundo entre si, se separaram os Apostolos, para levarem a *Boa Nova* a todas as extremidades da terra! [1]

---

[1] Actos, I, II, III.

*

* *

Está edificado o *Santo Cenaculo* na montanha de *Sião*.

Eu não me proponho, agora, fazer o resumo historico d'este venerando monumento. Seria um trabalho longo e exhaustivo esse que concorreria apenas para tornar fastidioso o assumpto, secca e arida a leitura d'este livro.

Farei, apenas, a narrativa singela da visita que lhe fiz, matizando-a exclusivamente das minhas impressões pessoaes.

Este é o unico proposito de toda a insana estructura litteraria d'este livro, de todas estas minhas singelas, desartificiosas e despretenciosas descripções dos Logares Santos da Palestina, com as quaes apenas quero relembrar e gosar dôces saudades, as mais vivas, fundas, frementes e ferventes, impressionantes e inolvidaveis saudades da minha vida!

De resto, sabe-se que ha na vida sensações e impressões que se não descrevem, sentem-se!

Do genero, são quasi todas quantas se experimentam no *Paiz de Christo!*

A vista de Jérusalem, a primeira vista da *Cidade Santa*, é reproduzida nos seguintes termos pelo illustre visconde de *Chateaubriand:* [1]

«Conheço agora, diz elle, na sua phrase sempre nobre e classica, por vezes fluida e aerea, a verdade do que referem historiadores e viajantes sobre a commoção que nos Cruzados e em todos os peregrinos causa a primeira vista de Jérusalem! Ainda que eu vivesse mil annos eu nunca esqueceria esse deserto que parece respirar, ainda, a grandeza de Jehovah e os espantos da morte». [2]

---

[1] *Itinerario de Pariz a Jérusalem.* Livro 2.º, pag. 133, edição 3.ª Pariz, 1812.

*
* *

Esta montanha de *Sião*, sobre a qual se acha edificado o *Santo Cenaculo*, occupa a parte meridional da *Cidade Santa*.

E' uma montanha de mysterio!

As Sagradas Escripturas occupam-se d'ella, apontando-a não só como synonymo do *Templo*, mas da mesma Jérusalem, á qual chamam *a Filha de Sião!* [1]

Ezequiel chama *altissimo* a este monte, e David chama-lhe *monte santo*, [2] *do Senhor*, *fertil e pingue*, escolhido por Deus e por Deus amado mais que todos os tabernaculos de Jacob e onde o Senhor se dignou habitar para sempre!

A poesia, o estro dos poetas, arrouba-se á vista da sagrada montanha!

Lamartine, o poeta da harmonia, prorompe n'estas vozes, á vista de Sião: «A' esquerda da plataforma do *Templo* e das muralhas de Jérusalem, a collina abate-se de repente, amplia-se e ondula-se em declives suaves, a trechos amparados por alguns terrados de pedras movediças. Assoma nos visos d'esta collina, a cem passos de Jérusalem, uma mesquita e um grupo de edificios turcos, fazendo lembrar um povoado europeu, coroado por uma egreja com seu campanario. E' Sião! é o palacio! é o tumulo de David! é o logar das suas inspirações e delicias de sua vida e repoiso! Para mim logar duplamente sagrado, porque o seu divino cantor muitas vezes me commoveu o coração e arrebatou a mente»! [3]

---

[1] João., XII, 15.

[2] Ps., 2, v. 6 e Ps. 47, v. 2.

[3] A obra artistica e pindarica de Mr. Lamartine, *Voyage en Orient*, arreada de conceitos, floreteada de

Santa montanha de *Sião*, eu te saúdo!

Que formosas perspectivas, que poeticos horizontes se deletreiam á vista, do alto d'esta solemne montanha de *Sião!* [1]

São, acolá, das partes do oriente, os montes do *Olivete* e do *Escandalo*, separados da cidade pelos valles profundos e voraginosos de *Josaphat* e *Siloë!*

São, acolá, para as bandas do sul, o valle de *Ennon*, pavoroso e fundo, dominado pelo *Hacéldama* e pelo monte do *Mau Conselho!*

---

phrases poeticas e seductoras, tem, a meu vêr, apenas, o merito da sua bella e deslumbrante fórma litteraria, da sua attica elegancia, do seu rutilo estylo lapidario, prismatico, esmaltado em todas as suas paginas pelas irradiações do oiro nativo da inspiração poetica do seu auctor.

Ha ahi idyllios e paizagens d'uma modelar estructura, d'um alto relevo original, d'um verdadeiro prodigio d'esforço esthetico, esmaltadas de cinzelladuras exoticas e de bellezas masculas de rythmo, fixadas com aquelle alto poder nervoso e colorido de forma e de imagens flagrantes que todos admiram nos seus livros immortaes. A prosa do illustre escriptor, verdadeiro joalheiro da phraze, ora é severa, rigida e dura como um quartzo de rocha, ora macia e avelludada como uma flôr mimosa humedecida pelos orvalhos da manhã! A obra, porém, é a pintura e descripção da Palestina mais infiel e inexacta que possa imaginar-se! Ella mesma foi inserida pela Egreja no *Index*, por causa dos seus ataques ao christianismo.

[1] O planalto da montanha de Sião é, actualmente, occupado pelos cemiterios christãos das diversas communidades religiosas dissidentes de Jérusalem. Elle poderá abranger uma area de 800 metros de comprimento, sobre 600 de largura. Dá-lhe sahida a porta de Sião, *Bab Sahioun*, e ainda *Bab en Nabi Daoud*—porta do propheta David—porque na sua vizinhança, isto é, no *Cenaculo*, venera-se, na crença musulmana, o tumulo d'este grande e santo rei.

Mais ao longe avistam-se longas e intermina-
veis collinas ondulantes, que vão afogar-se no
Mar Morto!

Para os lados do occidente, lá se embebem e
perdem os olhos em outro valle profundo, ladeado
pelo monte *Gihon*, ao qual se segue o valle dos
Raphains ou dos *Gigantes*, atravez do qual se ex-
tende a estrada de Bethléem!

Que poeticas e formosas perspectivas, mas, so-
bretudo. que biblicos e historicos horizontes se
deletreiam á vista, do alto d'esta montanha de
Sião!

Ah! á hora melancholica, colorida e saudosa
do sol poente, a essa hora liturgica em que a na-
tureza adormece e a alma desperta; a essa hora em
que na atmosphera rarefeita boiam serenas e como
que indecisas, etherizadas n'esse combate mys-
terioso do dia com a noite, as fórmas vagas das
coisas; quando o sol se apaga, atufado na penum-
bra do horizonte longinquo, as derradeiras clari-
dades do dia contornam as paizagens de toques
de luz, vagos e harmoniosos, as aves se acoitam
entre as arvores, as estrellas abrem nos espaços
as suas azas de luz, o oriente se cobre de sombras
e o occaso de purpurinas franjas e deslumbrantes
reflexos; quando a natureza toda, triste e agoni-
zante, adormece e pende enlanguescida nas peta-
las das flôres sêccas e nas hastes dos pequenos
arbustos, desmaiados pela ausencia do calor bene-
fico do astro rei, ah! como é dôce e como é sym-
pathico, quanto commove e quanto impressiona
contemplar do alto da montanha de *Sião* as colli-
nas, as montanhas e os oiteiros d'essa illustre
Judéa, que fôra o theatro da grande obra da Re-
dempção humana, d'essa veneranda e historica
Judéa, ondulante e caprichosa, que, deante da vis-
ta se apresenta, descendo de declive em declive,
até que vae findar junto das aguas silenciosas e
empestadas do *Asphaltite*, que, lá ao fundo, se
occulta, reflectindo sereno os arreboes do céo, en-
tre os pincaros das altas montanhas da Arabia,

*

alcantiladas, ponteagudas, conicas, denticuladas, pyramidaes, bizarras, rendadas e scintillantes!

*

* *

Tem-se perguntado já quem seria o proprietario d'esta augusta e veneranda casa do *Cenaculo.* Todavia, eis aqui um ponto historico que pouco importa esclarecer.

Dizem uns que ella pertencia a *Heli*, tio do *Precursor*, e outros a *Maria*, mãe de *João Marcos*, discipulo dos Apostolos, de quem falla S. Paulo. [1]

A mais provavel opinião é, todavia, a que admitte pertencer ella a José d'Arimathéa [2] e talvez, ainda, tambem a Nicodemus, ambos homens ricos e que parece haverem-se associado para a construcção de magnificos edificios em Jérusalem.

Ha, porém, largo mysterio n'esta escolha que Jesus faz do *Cenaculo*, para celebrar a *Ceia!*

Segundo a tradição, levantava-se elle no sitio em que, nos tempos de David e Salomão, a *Arca* permanecera quarenta annos.

Depois, aquella incumbencia particular que Jesus faz aos seus discipulos que lhe perguntavam onde iriam fazer os preparativos para comerem a Paschoa, recommendando-lhes que fôssem á cidade, seguissem um homem que encontrassem com uma bilha d'agua e entrassem com elle na casa onde parasse, que seria ahi, dá mar-

---

1 *Epist. aos Colloss.*, IV, 10.

2 Arimathéa, isto é *elevação*. José, o piedoso varão, a quem Matheus chama *homem rico (Math.*, XXVII, 57) e Marcos *illustre senador, (Marc.*, XV, 43), que pediu a Pilatos o corpo de Jesus morto, era natural d'alli. *(Math.*, XXVII, 58). Segundo as tradições Arimathéa é a moderna Ramleh. Outros identificam-na com Rama de Samuel, na tribu de Ephraïm.

gem a largas interpretações mysticas e symbolicas.

Mas seguirei adeante por ser outro o meu plano.

Eu fui ao *Santo Cenaculo* em companhia d'um respeitavel religioso da *Casa Nova*, que o venerando Superior do Hospicio franciscano havia deputado para me acompanhar, em todo o tempo que eu me demorasse em Jérusalem.

Foi por horas de sésta, empregando nós quasi toda a tarde na visita dos muitos monumentos que se encontram na montanha de *Sião*.

Contemplámos logo alli, á direita da porta de *Jaffa*, a famosa torre quadrada de *David* [1] e os des-

---

[1] Para visitar-se a *Torre de David*, tambem conhecida pelos christãos pelo nome de torre dos Pizanos, é necessario obter a permissão do *Pachá* ou *Governador* da cidade, que se alcança por intermedio do respectivo consul. A entrada para a cidadella, que está separada da cidade por um profundo fôsso, faz-se por sobre uma ponte. Os turcos chamam á *Torre de David—El-Kalâah—* palavra que significa *fortaleza, castello*. A origem da fortaleza remonta aos tempos dos *Jebuséos*. *David* a conquistou. *(2.º dos Reis*, V. v, 9). Herodes o *Grande* a engrandeceu, fortificando-a ainda com outras tres torres circumdantes: a *Hippicos*, a *Phasaël* e a *Mariana*. *Tito*, conquistando *Jérusalem*, poupou estas torres á destruição, para mostrar aos vindoiros, disse, o valor e a sciencia bellica dos *Romanos*, que conquistavam cidades tão admiravelmente defendidas! (Flavio Josepho, *Guerra dos Judeus*. Livro 7, cap. 1.º.)

Estas torres fôram destruidas em 1219 por *el-Moadhan*, principe de *Damasco*, que apenas deixou em pé uma parte da *Torre de David*.

Mais tarde, no seculo xv, *Selim* e *Solimão* reconstruiram-n'as com os antigos materiaes. A cidadella está hoje em sensivel ruina. E' da cidadella que se dispara o tiro que annuncía aos turcos o principio e o fim do mez do *Ramadan*. E', á direita de quem penetra na cidadella, que surge a *Torre de David*, rectangular e ameiada. Ga-

troços do vasto palacio que tinha o nome de ***Palacio de David***, ou antes, dos ***Reis de Judá.***

Foi d'alli, do alto do immenso terrado que cobria este palacio, que David, quando passeava, depois de dormir a sésta, viu no banho ***Bethsabée***, filha de Elião, esposa de ***Urias hetheu!*** [1]

N'esse mesmo logar existia, outr'ora, a torre *Hippicus*, construida por ordem de Herodes, o *Ascalonita*, cujos fundamentos ainda hoje se reconhecem. [2]

---

nha-se alli uma Indulgencia parcial. Aquartella-se alli, um piquete de soldados turcos.

Estes lugares historicos, hoje, estão cobertos pelos edificios modernos do funccionalismo ottomano e extrangeiro, pela *régie* dos tabacos, pelo Crédit Lyonnais, pela Agencia Cook, escuros cafés, etc.

[1] 2.º dos Reis, XI, 2. O emprazamento da casa de *Úrias*, ainda em 1886 era indicado por uma piscina. Desappareceu, hoje, sob construcções gregas.

[2] O emprazamento da torre *Hippicus*, assim chamada d'um dos amigos de Herodes, está junto á porta de *Jaffa*.

A mui pouca distancia da entrada da cidadella de David vê-se, ainda hoje, occupado por um templo protestante, o emprazamento do palacio de Herodes o *Ascalonita,* maravilhosa construcção de que falla Josepho, e onde elle recebeu os *Magos*. Por detraz d'este templo vê-se ainda uma pequena egreja antiquissima dedicada a S. Thiago *Menor*.

Era, tambem, a pequena distancia da cidadella, que outr'ora se elevava uma capella no *Logar* onde o Senhor resuscitado appareceu ás duas Marias. *(Math.*, XXVIII. v. 9). Hoje, d'este monumento apenas resta o emprazamento sito em face ao angulo N. O. da caserna turca. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial. A pequena distancia levanta-se uma mesquita, outr'ora egreja, construida pelos Cruzados, por sobre o emprazamento da casa de *S. Thomé*.

A mesquita está abandonada. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial.

Fomos em seguida de visita ao mosteiro e egreja patriarchal armenia de *S. Tiago Maior* — o *padroeiro dos peregrinos* — de tres naves, a mais rica e primorosamente ornada de todas as egrejas de Jérusalem.

Muitas coisas ha n'este convento e n'esta egreja, dignissimas de serem vistas.

Revestida de preciosas *faiances* que cobrem todos os seus muros e pilares macissos ella relembra as basilicas bysantinas, as mesquitas e os palacios arabes.

Os thronos dos patriarchas, as portas das sacristias e das suas dependencias são todas rica-

---

A sete minutos de distancia, mais ou menos, d'este *Logar*, levanta-se, hoje, o convento das *Irmãs* armenias scismaticas, de nome *Deïr Zeïtouneh*, cuja egreja está construida por sobre o emprazamento da casa d'*Annás*, ou *Hannan*, segundo é tradição. A egreja é asseadissima e consiste em dois edificios separados communicando entre si. N'um d'elles ha uma cisterna de magnifica agua, que é permittido beber. No outro vê-se, ainda hoje, o *Logar* veneravel do *Interrogatorio do Senhor* e onde Elle recebeu o insulto d'uma insolente bofetada. *(João,* XVIII, v. 22). Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria.

Este *Logar* encontra-se na capella lateral, á esquerda de quem entra. Ha ahi um altar, por debaixo do qual se vê, marcado no pavimento, o *Logar* que Nosso Senhor occupava. Fóra d'esta egreja vêem-se ainda hoje, tambem, algumas oliveiras, que a tradição aponta como filhas d'uma outra, á qual o Senhor estivera preso emquanto sobre Elle se deliberava, no palacio d'*Annás*. Ainda, muito perto, na parte exterior do angulo N. E. da egreja se mostram algumas pedras — quatro — que se apontam como restos da casa d'*Annás*. E', sahindo-se do pateo em que se encontra o peregrino pela primeira porta á esquerda voltada a O. que se entra por outra no immenso convento armenio, o mais vasto e melhor construido de todos quantos existem em Jérusalem. Nos jardins d'este convento alguns raros cyprestes relembram o *quasi cypressus in monte Sion* do *Ecclesiastico*, XXIV, v. 17.

mente esmaltadas de mozaicos de nacar e tartaruga, dum gosto oriental, exquisito e maravilhoso.

Tapetam o seu pavimento finas tapeçarias da Turquia, amarellas umas, azues e côr de rosa outras; grandes cortinados de seda riquissima da India, velam os tres tabernaculos do fundo da egreja; um triptico d'oiro fino, de translucidos esmaltes, assenta sobre o altar-mór!

A egreja, que é uma das mais antigas da cidade e que serve de cathedral para a communidade christã que a possue é magestosa e está coroada por uma magnifica e bellissima cupula.

Ella marca o *Logar* do martyrio de *S. Thiago*, irmão de S. João, filho de Zebedeu, no seu regresso de Hespanha, no anno 44, por ordem de *Herodes Agrippa.* [1]

A dentro da egreja, na nave esquerda, vê-se uma formosa capellinha, alluniada por muitas alampadas. Foi alli verdadeiramente que o Santo Apóstolo recebeu a palma do martyrio. Ganha-se n'este *Logar* uma Indulgencia parcial. [2]

Vê-se tambem alli, muito perto da capella de *S. Thiago*, a sepultura de *S. Macario*, o bispo da Invenção da Santa Cruz, que presidiu á construcção da basilica Constantiniana do Santo Sepulchro.

Vê-se mais alli, *vis-á-vis* da capella que acabamos de visitar, uma outra capella onde se encontram tres grandes pedras brutas: uma é do monte Sinaï, outra do Thabôr e outra do Jordão!

---

[1] Actos., xii, v. 2.

[2] Segundo uma tradição bem estabelecida o corpo do glorioso Apostolo Thiago *Maior*, filho de Zebedeu e Salomé, foi transportado por dois dos seus discipulos para Compostella, onde hoje se venera. S. Thiago de Compostella é a Jérusalem do Occidente. Já lá fiz tambem a minha peregrinação que relatei n'um pequeno opusculo de titulo *S. Thiago de Compostella.*

Esta egreja e este mosteiro a que alludo, pertencem aos armenios scismaticos, que, conjunctamente, possuem tambem alli uma vasta hospedaria para os seus, que póde recolher até 3:000 peregrinos, e um seminario. [1]

A' sahida da egreja um joven diacono nos esperava para, segundo o uso oriental, nos derramar ás mãos agua d'essencia de rosas, encerrada a dentro d'um jarro de prata.

O *Thesouro* d'esta egreja, que difficilmente se mostra aos peregrinos, a não ser com uma previa licença do Patriarcha Armenio de Jérusalem, é riquissimo. Consta d'alfaias e ornamentos do culto de inapreciavel valor.

Varios outros monumentos visitamos, ainda, até chegarmos ao *Santo Cenaculo*, mas d'elles não quero occupar-me agora.

Entremos já no *Santo Cenaculo*.

E' este um dos poucos monumentos sagrados que não está, hoje, santificado pelo christianismo. [2]

---

[1] Ha poucos annos, ainda, que os Franciscanos perderam o direito de celebrar os officios religiosos, tanto na egreja de S. Thiago como na egreja construida sobrè o *Logar* onde o Salvador do mundo compareceu á presença de *Caiphaz*.

[2] Segundo Santo Epiphanio já no anno 135 havia "uma pequena egreja no pavimento superior do Cenaculo." Santa Helena construiu uma egreja magnifica no sagrado *Logar*, da qual, já no seculo XI, segundo o testemunho do peregrino *Séwulf*, só restavam ruinas. Em 350 S. Cyrillo de Jérusalem conheceu "a egreja superior dos Apostolos, onde o Espirito Santo desceu sobre elles." Segundo a *Peregrinatio Sylviæ* no IV seculo, aquella primitiva egreja do Cenaculo "foi substituida por uma grande basilica". No seculo VII Arculfo faz referencia "á grande basilica do Pentecostes no Cenaculo." Os Cruzados restauraram a primitiva egreja, que foi confiada á guarda dos *Conegos de Santo Agostinho*.

Actualmente até está elle convertido n'uma mesquita, ou coisa que o valha!

Contaram-me os venerandos franciscanos da *Casa Nova*, que, até hoje, lhes não tinha sido possivel, ainda, resgatar por dinheiro algum aquelle santo *Logar*, das mãos dos turcos! [1]

Eu e o meu respeitavel companheiro batemos ao grande portão, que fecha a entrada para o atrio interior do edificio. Appareceu-nos um turco, um cerbero, guarda do portão e do edificio, de olhar tôrvo, fumando n'um longo cachimbo!

Dissemos-lhe e pedimos-lhe que nos permittisse a entrada.

Logo nos disse com duro sobrecenho que queria dinheiro! Eu não me fiz esperar.

De sobra eu conhecia já aquella gente. Dei-lhe dois francos, por mim e pelo meu companheiro.

A egreja foi novamente destruida com a extincção do Reino Latino de Jérusalem.

Em 1219 os *Irmãos Menores*, conduzidos pelo seu proprio santo fundador, vieram estabelecer-se sobre o monte *Sião*, tomando sob a sua guarda o *Santo Cenaculo*, onde construiram, então, a pequena egreja actual com os materiaes das egrejas precedentes.

Em 1548, porém, os musulmanos tomando conhecimento de que o tumulo de David se encerrava a dentro do *Cenaculo* usurparam a sua posse aos Franciscanos. Desde então para cá a egreja do *Cenaculo*, depois de tantas vicissitudes, foi convertida n'uma mesquita, que é a mesma que actualmente se vê. As Indulgencias outr'ora ligadas á egreja do *Cenaculo* fôram pela Santa Sé annexas á egreja de S. Salvador.

[1] Porque será? Acaso teria orado alli algum grande personagem musulmano? Ouvi contar em Jérusalem que o *Santo Sepulchro* não está profanado pelos musulmanos sómente porque *Omar*, entrando em Jérusalem, de proposito evitou entrar alli, temendo que os seus subditos mais tarde se apossassem do santo *Logar*, pelo simples facto d'elle alli ter entrado e orado! Tanta é a força do fanatismo religioso!

Fomos, então, conduzidos, subindo uma escada de pedra antiga, e atravessando uma porta baixa, que nos obrigou a curvar a cabeça, seguindo uma passagem abobadada, de vulgar e desagradavel aspecto pela sua pouca limpeza, a uma grande sala gothica, lageada de granito, sustentada por alguns grossos pilares que a dividem em duas naves. Desadornada e nua, d'aspecto crú e empoeirado, nada havia alli digno de nota! [1]

E, no emtanto, aquelle era o divino *Cenaculo*, onde tão sublimes mysterios se haviam operado!

Eu e o meu companheiro ajoelhamos ambos alli, na presença do turco indifferente, recitando em voz alta um *Pater* e um *Ave*, [2] para ganharmos a Indulgencia plenaria, annexa ao santo *Logar*. [3]

---

[1] Ao S., no muro exterior, abrem-se tres janellas, vendo-se ao meio d'este mesmo muro um *Mihrab* musulmano,—nicho para o qual os musulmanos se voltam quando oram.

[2] Da segunda vez que visitei o *Cenaculo*, não me permittiram rezar nem de joelhos nem em pé, vigiando-me o *guarda* que nos acompanhava cuidadosamente os labios a vêr se resavam e como eu não quizesse visitar o pretenso *Tumulo de David*, ameaçaram-me de não permittir mais a entrada alli a nenhum christão se eu lá não fosse!

[3] A sala onde o Salvador lavou os pés aos seus Apostolos *(João,* XIII, v. 5 e seg.) está sita ao rez do chão da sala da Instituição da SS. Eucharistia. Essa sala é absolutamente interdicta ao publico, por estar habitada por mulheres musulmanas. E' um *harem*.

Do *Cenaculo* sobe-se por uma escadaria de oito degraus á *Sala do Cenotaphio de David,—el neby Daoud*— coberta com uma cupula. E' um logar de oração para os musulmanos. Contesta-se que seja precisamente alli o tumulo de David, como querem os musulmanos, que até ha bem pouco tempo, ainda, impediam absolutamente a entrada alli aos christãos.

O tumulo de David devia existir proximamente na

Depois, os meus olhos divagaram meditativos!

E eu meditava.

Ah! Fôra alli que o Senhor comera pela ultima vez na sua vida o cordeiro paschal, observando pontualmente todos os ritos da *Lei* de Moysés!

Esta cerimonia era um symbolo e uma figura. A *Lei* ordenava que o cordeiro fôsse comido em pé, com os rins cingidos e o bordão de viagem na mão, como figura d'esse momento em que o povo judeu sahira do Egypto, da terra da escravidão! Chamava-se a esta cerimonia a festa da *Paschoa*, porque esta palavra quer dizer *passagem*.

Ora Jesus celebrara alli, no *Cenaculo*, a festa da *Paschoa*, em commemoração e obediencia á Lei de Moysés!

Mas as figuras, os symbolos, iam acabar para sempre, para serem substituidos pela viva realidade!

O cordeiro paschal seria substituido nos immensos, imperscrutaveis e insondaveis designios de Deus, pelo proprio cordeiro de Deus, que tiraria os peccados do mundo!

O manná cahira quarenta annos no deserto para alimentár o povo, que ainda não estava de posse da *Terra Promettida*. Mas, já os prophetas

---

extremidade sul do bairro de Ophel, um pouco abaixo da piscina de Siloë. Vid. *Nehemias*, cap. III, v. 16.

E', sahindo-se do *Cenaculo* e alongando-se o muro do cemiterio dos armenios scismaticos, passando-se rente do cemiterio americano protestante e do muro do cemiterio dos gregos scismaticos e dos Latinos, que vai encontrar-se, á esquerda da extremidade do cemiterio americano, o *Emprazamento da Casa da Santissima Virgem*, a que alludo adeante.

Seguindo-se sempre, vai encontrar-se o emprazamento do palacio de *Caïphaz*, e outros muitos logares historicos celebres, aos quaes egualmente alludo no mesmo ponto. Vid. Cap. VII d'este livro.

da antiga *Lei* tinham annunciado a realidade do manná perfeito, do qual o do deserto era apenas uma figura!

Entre os Israelitas reinava uma crença firme em que, com a vinda do Messias, cessariam todos os sacrificios, permanecendo só eternamente o sacrificio do pão e do vinho.

Ah! E todas estas esperanças, todos estes divinos mysterios se haviam consummado alli, no santo *Cenaculo!* Alli, a realidade succedera a todas as figuras da velha *Lei;* alli se haviam enlaçado as duas allianças, a do mundo antigo e a do novo culto; alli instituira Jesus Christo a Divina Eucharistia, [1] o maior de todos os milagres, o termo da omnipotencia divina, na phraze de Santo Agostinho, a mais sublime de todas as obras de Deus, as quaes são insondaveis na sua grandeza, absolutamente divinas por serem inintelligiveis, pois que se a intelligencia do homem as podesse penetrar ellas cessariam de ser maravilhosas e não poderiam ser classificadas de ineffaveis, como declara o suave auctor da *Imitação*, ao fim do livro 4.º do seu livro incomparavel!

*

* *

Eu e o meu companheiro sahimos rapidos do *Santo Cenaculo*. N'aquella tarde, ainda, tinhamos que descer ao *Santo Sepulchro*, onde os gregos scismaticos celebravam não sei que cerimonia religiosa e para onde o meu coração me arrastava irresistivelmente!

Dois dias depois, eu faria o piedoso exercicio da *Via Dolorosa*.

---

1 Luc., xxii.

A seguir, dirigir-me-hia para Bethléem e para o Mar Morto. De regresso, antes de partir para S. João da Montanha e para a viagem da Galiléa, eu deveria fazer, ainda, a visita piedosa da *Sagrada Gruta do Calix da Amargura*, adjuncta ao *Jardim de Gethsémani*, sito na base da eminencia do Olivete, onde dias antes eu estivera, saudando o bom Jesus, ascendendo ao céo, e dizendo-lhe o meu ultimo adeus, emquanto peregrinasse ainda por esta terra de escravidão!

Na Galiléa, em Názareth, no Thabôr, no lago de Tiberiades, no Jordão e junto do poço de Jacob, em Sichem, os meus olhos e os meus ouvidos veriam e ouviriam, ainda, os ultimos traços da sua passagem e os derradeiros echos da sua divina palavra!

A vista d'uma avesinha do céo ou d'um lyrio do campo, d'um lobo ou d'um cordeiro, d'uma raposa ou d'uma gallinha, d'uma serpente, d'uma ovelha ou d'uma pomba, eu creria ouvir ainda o Mestre, humilde pastor das almas, ensinando aos homens, que elles não deveriam ter cuidado nem com o que haveriam de comer, nem com o que haveriam de vestir, mas que deveriam estar sempre prevenidos contra a astucia do demonio e contra a crueldade dos maus!

A' vista d'uma arvore inutil, d'uma figueira sêcca, d'uma vinha, d'uma cepa ou d'um ramo, eu lembrar-me-hia, ainda, do Salvador, explicando amorosamente a todos a necessidade das boas obras e da união dos homens com Deus!

Vendo uma creancinha, parecer-me-hia, ainda, vêr n'ella aquella creancinha que Jesus apresentara como modelo da innocencia; vendo uma bella e donairosa arvore carregada de fructos maduros, eu diria ouvir, ainda, a dôce e meiga voz do Senhor, ensinando ao povo que cada um ha de ser julgado consoante as suas obras!

Ah! Junto das amenas plagas do mar de Tiberiades, atravessando os pittorescos valles de Zabu-

lon, a florida tribu d'Aser, [1] os, outr'ora, cerrados bosques d'Ephraïm, todo esse solo abençoado, fecundo e vicejante da Galiléa por onde o Salvador do mundo peregrinara, falando aos homens das santas promessas do reino de seu Pae celestial e do advento da sua divina justiça, todos os meus sentidos seriam ainda despertados pelas mais saudosas recordações do Mestre!

Eu ouvil-o-hia, ainda, na formosa planicie de Gennezar, instruindo as turbas que o seguiam, sedentas de ouvirem a divina palavra que lhe cahia melodiosamente dos labios, dando-lhes as suas licções, ensinando-lhes os seus divinos preceitos, pondo em scena todos os seres creados, todas as mais ordinarias circumstancias da vida, os proprios tres reinos da natureza, dramatizando em variados e bellissimos quadros tudo quanto havia na vida humana de mais veneravel e de mais opposto: o pae de familia e o seu filho prodigo, a mãe e o filho, o grande rei e a esposa do seu filho unico, o bom pastor, o samaritano, o padre e o levita, o phariseu e o publicano, as virgens prudentes e as virgens loucas, o economo infiel e os seus devedores, o amo e o servo, o pretendido justo e o peccador, o mau rico e o pobre Lazaro, o bom semeador e o ladrão nocturno!

Em todas estas personagens dramatizadas, ás quaes a sua propria voz imprimia sentimento e vida, Jesus procurava fazer vêr ao povo a immensa misericordia de Deus, a necessidade d'uma cari-

---

[1] *Aser*, isto é, *bemaventurança*. Elle era filho de Jacob e de Zelpha, e foi o chefe d'uma das doze tribus. O pae d'*Aser*, abençoando-o, disse-lhe que elle seria a *delicia dos reis*, querendo significar-lhe d'esta fórma a fertilidade do territorio que a sua tribu haveria de occupar. *(Gen.*, LIX, 20). O quinhão que lhe pertenceu na terra de *Chanaan* estava situado no territorio mais fertil, entre o Carmello e o Libano. Esta tribu, porém, nunca pôde entrar na posse plena do seu territorio,

dade universal, da humildade, da vigilancia, da abnegação, o nada das coisas d'este mundo!

Os proprios objectos inanimados, a perola, o thesoiro, a rede, a drachma perdida e tornada a encontrar, os diversos talentos, a multiplicação dos pães e dos peixes, serviam-lhe para mostrar amorosamente o preço d'uma alma, a immensa solicitude de Deus para com todos os homens e a prodigiosa fecundidade do Evangelho!

O' Christo! ó pureza! ó amor! Eu ouvir-te-hia, ainda, ensinando a Samaritana, perdoando á peccadora que chorava e afagando com dôces palavras as creancinhas!

Eu ver-te-hia, ainda, no Thabôr, resplandecendo entre os fulgores da tua glorificação! Eu assistiria, ainda, em espirito ao teu humilde nascimento, no humilde presepio de Bethléem! Eu seria quasi que testemunha, ainda, do teu baptismo nas aguas do Jordão e da tua penitencia nas profundas solidões da montanha do deserto!

Sim, ó Christo, assim como disseste a Nathanaël, tambem eu exclamo: *Vi-te!* Vi-te, ainda, rodeado de todos os teus discipulos que permaneceram fieis comtigo até á morte, percorrendo as doze tribus d'Israël!

Vi-te em Caná, onde, depois de haveres atravessado o rio da penitencia, para santificares a agua, que haveria de ser a materia do sacramento da regeneração espiritual, atravessaste, tambem, aquella festa de bodas para glorificares com um milagre e honrares eternamente o sacramento futuro, que purificaria as fontes da vida!

Vi-te, ainda, passares por entre as ruinas de Capharnaüm, prégando a penitencia, e, logo alli, junto das praias do mar, ensinando ao povo, de dentro da barca de Pedro, palavras de benção, de consolação e de esperança!

Eu vi-te, ó Christo amado, na Samaria e nos confins de Tyro e de Sidon; vi-te em casa dos publicanos e dos phariseus; vi-te enxugar as lagrimas da Magdalena, estender a mão ao paralytico,

restituir á vida, com a suavidade da tua palavra, o filho da desolada viuva de Naïm, a filha do consternado sacerdote Jairo, de Capharnaüm, e, junto do sepulchro do teu amigo Lazaro, em Bethania, ouvi-te ordenares com voz imperiosa á morte entregasse a suas inconsolaveis irmãs o affectuoso irmão que lhes roubara!

Eu vi-te, ainda, ó Christo idolatrado, em casa de Simão, cingida a tua tunica branca por um esparto, as tuas faces emmagrecidas pela aspereza dos caminhos, os teus olhos, meigos e dôces, amortecidos pela vigilia e pelo pranto, sanando todas as chagas mortaes da alma d'aquella humilde peccadora, que alli fôra aos teus pés depositar o tributo do seu infinito amor, dando-te a verdadeira satisfação dos seus desvarios passados, na torrente de sentidas lagrimas com que orvalhou os teus pés sagrados!

Os perfumes da cortezã enchiam toda a casa; os perfumes da tua caridade e do teu amor, ó Christo! evolados d'aquellas palavras que pronunciaste: «Mulher, os teus peccados te são perdoados; vae em paz e não peques mais», ainda hoje enchem a terra e os seculos!

O' Christo! Eu ainda te vi, sentado no dorso da montanha, ensinando ao povo a beatitude dos pobres, dos pacificos, dos afflictos, dos opprimidos e dos misericordiosos; o poder das lagrimas, da obediencia, da caridade, da humildade e da oração!

Eu escutei, ainda, os ultimos echos da tua doutrina, ensinada em singelos apologos e tocantes allegorias e parabolas, nas quebradas, nos campos e junto das ribas silenciosas do mar da Galiléa!

Sim, ó Christo bemdito, por toda a lyrica terra de Israël, [1] eu respirei, ainda, a pureza do ar que

---

[1] **A Palestina tem o nome de terra de *Israël*, derivado de *Jacob*, que foi chamado pelo *Anjo* com quem**

recebeu o teu halito divino, beijei silenciosamente, á luz tremula das estrellas, a terra que havias pisado, saudei a serenidade augusta das noites que te viram orar e a limpidez crystallina das aguas que te dessedentaram!

Vi-te, depois, na dolorosa transudação da tua agonia, no horto; vi-te trahido, desamparado, preso, amarrado, arrastado, apupado, cuspido, condemnado; vi-te com a fronte rasgada pelos espinhos, os cabellos empastados pelo suor e pelo sangue, o corpo lacerado pelos vergões, a larga chaga aberta no teu coração, os teus olhos apagados, os teus pés torcidos, o teu rosto livido e decomposto no frio e na insensibilidade da morte que soffreste pelo teu ideal, pelos teus semelhantes, em holocausto á tua doutrina, em meio dos estremecimentos das pedras e da indifferença e do scepticismo dos homens; vi-te, depois, a caminho do sepulchro, amortalhado e perfumado, conduzido silenciosamente em teu ataúde aos hombros dos teus poucos amigos, que, a medo, davam ao teu corpo exangue o descanso do tumulo!

---

luctara uma noite, junto á torrente do Jaboc, *Israël* isto é, *o que prevalece ou lucta contra Deus*, ou ainda, *o que vê a Deus, Principe de Deus. (Gen.,* XXXII, 28). D'aqui vem chamar-se *Israelitas* aos filhos de *Jacob*, que foram os chefes das doze tribus por quem foi dividida a *Terra da Promissão.*

O nome de *Palestina* advem-lhe dos philisteus ou palestinos que habitaram esta terra a Sudoeste entre Joppe e o deserto de Shur, e foi-lhe dado pelos antigos Gregos e Romanos.

A *Palestina* d'estes antigos povos abrangia toda a vasta região comprehendida entre o rio *Leontes* ao N., o deserto da Syria a NE, o *Arnon* ao SE, a *Arabia Petréa* e o Egypto ao S e o Mediterraneo ao O.

A terra da *Promissão* ou de *Chanaan,* que foi dividida pelas doze tribus, é toda a que está comprehendida entre Sidon, Cesaréa de Phillippe, o deserto do Sinaï, a torrente do Egypto — *ouâdy el-Arich* — e o *Mediterraneo.*

Vi depois, ó Christo, a tua mortalha e o teu sudario, dobrados ao lado do teu sepulchro! Tu havias resuscitado!

Eu ainda pude seguir durante quarenta dias as tuas apparições gloriosas ás santas mulheres, aos teus fieis discipulos e á tua divina e virginal Mãe; vi-te, em *Emmaüs*, disfarçado em peregrino, partires mysteriosamente o pão; ah! depois e por ultimo, eu te vi ascenderes para sempre da terra, do alto do monte Olivete, da sagrada montanha da Ascenção, e escutei, ainda, as ultimas palavras dos anjos, que disseram aos teus discipulos attonitos:

— Que olhaes? Esse Jesus, que do meio de vós acaba de elevar-se ao céo, de lá ha de voltar um dia da mesma maneira que o vistes subir! [1]

Ah, mas que? Ainda assim o meu espirito não estava satisfeito! Jesus estava para sempre perdido para mim, emquanto eu peregrinasse por esta terra de escravidão!

Todo o meu coração se diluia, então, em lagrimas. Ao menos eu consolava-me, recordando-me.

E eu recordava-me e consolava-me orando e chorando junto do *Santo Sepulchro*, porque só alli é que eu encontrava consolação e paz!

Alli, dissipavam-se todas as tristezas do meu coração amargurado!

Jesus revive alli eternamente, cheio de perfumes e de encantos. Jesus — *lux splendens* — resplende gloriosamente alli, occulto na sua vida de sombra!

A consolação e a paz que, então, eu alli sentia, eram indiziveis. Mas forçoso era que eu me despedisse de Jesus, occulto no santo sarcophago.

Mas, como fazel-o? Pedindo-lhe que me abençoasse, que me guiasse pela mão atravez das es-

[1] **Actos., I, 11.**

cabrosas veredas da vida e que me salvasse no momento triste e angustioso da minha morte, na hora tragica em que se partisse e se evolasse para sempre o meu espirito d'esta fragil alampada de barro que se chama o corpo!

E tudo isto eu fazia. O' Jesus! ó Christo vivo! salva-me! abre os meus olhos! Possa eu vêr-te, ainda, antes do dia solemne da tua justiça!

O' Jesus! Os *Actos dos Apostolos* [1] conservam-nos a commovente historia d'aquelle homem de boa vontade, que ia só por um caminho deserto, lendo um capitulo d'Isaias, que não entendia.

Vós lhe enviastes um interprete, e, quando este ainda fallava, como passassem junto d'uma fonte, disse aquelle homem de boa vontade:

— Aqui está agua; ha alguma coisa, então, que obste a que eu seja baptizado?

Tambem eu vos digo, ó Jesus querido, ó Mestre idolatrado, ó divino e amado Salvador, tambem eu vos digo:

— Eu estive junto da tua cruz e beijei a pedra do teu sepulchro; ha alguma coisa, então, que obste a que a torrente das tuas graças e das tuas misericordias côrra e jorre sobre mim?

Tem, pois, compaixão de mim, ó Christo amado, pelas lagrimas sentidas que eu verti e pelas preces effusivas que eu balbuciei de joelhos, em frente ao teu sagrado tumulo!

---

[1] Actos., VIII, v. 27 e seg.

JÉRUSALEM

IV

O SANTO SEPULCHRO DA VIRGEM (KABR-MARIAM)

O Monte Olivete, [1] ou do Olival, [2] ou a Montanha da «Ascensão», [3] ou da Luz

Eduxit autem eos foras in Bethaniam: et elevatis manibus suis benedixit eis. Et factum est dum benediceret illis, recessit ab eis et ferebatur in cælum.

Depois levou-os fóra de Bethania e levantando as suas mãos os abençoou. E aconteceu que emquanto os abençoava, se ausentou d'elles e era elevado ao céo.

LUC., XXIV. v. 50 e 51.

O *Santo Sepulchro da Virgem* é, depois do Santo Sepulchro de Christo, o mais veneravel e sagrado de todos os monumentos religiosos de Jérusalem.

Onde um peregrino de alma crente e coração terno que não vá beijal-o, osculal-o e humedecel-o com as suas mais dôces e sentidas lagrimas?

Está este *Santo Sepulchro* sito quasi logo, após a passagem da torrente do *Cédron*, por sobre a

---

[1] ZACHARIAS, XIV, 4.

[2] ACTOS, I, 12.

[3] *Djebel-et-Tour* ou *djebel-es-Zeïtoun* entre os Arabes. Está a 830 metros acima do nivel do *Mediterraneo*.

ponte d'um só arco que a transpõe, á entrada do valle de Josaphat.

A torrente referve alli no inverno por sobre um leito selvagem de pedras sêccas, rochedos calvos, seixos duros, d'uma asperrima braveza, apenas, algumas vezes, molhados pela passagem das aguas torrentuosas da tempestade!

Esta torrente está cheia de mysterios! A ella alludia David quando prophetizava: *de torrente in via bibet, propterea exaltabit caput.* [1]

Está guardado o *Santo Sepulchro da Virgem* a dentro da egreja da *Assumpção.* [2] Esta egreja, monumento de estylo severo e grave, de bella fachada gothica do tempo dos Cruzados, mergulha-se na terra; está quasi soterrada, e, para se chegar ao seu pavimento, ha mister descer uma longa escadaria. A dentro do templo, vêem-se,

---

[1] Ps., CIX, v. 7.

[2] A egreja da *Assumpção* fecha ordinariamente entre as 8 ás 9 horas da manhã e só reabre ao pôr do sol. A primeira egreja da *Assumpção* deveria ser edificada talvez logo depois do Concilio ecumenico de Epheso, em 431, que declarou solemnemente Maria *Deipara,* porque já no Concilio de Calcedonia, em 451, o bispo Juvenal, de Jérusalem, se referia a ella. Destruida pelos Persas em 614, ella foi immediatamente restaurada, pois que *Arculfo,* na sua peregrinação, em 670, viu-a e descreveu-a minuciosamente. Em 870 ainda a viu o monge franco Bernardo. Em 1108 já os *Gesta Francorum expugnantium Hierusalem* a dão como arruinada. Godofredo de Bulhão fundou, proximo ao tumulo da Virgem um mosteiro opulento que confiou aos monges negros de Cluny; estes trataram, então, de reconstruir a egreja da *Assumpção,* onde foram tumulados alguns Cruzados e familias de alta nobreza. A egreja actual deve ser ainda a mesma que os monges negros construiram pois que a invasão musulmana de 1187 tendo arrazado o mosteiro poupou a egreja veneranda da *Assumpção.* Nos tres tumulos, de S. José, S. Joaquim e Sant'Anna, ganha-se uma Indulgencia parcial.

ainda hoje, os venerandos sepulchros dos progenitores de Maria e o de S. José.

A egreja é, pois, como se vê, um mausoléo de familia.

O glorioso sepulchro da *Virgem*, onde póde ganhar-se uma Indulgencia plenaria, está revestido todo de marmore branco e está aberto na rocha viva.

Numerosas alampadas suspensas da abobada ahi espalham uma viva claridade.

A egreja está a cargo dos gregos scismaticos e dos syrianos heterodoxos. [1] No corpo d'ella, em fórma de cruz latina, aprofunda-se uma cisterna, de cuja agua bebi. Gregos e Armenios consideram esta agua como um remedio para todas as doenças.

A escuridão d'aquelle recinto é allumiada pela luz viva de muitas alampadas. O logar commove. [2]

---

[1] Officiam na egreja, tambem, os armenios, os cophtas e os abyssinios, possuindo todos ahi os seus altares! Os proprios musulmanos téem ahi um logar reservado para fazerem oração! Elles ahi vêem, como á mesquita d'Omar, em peregrinação, chegados de longes paizes e antes que entrem na egreja ajoelham no seu vestibulo, saudando a *Senhora Maria, mãe do propheta Jesus.* Só os Franciscanos, que, outr'ora, estavam de posse d'este *Logar* venerando, não pódem, desde 1757, celebrar lá os Officios divinos! As Indulgencias ligadas áquelle santo *Logar*, foram ultimamente transferidas pela Santa Sé para a capella dos Assumpcionistas, em *Notre Dame de France*.

[2] Segundo as mais auctorizadas opiniões, a Santissima Virgem, Mãe de Deus, morreu aos 72 annos de edade, no anno 58 da era christã.

*
* *

No intuito de visitar o *Santo Sepulchro da Virgem*, sahira eu da *Casa Nova*, determinado tambem d'alli a subir o *Olivete*, até ao logar da *Ascensão*. Foi por uma tarde, no terceiro dia, creio, depois da minha chegada a Jérusalem, e após haver assistido no templo do *Santo Sepulchro* a uma commovente festa religiosa. [1]

Fui só. Em seguida á visita do *Santo Sepulchro de Maria*, comecei subindo o *Olivete*, que d'alli logo entra a levantar-se para o céo. Trez caminhos conduzem ao alto da montanha.

Toda a sua escarpa é nua, triste, cinzenta e empoeirada como lombo d'agreste e devastada serrania! Apenas algumas oliveiras melancholicas e raras figueiras enfezadas, surgem, aqui e alli, por entre os destroços de antigas ruinas de edificações christãs e a dentro d'algumas poucas herdades isoladas.

Parece que éste nome de Olivete, deriva das muitas oliveiras que outr'ora cobriam o monte. [2]

Este, que é o mais alto de todos quantos circumdam Jérusalem, e que limita o seu horisonte ao nascente, está coberto de recordações religiosas. [3]

---

[1] Os Franciscanos effectuam diariamente uma procissão solemne, ás 4 horas da tarde, a todos os *Logares* veneraveis encerrados a dentro do templo do *Santo Sepulchro*.

[2] O auctor do livro *Viaje de la Tierra Santa* e *Descripcion de Jérusalem*, impresso em Pamplona, em 1613, ainda viu o monte Olivete coberto d'oliveiras. Pag. 38.

[3] Nos tempos antigos havia no monte das Oliveiras dois altos cedros cuja memoria se conservou por muito tempo entre os judéos dispersos; os seus ramos serviam d'asylo a bandos de pombas e á sua sombra tinham-se estabelecido pequenos bazares. *(Talmud de Jer. Taanith*, IV. 8).

Logo alli, á sahida da egreja da *Assumpção*, visita-se a *Gruta da Agonia*, o *Jardim de Gethsémani* e o *Rochedo* onde dormiam, na noite da prisão do Senhor, [1] os Apostolos Pedro, Thiago e João, os mesmos que assistiram á *Transfiguração* no Thabôr; a poucos passos aponta-se, tambem, á beira do caminho, pela direita, um rochedo branco, onde ainda, segundo é tradição, estava sentado S. Thomé, quando recebeu o cingulo que a Senhora, depois da sua gloriosa Assumpção, lhe lançou. [2]

Subindo-se a montanha, chega-se breve ao *Logar* veneravel do *Dominus flevit.* Foi aqui que o Senhor, no domingo de Ramos, vendo a cidade, tendo deante dos olhos a esplendida perspectiva dos terrados do Templo e dos seus tectos cobertos de laminas brilhantes, [3] chorou sobre ella, predizendo a sua ruina e a do Templo. [4]

---

[1] *Marc.*, XIV, 37. Em tempo existiu um oratorio alli, sob a invocação de *Somno dos Apostolos.* Hoje, apenas, se vê o rochedo primitivo. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial.

[2] Este rochedo é muito venerado por catholicos e gregos scismaticos. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial. O cingulo da *Senhora* guarda-se, hoje, em *Prato*, na Toscana. Ao norte d'este rochedo, a dentro d'uma cêrca a que dá ingresso uma porta, venera-se, ainda, um rochedo d'onde, segundo a tradição, Nossa Senhora viu lapidar *Santo Estevão.* Mais acima, a dez minutos de caminho, aproximadamente, quasi no planalto da montanha, vê-se um terreno triangular, onde a tradição colloca o *Logar onde a Santa Virgem recebeu do archanjo Gabriel o annuncio da sua morte.* Ganha-se alli uma Indulgencia parcial.

[3] Essa vista admirava os extrangeiros. Ao nascer do sol, principalmente, a montanha sagrada deslumbrava os olhos e parecia uma massa de neve e oiro. (Josepho. *De Bello Judaico*, cap. v.)

[4] *Luc.*, XIX, v. 41 e seg. Algum tanto acima visitam-se as sepulturas conhecidas pelo nome de *Tumulo dos*

Continuando a subida da montanha, fui encontrar uma cisterna antiga, a meio da estrada que conduz ao alto do monte. Dizem que ella assignala o *Logar* onde se reuniram os *Apostolos* para compôrem o *Credo*, antes de se separarem para sempre.

Algumas mulheres arabes tiravam alli agua. Sentei-me eu lá n'uma pedra, e, consultando o meu *Guia* mudo, li n'elle que outr'ora existira alli uma egreja, construida em honra de *S. Marcos*. [1]

Tambem me segredaram as paginas mudas do meu livro que, outr'ora, em roda da cisterna, se levantavam as estatuas dos doze *Apostolos*.

Nada d'isto eu pude vêr já.

Partindo d'este *Logar*, cheguei a um outro ponto veneravel. E' o *Logar* sagrado do *Pater*.

Fôra alli que Jesus ensinara aos seus discipulos pela segunda vez, depois do sermão da montanha, na Galiléa, a *Oração Dominical!* [2]

O *Logar* está vedado. A princeza *La Tour d'Auvergne* comprou ha poucos annos ainda aquelle sitio e mandou ahi construir uma egreja, onde hoje se ganha uma Indulgencia plenaria. Adjuncto, está um convento de religiosas carmelitas.

Prophetas. São camaras funerarias, trinta e seis em numero, muito similhantes aos *columbarios* romanos, remontando á mais alta antiguidade. Nos primeiros seculos da Egreja alguns solitarios habitaram alli. De que personagens receberiam aquelles *loculi* os ossos veneraveis? Conjectura-se que seriam os Prophetas d'Israël. Seria, então, a este hypogéo que Nosso Senhor alludiria, quando exclamava: Ai de vós que edificaes sepulchros aos prophetas quando vossos paes foram os que lhes deram a morte. (*Luc.*, XI, 47).

[1] Os indigenas téem vendido as pedras dos destroços d'esta egreja aos Judeus, que as aproveitam para o seu cemiterio. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial.

[2] Luc., XI, v. 2 e seg.

No claustro gothico do mosteiro, uma verdadeira obra prima d'arte italiana, uma especie de reducção do *Campo Santo* de Pisa, lê-se o *Pater*, escripto em 34 linguas européas e asiaticas.

Lá o li escripto em vernaculo, na minha dôce e harmoniosa lingua!

O terreno adjacente á egreja e ao convento traça-se e divide-se todo em plantações novas e taboleiros de flôres! A princeza que comprara o terreno e o santificara, dorme, desde 1889, o derradeiro somno da vida n'um rico sarcophago de marmore branco coroado por todo o symbolismo das crenças catholicas, erecto no claustro do convento!

D'este *Logar* fui eu em visita á gruta ou eremiterio de *Santa Pelagia*, cujas penitencias heroicas e virtudes sublimes ainda hoje embalsamam a Egreja, mas onde nada encontrei de particular. [1]

D'aqui me remontei, finalmente, até ao alto do monte. Eu tinha chegado ao proprio *Logar* da *Ascenção* de Christo ao céo. [2]

Nada alli encontrei de sagrado e santificado! Em torno, apenas divisei alguns miseraveis tugurios arabes, que constituem, hoje, a povoação de *Kefr-Zeitoün*, habitada pelos mais miseraveis representantes da raça semita!

O *Logar da Ascenção* está fechado a dentro d'um alto muro quadrado e escondido, ainda, a dentro d'um pequeno oratorio octogono musulmano.

---

[1] Esta Pelagía é a illustre Margarida, sacerdotisa de Baccho e comica celebre em Antiochia, convertida por S. Nono, bispo d'Edessa. Ella morreu e foi sepultada n'aquella gruta do monte das Oliveiras. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial. A gruta é muito venerada por musulmanos e judeus. Vid. *Acta. S. Pelagia. Bolland.* 8. *October*, III, pag. 266.

[2] ACTOS., I, 9. LUC., XXIV, v. 51.

Todo aquelle *Logar* está guardado por turcos, que não permittem a entrada alli, sem receberem uma gratificação! [1]

Vê-se no *Logar* sagrado uma pedra, singularizada por uma cavidade. Dizem ser esta a planta do pé esquerdo do Senhor, alli deixada impressa quando subiu ao céo! [2]

Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria.

O que é para extranhar é que, estando quasi todos os *Logares Santos* guardados religiosamente pelos franciscanos, éste, que é um dos mais veneraveis e sagrados, esteja assim profanado, em poder dos turocs! [3]

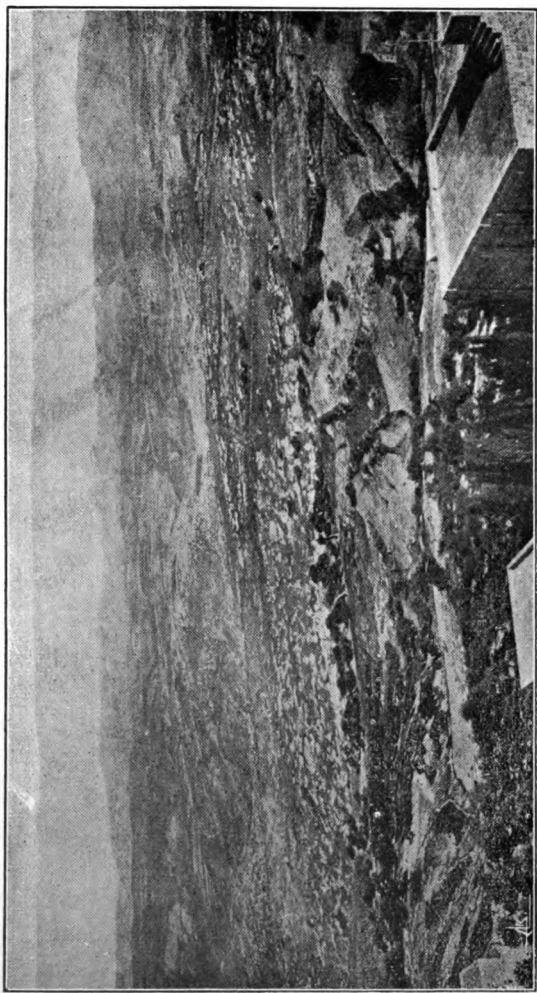
Todavia os franciscanos vão alli, desde tempos immemoriaes, na vigilia e festa da *Ascensão*,

---

[1] O *bakchich* de meio ou um franco é sufficiente. Quando eu lá fui de visita encontrei um mahometano assaz condescendente e delicado, guardando o santo *Logar*.

[2] S. Jeronymo attesta que no seu tempo se divisavam, ainda, alli, na terra, signaes dos pés do Salvador e accrescenta que todos os dias, apenas os crentes como reliquia tiravam aquella terra para a levarem religiosamente, *incontinenti* se reproduziam. (*S. Jer. De locis Hebraicorum.* Act. Apost.)

[3] Santa Helena construiu uma bella egreja no logar da *Ascensão*, que foi destruida mais tarde por *Kosroës*. Reedificada pelos Cruzados, ella foi demolida pela segunda vez pelos mahometanos e substituida por uma mesquita. Os pedestaes das columnas que, ainda hoje, ahi se vêem indicam que a egreja tinha a fórma octogonal.

Segundo S. Jeronymo esta egreja ficou incompleta, sem fecho da cupula, porque os operarios foram sempre impedidos por uma força invisivel de a concluirem, como se a Divindade quizesse que aquella abertura memorasse sempre o curso da subida do Salvador ao céo. (*S. Jeron. De locis Hebraicorum.* Act. Apost.)

O monte das Oliveiras

Avistam-se ao longe o valle do Jordão e o Mar Morto. A athmosphera é tão pura e d'uma tão fina transparencia que este mar tão estranho parece ao alcance da mão quando são necessarias sete horas a cavallo para lá chegar. As montanhas da outra banda são as do paiz da tribu de Ruben. Ao sul d'esta cadeia de montanhas divisa-se ainda, em dias claros a crista da aldeia beduina de Kérak, antiga capital de Moab, que foi na epocha dos Cruzados a capital d'um principado chamado *Kérak d'Além Jordão*.

mediante forte *bakchich*, celebrar, em altares portateis, os Officios divinos. [1]

O mesmo fazem os *Gregos* e os *Armenios* em tal dia, levantando os seus altares do lado de fóra.

Ao lado do sitio da *Ascensão* vê-se uma mesquita, dominada por um alto minarete.

A pequena distancia vê-se, ainda, uma egreja, um convento e uma torre, que se avista de muito longe, das margens do Jordão. E' tudo propriedade dos *Russos*. [2] Esta torre marca o ponto culminante de toda a Palestina.

De lineamentos proporcionados, graciosamente bella em suas linhas geraes, donairosa e esbelta, semelhante a um obelisco do tempo dos velhos reis Pharaós, assim levantada para o alto, ella é verdadeiramente uma balisa posta alli entre o céo e a terra, entre o tempo e a eternidade, no cume do monte das *Oliveiras*, d'onde Christo Redemptor ascendeu ao reino eterno de seu Pae celestial!

Costumam os viajantes, mediante uma esportula insignificante ao *derviche* [3] que guarda a mesquita, e que, áquella hora, alli estava sentado n'um tamborete, espichando as pernas, as mãos ossudas e coriaceas espalmadas sobre as côxas magras, tartareando termos incomprehensiveis,

---

[1] A festa dos padres *Latinos* termina por uma procissão ao Logar do *Viri Galilæi*. E' este uma parte da montanha das *Oliveiras*, hoje cercada com um muro de pedra, propriedade tudo dos Gregos scismaticos e á qual se prende o facto relatado nos *Actos dos Apostolos*, cap. I, v. 11. Chamam-lhe os indigenas *Karm-es-Saïad*. Vê-se muito perto a graciosa habitação de Mgr. Epiphanio.

[2] Os Russos permittem a visita do seu estabelecimento e mostram benevolos os thesouros riquissimos que lá se encerram (vasos sagrados, missaes, quadros preciosos, etc).

[3] Ministro do culto mahometano.

subir ao alto do minarete, d'onde se gosa uma vista soberba da Judéa e d'uma parte da Galiléa.

Tambem eu lá subi.

Os olhos embebem-se todos na doçura das paisagens longinquas que d'alli se avistam!

E' o monte da *Quarentena*, é Jericó, é Galgala, é o Jordão, é o valle de Achôr, [1] são as serras de Moab, é o deserto de Santa Maria Egypciaca e o deserto de S. Jeronymo; são os montes Abarim, [2] Nébo e todos os montes longinquos da Arabia Petréa; são todos os montes da Judéa, são todos os montes de Ephraïm, é toda a região selvagem e deserta da velha tribu de Gad, do paiz de Galaad e parte do de Manassés e de Ruben, da parte oriental do Jordão; é, finalmente, toda esta brilhante perspectiva que d'alli se deletreia á vista! [3]

O panorama que d'alli se gosa é soberbo, grandioso d'amplitude, quasi que indiscriptivel! Todavia, áquella hora, mergulhando os meus olhos nos horizontes distantes, toda a minha attenção convergia para a contemplação das aguas silenciosas do *Mar Morto*, esplendentes, vastas, d'um azul turqueza, que d'alli, a quarenta kilo-

---

[1] *Achôr* ou *perturbação*. Está este valle situado no territorio de Jericó, na tribu de Benjamin e proximo de Galgala. Foi aqui que Acan e toda a sua familia foram apedrejados, por haverem retido os despojos de Jericó. *Josuë*, VII, 25 e 26.

[2] Os montes *Abarim ou das Passagens*, sitos além do Jordão, na extremidade septentrional do Asphaltite, abrangem muitos morros continuados com nomes differentes. Entre elles contam-se o *Nébo*, onde morreu Moysés, em 1451, antes de Christo, o *Phasga* e o *Phogor*. *Deut.*, XXXII, 49.

[3] Ao Sul de toda essa cadeia de montanhas reconhece-se, quando o ar está liso, a crista onde assenta a aldeia beduina de Kerak, antiga capital do paiz de Moab, e que na época dos Francos, foi a capital d'um principado chamado *Kerak d'além Jordão*.

metros de distancia, se avistam perfeitamente, parecendo tocar-se quasi com a mão! [2]

Faiscado pelas derradeiras scintillações do sol, que, áquella hora, fundindo-se em matizes roseos e verdes, morria já dôcemente, n'um desmaio opalino, para as bandas do mar de Jaffa, na agonia suavissima da tarde, o *Asphaltite* attingia encantos incomparaveis, semelhante a um lago de metal em fusão, cuja superficie fôsse de prata e o leito de porphyro!

As suas praias e as suas aguas rebrilhantes de crystallizações salinas, davam-lhe a apparencia d'um dos mais formosos lagos da Suissa ou da Escocia: pairava por sobre ellas a dôce e impressionante poesia das lagunas da Italia!

Na liza fluidez do céo que o cobria, brincava e pairava cariciante a luz intensamente doirada do sol poente, cahindo em incidencias reverberantes, esmaltando de maravilhosos tons perlados e de tenues laivos de amethysta e de lilaz as suas aguas dormentes!

Ao lado, o *Herodion*, o monte dos Francos, macisso, airoso e esbelto como uma pyramide, apparecia em toda a sua rude belleza, mergulhando o seu cone no azul hortensia do firmamento!

Bethléem lá estava, ainda, sorridente e gracil, faceira quasi como uma virgem em dia de noivado, castamente ruborizada pelas ultimas reverberações do sol. Garrida em meio das suas herdades de oliveiras verdes, de limoeiros luzentes e de figueiras leitosas, a formosa *Bethléem* assemelhava-se, áquella hora, a um pequeno jardim, a um viçoso ramalhete de flôres brancas e amarellas!

As collinas que emmolduram a risonha cida-

[1] E' este um phenomeno d'optica commum na Palestina, onde por causa da limpidez do ar as distancias como que se supprimem.

de foram as mesmas que viram e ouviram o real propheta *David* apascentando gados, agarrando lobos e leões quando iam fugindo, [1] tocando melodiosamente harpa e entoando psalmos e canticos mais dôces e suaves, ainda, do que o rocio do empyreo!

A atmosphera que envolve aquellas paragens, d'uma diaphaneidade algodoada, tremeluzia e rebrilhava em facetamentos de crystaes, em golpeaduras metallicas de luz, que se projectavam no céo alto, profundo e scintillante, broxado todo a sangue, sob a acção vibratil das ultimas ondas luminosas do sol!

Este, na sua agonia, esbatendo os seus derradeiros fogos de oiro em braza, na limpidez azul do espaço, illuminava feericamente, áquella hora, as fronteiras montanhas do paiz de Moab, selvagens e magestosas, lançando eternamente para as nuvens os seus picos abruptos. Não podia ser mais bella nem mais suggestionante a perspectiva!

Após haver descido do minarete da mesquita musulmana, eu estive por algum tempo sentado sobre uma pedra, na escarpa do *Olivete*, á sombra benefica d'uma olorosa amendoeira em flôr, aspirando com volupia o bom ar leve e sadio d'aquella altitude.

A pureza da atmosphera, o azul do céo, a clara luz da tarde, o ambiente perfumado, tudo convidava á meditação. E eu meditava.

Na minha frente estava Jérusalem, essa nobre e santa Jérusalem, cidade de luxo e de apotheose, hoje, submergida a muitos metros de alluvião trazidos pelos seculos, cheia toda de desolações e de ruinas! Todo o seu antigo esplendor jaz sepulto debaixo do pó dos seus gloriosos monumentos!

O sol, lá do seu occaso, enviava-lhe, áquella

---

[1] 1.º Livr. dos Reis, XVII, 35 e seg.

hora, um ultimo raio de luz, envolvendo, n'um manto de purpura, toda a sua brilhante gloria de outr'ora, toda a sua archi-millenaria sumptuosidade d'outr'ora, agora desvanecida e desfeita!

Sentado alli, estive eu por muito tempo, immerso o meu espirito em profundas cogitações, n'um estado profundo de sensibilidade visionaria.

O sol havia-se atufado já no horizonte longinquo, na linha sanguinea do poente.

Uma poetica luz crepuscular envolvia os contornos indecisos das paizagens distantes! Os ramos frondosos da amendoeira florida sob a qual eu estava sentado, agitavam a atmosphera, como enormes leques!

Por sobre a natureza cahia uma serena paz religiosa, uma bella tristeza, harmonica, viril, indefinida.

Em volta de mim reinava um profundo silencio, uma solidão contristadora, vaga e profunda.

> A lua triste, a lua merencoria
> Desdemona marmorea
> Rolava pelo azul da immensidade
> Immersa n'uma luz serena e fria
> Branca como a harmonia
> Pura como a verdade.

Ouviam-se ao longe os sons maviosos das flautas dos pastores beduinos, conduzindo os seus rebanhos aos curraes.

Uma suave e cariciante briza vespertina perpassava ao de leve no ar, afagando, n'uma dôce meiguice, as pequenas e avelludadas folhas das oliveiras circumdantes que se destacavam, agora, na frouxa claridade do crepusculo, como manchas negras, como grandes nodoas cruas!

Era noite, quando eu desci da montanha. Dormiam já em dôce calma as coisas mansas, virginaes, os rebanhos e as flôres, as aves e as creanças como diria Junqueiro.

Do céo, d'uma limpidez sideral e immaculada, cahiam por sobre as florescencias brancas do *Olivete* os raios setinosos e desmaiados da lua, d'essa lua propria do Oriente, cuja luz dôce e pura, beija n'uma caricia todas as coisas e põe em relevo os menores objectos.

O firmamento tauxiava-se com as primeiras estrellas da noite, reflectindo e espelhando os seus fogos ardentes na transparencia luminosa do espaço.

Os arbustos em flôr, os grandes tufos de azaleas e de buxos verdes do horto de *Gethsémani* depositavam nas auras da noite as suas essencias aromaes, derramando pela atmosphera perfumes fortes e embriagantes! A alta e magestosa fila de cyprestes verde-negros que emmolduram o jardim, desenhava-se no azul purissimo do céo, como uma franja negra, apparentando as fórmas phantasticas e rendilhadas das plantas dos herbarios!

Nasceu a lua. As folhas dos arbustos
Tinham o brilho meigo, avelludado
Do sorriso dos martyres, dos justos.
Um effluvio dormente e perfumado
Embebedava as seivas luxuriantes.
Todas as forças vivas da materia
Murmuravam dialogos gigantes
Pela amplidão etherea.
São precisos silencios virginaes
Disposições sympathicas, nervosas,
Para ouvir estas fallas silenciosas
Dos mudos vegetaes.
As orvalhadas, frescas espessuras,
Presentiam-se quasi a germinar;
Desmaiavam-se as candidas verduras
Nos magnetismos brancos do luar. [1]

---

[1] Guerra Junqueiro no poemeto *Melro*. Guerra Junqueiro é o nosso culminante e altissimo poeta, gloria immortal da poesia no nosso seculo e na nossa patria. O

Entrando na cidade pela porta de *Maria*, eu dirigi-me sem demora para a *Casa Nova*.

Jérusalem, triste e silenciosa, adormecia já n'uma pacificação absoluta!

Apenas, vibrando sonoramente na atmosphera calma e dôce, leve e diaphana, se ouvia a voz dos *santões* musulmanos, annunciando aos adoradores de *Allah*, o desapparecimento do bello astro solar, cujos ultimos espelhamentos fulvos haviam deixado de tremebrilhar por sobre os altos terraços da cidade!

Estava findo aquelle dia, e com elle findara tambem, uma das excursões que mais gratas e de mais viva saudade me ficaram na minha visita de Jérusalem e seus contornos!

---

seu talento poetico não raras vezes attinge as visões, as emoções geniaes, supremas. O sublime poeta da Luz e das sangrentas flagellações sociaes, o lyrico divino não deveria nunca, todavia, macular as suas azas de condôr altivo da inspiração poetica na lama das odes e canções, dos alexandrinos e dos poemetos orgiacos, satanicos, blasphemos...

JERUSALEM

V

A VIA DOLOROSA — O PRANTO DOS JUDEUS—A SYNAGOGA JUDAICA

Et postquam illuserunt ei, exuerunt illum purpura et induerunt eum vestimentis suis: et educunt illum ut crucifigerent eum.

E depois que o escarneceram, despiram-lhe o manto e vestiram-lhe os seus habitos e assim o levaram para o crucificarem.

MATH. 27 v. 31

Ah! A floresceneia de todas as dòres, lyrios de corollas desbordando lagrimas, pedras negras humedecidas em sangue, recordações tristes, dolentes saudades, echos repungidos de soffrimento, tanta crueza de corações, tanta maldade e tanta perversidade humana, ah! tudo isto a vicejar e a ferir, a desconsolar e a amargurar quem passa, quem pisa o pavimento sagrado da *Via Dolorosa*, na santa cidade de Jérusalem!

E' muito. Já de sobra vae o espirito abatido ao atravessar aquelle bairro mephitico; não ha alli a caricia d'uma briza, nem o sorriso d'um raio do sol; ninguem vislumbra por lá a sombra d'uma rudimentar hygienização local; são obliquas e tortuosas as ruas d'aquella parte, e a cidade por alli é tão sombria, pavorosa e tetrica como as profundas galerias das necropoles; o solo está esburacado, as construcções são tão pesadas que nos affligem pela rudeza do seu aspecto; o rapazio pobre

e os cães famintos mesclam-se por alli na promiscuidade ignobil e repellente da vida; ah! a *Via Dolorosa*, a sagrada *Via* do Senhor, como ella é triste, como está tão só e tão desolada!

A gente sente um arrepio, quando atravessa aquelle bairro da cidade amaldiçoado, como o odio.

Sim! Eu que atravessara as monotonas solidões do Egypto, sob a inclemencia do sol, atravez de areaes intermimaveis, fechados por horizontes avermelhados e sem fundo, onde não ha relevo senão na oscillação das dunas, onde a vida só é attestada e apontada pelas ossadas dos camellos que marcam o caminho ás caravanas; eu que atravessara esses longos, malditos e infecundos desertos de fogo, sem aguas, sem sombras e sem flôres, onde ninguem ouve jámais a ballada dos ceifeiros, erguendo uma graça á Providencia, nem escuta, sentado á sombra d'uma copada abobada de bellas arvores vicejantes, o côro eterno da felicidade da vida, entoado pelas revoadas das avesitas multicôres; eu que atravessara as asperas e desolantes solidões do deserto lybico, descampados adustos, onde não ha um accidente só de terreno, um monticulo unico de areia, uma pedra isolada que possa prender a attenção — caminhando sempre por sobre areia calcinada, em meio da pavorosa monotonia e da egualdade uniforme do deserto, como quem caminhava por sobre o esqueleto rudimentar do globo, debaixo d'um céo impassivel e arido, respirando uma atmosphera de braza, onde o calor vibra como a dentro d'uma fornalha incandescente — sim, eu que tudo isto sentira e experimentara, nunca senti nem experimentei tão fundas impressões de desanimo como no bairro jerosolimitano, por onde se estende e passa a *Via Dolorosa!*

Ah ! como ella é triste, como está tão só e tão desolada !

Lá, no deserto, de longe em longe, a palmeira esbelta alegra a perspectiva, atirando para o céo

a corôa das suas longas folhas e dos seus compridos ramos, nervosos, flexiveis e brandos ; a direitura do seu tronco é graciosa e é bella como a columna de marmore dos palacios arabes ! A' noite, a joalheria do céo constella de fulgores astraes o areal interminavel ; as bellas estatuas cinzeladas pela brilhante imaginação oriental, enchem de alegria as tristes solidões !

Em Jérusalem não é assim.

N'aquelles bairros infectos da infeliz cidade parece ouvirem-se, ainda, os echos tristes e repungidos da odysséa da sua dôr ! Jérusalem semelha-se a uma caverna funda e tenebrosa, onde cahem e se congelam as lagrimas de todas as gerações e de todas as raças que por alli téem passado!

Não é ella a cidade maldita, a cidade deicida?

Ah! ainda estão ensanguentadas as suas pedras com o sangue de Christo ; o lôdo do crime ainda hoje ennodôa a Cidade Santa, que verga ao peso da maior das culpas que se téem commettido na terra !

Ella está retalhada, dividida, afundada na ignominia ; já não cantam os seus sacerdotes mysterios dôces, no recinto do seu Templo, nem fallam os seus Prophetas, que fôram santos, annunciando ao povo o advento proximo dos dias de conforto e paz, trazidos pelo Senhor ; Jérusalem desfia os dias da sua eternidade condemnada, na consciencia plena e remordente de que por sobre ella pesa toda a negra infamia d'um delicto horrendo e todo o remorso dilacerante d'um assassinio tenebroso !

E não é ella, em verdade, como que o subpedaneo do martyrio, a haste d'uma bandeira de carne e sangue, o lago encharcado pelo diluvio dos prantos do Senhor e das lagrimas da Magdalena ?

*
* *

A santa *Via Dolorosa*, a *Via* dos affectos estremecidos e das saudades pungentes, a santa *Via Dolorosa* visitei-a eu na tarde da primeira sexta-feira [1] que passei em Jérusalem. Sempre eu anhelara pisar o seu pavimento sagrado e percorrel-a toda desde o Pretorio até ao Golgotha, não por curiosa visita, mas porque desde longo tempo já, havia em minha alma o piedoso e férvido desejo de meditar repungido todos os soffrimentos do Senhor, nos proprios logares onde se desenrolara a sua sangrenta Paixão!

E quiz o Senhor que eu gosasse esta consolação! Bemdito seja o Senhor!

As dôres de Christo servem-nos de alento, d'incitamento para a vida e de esperança para a morte! Todas essas dôres formam o Evangelho da desgraça, amparam o pobre na sua miseria, o desgraçado na sua humilhação e o triste nas suas lagrimas!

Eramos muitos os piedosos christãos, que, em grupo e em tal dia, rezamos e percorremos a *Via Dolorosa*.

Todos, talvez, quantos se achavam peregrinos em Jérusalem.

Sahiramos encorporados do convento franciscano de S. Salvador, em direcção ao *Pretorio*, acompanhados por dois archeiros — *cawas* — do convento, formalizados de libré e massa, vestidos de capa e volta, com as suas gorras e calções listrados e bordados.

---

[1] Os Franciscanos fazem publicamente em Jérusalem todas as sextas-feiras da Quaresma, em plena rua, o piedoso exercicio da *Via Crucis*, segundo a denominação da liturgia catholica.

Este, que já fôra outr'ora uma egreja, e que é hoje uma caserna de soldados turcos, ainda conserva da primitiva as substrucções e os lanços dos seus muros exteriores! O arco do *Ecce Homo*, [1] esse está, ainda, admiravelmente con-

---

[1] Eu não creio na authenticidade d'este arco; elle é muito antigo mas é, com certeza, muito posterior a Christo. Não ha duvida de que as transformações successivas e profundas porque tem passado Jérusalem tornaram absolutamente impossivel reconhecer com exactidão a *Via* percorrida por Jesus a caminho do Golgotha; ella perde-se n'um dédalo de construcções modernas. Mas para o christão, para o peregrino piedoso, as approximações lhe bastam; o erro dos archeologos está, direi eu fazendo minhas as palavras de Voguë, no anhelo de precisarem com rigor o logar dos acontecimentos; as tradições, verdadeiras no seu conjuncto, deixam de sel-o nas suas minudencias, nos seus detalhes. Todas as tradições relativas aos factos da Paixão do Senhor são verdadeiras no sentido de que, n'um raio de cem metros, mais ou menos, os acontecimentos se desenrolaram no logar que se lhes assigna; precisar mais é impossivel. Não esqueçamos dizer que entre a destruição de Jérusalem pelos Romanos e a sua reconstrucção por Adriano mediaram 60 annos, durante os quaes Jérusalem foi apenas, um montão de ruinas deshabitadas. Não admira pois, que os elos da tradição mantida desde os primeiros christãos até Santa Helena se tenham interrompido. Seja, porém, como fôr o certo é estarmos aqui sobre o emprazamento do antigo Pretorio.

De resto a piedosa tradição que colloca o Salvador no cume da arcada central d'essa construcção, é muito moderna; ella não apparece em nenhum dos roteiros dos peregrinos que foram a Jérusalem, antes do seculo XVI. Antes d'esta epocha veneravam-se duas pedras enquadradas na base do *Arco* e que marcavam, segundo a tradição, ou a scena do Julgamento de Jesus, ou o Lithostrotos, ou mesmo o Logar onde Jesus foi carregado com a Cruz. Vid. *Le Temple de Jérusalem*, por o C.de Melchior de Voguë, pag. 125. Todavia não faltam sabios palestinologos que affirmam ser o actual arco do *Ecce Homo*, testemunha das scenas dolorosas da Paixão de Jesus.

servado no interior da egreja do mesmo titulo, junta quasi ao *Pretorio!* [1]

Foi preciso gratificar os turcos para que estes nos permittissem a entrada no *Pretorio!* Alli, em meio da parada do quartel, que occupa parte do local da historica torre Antonia, e do emprazamento da *Scala Sancta*, nos ajoelhamos todos!

Na nossa frente via-se o velho muro do edificio, [2] onde, no tempo de Pilatos, [3] se abria a grande sala das recepções do governador.

Foi d'alli que o Senhor sahiu, descalço, exsudando sangue, em meio da escolta romana, en-

---

A torre em ruinas que domina toda a aldeia (Bethania) é um vestigio do convento de Benedictinos, que a rainha Mélissenda, mulher de Foulques d'Anjon, fundou no seculo XII.

[1] A pequena distancia do arco do *Ecce Homo*, situado no antigo bairro de Bezetha, colloca a tradição o emprazamento do palacio de Herodes Antipas, tetrarcha da Galiléa, o mesmo que escarneceu de Jesus quando Pilatos lh'o enviou. *Luc.* XXIII, v. 11. Hoje, o emprazamento d'este palacio, onde outr'ora existiu uma egreja, está coberto por casas particulares. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria, bem como junto do arco do *Ecce Homo*.

[2] Noto aqui que eu não creio, tambem, na authenticidade d'este muro, pois como é sabido Jérusalem foi destruida de *fond en comble* pelos Romanos. As tradições relativas á Via Dolorosa não vão além da Edade Media; a fixação das Estações, pois, nos logares onde hoje se encontram é puramente conjectural. A verdade, porém, está no conjuncto e isto nos basta. Mais passo ou menos passo, adiante ou atraz, pouco importa; o essencial permanece. Vid. sobre este assumpto a excellente obra do conde Melchior de Voguë: *Le Temple de Jérusalem, 1864,* e o livro *La Voie Douloureuse,* do mesmo auctor.

[6] Poncio Pilatos é o sexto dos governadores romanos enviados pelo Cesar a Jérusalem, depois da submissão d'esta cidade a Roma. Pilatos entrou no governo da Judéa no anno 27 da nossa era.

tregue aos Judeus por Pilatos, [1] descendo a grande escadaria de vinte oito degraus de marmore branco raiado, — *marmor tyricum* — que lhe dava accesso, condemnado já ao supplicio da Cruz! Esta é a primeira *Estação.* [2]

Um religioso franciscano rezou as orações do costume, acompanhado por todos os circumstantes. D'alli nos viemos até á pequena distancia de sessenta passos do *Pretorio.* Estavamos já na rua d'*Amargura.* Aquelle era o chão [3] que pisara o divino Jesus, a caminho do Calvario!

Ajoelhamo'-nos novamente em frente á muralha da caserna turca, em frente mesmo do proprio Logar onde os legionarios romanos tinham flagellado Jesus. Era aquella a segunda *Estação*, a que marca o *Logar* onde o Senhor foi carregado com a Cruz. [4]

---

[1] *João*, XIX, 16.

[2] A *Via Dolorosa* da Paixão do Senhor, verdadeiramente começa no Horto de Gethsémani. Desce d'alli ao Valle de Josaphat, atravessa o Cédron, em frente aos monumentos de Josaphat e de Absalão, sobe a collina de Ophel, entra na cidade pela porta Esterquilinia e vai até á casa de Annaz, no monte Sião, n'um percurso de 1:000 metros, talvez.

[3] Sem duvida que é n'um sentido lato que devem ser tomadas estas palavras. Sabe-se que o primitivo solo da cidade está hoje, enterrado a alguns metros de profundidade. Ainda podem vêr-se vestigios da primitiva *Via* pisada por Jesus n'um subterraneo do convento das Damas de Sião.

[4] *Marc.* XV, v. 20. A 1.ª *Estação*, a rigor, deveria ser feita no interior da caserna turca que marca, hoje, o logar do *Pretorio,* mas como a entrada difficilmente é permittida, contentam-se os christãos em fazel-a na rua, por sobre o emprazamento mesmo da *Scala Sancta,* marcada no muro da caserna pelo traço visivel d'uma escadaria. De resto, nota-se a seguinte inscripção, marcada no muro em frente: *II S. t,* acompanhada das palavras seguintes: *In loco obiacenti.* A segunda *Estação* faz-se, mudando simples-

A terceira está logo a pequena distancia, muito perto, depois de passado o arco do *Ecce-Homo*, na intercessão mesmo da actual rua que da porta de Damasco vae até aos Grandes Bazares. Foi ahi que o Senhor, novo e verdadeiro Isaac, cahiu a primeira vez sob o peso da Cruz. [1] Todos nós estavamos ajoelhados em plena rua! Turcos e beduinos, gentios e judeus, passavam por nós, blasphemando uns, cascalhando risadas alvares, outros! N'este momento tambem appareceu, vinda do fundo da rua, uma caravana de camellos, que, quasi logo, atravessou por entre nós, ainda ajoelhados!

Esta *Estação* está assignalada, á esquerda, por dois pedaços de columna de marmore vermelho, engastados na parede. N'uma placa lê-se alli: *III Estação.*

Passámos depois á quarta *Estação*, muito perto, tambem, da terceira, a quarenta metros, se tanto, para o Sul. [2] Foi aqui que a divina, a do-

---

mente de logar, na mesma direcção da primeira, ao fundo da escadaria do *Pretorio* onde Jesus foi carregado com a Cruz. A *Scala Sancta* foi, como se sabe, transportada a Roma em 326, por ordem de Santa Helena, e venera-se hoje ahi na visinhança da egreja de S. João de Latrão.

[1] Segundo uma tradição recolhida por Gretzer no seu livro *De cruce Christi*, cap. 7, pag. 15, a haste vertical da Cruz media, 4m e 80 de comprimento e a transversal 2m e 10. Segundo estudos perfeitissimos a Cruz deveria pesar approximadamente 100 kilos. Vid. sobre o assumpto a explendida obra do Ch. Rohault de Fleury: *Memoire sur les Instruments de la Passion de N. S. J. C.* Pariz, 1870.

[2] Os Armenios catholicos levantam, hoje, e reconstruem uma antiga egreja que alli houve, sob a invocação de Nossa Senhora do Espasmo. Adjuncto teem um hospicio para os seus. Na egreja ganha-se uma Indulgencia parcial.

A sessenta passos de distancia, approximadamente, d'esta *Estação*, á esquerda, encontram-se, ainda hoje,

lentissima Mãe das Amarguras sahiu, offegante e lacrimosa, saturada d'angustias, ineffavel visão de paz e consolação, n'aquella hora amargurada, ao encontro do Senhor, seu amantissimo Filho! Alli nos ajoelhamos.

Ah! que dolorosa commemoração aquella! Que excruciante dôr a d'uma mãe, por desgraça maior abandonada já e só, na triste soledade da sua viuvez, vendo seu filho unico, que ella gerara na augusta fecundidade do seu seio purissimo e embalara em seus braços amorosos entre sorrisos de ventura e lagrimas d'amor, vendo-o agora insultado, vilipendiado, ulcerado, febricitante,

---

vestigios da casa do mau rico. (*Luc.*, XVI, v. 19 e seg.) Dizem ser essa casa a que hoje se vê atravessando, a cavalleiro, por cima da rua e que serve, actualmente, de hospital militar. Reconhece-se pela sua construcção de pedras negras, vermelhas e brancas. E' esta a tradição corrente em Jérusalem. Seguramente, em minha opinião, apenas poderemos crer que seja alli o emprazamento da casa do mau rico. A recordação, porém, alli d'esse mau rico do Evangelho, suggere-nos ao espirito profundas meditações.

Embora fosse elle um homem faustoso, sensual, *qui epulabatur quotidie splendide*, era, de resto, um honrado homem.

O Evangelho apenas reprehende n'elle a sua indolencia. Elle não era máo, cruel para com os desgraçados pois que Lazaro jazia coberto de feridas á porta do seu palacio: *jacebat ad januam ulceribus plenus*. Os nossos bons burguezes d'hoje seriam menos piedosos. Elles affastariam esta *miseria*, vituperando contra a municipalidade que tolerava nas ruas "gentes d'esta ordem." Lazaro pedia apenas a esmola das migalhas que cahiam da meza do rico. Ninguem lh'as dava. *Nemo illi dabat.* No emtanto este rico era condescendente, bom, familiar; vivia no luxo da vida; occupado com os seus negocios, com os seus amigos e com as suas festas, passava-lhe despercebida a miseria dos outros. Elle desprezava, emfim, esses austeros phariseus, esses falsos devotos do tempo, que faziam grande alarde das suas esmolas, tomando philosophicamente

exhaurido de forças, esvaecido de sangue, coroado de espinhos, flagellado, golpeado e cortado de vergões, todo desfeado de escarros e poeira, acurvado ao peso d'uma enorme cruz, na maior e mais pungente desolação!

Nós, os que alli estavamos em reconcentrada meditação, rememoravamos esta scena de lagrimas e de dôres, em que uma mãe vem chorar ao encontro d'um filho a quem a crueldade dos homens reduzira áquelle vilipendio! Como reter tambem nós as lagrimas? [1]

---

o seu partido da desigualdade das condições sociaes. Tinha coração bondoso este *bon vivant* e se Lazaro podesse gemer na sua presença, fallar-lhe directamente, elle teria sem duvida aberto a sua bolsa e dado generosamente a sua esmola áquelle infeliz.

Mas não pensava n'elle! Elle divertia-se assaz com os seus intimos e amigos não lhe ficando tempo para pensar nos pobres do bom Deus! E assim aos suspiros de Lazaro apenas respondiam os cães vindo a lamber-lhe as feridas„ *sed et canes veniebant et lingebant ulcera ejus.* Toda aquella vida teve uma conclusão. Chegou o momento em que Lazaro deveria morrer e elle foi levado pelos anjos no seio de Abrahão ao paraiso do bom Deus. *Beati pauperes!* Por sua vez, no mesmo dia o *monsieur* philosopho e conservador morreu tambem: *mortuus est dives.* A sua oração funebre não é longa; resume-se n'uma simples phrase: *sepultus est in inferno!* Que desigualdade ha, pois, nas condições sociaes! Sempre a eterna questão!

Diga-se em ultima palavra que a historia evangelica do mau rico que muitos pensam ser, apenas, uma parabola, uma licção symbolica dada aos homens pelo Salvador, é na realidade, segundo a opinião de muitos Santos Padres, uma historia authentica, dizendo elles que Nosso Senhor alludia a um homem muito conhecido na epocha. Os proprios Judeus conservaram o nome d'essa personagem á qual chamam Nabal.

[1] Esta *Estação* é indicada por uma inscripção gravada na parede fronteira. Ainda hoje os Judeus da cidade por vezes profanam a inscripção, manchando-a e riscando-a, em odio aos christãos.

A quinta *Estação* é aquella aonde o Cyreneu, pae de Alexandre e de Rufo [1] e que se recolhia do campo, ajudou o Senhor, a Victima divina, a levar a Cruz. [2] Deve distar trinta e seis passos da anterior. Aqui a rua toma a direcção do Oeste, seguindo agora empinada, estreita e lobrega até á porta Judiciaria.

A quinta *Estação* está santificada por uma piedosa capella franciscana. Uma placa de marmore collocada no muro exterior relembra, como em todas as outras *Estações*, o facto alli passado na Paixão do Senhor. Quando alli chegámos havia a dentro da capellinha da quinta *Estação* muitas luzes accezas e muitas flôres viçosas. O recinto interior banhava-se todo n'uma onda de luz e de perfumes!

E nós, os piedosos, os crentes que alli nos achavamos, nós, almas amarguradas, almas sacrificantes no calice da penitencia os nossos grandes peccados, sentiamos-nos então alli como que illuminados pela divina claridade da graça santificante, embevecidos em mysticos arroubos d'alma, no rememoramento que faziamos d'este commovente *Passo* do Senhor!

O' Christo bemdito, avergado ao peso immenso da Cruz! Derrama eternamente sobre os nossos corações a divina claridade da tua graça! Ajuda-nos tambem a levar a nossa cruz atravez dos asperos caminhos da nossa vida! Illumina eternamente os nossos passos com a chamma do teu

---

[1] *Marc.* XV, V. XXI.

[2] Chamava-se Simão e era natural de Cyrene, na Lybia. *(Luc.*, XXIII, 26). Este Simão converteu-se ao christianismo com todos os seus e S. Paulo falla com elogio do seu filho Rufus. *(Rom.*, XVI, 13). E' opinião de Santo Athanazio, Agostinho, Beda, Origenes, Jeronymo, Euthimio e Theophilacto, que o encontro do Cyreneu foi junto da porta *Judiciaria.* E' o que S. Matheus diz expressamente *ao sahir da cidade. (Math.*, XXVII, 32).

amor, do qual vivemos e sem o qual morreremos, como a arvore que perdeu o succo da terra, como a flôr a quem as nevoas roubaram os beijos do sol, como os seres em quem a morte apagou para sempre a divina scentelha da vida!

A outra *Estação* apparece logo acima, já no antigo bairro do Acra, a noventa metros de distancia, se tanto. E' a *Estação* da Veronica. [1]

Uma piedosa capella, solemnemente benzida em 1895, a dentro da qual se vê, hoje, uma imagem natural da Veronica, de joelhos em frente ao Senhor, santifica, actualmente, este abençoado *Logar*, guardado por uma devota Congregação de gregas Melchitas. [2]

Foi aqui onde essa santa mulher, de coração terno e compassivo, sahiu fóra de sua casa quando passava o prestito affrontoso que conduzia o Senhor ao martyrio, e, vendo-o tão desfigurado do rosto, todo elle matizado de laivos de sangue

---

[1] A casa da Veronica estava sita na rua que punha em communicação, nos tempos de Jesus, a rua d'Ephraïm com a porta *Judiciaria.*

[2] Melchitas são os Gregos unidos ainda que de rito diverso. Ha em Jérusalem 150 d'estes fieis, approximadamente. Téem ahi uma egreja parochial, governada por um padre melchita.

O Patriarcha grego melchita, titular d'Antiochia, reside em Damasco. O rito melchita abrange 120:000 fieis.

Estas diversas communidades christãs que existem no Oriente, possuindo todas o seu rito e liturgia especiaes, mas unidas todas em communhão de fé á Santa Sé Apostolica de Roma, são um dos brazões mais gloriosos da verdadeira e legitima Egreja de Deus.

O Santo Padre Leão xiii, na sua Encyclica de 30 de Novembro de 1890 — *Orientalium dignitas Ecclèsiarum* — prohibe, sob pena de excommunhão, a passagem dos fieis do rito latino para qualquer dos ritos orientaes, mas conjunctamente prohibe, tambem, que pessoa alguma do rito latino tente persuadir algum dos fieis de qualquer egreja oriental unida a seguir e adoptar o seu rito.

e afeado pelos escarros que lhe arremessavam ás faces os homens duros e descaroaveis da malta dos sicarios do Synhedrio, rompeu corajosamente por entre a cohorte, e, affrontando as iras da guarda pretoriana, com um lenço seu enxugou caridosamente a radiosa e macerada fronte do Divino Martyr!

Não lh'o agradeceu, não, com palavras o Deus Humano, mas retribuiu o piedoso acto deixando estampado no sudario o semblante immortal. [1]

Piedosa mulher! Anjo ou santa! augusta Veronica! [2] bemdita sejas! Sejam para ti eternamente as benções de todas as mães angustiadas! Mulher sublime! Emquanto houver no coração humano, emquanto vibrar na grande alma humana a harpa do sentimento, tu, mulher ideal, encarnação typica e modelar da ternura e do affecto commovido, dada em exemplo a toda a humanidade futura, tu serás abençoada e querida de todas as mães repungidas e de todos os filhos martyrizados!

---

[1] Este precioso lenço ou sudario, — *Il Santo Volto* — trazido mais tarde para Roma, guarda-se hoje ahi na basilica de S. Pedro. Escriptores piedosos consideram este santo sudario como milagroso para o curativo da lepra. A tradição falla do lenço da *Veronica* como dobrado em trez partes, em cada uma das quaes ficou estampado o divino rosto de Jesus. Estas trez Veronicas conservam-se em Jaen (Hespanha) uma, outra em Jérusalem e a outra em Roma, na basilica Vaticana. Esta, trazida a Roma no tempo de Tiberio, curou este imperador n'uma doença grave, diz-se.

[2] A tradição tambem lhe chama *Berenice* e *Serafia*. A palavra *Veronica* significa *verdadeira imagem*. Vid. a citada obra do *Ch. Rohault de Fleury*, atraz citada.

A tradição quer, ainda, identificar esta mulher compassiva com a hemorrhoissa, curada por Jesus em Capharnaüm. Auctores celebres, como S. Gregorio de Tours, dizem-na de origem gauleza e parenta d'um dos mercenarios que Herodes tinha ao seu serviço.

Tambem eu, em Jérusalem, te manifestei, ó bondosa filha de Sião, a dentro da tua propria casa na rua da *Amargura*, a minha extremada sympathia e a minha effusiva veneração! Lembras-te? Não foi em verdade certo que eu, como tivesse chegado alli vindo do jardim de *Gethsémani*, sustentando nas mãos um gracioso ramalhete de viçosas flôres, d'entre todas ellas te offertei a mais gentil, uma grande rosa branca, matizada de tons escarlates, dizendo-te que depois, no céo, m'a restituirias? Não foi?

Da casa da Veronica vêem-se, ainda hoje, as substrucções.

Quasi logo nos ajoelhamos todos, a sessenta metros de distancia, se tanto, na extremidade da rua. E' aqui a setima *Estação*. Commemora esta a segunda quéda do Senhor, de bôrco, avergado ao peso incomportavel da Cruz, junto á porta *Judiciaria*, horrivelmente martyrisado por uma dolorosa chaga aberta em seu sagrado hombro. Era esta porta aquella por onde sahiam todos os criminosos que se executavam no *Golgotha*. Este, que está hoje encerrado no recinto da cidade, estava então fóra d'ella.

Actualmente, uma artistica capella guarda e santifica religiosamente o sagrado *Logar* da porta *Judiciaria*. A dentro do piedoso recinto venera-se a *Columna*, sobre a qual foi affixada a sentença de morte do Salvador, e á qual está annexa uma Indulgencia parcial. [1]

Externamente, uma lapide commemorativa, brazonada pelas armas da *Ordem* franciscana, re-

---

[1] Segundo uma tradição antiquissima, a sentença de Pilatos que condemnou Jesus á morte, rezava assim: *Jesum Nazarenum, seductorem gentis, contemptorem Cæsaris et falsum Messiam ut majorum suæ gentis testimonio probatum est, ducite ad communis supplicii locum et cum ludibriis regiæ magestatis in medio duorum latronum cruci affigite. I, lictor, expedi cruces.*

za: *Porta Judiciaria. Columna ubi affixa fuit sententia mortis D. N. J. C. Ita traditur. An. D. 1875.* [1]

D'esta porta *Judiciaria* ao Calvario, devem distar duzentos passos, approximadamente. Termina lá a *Via Dolorosa*, que poderá ter um kilometro de extensão.

A *Estação* seguinte é aquella onde as piedosas mulheres, vendo o Senhor tão injuriado, [2] por Elle derramaram pranto, exprobrando aos algozes e á gozosa canalha sua ferina crueza.

Esta *Estação* está á distancia approximada de trinta e cinco metros da antecedente. E' marcada por uma inscripção, na fachada do convento grego de S. Caralambos, que diz: *St. VIII. in loco obiacenti.*

O caminho que d'esta *Estação* conduzia ao Calvario já não existe, por estar, actualmente, obstruido por um quarteirão de casas. O peregrino é obrigado a voltar para traz, até á porta *Judiciaria*, seguir a rua que vae da porta de Damasco á porta de Sião, passar ao lado dos propyléos da basilica de Constantino, subir uma escadaria; [3] e tomar depois á direita para chegar á nona *Estação*.

Foi aqui que o divino Senhor cahiu pela terceira vez. Um pedaço de fuste de columna, enquadrado na porta d'entrada do bispado cophta, marca esta *Estação*. [4]

---

[1] Em 1670 esta porta estava murada. *Gonzalés. Tom. 1.º pag. 380.*

[2] *Lucas*, XXIII, v. 37.

[3] Era, proxima a esta escadaria, que se via, outr'ora, a entrada da Basilica do *Santo Sepulchro*, hoje occupada por bellas construcções russas.

[4] Chegar-se-hia rapido ao *Santo Sepulchro* se os Abyssinios cophtas permitissem atravessar o seu convento.

Assim ha mister, ainda, alongar dois bazares aboba-

A mui pouca distancia está já a collina do *Golgotha*, onde se encontram todas as outras *Estações*, a dentro da actual egreja do *Santo Sepulchro*. Estas são: aquella que commemora o *Logar* onde o Senhor foi despido e lhe deram a beber vinho misturado com fel; [1] aquella que marca o *Logar* onde foi cravado o Senhor na Cruz; [2] aquella onde o Senhor, já crucificado, atravessados os seus pés e as suas mãos, os seus tendões e os seus nervos por duros e penetrantes cravos, foi levantado ao alto, expirando; [3] aquella onde o piedoso José d'Arimathéa e Nicodemus baixaram da Cruz o Senhor já morto, com o peito rasgado pela lança, [4] e o depuzeram nos braços da Virgem Mãe, e aquella — é a ultima — onde o Martyr sublime, o Senhor Eterno, o Rei Immortal dos seculos, o supremo Creador e Dominador de todos os seres visiveis e invisiveis, foi tumulado aos trinta e tres annos da sua edade e no dia vinte e cinco de março, n'um sarcophago de marmore, novo ainda, aberto na rocha d'um peque-

---

dados até penetrar por uma porta estreita na pequenina praça do *Santo Sepulchro*.

[1] *Math.*, XXVII, 34. Sobe-se uma escadaria de 19 degraus para chegar a esta *Estação*. Esta escadaria é a que conduz da basilica do *Santo Sepulchro* á capella do *Calvario*. Esta *Estação* está marcada por uma rosacea incrustada no pavimento a quatro metros, a Leste, do ultimo degrau da escadaria.

[2] *Luc.*, XXIII, 33. E' marcada esta *Estação* deante do altar da *Crucifixão* por um quadrado em mosaico no pavimento da capella.

[3] *Luc.*, XXIII, 46. Esta *Estação* está marcada por uma placa de metal collocada por debaixo do altar grego scismatico, e que indica o *Logar* sagrado onde se firmou o pé da *Cruz* do Salvador.

[4] *João*, XIX, 38. A XIII *Estação* faz-se deante do altar do *Stabat Mater*, pertencente aos Latinos. Este altar está assente verdadeiramente por sobre a Rocha do Calvario.

nino jardim adjacente á pequenina eminencia do *Golgotha.* [1]

Era extraordinaria a agglomeração de gente que, n'aquella tarde e áquella hora, quando nós chegámos ao Calvario, se apertava e comprimia na egreja do *Santo Sepulchro.* Não foi sem pouco custo que pudemos lá entrar, atravez da massa profunda do povo, e subir até ao alto da sagrada collina!

Esta rebrilhava, fulgurante, espelhando os lumes vivissimos das alampadas. Em baixo, o pequeno edificio que guarda, a dentro do templo mesmo, o divino sarcophago do Senhor, scintillava de brilho, illuminado por centenas de luzes que esbatiam todos os contrastes e gradações chromaticas das côres, desde as do rubi, do diamante, do coral, da saphira, do topazio, da turqueza, da opala, da amethysta e do crystal de rocha até ás do oiro fino e da prata lavrada!

Eu tive de esperar bastante tempo, depois já de findo o piedoso e commovente exercicio da *Via Crucis*, para que pudesse entrar a beijar o *Santo Sepulchro.* Esse momento chegou, finalmente!

Foi com verdadeira e effusiva commoção que eu collei os meus labios na pedra fria d'aquelle sagrado tumulo. D'alli me retirei em seguida.

A tarde cahia. Na pequena praça quadrilatera fronteira ao templo, turcos e gregos, armenios, judeus e christãos jerosolimitanos convidavam os peregrinos ao negocio de cruzes, terços, *icones*, retratos do Czar, armas antigas, *bijouteries* de nacar, mil variados objectos de piedade christã que tinham em exposição. [1]

---

[1] *João*, XIX, 41, 42. E' ao meio da grande cupula da egreja do *Santo Sepulchro*, que se levanta o edificio que encerra o sagrado *Tumulo* do Salvador. E' ahi que se faz a decima quarta *Estação.*

[2] Esta pequena praça, de 20 metros de comprimento

Elles choram, beijam-nos as mãos, fazem-nos *salamaleques*, supplicam-nos de mãos postas que lhes compremos algum objecto que nos affirmam ser baratissimo e pelo qual pedem dez vezes mais do que o seu valor! Se compraes n'outra tenda é com o maior desplante que elles vos apontam para o objecto que estaes comprando, dizendo-o sem valor algum! E isto na propria presença do outro vendedor!

Eu não me demorei. Estava determinado que n'aquella tarde iria assistir, ainda, na companhia do erudito e respeitavel ***Fr. Lievin de Hamme***, o grande amigo e guia de todos os peregrinos do Occidente em Jérusalem, ao espectaculo commovedor do *Pranto dos Judeus*, junto á velha muralha, ainda hoje existente, do *Templo* de Salomão.

---

e outros tantos de largo, está cercada de capellas e de conventos, por todos os lados. Entra-se n'ella por duas portas. Os edificios religiosos que a cercam pertencem ás diversas communidades christãs de Jérusalem. Entre os conventos distinguem-se os dois dos gregos scismaticos, intitulados de *Santo Abrahão* e o de *Gethsémani*. A praça é celebre pelo martyrio de muitos Franciscanos, de parte dos *Turcos*. Entre elles destacam-se o irmão Junipero em 1557 e uma Terceira de S. Francisco, Maria ou a Luzitana portugueza, que alli, tendo vindo de Portugal em visita ao santo Tumulo de Christo, foi amarrada em 1575, a uma cruz e em seguida queimada. O logar do martyrio d'esta santa é marcado alli pela impressão de dois pés humanos n'uma das grandes lages que ladrilham o pavimento da praça.

Para conhecer-se a serie de peregrinos portuguezes illustres que nos seculos passados fizeram a peregrinação da Terra Santa, reis, infantes, infantas, princezas, leigos, padres, eremitas, religiosos, póde consultar-se a obra de titulo ***Viagem e Peregrinação devota aos Santos Logares de Jérusalem***, por Fr. Antonio do Sacramento. Lisboa, 1748. Na officina de Manoel Manescal da Costa. Tambem trata amplamente do assumpto a ***Monarchia Luzitana*** de Fr. Bernardo de Brito.

*
* *

Atravessando o bairro musulmano, passámos atravez dos bazares turcos, tão repugnantes e repulsivos, e, depois de havermos descido os mil meandros dos becos d'aquelle bairro, chegámos ao local onde, todas as sextas-feiras do anno, com excepção da que antecede a festa hebréa dos *Tabernaculos*, se assiste a uma das scenas mais originaes que pódem presencear-se em Jérusalem. [1]

A'quella hora, já a grande turba dos hebreus da cidade se ajuntava alli. Que faziam elles? Todas aquellas creanças, aquellas mulheres de rosto sombrio e taciturno, aquelles homens de longas barbas, meditando o livro sagrado da religião mosaica, o *Talmud*, que faziam elles alli, accesa uma pequena vela por entre as abertas da parede, chorando e lendo entre soluços mal comprimidos, pendida a fronte por sobre as pedras santas que beijavam espaçadamente, banhados nas proprias lagrimas, balançando-se rythmicamente, segundo o uso da oração oriental, para traz e para deante, como se estivessem embriagados de dôr... que faziam elles alli, n'aquelle estreito beco, a céo aberto, em frente a uma muralha marmore, da era salomonica, [2] dizem?

Que faziam elles alli? Eu estava surpreso.

Por entre elles passavam grupos de estrangeiros curiosos; algumas creanças musulmanas

---

[1] Este trajecto, por causa da confusão das ruas da cidade, difficilmente poderá fazer-se sem um *guia*.

[2] Esta muralha é formada pelas construcções do lado oriental do terraço do *Haram*. A praça do *Pranto dos Judeus* é ladrilhada de grandes pedras e poderá ter, talvez, 30 metros de extensão e talvez 4 a 5, apenas, de largo.

do bairro brincavam alli, correndo, puxando-lhes muitas vezes pelas extremidades dos longos mantos de velludo que os cobriam, agachando-se e miando como gatos entre as suas pernas, sem que elles manifestassem signaes alguns de descontentamento!

Nada os perturbava; apenas de quando em quando elles volviam para nós as suas cabeças, cujas caras nos faziam pessima impressão pela fealdade dos seus longos narizes aduncos e dos seus maus olhos!

Todos aquelles homens e mulheres soluçantes, chegados alli de todas as partes da terra, da Allemanha, de Marrocos e da Argelia, das provincias russas e polacas, indifferentes, agora, a tudo quanto em sua roda se passava, que faziam alli?

Choravam as desditas da sua raça, a destruição do seu Templo e o aniquilamento da sua patria!

Elles psalmodeavam, em voz dolente, os sublimes versiculos do propheta da dôr, quando prorompia: «Lembra-te de nós, ó Jehovah! [1] Volta-te para nós, e nós retornaremos a ti! Renova os nossos dias, como outr'ora! Se tu nos regeitastes para sempre, se a tua colera se inflammou violenta contra nós, torna a lembrar-te de nós, ó Jehovah! que nós retornaremos a ti»!

Enchia a praça um ruido confuso de hymnos, de psalmos, de gemidos, de suspiros, d'imprecações, de orações; era toda uma melodia triste e lugubre, singularmente distincta pelos suspiros modulados das mulheres, beijando as pedras do pavimento, acariciando-as, banhando-as de lagrimas! E' o Psalmo [2] *Deus venerunt gentes in hæreditatem tuam*, o thema habitual das suas lamentações hebdomadarias. A intervallos a voz

[1] *Jerem. Lament.* V. v. 21, 22, 23. *Isaias,* LXIV, 9, 11.
[2] *Psalm.*, LXXVIII.

grave d'um rabbino alterna com a do povo esta lithania lugubre:

— Por causa do Templo destruido!

— Nós choramos solitarios!

— Por causa da nossa grandeza que passou!

— Nós choramos solitarios...

— Meu bom amigo — disse eu, olhando o respeitavel *Fr. Lievin* — vamo'-nos d'aqui, que assaz tenho já o espirito oppresso com as impressões d'esta tarde.

E fomo'-nos.

*

* *

Iamo'-nos, agora, em visita á *Synagoga* judaica. E' esta um edificio ou antes uma grande sala circular, com galerias superiores, abobadada, de ornamentações em oiro, com transcripções de textos biblicos pelas paredes. Ao fundo, arde o lampadario de sete bicos e um véo, symbolisando o do Templo, occulta o sanctuario onde se guardam os livros da Lei.

Jehovah, [1] o nome formidavel, que jámais alguem ousa pronunciar a dentro da *Synagoga*, a não ser solettrando, rebrilha em cima, n'uma placa d'oiro, gravado em caracteres hebraicos. Ao centro da sala, ergue-se o estrado do *Gran Rabbino*, o *Mestre da Lei*, o *Doutor em Israël!*

A *Synagoga* estava em plena enchente. Os homens vestidos todos uniformemente de branco, embrulhados em um amplo manto de lã, alternam o seu canto com o de tres velhos de longas barbas brancas que presidem á assembleia, curvados sobre veneraveis pergaminhos desenrolados

[1] *Jahveh,* no Talmud.

deante d'elles. Ao pescoço e dos braços pendem-lhes fitas, que outr'ora tambem usavam os padres da Antiga Lei, como lêmos na *Bíblia* [1] e que não são senão os *phylacteria* de que falla Nosso Senhor. [2]

Os chapéos na cabeça são, a dentro d'aquelle recinto, o symbolo do respeito! As mulheres occupavam as tribunas.

Tal qual como na mesquita *de Omar*. Sómente alli ha mister, para entrar-se, envolver os pés em pequenas saccas!

Estavam então na *Synagoga* grande numero de hebreus. Sentados em bancos, liam todos em voz alta, á desgarrada e sem ordem, o *Talmud*.

Um sol de oiro coava-se n'essa tarde em ondas de luz atravez das altas janellas que illuminam a rotunda da *Synagoga*. Foi tudo quanto vi.

Umas creancinhas a quem eu perguntara o que liam, entretiveram-se commigo alguns minutos, ensinando-me o hebreu!

Quizeram que eu lhes lêsse tambem, na lingua portugueza, algumas linhas d'um livro que tinha commigo.

Fiz-lhes a vontade. Disseram-me que gostavam muito da minha lingua.

— E eu, tambem, gosto muito da lingua hebréa, meus amaveis meninos — lhes respondi.

Tudo isto era dito em arabe e francez, servindo de interprete *Fr. Lievin*.

Quando sahiamos da *Synagoga*, [3] já o sol se

---

[1] *Deuteron*, VI, v. 8.

[2] *Math.*, XXIII, v. 5.

[3] Ha em Jérusalem varias outras synagogas. Eu apenas visitei esta a que alludo e que é de todas a mais importante. Os Judeus permittem alli de boa vontade a entrada aos Christãos, sendo até mesmo amaveis para com elles. Sómente é indispensavel alli manter o maior respeito pelo logar.

atufava nos horizontes longinquos, doirando de colorações sanguineas e matizando de fulvos tons de oiro a lombada da montanha das *Oliveiras*, quasi na nossa frente e os picos denticulados e abruptos das montanhas do paiz de Moab, envoltos em perpetua bruma, ferindo o céo, semelhantes a espectros, lá da parte oriental do Mar Morto, com os seus ponteagudos remates!

Nós viemos directamente d'alli para o Hospicio Franciscano, ao qual chamam em Jérusalem *Casa Nova.*

A noite cahia já, envolvendo a natureza nas suas trevas. Na penumbra esfumaçada do crepusculo pairavam as imagens das coisas n'um retrahimento pavido. Pela curva do céo, azul e infinita, accendiam-se a todo o instante as mil alampadas do firmamento, dando-lhe o aspecto d'um mozaico d'esmeraldas.

A *Casa Nova* termina-se em um terraço, á moda de todas as construcções orientaes. Eu e *Fr. Lievin* subimos lá, após o jantar. A noite, calma, tibia, voluptuosa, estava d'uma serenidade absoluta.

O céo, resplandecente todo da flava luz dos astros, d'uma perfeita limpidez, vasto e infinito, rebrilhava, banhado em cheio pela claridade vivida e hilariante das estrellas, diluidas em espargimentos doirados!

Estas refulgiam aqui e além, como pontos de luz incerta, como reflexos fugazes da retina dos anjos, que olhavam um instante para a terra e se voltavam outra vez para os céos!

A cidade dormia já em repoiso completo.

Nós haviamo'-nos sentado, reflexivos, fitando o vago, a amplitude insondavel do espaço, olhando e vendo as coisas que agora, na dormente serenidade da noite, se destacavam á nossa vista apenas esfumadas e debuxadas na indecisão da penumbra, pela omnipotencia dos clarões cendrados da lua cheia, que, áquella hora, emergia, como um grande sol de prata, por entre as do-

bras de setim do firmamento, subindo magestosamente para o zenith, ora rubra, como as paixões, ora branca, como uma bella camellia setinosa!

Era uma luz magoadora, recordante, cheia de meios tons de saudade, a mesma luz das noites da minha patria, derramando-se calma e dôce, pallida e romantica, marmorea, serena e fria, pela atmosphera envolvente!

Aos nossos pés estava Jérusalem, a cidade phantastica, a cidade santa e mysteriosa, agora envolta no manto escuro das suas desillusões, a cidade ideal que, hoje, não tem outros planos e outras esperanças que não sejam as de alémtumulo!

Fr. Lievin permanecia em silencio, fixando em mim os seus grandes olhos, absorventes de luz. A grinalda de cãs que lhe envolvia a bella, ampla e brunida fronte, como se fôra uma bruma de velhice, cahindo-lhe em espiras de neve, em farripas, descompostamente e ao estricote por sobre as orelhas e as rugas da senectude que lhe transpareciam no rosto, profundamente delineadas, avincando as harmoniosas linhas curvas da sua apagada belleza varonil, eram signal de que aquelle bondosissimo e santo homem havia passado já para além dos estadios da vida, onde, quasi sempre, ella se limita apenas ao derramamento das lagrimas do coração desfeito por todas as desillusões da existencia!

Ah! como a velhice é triste! Triste não.

Deus nos ha dado a corôa das cãs, como ultimo avatar da vida, desfeita e despedaçada pelas asperezas do caminho andado, para que, á claridade d'ella, nós possâmos recordar-nos de todas as acções boas, de todas as ideias generosas, de todos os conselhos de calma e amôr, largamente distribuidos atravez da nossa sempre adversa, trabalhosa e combatida existencia e que, agora, na noite d'ella, véem alimentar o brilho do nosso ultimo sol! Eu fui quem primeiro fallou.

Disse a *Fr. Lievin*, que me contasse a sua historia, pois que toda a gente tem fatalmente no mundo a sua historia! Não ha uma só creatura que não haja na vida tido mysterios dôces e segredos intimos!

Quem de vós não ha sentido na poetica primavera da sua existencia, todo esse trasvasamento da affeição deliciosa que as mães derramam na pequenina taça côr de perola, que existe no fundo de todos os corações jovens?

Quem, aos vinte annos da sua edade, na epocha da eclosão de todas as esperanças da vida, n'esses dias nunca bastante queridos e nunca assaz chorados em que a nossa alma se corôa de illusões, se não ha embriagado, como a abelha se embriaga no succo branco e dôce dos lyrios, com todos os encantamentos, com todos os lêdos enganos e todos os olorosos perfumes da juventude, que enchem de graças e de sorrisos a urna dos nossos corações? Depois vem a transformação lenta de todas as alegrias que fenecem quando a mocidade acaba e o realismo da existencia apparece na experiencia das agruras que ella tem e no repungir amargo das lagrimas que ella distilla.

Mas que fazer? Entoae vós, ó santas almas felizes, vós que, celebrada a festa virginal da existencia, vos partis da terra, levadas na onda azul da graça baptismal para os páramos do céo, entoae vós o hymno festivo da vida!

Fr. Lievin disse-me que havia trinta annos vivia na *Palestina;* que era belga; que muito novo ainda, entrara no *Noviciado* da Religião franciscana e que, desde o dia em que fizera os votos religiosos, se despedira para sempre do mundo, sem jámais haver aspirado as fragrancias da vida.

Perguntei-lhe se elle tinha relações da sua familia. Disse-me que desde a sua partida para a *Terra Santa*, nunca mais tivera noticias d'ella!
—«E no emtanto, acrescentou elle, são essas,

ainda, as unicas recordações que me pungem! Ainda desejava saber se ao menos vivem meus irmãos.»

Frisei-lhe eu que elle poderia bem, por meio da correspondencia epistolar, entreter e reaccender, ainda, em seu coração o fogo sagrado do amor da familia.

Respondeu-me que, já agora, na penumbra do sarcophago, á volta dos seus sessenta e tantos, quando as primeiras e fugitivas paresias da velhice, fulgurações dolorosas, contracturas e espasmos lhe vinham já bruscamente pelos membros como signaes prenunciadores e minacissimos da tenebrosa noite do sepulchro, da quietude irrevogavel da morte, preferia morrer esquecido do mundo e dos homens, de todos e de tudo, da familia querida e da patria amada, cheio o seu coração de anhelos infinitos por uma outra vida melhor, na esperança de que a infinita clemencia de Deus illuminaria de resplendores o dia infinito da sua eternidade!

Toda a grande consolação da sua existencia era a certeza de que morreria na *Terra do Senhor* e seria sepultado muito perto do Tumulo do *amado Christo*, a quem sacrificara todas as risonhas esperanças da sua vida em flôr, concluiu elle!

Estas palavras, expressas n'uma entonação musical, ardente e apaixonada, vibrando a luz, a verdade, o echo dos santos da Thebaida, commoveram-me fundamente.

Disse-lhe eu que brevemente regressaria á Europa e que, como eram intenções minhas desembarcar em Napoles no intuito de subir a Italia e na França ir de visita a *Lourdes*, a *cidade espiritual*, de onde depois tencionava passar ao norte do mesmo paiz, muito facil me era e de summo gosto para mim, entrar na Belgica, onde procuraria colhêr informações dos seus, participando-lh'as, seguidamente, minuciosas e completas, para Jérusalem.

Disse-me que não queria. Agradeceu-me commovido mas, rematou, o sacrificio que eu faria não vinha já a edolçurar o seu espirito conturbado pela magua saudosa, talvez servisse antes só para novos resangramentos do seu coração! Emmudeci.

Por largo tempo permanecemos alli, mudos e silenciosos, *vis-a-vis* um do outro. Eu não ousava perturbar indiscreto a serena e limpida doçura das suas reflexões intimas.

A noite ia já adeantada. A restea do luar illuminava o terraço com uma luz baça. A triste Jérusalem estava em baixo, tortuosa e escura, varrida pela tormenta furiosa da sua vida já vivida!

Apenas a collina do Calvario se destacava nas sombras da noite, sob a luminosa, ondeante e irisada scintillação das estrellas, avultada pelo zimborio bysantino da egreja do *Santo Sepulchro*, mergulhado no azul alvacento do crepusculo, na limpidez etheral do espaço. A alma oppressa de angustia, consolava-se, olhando para alli. E esta era a unica das consolações que de lá poderiam gosar-se.

A cidade, solitaria e triste, extinctos no silencio da noite todos os seus ruidos, coava ao coração panico arripiante!

Ah! Mas aquella claridade misericordiosa, cahida do alto da sagrada collina do Calvario, aquelle aroma evolado da montanha augusta do sacrificio do Senhor, era o unico consolo que á alma dolorida enviava do céo, n'aquelle momento, aquelle mesmo Deus de ternura e de amor, que um dia, coroado de espinhos, fez d'aquella cidade o altar expiatorio dos nossos peccados, immolando-se alli, sobre aquelle pequenino cómoro de terra, pela salvação humana, sacrificado pela raiva e pelo odio dos satellites, cujos passos pesados e gritaria furiosa me parecia ouvir ainda, como echo longinquo de alcatéa de lobos cervaes esfomeados!

JÉRUSALEM

VI

A TORRENTE DO CÉDRON — O VALLE DE JOSAPHAT — O SAGRADO HORTO DE GETHSÉMANI — A SAGRADA GRUTA DO CALIX DA AMARGURA — A ESCARPA DO OLIVETE.

> *Et veniunt in villam quæ dicitur, Gethsémani, et ait Discipulis suis: Sedete hic, donec orem.*
>
> *Então foi Jesus com elles a uma granja, chamada Gethsémani e disse a seus Discipulos: Assentae-vos aqui, emquanto eu vou acolá e faço oração.*
>
> MATH., XXVI, v. 36.

— Esta tarde, quando o sol declinar, iremos ao jardim das Oliveiras [1] prelibar os gosos da bem-aventurança, verter algumas lagrimas de joelhos por sobre a terra sagrada da Gruta da Amargura — sabe, estimado *Fr. Paulo?*

— Hoje iremos, porque ámanhã partem alguns peregrinos para *S. João da Montanha*, a patria do venerando Zacharias e do admiravel Precursor, e vós os acompanhareis.

Este dialogo travado entre mim e *Fr. Paulo*, ouvil-o-hia quem, a vinte e tres de Março do

---

[1] O jardim das Oliveiras abre-se todos os dias logo de manhã e só fecha trinta minutos antes do pôr do sol. Aos domingos e dias santificados fecha ás nove da manhã.

anno de 1897, se encontrasse sentado á mesa, por horas d'almoço, no amplo refeitorio da *Casa Nova*, hospicio em Jérusalem para todos os peregrinos do Occidente, de passagem na cidade dos Prophetas.

Fr. Paulo é um religioso franciscano, amavel, de venerando aspecto, maneiras affaveis e trato polido, sympathico e agradabilissimo, fallando correctamente a lingua franceza e que tem por mister ser guia, explicador e amigo de todos os peregrinos, hospedes da *Casa Nova.* Eu devo-lhe muitos e relevantes obsequios. A elle [1] e a ***Fr. Lievin de Hamme.*** [2]

Este, que me acompanhou a Bethléem e ao Mar Morto, é o *cicerone* illustre, o viajante infatigavel que tem interrogado todas as pedras e todos os palmos de terra da mirrada e triste Pa-

---

[1] Ainda viverá, ou terá adormecido já no somno do qual ninguem mais torna a accordar? Ao tempo em que eu estive em Jérusalem, uma terrivel hypertrophia do coração minava-lhe dolorosamente a existencia. Cachetico e alcachinado, a emaciação da doença cobria-lhe já d'um livôr esverdinhado a pelle flacida e pergaminhada do rosto, esmaecida em tons de cêra molle, d'uma doçura doentia.

Na minha segunda visita á Palestina perguntei por elle e disseram-me que estava em Tyro, no convento da Ordem.

[2] ***Fr. Lievin de Hamme*** é o auctor d'um dos ***Guias*** mais completos e bem feitos de toda a Palestina e Syria. Intitula-se o seu magnifico livro: ***Guide Indicateur des Santuaires et Lieux historiques de la Terre Sainte. Jérusalem. Imprimerie des P. P. Franciscains. 1897.*** Trez vol. Eu aconselho aos peregrinos na Palestina este ***Guia,*** que me parece o melhor de todos quantos existem publicados. Dá as mais completas e minuciosas informações. A documentação é rigorosa. Vende-se em Pariz, ***rue Jacob, 27. Augustin Challamel, Editeur,*** e custa 12 franc. broch. A ultima edição, de 1897, encerra um plano de Jérusalem e arredores, uma carta geographica da Palestina, varias photographias palestinianas, ***etc.***

lestina, o *drogman* obsequioso e bizarro, prestantissimo e validissimo, dos peregrinos, hospedes dos Franciscanos.

De largos e profundos conhecimentos historicos e archeologicos, espirito sasonado, enriquecido d'uma selecta cultura artistica, conhecendo razoavelmente o arabe, bom litterato, erudito exegeta, fluente orador, manifestando mesmo uma certa preoccupação na *tournure* da phrase que lhe cae dos labios sempre diserta e culta, fina e apuradissima, matizada e esmaltada de euphemismos e de metaphoras rutilantes, homem de caracter nobre e immaculado, de fronte larga e erecta, alvejante de cãs — as perfumadas açucenas do cemiterio — longas barbas da côr do marfim antigo, olhar profundo e sereno, d'uma luminosidade intensa, feições sobrias e calmas, physionomia nervosa, intensa, expressiva, embellezada por uma certa particular e piedosa expressão beatifica que singulariza as almas privilegiadas, *Fr. Lievin* conquistou na Terra Santa as minhas mais vivas e effusivas sympathias e tornou-se crédor para commigo da mais perduravel e inapagavel gratidão.

Religioso modelar, fundamentalmente bom, inaccessivel aos fumos e estonteamentos da vaidade, alliançando a uma erudição larga, vária e brilhante uma virtude solida, operosa e ardente, sempre em minha companhia, quer fôsse na igreja do Santo Sepulchro, em Jérusalem, ou no Santo Cenaculo, — em Bethléem, na Créche, ou na Gruta dos Pastores, a meio do campo de Booz, — no Mar Morto, emfim, em face das aguas silenciosas, sempre, sempre este santo homem era o primeiro a ajoelhar no frio chão, para que ambos lucrassemos as Indulgencias annexas a todos aquelles Santos Logares! [1]

---

[1] Na minha segunda viagem á Palestina já não encontrei o venerando padre. Tinha morrido e jazia adorme-

Ah! o sympathico velho a quem o volver dos annos não tem podido embranquecer os cabellos, vincar a fronte de rugas, abater-lhe o arcabouço sadio e forte, o espirito arrojado e vivaz!

Ainda hei-de alludir novamente a este celso e bondosissimo varão, a certa altura d'estas minhas narrativas.

Agora, que já começam de agitar-se, ao sopro brando das brizas da tarde, as folhas verdes das oliveiras do monte Olivete, eu e *Fr. Paulo* vamos sahindo da *Casa Nova*, em direcção ao jardim de *Gethsémani*.

A poucos passos entrámos na rua dos *Christãos*, chamada pelos arabes *Hâret en Nassârah.* [1] Esta rua vae do Santo Sepulchro ao Convento Latino.

Quasi logo chegávamos, tambem, á *Via Dolorosa*, á sagrada rua da *Amargura*, chamada pelos arabes *Hâret-et-Allah.*

Descendo-a sempre, chegámos ao logar do *Spasmo*, d'onde a rua começa de subir, até ao Pretorio.

Logo depois, passando-se junto da *Piscina Probatica*, se chega até junto das muralhas que circumdam a cidade, para se sahir d'ella pela porta da *Virgem*, *vis-á-vis* da montanha das Oliveiras.

Os arabes chamam a esta porta *Bab-Sitti-Mariam.* [2]

---

cido no somno eterno, no monte Sião, no cemiterio catholico.

[1] *Hâret* isto é, *bairro, quarteirão.*

[2] *Bab* significa *porta.* Esta porta de *Bab Sitti-Mariam,* chamada tambem de *S. Estevão,* era conhecida no tempo d'Israël pelo nome de porta dos *Rebanhos.* (II *d'Esdras,* III, v. 1). Foi chamada porta de Santo Estevão pois que durante muito tempo se julgou erradamente que a lapidação do primeiro martyr do Christianismo fôra sobre um rochedo proximo. Reconstruida no reinado de Solimão ella está aberta na muralha que prolonga ao norte a fachada oriental do Templo.

Conhecem-n'a os christãos pelo nome de porta da *Virgem* ou de *Maria*, por ser ella a que conduz ao seu Sepulchro.

Sahidos da cidade por esta porta, eu e *Fr. Paulo*, a poucos passos entrámos logo na chapada do *Moriah*, sobre a qual nós nos ficámos por algum tempo, relanceando a vista por sobre tudo quanto deante de nós se apresentava.

A escarpada montanha, ladeirenta e alcantilada, entremostrava-se a nossos olhos rasgada pelos fundos sulcos das aguas do inverno, que, pouco tempo antes, se haviam esbarrondado torrentuosas por sobre o seu dorso!

Ao fundo, a céo aberto, entrevia-se o leito pedregoso da torrente do *Cédron*, [1] fria, turva e violenta, cortando ao meio o *Valle de Josaphat* e correndo a mergulhar-se no *Mar Morto*, por entre grandes calhaus roliços.

Cheio de recordações tragicas, d'um aspecto desolado e impressivo, a contemplação d'este valle funebre e voraginoso encheu-me de pavor!

Fôra alli que o rei de Sodoma viera felicitar Abrahão, pela victoria por elle alcançada sobre cinco reis. [2]

Fôra alli que receberam adoração e foram queimados os idolos de *Moloch* e *Beelphégor!* [3]

Alli *Josaphat*, o piedoso rei, fizera construir o seu tumulo!

Alli se encontram, ainda hoje, os monumentos funebres das gerações mais remotas até ás mais modernas; alli véem procurar o repoiso eterno judeus chegados de todas as partes do

---

[1] *Cédron* ou *Kédron* significa, segundo S. Jeronymo, *tristeza, dôr*. A torrente apenas rola agua no inverno ou durante alguma tempestade.

[2] *Gen.*, XIV, 17.

[3] *3.º Livr. dos Reis*, XV, v. 13 e *4.º Livr. dos Reis*, XXIII., v. 4 a 6.

mundo; *David* alli compoz os seus mais ternos canticos, *Jeremias* as suas Lamentações mais commoventes, alli, finalmente, em meio d'esse valle cheio de mysterios, d'essa leiva de terra denegrida de sangue putrido, devem comparecer um dia a Juizo, deante do Supremo Juiz inflexivel, todos os homens vivos e mortos, segundo a sentença do propheta *Joël:*

Congregabo omnes gentes et deducam eas in vallem Josaphat et disceptabo cum eis ibi. [1]

Do *Valle de Josaphat*, [2] todo atulhado dos destroços e ruinas das muralhas e do Templo de Salomão, tantas vezes saqueado e outras tantas vezes reparado, fôram-se-me naturalmente os olhos para o fronteiro monte das *Oliveiras*.

D'um aspecto vetusto e sombrio, plantado d'algumas vinhas negras e requeimadas e de raras oliveiras selvagens, este monte infunde n'alma uma vaga e indefinida tristeza!

Pela parte oriental, d'elle separado apenas pela estrada de *Bethania*, segue-se-lhe o monte do *Escandalo* — *mons Offensionis* — assim chamado por causa da idolatria de Salomão, o mais sabio dos reis, que ahi manchara a sua velhice, adorando *Chamos*, o idolo dos *Moabitas!* [3]

---

[1] *Joël.*, III, 2. Os hebraisantes divergem na interpretação d'este texto. A legenda oriental diz que os montes hão de afastar-se alli para que toda a humanidade possa ter logar para o Julgamento!

[2] O valle de *Josaphat* ou *Jehoshaphat* é chamado *ouady-Silouan* e *ouady Sitti-Mariam* pelos arabes. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial. O seu comprimento é de quatro kilometros de extensão, mais ou menos, e a sua largura de duzentos metros. O *Valle* está tapetado de tumulos de musulmanos, do lado da *Cidade Santa*, e de tumulos de judeus, do lado do monte das *Oliveiras*. Uns e outros, judeus e musulmanos, ahi vêm marcar com um signal cabalistico a pedra que lhes servirá d'assento no dia do Juizo!

[3] *3.º Livr. dos Reis*, XI. v. 7.

Coberto com as pedras do cemiterio dos Judeus, que, semelhantes a um montão de destroços, se elevam desde o burgo arabe de *Siloë*, este monte destruido, escalvado, solitario e triste, retinto d'uma côr avermelhada e lugubre, tem um que quer que seja que nos amargura de contemplal-o!

Não se aspira alli nem o perfume d'uma flôr, nem se gosa a grata sombra d'um arbusto; apenas alguns chorões melancolicos, symbolos da dôr, da desolação, da morte e do luto, regados pelas lagrimas dos antigos prophetas, dobram funebremente os seus ramos por sobre as pedras frias d'aquelles tumulos!

O jardim das *Oliveiras* apparecia-nos, agora, á vista, ladeado pela alta fila dos seus esguios e afusados cyprestes solitarios, mergulhados no azul alvacento do céo, como grandes perfis espectraes!

Atravessando a torrente do *Cédron* por sobre a ponte de pedra d'um só arco que alli existe, eu e *Fr. Paulo* entrámos no jardim, atravez da porta de ferro muito baixa que lhe dá ingresso.

São os Padres Latinos quem, desde o anno de 1681, possuem e guardam este horto sagrado, o mais santo que existe na terra.

Fr. Paulo apontou-me as oito piedosas oliveiras [1] que, aliás, eu já tinha notado a dentro do jardim, como sendo as mesmas, ou pelo menos

---

[1] Fr. Antonio del Castillo, auctor do livro *Devoto Peregrino e Viagem da Terra Santa,* publicado em 1664, ainda viu nove oliveiras no *Gethsémani* que, a esse tempo, era ainda uma propriedade particular turca.

Fr. João de Jesus Christo, no seu livro *Viagem d'um Peregrino a Jérusalem,* diz-nos que a nona oliveira de *Gethsémani* fôra queimada em 1713 por um turco, mas que elle dentro de 8 dias morrera com toda a sua familia, caso que foi considerado como um castigo do céo pelos proprios turcos.

filhas das mesmas, sob as quaes Jesus muitas vezes orara e muitas vezes se assentara! Nodosas, arripiadas de exostoses, quebradas de velhice, prateadas pelos lichens e douradas pelos musgos, estas venerandas oliveiras inspiram admiração e respeito!

Pelo seu aspecto decrepito, eu não tive duvida em crêl-as como primitivas! Como, porém, a oliveira se póde dizer immortal, como reflecte *Chateaubriand*, pois que renasce das suas proprias raizes, se não são as actuaes as mesmas a cuja sombra se assentara muitas vezes com os seus discipulos o Redemptor, com o fim de orar e meditar, [1] são, incontestavelmente, rebentos d'ellas!

E', todavia, certo que as actuaes existiam já no tempo do *Baixo Imperio*, pois que, na epocha em que os turcos invadiram a Asia, havendo elles tributado todas as oliveiras que, ao por deante, alli se plantassem, não ha memoria de

[1] E' certo que Flavio Josepho affirma ter Tito mandado derrubar todas as arvores existentes nos arredores de Jérusalem para fazer d'ellas cruzes ás quaes foram amarrados milhares e milhares de judeus fugidos da cidade durante o cerco, no anno 70 da nossa era. Por esta razão muitos negam serem as actuaes oliveiras de *Gethsémani*, as mesmas do tempo de Jesus. Note-se ainda, que Schubert, protestante e botanico distincto, que em 1837 visitou a Terra Santa, longe de contestar, inclina-se á opinião de que as oito oliveiras que então existiam em *Gethsémani* são as mesmas do tempo de Jesus Christo. Os Franciscanos tem-nas cercado de terra até mais d'um metro d'altura; as cavidades que o tempo tem aberto nos seus flancos estão cheias de pedras e de terra para evitar os estragos dos ventos. As oliveiras de *Gethsémani* apresentam ainda uma bella vegetação e produzem annualmente uma regular colheita d'azeitonas, que se aproveitam — o fructo para azeite e o caroço para a confecção de rosarios que se offerecem aos peregrinos distinctos.

que as oito oliveiras do jardim de *Gethsémani* pagassem jámais algum tributo.

O jardim de *Gethsémani* [1] está cultivado, hoje, de taboleiros e arrelvados de mimosas flôres, ressumando todas essa encantadora e boa frescura, essa dôce e suavissima fragrancia que emerge da victoria e do triumpho da luz! [2]

Orlam os canteiros renques d'amores perfeitos variegados, moitas de margaridas pintalgadas. As murtas, tão propicias para o recato e mysterio dos jardins, enlaçam e abraçam o horto, n'uma graciosa e artistica moldura. A athmosphera rescende alli saturada do aroma forte das corollas, com a frescura viva das folhagens, florindo e reverdecendo ao bom sol creador.

Ao lado, n'uma estufa onde viçam debeis e peregrinas plantas exoticas, cava-se funda uma cisterna, cujas aguas frias trescalam á terra, relvosa e humida, a seiva fecunda da vida em que se abeberam soffregas as raizes boas dos arbustos em flôr!

Fr. Paulo, entrando no jardim, ennastrou um gracioso *bouquet* de gentis flôres, que em seguida me offereceu! Depois, a meu pedido, cortou, tambem, alguns raminhos das oliveiras circumjacentes.

---

[1] A palavra *Gethsémani* quer dizer *lagar de azeite*. Talvez porque alli se espremiam as azeitonas das oliveiras da montanha adjacente. Os indigenas dão, hoje, a este jardim o nome de *Boustan ez-Zeitoun*.

[2] As oliveiras e os taboleiros de flôres estão, ainda, a dentro do jardim, resguardados por um gradil que se não póde transpôr sem licença da Custodia da Terra Santa. Está sempre alli de guarda um Religioso franciscano. Na minha segunda visita á Palestina, em 1902, estive alli n'uma fraternisação intima com o Religioso que estava de guarda ao jardim e, como era em Setembro, n'uma tarde de calor ardentissimo, eu e elle, regamos os canteiros das flôres, despejando na terra requeimada grandes regadores d'agua que enchiamos na profunda cisterna cavada ao centro do jardim.

Flôres e raminhos eu beijei n'uma ancia, n'um desbordamento de fé!

A todos e a todas trouxe cuidadosamente acondicionadas para a minha patria, da qual, mesmo alli, eu soffria o tormento acre-dôce da saudade!

Mas ah! não seria isto um peccado?

Ter saudades do mundo no jardim das lagrimas, no horto das amarguras do Senhor angustiado!

Se alli fôsse licito soffrer, ah! então alli só deveria existir no coração humano, na desterrada alma humana, um sentimento de pesar, o sentimento mésto, penetrante e incoercivel da saudade, da nostalgia do céo!

Quem hoje me visita, vê estas flôres e estes raminhos de oliveira a que alludo, ornamentando, a dentro de ricas molduras, as paredes da sala principal da minha casa, na humilde aldeia em que vivo, na terra abençoada e amada, onde os meus olhos se abriram aos alvores da primeira luz, se firmaram debeis e tremulos os meus primeiros passos e onde ecoaram flebeis os meus primeiros gemidos, terra de paz e de sonho, de ventura e de poesia, sita junto das aguas remançosas do Tamega, em meio de paizagens idyllicas, á vista de montanhas esculpturaes, na contemplação perpetua e absorvente d'uma natureza bucolica e inspirativa!

Eu e *Fr. Paulo* estivemos vendo, ainda, em recolhida meditação, os sagrados *Passos* da Paixão do Senhor, representados em pequeninas e artisticas capellinhas, dadivas de Isabel II de Hespanha, que circuitam o jardim. [1]

---

[1] Sahindo-se do jardim pela porta baixa que lhe dá ingresso, vê-se, ao lado direito, a dez ou doze passos do *Rochedo* dos Apostolos, uma columna engastada na parede fronteira que marca o sagrado *Logar* da traição in-

Deveriam ser, então, approximadamente, cinco horas da tarde. Fluiam no ar, em fumos, as nevoas ralas e transparentes.

Os tenros renóvos dos arbustos florescentes e as tenues hastes das oliveiras verdes, borbulhadas dos nodosos e vetustos troncos, farfalhavam, beijadas pelas cariciantes brizas da tarde!

Em roda aspiravam-se os perfumes suaves, as emanações fortes, sensuaes e embriagadoras das essencias evoladas dos thuribulos das rosas! Os calices purissimos das tulipas e as urnas de oiro dos jasmins e dos heliotropios, repontando na lisura dos canteiros grammados, enchiam o ambiente de suaves odôres.

Derramavam-se pela atmosphera effluvios dormentes e capitosos exhalados das raizes e das seivas novas! Mil insectos multicôres sussurravam, esvoaçavam e zumbiam na atmosphera envolvente!

Coleopteros de elytros vermelhos ruflavam no ar as suas azas coloridas, pontilhadas a negro e esmaltadas como joias raras, sugando os pistillos das rosas, exhaurindo a seiva fresca e dôce do ventre tumido das folhas, refestelando-se no manjar delicioso occulto a dentro da copa perfumada dos lyrios avelludados e das papoilas rubras engastadas ao meio das moitas doiradas dos estames!

Uma legião enamorada de insectos agitava-se, como se tivesse alli o seu mundo, por entre as folhagens tremulas, em vôos curtos, sacudidos, frementes. Os gommos, as frondes e os brotos novos rebentavam já pujantes, lustrosos, fortes, sadios e vivazes, n'uma extranha energia. As glycinias teciam grinaldas em torno de todos os

---

fame de Judas, vendendo com um beijo, a horas insidiosas da noite, o seu divino Mestre á turba dos sicarios do Sanhedrio. *(Math.,* XXVI, v. 49). Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria.

arbustos e festoneavam de folhas luzentes as paredes do jardim! Os grandes cachos das suas flôres, ostentando tons vivos de frescura, emergiam por entre as heras e as trepadeiras, pendendo amorosamente, pudicamente, revirando os seus calices mimosos e derramando por sobre as folhas e por sobre as hastes dos arbustos ondas de pollen, de pulverulencia fecundante! Toda a natureza, cheia de amavios embriagadores, gemia alli suavemente nos murmurios das ramarias e das verduras!

Tarde de poesia e de inspiração, tarde bucolica, pantheista, religiosa, eu jámais te olvidarei nas mais gratas recordações da minha alma!

O sol, d'uma reverberação aurea, cahia gloriosamente, áquella hora, do céo alto, profundo, infinito, em ondulações luminosas, em espargimentos de saphira, por sobre os sepulchros melancolicos da montanha das *Oliveiras!*

A atmosphera, d'uma rarefacção absoluta, vibrava, ondulante de luz crepuscular.

Na nossa frente, as velhas muralhas de *Saladino*, dentadas de ameias e fortificadas de torres, interceptavam a vista da cidade, perturbada, agora, em seu sepulchral silencio apenas pela voz sonora e cadenciada dos *muezzins* [1] musulmanos, entoando do alto dos minaretes as sagradas orações do *Korão*, á hora liturgica do pôr do sol!

Eu e *Fr. Paulo* sahimos do jardim.

Estava perto o sagrado *Sepulchro da Virgem*. Adjuncta, visita-se a *Gruta do Calice da Amar-*

[1] O *muezzin* tem por obrigação annunciar em alta voz, do varandim dos minaretes, a hora da oração. Elle canta a cada uma das cinco orações quotidianas; á aurora, ao meio dia, ás trez horas, ao crepusculo e á meia noite. Elles cantam voltados para a Mecca, os olhos fechados, abertas e elevadas as duas mãos, n'uma attitude solemne, hieratica.

gura, esse sagrado recinto onde o joven Salvador atribulado, na clarividencia da sua proxima Paixão dolorosissima, [1] suou sangue da sua fronte divina, açoitada, áquella hora, pelo raio das tempestades do pensamento!

Depois d'estas visitas, ainda nós tencionavamos subir a escarpa do *Olivete*, até ao *Logar* do *Dominus flevit.*

Até ahi fomos.

A ascensão do *Olivete* ficaria para outro dia.

A excursão d'aquella tarde finalizou-se a meio da montanha, junto ao rochedo da *Predicção*, no *Logar*, onde, segundo é tradição, se sentara Jesus, chorando a sorte futura da malaventurada Jérusalem! [2]

---

[1] Esta sagrada *Gruta* que assistiu á *Agonia* dolorosa do Salvador (*Luc.*, XXVII, v. 41 e seg.) existe ainda, integra, em seu estado natural, fórma irregular, adornada com tres altares, recebendo a luz por uma abertura rasgada na abobada. Os Franciscanos que a possuem desde 1802, celebram lá *Missa* diariamente. Os primeiros christãos construiram já uma igreja por sobre o emprazamento da sagrada *Gruta*. (*Quaresmius* t. 2., pag. 161). No tempo de S. Jeronymo existia ainda ahi uma igreja sob a invocação de *S. Salvador*. (*Hier. Onom. art. Geth.*)

Destruida por Kosroës, ella foi novamente restaurada, pois que S. Willibaldo a menciona já em 723. No tempo dos Cruzados ella foi novamente destruida e reconstruida, segundo o testemunho do higoméno Daniel e de João de Würtzbourg. O *Logar* sagrado onde precisamente o Salvador soffreu a dolorosissima Agonia está debaixo do altar mór da *Gruta*. Ardem em frente, ininterruptamente, algumas alampadas. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria.

Uma placa de marmore alli collocada diz: *Hic factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis*, e um rico baixo relevo representa o Senhor agonisante e o Anjo que desceu do céo para o consolar. O auctor do livro *Viage de la Tierra Santa*, viu esta sagrada Gruta, em posse dos turcos, convertida n'um curral d'animaes.

[2] *Luc.*, XIX, 41 e seg.

O *Logar* sagrado tem a distinguil-o uma linda capella, pertencente aos Padres latinos. [1]

Adjunctos, alcandoram-se alguns quintaes, pequenos talhões de hortas, cultivados de plantas leguminosas, cruciferas e cucurbitaceas, amarellecidas e rachiticas.

Em baixo vêem-se as altas cupulas e a faustosa estructura d'um templo russo, lembrando um grande pagode hindú. [2]

Eu e *Fr. Paulo* haviamos chegado ao venerando *Logar* do *Dominus flevit.*

Externamente, engastada na parede da capella, lê-se, gravada n'uma placa de marmore, esta legenda: *Locus in quo Dominus videns civitatem flevit super illam.*

Como batessemos á porta e ninguem nol-a abrisse, resolvemos esperar algum tempo. Um arabe moço, que então passava, chamou para dentro, respondendo-lhe de lá uma voz feminina.

O bom rapaz logo acudiu:

— *Ephphatha!* — o que quer dizer: *Abre!*

Senti um dôce encanto na audição d'esta palavra, que está no Evangelho [3] empregada pelo Salvador.

Entrámos quasi logo. A noite cahia, enchendo de sombras os espaços, confundindo ao longe montanhas e horizontes. As ultimas scintillações da tarde diluiam-se já nas cinzas do crepusculo. Os derradeiros raios do sol, desbotados e desmaiados, agora, n'uma côr tenue

---

[1] Ganha-se alli uma Indulgencia parcial.

[2] Os Russos permittem, hoje, a visita d'esta igreja, verdadeiramente surprehendente na flammancia dos seus zymborios doirados. Ella foi construida em 1888 pelo imperador da Russia, em memoria da gran-duqueza Alexandra.

[3] *Marc.*, VII. v. 34.

de lilaz emmurchecido, diffundiam-se pelo céo em tonalidades frouxas, espalhando ainda nimbos de claridade no solo mirrado!

O Moriah projectava-se em largas sombras por sobre o *Valle de Josaphat* e as primeiras estrellas appareciam brilhantes no céo.

A cupula parda da mesquita d'Omar recortava na atmosphera calma a sua molle macissa, o perfil uniforme, sobrio de linhas, opaco, da sua architectura imponente.

Em baixo, na pequena aldeia de *Siloë*, cruzavam-se, áquella hora, as vozes inintelligiveis dos arabes, que regavam as verduras das leivas e os talhões das hortaliças e das alcachofras com a agua vazada da piscina do mesmo nome. [1]

Eu e *Fr. Paulo* determinámo'-nos a reentrar na cidade em busca do repoiso que as impressões do dia de nós exigiam.

Ao chegarmos á *Casa Nova*, *Fr. Paulo* despediu-se de mim para entrar no *Convento de S. Salvador*.

Dia que acabas, solemne dia em que visitei a sagrada *Gruta da Agonia* e o sagrado *Horto de Gethsémani*, tu ficarás para sempre gravado nas minhas saudosas recordações, como uma das mais gratas de todas ellas, colhidas e sentidas na celestial cidade de Jérusalem!

---

[1] Estes terrenos, d'uma extrema fecundidade, substituem, hoje, os antigos *Jardins do Rei*, de que fala *Esdras*, Livro II, III, 15.

VII

JÉRUSALEM INTRA E EXTRA-MUROS

Quomodo sedet sola civitas plena populi! facta est quasi vidua domina gentium; princeps provinciarum facta est sub tributo.

Como assim solitaria está assentada uma cidade cheia de povo, chegou a ser uma como viuva a senhora das gentes; a princeza das provincias ficou sujeita ao tributo.

LAM. DE JEREMIAS I. v. 1.

Em largos traços descreverei, agora, todas as minhas visitas e impressões, colhidas e sentidas em Jérusalem, *intra* e *extra-muros*.

Jérusalem, cuja palavra significa ***morada, visão de paz***, está assente, hoje, por sobre um terreno muito desigual, cercado por tres lados de profundas ravinas, formando uma especie de peninsula, ou de triangulo irregular, apenas ligado á terra pelo Noroeste.

Antigamente, a cidade occupava o emprazamento das collinas, cujos nomes eram: ***Bézétha***, *Moriah*, *Ophel*, [1] *Gareb*, *Acra* e *Sião*. Hoje, d'es-

---

[1] Foi Manassés quem incluiu *Ophel* a dentro do recinto da cidade. (*2.º dos Paral.*, XXXIII, 11). *Ophel* é, verdadeiramente, a Sião primitiva, a historica cidadella da cidade Jebuséa e Davidica, a que alludirei adiante.

tas seis collinas, apenas as de *Gareb*, *Acra* e *Bézétha*, estão cobertas de casas. [1]

O *Moriah* não possue mais do que a mesquita d'*Omar; Ophel*, apenas tem duas casas; o monte *Sião* assiste, hoje, ao cumprimento das prophecias de Jeremias e Michéas: *Sião será arroteada como um campo!* [2]

Bézétha, foi encorporada á cidade por *Herodes Aggrippa.* [3]

Por sobre esta collina, que fórma a parte Nordeste da cidade, vêem-se, actualmente, o *Hospicio Austriaco*, o convento das *Damas de Sião*, a capella do *Ecce-Homo* e o santuario da *Flagellação.*

Além das collinas por sobre as quaes está edificada *Jérusalem*, a cidade apparece, ainda, emmoldurada por tres montanhas exteriores: a das *Oliveiras*, a Leste, o monte *Scopus*, ao Norte, que não é mais do que o prolongamento do monte das *Oliveiras* e o monte do *Mau Conselho*, ao Sul, dominando a garganta profunda da ravina d'*Hinnon*.

A cidade, actualmente, está fechada por um circulo de muralhas solidissimas, dos tempos dos

---

[1] Para obter-se uma ampla descripção da topographia de Jérusalem nos tempos do Senhor, e do Templo póde consultar-se Flavio Josepho: *Guerra dos Judeus, Livr. 5.º, cap. 13* e a magnifica dissertação de M. D'Anville transcripta por Chateaubriand no vol. 3.º do seu *Itinerario de Pariz a Jérusalem.*

[2] *Jerem.*, XXVI. V. 18. *Michéas*, III. 12.

[3] Este *Aggrippa*, neto de Herodes o *Grande*, governava a Judéa no anno 37 da nossa era. Foi elle quem fez encerrar o *Calvario* e o burgo de *Bézétha* a dentro da cidade por meio d'um muro que foi chamado a *terceira muralha.* Foi elle tambem quem permittiu que os Judeus ladrilhassem as ruas da cidade com bellas pedras brancas, que em suas notaveis pesquizas, *M. Bliss* encontrou, ainda, em 1894.

Cruzados, [1] atravez das quaes dão n'ella ingresso oito portas.

Hoje, *Jérusalem* divide-se em quatro bairros, que são: o dos *Christãos — Hâret en-Nassârah*, occupando a parte Noroeste da cidade e encerrando os principaes estabelecimentos christãos, como o *Santo Sepulchro*, o convento de *S. Salvador*, o *Patriarchado Latino*, a *Casa Nova*, o *Patriarchado Grego*, o *Estabelecimento dos Irmãos das Escholas Christãs, etc.*, — o dos *Armenios*, occupando a parte Sudoeste da cidade e abrangendo o monte *Sião*, sobre o qual está edificado o magnifico convento dos *Armenios;* — o dos *Musulmanos*, occupando a parte Nordeste da cidade, onde se encontram a residencia do *Pachá* (governador de *Jérusalem)*, a mesquita d'*Omar*, a igreja de *Santa Anna*, o *Hospicio Austriaco, etc.;* — o dos *Judeus* — o *Ghetto*, — emfim, que occupa a parte Sudueste. E' este, de todos, o mais infecto e lobrego. [2]

Jérusalem póde ter, hoje, 100:000 habitantes, na sua grande maioria judeus.

---

[1] Em 1542 o sultão Suleiman reparou em diversas direcções os muros que fecham Jérusalem. As pedras empregadas n'estas muralhas são, evidentemente, fragmentos, ruinas de antigas construcções, de Herodes talvez, do Templo e das suas substrucções. As muralhas são ameiadas, guarnecidas de torres e atravez de toda a sua extensão segue um passeio d'onde, por vezes, o visitante gosa uma vista bellissima da cidade.

[2] Modernamente as Sociedades inglezas, estabelecidas em Jérusalem para a conversão dos Judeus, têm conseguido melhorar muito a situação dos mesmos. Muitos se têm convertido ao Christianismo e magnificas lições de hygiene tem sido por elles aprendidas e postas em pratica nos seus bairros. E no deposito de Biblias, á estrada de Jaffa, que, n'um gabinete reservado se reunem os Judeus da cidade, os Ashkenazins, principalmente, para o estudo dos Livros Santos. No anno de 1904, 2557 judeus abraçaram o Christianismo em Jérusalem.

Jérusalem, como todas as cidades orientaes, offerece um aspecto interior repugnante. As suas ruas são alfurjas immundas, estreitas, tortuosas, mal empedradas, abobadadas em muitos pontos, á guisa de tunneis!

O ambiente que n'ella se respira, impregnado de cheiros relentados de crassas secreções, é, geralmente, nauseante e infecto por causa dos monturos, dos entulhos e dos cómoros de immundicies que se lançam e amontoam nas ruas. As lojas dos turcos e os bazares dos bufarinheiros syrianos são, em geral, latibulos repugnantes, focos de exhalações mephiticas! A cidade assemelha-se a uma necropole, *maximè* de noite, quando o movimento cessa, as lojas se fecham, as trevas se adensam e pelas ruas desertas apenas se ouvem, de longe a longe, as vozes monotonas dos *muezzins* musulmanos convidando á oração os seus sequazes do alto dos minaretes das mesquitas e apenas se vê, um ou outro cidadão que regressa a sua casa d'uma visita, com um creado na frente conduzindo uma lanterna! Os guardas nocturnos rondam na escuridão e prendem todos quantos forem encontrados sem luz!

Jérusalem, é o Oriente, com o seu céo sempre azul, os seus tons quentes, os seus costumes languidos, os seus typos ardentes e moveis como creanças, graves e sonhadores como velhos, o Oriente com todo o seu feitio archaico, apathico, fatalista, tradicional. Não se ouvem lá os ruidos ordinarios das grandes cidades; não ha ahi commercio, mais do que o indispensavel para as necessidades diarias da sua população e para satisfazer á devoção dos peregrinos; não ha ahi industrias, nem armazens, nem negocios, nem usinas, nem festas mundanas, nem theatros, [1] nem jogos d'especie alguma; não ha

[1] Ainda mesmo nos aureos tempos da sua grandeza Jérusalem abominava o theatro. A fundação d'um thea-

ahi mesmo este movimento banal das multidões errantes e das gentes ociosas das cidades européas. Não se encontra ahi uma unica carruagem sobre uma praça publica, a dentro d'essa cidade de ruas escarpadas, dispostas em escadarias, abobadadas, onde seria impossivel o transito de vehiculos. As casas em Jérusalem, como no Cairo e como em Naplouse, têm apenas um tecto chato, em fórma de terrado. As suas portas baixas, são adréde tornadas impraticaveis aos animaes; o homem não passa ahi senão dobrando as costas, d'uma maneira bem desagradavel.

As janellas são resguardadas por uma grade miuda, desafiando o olhar indiscreto de quem passa e permittindo vêr facilmente para fóra.

Tudo se passa ahi em pleno ar, em plena rua. O oleiro ahi exhibe as suas amphoras, as suas urnas, as suas bilhas, as suas moringas. O barbeiro ahi faz a barba aos seus clientes. O sapateiro ahi entrança os seus pantufos de pelle de porca, de pontas reviradas, e os seus chinelos de bello coiro vermelho. O amolador ambulante ahi passeia a sua roda. O carpinteiro ahi confecciona e trabalha mil objectos d'oliveira, peças de construcção e charruas, no modelo antigo. O confeiteiro e o doceiro ahi lutam continuamente contra nuvens de moscas que devoram os seus pasteis e as suas empadas. O carniceiro degola as rezes em plena rua, ás duzias, para todo um bairro da cidade. Muitas vezes é preciso passar por cima de carnes ainda palpitantes, pisar charcos de sangue, roçar por pelles ainda frescas e fumegantes! Os portadores d'agua, turcos de

---

tro em Jérusalem por Herodes o *Grande*, feriu profundamente a consciencia judaica. *(Josepho. Antig.* xv. 8. 1). Ainda hoje a falta de gosto pelas grandes ficções é um dos traços caracteristicos do espirito semita. Os musulmanos d'hoje, por exemplo, réstam ainda fieis a essa antiga e inveterada antipathia pelo theatro.

perna nua e hirsuta, molham os passeantes, ajoujados debaixo d'um ôdre que elles levam ás costas, um bóde inteiro, habilmente cosido, conservando todas as suas fórmas, com toda a apparencia da vida! O cambista apparece assentado ao canto de todas as ruas, assentado em frente a uma pequena meza onde abundam as moedas e as peças d'oiro. Elle nos dá o seu dinheiro, nós lhe dámos o nosso, não comprehendendo jámais o negocio, na certeza sempre de que fômos roubados!

Pelas esquinas ou por entre a multidão apparece o rapazito engraixador, vestindo miseravel cambaia azul, desabotoada no peito, suspenso dos hombros o estojo, com as alfaias do officio. Mães miseraveis passam, transportando os filhos bifurcados nos hombros. Mulheres arabes, de rosto inteiramente velado, cruzam-se em diversas direcções, encapotadas n'uma mantilha preta, ligada em torno da cintura e repuxada para cima da cabeça, como saia levantada. Eis ahi vem um tropel de camelos, carregados de mercadorias, atravancando a rua estreita! Que fazer! Temos que nos agachar para não sermos desconjunctados com algum embate nas bestas de carga!

E' agora uma recua de jumentos que passam carregados de lenha e agua. Agora não ha outro refugio senão a dentro de cavidades abertas nas paredes para este mesmo fim!

Mas para que os nossos fatos, as nossas faces não sejam raspadas pelas hastes e pelas farpas das lenhas, não cessam aquelles arrieiros, òu almocreves, de berrarem continuamente, com toda a força dos seus pulmões:

Daharak! wushhak! que é o mesmo que dizer: olha a traz! olha adiante! toma sentido! senão queres seres molestado duramente!

E os *flanêurs* apparecem por toda a parte, em frente aos *cafés* e ao longo das ruas, sentados

em cadeiras baixas, ás portas ou ao longo das paredes, acocorados sobre os calcanhares, a face encostada á mão, saboreando o sempiterno *narghileh*, mastigando tamaras ou figos, n'uma atonia abstracta e fatigada, [1], n'um recolhimento beatifico, monasterial, os olhos divagando na amplidão, immersos n'um silencio imperturbavel e profundo que a sabedoria arabe louva e exalta: Quem sabe guardar a sua lingua vive em paz: A bocca é a prisão da lingua: Na bocca fechada não entram as moscas: O silencio vale mais do que valem as flôres da linguagem.. [2] Tal é o interior da cidade!

Jérusalem é habitada por turcos, hebreus, arabes, [3] armenios scismaticos, armenios unidos, sy-

---

[1] Vale mais estar sentado do que em pé; vale mais estar deitado do que sentado; vale mais estar a dormir do que deitado; vale mais estar morto do que a dormir! reza o proverbio arabe.

[2] Proverbios arabes.

[3] E' a raça arabe que, hoje, habita e predomina em Jérusalem e em toda a Palestina. Os Arabes constituem uma raça nobre e viril, de bello rosto, formosas cabeças, d'uma belleza mascula, similhantes aos bustos dos bronzes raros, membros flexiveis, andar ligeiro, espirito brilhante e imaginoso, aptos para a guerra, doidos d'alegria sobre o dorso d'um cavallo, hospitaleiros e avassalladores, oriundos da parte mais luminosa do Oriente, da immensa e resequida Arabia, sedenta entre tres mares, das margens do Euphrates, onde reverdecem as palmeiras, dos desertos da Syria e das margens do Nilo.

Todavia, convem advertir que, rigorosamente falando, apesar de serem chamados *arabes* todos os habitantes da Palestina, na realidade elles são antes *syrianos*. Os *beduinos* do interior, sempre nómadas e errantes, é que são verdadeiramente arabes, os legitimos descendentes d'*Ismaël*.

Sempre hostis ao governo, elles não exercem industria alguma, procurando a subsistencia, apenas, em seus numerosos rebanhos de cavallos, de carneiros e de cabras.

rianos scismaticos, ethiopes separados, cophtas scismaticos, catholicos, gregos unidos, gregos scismaticos e protestantes.

Todas as diversas raças que habitam Jérusalem — que perdeu o seu caracter autochtone logo desde a invasão do povo hebreu sahido do Egypto — se odeiam mutuamente e todas se consideram suspeitas e adversas!

As mulheres, embuçadas em mantos brancos, semelhantes a phantasmas, apparecem raramente fóra, sendo offensa grave olhar para ellas!

As gallinhas e todas as aves domesticas mariscam livremente pelas ruas. Os cães, gosos, magros, tinhosos, pelados, cobertos de sarna, dormem, ás centenas, ás portas dos bazares, restolhando e medrando no cêvo das lamas, dos es-

---

Agrupados em tribus e vivendo sob tendas, elles escolhem para viver logares remotos e incultos, não observando outras leis mais do que as do *Korão* e as tradições mais ou menos antigas e alteradas. Cada tribu tem o seu ***cheïkh*** ou chefe, gosando sobre ella d'uma auctoridade absoluta.

Elles são sobrios, generosos e hospitaleiros. A hospitalidade é sagrada para elles. E' para o beduino um dever proteger o seu hospede tres dias, ainda, depois da sua partida. Cavalleiros excellentes, armados sempre de lanças, de sabres ou de pistolas, elles devastam por vezes os campos, as aldeias e atacam os viajantes. É uma raça nobre, heroica, evocadôra e cheia de suggestão poetica, vivendo do sentimento e do amôr pelas aventuras e pela vida errante. Elles amam o canto, a poesia e a musica.

Os *Syrianos*, que constituem, propriamente falando, a população indigena da Palestina, são gente de physionomia animada e de porte digno e nobre. São, em geral, pacientes e generosos, excepto nas localidades mais frequentadas pelos europeus, aos quaes não vendem nada a não ser por preços exorbitantes.

Os turcos, raça caracteristica pelo seu rosto acobreado, ampla arca e masculo vigor, são pouco numerosos na Palestina. Elles habitam as cidades onde exercem as altas funcções governativas e falam a sua lingua propria.

terquilinios e dos monturos que se agglomeram pelas ruas, gerando epidemias lethaes!

Vive cada um em seu bairro proprio; se um d'elles invade o bairro d'outrem, logo todos o atacam, perseguem e expulsam, deixando entrevêr os seus afiados colmilhos!

Os osteologos poderiam fazer n'elles um estudo anatomico, pois que todos os seus ossos e vertebras se contam perfeitamente!

São tão pacificos que véem humildes lamber a vara com que os castigam!

Quando uivam com os seus focinhos altos e os olhos fechados, os seus latidos soam funebremente, n'uma affliçāo lamentosa! Se se lhes atira uma pedra ou um páu, correm latindo atraz d'elle! [1]

A propria natureza, tanto fóra como dentro da cidade, offerece um aspecto triste e melancolico!

Nenhum veio d'agua rega e fertiliza as collinas e os valles circumdantes!

Jérusalem arde ao sol, emmoldurada por um

---

[1] Em todas as cidades do Oriente a limpeza das ruas, a hygiene publica está a cargo de bandos e matilhas de cães sem dono, partilhando por grupos os diversos quarteirões urbanos e fazendo desappparecer durante a noite os objectos e immundicies atirados á rua durante o dia. A Biblia nol-os mostra já esfaimados, percorrendo as ruas das cidades: *famem patientur ut canes et circuibunt civitatem.* (*Psalm.*, LXVIII, v. 7.) Elles lambem no solo o sangue de Naboth (*3.º Livr. dos Reis,* XXI. v. 19) e devoram o cadaver de Jesabel. (*Ibid.* XXII. v. 38) Nós os encontramos ainda ás portas do máo rico do Evangelho. Por toda a parte, em Damasco, em Jérusalem, em Constantinopla estes cães municipaes são muito respeitados. Leis especiaes os protegem e velam pela sua sustentação. Todo o bom musulmano abre a torneira da agua da fonte publica quando os cães alli se juntam para beber. A raça é d'um talhe mediano e é um cruzamento da hyena com o chacal.

arido horizonte, em meio d'um paiz calmo, sobrio, adusto e severo, a 50 kilometros de distancia do Mediterraneo, a 780 metros acima do seu nivel, em frente ás montanhas do paiz biblico de Moab, que a distancia faz parecerem azues!

O seu solo, schistoso e secco, apenas é ensombrado por algumas arvores raras, descóradas e rachiticas; oliveiras tristes, [1] figueiras enfezadas, cyprestes lugubres e abrôlhos penetrantes resumem toda a vegetação da cidade e seus contornos! [2]

Até dizem que as aves não gorgeam alli e que o proprio gallo não canta, saudando a manhã; apenas os corvos crocitam de continuo por sobre a cidade, n'um grasnar lugubre, como pio agoireiro, como tantas vezes eu ouvi!

---

[1] A oliveira é considerada entre os Orientaes como o emblema de Jérusalem, como a figueira é o emblema de Damasco e o myrto de Smyrna.

[2] O Conselho Municipal de Jérusalem trabalha, hoje, activamente para estabelecer um jardim botanico na cidade, onde a musica militar vem já todas as semanas exhibir-se. De resto, téem-se introduzido em Jérusalem sensiveis melhoramentos. Téem-se restaurado os esgotos e tem-se reformado convenientemente o pavimento da cidade. Pensa-se mesmo em installar ahi numerosas fontes.

As collinas aridas e os rochedos escarpados dos arredores apparecem já, aqui e alli, cobertos de lindas construcções. Assim, ao S. O. da cidade, levanta-se já um suburbio, verdadeiro *faubourg* elegante de Jérusalem.

Na minha segunda viagem á Palestina fui encontrar Jérusalem consideravelmente augmentada. Abriu-se a porta Nova, mesmo em frente a Notre Dame de France. Magnificos edificios estão sendo construidos *extra-muros*. A estrada de Jaffa está ladeada, n'uma boa extensão, de bellos predios e estabelecimentos commerciaes que dão á cidade a apparencia d'uma cidade européa. *Il monde marche*... disse Pelletan. E o proverbio arabe reza: *Nada ha immutavel; só Deus!*

Eis o que é hoje Jérusalem! Eis ao que está reduzida, hoje, essa grande, rica, populosa e opulenta Jérusalem, que Salomão, o faustoso rei, comparava á sua esposa, exclamando: *Formosa és, amiga minha, suave e engraçada como Jérusalem.* [1]

*

* *

Jérusalem é, com a maior justiça, chamada a *Cidade Santa.* [2] Ella é santa para os Judeus que n'ella outr'ora tiveram o seu *Templo*, cujas ultimas pedras ainda hoje elles veneram; ella é santa para os *Christãos* por ter sido escolhida por Jesus Christo para n'ella operar a salvação do mundo; ella é santa, finalmente, para os Musulmanos, porque n'ella se encerra a mesquita d'*Omar!*

Jérusalem, a antiga *Salem* — *paz* [3] — foi fundada, segundo a tradição, por *Melchisedech*, *padre e rei*, [3] pelo anno 2:000 antes de Christo, sobre os montes *Moriah* e *Acra.*

Cincoenta annos depois da sua fundação, *Salem* cahiu em poder dos *Jebuseus*, descendentes de *Jébus*, filho de *Chanaan;* elles construiram sobre o nome *Sião* [4] uma fortaleza, á qual de-

---

[1] *Cant. dos Cantic.* VI. v. 3.

E' pouco importante o commercio jerosolymitano, que consiste, apenas, em sabão, que se exporta para o Egypto, em pequenas manufacturas de madeira de oliveira, taes como caixas de tabaco, etc., e em diversos objectos de piedade, que se vendem aos peregrinos.

[2] *Math.*, XXVII, 53.

[3] *Epist. ad Hebr.*, VII, 2.

[4] Nos ultimos tempos esta palavra designava toda a cidade de Jérusalem, abrangendo a *alta*, edificada sobre

ram o nome de *Jebus.* [1] Do nome *Jebus* e do nome *Salem* reunidos é que parece ter-se formado a palavra *Jérusalem.* [2]

Os Jebuseus gosaram tranquillamente, durante quinhentos annos, das suas conquistas, isto é, até á chegada dos filhos d'Israël á *Terra Promettida.*

Jérusalem foi por estes tomada em 1445 antes de Christo, e o seu rei *Adonisédech* foi morto, bem como os quatro reis de Hebron, de Jeremol, de Lachis e de Eglom, seus alliados.

Os Jebuséus no entretanto, permaneceram ainda senhores da cidade alta e da fortaleza de Jebús. Foi David quem os rechaçou definitivamente d'essa acropole terrivelmente defendida.

Salomão, seu filho, engrandeceu maravilhosamente a cidade. Cinco annos depois da sua morte, Sésac, rei do Egypto, atacou Roboão, seu filho, e, apoderando-se de Jérusalem, entregou-a ao saque. Cento e cincoenta annos depois foi ella, ainda, saqueada por Joas, rei de Israël e invadida seguidamente pelos Assyrios. Manassés foi conduzido captivo para Babylonia. Por ultimo, sob o reinado de Sedecias, Nabuchodonozor destruiu completamente a cidade e levou os seus habitantes captivos para Babylonia. Só setenta annos depois foi que os Judeus poderam retornar á sua patria, reconstruindo, então, o seu Templo, sob as ordens de Zorobabel.

Não me demoro fazendo a historia de Jérusalem porque o assumpto se não adapta á indole d'este livro. A historia de Jérusalem, depois da sua reconstrucção por Nehemias e Esdras, póde

---

o monte Sião, a primitiva fortaleza dos Jebuseus e a *baixa,* edificada sobre o Acra. *(Vid. Psalm.* CXCIX 2, e *Isaias,* XXXIII, v. 20).

[1] *Josué,* XV, 8, e XVIII, 28 e *Juizes,* XIX, 10 e 11.

[2] Este nome apparece pela primeira vez em *Josuë,* X, v. 1.

lêr-se nas paginas do Velho Testamento, nos quatro Livros dos Reis e nos Paralalipomenos, no livro das *Antiguidades Judaicas* de Flavio Josepho, na *Historia do Povo d'Israël*, de Ernesto Rénan e em varios outros Auctores. Apenas direi que, no anno setenta da era christã, Tito, general romano, á frente do seu exercito, veiu cercar Jérusalem e apoderou-se d'ella, destruindo-a, sem escapar ao incendio o Templo sequer! [1]

Mais d'um milhão de Judeus ahi morreram e 97:000 foram levados prisioneiros.

Em 136, Adriano reconstruiu a cidade, levantando as suas muralhas, e dando-lhe o nome de *Ælia*. Foi depois chamada tambem *Capitolina* em honra de Jupiter *Capitolino*, cujo templo foi elevado por sobre o emprazamento do Templo de *Jehovah*. Durou este estado de coisas até ao tempo de Constantino *Magno*. Tendo este monarcha proclamado o Christianismo em todo o seu imperio, occupou-se ainda d'uma maneira toda particular de Jérusalem.

Em 326, a piedosa sollicitude de Santa Helena, sua mãe, cobriu os *Logares Santos* da Palestina de numerosas e magnificas construcções destina-

---

[1] A ordem d'arrazar a cidade dada por Tito aos seus soldados foi tão rigorosamente executada que vestigio algum ficou para provar que outr'ora vivesse alli gente, diz Josepho. (*Guerra da Judéa*. Liv. 7. Cap. I.) Convem esclarecer que tanto o livro das *Antiguidades Judaicas* como o livro da *Guerra dos Judeus* de Flavio Josepho, que por vezes eu cito n'esta obra, foram consultados por mim sobre a edição feita em 1700, em Amsterdam, sobre o grego, por Monsieur Arnauld D'Andilly.

A *Historia da Guerra dos Judeus* de Flavio Josepho narra succintamente não só a destruição de Jérusalem por Tito, mas toda a vida da nação Judaica até ao exterminio da sua raça pelos Romanos. Para a historia de Jérusalem vid. Migne, *Diccionaire de Geographie sacrée et ecclesiastique*, palavra *Jérusalem* e a obra de Chateaubriand *Itinerario de Pariz a Jérusalem*, vol. 2.

11

das a conservar as mais queridas recordações christãs.

Constantino deu á cidade, então, o seu antigo nome. Desde então até aos tempos presentes, Jérusalem tem passado por variadissimas phases e vicissitudes.

Em 614 foi saqueada e destruida por Kosroës II, rei dos Persas. Passadas diversas alternativas de descanso e de perturbação sob o dominio dos kalifas de Damasco e de Bagdad, chegou o seculo XI, em que Jérusalem foi conquistada pelos Cruzados, a 15 de Julho de 1099.

O reinado dos christãos ahi foi, porém, ephemero. *Salah-ed-Dine* reconquistou a cidade em 1187. Foi no anno 1219 que os *Irmãos Menores*, conduzidos por S. Francisco d'Assis, vieram fundar, pela primeira vez, um convento da sua Ordem, proximo da Cidade Santa. Estabeleceram-se ahi sobre o monte *Sião*, ao lado do *Cenaculo*. [1]

Após muitas outras phases e vicissitudes, Jérusalem foi definitivamente annexada aos dominios ottomanos, formando, hoje, com os seus arredores, uma provincia dependente directamente de Constantinopla.

*

* *

Em Jérusalem existem muitas crenças dissidentes, possuindo todas os seus conventos, as suas igrejas e os seus altares a dentro do templo do Santo Sepulchro.

A primeira de todas estas communidades é, incontestavelmente, a dos Armenios scismaticos, [2] se não pela sua preponderancia dogmatica, ao menos pelas riquezas de que dispõe.

---

[1] Vid. a nota 2.ª da pag. 53.

[2] Seguem a heresia de Eutychés, condemnada em 451, no Concilio de Chalcedonia. São, tambem, chamados

Deve notar-se que estes extrangeiros são caracterizados por uma dignidade verdadeiramente superior.

Os seus edificios e os ornamentos sacros das suas igrejas revelam tudo quanto ha de mais bello, rico e de bom gosto! O convento dos *Armenios* em Jérusalem, sito no monte Sião e onde reside o seu Patriarcha, é o melhor de todos quantos existem na cidade, sendo composto de muitas construcções accumuladas, de muralhas de quatro metros d'espessura, cercado de magnificos jardins, e encerra uma cisterna que póde fornecer agua a todo o mosteiro durante quatro annos!

As construcções armenias, são fortificadas como cidadellas medievaes e occupam quasi metade do monte Sião. A outra parte, a de Leste, é occupada pelo bairro Judéu de Jérusalem, o mais immundo e asqueroso da cidade, tapetado d'immundicies, de cães mortos, de dejectos repulsivos!

Possuem elles ahi uma bibliotheca riquissima em bellos manuscriptos e miniaturas em pergaminho, excellentes e maravilhosas vestes sacerdotaes, tecidas de oiro, de prata e das mais brilhantes sedas!

O Patriarcha armenio, cercado pelos seus monges de longas barbas, vestido de côr violeta, attinge, quando desce á igreja do Santo Sepulchro, aos olhos dos extrangeiros, um aspecto verdadeiramente deslumbrante, o esplendor hieratico das estatuas bysantinas!

Os *Armenios* ainda possuem na circumscripção do Santo Sepulchro outro convento, encerrando igreja, hospital e escola para os dois sexos.

Os *Gregos* scismaticos, chamados impro-

Monophysitas e constituem um numero de 4.200:000 adeptos talvez, espalhados no Oriente.

priamente orthodoxos, tão distinctos entre todos os outros scismaticos de Jérusalem, pelos seus habitos negros largamente talhados, pelos seus chapéos cylindricos e pelos seus longos cabellos cahindo-lhes desgraciosamente por sobre os hombros, téem, entre outros, o seu convento, sob a invocação de *S. Caralambos*, a pouca distancia do Santo Sepulchro. [1]

Os *Abyssinios* [2] ou cophtas scismaticos, são proprietarios de um estabelecimento importante de nome *Deïr-es-Sultan*, em face do convento dos *Gregos*. [3] Na igreja do Santo Sepulchro estes dissidentes apenas possuem um altar, ou oratorio, na parte occidental do catafalco de marmore que protege o sagrado Tumulo de Jesus.

Os *Abyssinios* são homens de elevada esta-

---

[1] Vide nota 3.ª, pag. 21. Tambem os Gregos scismaticos possuem riquezas numerosas — missaes, *icones*, evangelhos, ciborios, cruzes, tiaras, ornamentos do culto, etc., n'uma dependencia annexa ao Calvario e que elles difficilmente mostram sem uma especial ordem e licença do seu Patriarcha.

[2] São uma variedade dos Monophysitas. Os *Cophtas* praticam ainda a Circumcisão, como os Judeus e como os Musulmanos. Reside em Alexandria o seu Patriarcha que estende a sua jurisdicção sobre 50:000 fieis. Ha tambem a communidade cophta unida abrangendo 22:000 fieis, governados por um Patriarcha que reside em Alexandria.

[3] O convento Abyssinio em Jérusalem, nas trazeiras da basilica do Santo Sepulchro, fundado sobre as ruinas do convento dos Conegos Regulares, é um amontoado de cellulas, extremamente pobres, onde os monges passam uma vida muito austera. A oliveira que se encontra ahi no claustro, no primeiro plano, é considerada por elles como marcando o logar onde Abrahão encontrou o cordeiro que substituiu o sacrificio de seu filho Isaac. Elles ainda possuem em Jérusalem outro convento chamado de *S. Jorge* a N. O. do *Birket Hhammâm el-Batrak*. E' no convento *Deïr es Sultan* que vive o Superior da communidade religiosa cophta de Jérusalem.

tura, de feições esbeltas e nobres, relembrando a raça africana, apenas, pelos seus cabellos, pela sua côr negra, d'ebano, e pelos seus labios, algum tanto grossos!

Trajam elles um saião de panno azul, um manto da mesma côr, um amplo turbante e sandalias. Tambem elles possuem um Patriarcha em *Jérusalem*, que, quando desce ao Santo Sepulchro, vem precedido de duas alas de alabardeiros, mirabolantemente fardados, ferindo o chão com as pancadas unisonas e pesadas de grandes maças que empunham!

Eu vi por vezes os Abyssinios de Jérusalem [1] encontrarem-se, saudando-se mutuamente com gravidade, á maneira oriental, beijando-se em seguida sobre os hombros uns dos outros. Tam-

---

[1] A mim, pobre *hadji* (peregrino) do Occidente, particularmente me impressionava ver estes Abyssinios, de rostos abaçanados, magestosamente envoltos em seus mantos brancos, silenciosamente occultos na penumbra semi-obscura da basilica do Santo Sepulchro, cosidos ás columnas e ás paredes dos sanctuarios, immoveis, extaticos, murmurando, n'um profundo recolhimento religioso, orações mysteriosas.

Vós os encontraes em todos os sanctuarios de Jérusalem, silenciosos, olhando-vos com um absorvente olhar melancolico, illuminando-lhes a physionomia d'uma sympathica doçura. Elles amam particularmente as semi-obscuridades, as penumbras, os recessos velados do Santo Sepulchro, onde permanecem, em pé sempre, os olhos fixos no pavimento ou n'um altar, ou n'uma columna, os braços estendidos segundo o uso oriental, banhando muitas vezes o solo com as proprias lagrimas! Por vezes elles, humilhando-se até ao chão, beijam as lages do pavimento e alli se ficam assim n'aquella postura mortificante, traçando n'ellas cruzes e caracteres indecifraveis!

Era assim que eu os via, orando com os braços em cruz, ou chorando com a cabeça entre as mãos, diante do altar da *Crucifixão*, diante do altar da *Dolorosa*, diante do Divino Tumulo de Jesus que tambem chorou diante do tumulo de Lazaro e diante da Jérusalem deicida.

bem os Beduinos do deserto uzam estas saudações e estes osculos. E' todo biblico este cerimonial. Já assim faziam os Patriarchas. Jacob deu este beijo a Esaü no dia da reconciliação, [1] e José a Benjamim, [2] e a seu velho pae Jacob, *irruit super collum ejus.* [3] Jethro tambem se approximou assim de Moysés, *adoravit et osculatus est eum*, [4] Raguel de Tobias, [5] e os discipulos d'Epheso assim se despediram de S. Paulo que elles nunca mais haveriam de tornar a vêr, *procidentes supra collum Pauli osculabantur eum.* [6]

Os *Nestorianos*, [7] assim como os *Maronitas* do Libano [8] apenas possuem um altar na igreja do Santo Sepulchro.

Os *Maronitas* são os unicos christãos orientaes de rito differente do latino que se não subdividem em communidades dissidentes. Os *Syrios* scismaticos, [9] finalmente, possuem um convento e igreja no monte *Sião*, construidos por sobre o emprazamento da casa de *Maria*, mãe de *João*, appellidado *Marcos*, e onde S. Pedro se dirigiu depois de haver sahido da prisão, d'onde

---

[1] *Gen.*, XXXIII, 4.

[2] *Ibid.*, XLV, 14.

[3] *Ibid.*, XLVI, 29.

[4] *Exodo*, XVIII, 7.

[5] *Tobias*, VII. 6.

[6] *Actos*, XX, 25 e 37.

[7] Os *Nestorianos* estendem-se pela Mesopotamia, Kurdistan, Persia e India. Ha tambem *Nestorianos* unidos que seguem o rito chaldeu.

[8] Os *Maronitas*, que se estendem pelo *Libano* e pela *Syria*, formam uma communidade de 314:000 fieis.

[9] Tambem chamados *Jacobitas*. Estendem-se, em numero de 800:000, pela *Syria* e *Mesopotamia*. Ha, tambem, os *Syrios* unidos a *Roma*, seguindo, todavia, o rito *syriaco*.

fôra libertado pelo Anjo. [1] Eu pude visitar alguns d'estes edificios.

*

* *

Alguns bairros, em *Jérusalem*, são especialmente habitados por *Judeus*. Estes homens singulares, vivem, hoje, na Palestina em quatro cidades, para elles santas, que são: *Jérusalem*, *Hébron*, *Safed e Tibériades.* O sonho querido dos *Judeus* espalhados pelo mundo é virem morrer a *Jérusalem* e serem sepultados, quanto possivel seja, junto do valle de *Josaphat!*

Os *Judeus* que vivem em *Jérusalem*, tão conhecidos e distinctos entre toda a gente pelo seu chapeu d'abas largas e pelas longas tranças do cabello que lhes cahem em anneis por sobre as orelhas, [2] dividem-se em duas grandes fracções: a dos *Séphardimes*, (8:000 approximadamente) ou do rito meridional, descendentes dos judeus hespanhoes-portuguezes expulsos da Hespanha por Isabel e conhecidos em Jérusalem pela sua distincção, [3] e a dos *Ashkenazimes* (40:000) — de *Ascenez*, filho de *Gomer* [4] — vindos do Norte e do Occidente.

Estes ultimos, originarios da Russia, da Polonia, da Hungria, da Moravia, da Allemanha, da Hollanda e da Galicia, [5] sub dividem-se em muitas seitas, cujas principaes são os *Haschidim* e os *Perouschim*.

---

[1] *Actos*, XII, v. 12.

[2] As damas e mulheres judias, pelo contrario, a pretexto algum consentem que seja visto o seu cabello que trazem sempre cuidadosamente escondido!

[3] Elles fallam ainda hoje um máu hespanhol.

[4] *Genes.*, x, 3.

[5] Elles fallam o allemão com um accento judaico particular.

Os *Essenios* dos ultimos seculos do Reino Judaico, difficilmente se reconheceriam na seita dos *Haschidim;* a sua doutrina está, hoje, completamente desfigurada pelas tradições talmudicas, e, sobretudo pelas phantasias da *Kabbala*, essa algebra theologica pela qual os *Hasçhidim* procuram penetrar o sentido intimo dos *Livros Santos*, sujeitando todas as suas lettras a calculos bizarros! [1]

A seita dos *Perouschim*, cuja palavra significa *separados*, não é mais, hoje, do que uma corrupção da antiga seita dos *Phariseus*, de que fallam em muitos pontos os Evangelistas. [2]

Elles distinguem-se entre os seus pela affectação de uma grande piedade e pela duração das orações que recitam, segundo o seu rito.

Todas estas seitas, de accordo sobre o dogma em geral, apenas se separam pelo seu ritual e pela sua administração temporal; todas admittem o *Talmud*, [3] apesar das suas fabulas con-

---

[1] Se Deus me der vida e forças, espero ainda publicar um livro d'exegese biblica onde historiarei todas as diversas seitas judaicas mencionadas nas Escripturas, tanto no Antigo Testamento (Kenitas e Rechabitas) no Velho e Novo Testamento conjunctamente (Samaritanos e Nazarenos) e no Novo Testamento (Pharizeus, Sadduccéus, Essenios, Escribas, Doutores da Lei, Herodianos, Zelotes, Galileus, Sicarios ou Assassinos).

[2] *Luc.*, VII, 30; *Math.*, 3, 7, 23, 15, etc.

[3] A origem do Talmud é a seguinte: pretendem os Judeus que quando Moysés esteve no Sinaï, na presença de Jehovah, recebeu uma lei que elle deveria escrever e outra puramente supplementar e explicativa, que elle deveria communicar a algum chefe do povo, afim de que a transmittisse, pela tradição oral, até ás ultimas gerações. Esta lei oral, affirmam os Judeus, a transmittiu Moysés por intermedio de Aaron, Eleazar e Josuë aos Prophetas, d'estes passou desde os tempos d'Esdras, aos doutores da Lei e aos membros da Gran Synagoga e seguidamente aos Rabbinos dos primeiros seculos christãos,

trarias ao espirito e á lettra dos livros mosaicos.

Apenas existe, hoje, uma seita, pouco numerosa e sem representação em *Jérusalem*, que regeita tudo quanto está fóra dos livros inspirados e pretende seguir em toda a sua pureza o *Mosaismo*.

Esta é a seita dos *Carraim* ou *Caraitas*, anathematizada pelos *Rabbinos* de todas as seitas, mas que é de todas a mais distincta pela sua illustração e moralidade.

Emfim, como ultima reliquia dos tempos hebraicos, existem, ainda hoje, os *Samaritanos*, em *Naplouse*, aos quaes alludirei adiante, quando fallar da minha passagem por esta cidade.

Ainda, no deserto oriental, para os lados do paiz de *Hedjaz*, existem algumas tribus errantes, confundidas em costumes e lingua com os beduinos, mas que se conservam inteiramente adstrictas á fé judaica. São os descendentes da seita *Rekhabita*, fundada por *Jonadab*, filho de *Rekhab*, o amigo de *Jehú*. [1]

---

sendo, então, por estes reduzida a lei escripta, afim de garantir a sua preservação, attenta a afflictiva condição da raça d'Israël, dispersa pelo mundo. Esta lei oral assim reduzida a escripta, constitue o que os Judeus chamam a *Misna* ou Texto, a qual unida com a *Gemara*, ou Commentario da mesma, forma o *Talmud*.

Ha duas *Gemaras* entre os Hebreus, e, por consequencia, dois *Talmuds*; — a *Gemara* de Jérusalem, compilada, segundo uns no seculo 3.º e segundo outros no 4.º e a de *Babylonia*, compilada no seculo 6.º. Esta, juntamente com a *Misna*, forma o Talmud mais estimado entre os Judeus e é a unica fonte da sua religião.

Criticos competentissimos consideram esse livro absolutamente trivial, cheio d'erros. Não se baseia em palavra alguma das Sagradas Escripturas, antes até n'ellas se vê formalmente condemnado por Christo o seu espirito. (*Math.*, XV, 1 e 9. *Marc.*, VII, 1 e 13.)

[1] *4.º Livr. dos Reis*, X, 15.

*
* *

Um dos edificios que no interior da cidade devem visitar os peregrinos é o *Convento de S. Salvador*, edificado sobre a historica collina do *Gareb*. E' alli que reside o padre Custodio da Terra Santa, os Dignitarios e o maior numero dos Religiosos da cidade. E' o principal convento dos Franciscanos em Jérusalem e em toda a Palestina. São dignas de visita todas as suas officinas de serralheria, marcenaria, encadernação, estampagem e typographia, em caracteres arabes e latinos. Ha, tambem, alli uma fabrica de massas alimenticias, com uma machinà a vapor para moer o trigo e peneirar a farinha. Annexos vêem-se, ainda, um orphalinato, uma eschola e uma grande pharmacia. A igreja, a maior de Jérusalem, que lhe está annexa, de tres naves e construida no mais bello estylo corinthio, é rica de marmores e de retabulos. [1]

Sobretudo, porém, é opulenta pela preciosidade das suas alfaias, dos seus ornamentos e dos seus vasos sagrados. [2] Ella domina com a sua torre quadrada toda a cidade.

---

[1] Serve, hoje, de parochial aos *Latinos* de Jérusalem que ahi estão installados desde 1559. Ganham-se alli tres Indulgencias plenarias, uma no Altar-Mór, outra no altar da *Instituição do SS. Sacramento* do lado do Evangelho e outra no da *Apparição de Jesus Christo a S. Thomé* do lado da Epistola. Esta igreja está aberta desde pela manhã cedo até ás onze horas e desde as duas da tarde até ás oito da noite. Todos os dias ahi se celebra Missa e aos domingos e dias santificados celebra-se ás nove horas Missa parochial, precedida d'uma homilia em arabe. Pelas duas horas da tarde cantam-se *Vesperas*, que, aos domingos e dias santificados são seguidas da *Ladainha Lauretana* e da Benção do SS. Sacramento.

[2] O *Thesouro* dos Latinos, guardado na sachristia da igreja de S. Salvador abrange, encerra riquezas im-

Os Franciscanos possuem ainda, em Jérusalem, o convento do *Santo Sepulchro* e o da *Flagellação*, que serve de succursal á Casa Nova quando abundam os peregrinos.

*

* *

De S. Salvador ao *Santo Sepulchro* vae-se atravez de ruas estreitas, tortuosas, continuamente atravessadas por arabes, turcos, beduinos, judeus, mulheres embuçadas, semelhantes a phantasmas, musulmanas envoltas em véos sombrios, christãs em longos véos brancos.

Mulheres russas, apoiadas a páus, quasi todas sexagenarias, caminhando rapidas, pobremente vestidas, calçando grandes botas de cano, segu-

---

mensas, que desde a Edade Media reis, imperadores, fieis e peregrinos têm constantemente offerecido para as festas e cerimonias no Santo Sepulchro. Ha ahi grande numero d'ornamentos sacros para as cerimonias cultuaes, todos de prata e oiro; grandes tocheiros de prata macissa; cruzes e ciborios todos d'oiro rutilo, esmaltados de brilhantes; há lá um ostensorio para a Exposição do SS. Sacramento, d'oiro e pedrarias, offerta d'um antigo rei de Napoles e que póde valer cinco milhões de francos.

Casulas, principalmente, ha-as alli verdadeiramente maravilhosas de riqueza. Uma, em especial, que parece datar dos tempos dos Cruzados, deve ser quasi impossivel d'usar, pesadissima como deve ser nos seus ornatos de crystal de rocha e pedrarias finas.

"Dom da republica de Veneza", "dom da Austria", "dom da Italia", dizem as etiquetas que se lêem nos grandes armarios envoltos em musselinas, que guardam todas essas preciosidades. E, dizem os Franciscanos, muitas peças preciosissimas se têm perdido; umas enterradas em caixões na terra durante os cercos da cidade e que nunca mais foram encontradas; outras roubadas nas pilhagens e nos saques; outras, ainda, queimadas no tempo da peste, porque tinham sido tocadas por mãos contaminadas.

rando velhos guarda-sóes, envoltas em lenços negros, verdadeiras figuras da fadiga e do soffrimento, quasi somnambulas, sobre-excitadas, vão e vêm do Santo Sepulchro; *moujiks*, sordidos, de longas barbas e longos cabellos desfiando-se por debaixo de *bonnés* de pellos, ostentando sobre o peito medalhas diversas, indicando que foram outr'ora soldados, passam e repassam continuamente a caminho do Santo Sepulchro, principalmente na Quaresma. Estes pobres peregrinos chegam continuamente a Jérusalem, aos milhares; elles caminham atravez do paiz, afim de visitarem os santos *Logares*, quasi sempre a pé, á chuva, ao calor e á neve, soffrendo privações e fome, deixando sempre mortos ao longo dos caminhos!

A' medida que se vae approximando a basilica do Santo Sepulchro, as lojas dos objectos religiosos succedem-se ininterruptas. Por fim n'um velho muro, abre-se uma porta estreita, informe, baixa e, descendo-se uma serie d'escadarias, chega-se a uma praça, fechada por altas muralhas. E' a praça do *Santo Sepulchro.*

A tradição, a piedade, o uso ininterrupto dos seculos, obriga todos quantos alli chegam, logo que avistam a basilica, a descobrirem-se; e mesmo o costume obriga, quando tenha, apenas, que atravessar-se a praça, para seguir-se a rua fronteira.

Sempre esta praça está cheia de pobres que mendigam cantando; de peregrinos que rezam; de vendedores de cruzes, rosarios e objectos religiosos, estendendo as suas mercadorias por sobre as lages polidas do seu pavimento.

E por todos os lados se vêm alli sóccos de columnas que outrora supportaram basilicas, em distantes epocas; tudo alli se resume em ruinas e destroços duma cidade gloriosa que soffreu vinte cêrcos e que tem sido saqueada por todos os fanatismos!

As altas muralhas, de pedras foscas e dene-

gridas, que fecham os lados da praça, encerram conventos e capellas.

A muralha do fundo, mais alta e mais sombria que as outras, é a fachada do *Santo Sepulchro*, com as suas duas enormes portas do seculo XII, extranhamente ornamentadas; uma está murada; a outra, deixa vêr, quando aberta, milhares de luzes na obscuridade interior.

Cantos, gritos, psalmodias, lamentações inharmonicas, lugubres, chegam cá fóra a todo o momento.

A porta d'entrada d'esta basilica está occupada militarmente, por soldados turcos, armados, como que para um assalto ou um massacre; sentados soberanamente em largos *divans*, elles olham desdenhosamente para os christãos que vão entrando n'esse Logar veneravel, que elles consideram o opprobrio da Jérusalem musulmana e á qual os mais fanaticos chamam: *el Komamah!* (O lixo da cidade)!

E' dentro, retumbando nas altas abobadas d'esse dedalo de sanctuarios sombrios, construcções de todas as epochas e de todos os aspectos, uns elevados como altas tribunas, outros subterraneos, fechados entre as sombras das paredes negras, illuminados todos pelas debeis luzes de centenas d'alampadas d'oiro e prata, ouvem-se sem cessar os canticos, as melopéas nasaes dos Gregos, as lamentações estridentes dos Cophtas, as psalmodias sonoras e vibrantes dos monges Latinos.

E', principalmente, em volta do Ediculo do *Santo Sepulchro*, todo de marmore, d'um luxo e ornamentação semibarbaras, illuminado por dezenas d'alampadas, que a multidão dos fieis se agita: são *moujiks*, de joelhos, arrastando-se lentamente pelo chão; mulheres jerosolimitanas, em pé, extaticas, cobertas de longos véos brancos; Abyssinios, prostrados até ao chão, com o rosto rojando no pavimento; Turcos de sabre em punho; gente de todas as communhões religiosas e de todas as linguas da terra!

E os fieis vão penetrando, atravez da pequena porta baixa de marmore que dá ingresso ao sagrado Tumulo de Christo; um a um elles ahi entram, sempre, dia e noite, tocando, beijando, abraçando e lavando com as suas lagrimas a pedra tumular do divino sarcophago, enquadrada em marmore, toda fechada pelos *icones* d'oiro, pelas cruzes d'oiro, pelas alampadas d'oiro, pelos jarrões de ricas *faiances*, onde rescendem grandes ramos de flôres viçosas.

E em todos os altares exteriores da basilica quasi sempre, simultaneamente, celebram os seus officios religiosos, todas as *Confissões* differentes que os possuem; e as suas procissões rompem em sentidos oppostos por entre a multidão, ostentando ostensorios riquissimos, precedidas de janizaros armados, ferindo as lages do pavimento com as pancadas sonoras das alabardas que empunham!

São Latinos que passam, revestidos de casulas d'oiro; é o bispo dos Syrianos que passa, sahido da sua pequena capella subterranea, a sua longa barba branca, rompendo por entre as dobras do seu manto negro; são Gregos, resplandecendo nas suas vestes bysantinas, são Abyssinios de côr eburnea, negra...

Pequenos meninos de côro balançam e ventilam na sua frente incensorios de prata e oiro; as psalmodias rythmadas em todas as linguas orientaes e as campainhas sagradas enchem de ruido extranho todo o interior da basilica.

Os homens rezam em voz alta; soltam longos suspiros, passam d'umas a outras capellas, aqui para abraçarem a Rocha onde foi plantada a Cruz do Senhor, acolá para se prostrarem no *Logar* aonde choraram as santas Maria e Magdalena; padres occultos na sombra, chamam os fieis para os conduzirem a cryptas, a capellas subterraneas, d'onde mulheres sóbem, derramando lagrimas; a escuridão por toda a parte é tanta que toda a gente caminha com uma vela na mão, cruzando as multiplas galerias tenebrosas.

*

* *

A igreja ou basilica do Santo Sepulchro, tambem chamada de Resurreição, (Anastasis), apresenta ao artista algumas particularidades notaveis, sobre ser unica no mundo pelas suas disposições irregulares. A grande porta da entrada e a fachada do edificio offerecem á vista a união harmoniosa da ogiva gothica com o estylo byzantino.

Tambem são byzantinos os dois zimborios que corôam a basilica.

Com os *Judeus* da cidade dá-se um facto singular, com relação a este templo. Nenhum passa alli em frente ou entra sequer no atrio fronteiro á igreja!

Ai d'elle! Contaram-me em Jérusalem que esse judeu imprudente seria atacado e correria mesmo risco de morte, espancado não só pelos christãos mas, ainda, até pelos proprios musulmanos!

Quatro communidades christãs — latinos, gregos, armenios e cophtas — vivem a dentro do templo do Santo Sepulchro. Como as portas da basilica permanecem ordinariamente fechadas durante certas horas do dia e as chaves em poder dos turcos, os Religiosos não pódem entrar e sahir á vontade. Apenas communicam com o exterior por um *guichet* aberto na porta de entrada, e por onde se introduz o seu sustento.

*

* *

No portal da basilica do Santo Sepulchro vê-se a *columna do fogo.* Foi o incendio de 1808 quem a denegriu e fez estalar. Há, porém, alli uma lenda a este respeito. Houve, dizem, em Jérusalem um bispo grego muito peccador. Ora

em vespera de Paschoa, como elle esperasse em meio dos fieis o *fogo sagrado* que viria do céo accender a sua véla, este em vez de se lhe communicar atravessou a basilica, similhante a um raio, despedaçando a columna, queimando-a e denegrindo-a totalmente.

A pedra é muito venerada; gregos e musulmanos a beijam respeitosamente. E nas suas fendas vêm as donzellas de Jérusalem depositar um dos seus mais finos dentes, arrancado violentamente, na esperança d'encontrarem n'esse anno um excellente marido! Já o Patriarchado Latino se tem esforçado por acabar com a superstição enchendo a fenda de cimento. Inutil tentativa! A breve trecho o cimento desapparece e brilham á luz novos alvissimos dentes!

*

* *

Uma das mais curiosas visitas que eu fiz em *Jérusalem* foi a da mesquita d'*Omar*.

Este é sem duvida o mais rico monumento de toda a Palestina.

Está edificado sobre a chapada do monte *Moriah*, [1] substituindo, hoje, o antigo *Templo* de Salomão.

---

[1] Este monte veneravel, cheio de recordações biblicas (*Gen.*, XXII, 2), aplanado por *Salomão* para o assentamento do *Templo* que elle ergueu em honra de *Jehovah*, (*3.º dos Reis*, VII e VIII, *2.º dos Paral.*, III, 1), conserva-se, ainda hoje, pelo menos em grande parte, no mesmo estado em que o deixou o grande rei. E' um immenso trapesio, sustentado em toda a volta por muros de construcção verdadeiramente cyclopica, cujo centro está, actualmente, occupado pela mesquita d'*Omar*. Dez portas dão accesso ao recinto do *Moriah*. Os peregrinos, porém, entram pela porta chamada *Bab-el-Kattanine* e sahem pela porta *Bab-el-Asbate*, distante 70 metros, mais ou menos, da porta de *Santo Estevão*.

Não póde entrar-se lá sem que se gratifiquem largamente os turcos. Sentinellas musulmanas guardam todas as entradas prohibindo o accesso aos christãos! Fui eu alli de visita, em companhia de muitos peregrinos da *Casa Nova*, dirigidos pelo prestantissimo *Fr. Lievin de Hamme*, pagando cada um por cabeça dois francos. [1]
Antes que se entre na esplanada do *Moriah*, [2]

Renan não admitte a existencia do monte Moriah que identifica com o monte Sião. Diz que o nome Moriah é symbolico em *Gen.*, (XXII, 2) e que só por uma supposição destituida de todo o valor é que o auctor das Chronicas (*2.º dos Paral.*, III, 1) identifica este logar ideal com a collina onde Salomão construiu o Templo. Segundo a opinião do illustre professor de hebreu do Collegio de França o Sião é, apenas, a collina de Jérusalem onde se acha construido o Haram, ou mesquita d'Omar. Vid. *Historia do Povo d'Israël*, vol. 1.º pag. 446. Nota. 2.ª edição de Calmann Levi, Pariz.

[1] Outr'ora todo o christão ou infiel — *ghiaour* (cão), nome dado pelos musulmanos a todos quantos não professam a lei de Mahomet, — que ousasse transpôr o recinto da mesquita d'*Omar* era punido de morte. Hoje, depois da guerra da Criméa, esta entrada é possivel, mediante *bakchich* determinado e previo pedido do consul respectivo, ao *Pachá* de Jérusalem. O consul manda sempre dois dos seus janizaros — *cawas* — acompanharem o visitante. Estas visitas são interdictas ás sextas-feiras, durante o mez do *Ramadan* e nos trez dias que precedem, bem como nos oito que se seguem á peregrinação de *Nébi Mouça*. *Nébi Mouça* é um monumento musulmano, sito a pequena distancia da confluencia do Jordão com o Mar Morto, entre *S. Sabas* e *Jericó* e onde os crentes do *Korão* pretendem guardar o tumulo de Moysés. Não passa d'uma lenda esta crença musulmana. A entrada d'esse monumento é completamente vedada aos christãos. Volto a fallar n'este monumento de *Nébi Mouça*, n'uma das grandes notas sobre o Mar Morto.

[2] *Moriah* significa *visto, escolhido por Deus*. Chamam os Arabes a este monte *Hharam Esch-Charif*, (nobre sanctuario.)

é forçoso passarem-se longos tunneis, lobregos, esconsos, sombrios, tenebrosos!

A dentro de todo o recinto da montanha é prohibido fumar. A entrada na mesquita só póde fazer-se com os pés envoltos n'umas pequenas saccas, pantufos ou sandalias, que os turcos fornecem e mesmo lhes atam! Quem as não quizer, póde ir em palmilhas!

Isto porque a mesquita d'*Omar* é considerada pelos musulmanos como sendo o lugar mais veneravel da terra depois das cidades de *Meca* e *Medina!*

A mesquita está coberta por um zimborio soberbo, coroado pela meia-lüa musulmana.

E' em verdade esplendente! Não póde com facilidade imaginar-se edificio onde a graça, a elegancia, a proporção, a opulencia luxuosa e a grandeza fascinadora se congracem tão harmoniosamente!

Toda a caravana de peregrinos de que eu fazia parte entrou no interior da mesquita, [1] a maravilha do Islam, semelhando um velho palacio encantado revestido de turquezas! Não tirámos os chapéos, por ser este o signal de respeito pelo sanctuario musulmano! Tal qual como na synagoga judaica!

Bandos de pequenos passaros, familiares do sanctuario, amigos velhos dos bons velhos musulmanos de longas barbas brancas de guarda á mesquita, entram e sahem livremente atravez das suas portas de bronze sempre abertas.

---

[1] Primitivamente entrava-se no *Templo* de Salomão por um vestibulo de 20 covados de comprimento, 10 de largura e trinta de altura. (*3.º dos Reis*, VI, 2.) Hoje, não existe mais este vestibulo; entra-se por quatro portas na mesquita. São estas: a de *David*, a E.—*Bab-Daoud* —a da *Oração* a S.—*Bab-el-Kêbleh*—a do poente a O. —*Bab-el-Gharb* e a do *Paraiso* ao N.—*Bab-el-Djenneh.* Ordinariamente é pela porta oriental que os musulmanos introduzem os visitantes na mesquita.

De fórma octogonal, a mesquita é sustentada internamente por duas ordens concentricas de columnas; a primeira é octogonal; a segunda, circular, sustenta a sumptuosa cupula. Todas ellas, de capiteis doirados, são inestimaveis; umas são de marmore violeta raiado de branco; outras são de porphyro; outras d'esse marmore maravilhoso chamado *verde antigo*, cujos jazigos já se não encontram na terra.

Pavimentam o chão da mesquita, formado todo de grandes lages de marmore, tapetes antigos da Turquia e da Persia. Todos os seus arcos e abobadas estão revestidos de prodigiosos mosaicos semelhando brocados, tapeçarias; mas muito mais bellos, porém, de que os mais finos tecidos, pois que elles têm conservado atravez dos seculos todo o seu brilho, compostos como são de materias quasi eternas, de myriades de fragmentos de marmores, de pedaços de nacar e de pedaços d'oiro. E' uma maravilhosa vegetação, uma florescencia viva, seivosa, primaveril de flôres, de pampanos, de cachos brotados de pedunculos de nacar e ouro; é uma combinação infinita de côres de marmores polychromos que fatigam o goso sensual dos olhos.

Caminhavamos, agora, acompanhados por um turco, de grandes olhos escondidos entre as franjas longas e sedosas das palpebras, atarracado, cambaio, sustendo nas mãos longas camandulas, guarda da mesquita, que nos ia fazendo interessantissimas descripções. Ah! que por vezes se não contrahiram os labios de muitos dos meus companheiros de visita em casquinadas de riso, ao ouvirem as narrativas do turco!

Mas que historias, que lendas grotescas, todo elle, impando de ropia e basofia, se inflava em contar-nos!

— Aqui, foi d'onde — observava o turco, apontando a grande rocha do interior do edificio — *Mahomet* subiu ao céo, montado n'uma egua!

E apontava-nos, ainda, na rocha depressões,

que deveriam ser os traços das pégádas do animal!

Quando isto nos dizia, o turco deixava entrevêr, n'um assomo de riso, por entre a commissura dos labios violentamente distendidos n'um prolapso e accentuadamente prognatas, a horrida degeneração de quatro dentes enclavinhados!

Estavam agora alli cinco buracos feitos com os proprios dedos do archanjo Gabriel!

O caso foi assim: «Quando *Mahomet* ascendeu ao céo na sua egua branca de nome *El-Borak*, que lhe fôra dada pelo proprio archanjo *Gabriel*, quiz o rochedo seguil-o, mas o archanjo suspendeu-o, retendo-o com a mão, e por isso alli lhe ficaram gravados os dedos»! Todavia, desde então ficou para sempre o rochêdo suspenso entre o céo e a terra, ainda que nada pódem observar d'isto agora os tristes olhos mortaes!

Quasi que eu ia, após a audição de tal narrativa, abrir os labios n'uma sonora, massiça e inextinguivel risada.

Mas não. Julguei prudente conter-me.

Na nossa frente mesmo, alguns adoradores d'*Allah*, ajoelhados em esteiras, oravam recolhidamente! Levantavam-se de continuo, ajoelhavam em seguida e beijavam o chão! Estes actos successivos e ininterruptos eram repetidos dezenas de vezes!

O logar era, pois, respeitavel.

De resto, o bastão empunhado pelo turco nosso *cicerone*, [1] era para mim um *memento homo!*

---

[1] Era um *cheïkh,* isto é, um funccionario do culto, cuja funcção é a prégação. Todos os funccionarios do culto musulmano sob o titulo generico de *Imams* se dividem em duas grandes classes, os *Ulémas*, e os *Imams*. Os primeiros abrangem os *cheïks* e os *Khatipes*, cujas funcções além da prégação abrangem o encargo de faze-

Cautelosamente, pois, eu esforcei-me por conter-me em perfeita seriedade.

Isto mesmo, de resto, não me era difficil. Todo o comico e esquipatico palavriado do turco passava-me despercebido, na concentração em que eu estava de toda a minha attenção para as maravilhosas columnas monolithas de marmore e para todos os fulgurantes arabescos, pinturas e mosaicos que ornamentam toda a bellissima tessitura architectural do interior do edificio, verdadeiro *bijou* da architectura bysantina, sumptuosamente illuminado, áquella hora, pela flambagem argentea do sol, cuja alma e divina luz entrava, ahi, em ondas, tamizada, suave, não ferindo a pupila, coando-se dôce e deslumbrante, diaphana e pura, n'uma tonalidade bizarra, n'uma apotheose triumphante, n'uma festa, n'uma gloria de côres vivas, rutilas, luzentes, polychrómas, atravez dos maravilhosos vitraes da cupula. [1]

Por sobre os frisos das columnas eu lia inscripções em oiro, fallando de Christo, como se lêem na *Sura:* O' vós que tendes recebido as Escripturas, não ultrapasseis a medida justa na vossa religião... O Messias Jesus é o Enviado de Deus e seu Verbo...

---

rem a oração official. Os *Imams* abrangem os *Imams* propriamente ditos que estão ao serviço das mesquitas e desempenham as funcções relativas aos casamentos e funeraes, os *Mouäzene* que annunciam cinco vezes por dia a oração aos musulmanos e os *Qaïms,* a quem incumbe a ordem interna das mesquitas.

[1] Esta cupula foi construida em 1022 pelo architecto *Ali,* filho de *Ahhmet Inabet Oullah,* por ordem do *Imam Abou-el-Hassan-Ali-Daher-Li-Izaz-Din-Illah,* filho de *Hhakem-Biamr-Illah,* principe dos *Crentes.* Vid. o livro de *C. Mauss — Notice sur le tracé du plan de la mosquée d'Omar et de la rotonde du Saint Sepolcre. Revue Arch. Paris,* Ernest Leroux, n.º 28, Rue Bonaparte, 1888.

Logo o turco nos fez notar, ainda, uma depressão na rocha, feita pelos pés do *Propheta!*

E alli, no angulo Sudoeste, apontava-nos a pedra de *Mahomet* cercada por uma grade, o seu estandarte verde enrolado em volta da sua lança e a bandeira d'*Omar!*

Mostrou-nos, depois, uma pedra celebre que os turcos chamam *Es-Sakhrah.* [1]

Cobre-a um immenso docel de seda vermelha e verde, que, segundo a opinião musulmana, recorda a barraca dada por Deus a Adão, quando este descobriu Eva sobre um monte vizinho a *Meca!*

Descemos todos em seguida a um subterraneo irregular, cujo tecto é formado pelo rochedo *Es-Sakhrah.* [2] Este occupa, hoje, todo o cen-

---

[1] Este rochedo venerando é o mesmo sobre o qual *Abrahão* accendeu a fogueira em que ia sacrificar seu proprio filho *Izaac;* sobre o qual desceu o fogo do céo para consummar o sacrificio em signal do perdão concedido por Deus ao rei culpado, mas penitente. *(1.º dos Paral.,* XXI, 26); sobre o qual repoisou a *Arca da Alliança* durante os 406 annos em que se conservou de pé o templo de *Salomão!* Elle marca, hoje, o cume, o pinaculo do *Moriah,* sagrado para os Israelistas, para os musulmanos e para os christãos. E' alli a eira de Ornan, o Jebuseu, onde o rei David viu o Anjo exterminador "sustentando na mão uma espada núa voltada contra Jerusalém". *(2.º dos Reis,* XXIV, 16. *1.º dos Paral.,* XXI, 16.*)* Nunca alli entram os Judeus, nem se quer adentro do recinto da mesquita, com receio, dizem, de pisarem o solo sagrado do *Santo dos Santos,* cuja posição verdadeiramente não é ainda exactamente conhecida. Os musulmanos cercaram este rochedo com uma balaustrada de madeira, naturalmente para evitarem que os christãos o profanem, tocando-lhe. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria.

[2] O rochedo, hoje *Sakhrah,* estava encerrado, no *Templo* de Salomão, a dentro d'um santuario de vinte covados de comprimento, vinte de largo e trinta d'alto. Todo o seu interior estava recoberto de laminas de oiro, d'um valor inestimavel. Chamava-se o *Santo dos Santos.*

tro da mesquita. Antigamente estava encerrado a dentro do *Santo dos Santos* do templo de *Salomão*.

Alli, o turco, nosso *guia*, quiz fazer-nos convencer de que o rochedo não assenta no solo, sendo sustentado milagrosamente no ar!

O excellente homem dizia estas coisas em arabe, que o bom *Fr. Lievin de Hamme* se encarregava de traduzir-nos em francez.

Este logar é venerado como santo por todos os musulmanos; segundo elles dizem, toda a oração que alli se faz, vale tanto como se fôra feita no céo! Todo aquelle que alli orar, fica, dizem, innocente como no dia em que nasceu, e se adrega de morrer na mesquita, é como se morresse no paraiso!

— Todas as noites alli manda o Senhor setenta mil anjos cantar *Alleluia* — continuou explicando o *guia* — e se do céo cahisse uma pedra, ella viria cahir por sobre o rochedo *Sakhrah!* Este é um dos montes do paraiso: descança sobre uma palmeira invisivel, que é sustentada pelas mãos dos dois grandes prophetas, *Aïssas* [1] e *Mahomet!* Debaixo d'essa palmeira nasce a agua que os homens bebem, e nascem os quatro rios do paraiso! Pelo que *Mahomet* diz no *Korão:* «Correm as aguas, sopram os ventos debaixo do rochedo *Sakhrah*, em Jérusalem»! Esta pedra ha de converter-se no dia do juizo n'um brilhante coral!

Eu ouvi toda esta narrativa do *guia*, em silencio. Era justo que eu respeitasse as crenças e as convicções d'aquelle homem.

Mostrou-nos elle, depois, uma leve depressão na abobada; tocou no rochedo com a mão que em seguida beijou respeitosamente!

Era no *Santo dos Santos* que estavam encerrados a *Arca da Alliança*, o *Propiciatorio* e os *Cherubins. (Exodo,* xxv, 10 a 20; *3.º dos Reis,* vi, 23.)

[1] Jesus.

E logo explicou, que tendo *Mahomet* chegado de *Meca* alli milagrosamente, transportado pela sua egua, de nome *El Borak*, batera descuidosamente com a cabeça na pedra, amollecendo ella logo como se fòra cêra e recebendo a fórma do seu turbante!

Depois, mostrou-nos dois cabellos authenticos, segundo disse, das barbas do *Propheta!* Estavam encerrados n'um precioso estojo, encerrado, ainda, a dentro d'uma urna de prata de bellas proporções!

E apontou-nos mais no *Sakhrah* uma parte d'elle a que chamou *lingua*, porque fallou com *Omar!* Foi o caso assim: Como *Omar* tivesse descoberto não sei que veneranda reliquia occulta no rochedo, e, rejubilante, exclamasse: *A ti, saude!* logo o rochedo respondeu: *A ti, saude!*

— Os nichos que viamos agora — disse o *guia* — marcam os logares onde oraram Abrahão, David, Salomão, Jesus e S. Jorge!

Depois foi o *poço das almas* que o *guia* nos mostrou! Ahi se reunem, duas vezes por semana, as almas dos musulmanos para adorarem a Deus! E ainda nos mostrou, em frente á porta da mesquita, na parte Sul, a balança onde serão pesados os meritos e os peccados de cada alma! Uma authentica balança material!

Quantas superstições mais nos não referiu elle! A todas omitto, porém, para não deslustrar estas paginas.

Afóra da mesquita d'*Omar*, [1] que é, incontestavelmente, o mais bello monumento de *Jérusalem*, ainda sobre a grande explanada do *Mo-*

[1] Não deixo de notar que esta mesquita, fundada pelo califa Abd-el--Melek, em 690, foi convertida pelos Cruzados n'uma igreja; foi Saladino quem, após a queda do Reino Latino de Jérusalem, a dedicou novamente ao culto de Allah, depois de a haver demoradamente purificado com aspersões d'agua de rosas.

riah, vêem-se outros monumentos, verdadeiras curiosidades architectonicas, o Tribunal de David, [1] a Fonte das Abluções, o Pulpito de Kadi, [2] minaretes e cupulas, recamadas de primores artisticos.

Todos elles, todos aquelles *kiosques*, *mihrabs*, ediculos, pequenos arcos, attestam uma velhice millenaria; comidos pelos seculos, respiram abandono e melancolia, ensombrados pelos cyprestes centenarios e pelas oliveiras moribundas, que alli e além, na explanada do Moriah, pavimentada de largas pedras polidas por entre cujas frinchas a herva cresce e sorriem ao sol na primavera as margaridas, os botões d'oiro e os asphodelos, se desenham sombriamente na athmosphera calma. E á primeira impressão se reconhece logo em todas essas pequenas construcções sarracenas, que ellas são compostas com os destroços d'antigas igrejas christãs, de templos antigos, de synagogas, basilicas dos imperadores gregos, sanctuarios pagãos de Venus.

Interessantissimo entre todos é aquelle que designam como marcando a residencia do santo velho Simeão e da Virgem, quando viveu em Jérusalem, no *Templo*. E' a mesquita conhecida pelo nome de *El-Aksa*, primitiva igreja da Apresentação, edificada por Justiniano, admiravel ainda hoje com as suas sete naves, o seu telhado metallico, as suas arcadas ogivaes, os seus

[1] Encontra-se este edificio, polygonal, de columnas concentricas, em frente á porta E. da mesquita d'Omar. E' alli o *Tribunal de David*, lhe chamam os musulmanos, onde são pesados os meritos e os peccados das almas. Liga-o ao céo uma cadeia invisivel, dizem, e por isso lhe chamam a *cupula da cadeia*.

[2] Este monumento, verdadeiro *bijou* d'esculptura, foi construido em 1456.

Os musulmanos pregam ahi todas as sexta-feiras do Ramadan. Os seus materiaes provêm, talvez, d'altares christãos.

ricos capiteis bysantinos, os seus preciosos lustres e mosaicos, travejamentos lavrados e a sua feição de basilica christã que fôra, bem visivel nas tres naves centraes.

Omar achou-a tão bella que fez n'ella a sua oração. Logo os musulmanos, em obediencia a um preceito do Korão a converteram n'uma mesquita! [1]

Os musulmanos prendem, tambem, áquelle logar as mais ridiculas superstições. Entre ellas singulariza-se a que se prende com as duas *Columnas da Prova.* [2]

A alguma distancia d'este logar, desce-se a um enorme subterraneo, de enormes arcarias, construcção de Herodes o *Grande.*

---

[1] A ultima restauração de *El-Aksa,* data de Saladino (1187); foi elle quem a cobriu de mosaicos e fez conduzir d'Alep a magnifica cadeira que n'ella se admira hoje. Os musulmanos mostram proximo uma pégada dos pés de Jesus.

[2] E' a seguinte: Bemaventurado, dizem os musulmanos, é aquelle que consegue passar por entre ellas, porque, logo após a sua morte, irá direito ao céo! Ora, como ellas são estreitas e por entre ellas apenas póde passar um homem de mediana gordura, aconteceu em Agosto de 1881, que um crente do *Islam* excessivamente gordo, tentando forçar essa terrivel passagem, morreu esmagado! Desde então para cá, a fim de evitar estes desagradaveis incidentes, está collocado entre as columnas um monumento de ferro que impede tentar a prova! Se algum dia alli fôrdes mostrar-vos-hão tambem, dentro do *Mihrah,* á luz d'uma vela, o *vestigio d'um pé de Christo!* Descereis tambem ás Estrebarias de Salomão, que comprehendem todo o sub-solo das duas mesquitas *Es-Sakhrah* e *El-Aksa.* São apenas as estrebarias dos Templarios, do tempo dos Cruzados. Fr. Lievin sustenta que esses subterraneos se estendem sob o local do palacio de Salomão e que os pilares datam dos tempos dos reis de Judá. Sobretudo, proximo do *Mihrah* admirae o pulpito de madeira, transportado d'Alep, para alli. A esculptura é sumptuosa.

Todos nós alli descemos. *Fr. Lievin de Hamme* era incansavel sempre na exposição historica que nos fazia de todos aquelles logares. No entretanto alguem em cima entretinha-se fazendo rolar um grande cylindro de pedra, o que produzia o effeito d'uma trovoada longinqua, retumbando na atmosphera crassa do subterraneo.

Na esplanada, em cima, esteve elle depois narrando-nos largamente, erecto, com grande vigor de linguagem e aprimorada elocução, acompanhada de gestos sobrios, sempre em phrase elegante, concisa e pura, e em francez correctissimo, n'uma admiravel eloquencia synthetica e em meio do silencio geral de todos os peregrinos que o rodeavam, a historia d'aquella montanha, desde os tempos da realeza judaica até á epocha da dominação romana!

Fallou do *Templo* construido alli pelo opulento rei Salomão, que descreveu minuciosamente. [1]

---

[1] Quem segue ao longo da muralha da esplanada da mesquita d'*Omar* até ao angulo S.E., a partir da porta *Aurea*, vai vêr, ainda, uma parte do muro do opulento palacio chamado o *Palacio do Bosque do Libano,* construido por *Salomão,* no monte *Moriah.* O *Templo* construido pelo faustoso rei e acabado sete annos depois de começado foi incendiado por Nabuchodonosor em 583, antes de Christo. *(4.º dos Reis,* xxv, 9.) *Zorobabel,* voltando do captiveiro de Babylonia, reedificou-o. Foi este *Templo* novo que Alexandre de Macedonia visitou em 333 antes de J. C. No anno 166, Antiocho Epiphanes roubou-o e levantou ahi um altar aos idolos. *(1.º dos Macch.,* I, 57.) Judas Macchabeu o purificou dois annos depois. Herodes o *Grande,* finalmente, engrandeceu-o por uma fórma maravilhosa. Tito destruiu-o até aos fundamentos, levando para Roma o Candelabro dos sete bicos e a Meza dos Pães da Proposição que figuraram no seu triumpho. Ainda hoje se vêm esculpturados sobre o Arco levantado em sua honra, em Roma. Sobre as magnificencias do Templo e Palacio de Salomão vid. os Livros dos Reis, os dois das Chronicas e o livro de M. de Saulcy — *Histoire de*

l'art judaique, Pariz, 1858, e as *Ant. Judaicas* de Josepho, (Livr. 8.º cap. 2.º). Adriano, em 136, levantou ahi um templo em honra de Jupiter e os Judeus expulsos da sua patria, só a peso de oiro é que conseguiram licença para virem, uma vez por anno, chorar junto das suas ruinas.

Sabe-se que Juliano, o Apostata, tentou reedificar o Templo de Jérusalem, no intuito de desmentir a prophecia de Jesus Christo. O escriptor pagão Ammiano Marcellino diz-nos que por tres vezes o fogo vomitado das entranhas da terra devorou a obra do impio sobrinho de Constantino. Foi o imperador Justiniano quem voltou a santificar a esplanada do Moriah, construindo a igreja da Apresentação.

Herodes mandara começar a reconstrucção do Templo nos annos 20 ou 21 antes da era christã. Elle era todo novo no tempo de Jesus, não estando ainda concluidas as obras exteriores. A nave do Templo concluiu-se em dezoito mezes e os porticos em oito annos, (Josepho. *Ant.*, XV, XI, 5, 6) mas as partes accessorias continuaram e só ficaram acabadas pouco tempo antes da conquista de Jérusalem. (Josepho XX, IX, 7.)

O Templo formava um todo maravilhosamente respeitavel, de que mal póde dar uma ideia o actual *Haram*, apesar da sua belleza. Os pateos e os porticos que o cercavam serviam diariamente de reunião a uma multidão consideravel, de modo que esse grande espaço era ao mesmo tempo o templo, o fôro, o tribunal e a universidade. Todas as discussões religiosas das escolas judaicas, todo o ensino canonico, mesmo os processos e as causas civis, toda a actividade, emfim, da nação estava alli concentrada. (*Luc.* II, 46 e seg.— Mischna, *Sanhedrin*, X, 2). Era um continuo sussurro de argumentações, um campo fechado de disputas, de sophismas e questões subtis. No recinto do Templo haviam-se estabelecido toda a sorte de bazares; alli se vendiam os animaes para os sacrificios, estofos, veus, faixas e sedas preciosas de Tyro, trocava-se alli a moeda, negociava-se em azeite e em productos agricolas; era alli o centro vital de Jérusalem; mais parecia uma feira, um mercado pagão, como o de Cesaréa, do que a casa de Deus. Os Romanos, que n'essa epocha dominavam em Jérusalem, respeitando todas as religiões estranhas não commettiam a entrada no sanctuario dando d'elle inteira posse e liberdade aos Judeus pelo que inscripções gregas e latinas marcavam o ponto até onde aos que não eram Judeus era permittido entrar. (Jose-

Fallou da torre *Antonia*, [1] da torre de *Straton*, da colossal ponte de 15 metros de largo,

---

pho. *B. Judaico*, x. v, 2). Os Romanos, porém, dos terraços da Torre Antonia dominavam todo o recinto do Templo, ahi jogavam a barra e se divertiam observando toda a vida judaica desenrolada no Moriah. A policia do Templo pertencia aos Judeus; a um capitão cumpria administral-a, mandar abrir e fechar as portas, impedir que alguem atravessasse o recinto com um páo na mão, com calçado empoeirado, com uma carga qualquer ou com o fim d'abreviar o caminho. (Mischna, *Berakoth*, IX, 5. *Talmud de Babylonia. Jebamoth*, 6, b.) Sobretudo vigiava-se escrupulosamente que ninguem entrasse os porticos interiores no estado d'impureza legal. As mulheres tinham ahi um lugar absolutamente separado.

[1] Depois da deposição de *Archelau* por Augusto os governadores romanos de Jérusalem administravam a justiça n'esta torre. Esta torre, primitivamente chamada *Baris*, foi construida em 121, antes de Christo, por Hircano, filho de Simão Macchabeu, grande sacrificador e chefe supremo do povo judeu. Hircano habitou-a e ahi guardou as vestes sacras para as cerimonias do *Templo*.

Herodes o *Grande* fêl-a fortificar maravilhosamente e chamou-lhe Antonia, em honra do seu amigo *Marco Antonio*.

Sob a dominação romana esta fortaleza era occupada parte pelo governador e parte pela guarnição destinada a velar pelo povo e pelo *Templo*.

No anno 70, Tito fêl-a demolir pelas legiões romanas, que empregaram sete dias n'este serviço.

Ella elevava-se a N.O. do *Templo* e formava o angulo de duas galerias do pateo dos *Gentios*. Assemelhava-se a uma cidade pelas suas dimensões e a um palacio pelo seu esplendor. Era defendida por fossos profundos que lhe impediam o accesso.

O emprazamento d'esta torre encontra-se, hoje, occupado pela caserna turca, cuja construcção nada tem de notavel. E', porém, no interior d'esta caserna que se encontram dois dos mais sagrados *Logares* da Paixão do Senhor: o *Pretorio* e o *Logar da Coroação d'Espinhos*, transformado este, hoje, em sepultura d'um *derviche*. De resto, por sobre o comprimento de cem metros no *Haram ech Charif* ainda se vêem os vestigios do rochedo a pique sobre o qual a torre *Antonia* estava alicerçada.

construida por sobre o valle do *Tyropéon* [1] e que ligava entre si o *Moriah* e o *Sião*, de muitos outros monumentos, emfim, que embellezavam e cobriam aquella parte da cidade, enterrados, hoje, sob trinta metros de alluvião!

D'alli nos retirámos todos, finalmente, depois de havermos entregue ao *guia* os *bakchiches* do contracto, a dois francos por cabeça. E, explicou-nos o excellente *Fr. Lievin*, por muito felizes nos deveriamos dar! Desde muito pouco tempo, ainda, é que os turcos permittem a entrada alli aos christãos!

A esplanada do *Moriah*, [2] chão veneravel que

---

[1] Ainda se vêem, hoje, vestigios d'esta ponte a mui pouca distancia do logar do *Pranto dos Judeus*. Ella foi construida pelos reis de *Judá*, por Salomão, talvez. Ligava o *Moriah* ao monte *Sião*, e tinha quinze metros de largo. Era ella quem conduzia ao palacio dos principes *Asmoneus*, e ao *Xisto* que estavam construidos por sobre o monte *Sião. (Vid. Flav. Joseph., liv. 2-28 e liv. 6-34.)* O valle do Tyropéon tem sido completamente removido *de fond en comble* pelos palestinologos. (Vid. a descripção de Jérusalem por Flavio Josepho, *Guerra dos Judéos*, livr. 5, cap. 13.)

[2] Esta esplanada marca o emprazamento do antigo pateo dos *Gentios*, do *Templo* de Salomão. A plata-forma propriamente dita da actual mesquita occupa o pateo d'*Israël* do primitivo *Templo*. Sobe-se ahi por uma escadaria de seis degraus. As grandes lages que tapetam o pavimento ahi são, ainda, as primitivas, segundo me disse *Fr. Lievin*. Prendem-se aqui as maiores e mais veneraveis recordações evangelicas.

Quando o Evangelho diz que Jesus "subiu ao Templo", que Elle "entrou no Templo" refere-se effectivamente a este pateo; é no pateo d'Israël que se passaram a maior parte dos factos evangelicos que tiveram o Templo por theatro. E' ahi que Maria o conduziu com um par de pombas, aos quarenta dias do seu nascimento e é ahi que Simeão cantou o *Nunc dimittis. (Luc.*, II, 22). E' ahi que a Mãe idolatrada veiu encontral-o, joven já, depois das angustias de El-Bireh, em meio do circulo ma-

recorda as mais venerandas tradições da antiguidade judaica, plantado hoje, aqui e alli, de oliveiras verdes e ensombrado, na parte Sul, por alguns velhos cyprestes de remota apparencia e de esguia gracilidade, é, incontestavelmente, uma das mais bellas e surprehendentes visitas profanas que os extrangeiros pódem fazer em Jérusalem.

Ao retirarmo'-nos, o *guia* amavelmente nos saudou, despedindo-se de nós com graciosissimos salamaleques!

---

ravilhado dos velhos doutores d'Israël. *(Luc.*, II, 46). Era ahi que elle ensinava com esse accento d'auctoridade, essa logica, essa divina energia que arrancava aos seus inimigos confissões d'estas: Nunca homem fallou jamais como este homem. *(João,* VII, 46). Ahi confundia elle os doutores, os escribas e apanhava nas malhas da sua logica implacavel a sua perfida hypocrisia, ora escrevendo na terra os seus peccados occultos, ora usando de misericordia para com a mulher adultera; *(João,* VIII, 3 e seg.) ahi resolve Elle por uma forma maravilhosa a questão do tributo a pagar a Cesar; *(Math.*, XXII, 17 e seg.) é ahi que Elle vê a viuva lançar no Gasophilacio as suas duas moedas de cobre; *(Luc.*, XXI, 1) alli por duas vezes Elle fustigou os mercadores de carneiros e de pombas para os sacrificios e derrubou as mezas dos que trocavam moeda; *(João,* II, 13 e seg., *Math.*, XXI, 12) ahi provocou Elle, depois das do Jordão e do Thabôr, uma terceira manifestação do céo pela qual o Pae glorificava o Filho, crendo uns d'entre os assistentes que um anjo fallara e outros que o trovão ribombara *(João,* XII, 28); ahi resoaram os hossanas dos meninos em dia de Ramos; *(Math.*, XXI, 15) ahi ensinou Elle ao povo as grandes e admiraveis parabolas da figueira, (*Math.*, XXIV, 32) dos vinhateiros homicidas (XXI, 33) das virgens loucas (*Math.*, XXV, 1 e seg.) dos talentos; (*Math.*, XXV, 14 e seg.) ahi prophetizou Elle as desgraças futuras de Sião, a ruina do Templo e o fim do mundo com o seu terrivel Juizo *(Marc.*, XIII, 14), ahi, finalmente, para esmagar d'uma vez para sempre com uma suprema maldição os phariseus enfatuados e orgulhosos lhes disse serem elles sepulchros branqueados, cheios de vicios e de impurezas, raça de viboras, destinados á eterna Gehenna! *(Math.*, XXIII).

Não quero, ainda, esquecer-me de dizer que, na parte oriental do *Moriah*, fechado, ainda hoje, pelas muralhas dos Cruzados, se abria, outr'ora. a porta *Aurea*, por onde entrou o Salvador, no domingo de *Ramos*. [1]

Esta porta, [2] construcção talvez, ainda, dos tempos de Salomão, e junto da qual eu estive, conserva-se sempre fechada, murada externamente pelos turcos, que assim dão cumprimento á prophecia *d'Ezéchiel*. [3]

Contaram-me que isto era por duas razões: a primeira porque entre os musulmanos se diz que os christãos entrarão por ella a tomar posse da cidade; a segunda porque, costumando os christãos todos os annos, em domingo de *Ramos*, solemnizar a festa *das Palmas* com uma solemne procissão, sahida de *Bethphagé* e vinda até ao local do antigo Templo, atravez da porta Aurea, percorrendo assim todo o caminho que o Salvador percorrera em tal dia, os judeus da cidade, em odio aos christãos, combinaram com os turcos, mediante avultada quantia, fechar a porta, tornando-a inaccessivel! [4]

---

[1] *Math.*, XXI, 10.

[2] Esta porta que dava communicação da esplanada do Templo para o valle de Josaphat, julga-se ser a antiga porta *Speciosa* onde, segundo uma antiga tradição, S. Joaquim recebeu da bocca do *Anjo* a boa nova de que sua esposa daria á luz *Maria*, mais tarde, por sua vez, Mãe de Deus. Os ornamentos que aformoseam esta porta, são restos da capella alli construida por Justiniano. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria. Uma parte dos *Cruzados* que pereceram na tomada de Jérusalem em 1099, foram sepultados proximo da porta *Aurea*. S. Pedro resuscitou o paralytico junto da porta *Speciosa* (*Actos*, III, 2).

[3] *Ezéchiel*, XLIV, 1 e 2.

[4] Esta procissão já se não realisa por esta razão mesma. Foi por esta mesma porta que entrou o imperador Heraclio, em 628, trazendo aos hombros o fragmento do Santo Lenho roubado pelos Persas, e que tinha sido achado por Santa Helena.

*

* *

Eu visitei e todos os peregrinos devem visitar tambem na Cidade Santa a pequenina igreja da *Flagellação* [1] que marca o *Logar*, onde o Senhor foi flagellado. [2]

---

[1] N'esta igreja, como, em geral, em todos os *Logares* que marcam algum facto directo e pessoal referente a Jesus, ganha-se uma Indulgencia plenaria. A igreja da *Flagellação* está aberta todos os dias desde pela manhã até ás 10 horas e desde as 3 da tarde até ao pôr do sol. A's 7 horas da manhã celebra-se lá *Missa* diariamente.

Primitivamente existia uma pequena capella no *Logar* sagrado da *Flagellação.* Este antigo sanctuario foi arrancado em 1618 aos seus legitimos possuidores por *Moustapha Bec,* cujo pae era então *Pachá* de Jérusalem, e convertido em cavalhariça. Mas como este profanador fizesse ahi introduzir os seus melhores cavallos, no dia seguinte, diz a tradição, todos appareceram mortos! Fez o impio introduzir alli os seus restantes cavallos que tiveram identica sorte. *Moustapha* consternado convocou, então, todos os sabios do Islamismo, a fim de os interrogar sobre a causa d'estes factos repetidos. Os sabios lhe disseram que elle não devia admirar-se do acontecido, pois que n'aquelle logar *Issá-Jesus* tinha sido flagellado, pelo que Deus não queria que se recolhessem alli animaes. *Moustapha* abandonou então aquelle logar mas não o restituiu aos christãos. Na serie dos tempos uma parte do edificio sagrado desabou, perdendo a fórma d'igreja.

Foi *Ibrahim Pachá*, em 1888, quem restituiu estas ruinas aos Padres Franciscanos. A igreja actual data d'essa epocha. Ella foi construida sobre as antigas ruinas, graças á generosidade de Maximiliano, duque da Baviera. Os Franciscanos conservaram ahi tudo quanto restava do primitivo edificio. No angulo S. O. do terreno da igreja da *Flagellação* vêem-se as ruinas d'uma construcção chamada *Capella do Repoiso*, onde, segundo uma tradição medieval, Jesus Christo, Senhor nosso, carregado com a Cruz, descançou por momentos.

[2] *Math.*, XXVII, 26; *Marc.*, XV, 15; *Joan.*, XIX, 1.

Está ella a mui poucos passos de distancia do *Pretorio*, do qual era uma dependencia. Debaixo do altar-mór, vê-se, ainda, o proprio sitio onde se firmava a *Columna*, [1] á qual o Senhor foi amarrado!

E' commovente e piedosissima esta pequenina igreja, que os Franciscanos guardam. São muitas as Indulgencias que ganham os christãos que alli oram.

Incrustada no pavimento, sob o altar-mór, lê-se esta passagem do Psalmo: *Fui flagellatus tota die, et castigatio mea in matutinis.* [2]

Continuadamente illuminada pelos lumes das alampadas, embalsamada pelos perfumes exhalados dos grandes jarrões de flôres que ornamentam os altares, esta pequenina igreja inspira recolhimento e piedade.

A luz exterior do sol, velada e discreta, tamizada atravez dos estores de seda vermelha e dos vitraes coloridos que guarnecem as janellas do pequeno recinto sagrado, imprime ao pequenino templo tons de mysterioso e suavissimo mysticismo contemplativo.

Os castiçaes liturgicos do altar-mór resplendem, como columnas d'oiro, por entre ramos d'açucenas candidas e de lyrios roseos, que mergulham as suas raizes soffregas em jarras preciosas de crystal de rocha. Aromas finos de vio-

---

[1] Existem duas columnas da *Flagellação*. Uma em Jérusalem, na igreja do *Santo Sepulchro*, onde eu a vi, n'um dos altares do Côro, pertencente aos Latinos e outra em *Roma*, na igreja de *Santa Praxedes*, que eu tambem já pude vêr, em 1891. A primeira é a do *Pretorio*. A segunda a da casa de *Caiphaz*. Segundo uma tradição oriental perfilhada por S. João Chrysostomo, Jesus foi flagellado por duas vezes; a primeira no palacio de *Caiphaz*, e a segunda no Pretorio.

[2] *Psalm.* LXXII, 14.

letas e myosotis erram na atmosphera envolvente.

Ao lado, preso á columna, o Senhor soffre o tormento da flagellação, humilde e resignado, na mais pungente desolação da alma, deixando vêr as suas carnes maceradas, os seus labios roxos, e todo o seu corpo sagrado, em chaga...

*

* *

Uma das particularidades que eu vi, ainda, em Jérusalem, foi o *Lithostrotos*. Esta palavra grega quer dizer: *pavimento de pedra*. Prescindindo de ennumerar todas as explicações que se têm dado sobre esta palavra, direi apenas que, na companhia d'uma Religiosa do convento das *Damas de Sião*, annexo á egreja do *Ecce-Homo*, [1] junto da *Via Dolorosa*, muito perto do *Pretorio*, desci eu aos subterraneos d'essa igreja e ahi pude vêr o pavimento da primitiva rua da *Amar-*

---

[1] A igreja é notavel pelo seu estylo simples e severo. A luz solar entra n'ella atravez das doze janellas d'uma bella cupula. Tem tres naves. E', na parte S. E. d'esta igreja, que se vê o Arco do *Ecce-Homo*, d'onde, segundo a tradição, Pilatos mostrou ao povo o Senhor flagellado, na esperança de excitar a compaixão dos Judeus deicidas (*João*, XIX, 5). Esta hypothese ou tradição é hoje, insustentavel. O proprio caracter do monumento, a sua ornamentação architectural cujos vestigios têm sido achados, provam que o monumento não ultrapassa os primeiros seculos da era christã. Talvez seja um monumento Constantiniano, um arco triumphal levantado á entrada da Via Dolorosa. E' esta uma opinião, hoje, muito admittida. No interior já do convento das *Damas de Sião*, vê-se uma antiga piscina que é provavelmente a piscina de *Strouthion*, perto da qual Tito mandou construir uma das quatro plataformas que estavam voltadas para o Septentrião. Esta piscina é alimentada, ainda hoje, por uma fonte d'agua potavel, ainda que salobra.

gura, pisado pelo Senhor, a caminho do Calvario.

Parece que era a esse pavimento, calçado de lages chatas e largas, que os Romanos chamavam *Lithostrotos*. [1]

Não admira que elle esteja, agora, áquella profundidade, pois que em geral Jérusalem, está, hoje, muito acima do nivel em que estava no tempo de Christo. [2]

Aquelle pavimento beija-se de joelhos, porque é sagrado. Está ungido com o sangue divino de Jesus!

Tambem Elle, ao meio da rua, carregado com a pesada cruz do seu martyrio, ainda hoje pa-

---

[1] O *Lithostrotos* (nome grego) ou *Gabbath'a*, em hebreu é, mais particularmente no Evangelho de *S. João*. cap. XIX, 13 o tribunal de Pilatos, assim chamado por causa dos ladrilhos que revestiam o solo. Actualmente, o *Lithostrotos* e o *Pretorio* estão, em grande parte, occupados pelo pateo da caserna turca. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria. Esta caserna encerra, ainda, o *Logar* onde Jesus foi coroado de espinhos (*Marc.*, XV, 17). Houve ahi, antigamente, uma capella. Hoje, é simplesmente um *ouéli* musulmano, coroado por uma cupula, cujo centro é occupado pelo tumulo d'um *derviche*.

A sete metros de distancia para Leste da porta d'entrada da caserna turca, encontra-se, á esquerda, uma porta de dois batentes, a cujos pés direitos se lê: ***Milites flectentes coronam de spinis, imposuerunt capiti ejus. (João,** XIX, 2). **Locus in quo apprehendit Pilatus Jesum et flagellavit. (João,** XIX, 1). E' esta porta a que dá accesso para o pateo onde se encontra a entrada para a igreja da ***Flagellação***.

[2] A antiga Jérusalem dos tempos de Christo está, hoje, sotterrada toda a muitos metros de profundidade, isto, sem duvida, devido ás successivas reconstrucções da cidade. No Terreno dos Peregrinos, no monte Sião, pertencente aos Padres da Assumpção, têm estes posto a descoberto porção consideravel de ruinas e vestigios da antiga Jérusalem, como adiante frisarei.

rece vêr-se passar, encarnado na imagem que alli o representa!

As largas pedras que formam o pavimento d'esta rua subterranea eram, como ainda hoje se vê, onduladas, picadas a cinzel para evitar que os cavallos escorregassem n'ellas. Ahi se vêm, tambem, ainda, uns buracos que serviam para os soldados romanos da Torre Antonia se entreterem ao jogo.

A Congregação e a igreja das *Damas de Sião*, foi instituida e fundada em Pariz, em 1842, pelo veneravel padre *Ratisbonna*, judeu, convertido por um milagre da Santa Virgem na igreja de Santo André *delle Fratte*, em Roma, cuja vida e historia são muito conhecidas.

Esta Congregação, [1] que se dedica á conversão dos Israelitas da cidade, e que alli sustenta um orphalinato, um collegio de meninas frequentado por mais de 200 creanças, judias, christãs, turcas e arabes, e um dispensario para doentes israelitas e musulmanos, foi uma das que mais me despertaram a attenção em Jérusalem. Esta e a das *Damas da Adoração Perpetua do SS. Sacramento, ou de Maria Reparadora*, que tambem visitei, [2] *extra-muros* de Jérusalem.

* * *

Entre o convento dos *Syrios* e a igreja do *Santo Sepulchro* encontra-se, hoje, em Jérusa-

---

[1] O edificio da Congregação em Jérusalem podia figurar honrosamente nas melhores cidades europeas. As Religiosas são quasi todas francezas. A Congregação possue ainda na Palestina muitas outras escolas.

[2] O novo e grandioso convento das Irmãs de Maria Reparadora, uma das mais bellas construcções de Jérusalem, levanta-se hoje, em frente ao Hospital de S. Luiz. Na minha segunda visita a Jérusalem assisti alli uma tarde á piedosa Benção do S.S.

lem a igreja de *S. João*, pertencente ao Patriarchado grego. Esta igreja occupa o emprazamento da casa de João o *Evangelista* e de *Zebedeu*, seu pae. [1] Os Gregos pretendem affirmar que Zebedeu, de profissão pescador, vendia alli peixe, vindo de Joppé.

*

* *

Notavel pela sua belleza architectonica e riqueza dos seus ornatos, é, ainda, a igreja gothica do *Patriarchado* Latino, dedicada ao Santo Nome de Jesus, a pouca distancia da *Casa Nova*. Essa igreja é servida por clero secular. Ella foi fundada por Mgr. Valerga, primeiro Patriarcha latino de Jérusalem, desde 1849 e que n'ella repousa no somno da morte.

O palacio do patriarchado, bella construcção moderna, está-lhe adjacente. O seminario latino do Patriarchado encontra-se em *Beït-Djallah*. Ao lado do Patriarchado latino levanta-se o edificio onde se acha installada a escola dos Irmãos da Doutrina Christã, frequentada por mais de 200 creanças.

*

* *

Uma tarde em Jérusalem, indo eu de passeio até ao horto de *Gethsémani*, vi passar um enterro musulmano, mais ou menos pelas immediações da porta de Damasco, *extra-muros*. Era um morto que era conduzido a ser enterrado. Segundo o costume musulmano havia sido elle lavado logo após a sua morte emquanto uns certos

---

[1] Quaresmius *De Elucidatione Terræ Sanctæ.* Não consegui vêr o livro d'este auctor, mas eu encontro-o transcripto n'um grande numero de escriptores antigos. Elle era Guardião de Jérusalem, em 1618.

recitavam determinados capitulos do *Korão* e as carpideiras — *méndabeh* — testemunhavam a sua dôr profunda soltando gritos e gemidos!

A' frente do cortejo caminhavam alguns pobres [1] cantando a profissão de fé musulmana: *Não ha outro Deus mais do que o proprio Deus; Mahomet é o enviado de Deus; Deus lhe seja propicio e o guarde!* A este grupo succediam-se as mulheres do defunto cobertas de luto pesado, os cabellos esparsos, acompanhadas de carpideiras tecendo os ultimos elogios do morto, sempre acompanhados de longos gemidos!

Que extravagante, original e bizarro cortejo funebre! Seguiam-se, depois, alguns estandartes e por fim uma padiola sobre a qual ia extendido o cadaver do morto, embrulhado n'um lençol e conduzido por quatro amigos que se revezavam de quando em quando. A procissão dirigia-se, segundo o ritual musulmano, para uma mesquita onde se recitam algumas orações junto do corpo do morto, sendo, seguidamente, este conduzido com o mesmo cerimonial á sepultura. Junto d'esta ainda se rezam as ultimas orações do ritual, findas as quaes o corpo é inhumado com a cabeça voltada para *Meca!*

Emquanto o cortejo passava, eu e o Rev.^mo^ Padre Renaudín, [2] que me acompanhava, permaneciamos ao lado da estrada, silenciosos e respeitosos. Eu tirei o chapéo e assim permaneci até que o cortejo funebre desappareceu, entrando na cidade.

Como o meu companheiro por momentos quizesse fazer allusão picaresca a tudo quanto viamos, eu reprehendi-o suavemente dizendo-lhe que nós não só deviamos respeitar as crenças e cos-

---

[1] Segundo a prescripção musulmana devem ser seis pelo-menos e preferem-se os cegos.

[2] Alludo a este bom companheiro em outro ponto do meu livro.

tumes de todo o mundo, mas *maximè* alli, onde eramos extranhos e onde mais imperiosa era a obrigação do respeito para com aquelles que podiam muito bem fechar as portas da sua cidade á curiosidade ou piedade dos europeus, viajantes e peregrinos.

Mas bem outro era o meu pensar! Não lh'o disse eu; porém, a dura lição dos factos e da vida por mim apprendida já na grande escola do mundo, assim me determinaram a fallar e proceder!

Fôra em *Port-Saïd*, na cidade indigena, que eu tivera occasião de observar uma cerimonia funebre semelhante áquella que acabava de vêr passar deante de mim, n'aquelle momento, em Jérusalem.

N'uma rua, lá estavam os musicos sentados em coxins, de pernas cruzadas, segundo o costume oriental, e tocando os seus originaes oboés e tambores, n'uma variedade de notas e ruidos inimaginavel! Em frente, a dentro d'uma casa, choravam em altos gritos as carpideiras de officio. Apenas um simples cortinado vermelho vedava a entrava da porta.

Pois eu tive a curiosidade e coragem insolita de ir metter a cabeça por dentro do cortinado a vêr o que se passava no interior! Logo que me viram os que lá estavam, começaram a gritar; vieram em cima de mim com muitos paus, e se eu não fujo, prestes e lepido, apanhava uma grande pisa de pancadas que haveria de lembrar-me com certeza toda a vida!

Ainda assim, como não puderam apanhar-me na carreira, vieram algum tempo sobre mim pela rua fóra, atirando-me de longe alguns paus, nenhum dos quaes me acertou, louvado Deus! Mas o caso despertou a attenção geral de todos os sordidos arabes, moradores da vizinhança; homens, mulheres e creanças, todos sahiam das suas barracas e baiucas a vêr o que era, soltando grandes risadas e pronunciando vozes que eu não entendia!

Com certeza que todos amaldiçoavam em nome de *Allah* o christão temerario que ousara penetrar no seu bairro e surprehender os segredos intimos da sua vida e crenças religiosas!

Fugi a bom fugir, confesso-o e nunca mais me lembrei de commetter outra imprudencia do genero! Logo tomei o *tramway* a tracção animal, que passava a pouca distancia e parti para a cidade européa, cheio ainda de medo d'aquella terrivel perseguição, que poderia ter-me custado uma larga brecha na cabeça!

Aquelles paus, sempre ao depois que via outros semelhantes, logo me acudiam á memoria e eram para mim um *memento homo!*

Só d'elles me esqueci em *Zanzibar*. Indo alli de passagem por uma rua fóra em companhia d'um estimavel rapaz de nome *Raphael*, ao qual alludirei mais adeante, como se nos deparasse uma mesquita, ao momento cheia de pretos e arabes, em grande algazarra de preces e orações, arrastado pela curiosidade cheguei eu a metter um pé dentro da soleira da porta de entrada, mas logo todos aquelles fanaticos e foliões adoradores de *Allah* vieram sobre mim com as suas *badines* no ar, que, se eu não fujo rapidissimo, punham-me, com certeza, todos os ossos n'um feixe!

Estas lições nunca as esqueço em minhas viagens. Se algum dos meus leitores viajar um dia por terras de infieis e de pagãos tenha sempre em lembrança viva estes casos fidelissimos que aqui lhe deixo relatados.

E, já que alludi a costumes musulmanos e arabes, que o christianismo não tem conseguido lapidar, aproveito a occasião, ainda, para relatar um outro costume oriental que observei no *Cairo*. Alludo a um casamento musulmano. Vi passar um cortejo de noivado. A desposada, opulentamente vestida, era conduzida primeiramente ao banho, antes de ser entregue ao esposo.

Tem esta procissão o nome de *Zeffet el-hham-*

mâme. A' frente marchava a musica composta de alguns oboés e tambores; após, seguiam, dois a dois, os amigos e os parentes da noiva, e atraz um grande numero de donzellas. A noiva ia completamente velada com um chaile de cachemira, ostentando na cabeça uma linda e graciosa corôa.

Alguns musicos, ainda, fechavam o cortejo que avançava com toda a lentidão.

A noiva, após o banho, é conduzida a casa do noivo com o mesmo apparato, com o rosto sempre em absoluto subtrahido aos olhares do mundo! As mulheres que acompanhavam aquelle cortejo nupcial soltavam continuadamente gritos de alegria que se chamam *Zaghârît*.

Entre os musulmanos, as mulheres casam-se aos dez e doze annos e, algumas vezes, mais novas ainda. São os parentes quem procuram a esposa ao noivo, o qual apenas póde vêl-a no dia do casamento!

Feito o accordo nupcial trata-se da questão do dote que varia muito, segundo as circumstancias. Ordinariamente os dois terços da somma ajustada são pagos logo, reservando-se o resto para o caso em que o noivo venha a morrer n'um certo prazo de tempo, ou a repudiar sua mulher.

*
* *

Uma tarde em que, quasi ao lusco-fusco, eu vinha recolhendo á *Casa Nova*, d'uma visita ao Jardim de Géthsémani, passou por mim um enterro judeu.

Todos quantos o acompanhavam, seguravam nas mãos fachos accesos. Eu os reconheci promptamente como Judeus, pelos seus bonnets forrados de pelles, pelos seus longos mantos de velludo e pelas tranças de cabello cahindo-lhes ao longo das orelhas.

Elles enterram os seus mortos, seja a que hora fôr do dia ou da noite, pois que entre elles é uso fazer desapparecer os cadaveres, apenas frios, no silencio dos tumulos, como coisa para elles immunda.

*

* *

E já que estou fallando de costumes musulmanos e orientaes alludirei a mais alguns verdadeiramente curiosos e interessantes. Os musulmanos não têm cadeiras para se sentarem. Sentam-se em coxins, esteiras e divans, com as pernas cruzadas, á altura do baixo ventre. Sempre escrupulosamente se descalçam quando entram em casa, ou se sentam e o mesmo fazem quando entram nas suas mesquitas ou logares mais respeitaveis. Este costume no Oriente vem dos tempos de Moysés. Quando o Propheta viu a sarça ardendo, recebeu ordem de Deus para se descalçar, porque o logar que elle pisava era santo. [1]

Pelo contrario os musulmanos que barbeam a propria cabeça nunca tiram d'ella o turbante, ou o *Takîyeh*, que se lhes enrola em muitas voltas em roda da mesma. Alguns turcos e quasi toda a gente no imperio ottomano usa tambem o *fêz* ou *tarbouch*, que é um pequeno barrete afunilado de côr vermelha. Muitos usam apenas o *fêz* e muitos ainda um pequeno lenço colorido atado em roda do *tarbouch*.

Nunca os mahometanos entram a orar nas mesquitas sem se lavarem as mãos, a cara e os pés. Como terei occasião de explicar em outras paginas deste livro, as mulheres musulmanas trazem sempre o rosto velado por um véo que lhes chega muitas vezes da cabeça até aos pés.

[1] *Exodo*, III, 5.

Nunca vereis um musulmano de braço dado com uma dama. A mulher entre os musulmanos ricos occupa uma posição muito inferior na escala social. Ellas não entram nas mesquitas. Nunca os maridos comem com a mulher e as filhas, porque a refeição é na sala nobre da casa e muitas vezes na presença de homens extranhos e nunca o rosto da esposa pode ser visto por outros olhos que não sejam os do marido! A etiqueta é tão rigorosa com respeito á mulher que, quando um musulmano chama o medico para visitar algumas das do seu *harem* (aposentos das mulheres) não só a pobre creatura é totalmente velada, mas a sua propria lingua, quando o medico deseje vel-a, só lhe é mostrada atravez d'um véo de renda appropriadamente feito! E ha musulmano que leva o rigor a não permittir a sahida ás suas mulheres senão de noite e ainda assim creados são mandados adiante para afastar os transeuntes!

Um musulmano quando ausente de casa nunca escreve para sua mulher ou suas filhas, mas para um filho, se elle tem um, ainda que d'um mez d'edade, apenas; e senão o tem escreve para um filho imaginario que elle ainda espera vir a ter! Se elle encontra alguem do seu conhecimento e da sua casa, inquirirá de tudo que lhe pertence, menos de sua mulher, ainda que seja notorio que ella está doente! Mas há mais e peior! A palavra *ajellack* inclue a ideia duma coisa grosseira e suja. Diz-se d'uns sapatos pouco limpos, d'um cão, d'um jumento *ajellack;* ora os musulmanos não têm outra expressão quando fallam de suas mulheres! Estes costumes degradantes comprehender-se-hão algum tanto se lembrarmos que os casamentos entre musulmanos são realisados sempre por contracto, sem que nunca o marido veja o rosto da sua futura mulher antes do casamento. O nascimento d'um filho é um acontecimento feliz nas familias musulmanas; porém o d'uma filha é considerado quasi como uma cala-

midade! O marido recusa-se a vêr e a fallar á propria mãe; os amigos e os parentes, particularmente as mulheres, exploram á parturiente a sua ignominia e dão ao infeliz marido as suas condolencias! Esta é muitas vezes a unica causa para o divorcio! Ainda aqui se perpetua um costume patriarchal. Estas pobres mulheres arabes e musulmanas manifestam o mais ardente desejo de se tornarem mães de filhos, como a Rachel que dizia para Jacob: Dá-me filhos senão morrerei. [1] E ellas fazem votos, como os fez em Silo a mãe de Samuel, [2] para que lhes seja concedido um filho! Um outro costume interessante é que o pae toma sempre o nome do seu primeiro filho e não simplesmente na vida particular, mas nos documentos legaes e para todos os effeitos communs da vida. E a propria mãe perde o seu nome e fica sendo chamada pelo nome de seu filho! Assim se este se chama Besharah, a mãe chamar-se-ha: *En Besharah* (mãe de Besharah).

Nunca tambem os orientaes se assentam á meza para comer, que não venha um servo com uma bilha e uma toalha, derramar-lhes agua ás mãos para as lavarem e á bocca. Quando na casa não ha servos desempenham este serviço os presentes uns para com os outros. Isto é ainda tradicional, biblico: Aqui está Eliseu, filho de Safat, que dava agua ás mãos a Elias, respondeu a Josaphat um dos seus servos [3]

A maneira mais commum dos orientaes se cumprimentarem é ou tocarem-se apenas de leve as pontas dos dedos, ou então levar simplesmente as costas da mão á testa ou ao peito. Se se trata d'um padre, ou *emir* ou d'uma alta personagem é de rigor beijar-se-lhe as costas da mão.

---

[1] *Gen.*, **xxx**, 1.

[2] *1.º Livr. dos Reis*, I, 10 e 11.

[3] *4.º Livr. dos Reis*, III, 11.

Os amigos ha muito tempo separados, quando se encontram novamente abraçam-se e beijam-se mutuamente ou nas faces ou nos hombros. As damas, principalmente as casadas, amam profundamente os ornamentos d'oiro e prata; anneis, braceletes, collares, cordões, tudo n'ellas brilha, em variados feitios na cabeça, no pescoço, nos braços, e nos pés, nos tornozellos, nos proprios vestidos! Ás vezes são dezenas de moedas em oiro que as constellam! E por forma alguma estes valores pódem ser confiscados para o pagamento das dividas do marido!

Vae este muitas vezes para a cadeia por causa d'uma divida de meia duzia de piastras, que não póde saldar, em quanto dezenas d'ellas scintillam sobre as vestes de sua mulher, com não pouco rancor do crédor, que sabe terem sido as moedas que elle deveria receber propositadamente adjungidas a esses ornamentos inviolaveis!

As mulheres casadas são muito mais cuidadosas em ornamentar-se e embellezar-se do que as solteiras. Ellas se enfeitam de flôres, pintam as faces, os olhos e as sobrancelhas com o *Kohl*, as mãos e os pés com *henna*. Nas solteiras seria isto uma prova injuriosa do seu caracter moral.

Os livros arabes começam aonde os nossos acabam; a sua primeira pagina é a ultima dos nossos!

*

* *

Apresento agora uma lista de varios monumentos e edificios mais notaveis de Jérusalem, sitos nos quatro bairros *intra-muros*, aos quaes não faço allusão em alguma outra parte d'este livro.

BAIRRO CHRISTÃO

Convento grego de Santo Spiridion
Escola industrial ingleza para os Judeus
Convento das Irmãs de Caridade

Escola anglicana
Convento grego de S. Jorge
Convento grego de S. Basilio
Convento grego de S. Theodoro
Convento das Irmãs arabes (do Rosario)
Convento e Escola das Irmãs de S. José
Convento grego de S. Dimitri
Convento cophta de S. Jorge
Convento grego da Virgem
Convento grego de S. Nicolau e Consulado grego
Patriarchado Grego
Convento grego de S. Caralambos
Convento cophta
Convento dos Abyssinios
Convento grego de Santo Abrahão
Convento grego de Gethsémani
Convento grego de S. João Baptista
Ruínas da igreja de S.ta Maria a Grande
Capella protestante allemã
Escola turca
Correio e telegrapho
Escola grega para donzellas
Convento grego de S.to Euthimio
Convento grego de S.ta Catharina
Convento grego de S. Miguel

BAIRRO ARMENIO

Tumulo d'um santão
Porta Gennath
Escola protestante para meninas
Casa das diaconissas prussianas
Antiga capella de S. Thiago *Menor*
Igreja anglicana
Escola protestante para rapazes
Hospital dos Judeus allemães
Hospital dos Protestantes inglezes
Dispensario protestante
Convento Syriano

Convento Grego de S. Jorge
Convento Armênio de mulheres (Casa do Pontifice Annaz)

BAIRRO JUDEU

Hospital dos Judeus hespanhoes
Hospital dos Judeus allemães
Synagoga dos Achkenazim
Synagoga dos Séphardim
Grande synagoga dos Achkenazim
Synagoga dos Judeus Caraïtas
Synagoga dos Judeus Mangrabins
Escola dos Judeus Mangrabins
Hospital de Rothschild
Convento teutonico do tempo dos Cruzados

BAIRRO MUSULMANO

Arco de Wilson (subterraneo, d'apparencia antiga)
Mercado do trigo
Hospital de S.ta Helena
Residencia do pastor evangelico allemão
Hospicio allemão dos Cavalleiros de S. João
Escola allemã
Prisões d'Estado
Hospicio de *derviches*
Ruinas de igreja de S.ta Magdalena, hoje escola musulmana
Antiga igreja de S. Pedro ou S. João.

*

* *

A Associação Catholica Allemã da Terra Santa, com séde em Colonia, segundo creio, prosegue com actividade no acabamento da igreja da *Dormição* que espera inaugurar em 1909 e nos trabalhos do Hospicio de S. Paulo, proximo á

porta de Damasco, que encerrará, além d'uma escola para rapazes e d'uma escola normal, uma hospedaria para peregrinos.

*

* *

Em Janeiro de 1899 a revista *La Terre Sainte* publicava a seguinte estatista dos edificios religiosos de Jérusalem: 44 mesquitas, 70 igrejas, pertencendo 26 aos Russos e Gregos orthodoxos, 13 aos Latinos, 2 aos Gregos Melchitas, 1 aos Maronitas, 1 aos Syrianos, 6 aos Armenios separados, 14 aos Protestantes, 2 aos Cophtas, 1 aos Abyssinios, trez grandes synagogas e approximadamente 100 pequenas. Além d'issso contavam-se mais 27 escolas de rapazes e raparigas e 5 hospitaes.

*

* *

Referi-me já a alguns dos monumentos mais distinctos e dignos de vêr-se que existem a dentro de Jérusalem e aos quaes não faço allusão nos outros capitulos d'este despretencioso livro.

Alludirei, agora, a alguns *Logares* mais celebres que eu visitei, *extra-muros* da cidade, aos quaes não fiz, ainda, referencia alguma.

Epilogarei, todavia, este assumpto no mais breve e resumido numero de palavras possivel.

A indole d'este livro é essencialmente outra.

Eu não me proponho fazer a enumeração e a historia de tudo quanto vi em Jérusalem. Se tentasse fazel-a, encheria um grosso volume e illudiria a minha promessa, feita nas primeiras paginas d'esta obra. Direi e escreverei pois, apenas, algumas palavras.

*
* *

O peregrino que entra na cidade pela porta de Jaffa, [1] atravessa o monte *Gihon*.

Todo este monte está cheio de recordações biblicas!

Entre elle e a montanha de *Sião*, estende-se o *Valle Profundo*, de que fallam as Escripturas.

Presentemente, o monte *Gihon* apenas se singulariza pelo grande estabelecimento russo, fundado sobre o seu dorso.

Entre o monte *Gihon* e a parte occidental do monte Sião corre o valle chamado de *Gihon*, que, na sua parte Sul, toma o nome de *Gehennon*, [2] da *carnificina*, ou dos filhos de *Hinnon*, [3] e na extremidade sudeste de *Topheth*, até encontrar-se com os valles de *Siloë* e do *Cédron*.

E' um valle profundo, pavoroso e desolado, coberto hoje, apenas, de hervas murchas e de pilriteiros parasitas, de oliveiras e figueiras rachiticas e melancolicas, sem rama e sem flôr,

---

[1] Chama-se de *Jaffa* porque é d'alli que segue a estrada de *Jaffa*. Tambem é chamada pelos arabes *Bab-el-Khalil*—porta d'*Hébron*—porque dá egualmente sahida para esta cidade. Sempre que sobe ao throno um *Sultão*, este manda pelo *Pachá* de Jérusalem, entregar a chave da porta de *Jaffa* ao *Vekil* da communidade israelita da cidade. como signal da liberdade concedida aos Judeus de circularem livremente pela Palestina. Um esquecimento ou demora na execução d'esta formalidade symbolica retem toda a colonia semita prisioneira na cidade! Este facto deu-se já na ascensão ao throno de *Abdul-Aziz*.

[2] Segundo uma outra opinião a *Gehenna* ou valle de *Hinnon*, é propriamente o *Tyropéon*, ao qual alludi já, a pag. 166.

[3] Chamado, hoje, pelos indigenas *Ouâdy er Rabah* e *Ouâdy Chournéne*.

mais tristes, ainda, do que as plantas solitarias que brotam por entre as fisgas dos sepulchros!

O Redemptor, para significar aos Judeus a terribilidade do inferno, a sua dôr, os seus tormentos e os seus desesperos, não buscou outro nome mais que o nome de *Gehenna!* [1] E' para lá que o mau rico, a quem o cuidado do ouro emmagreceu na vida, será desterrado, para que uma chamma o consumma na sua existencia extra-terrestre. O pobre esse estará junto de Deus e sua face resplandecerá immortal.

As Sagradas Escripturas alludem por vezes a este valle referindo todas as abominações sacrilegas ahi commettidas pelos Israelitas, em honra de Moloch. [2]

Elle separava as duas tribus de Judá e Benjamim. [3]

*

* *

Ao Oriente d'este valle do *Gehennon*, ou do *Topheth*, [4] encontra-se o Campo do Hacéldama, isto é, *Campo de Sangue*. [5]

Este campo, irregular e arido, foi comprado pelo Synhedrio a um oleiro para servir de sepultura a forasteiros desconhecidos, com o dinheiro da traição infame de Judas. [6] Elle acha-se em

---

[1] A palavra *Hinnon, Gehenna,* na versão grega da Biblia e na *Vulgata* (*Luc.*, XII, 5) significa no *Novo Testamento* o logar dos tormentos, o inferno de que fallou Jesus. (*Marc.*, IX, 44 e 46.)

[2] *2.º Livr. dos Paral.*, XXXIII, 6. *4.º Livr. dos Reis,* XXIII, 10 e *Jerem.*, VII, 32.

[3] *Josuë*, XV, 8.

[4] *4.º Livr. dos Reis*, XXIII, 10. *Jerem.*, VII, 31 e 32. *Isaias*, XXX, 33.

[5] *Math.*, XXVII, 8.

[6] *Math.*, XXII, 7.

parte cultivado. E' propriedade dos Armenios separados que ahi construiram um convento. Ao centro vêm-se ainda hoje, umas ruinas, vestigios, talvez, do oratorio alli construido pelos Cavalleiros de S. João nos tempos dos Cruzados. Este campo foi tido sempre em grande veneração pelos christãos e foi sempre muito visitado pelos peregrinos, muitos dos quaes lá têm sido enterrados.

Já S.ta Helena d'ahi trazia terra para cobrir o cemiterio dos peregrinos em Roma, proximo ao Vaticano. No seculo XIII os Pisanos d'ahi trouxeram terra para cobrirem até á altura de trez metros o *Campo Santo* da sua capital, o mais bello da Italia. A terra do *Haceldama* decompõe rapidamente os corpos. Ganha-se lá uma Indulgencia parcial.

*
* *

E' a mui poucos passos do *Haceldama*, trinta metros se tanto, seguindo-se atravez d'um pequeno atalho, na escarpa já do monte do *Mau Conselho*, que vai encontrar-se a *Caverna do esconderijo dos Apostolos* ou *Tumulo do Supremo Sacerdote Annás* ou *Gruta de Santo Onophre* — tudo uma e a mesma coisa. Chama-se ao monumento *Esconderijo dos Apostolos* porque, segundo é tradição, foi ahi onde vieram refugiar-se os *Apostolos* depois que o Senhor foi preso no *Jardim das Oliveiras*.

Crê-se, tambem, que fôra ahi tumulado *Annás*. Finalmente, no seculo III, Santo Onophre, piedoso solitario, habitou esta gruta, que foi mais tarde convertida em capella, cujos vestigios ainda se observam.

Em 1893, os gregos scismaticos abriram de novo a capella de *Santo Onophre*, collocaram ahi um altar e ahi suspenderam alampadas. Ultimamente construiram tambem ahi uma casa de ha-

bitação. Esta gruta, cheia de camaras sepulchraes, é uma pequena necropole, digna de visitar-se.

*

* *

Subindo-se o valle dos filhos de *Hinnon*, encontra-se, sita a meia encosta do monte *Sião*, a escola protestante de Jérusalem. No angulo N. E. do jardim d'este estabelecimento existe, ainda hoje, uma escadaria de trinta e seis degraus, que remonta á mais alta antiguidade.

Deixando-se pela esquerda a estrada de rodagem que vai para *Bethléem*, vê-se do mesmo lado a piscina *Briket es Sultan*, — *Tanque do Sultão* — que é, talvez, aquella de que falla Esdras. [1] Esta piscina, hoje sêcca, está completamente abandonada. Sómente alli no inverno as aguas das chuvas avolumam-se e, então, os cavallos são alli lavados e os rapazes banham-se n'ellas com grande satisfação! E todas as sextas feiras do anno uma feira de gado se effectua alli na parte superior da piscina.

E' por cima do muro S. da *Briket es Sultan* que passa o aqueducto de *Salomão*, vindo de *Bethléem*, ao qual alludirei n'outro logar d'este Livro, no Cap. 9.°

Ao S. da piscina nota-se um grande estabelecimento, — um asylo de mendicidade construido, para os seus irmãos de crença, por um rico judeu, banqueiro inglez, de nome *Montefiori*. Foi construido em 1860. Proximo a este estabelecimento forma-se actualmente um burgo israelita, por sobre o emprazamento d'um outro burgo, chamado nos tempos de Josepho, *Erebinthon*.

Ao N. O. d'esta piscina *Briket es Sultan* vê-se uma collina, á qual se prendem varias recordações. Foi alli que acampou em 1099, Raymundo

---

[1] *2.° Livr. d'Esdras*, III, 16.

de S. Gilles, conde de Toulouse e duque de Narbonne.

E' sobre esta collina que se vê, hoje, uma capella dedicada a S. Jorge. Cavada no rochedo em grande parte, ella foi outr'ora consagrada a S. Babylas; hoje é uma casa de saude.

Prendem-se ahi os alienados com a cadeia que prendeu S. Jorge quando este illustre martyr foi flagellado em *Lydda;* esta cadeia, dizem os gregos scismaticos que possuem a capella, tem a virtude de os curar ! Dá-se em seguida ao doente agua fresca e pão secco; de tempos a tempos o director da casa vem interrogar o doente, que, por qualquer resposta insensata que se permitta pronunciar, recebe um golpe de vara !

Este processo de cura, extranho como parece, produz muito bons resultados, dizem ! Os gregos mostram ainda, a dentro da capella, o tumulo de *S. Damião.*

*

* *

A mui pouca distancia da actual estação do caminho de ferro, levanta-se o monte do *Mau Conselho*, [1] na extremidade sul do Topheth, dominando a profunda ravina do valle de *Hinnon*, e assim chamado, por ser alli que se reuniram em conselho os *Principes dos Sacerdotes*, n'uma casa de campo que alli possuia José Caiphaz, ou Kaiphat, o arguto, protervo, aquilino, duro, aspero, turtuoso presidente do Synhedrio, a deliberarem sobre a morte de Jesus. [2] Este monte está hoje inteiramente desolado.

Foi n'elle que acampou Pompeu, no cerco de Jérusalem, cujas consequencias foram a submis-

[1] Na lingua indigena *djabal Aboutôr.*

[2] *Joan.*, XI, 47 e seg.

são dos Judeus aos Romanos. Os flancos d'este monte estão rasgados de numerosos tumulos judaicos.

Não o cobre nem uma planta, nem uma arvore! Apenas alli se vêem, em meio do espasmo da natureza, algumas miseraveis casas arabes, marcando o logar da vivenda de *Caiphaz!*

*

* *

Na encosta oriental do monte *Sião*, um pouco abaixo do Cenaculo, ainda hoje se visita a *Gruta* onde S. Pedro, na angustia do remorso, chorou amargamente a negação perfida que fizera do seu Divino Mestre, desconhecendo-o na hora tremenda do sacrificio, quando o tinha seguido por toda a parte nos dias pacificos do seu apostolado! [1]

O discipulo cobarde expiou o seu peccado na amargura das trez interrogações que no mar da Galiléa lhe fez o Salvador depois de resuscitado, [2] lavando-o nas lagrimas ardentes que chorou toda a vida, que lhe arregoaram de fundos vincos as faces crestadas pelos soes do lago onde pescava!

Os Padres da Assumpção compraram ultimamente esta Gruta que converteram em necroterio dos peregrinos da Penitencia fallecidos em Jérusalem, bem como compraram o terreno circumjacente. Chamam-lhe o *Terrain des Pelerins.* Plantaram lá uma bella vinha. O Padre Germer Durand, Assumpcionista, ahi tem feito pacientes exhumações, tendo encontrado ahi todo um quarteirão da cidade contemporanea de Jesus. Ahi se têm encontrado uma casa romana, o pavimento em mosaico d'uma salla de banhos, as ruinas d'um fôrno para aquecer a agua, tijollos com a

---

[1] *Math.*, XXVI, 70 e seg.

[2] *Joan.*, XXI, 15 e seg.

marca da Legião X, que depois da destruição de Jérusalem por Tito cooperou na edificação da *Aelia Capitolina*, ruas pavimentadas, cisternas, inscripções hebraicas, etc. [1]

*

* *

Referir-me-hei agora rapidamente ao valle de *Siloë*. Este não é mais do que o prolongamento do valle de *Josaphat*, encravado entre os montes *Moriah* e *Olivete*.

Encontra-se ao fundo d'este valle de *Siloë*, algum tanto abaixo da sua juncção com o valle de *Hinnon*, o poço de *Nehemias*. Este poço, de vinte e nove metros de profundidade, construido de grandes pedras d'apparencia antiquissima, encerra agua limpida e abundante, que no inverno trasborda, alagando a torrente do *Cédron*. [2] Vão alli tiral-a os miseraveis habitantes da vizinha aldeia de *Siloë*.

Este poço de *Nehemias*, chamado pelos arabes *Bir Ayoub* (poço de Job) e onde se ganha uma Indulgencia parcial, tem uma larga tradição historica.

Foi a dentro d'elle que os *Sacerdotes do Templo*, por ordem de Jeremias, esconderam o fogo do altar, quando *Nabucodonozor* levou captivos

---

[1] Na Gruta de S. Pedro, existiu outr'ora uma igreja sob a invocação de *S. Pedro do Canto do Gallo*, construida sobre as ruinas da casa de Caiphaz. E' este o testemunho unanime de todos os peregrinos desde o seculo IV ao seculo XIV.

[2] Esta abundancia é para os indigenas indicio seguro d'uma magnifica colheita, e, então, os habitantes de Jérusalem e Siloë celebram em roda do *Bir Ayoub* e ao longo do regato uma festa que dura muitos dias, banhando-se nas frescas aguas da torrente.

os hebreus para a Persia. [1] O *Bir Ayoub* é a fonte de *En-Rogel*, de que falla Josuë, sita nos limites das tribus de Judá e Benjamim. [2]

*

* *

A 140 metros, approximadamente, de distancia do poço de Nehemias, para Sueste, encontra-se hoje o hospital dos leprosos jerosolimitanos, homens, mulheres e adolescentes, [3] que, separados completamente do mundo, esperam, n'aquella horrivel e repulsiva gafaria, o momento em que a morte venha libertal-os da terrivel doença que os flagella.

A lepra é, ainda hoje, muito commum no Oriente; não é já a lepra branca da Biblia, mas sim essa hedionda molestia classificada pela sciencia moderna com o nome de *elephantiasis*.

E' a doença dos tuberculos aflorando á superficie da epiderme e das manchas violaceas cobrindo toda a pelle; dos abcessos suppurentos: das horrendas deformidades physicas!

Cahem as extremidades dos membros a estes pobres e infelizes leprosos, deixando-lhes apenas cótos disformes; cahe-lhes desfeita a abobada palatina, privando-os do timbre da voz, que fica reduzida a uma simples emissão de sons nazaes inarticulados!

---

[1] *2.º Livr. dos Macchab.*, I, 19 e seg. O povo hebreu esteve captivo em Babylonia, durante setenta annos, ao fim dos quaes Cyro, rei dos Persas, lhes deu licença para retornarem á sua patria. (*1.º Livr. d'Esdras*, I, 4).

[2] *Josuë* XV, 7. O poço de Job, cujo nome actual procede d'uma lenda popular, fica no ponto onde o valle do *Cédron* se une ao valle *Er-Rabahi*, passando a ser, então, o valle do *Fogo*.

[3] A lepra, como o peccado, não ataca as creanças.

Felizmente esta doença não é contagiosa; apenas se transmitte por hereditariedade!

Eu vi alguns d'esses infelizes. O seu aspecto causava verdadeiro horror! Em especial um, encheu-me de commiseração!

Essa molestia asquerosa tinha-o deformado horrivelmente. A sua respiração infectava a atmosphera. O seu corpo estava coberto de tuberosidades espessas e escabrosas que lhe gretavam a pelle. Não tinha cabellos no rosto e os raros que ainda lhe restavam na cabeça tinham embranquecido! Todo o seu rosto estava erriçado de verrugas asperas e pontudas, brancas no cimo, esverdeadas na base!

Quando aspirava, mostrava a lingua coberta de tuberculos! Os darthos invadiam-lhe os dedos, os joelhos e o queixo! Estavam vermelhas, escoriadas e entumecidas as maçãs do rosto; os seus olhos annuviados, côr de cobre, viam-se encobertos pelas rugas profundas produzidas pelas sobrancelhas contrahidas; os seus labios appareciam tumeficados, o nariz cheio de excrescencias pretas, os dentes luridos, as orelhas flaccidas, abandonadas, por todo o corpo, emfim, bolhas e ulceras distillando novas e antigas, aquellas corroendo estas!

Um horror! Com razão, a lepra é considerada no Oriente como um castigo de Deus; os *Livros Sagrados*, [1] a propria *Lei* oral entre os Judeus classificavam os leprosos entre os mortos: mortos perante a lei, perante os direitos civis e as consolações do *Templo!*

O leproso não podia entrar na Synagoga, em casa d'um amigo, em casa d'um official publico, nem passar por um logar onde estivessem homens reunidos!

Era obrigado a trazer a cabeça sempre descoberta, o vestuario cortado d'uma maneira parti-

---

[1] *Levit.*, XIII e XIV.

cular e de côr amarella, como o das cortezãs corruptas e a gritar, quando passava pela rua: «*Cuidado com o impuro!*»

Egual a um cadaver, não podia dormir a dentro dos muros de Jérusalem; era expulso para as profundezas sombrias dos valles de *Hinnon*, de *Josaphat*, e ahi obrigado a disputar aos cães uma cova para dormir!

O leproso era um ser abjecto, maldito! Ah! Quantas vezes a infinita bondade de Jesus cahiu por sobre estes infelizes! Quantos leprosos ficaram limpos, só porque o Salvador lhes disse:

— Sê limpo. [1]

---

[1] *Math.*, VIII, 3. Os leprosos vivem em perfeita harmonia uns com os outros, sob a dependencia d'um chefe —*cheïkh*— que os governa. Durante o dia esmolam pelas vias publicas, sendo-lhes, todavia, defeso entrar na cidade.

Logo que um individuo é atacado de lepra, a familia immediatamente o expulsa de casa. Os leprosos não parecem soffrer muito. Resentem-se, todavia, com as mudanças do tempo e das estações. O inverno em particular é para elles terrivelmente funesto. Elles podem viver entre dez a quinze annos atacados pela horrivel doença. Apenas tres cidades na Palestina toleram os leprosos: *Jérusalem*, *Ramleh* e *Naplouse.*

No hospital de Jérusalem, quando eu os visitei, existiam, talvez, 60 d'esses infelizes.

As *Irmãs de S. Vicente de Paulo* visitam-nos em Jérusalem, duas vezes por mez.

Ultimamente fundou-se na Allemanha uma sociedade protestante que se occupa d'estes infelizes. Ella é representada em Jérusalem por um *comité.* Esta caritativa sociedade construiu perto da Cidade Santa, sobre uma eminencia, a meia hora de distancia, um grande estabelecimento, dirigido por *Diaconizas*, onde estes doentes são recebidos gratuitamente e caridosamente tratados.

Encontra este estabelecimento quem, sahindo da cidade pela porta de *Jaffa*, segue o caminho de *Bethléem.*

*

* *

E' n'este valle de *Siloë*, na base do monte *Ophel*, que se encontra a *Fonte da Senhora*, a unica de Jérusalem. Dizem alguns auctores ser esta a fonte do *Dragão*, de que falla *Esdras*. [1]

Chamam-lhe os Árabes *Aïn Siloë* ou *Aïn Sitti-Mariam*. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria. Primitivamente a *Fonte de Siloë* vertia a sua agua directamente no Cédron. Hoje ella escoa-se por um canal ou aqueducto, obra sem duvida de Ezechias [2] e por onde póde passar um homem sem se curvar! E' n'este canal que se encontra a celebre inscripção chamada de *Siloë*, hoje inintelligivel em muitos pontos e que é a mais antiga inscripção existente dos tempos da monarchia judaica (700 annos antes de J. C.) Os seus caracteres são os phenicios hebraicos. A inscripção commemora a construcção do aqueducto.

A *Fonte da Virgem* mais provavelmente é a fonte de Gihon ou de Siloë, onde Absalão foi sagrado rei por Sadoc, emquanto que Adonias se fazia proclamar rei na fonte de *Rogel* (o Bir Ayoub ou Poço de Job actual.)

Chama-se, hoje, da *Senhora*, por ser tradição que Maria alli vinha a lavar as faxas infantis do Menino, durante o tempo em que esteve em Jérusalem, hospeda do santo velho Simeão.

Desce-se a esta fonte por uma escadaria de 17 degraus, visto que o logar onde nasce a agua é subterraneo. Eu estive lá e bebi agua da nascente, que me pareceu saborosa e boa, ainda que um pouco salobra.

---

[1] *2.º Livr. d'Esdras*, II, 13 e *2.º Livr. dos Macchab.*, I, 19.

[2] *2.º Livr. dos Paral.*, XXXII, 30.

Segundo téem observado os habitantes de *Siloë*, esta fonte diminue as suas aguas desde 1889.

*

* *

Algum tanto acima da *Fonte da Senhora*, em plena torrente do *Cédron*, aponta-se, ainda hoje, o *Logar* onde, segundo a tradição, Christo. Senhor nosso, brutalmente empurrado na noite negra da sua prisão, cahiu poi sobre uma pedra, deixando impressos n'ella signaes dos seus divinos joelhos. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria. Este *Logar* fica muito perto já da ponte que atravessa o *Cédron*.

*

* *

Do Rochedo da impressão dos sagrados pés de Jesus vae-se directamente ao N. E. do outro lado do caminho, visitar o *Tumulo d'Absalão* e onde elle, filho ingrato, nunca foi inhumado. Elle está em parte talhado na rocha viva. Apparatoso em columnas, frisos e cornijas, é elle meramente decorativo, construido, apenas, pela vaidade do principe que não chegou a ser tumulado alli. Absalão foi enterrado n'um fosso, ao pé d'uma arvore, com um montão de pedras em cima, depois de Joab lhe haver trespassado o coração a lançadas. [1]

E' muito perto d'este *Tumulo d'Absalão* que se vê o *Tumulo de Josaphat*. [2] Do *Tumulo de Absa-*

---

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XVIII, 17. Na opinião de Rénan (Historia do povo d'Israel) o *Tumulo d'Absalão* é simplesmente um monumento Asmoneu, ou herodiano.

[2] Este Tumulo não é authentico. Josaphat foi sepultado com seus paes na cidadella de David. (*3.º Livr. dos Reis*, XXII, 51.)

lão póde ir visitar-se, á distancia de 45 metros, para o sul, o ***Tumulo de S. Thiago Menor — Diouan Faraon***, notavel pelas suas columnas talhadas na rocha, pelos triglifos e modilhões da sua cornija. Este Tumulo, totalmente aberto na rocha, acha-se hoje totalmente abandonado. No inverno serve d'estabulo a animaes lanigeros. O seu accesso é muito difficil. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial. [1] E', sahindo-se d'este Tumulo pela entrada da parede voltada ao Norte, que se vê, logo em frente, sem entrada visivel, o Tumulo monolithico de Zacharias, filho de Barachias, a quem os Judeus mataram entre o Templo e o altar. [2] Chamam-lhe os arabes a este Tumulo — *Qabr Zodjet Faraon* (Tumulo da mulher de Pharaö). Elle forma uma magnifica construcção, onde se admiram, ainda hoje, bellos capiteis jonicos e columnas mutiladas.

*

* *

Proxima do Tumulo d'Absalão vê-se, ainda hoje, uma caverna onde, segundo a tradição, se occultaram os Apostolos todo o tempo da Paixão do Senhor.

A' distancia de sessenta e trez metros ao norte do Tumulo d'Absalão, aponta-se tambem o *Logar*

---

[1] A inscripção hebraica descoberta em 1860 sobre a architrave do Tumulo de S. Thiago, veiu identificar este edificio e os seus visinhos. Elles serviram de moimento funebre a membros da opulenta familia dos *Beni Hezir*, contemporanea de Jesus. E' a estes monumentos do valle do Cédron que Nosso Senhor alludia, quando reprehendia os Judeus dizendo-lhes que elles massacravam os Prophetas e lhes levantavam depois magnificos sepulcrhos.

[2] *Màth.*, XXIII, 35.

onde o Senhor deixou os oito Apostolos, emquanto se foi a orar ao Horto.

*

* *

Descendo-se a torrente do Cédron, vê-se á direita e perto do caminho, uma mesquita em ruina, da qual não resta; hoje, mais do que uma parte do *mihrab*. E', em frente e para Leste d'este *mihrab* que se póde notar, ainda, á altura das primeiras casas de *Siloë* a antiga pedra de *Zoheleth*, junto da fonte de Rogel, onde *Adonias* deu um festim aos seus partidarios na intenção de se fazer acclamar rei. [1] A antiga *Zoheleth*, o mais antigo monumento dos arredores de Jérusalem, hoje *Zohhoneleth*, reconhece-se, ainda, n'um banco de rochedo collocado em frente á rampa que descem as mulheres da aldeia quando véem buscar agua á *Piscina de Siloë*. E', perto do *mihrab*, para O., que se encontra a *Fonte de Siloë*.

*

* *

Em frente á *Fonte da Senhora* está o *Monte do Escandalo*, continuação do *Monte das Oliveiras*, na direcção sul, coberto hoje na sua vertente pelos miseraveis tugurios e latibulos dos arabes da aldeia de *Siloë*, ou *Siloan*, verdadeiro covil de troglodytas ferozes e misanthropos, beduinos tão ladrões como os das margens do Mar Morto, em guerra continua com os proprios habitantes de Jérusalem !

*

* *

E' a 130 metros, mais ou menos, para o sul da *Fonte da Senhora*, que se póde visitar o *Logar*

---

[1] *3.º Livr. dos Reis*, I, 9.

da sepultura d'Isaias, segundo reza a inscripção grega gravada no abside. E' um pequeno monumento pertencente, hoje, aos Padres franciscanos. Fecha-o uma porta de ferro que dá ingresso para uma antiga capella composta de duas repartições cavadas no rochedo.

E' seguindo o mesmo caminho que, á distancia de 220 metros, mais ou menos, se chega á extremidade do aqueducto da *Fonte da Virgem* que, n'este ponto, espalha as suas aguas nos antigos *Jardins do Rei*, hoje de *Siloë*. E' aqui o unico ponto em Jérusalem onde reverdecem legumes durante todo o anno.

A quatro ou cinco metros para lá do aqueducto vê-se tambem hoje, ainda, o *Tanque de Salomão* — *Birket* (tanque) *el- Gamra* — aberto na rocha, em parte. E', voltando-se á direita e avançando-se noventa metros, mais ou menos, para o Oeste, depois de se ter alongado pela esquerda o *Tanque de Salomão* e pela direita a collina *d'Ophel*, que se vê, pela direita, a *Piscina de Siloë*.

*

* *

Na raiz do monte *Sião* está a *Piscina de Siloë-Aïn Silouan*, na extremidade do valle dos *Tyropéons*. Foi alli que Jesus mandou lavar os olhos a um cego de nascença. [1] Dizem que n'esta Piscina se nota com assombro um certo fluxo e refluxo das suas aguas, ora calado, ora ruidoso. Eu não sei o que isso seja, porque, passando alli, nada tive occasião de observar. Na piscina de *Siloë* ganha-se uma Indulgencia plenaria. [2]

---

[1] *João*, IX, 7.

[2] Era ainda não longe da piscina de *Siloë* que se via outr'ora a torre de *Siloë* que, desabando, esmagou 18 homens, facto a que allude S. LUC., XIII, 4.

Nos primeiros seculos do Christianismo vinham os

*

* *

Na pendente oriental do Monte *Sião*, fóra da porta do mesmo nome, já perto da caverna onde Pedro chorou e sua infidelidade, e perto, tambem do emprazamento da casa onde, segundo a tradição, a Santissima Virgem viveu e morreu depois da Paixão de seu Divino Filho, vê-se, agora, encravado no chão em plena rua um *torso* de columna encostado a uma parede, que marca o *Logar*, dizem, onde os Judeus se quizeram apoderar do corpo immaculado da Virgem Santa quando os Apostolos a conduziam para a tumularem no Valle de Josaphat. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial, rezando-se, como eu rezei, de joelhos, um *Pater* e um *Ave*. [1]

---

fieis banhar-se na piscina de *Siloë* para obterem a cura de suas doenças. Existiu mesmo ahi uma igreja dedicada ao *Salvador Illuminador*, da qual, hoje, apenas restam vestigios. A piscina terá mais ou menos entre 15 metros de comprimento a quatro de largo, na média. E' ao S.O. da piscina de *Siloë* que se vê um caminho assaz inclinado, conhecido na *Escriptura* pelo nome de *Degraus por onde se desce da Cidade de David*. 2.° Livr. de ESDRAS, III, 15. Alguns d'estes degraus ainda hoje se notam talhados na rocha.

Da piscina de *Siloë*, alongando-se pela esquerda o tanque de *Salomão*, chega-se, a 100 metros de distancia, ao angulo S.E. do mesmo Tanque. E' alli o *Logar* do martyrio do propheta *Isaïas*, o quinto Evangelista, como lhe chamou S. Jeronymo, serrado vivo, com uma serra de pau, pelo meio do tronco, por ordem do impio rei Manassés, segundo é tradição. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial.

[1] Primitivamente existiu alli, levantada pelos primeiros christãos, uma capella que, como as 365 igrejas que ornavam a Cidade Santa, cahiu sob o camartello destruidor de *Kosroës*.

*

* *

O emprazamento da casa da Santissima Virgem, onde se ganha uma Indulgencia plenaria, é, hoje, um campo cultivado! Está sito entre o cemiterio americano protestante, ao Norte, e o *Cenaculo*, a Leste. Apenas ao fundo, no muro que limita o campo, se vêem duas cruzes, marcadas nas pedras! Uma d'estas, diz-se que pertencera á casa da Santissima Virgem. [1]

A pouca distancia d'este campo, que marca o emprazamento da casa da Mãe de Deus, e onde, parece ter sido o seu glorioso Transito, depois de se ter passado em frente ao portão d'entrada do cemiterio catholico, chega-se ao convento armenio, isolado de todos os lados. A igreja d'este convento está construida por sobre o emprazamento da casa de Caiphaz.

Foi aqui que Jesus Christo foi interrogado pelo Pontifice. [2]

Aqui, Pedro por tres vezes renegou o seu Divino Mestre. [3]

Esta igreja encerra a pequenina capella da prisão do Senhor durante a noite da quinta para a sexta-feira da *Paixão*, dizem. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria. A pedra que serve de mesa ao altar situado ao fundo do abside é chamada a pedra do *Anjo* e é a mesma que fechava o *Santo Tumulo* do Salvador e foi removida pelo *Anjo*

---

[1] Mais adiante alludo á nova igreja allemã, sob o titulo de *Dormitio Virginis*, que posteriormente á minha segunda visita a Jérusalem, no local inauguraram os Allemães.

[2] *João*, XVIII, 19.

[3] *Luc.*, XXII, 57 e seg. Mostram ainda os Armenios o logar preciso onde o gallo cantou n'essa hora negra e fatidica da cobarde negativa.

no momento da gloriosa Resurreição de Christo: [1]

*

* *

Transpondo-se a porta de *Sião* — *Bab-Nebi-Daoud* — e seguindo-se varias ruas, uma das quaes atravessa o bairro Judeu, é que vai encontrar-se a porta de ferro que dá ingresso para o convento e palacio episcopal dos *Syrianos Jacobitas*. E' alli que se encontra uma simples igreja, possuindo apenas um altar, mas que está construida por sobre o emprazamento da casa de *Maria*, mãe de *João*, cognominado *Marcos*. [2] Ganha-se alli uma Indulgencia parcial. [3] Este S. Marcos é o discipulo dos *Apostolos*, primo e companheiro de *S. Barnabé*. [4] Já atraz alludi a esta igreja dos *Syrianos Jacobitas*. Por cima do altar d'esta igreja vê-se um quadro d'uma alta antiguidade, que é attribuido a S. Lucas. Mostra-se tambem na igreja, na parede Sul, o *Logar* do Baptismo da Virgem Santissima, na opinião dos *Syrianos*. Este *Logar* está occupado, hoje, por um pequeno movel coroado por um docel, collocado quasi em frente á porta de entrada.

Sahindo-se do Convento dos *Syrios*, passando-se por deante do Hospital Inglez e por debaixo d'uma abobada chamada em uma das suas partes — *Arco de S. Pedro* — *cantarat mar-Botros* — chega-se a uma rua transversal, onde, outr'ora, existia uma igreja dedicada a S. Pedro e onde se

---

[1] *Math.*, XXVIII, 12. Vide sobre esta materia a pag. 56.

[2] *Actos*, XII, 12.

[3] Maundrell diz ter visto esta igreja.

[4] S. Paulo falla d'elle na sua Epistola aos Coloss. e o recommenda a Philemon. S. Paulo aos Colloss. IV, 10. S. Paulo a Philemon, I, 24. Vide ainda *Actos*, XII, 25.

mostrava a prisão em que estivera encerrado o Santo Apostolo por ordem de *Herodes Aggrippa.* [1]

A' direita, ao fundo da rua transversal, vê-se um arco de grandes pedras, que se crê occupar o emprazamento da porta de *Génath*, que fazia parte do primeiro recinto da cidade, separando *Sião* do *Acra.* [2] Retomando pelo mesmo caminho, passando-se deante da casa dos *Maronitas*, descendo-se uma escadaria e alongando-se e atravessando-se alguns bazares, chega-se á igreja de *S. João Baptista*, pertencente aos Gregos scismaticos, onde nada ha de notavel, a não ser uma reliquia do craneo do Santo *Precursor*, que os Gregos dizem possuir ahi!

Eu pude visitar todos estes *Logares* mais ou menos celebres na companhia do Religioso franciscano que me serviu de *guia* ao Cenaculo. E mesmo sem *guia* ninguem poderá visital-os por causa dos meandros das ruas que emmaranham Jérusalem.

*

* *

Sahindo-se da cidade pela porta de *Jaffa*, a algumas centenas de passos, em meio d'um cemiterio musulmano e na extremidade do valle de *Gihon*, encontra-se a historica *Piscina Superior*, [3] ou *Tanque das Serpentes*, [4] segundo Josepho.

---

[1] *Act.*, XII, 4 e seg,

[2] Vide Josepho. Guerra dos Judeus, Cap. XIII. Descripção de Jérusalem.

[3] *4.º Livr. dos Reis,* XXIII, 17.

[4] Os Arabes dão a esta piscina o nome de *Birket-el-Mâmillah.* Tem ainda o nome de lago do *Patriarcha.* Ella tem 97 metros de comprimento, 65 a 70 de largura e 5 de profundidade, mais ou menos.

Esta piscina foi muito augmentada por *Ezechias* [1] quando se approximavam os *Assyrios*. Estes chegaram a estabelecer o seu acampamento no emprazamento do actual convento de S. Salvador, pertencente aos Franciscanos. De noite, porém, o *Anjo* de Deus desceu ao acampamento e matou ahi cento e oitenta mil *Assyrios!* [2]

Esta piscina, hoje, recebe apenas aguas pluviaes.

Proximo d'ella levantava-se outr'ora o tumulo de *Herodes Aggrippa*, segundo o testemunho de *Josepho.* [3] Esse *Herodes* foi o mesmo que mandou prender S. Pedro e matar S. Thiago, filho de Zebedeu, irmão de João, e que morreu n'esse mesmo anno em Cesaréa, no momento em que os seus aduladores o proclamavam *deus*, no anno 44 de Christo, com sete annos de reinado. [4]

*

* *

Algum tanto para lá do *Birket Mamilla* vê-se, em meio d'uma floresta d'oliveiras, o estabelecimento catholico de S. Pedro fundado pelo padre Ratisbonna, e que é uma escola d'artes e officios e um centro de trabalho apostolico para a conversão dos Judeus de Jérusalem.

*

* *

O *Campo do Lavandeiro* de que falla Isaias, [5] extendia-se ao fundo do aqueducto da piscina de

---

[1] *2.º dos Paral.*, XXXII, 30.

[2] *4.º Livr. dos Reis*, XIX, 35. *2.º dos Paral.*, XXXII, 21.

[3] *Joseph.*, Guerra dos Judeus.

[4] *Act.*, XII, 23.

[5] *Isaias*, VII, 3.

cima, ou *Superior*. Foi ahi que o sublime propheta hebreu predisse que uma Virgem conceberia e pariria um Filho e que o seu nome seria Emmanuel. [1]

Foi ainda ahi no Campo do Lavandeiro que se travou no tempo dos Cruzados um sanguinolento combate e conta-se que um leão viera ahi juntar os cadaveres arrastando-os para uma caverna visinha ainda hoje chamada do *Leão*.

*

* *

Ainda hoje se vê, tambem, na Cidade Santa, na extremidade da rua *Souaï-kat-Allon* a piscina de *Ezechias*, ou *Inferior*, ainda cheia d'agua. [2]

Ella tem uma grande tradição historica. Prevendo a chegada dos *Assyrios*, *Ezechias* mandou escoar por um subterraneo para esta as aguas da piscina superior de *Gihon*. Este aqueducto existe ainda, e quando a piscina *Superior* está cheia, ella verte as suas aguas sobre a piscina *Inferior*.

A rua que, hoje, de Norte a Sul, corta aquella outra rua que desce da porta de *Jaffa*, conduz a esta piscina. Não é, possivel, porém, achal-a, sem um *guia*, e, para vêr-se é necessario entrar a dentro da armazem do honrado *Miguel Attart*, negociante de vinhos, que, sempre de boa vontade, permitte a entrada. Os indigenas chamam a esta piscina *Birket hhammâme el-Batrak*.

*

* *

Uma tarde, a caminho do *Horto de Gethsémani*, como eu fôsse só e ainda não conhecesse

---

[1] *Isaias*, VII, 14.
[2] *4.º Livr. dos Reis*, XX, 20.

bem o interior da cidade, fui casualmente parar junto da porta da *Cadeia — Bab-es-Silsileh*, que dá entrada para a explanada da mesquita d'*Omar*. Como eu, inscio da venerabilidade e inviolabilidade do logar, quizesse transpôr a porta, logo fui acommettido por um soldado turco que alli estava de sentinella. Valeu-me fugir para traz, de contrario aguentaria uma terrivel coronhada! Quem quizer entrar alli, ha de munir-se d'uma licença expressa do *Pachá de Jérusalem.*

*

* *

Vagueando ao acaso pelas ruas de Jérusalem, eu me detive junto á porta de dois batentes d'uma escola musulmana e o professor vendo-me, com um sorriso benevolente, me saudou. Animado pela attenciosa cortezia entrei, fazendo-me elle sentar ao seu lado, em meio dos pequeninos arabes, alumnos da escola. Sentados n'uma esteira aos pés do professor, um velho patriarchal, elles liam o *Koran*. *O Koran* é o livro do musulmano: n'elle apprende o alphabeto, a litteratura, a sciencia, a religião. Os pequenos Syrianos da escola de Jérusalem contentavam-se, apenas, bebendo no seu *Koran* as primeiras noções de leitura e de escripta. Eu não sei se possa haver nas nossas escolas alguma coisa de similhante a uma escola oriental. Nada ha mais ardente, buliçoso e movimentado de que uma escola musulmana.

Todos os pequenos estudantes se balançam alli violentamente de traz para diante, gritando a sua lição, sem attenções para ninguem. O professor quiz honrar-me d'um modo especial e então os seus melhores alumnos, vieram junto de mim, em meio do ensurdecedor concerto das vozes de todos os outros, recitar algumas paginas do *Koran*, com os mesmos gritos, os mesmos movimentos, as mesmas contorsões.

Quando me retirei ziniam-me os ouvidos e a cabeça estalava-me.

*

* *

Hoje que recolho já de noite ao Hospicio Franciscano, vindo dos lados da cidade Nova onde está installado o Consulado de França em frente ao Jardim Publico, encontro o Consul geral que regressa a sua casa acompanhado pelos seus *cavvas*, empuhando archotes para illuminarem a estrada.

No Oriente não se pensa ainda na illuminação nocturna das ruas e os cidadãos têm individualmente que providenciar a este respeito. Mas não é este ainda, o costume biblico, um traço dos costumes consignados no Evangelho? E' a estes servos vigilantes que vós deveis assemelhar-vos, diz Nosso Senhor, se não quereis ser surprehendidos pela vinda subita do Filho do Homem. *Similes hominibus expectantibus Dominum suum quando revertetur a nuptiis.* [1]

*

* *

Sahindo-se da cidade pela porta de *Damasco* ou da *Columna*, cuja construcção revela a mais pura architectura arabe, encontra-se na parte septentrional da cidade, a pequena distancia, a celebre *Gruta de Jeremias*, hoje convertida em sarcophago de personagens que os musulmanos apontam santos e onde outr'ora, segundo é tradição, o plangente vate de *Anathot.* [2] que encheu os tempos passados com as grandezas do seu

---

[1] *Luc.*, XII, 35.

[2] Anathot, cidade natal de Jeremias e de Abiathar, na tribu de Benjamin. *Josuë,* XXI, 18. *3.º Livr. dos Reis,* II, 26. *Jerem.*, XXIX, 37.

genio sobrehumano, compôz os seus doloridos *Threnos*, 600 annos antes de Christo. [1]

*

* *

Fóra da porta de Damasco, [2] a mais exquisita e formosa das portas jerosolimitanas, flanqueada de duas torres sombrias, alta e mysteriosa, erriçada toda de pontas e arestas de pedras, agrupam-se as tendas dos beduinos.

*

* *

Muito proximo da *Gruta de Jeremias* estão as *Cavernas Reaes* d'ella separadas, apenas, pela estrada de Jericó. São ellas provavelmente as pedreiras d'onde Herodes Aggrippa fez extrahir as pedras destinadas á construcção das muralhas da cidade.

---

[1] Está esta *Gruta* em poder dos musulmanos, que não permittem a entrada alli, senão mediante *bakchich*. O *derviche* que a guarda contenta-se com 50 centimos por uma pessoa só e 1 franco e 50 centimos por um grupo de cinco a seis pessoas.

Derviche é um membro d'uma especie de confraria mystica musulmana. Os *derviches* reunem-se em certos dias, uns para girarem circularmente, os braços estendidos, ao som d'uma musica monotona, outros para uivar em honra d'Allah. Uns se chamam girantes, outros uivadores.

[2] Chamada pelos Arabes *Bab-el-Aamoud*, ou *Bab ech Cham*. Antigamente teve os nomes de porta de *Ephraïm* e porta de *Benjamin* e tambem se chamou por muito tempo dos *Peregrinos*, porque só por ella elles entravam. Por ella entrou Chateaubriand. *Itin. de Paris a Jérusalem*, vol. 2.º, pag. 236.

*

* *

A mesquita que se vê em frente ao *Santo Sepulchro*, é a de *El-Khanku*, construida sobre as ruinas do antigo *Patriarchado Latino.*

*

* *

A alguns passos do *Santo Sepulchro* construiram ultimamente os protestantes lutheranos da Prussia um templo dedicado ao *Salvador*, que occupa o emprazamento da antiga igreja de *Santa Maria Latina*, ou a *Grande*, fundada por Carlos Magno e reconstruida por mercadores napolitanos, pouco tempo antes dos Cruzados.

*

* *

A influencia politica e religiosa da Russia, da orgulhosa *Santa Russia*, é enorme na Palestina e ameaça avassalar toda a influencia latina. Com o desleixo actual da França em fazer cumprir em Jérusalem os deveres sagrados do Protectorado, tem-se robustecido o predominio russo e, n'esta marcha dos factos, talvez que em tempos não muito remotos cheguem mesmo os Latinos a serem expulsos da Cidade Santa.

Os estabelecimentos Russos, cuja construcção começou em 1860, abrangem, hoje em Jérusalem, uma cathedral, um palacio para a residencia do Patriarcha, escolas, vastas hospedarias para os peregrinos e um hospital. Encontram-se estes edificios no planalto, ao noroeste da cidade. Nas igrejas scismaticas a grande nave é separada do sanctuario pela *iconostase*, especie de tabique de madeira, onde rebrilha sempre a galeria habitual das imagens bysantinas pintadas sobre um fundo

d'oiro: o Salvador, a *Panagia*, ou a S.[ta] Virgem, o Precursor e o Padroeiro especial da igreja. Trez portas penetram n'esta divisão; a do meio é exclusivamente reservada ao Patriarcha; as duas outras são reservadas aos *popes*. Os fieis não têm o direito de penetrar no sanctuario. Geralmente a attitude dos Scismaticos a dentro dos seus templos é recolhida, devota, edificante mesmo. De pé sempre, porque nas suas igrejas não ha cadeiras, elles fazem prostrações continuas, saudações profundas aos altares e signaes da cruz repetidos. Os seus officios liturgicos sempre me commoveram e suggestionaram profundamente o espirito em todas as igrejas scismaticas da Palestina nas quaes a elles assisti. E não só os dos gregos scismaticos, como todos os Officios religiosos de todas as outras communidades christãs dissidentes. A piedade communicativa, o fervor ardente, a fé viva, a compuncção profunda dos assistentes, alliada á magestade da liturgia e á sumptuosidade dos ornamentos e alfaias dos sacerdotes, tudo me abalava fortemente a alma. Se entre os Scismaticos alguma manifestação d'irreverencia se nota dentro dos seus templos essa é dada só pelos seus padres. Os fieis, homens e mulheres misturados conjunctamente, inclinando-se regularmente, como automatos, na sequencia dos Officios religiosos quasi a todos os instantes, inspiram profundo respeito pela sua convicção religiosa. Em Nazareth, na igreja scismatica, uma manhã, durante a solemnisação dos Officios divinos eu senti uma profunda commoção, bem traduzida em lagrimas, comparando aquelles actos solemnes, tão fervidos, tão piedosos, com os de muitas das nossas igrejas, tão irreverentes, tão desrespeitosos, tão profanos...

*

* *

O Hospital Francez de S. Luiz, em Jérusalem, dirigido pelas Irmãs de S. José da Apparição

e fundado pelo nobre conde de Piellat, ha pouco tempo ainda acabado, é um verdadeiro monumento da caridade christã, em Jérusalem. Todas as manhãs, sob o velho terebyntho que ensombra a porta d'entrada do hospital se vê um vae-vem continuo d'indigenas de todas as raças e de tòdas as religiões em procura de medicamentos. Adjuncto vê-se o explendido edificio de *Notre Dame de France*, convento pertencente aos Religiosos Assumpcionistas. Em frente ao Hospital de S. Luiz estabeleceram ultimamente as Religiosas da Congregação de Maria Reparadora, a Obra da Adoração perpetua. A capella do convento, acabada em 1904, é uma das mais bellas de Jérusalem.

*

* *

Já depois da minha partida de Jérusalem os Allemães começaram a construcção d'um magnifico templo no monte *Sião*, no logar denominado *Dormitio Virginis*, consagrado ao glorioso Transito da Mãe de Jesus. O terreno foi cedido ao Imperador Guilherme pelo Sultão Abdul-Hamid, por occasião da sua visita á Palestina, em 1898. O convento e igreja da *Dormitio Virginis* foi confiado, depois de negociações previas com a S.ta Sé, aos padres catholicos Benedictinos de *Beuron*. Installou-se alli uma escola allemã.

*

* *

O *Logar* do martyrio de S. Estevam, no anno 35, está santificado, hoje, por uma basilica levantada sob o plano da que fôra construida, no seculo IV, pela imperatriz Eudoxia, mulher de Theodosio II, e á qual está annexo um convento dominicano.

Esta basilica é, hoje, uma das mais bellas e importantes igrejas de Jérusalem.

No jardim do seu convento, os Dominicanos têm feito excavações profundas e têm feito descobertas preciosas — vestigios da basilica que Eudoxia fez construir sobre o logar do martyrio de Santo Estevam.

Elles têem encontrado os seus bellos mosaicos e os pedestaes das suas bellas columnas de marmore; foi Kosroës, o terrivel destruidor dos monumentos christãos da Palestina, quem, no seculo VII, anniquillou este rico monumento.

Elles ahi têm encontrado, ainda, uma verdadeira necropole subterranea, com sepulturas alinhadas, encerrando ossos duas vezes millenarios. Esta necropole serve de cemiterio aos cadaveres da communidade dominicana de Jérusalem.

*

* *

Estevam, cuja palavra em grego significa *corôa*, foi o primeiro martyr do Christianismo, cheio de fé e do Espirito Santo, segundo a expressão biblica. [1]

*

* *

Os RR. PP. Dominicanos fundaram ultimamente no seu convento de Santo Estevão em Jérusalem uma Escola Biblica, centro d'estudos aberto aos sabios de todas as nações, destinada a prestar, á exegese das Escripturas os mais relevantes serviços. *La Revue Biblique* é uma publicação d'alto merito sobre a especialidade, feita pela Escola. O Convento possue uma magnifica

---

[1] *Act.*, VI, 5.

bibliotheca que eu visitei attentamente na minha segunda viagem a Jérusalem.

E' principalmente rica em obras theologicas, sobre sciencias Escripturarias e trabalhos orientalistas.

Na basilica dé Santo Estevão fui, na minha segunda visita a Jérusalem, celebrar Missa, após a qual os muito respeitaveis Padres da Ordem Dominicana me serviram um bom almoço, para que fosse por mim considerado bem á lettra o velho adagio: *Ubi Missa, ibi mensa.*

*

* *

Os Padres Benedictinos de França compraram ultimamente um pedaço de terreno no alto do *Monte do Escandalo*, no qual projectam construir um mosteiro.

Esse mosteiro já está concluido, segundo leio n'uma *Revista* impressa em Jérusalem, pelos RR. PP. Assumpcionistas.

*

* *

E', ao approximar-se o peregrino da *Porta de Maria*, no caminho de Gethsémani, que se encontra o emprazamento, hoje occupado pela igreja de Santa Anna, onde a tradição colloca o nascimento da Santissima Virgem, Mãe de Jesus, em casa de seus paes S. Joaquim e Santa Anna. A casa de Santa Anna e S. Joaquim, já desde os primeiros tempos do christianismo era tida em veneração. Santa Helena construiu ahi uma igreja que naturalmente foi destruida por *Kosroës*. Reconstruida por Justiniano, segundo se crê, e enriquecida pelos *Cruzados*, ella foi convertida n'uma escola para os doutores do Islamismo por *Salahh ed-Dîne*, após a extincção do Reino Latino, em 1187. Foi só depois da guerra da Criméa,

em 1857, que Abdul-Medjid, imperador ottomano, doou á França a igreja e o terreno circumdante. A França restaurou a igreja e construiu annexo um magnifico estabelecimento no mais bello estylo romano de que fez presente, em 1878, a Sua Eminencia o Cardeal Lavigerie, fundador dos Missionarios de Nossa Senhora da Africa e primeiro metropolita de Alger. Sua Eminencia fundou ahi um convento para Religiosos da sua Congregação e um seminario onde jovens do rito grego unido ou melchita que se destinam ao sacerdocio recebem gratuitamente a educação ecclesiastica. O magnifico estabelecimento é dirigido pelos Religiosos da congregação, chamados padres *Brancos*, por causa da côr do seu habito. A igreja de *Santa Anna* é notavel não só pela belleza de suas fórmas e pela sua simplicidade architectonica, como pelo cunho d'alta antiguidade que n'ella rebrilha impresso. Está dividida em tres naves e é illuminada por trinta e tres janellas atravez de cujos maravilhosos vitraes se côa dôcemente, n'um effeito bizarro de cambiantes e refracções, a luz exterior. E', descendo-se uma escadaria, a meio da nave sul, que se penetra na veneravel crypta que marca o *Logar* da Immaculada Conceição, e do Nascimento da Santissima Virgem, inteiramente rasgada na rocha e aformoseada por uma capella e varios altares. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria.

Na minha segunda visita a Jérusalem assisti a uma magnifica solemnidade religiosa na igreja nacional franceza de Santa Anna, na companhia de muitos membros da peregrinação a que me encorporara e fomos recebidos ahi, no atrio do convento annexo, pela magnifica banda de musica do Seminario Grego Melchita, que em nossa honra tocou durante todo o tempo que alli nos demoramos.

*

* *

E' a noroeste da porta d'entrada da igreja nacional de Santa Anna, que póde visitar-se a *Piscina Probatica*, isto é, das *Ovelhas* tão celebre no Evangelho.

Fôra alli, junto d'um dos seus cinco porticos, que o Divino Mestre curara o paralytico que esperava, havia trinta e oito annos, vez para se mergulhar nas suas aguas miraculosas. [1]

Era n'esta Piscina, tambem chamada *Bethesda*, ou *Bethzaida*, [2] palavra que significa *casa da graça* ou *de misericordia*, que deviam de ser lavadas e purificadas as victimas dos holocaustos que se faziam no *Templo de Salomão*. Depois da queda do Reino Latino de Jérusalem esta Piscina cahiu no esquecimento. Foi descoberta em 1857 pelo architecto encarregado de restaurar a igreja de Santa Anna.

Hoje para se visitar esta Piscina é necessario dar um *bakchich* aos guardas d'ella, dinheiro que é destinado á continuação dos trabalhos da igreja de Santa Anna. Na Piscina Probatica ganha-se uma Indulgencia parcial. As palavras do Cap. 5.° v. 3 a 14, do Evangelho de S. João, lêm-se á entrada da mesma, escriptas em 53 idiomas, entre os quaes o portuguez.

*

* *

Não esqueça ainda o peregrino a visita do *Museu Biblico* do Convento dos Padres Brancos, que é do mais alto interesse.

---

[1] *João*, v.
[2] *Joan.*, v, 2.

*

* *

Sahindo-se da cidade pela porta de Jaffa e deixando-se a estrada de Bethléem, para seguir-se a estradà que conduz a *S. João da Montanha*, póde visitar-se, em meio d'um verdadeiro *oasis* de verdura, o convento da Santa Cruz, construido como uma fortaleza no *ouady Salib-valle da Cruz*. Este convento serve hoje de seminario aos Gregos scismaticos. E' o seminario nobre dos ortodoxos, d'onde sahirão mais tarde todos os membros do alto clero grego. O cuidado das parochias scismaticas é confiado ao clero arabe, casta inferior educada no convento de S. Constantino, junto do S.to Sepulchro. A igreja do convento da *Santa Cruz*, construida por Heraclio, no seculo VII. está edificada, diz a tradição, por sobre o proprio *Logar* onde foi cortada a arvore que serviu para formar a cruz do Salvador. [1] Ganha-se alli uma Indulgencia parcial.

*

* *

Sahindo-se de Jérusalem pela porta de *Jaffa*, ou pela porta *Nova*, chamada pelos arabes *Bab-el-Jedide*, seguindo-se a direcção do Norte, passando-se em frente á estrada que leva a *S. João da Montanha*, estrada que se deixa pela esquerda do estabelecimento russo e da collina das *Cinzas*, egualmente pela esquerda, chega-se, após doze minutos de marcha, ao monumento, ao hypogeu que tem o nome de *Tumulo dos Reis* — *Qobour-el-Molouk*.

Este *Tumulo dos Reis*, ao qual se desce por

---

[1] Vid. sobre este assumpto a Obra de Ch. Rohaut de Fleury, já citada a pag. 88 e o livro do Padre Jesuita Gretzer — *De Cruce Christi*.

uma larga escadaria, nem o foi jamais dos Reis de Judá, nem sequer dos Principes asmoneus. E' apenas o sarcophago de Helena, rainha de Adiabéne (parte do Kurdistan a E. do Tigre) que no anno 44 da nossa era veiu viver para Jérusalem e se converteu ao christianismo com toda a sua familia.

Desde 1883 que este Tumulo pertence á França. Elle está situado em meio d'um campo, proximo da grande estrada de Jérusalem a Naplouse e destaca-se perfeitamente pelo muro que o cerca. O individuo que o guarda abre-o gratuitamente. M. de Saulcy, o verdadeiro fundador do Museu Judaico do Louvre, fez inesperadas descobertas neste necroterio. Talhado todo na rocha viva, compõe-se elle de varias camaras mortuarias, onde se vêem cavados varios nichos, especie de fornos, destinados a receber cadaveres. No vestibulo da entrada para o hypogeu, vê-se sobre a face mesmo do rochedo um friso onde está delicadamente esculpturada uma grinalda de folhagens e de fructos, entre os quaes se distingue um cacho d'uvas que é o emblema da Terra Promettida. [1]

*

* *

A alguma distancia encontra-se outro monumento funebre, chamado *Sepulcro dos Juizes* — *Qobour-el-Kodak*, e que nunca o foi d'algum dos Juizes d'Israël, os quaes foram sepultados todos nas suas proprias Tribus, segundo os testemunhos biblicos, mas sim, como se pensa, dos membros do Sanhedrio. Fica este monumento no principio do *Valle de Josaphat*, a um kilometro approximadamente ao noroeste de Jérusalem. El-

[1] *M. de Saulcy. Histoire de l'art judaique*, Paris, 1858.

le está totalmente aberto na rocha. Os rebanhos abrigam-se alli na estação das chuvas! O seu frontão é um primor d'architectura, na viçosa florescencia da sua architrave e do seu triglifo. São muitos os sepulcros que por estes logares se encontram.

Jérusalem póde considerar-se em geral, em si e nos seus arrabaldes, como um cemiterio, uma vasta necropole, uma inalienavel propriedade das larvas! O Olivete e o monte do Escandalo estão cobertos de tumulos! [1] O Valle de *Josaphat* alveja com os seus monumentos funebres!

O *Hacéldama*, cheio de covaes anonymos e de ossos esfarelados, recebe os despojos de todos os peregrinos, cuja patria e religião se não conhecem!

Os valles, os montes, as planicies, as estradas, as cavidades das pedras, tudo está coberto de tumulos!

São tumulos de mortos que pertenceram na vida a todas as gerarchias, a todos os estados, a todas as condições, a todas as crenças, a todos os paizes, a todas as edades e a todos os seculos!

São tumulos de prophetas, de santos, de reis, de rainhas, de principes, de latinos, de gregos, de hebreus, de armenios, de cophtas, de syrios, de musulmanos, de catholicos, de scismaticos, de herejes, de protestantes, de inglezes, de prussianos, de episcopaes, de methodistas e até de americanos!

Sepulturas e tumulos por toda a parte! «Verdadeiramente nenhum mortal conhece o canto

---

[1] Está este monte coberto com o cemiterio dos Judeus e com o cemiterio dos Arabes, que esperam alli, segundo a sua crença, a vinda do *Propheta* para julgar os homens! Os Judeus chamam ao seu cemiterio *Beth-Haïm (casa dos vivos).*

da terra onde se cavará a sua sepultura! » canta o arabe, repetindo o versiculo do Korão. E assim se verifica na *Cidade Santa! Ubique luctus, ubique pavor et plurima mortis imago!* *Jérusalem* é uma necropole!

VIII

O MAR MORTO—BETHLÉEM Á «VOL-D'OISEAU»

Transeamus usque Bethleem

LUC., II, 15

Quando eu desembarquei na illustre terra de *Chanaan*, em caminho de Jaffa para Jérusalem, uma das minhas mais insistentes preoccupações era a visita e a contemplação do immenso lago sulfuroso, d'aguas estagnadas e fundas, d'esse sinistro mar de asphalto, campa liquida onde se fundiram e vazaram todas as depravações e abominações da corrupta *Pentapole*, chamado nas Escripturas *Mar Morto*, *Mar do Sal*, *Mar da Planicie*, *Mar Oriental* (em relação a Jérusalem), o *Mar*, [1] simplesmente, para o distinguir do *Mar Grande*, que é o Mediterraneo, [2] chamado ainda *Lago Asphaltite* pelos Gregos e pelos Latinos, *Almotanah* e *bahhr Lot* pelos Arabes e *Ula Degnisi* pelos Turcos.

Só depois da minha chegada á cidade jeroso-

---

[1] *Gen.*, XIV, 3. *Deut.*, IV, 49. *Num.*, XXXIV, 3 e 12 *2.º Livr. dos Reis,* XIV, 25. *Ezechiel,* XLVII, 18 e 19. *Joël,* II, 20. *Zach.*, XIV, 8.

[2] *Exodo*, XXIII, 31. *Deut.*, XI, 24. *Num.*, XXXIV, 6 e 7. *Joel*, II, 20. O Mediterraneo é ainda chamado o Mar dos Philisteus que residiam nas suas costas, e o Mar Occidental. (Vide os mesmos Textos).

limitana, é que eu pude vêr, ao longe e ao fundo, quando descia da estação ferro-viaria, para entrar na cidade pela porta de Jaffa, as longinquas montanhas do paiz de Moab, nitidas em seus contornos, maravilhosamente definidas em suas altitudes, a cujo sopé se extende, adormecido e tranquillo, o sinistro e funebre lago, semilhante a um espelho em cuja superficie se reflecte todo o azul do firmamento!

Não pude visital-o tão depressa como desejava, mas lá fui, muito breve, encorporado a uma caravana de peregrinos que iam de visita ao convento grego de *S. Sabas*, sahida de Jérusalem, por caminho de *Bethléem*. [1]

---

[1] O caminho mais facil e commodo para fazer-se a visita do *Mar Morto* é o que segue por *Bethania* e *Jericó*, pois que póde por aqui fazer-se esta visita, hoje, de carruagem. O mais directo, porém, é o caminho que vai em linha recta da *Cidade Santa* a *S Sabas* Este é de tres horas de viagem, approximadamente. Sahindo-se de Jérusalem pela porta de Jaffa, desce-se á esquerda, seguindo-se ao longo do valle de *Gihon*. Passando-se depois em frente ao campo do *Hacéldama* e do poço de *Nehemias*, vai-se seguindo o valle do *Cédron*. Perde-se depois de vista Jérusalem, quando, d'uma pequena eminencia, se desce ao valle *d'es-Saouâhhry*. Passa-se seguidamente junto d'um poço, á beira do caminho, pela direita, chamado *Bir ech-Chamss — poço do Sol*, que contém agua, mas de qualidade ruim. Encontra-se depois um cemiterio pertencente á tribu nomada chamada *Aabedîeh*. A pequena distancia d'aqui o *Cédron* transforma-se n'um verdadeiro abysmo cavado entre duas enormes muralhas de rochedos a pique, da caracterização mais selvagem que possa imaginar-se. Vêem-se por alli já muitas grutas que serviram outr'ora de habitação a piedosos anachoretas. Chega-se quasi logo a *S. Sabas*. No regresso, a caravana de que eu fiz parte na viagem do *Mar Morto*, retornou por este caminho a Jérusalem.

Na minha segunda viagem á Palestina, em 1903, fui de Jericó ao Mar Morto, em carruagem, ladeando o Jordão e visitei o Lago maldito junto da foz do rio que o

Eramos os peregrinos: eu; o illustre conde de *Nouailles*, fidalgo da mais preclara nobreza de França, homem affabilissimo, grangeando logo, ao primeiro trato, empolgantemente, as mais rebeldes sympathias, e com quem mantive sempre na Palestina a mais affectuosa intimidade; o amavel Religioso francez *Paul Renaudin*, monge benedictino da abbadia de *Saint-Maur;* o padre *Marcellino*, sacerdote compostellano, chegado de *Cuba* á *Palestina* em visita aos *Logares Santos*, e uma respeitavel familia egypcia, natural do Cairo, do rito cophta unido, cujo chefe era o dignissimo sr. *Hausni Gali*, familia composta da esposa, mãe e duas irmãs expansivas e garrulas, d'este excellente cavalheiro.

Ainda hoje recordo com saudade a intima convivencia que havia entre mim e esta respeitabilissima familia.

Quando, ao depois, lhes disse o meu ultimo adeus, em partida de Jérusalem para Portugal, não foi sem algumas lagrimas furtivas, que todas aquellas bondosissimas e primorosisimas senhoras me fizeram as suas ultimas despedidas! De todas e de todos conservo os seus cartões de visita e, ah! a mais saudosa e pungentissima recordação de saudade!

Pois poderão esquecer jámais as nossas expansões juvenis quando nós a caminho de *Bethléem*, a dentro do mazorrão vehiculo que nos conduzia, fallavamos de tanta coisa historica, relembrando as scenas biblicas passadas por aquelles sitios — aqui logo, transposta a porta de Jaffa, tão

---

alimenta. A manhã estava ardente, mas a brisa que soprava do sul, encrespando, riçando levemente em ondulações tremulas a superficie glauca das aguas do Lago, suavisava a athmosphera. Pude vêr na praia varios peixes e molluscos mortos, alli arremessados pelas ondas do Lago. No local uma tenda arabe fornecia detestavel cerveja aos viajantes por elevado preço.

movimentada e alegre, após havermos atravessado o valle dos filhos de *Hinnon*, passado em frente ao monte do *Mau Conselho* e d'alguns estabelecimentos modernos, como o convento das *Clarissas* e a *Leprosaria allemã* — relembrando e apontando a pequena eminencia conhecida, hoje, pelo nome de *Katamoum* onde, segundo é tradição, habitou o santo velho *Simeão* [1] que, antes de morrer, teve a felicidade de sustentar em seus braços o Salvador do mundo — mais adeante, apontando o local onde outr'ora se levantava, donairoso e esbelto, um magnifico terebintho, ao qual se prende uma encantadora tradição [2] — mais adeante, a historica collina chamada Baalpharazim — *deus que divide* — onde *David*, vencidos os *Philisteus*, queimou seus idolos [3] — adeante logo, atravessando o celebre valle de *Raphaïm* ou dos *Gigantes* cheio, ainda, dos estrepitos clamorosos das luctas entre *David* e os *Philisteus* [4] — adeante, parando em frente da patriarchal cisterna dos *Magos* ou da

---

[1] *Luc.*, II, 25. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial. O tumulo do santo velho vê-se, ainda, a dentro de uma capella, pertencente ao Patriarchado grego scismatico. Póde ir-se alli em carro. E' alli a residencia, no estio, do Patriarcha Grego scismatico de Jérusalem.

[2] A tradição diz que á sombra d'esta arvore descançára a *Sagrada Familia*, quando de *Bethléem* vinha Maria a *Jérusalem*, acabados os dias da sua Purificação, apresentar no *Templo* o *Divino Filho* recem-nascido, conforme ordenava a Lei de Moysés. *Lev.*, XII, 4. Esta arvore foi queimada pelo proprietario do campo, em 1649, porque os Christãos, visitando-a, estragavam as suas sementeiras. O auctor do livro *Viaje de la Tierra Santa* diz ter visto ainda o terebyntho da estrada de Bethléem.

[3] *1.° Livr. dos Paral.*, XIV. 12. *2.° Livr. dos Reis*, V, 20.

[4] Este valle é chamado, hoje, pelos indigenas *Bakâa*. Fertil por sua natureza, está este valle, actualmente, muito bem cultivado com plantações de vinhas, oliveiras e figueiras. Este valle separava as tribus de Judá e Benjamim. *Josuë*, XV, 8.

Estrella [1] — passando em frente á herdade do propheta *Habacuc*, arrebatado por um anjo até á cova dos léões, em Babylonia, onde estava prisioneiro *Daniel* [2] — do convento de *Santo Elias*, pela direita, n'um pequeno monticulo [3] — da pedra, onde, segundo é tradição, passara uma noite deitado o propheta *Elias*, fugindo de Jérusalem ás iras da perversa *Jézabel*, deixando a fórma do seu corpo impressa sobre a mesma pedra, como ainda hoje se vê [4] — do campo das *Pedras*, a pequena distancia [5] — da biblica collina chamada hoje, *Tantour* ou de *Jacob*, onde este santo patriarcha chegado da *Mesopotamia*, levantou suas

---

[1] Ganha-se aqui uma Indulgencia parcial. Os Arabes chamam a esta cisterna *Bir-en Nedjem*. Segundo a tradição, marca o *Logar* onde os Magos tornaram a vêr a Estrella miraculosa que os tinha guiado a *Jérusalem*. *Math.*, II, 9. Esta cisterna enche-se com aguas pluviaes.

[2] Ganha-se aqui uma Indulgencia parcial. Vid. sobre o facto : *Daniel*, XIV, 32.

[3] Chamado tambem *Mar* (santo) *Elias*. Este convento foi construido por *Heraclio*, no seculo VII. Pertence aos Gregos scismaticos. A Igreja d'este convento é digna de vêr-se. A Igreja dos gregos scismaticos além dos membros do seu alto clero abrange os membros do baixo clero que se compõem de curas casados e de monjes cujo numero é consideravel no Oriente.

[4] Está esta pedra do outro lado da estrada. A tradição que lhe anda ligada não tem base solida. Emquanto á fórma n'ella impressa é o que affirmam os monges do vizinho convento de *Santo Elias*. Sobre este facto biblico veja-se o *3.° Livr. dos Reis*, Cap. XIX. D'este ponto avista-se perfeitamente *Jérusalem* ao Norte e *Bethléem* ao Sul. A' *Pedra* está ligada uma Indulgencia parcial.

[5] Effectivamente a pequena distancia do convento de *Santo Elias*, que nada tem de importante, vê-se, hoje, um terreno coberto de pequenas pedras, de fórmas varias. A tradição conta que, um dia, passando por alli o Salvador, (segundo outra tradição, a Santa Virgem) viu uns semeadores. Como lhes perguntasse o que é que semeavam, elles lhe responderam : *pedras*. — Pois bem, lhes res-

tendas e onde *Rachel* morreu, dando á luz *Benjamim* [1] — mais adiante, passando em frente do tumulo de *Rachel*, [2] no campo de *Rama* — depois avistando-se ao longe, do *Herodion* ou monte dos *Francos*, onde foi sepultado Herodes o *Grande* — dos olivaes de *Beït-Djallah*, a antiga *Bezec*, talvez, [3] grande povoação onde se acha o Seminario Patriarchal Latino de Jérusalem fundado por Mgr. Valerga em 1853, [4] e, quasi junto ás portas de

---

pondeu o Salvador, colhereis pedras! — E, em verdade, diz a lenda, que os semeadores vindo mais tarde alli a fazer a sua colheita, apenas encontraram o campo cheio de pedras!

Segundo uma outra tradição, fôram alli colhidas as lentilhas que custaram a *Esaü* o seu direito de primogenitura. *Gen.*, xxv, 33.

[1] *Gen.*, xxxv, 19 Esta collina onde se ganha uma Indulgencia parcial, está, hoje, coroada pelo hospital dos *Cavalleiros de S. João*. Este estabelecimento é dirigido actualmente pelos irmãos de *S. João de Deus*. Dão-se ahi gratuitamente remedios e consultas, mas os doentes não são lá tratados.

[2] Conhecido pelos Arabes pelo nome de *Koubbet-Kahhil*. E' um simples *marabouth* arabe, onde se ganha uma Indulgencia parcial. Está situado á beira da estrada, em meio do cemiterio musulmano de Bethléem. Os sectarios de Mahomet têem em grande veneração este Tumulo. As mulheres judias vêm ahi em peregrinação implorar a graça da maternidade. Ha muitos motivos que attestam a venerabilidade do Logar, (*Gen.*, xxxv, 19, xlviii e 7) não fallando ainda, nos Auctores profanos, como Josepho.

[3] *Juizes*, i, 5.

[4] Esta aldeia toda afogada em meio d'uma floresta de oliveiras, amendoeiras e figueiras, conta, talvez, 6:000 habitantes, dos quaes grande numero são catholicos. Todo o resto são gregos scismaticos, e protestantes. Em todo o caso não há lá senão christãos. Teem lá uma igreja os protestantes e os gregos scismaticos outra. Os russos tambem lá possuem uma escola e um hospital.

Bethléem, da historica cisterna de David, [1] que visitámos logo de passagem e onde recordámos aquella enternecida exclamação do santo e pio rei, junto da caverna de *Odollam:* [2] «Ah ! quem me dera agua da cisterna que está ás portas de *Bethléem !* » [3]... ? Poderão ?

Não, não pódem.

As amabilissimas senhoras egypciacas, pediram-me alli, junto da cisterna de David, que lhes recitasse um trecho de prosa ou verso, em portuguez, pois que desejavam ouvir a pronuncia, accentuação e melodia d'esta lingua, que parece haver sido feita principalmente para o idyllio.

Haviam ellas, a meu pedido, recitado já uma formosa poesia arabe, inspiração celebre d'um dos mais illustres poetas da raça ismaelita.

Era uma d'essas alegrias ternas e commoventes, expressão impressionante da suprema dôr que cruciava *d'al Hansâ*, ao cantar plangentemente a triste morte de seus dois irmãos — *Sarh e Mucâwiah !*

---

[1] Esta cisterna que parece marcar o logar da casa do pae de *David,* pertence aos *Franciscanos,* que a cercaram modernamente com um muro. E' toda cavada na rocha viva e poderá ter, mais ou menos, 6 metros de largura e 17 de extensão. A visita d'esta cisterna póde fazer-se em meia hora, ida e volta, a partir do convento franciscano de *Bethléem.* Santa Paula edificou um convento no logar da cisterna de *David* que não existe mais, nem vestigios mesmo.

[2] *1.º Livr. dos Paral.,* XI, 13 a 17.

[3] Tres dos seus mais valentes guerreiros, *Abisaï*, filho de *Servia*, *Sibbachaï Usathite* e *Jonatham,* filhos de *Semmâa*, irmão de *David*, atravessando o arraial dos Philisteus que occupavam *Bethléem*, vieram buscar agua á cisterna e a levaram ao seu rei! Surprehendido por tão sublime dedicação, o rei não quiz beber aquella agua, offerecendo-a ao Senhor, dizendo: Não apraz a Deus que eu beba o sangue dos valentes! *2.º Livr. dos Reis,* XXIII, 17.

Encantado com a dôce e melodiosa pronuncia arabe, disse-lhes eu, que tambem e egualmente, a lingua portugueza, ouvida pronunciar, deveria deixar-lhes no ouvido bella e magnifica impressão!

E quasi logo, comecei de recitar-lhes em phrase altisona e voz vibrante e commovida, a ternissima e incomparavel poesia do nosso illustre e mavioso poeta, do inspiradissimo bardo portuguez, Thomaz Ribeiro, a *Judia*, verdadeira joia de sentimento, timbre da poesia melancholica, da vaga e incoercivel poesia popular portugueza, aureo esmalte da mais nobre, lusitana e genuina inspiração da musa patria. [1]

Ah! alli, na Palestina, á vista do *Jordão* e do *Mar Morto*, tendo em frente as montanhas agrestes da Judéa, abrangendo com a vista uma grande parte da terra que fôra habitada pelas doze Tribus de Israël, imagine-se com que viva expressão de sentimento, com que emphase de enthusiasmo radiante, eu não frisaria os versos mais soberbos da admiravel poesia, *maximè* quando eu quasi cantava:

> Fui e visitei o mappa immenso
> Das montanhas da Judéa,
> Ai, patria da raça hebréa
> Ai, desditosa Sião!
> Que extensos montes sem relva
> Que paragens sem conforto
> Onde se extende o Mar Morto
> E onde serpeia o Jordão!

---

[1] Considero Thomaz Ribeiro, como um dos primeiros poetas portuguezes, não só pela variedade dos seus versos, como pela inspiração inexhaurivel do seu genio poetico. De resto o immortal vate foi egualmente, um dos mais opulentos lapidarios do nosso doce e rythmico idioma, tão primorosamente plastico, como formosamente esthetico, além de ser um publicista de raça, um politico abalizado, e um orador vernaculo correcto, cultissimo e celsissimo.

*

* *

Eu ia-me esquecendo dizer, que n'esta excursão ao *Mar Morto*, era nosso guia o respeitavel *Fr. Lievin de Hamme*, o meu affectuosissimo e queridissimo companheiro na romagem piedosa que eu fiz a todos os sitios ermos que na Palestina falam a linguagem mysteriosa das lendas e das tradições christãs. Doloroso para mim era vêl-o, adelgaçando-se e estorcendo-se já, de quando em quando, nas dilacerações da nevralgia. Mas que bello homem, que bondoso e captivante coração!

Que sublime philosophia, que profundeza de bom senso, que segurança de criterio e sobretudo quantas lições plenas da vida não tinha apprendido já aquelle homem nas paginas vivas do grande livro da experiencia humana, d'essa experiencia que só se apprende na *Universidade do Mundo*, na phrase do mais classico e mais vernaculo de todos os prosadores e oradores portuguezes, o engenhoso, elegante, altissimo, disertissimo e celsissimo mestre da lingua patria, Padre Antonio Vieira! [1]

Ainda hoje conservo, viva, imperecivel e saudosissima recordação d'esse velho tão sympathico e tão amavel, tão bom e insinuante, imagem perfeita, typo authentico, inconfundivel d'esses simples e austeros penitentes da Thebaida, que os homens honraram e nobilitaram como os oraculos dos desenganos do mundo! Honra-se e ornamenta-se a preluzentissima Ordem Mendicante Franciscana com membros da estatura moral de Fr. Lievin.

Toda ella é, todavia, um viveiro fertilissimo de operarios evangelicos que por todo o orbe e

---

[1] **Vieira. Serm. vol. 4.º pag. 142.**

com especialidade na Palestina regam com os seus suores e fecundam com as suas lagrimas o escabroso campo do mundo — *ager est mundus* [1] — laboram e lavram entranhadamente, suportando com a mais heroica paciencia os soffrimentos, *fructum afferunt in patientia*, [2] até ao completo exgottamento das forças a preciosa agricultura de Deus, a semente feracissima do Evangelho, em união com o supremo agricola — *et Pater meus agricola est* [3] — e em obediencia ás suas ordens soberanas — *euntes ibant et flebant mittentes semina sua!*

Mas vamos seguindo o nosso caminho, pondo de parte n'este momento todas as apreciações individuaes.

Foi pela tarde, [4] que a nossa caravana entrou em *Bethléem*, a patria do Salvador do mundo, a santa *Bethléem*, cujo nome significa em hebraico *Casa de Pão!* [5]

Tambem lhe chamaram *Ephrata*, [6] a *fructuosa*, a fim de distinguil-a d'uma outra *Bethléem*, sita na tribu de *Zabulon*. [7]

Bethléem de Judá foi a patria de *David*. O grande rei, o biblico monarcha, guardou na infancia os rebanhos de seu pae, nos campos de *Bethléem*.

---

[1] *Math.*, XIII, 38.

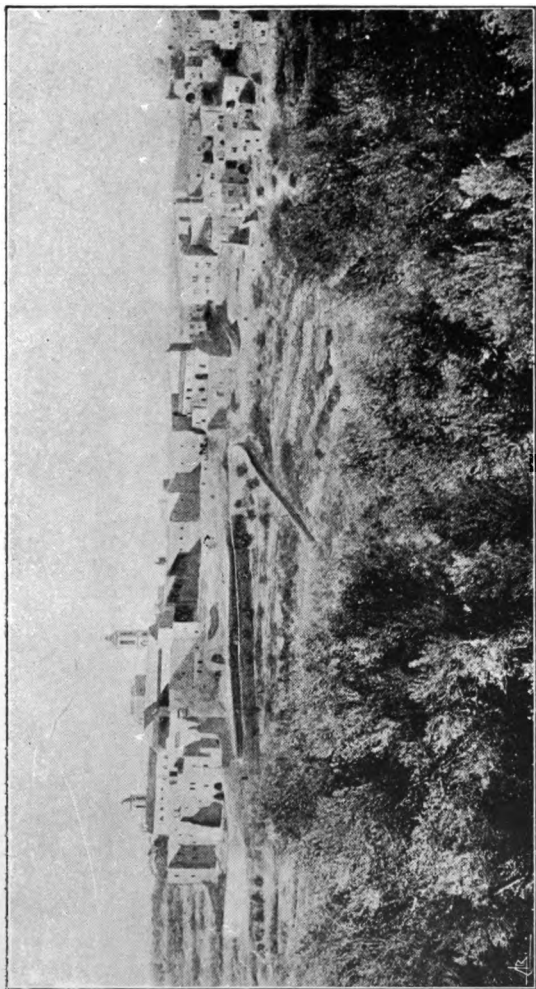
[2] *Luc.*, VIII, 15.

[3] *João*, XV, 1.

[4] A viagem de Jérusalem a Bethléem faz-se em carro, no espaço de hora e meia, approximadamente.

[5] *Beth* significa casa ou morada, *Lehem* significa pão. Assim *Bethania*, significa casa das tamaras, *Bethfagé* casa de figos, *Bethel*, casa de Deus, *Bethoron*, a casa na concavidade, etc. *Bethléem* ou *Casa do Pão*, é como se dissessemos — o centro do grande campo de trigo do sul.

[6] *Gen.*, XXXV, 19.

[7] Na Galilea, a oeste de Nazareth.

Vista de Bethléem

Vêm-se distinctamente n'esta photographia o convento dos Franciscanos, a igreja de Santa Catharina e a antiga basilica da Natividade.

Foi ahi que *Samuel*, enviado por Deus, veiu derramar o oleo santo por sobre a sua fronte [1] sagrando-o rei de Israël ! [2]

Ahi nasceram, ainda, varias personagens illustres: *Abissan*, septimo juiz d'Israël, successor de *Jephté*, *Elimelech*, *Obed*, *Isaï*, *Jessé*, *Booz*, *Mathan* e *Jacob* seu filho, pae do glorioso S. José [3] e *S. Mathias*, *Apostolo*. E', finalmente, em *Bethléem*, no campo de *Booz*, que se extende ao fundo da cidade, que se passou a encantadora historia da formosa *Ruth*.

Cidade santa, cidade veneravel, illustre *Bethléem*, que foste predicta e vaticinada pelo propheta *Michéas* [4] para berço do Redemptor do mundo, ao transpôr pela primeira vez os teus velhos muros, eu te saúdo !

Sim, como Santa Paula, [5] *eu te saúdo*, *Bethléem*, *casa do pão*, *onde nasceu o pão que desceu dos céos;* esse pão dos Anjos que Deus em sua infinita bondade deu aos homens; pão de benção, pão dos pobres, pão dos peccadores, a todos dado em abundancia ! *Edent pauperes et saturabuntur*. [6]

*

* *

Descidos do nosso carro, toda a nossa caravana se dirigiu immediatamente para o convento latino, onde tinhamos de pernoitar. No dia seguinte seria que todos partiriamos para *S. Sabas*, junto do *Mar Morto*.

Toda a caravana, porém, deveria antes assistir na *Créche*, na sagrada *Gruta*, á celebração da

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVI, 13.

[2] 1087 antes de Christo.

[3] *Math.*, I, 15.

[4] *Mich.*, V, 2.

[5] Hieron. *Epist.*, XXVII.

[6] *Ps.*, XXI, 27.

Santa Missa e ahi receber o Pão espiritual dos Anjos.

Era eu quem estava designado para a celebração do augusto Mysterio.

Ah! que inneffavel consolação!

Depois de haver offerecido a Hostia Immaculada ao Eterno Pae, sobre a rocha sagrada do *Calvario*, onde o Senhor morrera, era agora sobre a augusta *Créche*, no proprio logar, a dentro da mesma *Gruta*, onde nascera o Senhor, que eu tinha de celebrar Missa! [1]

---

[1] Na *Terra Santa* eu tive occasião de celebrar Missa, ainda, sobre a pedra do *Santo Sepulcro*, no domingo de *Ramos*, vespera da minha partida para Portugal. N'esse domingo, o *Santo Sepulcro* pertence até ao meio dia aos Franciscanos, bem como o côro fronteiro. E' aqui que, solemnemente, n'esse dia elles celebram a festa das *Palmas*. Na igreja do *Santo Sepulcro*, além do *Calvario*, eu celebrei, ainda, na capella da *Apparição* á Magdalena, no altar onde se guarda a sagrada *Columna* da Flagellação do Senhor.

Todos os dias as varias communidades christãs de Jérusalem, celebram, cada uma em seu rito proprio, os Officios divinos sobre o *Santo Tumulo* de Christo. Os Franciscanos têem o direito de celebrar alli diariamente duas Missas rezadas e uma cantada. Todos os dissidentes apenas pódem celebrar os seus Officios alli, uma vez por dia. Os *Gregos* scismaticos começam as suas Missas logo depois da meia noite; após vêem os *Armenios* separados, seguindo-se-lhes os *Latinos*.

Como para a celebração das *Missas* na igreja do *Santo Sepulcro* não possa determinar-se hora fixa por depender isso de combinação previa com os dissidentes Gregos e Armenios, os ecclesiasticos que alli desejarem celebrar devem com antecedencia deixar aviso no Secretariado do convento de *S. Salvador* e têm que ir pernoitar no Convento latino do *Santo Sepulcro*.

Tambem os peregrinos christãos que em Jérusalem desejarem fazer um retiro espiritual, pódem dirigir-se ao Rev.^mo^ Padre Custodio, residente no convento de *S. Salvador*, que da melhor vontade lhes satisfará os piedosos desejos.

Os bons Religiosos do Convento Latino receberam-nos no seu *Hospicio* com a proverbial hospitalidade. [1]

A mim foi-me destinado um quarto de ornamentação asseadissima, olhando pará a fronteira praça da *Créche* e por sobre toda a pequena cidade bethlemita.

Aproveitando as ultimas horas do dia, sahimos todos em pequena e rapida visita á Gruta do Leite, *crypta lactea*, sita a mui poucos passos de distancia da *Créche*. A tradição conta que a Virgem, Mãe de Deus, se refugiara n'esta *Gruta*, a caminho do Egypto, fugindo aos soldados de Herodes.

No momento em que amamentava o Divino Filho, algumas gottas do seu purissimo leite cahiram ao chão.

Esta é a lenda da *Gruta*, hoje santificada por uma piedosa capella subterranea, a cargo dos Religiosos franciscanos, que alli celebram Missa quotidianamente. [2]

Os lumes de muitas alampadas suspensas da rocha abobadada que se arqueia por sobre o chão da *Gruta*, enchem de colorações scintillantes e matizam de reverberos aureos o recinto interior. No seculo quarto Santa Paula construiu ahi uma bella igreja dedicada a S. Nicolau e um mosteiro annexo que ella habitou com sua filha Eustochia e outras religiosas.

Os peregrinos trazem da *Gruta do Leite* como recordação christã, uns pedacinhos de pedra

---

[1] Ainda que em *Bethléem* haja actualmente já um hotel, todavia os Franciscanos continuam a dar hospitalidade aos peregrinos que a peçam, munidos do bilhete de admissão, passado em Jérusalem, no Secretariado da Custodia. A diaria do hotel regula entre 10 a 12 francos.

[2] E' tradição ainda no Oriente que os Magos a caminho da sua patria, após a adoração do Menino recemnascido se demoraram algum tempo a dentro da Gruta do Leite.

branca, que os Religiosos, guardas do Logar, lhes dão, como mimo. Attribuem-se-lhes milagres, quando se tomam dissolvidos em agua, operados nas mulheres a quem falta o leite nutriente.

As mulheres bethlemitas, quer sejam judias, mahometanas ou christãs, as mesmas beduinas de partes distantes, todas téem esta crença e ahi accorrem frequentemente a fazer oração e accender velas.

Eu conservo, ainda intactos, dois pedacinhos d'essas pedras, que trouxe para Portugal, cuidadosamente acondicionados.

De regresso da *Gruta do Leite* [1] entrei eu no estabelecimento commercial de objectos religiosos de *M. Dabdoub Fréres*, com filial em Jérusalem, bem como no de *M. Pierre Michel & Fils*, sito na praça da *Natividade*, em frente á rua da *Gruta do Leite*, em ambos os quaes fiz acquisição de grande numero de objectos de piedade, entre os quaes se destacavam algumas duzias de *Terços*, de qualidades varias.

A todos elles, eram intenções minhas, poisal-os sobre a *Créche*, a fim de que pudessem ser-lhes annexas as riquissimas Indulgencias que ganham todos os peregrinos na Terra Santa.

Depois, ainda em Jérusalem, eu poisei novamente todos os objectos religiosos que havia comprado em *Bethléem*, sobre o *Santo Sepulchro*, sobre a rocha do *Calvario* e sobre a sagrada *Pedra da Uncção*, que se beija á entrada do templo do *Santo Sepulchro*.

A todos trouxe para o Reino e com elles tenho obsequiado muitas pessoas religiosas da mi-

[1] A pequena distancia da *Gruta do Leite* ainda nós visitamos uma pequena capella guardada pelos Franciscanos que marca, dizem, o emprazamento da casa de S. José, em *Bethléem*, e aonde elle teve um sonho. *Math.*, I, 20. Tanto aqui como na *Gruta do Leite* ganha-se uma Indulgencia parcial.

nha mais affectuosa estima, para quem a posse d'um *Terço*, poisado sobre o *Santo Sepulchro*, é e vale uma preciosidade.

Sabe-se que de cada vez que se rezam e se ora pelas necessidades da *Santa Igreja*, se ganham, não só todas as Indulgencias innumeraveis concedidas á visita dos *Logares Santos* da Palestina, mas, conjunctamente, todas aquellas Indulgencias que os Santos Padres costumam conceder aos objectos religiosos que benzem![1]

Imagine-se, então, com que especial contentamento eu não conservo o meu *Terço*, todo feito de caroços das azeitonas das oliveiras do *Horto de Gethsémani*, prenda e recordação, que, no Convento de S. Salvador em Jérusalem, recebi do Rev.^mo^ P.^e^ Procurador Geral da Ordem Franciscana na Terra Santa, quando d'elle me despedia.

Fui poisal-o expressamente sobre o *Santo Sepulchro* e com elle, conjunctamente, uma *Medalha* commemorativa da minha visita á Palestina.

Tenho porisso a maxima satisfação em declarar, ainda, que trouxe da Terra Santa preciosidades inapreciaveis, com que me distinguiu o mesmo Rev.^mo^ Padre, a quem n'este momento protesto inapagavel gratidão e o meu indelevel reconhecimento.

Recebi de suas mãos dois frascos de azeite purissimo das oliveiras do *Jardim de Gethsémani*, um frasco d'agua da *Piscina Probatica*, outro d'agua do *Santo Sepulchro*, e, como riqueza maxima, uma authentica Reliquia do Santo Lenho, e um cartão, em que se vêem colladas Reliquias dos mais veneraveis thesoiros da Terra Santa.

Entre outras destaco: um boccadinho de pedra do *Santo Sepulchro*, outro da *Rocha do Calvario*, um fragmento da *Sagrada Columna da Flagellação*, outro da *Santa Casa de Názareth*, outro da

---

[1] **Vid. nota 1.ª no fim do livro.**

Créche de *Bethléem*, outro do *Santo Sepulchro de Nossa Senhora*, *etc.*, *etc*, todas authenticadas com o sêllo franciscano!

Todas estas piedosas Reliquias as conservo hoje, esmeradamente guardadas e as amostro com supremo jubilo aos meus amigos. [1]

Nem todos os peregrinos, porém, logram a felicidade de trazerem da Terra Santa tão preciosas Reliquias.

Antes, até são mui poucos os que recebem esta distincção.

E os graciosos, os bellissimos cartões de flôres que eu trouxe da Terra Santa!

Fôram tantos, tantos, que tenho com elles presenteado e mimoseado a mais já com certeza de duzentas pessoas amigas!

Estes trabalhos constituem uma das grandes industrias das mulheres jerosolimitanas e bethlemitas.

Elles são tão bellos, tão encantadores!... Parecem, semelham sobre o papel, marchetarias de gemmas preciosas.

Já eu tinha tido occasião de admiral-os em

---

[1] Entre outras recordações palestinianas que eu trouxe de Jérusalem noto, ainda, um vaso em fórma de calice, feito d'uma pedra negra especial e unica que ha no paiz, chamada ***Hhâdjar el-Nébi-Mouça,*** e que se encontra, apenas, nos arredores da celebre mesquita de ***Nébi-Mouça,*** sita a seis leguas de Jérusalem, para leste, como já n'outro ponto d'este livro referi. Esta pedra é applicada pela industria jerosolimitana para o fabrico de pequenos objectos curiosos e, ainda, posto que seja pouco resistente, como ladrilho para pavimentos. Esta pedra arde como o carvão, exhalando um forte cheiro bituminoso. Todavia ella não se consome como o carvão, apagando-se por si mesma depois de haver perdido 20 % do seu peso e cobrindo-se então exteriormente com uma crosta branca da espessura minima de dois millimetros! Intacta no interior, desapparecendo essa crosta branca, ella recomeça a arder!

Port-Saïd, porque alli se vendem nas lojas da cidade e os arabes mesmo os véem vender a bórdo.

Em Jérusalem foi, todavia, que eu observei n'este genero os trabalhos mais artisticos e fiz acquisição de grande numero d'elles.

São flôres de todos os *Logares Santos*, que adornam, em desenhos lindissimos, pequeninos cartões.

De mais a mais, havendo sido todos tocados e poisados por mim mesmo sobre o *Santo Sepulchro* do Senhor, ah! que inestimavel valor não representam elles aos meus olhos!

São flôres mimosas, petalas fragrantes de flôres variadas, de mil variadas côres, cambiantes e matizes!

São folhas, petalas e sepalas de rosas e de flôres cuneiformes, partidas, pecioladas, palmadas, chanfradas, acuminadas, lobadas, sinuadas, rendadas, recortadas, serreadas, dentadas, verticilladas, lanceoladas, orbiculares, angulares, lineares, lizas, pinnatifidas, oblongas, globulosas, pubescentes, dobradas, singelas, alternas, trinervias, obtusas, amarellas, glaucas, luzidias, brancas, purpureas, côr de violeta, azues, avermelhadas, esverdeadas, escarlates, velludineas, esmeraldinas, prateadas, alaranjadas, cinzentas, arroxadas, de mil variadissimas côres scintillantes!

São folhas, petalas, calices e corymbos de ethereas, fragrantes, odoriferas, balsamicas e peregrinas flôres dos valles e das planicies, das montanhas e das torrentes, das ravinas e dos hortos, das encostas, das lombas e dos oiteiros, de todos os *Logares Santos* da Palestina, de Jérusalem, de Gethsémani, do Olivete, do Valle de Josaphat, do Cédron, do Siloë, de Bethania, do Jordão, de Jerichó, do Mar Morto, de Názareth, de Bethléem, de Emmaüs, de S. João da Montanha!

São, entre muitas outras variedades, principaes e mais numerosas, as violetas, os lirios, as açucenas, as anemonas, as rosas e as papoilas!

As violetas são representadas em seu maior numero pela sua especie typica, *a viola odorata*, de Linneu, què é a nossa violeta cheirosa ordinaria, tão celebrada pelos poetas, por causa do perfume exquisito e delicioso que exhala.

A mais commum, porém, de todas as flôres que matizam o chão poetico da Palestina é a decantada papoila, tão conhecida, egualmente, na flora portugueza. As suas flôres pequeninas, manchadas de preto, alegram encantadoramente as verduras das collinas e das montanhas da Judéa!

E, todavia, ah! estas flôres que parecem abertas apenas para deliciarem a vista e extravasarem perfumes, exgregam e exsudam gottas leitosas d'um succo venenoso, cuja acção é principalmente devida ao grande numero d'alcaloides que o compõem.

Até mesmo na natureza ha plantas impiedosas e crueis!

Brotam mimosas e perfumadas as flôres nos jardins do tibio abril, e germinam ao mesmo tempo as moscas repellentes e sordidas dos monturos putrefactos!

Nas Antilhas, a formosa mancenilheira, intoxica e mata com os seus perfumes letaes o viajante desprevenido que adormece á sua sombra!

Nas turfeiras da Carolina do Norte, encontrase um vegetal, conhecido pelo nome de *dionea muscipula*.

O limbo verde das suas folhas está dividido em dois lobulos e apresenta, na pagina superior, filamentos ponteagudos, dotados de extrema sensibilidade. Basta que um insecto descuidoso, attrahido pela côr rubra das suas glandulas foliares, toque um d'estes filamentos, para que a folha dobre rapida ao longo da nervura, transformando-se, logo, n'uma verdadeira bolsa estomacal, cujas paredes resudam um liquido acido e digestivo.

Embalde se debate a victima na desesperadora agonia da morte; a voraz *dionea*, só desdobrará

de novo a folha, para a estender mais cubiçosa ainda!

Ha, tambem, na flora portugueza uma planta traiçoeira e cruel, chamada scientificamente *drosera* e vulgarmente *orvalhinha*.

Ella vive em colonias, pelos declives humidos das montanhas. Geralmente, por sobre um tapete de musgos, é que as *droseraceas* estendem as rosetas graciosas das suas folhas radicaes, com tons levemente purpureos e eriçadas de pêlos capitados, onde oscillam mil perolas d'um liquido claro. Do centro de cada roseta, eleva-se uma haste debil, em baculo e terminada por algumas flôres brancas, em volta das quaes zumbem os insectos.

Que algum d'elles toque, porém, aquellas perolas enganadoras!

O diamante transforma-se rapido n'um visco digestivo e os pêlos das folhas, movendo-se inesperadamente, enleiam-n'o e prendem-n'o contra o limbo, para só se abrirem de novo, depois que o desgraçado insecto foi totalmente absorvido pela cruel *drosera!*

Assim morrem tambem as incautas e desprevenidas avesinhas, fascinadas pelos amavios e pelos feitiços das fascinadoras e vistosissimas serpentes, assim morrem as tenues e doidejantes mariposas deslumbradas e attrahidas traiçoeiramente pela luz fascinante!

Trédas plantas! Vós symbolizaes as perfidas seducções do peccado!

Plantas maleficas, plantas crueis, plantas letaes, vós não viveis na terra do Senhor, não!

Sois plantas das charnecas, dos pantanos, dos marneis e dos mangues! As vossas raizes embebem-se só nas aguas infectas, madidas e lodosas dos paúes!

As flôres da Palestina, as especiosas e peregrinas flôres da terra de Chanaan, que eu trouxe para a minha patria, artificiosamente e artisticamente dispostas por sobre cartões de papel, em

grinaldas, collares, arabescos, estemmas, cruzes, nimbos e corôas, são todas flôres de benção, flôres paradisiacas, flôres ethereas, flôres balsamicas, flôres d'esperança, flôres symbolicas das virtudes dos anjos e dos santos, flôres do céu!

Vós outras não sois filhas da natureza bôa, da natureza-mãe! Sois productos hybridos, bastardos, hermaphroditos da creação!

E, fallando eu das perfumadas e mimosas flôres palestinianas que trouxe para a minha patria, ainda me será licito alludir ás piedosas photographias da *Virgem das Amarguras*, do monte Calvario, que egualmente trouxe e cuidadosamente ainda conservo?

Sobre o monte Calvario, no mesmo logar onde a Virgem Santissima recebeu nos braços o seu Divino Filho morto, levanta-se um altar catholico, que é um dos mais venerados em todo o mundo christão.

A dentro do santuario d'este altar, vê-se uma imagem da *Virgem e Mãe das Dôres e das Amarguras*, em tamanho natural e d'uma maravilhosa perfeição. Esta piedosa imagem é dadiva d'um rei portuguez!

Gloria a Portugal! Honra, louvor e gloria ao piedoso e christianissimo Portugal, cuja munificente liberalidade para a conservação e ostentação dos *Logares Santos* da Palestina está bem patente, visivel e manifesta na Terra Santa. [1]

A piedosa imagem da *Dolorosa* do Calvario, revestida com o seu imperial manto roçagante e preciosissimo de lhamas de prata e oiro, e toda nimbada pelos resplendores da graça, vê-se, faustosamente ornada, constellada e opulentamente adereçada de diamantes facetados, rubis sanguineos, lustrosissimas perolas, pedras preciosas faiscantes e outros ornatos de incalculavel valor, dadiva todos de principes catholicos, reis peregrinos e pessoas devotas.

---

[1] Vid. nota 2.ª, no fim d'este livro.

E' um esplendor radiante e offuscante de pedrarias raras, de coloridos fabulosos! E' toda a gamma das côres e dos tons, do fogo e do oiro, da neve e da seda, do velludo escuro e dos fios de sangue, do azul e da perola, do vermelho e da chamma, do morango e do leite, do ambar e da rosa, das amethistas, dos coraes, das granadas, dos topazios, das saphyras, das esmeraldas e dos carbunculos!

Os verdadeiros filhos de Maria, que visitam Jérusalem, hão sempre desejado trazer comsigo para a sua patria, uma reproducção d'esta incomparavel imagem da *Dolorosa*.

Todavia, todas as photographias e pinturas que d'ella se tiravam, sahiam imperfeitas, não só por causa da obscuridade do logar, mas ainda por causa da difficuldade que havia em estampar no papel a ineffavel expressão do rosto divino de Maria.

E, assim os peregrinos, depois de haverem banhado com as suas lagrimas o altar da Virgem das Dôres, retiravam-se suspirando, por não poderem trazer comsigo para a sua patria, uma recordação permanente da sua divina Mãe.

Hoje estão vencidas já estas difficuldades, graças aos novos processos photographicos. Os peregrinos pódem, hoje, obter e trazer comsigo para a sua patria, photographias perfeitissimas d'esta piedosa e commovente imagem da *Dolorosa* do Calvario!

Para excesso de riqueza, estão, ainda, concedidas a estas imagens photographadas oitenta dias de Indulgencia, por cada vez que se recitar uma oração que lhes vem annexa, indulgencia concedida pelo venerando Patriarcha de Jérusalem!

Riquezas maximas, riquezas incomparaveis, em cujo confronto nada valem os thesoiros immensos dos homens! E são ricos todos estes preciosos objectos de recordação e piedade religiosas, são inestimaveis, porque se não vendem,

porque não pertencem aos dominios do commercio ! Dão-se, offerecem-se em Jérusalem aos peregrinos, como mimo, como obsequio, como recordação, ainda que, pela sua raridade só possam offerecer-se a peregrinos mais distinctos e que d'elles pareçam mais dignos.

Eu fui julgado digno d'esta distincção. E a proposito:

Eu não quero enaltecer-me, mas desejo frisar e ainda deixar bem assignalado aqui que houve sempre para commigo, na Palestina, a maior deferencia da parte de todos os bons Religiosos franciscanos, guardas dos *Santos Logares* e até mesmo da parte do venerando Patriarcha Latino de Jérusalem, [1] que, ao visar o meu *Celebret*, manifestou ao Religioso da *Casa Nova*, que lh'o havia levado, desejos de me vêr.

Fui com effeito aonde a elle ao Palacio Patriarchal, onde fui recebido com suprema deferencia. Eu mail-o o bom Religioso que trouxera o recado.

O meu aspecto macilento, toda a minha physionomia pallida e doentia, em que se retratava nitidamente a devoradora febre que me esphacelava já por todas as fibras, fizeram impressão no austero e venerando Patriarcha franciscano, entre cujas virtudes preluzia como maxima a delicadeza. Frizei-lhe eu que vinha da Africa, do paiz das febres acerbas e cortantes, dos soes calidos e ardentes e das florestas massiças e densissimas que exhalam perfumes letaes.

Narrei-lhe immensas privações angustiosas e infindos desconfortos amarissimos por mim soffridos, desde que partira do eculeo de *Moçambique* e emquanto alli permanecera.

Até ainda ultimamente, expliquei eu ao illustre e venerando Patriarcha, em viagem de *Port-Saïd* para *Jaffa*, a caminho de Jérusalem, como

[1] Mgr. Louis Piavi, já fallecido.

o estado do mar não permittisse o desembarque, [1] eu fôra obrigado a seguir para *Beyrouth*, onde cheguei varejado pelas mais repungentes contensões d'alma, semi-morto, havendo passado dois dias quasi sem comer, sacudido fortemente pelo temporal, em meio de incommodidades que mal poderia relatar!

Na capital da *Syria*, fôra eu hospedado pelos benemeritos e egregios Padres Jesuitas, directores da gloriosa Universidade de S. José, o maior e mais florescente *Gymnasio* da sciencia, no Oriente. [2]

---

[1] O porto de *Jaffa*, recingido por uma linha de penedos afflorando quasi á superficie da agua, é pessimo e perigoso, não podendo desembarcar-se quando o mar está um pouco picado. Foi o que aconteceu commigo, obrigando-me a seguir para a *Syria*.

[2] Esta *Universidade* é um verdadeiro monumento e um modelo acabado de estabelecimentos de instrucção. Os *Jesuitas* seus directores e proprietarios, téem-se esforçado em elevar aquella *Universidade* á altura d'um dos primeiros estabelecimentos scientificos do mundo. A *Universidade*, que está sob a protecção do governo francez, cujos professores paga, é frequentada por numero superior a 700 estudantes, oriundos de varias nações orientaes. Vi lá rapazes gregos, athenienses, constantinopolitanos, egypcios, armenios, syrianos, chypriotas, insulares de Rhodes, Creta, Lesbos, etc. A *Universidade* confere *graus* academicos em tres faculdades que são reconhecidos pela França como os da propria *Sorbonna*.

A *Universidade* é um edificio magestoso, imponentissimo, do qual, ainda hoje, conservo uma photographia que me foi amavelmente offerecida alli pelos Rev.^mos^ Padres.

Adorna-a uma magnifica igreja, primorosamente revestida de marmores e objectos de arte. Como eu tivesse de passar alli um domingo fui convidado a prégar em portuguez na igreja da *Universidade* por occasião da *Benção do SS. Sacramento*, pela parte da tarde. Adveiume o convite da parte do Rev.^mo^ Padre Superior da *Universidade*, distinctissimo sacerdote arabe, que falava primorosamente o francez. Préguei effectivamente em por-

Ahi pude descansar durante cinco dias, restabelecer algum tanto as minhas forças destroça-

---

tuguez ainda que ninguem me comprehendeu, com excepção de dois rapazes francezes que lá estavam, professos já da *Companhia*, mas ainda em preparo para a sua ordenação sacerdotal que teria de realizar-se em breve, após a qual se dirigiriam para as missões do *Zambeze* — de *Boroma* ou da *Chupanga* — na Africa Oriental.

Ora, como estes dois excellentes moços, de nome, um *Elie Delmas*, e o outro, *Abel Dides*, tivessem passado já por Portugal com residencia nas duas casas da *Companhia de Jesus*, n'este Reino — a do *Barro* em Torres Vedras e a de *Campolide* em Lisboa — e tivessem aqui aprendido a falar razoavelmente o portuguez, facilmente se avalia a satisfação que os repassou quando souberam que na *Universidade* se achava de passagem um padre portuguez, e que, de mais a mais, vinha da Africa Oriental para onde elles partiriam brevemente! Logo me appareceram e abraçaram effusivamente. Foram sempre os meus companheiros e guias em todo o tempo que permaneci em *Beyrouth*. Depois que cheguei a Portugal ainda lhes escrevi e d'elles recebi varias cartas. Depois, nunca mais soube d'elles. Nunca os olvidarei, todávia, nas mais gratas e saudosas recordações da minha vida. Elles me acompanharam sempre na visita que fiz a alguns dos monumentos principaes de *Beyrouth*. Elles me conduziram até ao Libano, a um horto feracissimo que a *Universidade* ahi possue, hervario e jardim botanico riquissimo, que serve de estudo de sciencias naturaes para os estudantes da *Universidade*. Ahi passámos um dia e uma noite, n'um pavilhão erecto ao meio da propriedade e onde eu bebi o deliciosissimo vinho do Libano — *vinum ut magnificentia regia dignum erat* — como jámais encontrei no mundo algum a elle egual, tão como aquelle, bonissimo e suavissimo, melhor que o *Phalerno* horaciano, melhor do que o *Lacrima Christi* de Napoles, e comi gostosissimas laranjas, tão excellentes como as de *Jaffa* — as melhores do mundo — superiores ás apregoadas laranjas da *Bahia*, que eu muito conheço. Como estas creio que serão as nossas laranjas de *Setubal* e de *Barqueiros*.

Mas que horto encantador, que *jardim fechado*, que paraiso terreal, não era aquella herdade a que venho al-

das implacavelmente e impiedosamente pelo paludismo moçambicano e, ainda, fazer uma excur-

---

ludindo! Não posso descrevêl-a. Por toda a parte se vêem alli canteiros e jardins, repartições cercadas de buxo e alcatifadas de gramineas, largamente sombreadas de bellas palmeiras, limoeiros, laranjeiras, bellos e cerrados tufos de arvores exoticas e indigenas, arbustos baixos, roseiras anãs, aloës, hortas e, por fim, uma bellissima vinha, uma magnifica bacellada de vinha tratada com esmero! Foi alli que eu pude observar, colleccionadas em canteiros primorosamente adornados, todas as arvores e plantas a que allude a Biblia, taes como o nardo, o balsamo, o cinammomo, o incenso, a myrrha, etc. Ahi me mostraram tambem — e foi este o unico que vi no Oriente — o arbusto chamado *Aouzedy* que, segundo a tradição, serviu para confeccionar a *Corôa d'Espinhos* do Salvador do mundo.

A *Universidade* foi por mim visitada minuciosamente na companhia dos dois amaveis moços. Vi a magnifica typographia do estabelecimento, onde se imprimem obras e livros em diversos caracteres orientaes — arabes, hebreus, syrianos, armenios, cophtas, gregos, turcos, estranghélos, samaritanos, etc., bem como visitei os diversos *ateliers* de gravura, lithographia, etc. que preenchem estas officinas. No escriptorio da typographia recebi, como mimo e recordação, do Rev.mo Padre Escripturario algumas obrasinhas que ainda hoje possuo e guardo escrupulosamente, taes como: *Báalbek — Histoire et Description In. 16, 101 paginas, 1895.* Par le P. M. Jullien. S. J. obra illustrada com oito gravuras e um plano; — *Ebed — Jesu Sobensis Carmina Selecta ex Libro "Paradisus Eden"* (segue o titulo em caracteres arabes) — Edidit ac latine reddidit P. H. Gismondi. S. J. in. 8.º 125 pag. 1888, e outras. Este ultimo livro — *O Jardim das Delicias* — é uma das obras mais notaveis de *Abd Yásû as Sûbâwi*, bispo de Nisive † 1318. E' uma obra litteraria vertida do syriaco.

Offereceram-me, ainda, alguns exemplares do jornal *Le Bechir*, periodico redigido em arabe, orgão do catholicismo no Oriente, um catalogo com *specimens* de todos os caracteres empregados na *Imprensa* catholica da *Universidade*, algumas *esquisses* de monumentos e paisagens da Syria e uma monographia volumosa, illustrada com

são em caminho de ferro até *Damasco*, passando por *Báalbeck*, a cidade solitaria dos escombros

---

gravuras sobre as ruinas de *Baalbech*, o que tudo conservo ainda hoje.

Na enfermaria da *Universidade*, estando nós ahi, de visita, encontrámos doente um joven mahometano, de 12 annos de edade, da seita dos *Drusos*. Estava elle ahi sósinho e como eu lhe perguntasse se não tinha medo de estar alli de noite, logo me respondeu em francez: *Acaso um Druso tem medo?* Estes *Drusos* constituem uma das varias seitas religiosas do Oriente. Reconhecem um unico Deus e pretendem viver, apenas, segundo as leis da natureza; confessam que é necessario amar a Deus sobre todas as coisas e que toda a injustiça lhe desapraz. Abominam a embriaguez e repellem a polygamia e em geral todos os vicios, principalmente nos homens que já passaram além dos trinta annos. Os *Drusos* reunem-se uma vez por semana para louvarem o Senhor. Entre elles ninguem póde eximir-se ao trabalho pois que, segundo dizem, Deus quer que todos se occupem em coisas uteis!

A magnifica obra *A travers le Hauran et chez les Druses, Excursion á Palmyre, par Homs.* por M.me A. Sargenton-Galichon. Genéve, 1905, dá magnificas informações sobre o paiz d'além Jordão, Ammân, Djérach, El Hosm, Derâa, Bostra e o Haouran, povoado de Drusos, sobre a religião d'estes, seus usos e costumes, sobre o aspecto selvagem do Haouran, totalmente privado de madeira e onde a pedra basta para tudo, sobre o novo caminho de ferro que atravessa essas *steppes* desoladas, sobre a região de Bostra onde os Assumpcionistas de Jérusalem, têm ultimamente encontrado numerosos milliarios da estrada de Trajano entre Ammân e Bostra—sobre a viagem de Damasco a Palmyra ou Tadmar, por Homs, sobre Palmyra, a antiquissima cidade da formosa Zenobia, perdida em pleno deserto, afogada entre as magestosas ruinas dos seus arcos e das suas columnas destroçadas.

Na *Escola Apostolica da Universidade*, entre varios moços com quem estive conversando em francez noto um, natural de *Erzeroum*, na Armenia, que me contou ter sido toda a sua familia trucidada pelos fanaticos turcos nos ultimos grandes morticinios de christãos n'aquelle paiz! Tambem tive occasião de vêr na *Universidade* de

enormes e das ruinas colossaes! Toda esta narrativa ouviu com summo interesse o veneravel Patriarcha.

Beyrouth o illustre *Mgr. Macario*, Patriarcha dos *Cophtas* unidos do Egypto, chegado de Alexandria alli, havia pouco tempo. *Mgr. Macario* fôra educado na *Escola Apostolica* da *Universidade de S. José* de *Beyrouth* e fôra d'alli que elle partira para o Egypto, eleito já para o seu elevado cargo.

Como se sabe, foi *Mgr. Macario* o escolhido por Sua Santidade Leão XIII para a altissima missão de ir á Abyssinia supplicar, em nome do Pontifice de Roma, ao *negus* Menelik a liberdade dos militares italianos prisioneiros por occasião da ultima guerra dos italianos com os ethiopes.

Mgr. Macario é um Prelado insinuante, muito novo ainda, dotado d'uma acuminosa intelligencia e de uma fina e distinctissima polidez e urbanidade.

Na companhia dos amaveis moços de quem venho falando fui eu, ainda, de visita ao *Reino* independente do Libano, a alguma distancia de *Beyrouth*. Estivemos ahi a dentro de um magnifico jardim a cujo centro, n'um bello coreto, estava tocando lindas peças de musica uma magnifica philarmonica, regida e composta quasi toda por professor e executantes italianos, pagos pelo *Pachá* do Reino do Libano que está sob o protectorado da França. Ella lembrou-me a grande banda marcial do *Sultão* de Zanzibar composta toda de portuguezes goanos, emigrantes na ilha, a cujos ensaios de uma vez eu assisti. Adjacente a este jardim observei eu uma espessa matta de cedros, verdadeiramente admiravel! Por alli nos entretivemos demoradamente e alegremente toda a tarde, vendo passar e desfilar toda aquella gente oriental de costumes bizarros! Quantas e quão magnificas impressões não trouxe eu de *Beyrouth!* E de *Baalbeck!* E de *Damasco!* E do *Libano!*

Poderia, agora, encher muitas folhas de notas se quizesse relatar tudo quanto vi, observei, analysei e estudei n'esta bella e encantadora viagem que fiz pela Syria. Mas não o farei em satisfação ás minhas palavras e promessas quando, no principio d'este livro, declarei que n'elle apenas me occuparia do *Paiz de Christo*, propriamente dicto. Sómente direi que *Beyrouth*, a antiga

Fez-me depois varias perguntas sobre o estado de florescimento e prosperidade do christia-

---

Beryto dos Phenicios, formosamente reclinada por sobre o seu throno de verdejantes collinas e mirando, ensoberbecida da sua propria belleza, a sua imagem louçã nas cristallinas aguas da sua ampla bahia de S. Jorge, é uma cidade phenicia, fundada, 900 annos antes de Christo, por *Ithobal*, rei de *Tyro* e de *Sydon*, hoje, commercialmente fallando, a primeira cidade do littoral da Syria—uma terra semi-europea! Os seus bazares são numerosos e muito frequentados e as suas ruas muito mais limpas do que, em geral, as da maior parte das cidades orientaes. Tem uma população de 105:000 habitantes, entre latinos, chaldeus, gregos unidos e não unidos, armenios unidos e não unidos, maronitas, syrianos unidos e não unidos, protestantes, israelitas, mahometanos, drusos e métoualis. Estes ultimos confundem-se com os mahometanos. Crêem sómente em *Ali*, primo e genro de *Mahomet*. Vivem segundo as prescripções do *Korão* e frequentam as mesmas mesquitas. Mas nunca elles ouzam fallar contra o *Propheta* pois que seriam severamente punidos com a pena de morte!

O numero maior dos habitantes de *Beyrouth* é o dos mahometanos e a seguir o dos maronitas e o dos gregos scismaticos. Além da *Universidade de S. José* ha ahi, ainda, varios outros estabelecimentos religiosos de Franciscanos, Capuchinhos, Lazaristas, Gregos, Maronitas, Armenios unidos, Irmãs de S. Vicente de Paulo, Damas de Názareth e Irmãs de S. José d'Apparição. Sobre *Báalbeck* direi, apenas, que na estação do trem de ferro que vai de *Beyrouth* a Damasco, de nome *Mallakah*, ha mister abandonar o comboio e tomar um carro e um *guia* para se irem vêr as suas magestosas ruinas. O trem de ferro ainda segue de Damasco para o *Haouran* e para *Biredjik*, nas margens do Euphrates. Nada mais direi sobre este assumpto para não tornar-me fastidioso. Apenas uma ultima palavra. No Brazil, tanto no Pará como no Rio de Janeiro, conheci e conversei com varios syrianos, uns de *Beyrouth*, outros de varios pontos do Libano. Estes emigrantes são em geral no Brazil homens trabalhadores e honrados. Conheci mesmo na grande capital federal dos Estados-Unidos do Brazil um sacerdote syriano, maronita, o Rev.mo Padre *Haïeck* com quem, por

nismo na nossa provincia de *Moçambique* e em geral sobre o estado das *Missões* religiosas que eu havia visitado.

Tive summa consolação em explicar-lhe qual o desenvolvimento da fé christã em toda a *Prefeitura Apostolica do Zanguebar*.

Falei-lhe das *Missões* dos Padres do Espirito Santo e das dos Benedictinos, que eu visitara em *Tanga* e *Dar-es-Salaam*.

Falei-lhe de *Zanzibar* e do estado religioso da ilha.

Apenas alli ha pequenas christandades, pequenos nucleos de neophytos, porque a grande e quasi insuperavel difficuldade dos *Missionarios* está no combate do islamismo.

---

vezes, mantive conversação demorada sobre as partes da Syria que eu havia visitado já. Por ultimo direi, ainda, a titulo de curiosidade que o trem de ferro de *Beyrouth* a *Damasco* tem um grande trecho de tracção em cremalheira, entre as estações de *Hadett* e *I'ditah*, tal qual como no Rio de Janeiro o ascensor do Corcovado e o trem de *Inhaumirim* a *Petropolis*, etc.

A quem quizer obter detalhadas informações sobre o Libano, aconselho a leitura da erudita obra—*Sinaï et Syrie. Souvenirs bibliques et chretiens par le R. P. M. Jullien. S. J. missionaire à Beyrouth—Societé Saint Augustin—Descleé de Brouwer & C.ª Lille.* MDCCCXCIII. A obra de *Fr. Lievin de Hamme* a que já alludi no decorrer d'este livro, pag. 110, abrange, tambem, na sua vasta materia a descripção do paiz da Syria desde o *Carmello* até *Beyrouth*, passando-se por S. João d'Acre, Tyro e Sidon. Descreve *Beyrouth* minuciosamente e insere, ainda, um appendice indicando o melhor meio de fazer-se a viagem a *Báalbeck* e aos *Cédros* do Libano, bem como a viagem de *Damasco* ás ruinas de *Palmyra*. Insere, ainda, uma carta do *trem* de *ferro* de *Beyrouth* a *Damasco* com os respectivos preços de passagem. E' tambem muito curiosa pelas suas informações sobre o Libano, Anti-Libano, os Maronitas, os Drusos, seus costumes, habitos, religião, tradições, etc. a obra antiga de M. de La Roque *Voyage de Syríe et du Mont Liban. Amsterdam, 1723.*

Zanzibar é dominada pelos arabes, e estes exercem uma pressão religiosa sobre os negros, sobre o gentio boçal, quasi invencivel. O elemento musulmano avassalla toda a Africa Oriental. [1]

---

[1] Tambem estão, hoje, estabelecidos em *Zanzibar* os *Padres Brancos*, da Missão Africana, fundada pelo illustre morto Cardeal *Lavigerie*.

São, porém, os benemeritos Padres da *Congregação do Espirito Santo* e as benemeritas Religiosas da Congregação das *Filhas de Maria*, fundada pelo venerando padre Libermann e cuja séde está na ilha da *Reunião*, a Oeste de *Madagascar*, quem dirigem as principaes missões religiosas em *Zanzibar* e na costa do *Zanguebar*. Estas ultimas dirigem tambem o hospital de *Zanzibar*, construido a expensas d'uma veneranda dama franceza residente na ilha, de nome *Chevalier* em cuja casa eu estive. Esta nobre senhora, fidalga da mais nobre estirpe franceza, viuvando, passou-se a *Zanzibar* para ahi se dedicar inteiramente á evangelização dos negros! Possuidora d'uma grande fortuna, exilou-se voluntariamente da patria para consagrar a maior parte dos seus haveres á obra sublime da civilização pelo christianismo da pobre raça negra. Benemerita dama! Só Deus poderá condignamente retribuir-te um dia o teu admiravel sacrificio e a tua extremada benemerencia!

A sua casa em *Zanzibar* é um hospital de infelizes creanças negras que os missionarios lhe enviam do interior. A caritativa senhora adopta estas creanças como filhos, cura-os e educa-os com o maior carinho! Eu presenciei isto! Um dos seus inquilinos era, ao tempo, um rapaz, insular das *Comóres*, da ilha *Mayotta*, que ella educou, casou e hoje sustenta em sua casa. Este rapaz, de nome *Raphael*, era, ao tempo em que eu estive em *Zanzibar*, procurador da Missão dos Padres do Espirito Santo da ilha. Falava correctamente francez e a lingua do paiz. Era christão de fé viva e apparentava uma magnifica educação. Vestido com o seu habito indigena, a *cabaia* branca e o *coffió* branco na cabeça, este amavel rapaz foi sempre o meu companheiro dedicado em *Zanzibar*. Com elle passeei largamente na ilha e visitei a *Missão Anglicana*. Como eu quizesse entrar n'uma mes-

Moçambique resente-se extraordinariamente d'este mal no seu estado religioso e no seu desenvolvimento commercial, expansivo e colonizador. Onde o mahometismo chega assola tudo, esterilizando todas as fontes da civilisação.

Zanzibar é uma ilha de escravos. E' um mercado de negros, um tablado de carne humana.

O escravo é mahometano como o seu senhor. A *Missão* não tem expansibilidade senão no interior do Continente Africano.

O *Gentilismo* hindú, as castas industanicas invadem *Zanzibar* e todos os mercados do Continente Negro. Que fazer?

A encantadora ilha é o centro de toda a actividade commercial [1] e de toda a propaganda religiosa que se irradia por todo o interior da Africa oriental. Muito povoada, só a cidade possue para cima de 200:000 habitantes.

Mas, no meio de toda esta gente de raça, casta e religião varias, só 500, approximadamente, são christãos!

E estes são, apenas, os negociantes canarins e goanezes, naturaes da India portugueza. [2]

---

quita arabe, foi elle quem me livrou de ser espancado por alguns fanaticos adoradores de *Allah!* Acompanhou-me a bordo quando eu parti para Portugal e de mim se despediu com um apertado abraço.

[1] O commercio principal da praça de *Zanzibar* é sustentado com a praça de *Bombaim.* A'parte os vapores de uma companhia allemã, a *Deustch Ost Africa Linie* com séde em *Hamburgo,* a maior parte do commercio effectua-se por intermedio de *pangaios,* embarcações curiosissimas, typo dos primitivos galeões e caravellas, e que fazem viagens entre a India, Zanzibar e a costa oriental da Africa.

[2] Cumpre advertir que os missionarios protestantes da *Church missionary Society,* possuem na ilha uma *Missão,* muito florescente de neophytos exclusivamente pretos. Frequentam a *Missão,* que tem templo faustoso, eschola e magnifico hospital, os filhos de familias inglezas, residentes na ilha.

O resto da população — arabes, hindús parses, [1] swahilis e insulares das *Comores*, são todos pagãos e gentios. Os hindús, são particularmente os mahometanos *chiitas*, os *Khojá* ou *Bhora*, de Bombaim e de Sourat e os *Baniânes*. Os mais interessantes de todos são estes ultimos.

Nunca se expatriam com suas familias, sendo, portanto, todo o seu desejo enriquecerem depressa para voltarem á sua patria.

Todos os annos elles enviam para a India o producto dos seus negocios.

Muito escrupulosos, elles observam religiosamente todos os usos e costumes das suas tradições religiosas.

Cortam á navalha a barba e o cabello. Sustentam-se só de leite, farinha, legumes e fructos. Elles mesmos são quem preparam a comida. Vão buscar agua no seu vaso sagrado. Toda a alimentação lhes vem da sua patria. Comem só sobre folhas de arvore. Purificam as mãos e a boc-

---

[1] São os filhos do *Iran*, da formosa *Persia*. Elles enchem as grandes cidades da India, principalmente *Bombaim*, onde possuem as maiores fortunas commerciaes. Encontram-se, tambem, em *Ceylão*, em *Aden*, nas cidades das costas do Mar Vermelho, na Turquia da Asia, por quasi toda a costa Oriental da Africa, emfim. Em *Zanzibar* possuem elles o alto commercio. Trajam alli á europeia conservando, apenas, o uso tradicional d'uma alta barretina na cabeça! Elles são como os judeus, afferrados ao seu velho dogma, traficantes e dispersos como elles pelo mundo! A dôce lingua que falam é cognominada o *italiano da Asia*. Estes parses que habitam *Zanzibar* constituem um ramo distincto da grande familia iraniana, retalhada e dividida em suas idéas religiosas. E' a seita dos adoradores do fogo, chamados *Guebros*, *Parsis ou Farsés*, dos sectarios do mazdeismo, da religião de *Zoroastro* e dos livros sagrados do *Zend*, gentios adoradores do sol e dos astros, do genio bom — *Ormuzd* — e do genio mau — *Ahriman* — os unicos que não trahiram a antiga *Irania!*

ca antes de comerem. Adoram uma vacca. Nos seus trajos são originaes, d'um exotismo bizarro. E quasi todos elles são em Zanzibar negociantes fortes, cambistas, ricos mercadores!

Ora, toda esta gente, falando, de resto, uma lingua difficilima e desconhecida pelos missionarios, uma lingua que, como derivação do *sanskrito*, se escreve, ainda, com caracteres *devanagricos*, é quasi que impossivel de converter á fé christã!

Não é já pequena a difficuldade que os Padres encontram no estudo da lingua *swahili*, que é a lingua dos pretos de *Zanzibar*.

A *Missão dos Padres do Espirito Santo* da ilha, imprime, hoje, varios livros para a instrucção religiosa e litteraria dos seus alumnos, na sua propria lingua.

E é este o motivo e só por este que se ha conseguido formar na ilha de *Zanzibar* um pequeno nucleo de christãos pretos, que talvez não seja superior em numero a setenta! [1]

Accrescem, ainda, os portuguezes christãos da India, mas estes são emigrantes.

Todo o trabalho, pois, da *Missão* da ilha, que é antes uma *Procuradoria* geral das *Missões* do interior do Continente, resume-se, apenas, no cuidado espiritual dos portuguezes canarins e dos alumnos pretos da *Missão*.

Os christãos portuguezes exigem a permanencia na ilha d'um padre que fale portuguez. Ao tempo em que eu estive lá, occupava este logar um padre allemão, de nome *Schmidth*, que fallava razoavelmente portuguez, por haver estudado esta lingua, no Porto, onde estivera como professor do *Collegio de Santa Maria*, da Congregação do Espirito Santo.

Na companhia d'este bondoso [2] e excellente

---

[1] Não eram mais quando eu lá passei.

[2] Devo-lhe muitos e muitos obsequios, attenções e deferencias. Foi elle quem me proporcionou ensejo de visi-

padre, visitei eu, a cavallo, grande parte do interior da ilha, que é d'uma riqueza vegetal immensa. Crescem n'ella todas as arvores dos paizes tropicaes, variando até ao infinito os tons verdes das suas folhas e ramarias verdejantes!

D'uma verdura eterna, todo o seu interior está coberto de immensas florestas!

A ilha produz duas colheitas annuaes de grão e quatro de mandioca, cuja fécula constitue o principal alimento dos insulares.

Os *cactos* florescentes, fórmam, em vegetações desproporcionadas, immensas sébes vivas ao longo das praias!

Renques symetricos de coqueiros esbeltos, carregados de cachos de fructos, bordam o littoral, offerecendo á vista uma perspectiva soberba e fornecendo aos indigenas sustento, bebida,

---

tar o interior da ilha. Em meu respeito organisou no interior, com alguns rapazinhos negros da *Missão*, um *pic-nic* do qual conservarei eternamente memoria saudosa. A seu pedido préguei um domingo na capella da *Missão* aos portuguezes da ilha que depois em commissão vieram agradecer-me as palavras de estimulo que eu lhes dirigira incitando-os a guardarem sempre intacto em meio dos povos gentios de que estavam rodeados, o deposito sagrado da fé christã! Elle me ensinou algumas palavras *swahilis* com cuja pronuncia eu excitava largamente pelo interior a attenção e espanto dos negros! Assim quando eu os saudava dizendo-lhes na sua propria linguagem: *Diambo!*, elles logo me respondiam entre surprezos e maravilhados: *Diambo sana!*, palavras que frisam uma saudação! Quando parti pela segunda vez de *Zanzibar*, o bom padre veiu commigo a bordo presenteando-me á despedida, como recordação perpetua, com alguns livros religiosos escriptos em *swahili* os quaes, ainda hoje, conservo e, como recordação temporaria, com dois bellos cabazes de banana, laranja, côcos, ananazes e uma boa porção de tamaras que me deram bem que comer até *Suez!* Saudosissimo Padre *Schmidth!* Eu nunca mais tornarei a vêr-te? Quem sabe! Só Deus.

madeira de construcção, cordoaria e azeite para exportação e fabrico de sabão!

A palmeira das tamaras tambem faz parte da flóra da ilha, mas os seus fructos não são lá tão saborosos como os das palmeiras do deserto.

As frondosas mangueiras cobrem ahi com a sua frescura, a terra requeimada pelo sol ardente!

A canella, o gengibre, o cravo, a mostarda, todas as especiarias do Oriente reunem-se alli, na fecundidade uberrima da terra, ás laranjeiras, cidreiras, romanzeiras, bananeiras e outras muitas arvores especiosas e magnificas, entre as quaes se destaca a *arvore do pão*, originaria de Sonda, cuja fructo, havendo deixado na bocca um gosto exquisito ao queijo podre, parece sem rival pelo seu particular sabôr!

Que soberba, que uberrima vegetação não é a d'esta ilha de *Zanzibar!* Tudo n'ella é colossal e grandioso!

A natureza, a boa mãe, desentranha-se alli n'uma profusão estupenda de vegetações e de tufos de verdura!

As florestas, impenetraveis de fetos arborescentes, ostentam os seus enormes troncos de roble e de teca, entrelaçados de pesados cachos de flôres, extendendo as suas raizes por debaixo de um folhoso chão de fetos e begonias!

Os regatos, de aguas lodosas, são atravessados pelos filamentos longos e pelas rijas liannas das arvores circumdantes!

As moitas de bambús crescem junto dos córregos, que se despenham marulhentos dos oiteiros cobertos de magnolias e de algodoeiros, mais brancos, ainda, do que as neves alpinas!

As enrediças abraçam os troncos fortes das arvores, que se agigantam por entre o bravio denso!

Da borda de rigidas escarpas, pendem, por sobre profundidades, palmeiraes desgrenhados!

Toda a terra, alegre e fecunda, ostenta alli o viço de uma mocidade nupcial!

O proprio sol, faiscando lá do alto, illumina de claridades radiantes o mar envolvente, encerrando, como um aro de oiro, todo este fecundo trato, esta oblonga ilha, onde a *Creação* se espaneja, como nos dias genesiacos do planeta, risonha e festiva, sem andrajos e sem sepulturas, com a força, a graça, a braveza vivaz de uma mocidade de cinco dias, ainda quente das mãos do seu Creador! [1]

*

* *

O veneravel Patriarcha jerosolimitano manifestou-me, finalmente, o summo gosto que tinha, vendo em Jérusalem um peregrino portuguez.

Frisou-me serem mui poucos os peregrinos portuguezes que visitam a Terra Santa. [2]

Ainda assim, algum tempo antes da minha chegada, disse-me que haviam estado em Jérusalem dois peregrinos portuguezes e um Bispo, acompanhado de tres pessoas, vindos, uns do Extremo-Oriente e outros da India.

Expliquei eu, então, ao venerando Patriarcha que os dois peregrinos a quem alludia, eram o Ex.^mo^ Sr. Horta e Costa, Governador geral da Provincia portugueza de Macau e Timor e sua ex.^ma^ esposa, os quaes eu havia encontrado já de regresso, em *Port-Saïd*, de onde embarcaram

---

[1] *Zanzibar* dista 31 kilometros do Continente Africano. O clima da ilha é quente, abafado e humido. A temperatura alli é de 27 graus, na media. Uma das maiores riquezas da ilha é o amendoim que se exporta para a Europa em quantidade immensa.

[2] Na *Casa Nova* falaram-me, tambem, da raridade dos peregrinos portuguezes em Jérusalem. Dois annos antes estivera alli uma distincta familia do Porto.

Os franciscanos mostraram-me, ainda, os cartões de visita d'esta familia.

para a Europa e que o Bispo era o Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Henrique José Reed da Silva, venerando Prelado da diocese de *S. Thomé de Meliapôr*, na India ingleza, acompanhado do seu secretario e de dois jovens rapazes portuguezes que regressavam ao Reino, vindos da India, com todos os quaes eu me encontrara em Jaffa, no Convento Latino.

Se estes escriptos fôrem lidos pelo meu respeitavel amigo, Mgr. Jeronymo Dias de Sousa, [1] natural do Porto, com certeza que elle recordará com saudade a nossa intima conversação em Jaffa, no terraço do Convento Latino, horas antes, apenas, da sua partida para *Port-Saïd* e da minha para Jérusalem!

Ah! como lhe ficava a primor o *fêz* tradicional dos povos orientaes!

Nunca mais nos tornámos a vêr.

Quando eu me despedia do lhano, affavel e venerando Patriarcha, fui, ainda, convidado a assistir á festa dos *Ramos*, na igreja do Santo Sepulchro, onde com effeito estive, n'um logar de distincção, recebendo uma palma, por elle mesmo benzida, a qual trouxe commigo para a minha patria.

Muitos desejos me manifestou, ainda, o Patriarcha de que eu assistisse ás solemnidades religiosas da Semana Santa, na igreja do *Santo Sepulchro*, ás quaes me não foi possivel concorrer, com excepção da festa dos *Ramos*, porque urgia o tempo de regressar ao Reino. [2]

---

[1] Era o secretario do Ex.mo e Rev.mo Prelado de Meliapôr, hoje resignatario.

[2] Eu, apenas, pude assistir na igreja do *Santo Sepulchro*, no sabbado que antecede o domingo de *Ramos*, á solemnidade da entrada solemne na basilica, pela tarde, do clero latino, á qual se segue o beija-mão na capella franciscana e, após, a procissão a todos os sanctuarios do templo. Esta, effectua-se depois da entrada do clero grego

*
* *

E' tempo, porém, de incorporar-me novamente aos meus illustres companheiros, com os quaes em *Bethléem* estou fazendo vespera, para fazer a excursão do Mar Morto. .

Do estabelecimento mercantil de *M. Dabdoudb Frères*, vim eu juntar-me aos meus companheiros, a dentro já da basilica da *Natividade* ou de *Santa Maria.*

Tem esta a fórma da cruz grega. Edificada por Santa Helena, e acabada por Constantino, em 330, muitas vezes destruida e outras tantas reparada, ainda conserva, hoje, o cunho da sua alta antiguidade.

Eu não me demoro descrevendo a parte architectonica e ornamental da igreja, por se não comportar este assumpto com a indole d'estas narrativas.

Direi sómente que o vasto templo, pesado e severo, reforçado de contrafortes enormes, de cinco naves, separadas por columnas monoliticas de calcareo vermelho, coroadas de capiteis corinthios, de marmore branco, — typo perfeito das basilicas romanas — é occupado e possuido,

---

e armenio. N'esse anno em que eu estive em Jérusalem, foi o venerando coadjuctor do Patriarcha latino quem presidiu a essa procissão. No domingo seguinte, além da festa da benção dos *Ramos*, assisti á Missa de Pontifical, celebrada pelo mesmo venerando bispo coadjuctor, já fallecido, n'um altar armado em frente ao *Santo Sepulchro* e ao *Côro* dos gregos scismaticos. Antes, porém, após a benção dos *Ramos*, houve beija-mão na capella franciscana de *Santa Maria Magdalena*, dado pelo venerando Patriarcha latino de Jérusalem, e ao qual assisti na companhia de todos os peregrinos distinctos que se achavam em Jérusalem, do corpo consular extrangeiro catholico, das Communidades religiosas latinas da Cidade Santa, etc.

em suas varias dependencias pelos Latinos, pelos Gregos, e pelos Armenios scismaticos que celebram os seus Officios sagrados no transepto e no côro da basilica, terminada em hemyciclo. As naves da igreja servem muitas vezes de mercado e de ponto de reunião aos ociosos! E nos seus muros ainda se vêem hoje vestigios dos mosaicos d'oiro que ahi mandou collocar no seculo XII o *Senhor Amaury*, rei de Jérusalem.

A basilica de Constantino construida ao fundo da grande praça da *Natividade*, coberta toda de destroços antigos, veiu santificar o *Logar* venerando que Adriano profanara com um bosque sagrado, dedicado a Adonis e um santuario de Venus. Em dia de Natal do anno 1101, Baduino I. ahi recebeu a uncção real. Nos fins do seculo XII. a basilica foi decorada pelos Cruzados com incomparavel riqueza. Hoje quasi desappareceu todo esse esplendor. O cimento veiu sepultar as obras d'arte, o côro e o transepto da basilica foram separados brutalmente do resto do edificio por um muro branco! As diversas seitas religiosas da cidade vêm ahi, ainda hoje, dirimir as suas contendas e não vae longe, ainda, o tempo em que os cavallos arabes presos ás columnas monoliticas, *piaffavam* sobre o pavimento da basilica!

A basilica da *Natividade* é, porém, apesar de tudo ainda hoje um dos sanctuarios christãos mais antigos do mundo; poupada por Saladino e por todos os conquistadores arabes, ella apenas tem sido profanada modernamente nas suas linhas primitivas pelos scismaticos gregos que muraram o seu *Côro* para fazerem a sua mesquinha igreja actual. Ella tem, ainda, uma simples e elegante grandeza; ella ainda conserva reflexos da antiga Grecia, com a sua quadrupla fila d'esbeltas columnas corinthias! Do seu primitivo *atrium*, porém, só restam destroços; para o seu vestibulo ou *narthex*, entra-se hoje atravez d'uma porta baixa, afim d'impedir a entrada aos cavalleiros arabes!

*
* *

Por duas escadarias em espiral, ao centro do transepto, todos nós descemos immediatamente á *Gruta* onde a Virgem Immaculada deu á luz o Redemptor dos homens, no anno 4:000 da creação. [1]

Esta santa *Gruta* é muito irregular pois que occupa todo o emprazamento do *Estabulo* e da *Créche*. Ella não recebe luz alguma do dia e é natural em grande parte, rasgada n'um grande rochedo calcareo.

O pavimento da *Gruta* é formado de precioso marmore, incrustado de jaspe e porphyro. As paredes estão revestidas de magnificos e preciosos pannos d'*Arras*, presente de um monarcha francez.

N'uma e outra parte pendem alguns quadros da escola hespanhola, onde se destacam mysticas apparições d'ascetas d'olhos longinquos e mãos maceradas, erguidas n'uma prece eterna.

O recinto interior é allumiado pelas luzes vivas de muitas alampadas, suspensas da abobada. [2]

Ao fundo da *Gruta*, da parte oriental, vê-se o *Logar* onde nasceu o Salvador. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria. Uma placa de marmore branco, incrustada de jaspe e cercada por um circulo resplandecente de metal, tem inscripta ahi esta legenda:

Hic de Virgine Maria
Jesus Christus natus est. 1717.

Quinze alampadas ardem continuamente na frente d'este *Santo Logar*. Quatro pertencem aos

---

1 *Luc.*, II, 7.
2 São 53, pertencendo 19 aos Padres Latinos.

Latinos. As outras pertencem aos Gregos e Armenios scismaticos.

Por cima, estende-se uma mesa de marmore, que serve de altar. Pertence este aos armenios scismaticos.

A *Créche*, formando uma pequena abside, está a tres passos de distancia. Desce-se lá por dois degraus. E' ella uma abobada natural, cavada no rochedo.

Foi alli que o *Menino Jesus*, depois de nascido, foi deitado por Maria sobre umas palhinhas e adorado pelos Pastores. [1]

Por sobre a *Créche* levanta-se um altar, pertencente aos padres Latinos. [2]

As pedras preciosas engastadas em aureos circulos no frontal do altar scintillam lumes vivos, offuscantes. As alampadas ardem incessantes, dia e noite. Foi lá que eu celebrei Missa, no dia seguinte, com assistencia de todos os meus companheiros. [3] Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria.

---

[1] Sabe-se que a madeira que formava a *Créche* foi trazida para Roma por Santa Helena e se guarda hoje ahi na basilica de Santa Maria Maior.

[2] As pedras preciosas engastadas em aureos circulos no frontal do altar, scintillam lumes vivos, offuscantes. As lampadas ardem incessantes, dia e noite.

[3] Os Padres da *Terra Santa* apenas pódem celebrar por dia uma *Missa* rezada e uma *Missa* cantada na *Santa Gruta;* isto, porém, apenas no altar que lhes pertence! Para evitar questões estão sempre de sentinella na *Gruta* dois soldados da guarnição de *Bethléem.*

Este sagrado recinto tem sido por vezes já profanado sacrilegamente pelas dissenções e discordias entre as diversas Communidades christãs que alli officiam. Em 1873 os *Gregos* scismaticos fizeram na *Santa Gruta* de *Bethléem* tentativas á mão armada, a ferro e fogo, para se apoderarem do sanctuario da *Natividade* do Salvador. Feriram por essa occasião gravemente cinco padres franciscanos e saquearam o sanctuario.

Foi a França quem restabeleceu novamente os Re-

Muito proximo, nos outros meandros da *Gruta*, onde não penetra a luz do dia, visitam-se, á luz d'uma tocha, os altares dos *Magos*, [1] de *S. José*, [2] a capella dos *Santos Innocentes*, [3] e a gruta de *S. Jeronymo*.

Que commoções, que impressões alli se sentem e alli senti eu! Eu assisti alli á celebração dos Officios religiosos dos Armenios scismaticos, [4] celebrados na lingua syriaco-chaldaica.

Que extranho, que bizarro rito!

Aquella psalmodia dos assistentes nunca interrompida, aquelles ornamentos pontificaes do bispo armenio celebrante, encheram-me de admiração!

Eu vi os habitantes do deserto, os arabes christãos que, havendo deixado os seus rebanhos, entravam alli, á semilhança dos antigos pastores de *Bethléem*, a adorarem o Rei dos Reis, junto da sua *Créche!*

---

ligiosos latinos em sua possessão legitima. Em 1893, porém, um grego scismatico matou alli, n'aquelle augusto e venerando *Logar*, um padre franciscano.

[1] Este altar, pertencente aos Latinos, marca o *Logar* d'onde os *Magos* adoraram o *Menino* recem-nascido. *Math.*, II, 11. Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria.

[2] Este altar marca o *Logar* onde *S. José* recebeu do Anjo aviso de fugir para o Egypto. *Math.*, II, 13. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial.

[3] Marca o *Logar* onde algumas mulheres bethlemitas vieram esconder-se com seus filhinhos para os livrarem de serem mortos pelos soldados de *Herodes*. MATH. II, 16. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial.

[4] Em quanto os *Gregos* e *Armenios scismaticos* celebram os seus Officios na *Santa Gruta*, os visitantes não pódem entrar. A mim permittiram-me a assistencia por especial benevolencia e só da entrada da *Gruta*. Todas as tardes, excepção dos domingos, os Padres Franciscanos visitam processionalmente os differentes sanctuarios da *Gruta* da igreja da *Natividade*.

Que commoções, que impressões!
O incenso arde, queima-se incessantemente junto do berço do Salvador!
As vozes harmoniosas do orgão, resoam ahi continuas, durante a celebração dos divinos mysterios, em todos os ritos!
Os lumes polychromos das alampadas, illuminam noite e dia o sagrado recinto, cahindo reverberantes por sobre os quadros das escolas italiana e hespanhola, que ornamentam a *Gruta!*
Que commoções, que impressões!
Lá está, após a capella dos santos *Innocentes*, a gruta de *S. Jeronymo*, ah! essa outra egualmente veneravel gruta, onde se agrupam os tumulos do illustre e maximo Doutor da Igreja, de Santo Euzebio de Crémona, discipulo de S. Jeronymo, seu affectuoso amigo, e seu successor no governo do mosteiro que elle fundara, de Santa Paula e de Santa Eustochia, [1] sua filha, as duas preclaras matronas romanas, descendentes da austera familia consular dos Gracchos e dos Scipiões, que vieram findar seus dias n'esta gruta, na pratica das virtudes monasticas. [2]
Nobre conde de *Nouailles*, eu nunca esquecerei

---

[1] Em todos estes venerandos *Logares*, ganha-se uma Indulgencia parcial.

[2] No jardim do convento franciscano existe, ainda, uma laranjeira, prateada de lichens parasitarios, que a tradição diz ter sido plantada por *S. Jeronymo*. O corpo d'este illustre Doutor da Igreja está hoje em Roma, em Santa Maria Maior. *S. Jeronymo* viveu trinta e oito annos em *Bethléem*, junto do berço do Salvador. Alli traduziu do hebreu para o latim a Santa Biblia chamada *Vulgata*, commentou as obras dos Padres da Igreja, refutou as herezias de Montano, Pelagio, Vigilancio e Joviniano, estudou varias linguas orientaes, fundou uma escola e um hospital para os extrangeiros, com medo, dizia, de que *José* voltando com *Maria* a *Bethléem* não encontrasse onde hospedar-se!

o edificante exemplo de piedade que a todos nós déste, n'aquella nunca olvidada tarde, quando, de joelhos sobre o chão sagrado da *Gruta*, oravas fervorosamente e osculavas a fria pedra do pavimento !

Nunca vos esquecerei a todos vós, tambem, meus amaveis, queridos e jámais esquecidos companheiros, *maximè* a vós, gentilissimas e primorosissimas senhoras egypcias, pelo muito que me ensinastes a crêr, com a lição das lagrimas sentidas que n'essa santa tarde de paz, graça, benção e santificação, eu vi borbulhar em vossos olhos de crystal !

Ah ! No dia seguinte, á hora d'alva, a vossa devota e piedosa assistencia á celebração da Santa Missa e o recolhimento e compuncção com que recebestes a Sagrada Eucharistia das minhas indignas mãos, servir-me-hão de consolação e estimulo para todos os dias que eu, ainda, haja de viver na terra !

*

* *

Um distincto bethlemita, o amavel Hanna L.***, havendo entabolado relações comnosco no mosteiro franciscano, na *Casa Nova* de Bethléem, convidou-nos a visitar sua casa afim d'apresentar-nos a sua familia. Nós condescendemos com o seu desejo e o effusivo arabe, muito amigo dos Francos, [1] teve a maior satisfação em apresen-

---

S. Jeronymo morreu em 420 e *Santo Euzebio* dois annos depois. No meu futuro livro que publicarei, sob a graça Divina, de titulo "Os Santos Padres da Igreja Grega e Latina nos cinco primeiros seculos" traçarei o perfil do austero e eruditissimo Padre e Doutor S. Jeronymo.

[1] Nome com que são conhecidos no Oriente todos os peregrinos do Occidente.

tar-nos sua mulher Filoména, boa e doce creatura que nós saudamos jubilosamente e as pequenas creanças do casal, Mariam e Nichmé, saltitantes como gazellas.

Algumas esteiras no chão nos convidam a um repasto frugal. Nichmé, radiante, dispõe pastellões d'ovos, fructas, vinhos, leite e mel sobre a esteira central que serve de meza, emquanto nós nos installavamos o mais confortavelmente possivel, sentando-nos no chão, sobre as outras esteiras, com as pernas traçadas em X. Nem guardanapos, nem facas, nem garfos! Nós somos obrigados a servirmos-nos dos dedos para comer! Mas este é o costume biblico. Na *Ceia* Jesus diz: *Aquelle que mette a mão no prato commigo esse me trahirá.* [1] Hanna não se esquece de honrarnos muito particularmente molhando em mel um boccado de pão, offerecendo-nol-o depois. Isto é um signal de deferencia muito usado no Oriente para com os hospedes a quem muito particularmente o senhor da casa quer honrar. Assim tambem se viu na *Cêa*. Espantados os Apostolos que comiam todos juntamente, mettendo as mãos no prato commum, João perguntou ao Mestre: *Senhor, quem é o traidor?* Jesus então offerece a Judas o pão molhado na sopa que todos comiam. [2]

Quando o prato é liquido, o conviva oriental toma successivamente bocados de pão e com elles, embebendo-os no prato com as pontas dos dedos, vae comendo juntamente as improvisadas colheres e os molhos e liquidos absorvidos. E' ainda com o proprio pão que elles limpam os dedos e são estes pedacinhos de pão aquellas migalhas de que fallava a Cananéa, [3] são elles aquellas migalhas com as quaes Lazaro pedia

[1] *Math.*, XXVI, 23.
[2] *Joan.*, XIII, 26.
[3] *Math.*, XV, 27.

ao mau rico ao menos lhe matasse a fome, [1] pois que se a expressão do Evangelho *de micis quæ cadebant* se deve entender das nossas *migalhas de pão*, as duas outras palavras que as precedem *cupiens saturari* seriam então cruelmente ironicas.

*

* *

Era noite quando entramos novamente no convento.

Os ultimos arreboes do crepusculo desvaneciam-se já em tintas lilazes e matizes rosaceos nas franjas occidentaes do horizonte.

Fômos jantar. Depois, subimos todos ao terraço do mosteiro, acompanhados por um dos Religiosos da casa.

A noite, calida e serena, d'uma transparencia de gaze, não podia estar mais bella, mais inspirativa! O céu, todo esparzido de astros, rebrilhava, na lucilação argentea e immaterial das estrellas, illuminado resplendorosamente pelos brilhos polychromos das constellações de maxima grandeza.

A lua cahia por sobre as arvores como um rocio de luz; o zephiro brincava brandamente nos ramos das amendoeiras floridas; as plantas dos hortos adjacentes, enviavam ás brizas em seus aromas, nuvens de incenso!

Bethléem, edificada por sobre um monticulo, dominando um longo valle, jazia adormecida já nos primeiros silencios da noite.

As oliveiras e as figueiras das collinas circumdantes, esfumavam-se indecisas nas derradeiras claridades do crepusculo.

O Herodion, [2] ao longe, desenhava, na atmos-

---

[1] *Luc.*, XVI, 21.

[2] O *Herodion* foi o ultimo refugio dos Cruzados depois da tomada de *Jérusalem*. A parte superior do seu

phera rarefeita o seu cone circular, semelhante a um espectro!

Ah! áquella hora solemne, lá sob o bello céo do Oriente, a dentro dos muros da santa *Bethléem*, quem se não deixaria arrastar, retrogradando pelos seculos no vôo das recordações mais gratas, até essa noite augusta de dezembro, do anno 752 da fundação de *Roma*, [1] em que alli mesmo, chegada a ***plenitude dos tempos***, [2] a poucos passos de distancia, apenas, na humilde arribana, a dentro do recesso sagrado da *Gruta*, [3] a Virgem Mãe, aos quatorze annos e meio da sua

---

cone não é obra exclusiva da natureza. Herodes o *Grande*, amontoou ahi grossas pedras, construiu solidos muros, levantou um soberbo e dominante castello. D'ahi o nome de *Herodion.* Os arabes chamam, hoje, a este monte — *Djebel Foureidis* — o *Paraiso*.

M. Poujoulat chama a esta montanha — dos *Francos*, de *Bethulia* e de *Santo Abrahão. Correspond. de l'Orient, tom. 5°.* O termo dos *Francos* corresponde ao de *Europeus*, *Christãos* ou melhor *Latinos*. A denominação de monte de *Bethulia* è de *Santo Abrahão* é inexacta, pois que está provado, hoje, serem estes dois castellos, um na tribu de Simeão e outro — o de *Santo Abrahão* — perto de *Hébron*.

[1] O momento historico do Nascimento do *Messias* foi no anno do mundo 5099, 2957 do Diluvio, 2085 do nascimento de *Abrahão,* 1510 da sahida do povo *Hebreu* do *Egypto,* 1032 depois da uncção de *David,* 752 da fundação de *Roma* e 42 do imperio de *Octavio Augusto*, quando o mundo gosava de uma paz desconhecida desde os tempos de *Numa Pompilio. Martyr. Christão.*

[2] *Gal.*, IV, 4.

[3] Esta *Gruta* era seguramente um *Khan.*

O *Khan* no Oriente, não é nem mesmo um albergue ou hospedaria; é um edificio construido em pleno campo, appoiado a uma rocha ou a uma gruta, sem tecto mesmo.

E' um logar de descanso feito sobretudo para os cavallos e animaes de carga; ha ahi mangedouras, feno e agua para elles comerem e beberem. Os *moukres* ou ca-

edade como estava predicto, [1] dava á luz, á hora prefixa em que se completavam as setenta semanas de que falara o Propheta *Daniel* e quando o sceptro de *Judá* era arrebatado por uma raça extrangeira, o Filho amado, o Redemptor das nações, a horas frigidissimas e em meio dos rigôres do inverno, entre o cantico rustico dos pastores e o balar e o mugir dos animaes?

Quem, olhando para o céu, não julgaria vêr, ainda, essa mysteriosa estrella predicta pelo propheta *Balaam*, que, lá desde a populosa Seleucia, [2] conduzira os prestigiosos astronomos *Reis Magos*, os representantes das antigas castas, carregados com a myrrha e com o incenso, até *Bethléem*, cahindo a prumo, como um globo de luz, por sobre a *Gruta* veneranda? [3]

Quem não creria ouvir, ainda, lá ao fundo, no campo de *Booz*, os echos dos arrabis e as vozes festivas dos pastores, convidando os que

---

valleiros esses estendem-se na terra, a sella por travesseiro e ahi dormem á luz do sol ou das estrellas.

O *touriste* não encontra alli as mais das vezes mais do que agua; há, porém, *Khans*, hoje, na Palestina onde póde encontrar-se café e fructas, como no do *Samaritano*, no caminho de Jericó. Ora José e Maria, os Santos Esposos, chegados a *Bethléem* em obediencia ás ordens de Quirino, que em nome da augusta Roma, ordenara um recenseamento geral, cada um devendo assignar o seu nome na sua terra ou patria d'origem, não encontrando logar em hospedaria alguma da cidade, foram obrigados a recolher-se n'aquelle *Khan*. Foi então n'esse humilde *Khan* que nasceu o Menino Jesus, foi então ahi que o Infante divino abriu pela primeira vez os seus olhos claros que tanta luz deveriam derramar no mundo! O' santa humildade d'um Deus que já no seu berço dá uma lição aos homens, exclama um fervoroso mystico!

[1] *Micheas*, v, 2 e *Psalm*. LXXI.

[2] Segundo uma outra tradição um d'estes reis Magos veiu da Persia, outro da India e outro da Abyssinia.

[3] *Math.*, II, 1, 9 e seg.

encontravam a que subissem até á *Gruta* de *Bethléem* e as vozes angelicas dos Espiritos celestes annunciando a *Boa Nova*, entoando, em suavissimo concerto, alegres canticos em honra do Deus pequenino, do Menino Deus nascido? [1]

*

* *

E' tempo, porém, de partirmos para o mosteiro de *S. Sabas*. [2] Já vae adeantada a manhã, e todos nós estamos preparados, agora, para a marcha, depois de refeitos no abundante almoço que os hospitaleiros e bondosissimos franciscanos nos serviram.

Nove anafados jumentinhos estão já apparelhados, ás portas do convento.

Será sobre elles montados que nós iremos até ao *Mar Morto*.

Tres estão apparelhados com andilhas. [3] São os jumentinhos destinados ás tres senhoras nossas companheiras. Garrulas, admiravelmente bem dispostas, ellas ressumbravam graça e encanto na vivacidade das suas expressões e dos seus movimentos. Uma d'ellas, principalmente, sobre quem a anemia e a chlorose tinham evidentemente produzido fundos estragos, até alli sempre pallida, d'essa pallidez morbida de quem soffre, olheiras cavas, de bistre, dando-lhe aos olhos brilhantes uma tristeza vaga, parecia, agora, transfigurada! Dir-se-hia que ella, momentos antes, bebera a largos haustos o tarro desbordante da saude e da vida, no ar puro da manhã e na briza fresca das montanhas de *Bethléem!*

---

[1] *Luc.*, II, 15 e 18.

[2] *Mâr* (santo) *Sabas*, na lingua indigena.

[3] As sellas arabes são pouco commodas. Em *Jérusalem* alugam-se sellins regulares ao preço de dois francos diarios.

Os outros jumentinhos serão indistinctamente montados por mim e pelos meus estimaveis companheiros: o conde de *Nouialles*, o Rev.mo Padre Marcellino, M. Hausni Galli e o sympathico *Fr. Lievin de Hamme.*

Um arabe, armado de clavina, e dois *moukres* [1] de rostos abaçanados, estão alli para nos acompanharem, a pé.

Jallah, Jallah (para diante) exclamavam os *moukres.*

— *Allons-nous-en*, exclamou *Fr. Lievin.*

Chibatámos os jumentos e todos partimos, n'um chouto isochrono e incommodo, saudando pela ultima vez os Religiosos que ficavam.

Algum tempo depois atravessavamos já a aldeia dos *Pastores*, edificada por sobre uma collina baixa e pedregosa, chamada pelos Arabes — *Beït-Sahhour* e que é, provavelmente, a antiga *Camaño*, de que fala Jeremias. [2]

Diz-se que Abrahão apascentara alli os seus rebanhos e que eram naturaes d'alli os pastores a quem os Anjos annunciaram o nascimento do *Salvador.* Vê-se alli, ainda hoje, a cisterna de *Maria* — *Bir-Mariam* — á qual se prende uma graciosissima tradição. Maria passando alli pediu

---

[1] *Moukre*, em arabe *Moukarieh*, é na *Palestina*, o conductor das cavalgaduras e dos animaes de carga. Uns, acompanham os viajantes alugando-lhes os animaes por conta propria; outros, são simplesmente domesticos dos proprietarios dos animaes. Nunca se deve exigir d'estes homens outro serviço que não seja exclusivamente o combinado. Por uma insignificante pergunta que se lhes faça, a que elles respondem por méra complacencia, pelo simples facto de nos levantarem do chão qualquer objecto que nos caia das mãos, logo as estendem pedindo *bakchich!*

[2] *Jerem.*, XLI, 17. *Beïth-Sahour* é uma aldeia, hoje, de 600 a 700 habitantes, entre catholicos, gregos scismaticos que constituem a maioria, musulmanos e protestantes. Vêem-se ahi muitas cisternas cavadas na rocha viva.

de beber aos habitantes. Estes recusando a agua, esta de per si subiu até á borda da cisterna para que Maria podesse dessedentar-se. E' esta uma tradição colhida por Quaresmius, que egualmente colheu grande numero d'outras piedosas tradições espalhadas, hoje, em muitos livros piedosos e mysticos. O rebordo da pedra que fecha esta cisterna está profundamente roido pelo attrito continuo da corda que puxa o balde da agua para cima. Não será a pedra ainda dos tempos da Virgem ?

Um indigena abeberava alli áquella hora o seu rebanho de cabras negras sem chifres. Elle puxava a agua acima n'um balde e a derramava sobre a cabeça dos lanigeros n'uma pia annexa. Era assim que Rebecca dessedentava os camellos d'Eliezer, *camellis tuis hauriam aquam donec cuncti bibant* e assim fallando ella derramava a agua nas pias, *hydriam in canalibus.* [1] Entramos seguidamente no campo de *Booz*, um dos mais ferteis da Judêa, theatro da bucolica scena, do delicioso idyllio a que allude a historia biblica da humilde e piedosa Ruth, a bella *Moabita.* Ella tendo vindo respigar ao campo de *Booz*, mereceu a graça de se desposar com elle. E d'este consorcio afortunado nasceu Obed, que foi pae de Jessé, avô de David. [2]

A meio d'este campo, a dentro d'um viçoso olivedo formando quadrado, visitámos todos a *Gruta dos Pastores*, que outr'ora resoou com as vozes angelicas dos Espiritos celestes entoando o *Gloria in excelsis.* [3]

---

[1] *Gen.*, XXIV, 19.

[2] *Livr. de Ruth.*, IV, 21.

[3] *Luc.*, II, 8. Ganha-se aqui uma Indulgencia parcial. A *Gruta dos Pastores—Deïr-er-Raaouat—*na lingua do paiz, é apenas, hoje, uma caverna onde se desce por uma escadaria de vinte e um degraus! Existiu outr'ora alli um convento e uma igreja, obra de Santa Helena,

O tempo, porém, era escasso e nós quasi logo seguiamos adeante.

Os nossos jumentinhos desciam, agora, ladeiras fragosas e profundos barrancos de terra solta, avermelhada, coberta de pequenos fragmentos de rocha calcarea. Tinhamos chegado ao *Ouâdy Qabr-Hheloueh.*

Apenas algumas vegetações rachiticas de plantas espinhosas amenizavam a agrura d'aquelles terrenos.

De quando em quando enveredavamos ao longo de estreitos atalhos e atravessavamos por entre largos campos esmontados e almargens cobertos de rebanhos de cabras e de pequenos jumentos, por onde crescia farta a relvagem que lhes servia de pascigo.

Os beduinos intonsos e esqualidos que os guardavam erguiam-se á nossa passagem e as pequenas creancinhas andrajosas que nos viam, de rostos lividos, d'um amarello ochraceo, vinham até nós, pedindo-nos em voz lamurienta lhes dessemos *bakchich.*

Bakchich é o estribilho eterno de toda a pobreza na Palestina. Dá-me *bakchich*, grita o oriental, dá-me *bakchich* porque tu és rico e corres o mundo por prazer! E atravez de todas as aldeias e povoações as crianças semi-nuas seguem os via-

---

segundo Nicephoro. Actualmente, apenas se divisa a crypta da igreja primitiva! E' o cura dos gregos scismaticos da aldeia dos *Pastores* quem guarda a chave da *Gruta.* Esta é a tradição antiquissima e geral. Em 1861, porém, M. Guarmani descobriu a um kilometro de distancia para o norte, no logar chamado *Seiar-er-Rhauem* (curraes d'ovelhas) as ruinas d'um outro sanctuario abandonado havia muitos seculos. Alli se acham vestigios de trez sepulchros de que fallam os antigos peregrinos, como sendo os dos *Pastores* que adoraram a Jesus recemnascido, pelo que alguns palestinologos conjecturam ser alli o verdadeiro *Logar* da angelica apparição.

jantes insistentemente gritando-lhes: *bakchich!* [1]

Uma tribu arabe de *Taamreh*, que habita nos valles visinhos do *Monte dos Francos* nos sauda, exhibindo na nossa presença, exercicios da carreira a cavallo e do *Djérid*. E' esta a sua phantasia predilecta como de todas as tribus arabes. Elles correm a galope nos seus explendidos cavallos, velozes como o vento, voltando outra vez de grande distancia, em vertiginosa carreira, parecendo que vêem cahir em um ar guerra sobre nós. Elles volteiam, afastam-se, unem-se, enlaçam-nos em circulos apertadissimos, passam por entre nós, offegantes os cavallos, fazendo exercicios verdadeiramente maravilhosos de destreza e agilidade! E' um espectaculo bellissimo cheio de attractivo e seducção!

Ao fim de tres boas horas de marcha, depois de termos transposto o *ouâdy el Aaraïse* e eu ter esporeado humanamente os ilhaes do meu retardatario jumentinho, avistámos, finalmente, ao descermos a encosta de uma montanha, as duas altas torres do mosteiro *(deïr)* de *S. Sabas*.

---

[1] Responde-se-lhes *Mafîch, Mafîch*, (não tenho, não tenho, *Allah Ya'tik* (Deus te assista!) Quem quer que seja que nos segure o cavallo pela redea, ou nos levante do chão um objecto cahido, ou unicamente nos aponte um caminho, nos preste o mais insignificante serviço, invariavelmente nos estenderá a mão pedindo *bakchich!* O proverbio mais querido e sabido dos orientaes é este: *Quem dá é homem honrado!* Quem faz uma visita na *Palestina* e recebe ahi a honra de um convite, d'um almoço, d'um jantar, d'uma simples chicara de café, d'um hausto só do *chibouk* ou do *narguîleh*, sempre os domesticos esperam, á retirada, um *bakchich!* E bem desprezivel é aos seus olhos o europeu que quer isentar-se da velha pragmatica! Porque elle é considerado sempre como homem rico, pois que o oriental pensa que a pobreza não existe na Europa. Além d'isso os orientaes consideram sempre os viajantes como loucos porque, dizem elles, não se comprehende o motivo porque se viaja nem que prazer se encontra n'isso.

Algum tempo depois chegavamos. Os Religiosos gregos não unidos, da ordem de *S. Bazilio*, que habitam o convento, [1] trinta, se tantos, e que parecem conduzir ahi uma vida muito austera, sob a presidencia d'um *higomeno* (Superior) receberam-nos hospitaleiramente. Serviram-nos uma pequena refeição, [2] após a qual, subimos todos ao alto d'uma das torres do mosteiro.

Na igreja do convento visitámos o tumulo de *S. Sabas*. Esta igreja é rica d'ornamentações em prata e oiro e quadros modernos muito bem executados em estylo byzantino. Apesar da vegetação que cérca o convento estar completamente morta, vê-se, ainda hoje ahi, no jardim do mosteiro, uma bella palmeira de treze seculos de existencia, sarapintada pelos musgos de prata fosca, em todo o garbo de uma florescencia joven! [3] As suas raizes mergulham-se pelas fendas de um bloco calcareo! Dizem os monges do convento que ella fôra plantada por *S. Sabas*. Para se poder ser recebido em *S. Sabas* é necessario que se venha munido de uma carta do Patriarcha grego scismatico de *Jérusalem*. Esta carta obtem-se com facilidade. Nós levavamos essa carta. [4]

---

[1] Para a historia d'este convento leia-se a ***Vida dos Padres do Deserto.***

[2] Os extrangeiros que constantemente visitam S. Sabas (Russos e Gregos principalmente e sempre em grande numero por occasião dos dias da Paschoa) são servidos n'uma grande sala do mosteiro, especial para este serviço. A alimentação é sempre de rigoroso magro, pois que jamais entram carnes no convento.

[3] Esta palmeira tem a particularidade de produzir tamaras sem caroço, dizem os monges. Os monges do convento cultivam ainda algumas pequenas hortas, alcandoradas na ravina, sendo a terra trazida de fóra para alli. Só ha uma fonte d'agua fresca e limpida fóra do mosteiro. Dentro d'este existem varias cisternas para receberem as aguas da chuva.

[4] As mulheres não são admittidas a pernoitar no

O convento, a 560 metros abaixo do nivel de Jérusalem, está edificado por sobre uma ravina sobranceira ao *Cédron*, que ao fundo rola por

---

convento. Proximo d'este existe uma torre que serve para as receber. A porta de entrada está tão alta que é necessaria uma escada para lá subir!

Adjuncta ao convento vê-se, ainda hoje, a celebre torre de ***Eudoxia***, construida por esta imperatriz quando veiu visitar o penitente ***Euthymo***. Como ella não pudesse entrar na *Gruta* do Santo mandou construir alli aquella torre para sua habitação! O Santo vendo isto retirou-se para o deserto.

Theoctisto, seu companheiro, foi procural-o e obteve d'elle que viesse fallar á imperatriz. O Santo vindo, conseguiu que ella abandonasse a doutrina *d'Eutychés* para retornar á unidade da Igreja.

E', do alto d'esta torre de *Eudoxia*, que continuamente um monge vigia os viajantes que se approximam. Estes devem depositar, para serem admittidos no convento, o seu bilhete de admissão, n'um cesto, suspenso d'uma corda, que o monge lança do alto da torre! Sem esta formalidade a entrada é impossivel!

Adjuncta ao mosteiro visita-se, ainda, a *Gruta* de *S. João Damasceno*, convertida, agora, n'uma capella. Visita-se, tambem, a capella de *S. Sabas*, aberta na rocha viva. Ao lado d'esta vê-se a caverna do Leão. Conta-se que *S. Sabas* entrando um dia na sua Gruta ahi encontrou um leão. O Santo começou de recitar tranquillamente o seu Officio e ao depois adormeceu. E assim viveram depois ambos pacificamente, o Santo na sua Gruta e o leão a um canto da mesma que o Santo lhe indicara! Ainda hoje em memoria d'este facto os monges do convento usam arremessar pedaços de pão ás profundezas da ravina do Cédron, para que os comam os chacaes e outras féras selvagens que alli vêm de noite dessedentar-se nas aguas frescas da fonte *Aïn-mar-Sabas*.

Ainda póde visitar-se em *S. Sabas*, na torre do mesmo titulo, um oratorio dedicado a S. Simão Estylita. Guarda-se aqui uma bibliotheca encerrando um grande numero de manuscriptos preciosos, que Tischendorff classificou. Em *S. Sabas* eu vi as aves selvagens, que esvoaçavam por sobre os rochedos, descerem e virem comer familiarmente

sobre um leito escabroso as aguas revoltas das chuvas do inverno. A sua posição não póde ser nem mais selvagem, nem mais pittoresca!

Os fundamentos do mosteiro sóbem gradualmente por sobre o flanco da ravina, cavados e firmados na rocha, revestida de musgos, até chegarem ao alto da montanha, onde se terminam em duas altas torres quadradas.

Uma d'estas está fóra já do convento.

Ao longe, avistam-se os alcantis penhascosos e os pincaros abruptos das montanhas da Arabia, emergindo do solo, todas ao mesmo nivel, muito mais altas, ainda, do que as da Judéa, semelhantes a pyramides de muitas centenas de metros de altura!

São as montanhas do paiz de Edom e de Moab, que outr'ora balizavam as cidades incendiadas da maldita *Pentapole!* Ellas barram o horizonte d'aquella banda, ligadas ao céo por grossos rôlos de nimbos, como uma larga faxa escura!

Lá ao fundo, a vista perde-se na contemplação da torrente do *Cédron*, por onde se avistam, ainda, grutas habitadas, outr'ora, pelos austeros anachoretas, discipulos de S. João Damasceno, S. Cyrillo, S.to Antão, S.to Euthimio, S.to Gerasimo, S.to Epiphanio, S.to Hilarião, S. Sabas, [1] S.to Onophre, S.to Arsenio, glorias fulgentissimas do monachismo oriental.

ás mãos dos monges que habitam o mosteiro! São os melros de *S. Sabas*. Apesar da desolação que cérca o convento, ha alli uma fonte. Paga-se um franco por pessoa para a visita do convento e tres francos para pernoitar, excluida a alimentação. Esta vem toda de *Jérusalem,* pois que em *S. Sabas* não ha coisa alguma.

[1] S. Sabas, nasceu em 439, foi discipulo d'Eutimio, seu successor e fundador do mosteiro. No deserto de S. Sabas chegaram a viver, segundo diz Quaresmius, dez mil anacoretas e quatro mil monges christãos, nos tempos do Santo, fundador do convento. Kosroës saqueou a igreja de S. Sabas e mandou matar com horriveis tormen-

Os olhos só encontram, divagando, medonhas desolações. A região alli é horrivelmente agreste, dura, d'um grande ar melancolico e austero! Poucas regiões ha no mundo mais tristes, mais desamparadas de Deus, mais cerradas para a vida do que o aspero declive da margem occidental do Mar Morto.

As montanhas, de uma uniforme e rude caracterização selvagem, offerecem sempre o mesmo aspecto. São aridas e tristes, como as necropoles! Nem uma sombra, nem uma arvore, nem uma flôr matiza as suas sombrias escarpas e os seus fojos tenebrosos!

Que desolação! Apenas, áquella hora, a monotonia da natureza era dissipada pela alacreante claridade das aguas glaucas e silenciosas do *Mar Morto*, sem vagas e sem murmurios, mordidas pelo sol meridiano, que, por sobre ellas cahia, brincando, n'uma feerica pulverização de diamantes, arrancando-lhes aos milhões, palhetas rutilas de prata e oiro!

As ondulações das suas praias calcinadas e ardentes, assemelhavam-se a montes de poeira e de cinza!

O Jordão, sereno e tranquillo, com a sua feição solitaria, solemnemente uniforme sempre, descia do norte, em pregas e sinuosidades bizarras, lambendo com as suas aguas claras os ro-

---

tos todos os monges que lá encontrou. Os restos mortaes de S. Sabas foram transportados mais tarde para Veneza.

Ao mesmo tempo em que S. Sabas organisava a vida eremitica sobre as margens do Cédron, sobre as escarpas da mesma torrente, a 4 ou 5 kilometros mais proximo de Jérusalem, fundava S. Theodosio um outro mosteiro destinado egualmente á vida cenobitica. D'este convento cujas ruinas ainda hoje são visiveis, encontrou-se há pouco tempo ainda a crypta funebre, onde foram tumulados S. Theodosio e muitos dos seus discipulos. Os Gregos orthodoxos têm ultimamente restaurado este convento.

chedos das margens, limosos, revestidos de *lichens* parasitarios.

Emmoldurado e recingido de vegetações aquaticas e ribeirinhas, falando meigamente ao ouvido e ao coração, elle despertava interesse pela morosidade com que parecia avançar a engolfar-se no lago empestado! [1]

Dos lados da Arabia, negros, rudes e hirsutos rochedos, talhados a pique, revestidos, apenas, de raras cabelluras selvagens de piornos seccos, e extensas filas de rochas calcareas — disformes protuberancias graniticas — bituminosas, gretadas, bordadas de grés, cortantes como facas, calcinadas pelo fogo implacavel do sol, projectavam as suas sombras em curvas negras e flexuosas por sobre as aguas do *Asphaltite!*

Ellas parecem estar alli postas como hyppogryphos gigantescos para defenderem as aguas silenciosas das explorações e invasões dos homens!

A mais pequena das avesinhas do céu, não encontraria alli repasto na mais debil hervinha! Que desolação! *Volney* chama a esta região *a mais selvagem da natureza!* [2]

A alma sentia-se oppressa por um terror secreto; sentia-se alli bem fundo o isolamento da vida, a tortura, o horror dos condemnados á solidão; tudo annunciava alli ser aquella a patria incinerada d'um povo reprobo, a terra abominavel do incesto, d'onde sahiram Ammon e Moab.

---

[1] O auctor do livro *Voyage de la Terre Sainte—M. J. D. P.*, obra impressa em Paris, em 1652, diz ter visto as aguas do Jordão, entrando no Mar Morto, correrem claras e puras como agua de rocha na extensão de mais d'uma legua sem se misturarem e corromperem com as do lago, ao qual chama *sepulcro infame e cloaca de putrefacção!*

[2] *Volney.* Etat. polit. de la Syrie.

*
* *

Do alto da torre descemos todos novamente ao convento, na resolução de descermos, ainda, até junto das aguas silenciosas do *Mar Morto.*

Depois estaria terminada a nossa excursão. A caravana regressaria a *Jérusalem*, pelo caminho mais curto.

As senhoras egypcias sempre gentis, *mignones*, delicadas, graciosissimas, mostravam-se agora visivelmente fatigadas.

Todavia, manifestavam alto os desejos que tinham de nos acompanhar!

Os outros companheiros apparentavam as melhores disposições.

Eu estava satisfeitissimo, sustentando na mão a minha magnifica bengala de ebano que trouxera d'Africa, á qual me segurava quando descia as profundas ravinas e os corregos seccos emmaranhados de matto espesso.

Só no dia seguinte, é que partiriamos para Jérusalem. Aquella noite passar-se-hia no mosteiro.

A hora da nossa partida chegou, finalmente. Agora iamos todos a pé.

A' frente, o arabe, de clavina aperrada, explorava o caminho.

Hoje, já não ha perigo n'estas excursões. [1] Todavia nós tinhamos achado prudente em *Bethléem*, levar comnosco este arabe, que, de resto, com os dois *moukres*, tinha a seu cuidado toda a récua. [1]

---

[1] Não era ainda assim nos tempos de Chateaubriand. *Vide Itinerario*, etc. vol. 2.º pag. 170.

[2] Em algumas excursões mais distantes e menos visitadas na *Palestina*, como esta do *Mar Morto*, por exemplo, ainda hoje é necessario tomar estas precauções para

Era elle um bello typo de homem, serviçal e prompto sempre ás minimas ordens. *Fr. Lievin* era quem se encarregava de falar-lhe por todos nós.

Ah! como ia esplendido agora *Fr. Lievin!* Pernostico, inexgottavel de loquacidade, jucundo sempre, era um encanto ouvir o bom velho, erecto, em sua impeccavel *allure*, todo envolto n'esse mysterioso enlevo que se chama a sympathia, descrevendo em equipollente francez, palavra suave, alacre e vivaz, persuasiva e instructiva, phrase ductil e malleavel, embrechada a espaços de finissimos conceitos oratorios, scintillante de brilho sempre e de nitido primor, a historia da *Pentapole* e pintando a côres vivas e suggestivas as austeridades dos primeiros Padres do deserto!

E como as suas palavras, adaptadas com extraordinaria flexibilidade a toda a ordem de idéas, eram ouvidas com attenção por todos nós, que, em verdade, iamos caminhando, áquelle momento, por esses sitios famosos, povoados, outr'ora, pelos solitarios penitentes da *Thebaida*, vestidos de folhas de palmeiras e vivendo, agora, no extasi perpetuo da bemaventurança, absortos na contemplação do Eterno, submersos na photosphera radiosa de Deus!

Chegámos. O *Mar Morto* estava, agora, na nossa frente, semelhante a uma grande bacia d'agua cuja superficie estivesse velada com uma grande toalha de chumbo!

O sol vermelhava o céo, áquella hora, n'uma coloração calida de incendio, radiando pelo azul claridades de oiro vivo!

O tetrico mar de *Loth* abysmava-se deante de

---

evitar os assaltos e ataques dos *Beduinos* e dos ladrões. Quando d'isso téem necessidade, os peregrinos obtéem facilmente dos *cheïkhs* das aldeias por onde passam alguns guardas armados.

nós, a algumas centenas de metros abaixo do nivel da praia de *Jaffa*. Dizem que a depressão do leito d'esse lago maldito augmenta de seculo para seculo, como se o estivesse sorvendo algum demonio do abysmo!

Eu provei as aguas do lago e senti que eram horrivelmente amargas! [1]

Fr. Lievin explicou que os mais rijos e fortes ventos difficilmente conseguem enrugar-lhes a superficie!

Tudo alli é silencioso e sepulchral! Apenas de manhã e á noite se ouve alli o echo longinquo do sino do mosteiro de *S. Sabas*, convidando os monges á oração! A voz do campanario repercute-se, então, por sobre todas aquellas amplidões mortas, dolente e funerea, como o echo longinquo d'um psalmo religioso!

O calor vibra intensamente nas margens d'este lago, como a dentro d'uma fornalha incandescente!

A luz do sol é alli tão viva e scintillante que deslumbra e calcina! A febre reina alli com imperio soberano!

Dizem que nenhum ser vivo povoa aquelles abysmos, que nenhum barco corta aquellas aguas! [2]

Exhala-se d'ellas um cheiro fetido e nausea-

---

[1] As aguas do *Mar Morto* contéem sal e muitas substancias inimigas da vida, entre as quaes o *betume*. Ellas parecem-se a uma albufeira; dir-se-hia ser alli um pantano, um lamarão, um charco de borras d'azeite!

[2] Na opinião de *Mr. Lynch*, illustre norte-americano que explorou este lago, a maior profundidade do *Mar Morto* é de quatrocentos metros. Elle está, tambem, a quatrocentos metros abaixo do nivel do Meditterraneo, E' a maior depressão do globo conhecida. O lago tem setenta e dois kilometros na sua maior extensão e dezesete na sua maior largura. Está á distancia de dez leguas de *Jérusalem*, para Leste.

bundo ao *enxofre*, ao *betume*, [1] ao *hydrogenio sulfuroso* e ao *asphalto*. Todavia, ellas são tão crystallinas e transparentes como as aguas vivas das rochas.

Reflectidas pelos aureos raios solares semelham-se a um mar d'esmeralda fluida! [2] Já Josepho dizia que ellas mudavam de côr tres vezes por dia, segundo os diversos aspectos do sol. [3]

Ellas estão cobertas de camadas de sal que lhes dão o aspecto d'uma toalha branca; ramos, raizes, troncos inteiros de arvores, aqui e alli, arrastados pelas aguas do *Jordão* e arremessados ás margens, formam em volta do lago amargo uma como que cintura de ossos descarnados.

Ninguem ouve lá o canto de uma ave; ninguem enxerga alli uma arvore, ninguem divisa alli uma verdura.

Apenas bandos de mosquitos crueis zunem por alli, á hora ardente da sésta! Crueis! Que o digam os viajantes. [4]

---

[1] E' curioso o que diz Josepho ácerca d'este betume, que os povos do seu tempo iam colher em barcas. Diz que se agarrava elle de tal forma ás mãos que só podia separar-se ou com a urina da mulher ou com o sangue da menstruação! (*Guerra dos Judeus*, Cap. 27.)

[2] O auctor do livro *Viagem Santa* e *Peregrinação devota aos Santos Logares de Jerusalem* affirma-nos na sua obra que, as aguas do Mar Morto com a sua natureza de quentes fazem pellar! Esse livro a que já alludi atraz está assim cheio de patranhas e infantilidades.

[3] *Guerra dos Judeus*, Cap. 27.

[4] Estes insectos perseguem cruelmente na *Palestina*, os viajantes e os animaes de carga, a ponto de não poder dormir-se, muitas vezes, sem mosquiteiro! Principalmente no *Jordão* e no lago de *Tibériades*, ha uma especie de mosquitos brancos, muito pequenos, chamados *Bargache* pelos indigenas e que são verdadeiramente crueis. Vivem em batalhões cerrados e são insupportaveis, não só por causa das suas picaduras, como pelo zumbido que fazem ao ouvido! Eu que vinha desesperado já de soffrer estes pequenos dipteros na Africa,

O mar Morto

As pedras que por alli se encontram são negras, como se fossem calcinadas por lava vulcanica!

A agua morre funebremente sobre a praia, semeada de seixos!

Fr. Lievin explicou-nos que um homem fluctua sobre aquellas aguas, sem ter necessidade de nadar!

Josepho diz que Vespasiano fez arremessar ao lago Asphaltite varios homens que não sabiam nadar, com as mãos atadas atraz das costas, os quaes tendo mergulhado, voltaram novamente á superficie, fluctuando. [1]

Um nadador bem constituido póde conservar-se fóra d'ellas até ao peito sem esforço algum! Os ovos de gallinha fluctuam á flôr d'aquellas aguas!

Descalçando-me, eu tive a curiosidade de entrar n'ellas, até aos joelhos. Levei novamente a agua á bocca, sendo-me impossivel retel-a!

Senti a bocca como que queimada; sobreveiu-me rapidamente um forte accesso de tosse!

Ella é incomparavelmente muito mais salga-

---

tive que aguentar alli ainda, n'uma noite em que pernoitei nas margens do *Jordão*, a sua cruel sanha! Ah! como eu os increpei, recitando-lhes os versos do nosso classico *Sá de Miranda:*

> Mas tambem vejo os mosquitos
> Tamaninos um por um
> Muito vãos dos seus esprit'os,
> Não valem nada os malditos
> E andam sempre, *zum*, *zum*, *zum!*

De resto, os entomologistas encontram na *Palestina* largo campo de estudo zoologico.

Os viajantes esses é que nunca esquecem, tambem, as impiedosas moscas que, principalmente de Maio a Outubro, são o flagello das cavalgaduras na *Palestina!*

[1] *Guerra dos Judeus*, Cap. 27.

da do que a agua ordinaria do mar! Está tão saturada de substancias solidas que, na menor profundidade, não é possivel vêr-se o fundo! [1]

---

[1] As aguas do *Mar Morto* encerram dez vezes mais substancias salinas do que as aguas do Oceano. E' devido a isto, a esta extraordinaria quantidade de sal, que no *Mar Morto* não existem exemplares alguns da fauna e da flora terrestres. Apenas se encontrou já alli um *polypo*, como unico representante do reino organico. Este *polypo (porites elongata)*, foi trazido para o *Museu* de Paris pelo marquez *Carlos de l'Escalopier* que o encontrou quando se banhava n'este mar.

Os proprios peixes d'agua salgada morrem rapidamente quando ahi os lançam! Os companheiros de *M. Lynch* observaram, por vezes, alguns peixes que entravam do *Jordão* no *Mar Morto;* apenas chegavam logo voltavam para traz; se os espantavam para os obrigarem a entrar nas aguas infectas, saltavam, então, para fóra d'ellas! O *Mar Morto* perde as suas aguas, apenas, por evaporação. Mas a quantidade d'agua que o sol lhe rouba é inferior á que lhe fornece o *Jordão*, d'onde resulta que o lago é forçado a estender-se pela planicie.

O *Mar Morto* tem sido já, por vezes, explorado por europeus que em recompensa téem ganho ahi a morte, devido á doença contrahida sobre aquellas aguas pestilenciaes. *Costigan*, irlandez, explorou este mar em 1835, durante cinco dias. Veiu morrer pouco depois em *Jérusalem*.

Molineux, da marinha ingleza, entrou com dois companheiros n'este logar a tres de setembro de 1847, percorrendo-o em diversas direcções, durante sessenta horas, n'uma canôa que até ahi fizera transportar desde *S. João d'Acre* com immensa difficuldade, ao dorso de camelos. Obrigado a retirar-se pela fadiga e pelo calor, foi morrer a *Beyrouth*.

A mais interessante exploração do *Mar Morto* foi a que fez o tenente americano *W. F. Lynch*, em 1848. Foram construidas para esta exploração duas canôas, uma de ferro, outra de cobre, e foram transportadas da America do Norte até *Kaïpha* e d'aqui, ao dorso de camelos, até ao lago de *Tibériades*. A oito d'abril de 1848, foi arvorado n'ellas o pavilhão americano sobre as aguas do

Algum tempo depois, todos nós quantos haviamos mergulhado as mãos na agua notavamos;

Lago de Génézareth. Explorado o mar da *Galiléa, M. Lynch* desceu o *Jordão.* A sua expedição compunha-se, ao todo, de quarenta pessoas, entre marinheiros, creados, e guardas destinados a preservarem a expedição dos ataques dos arabes.

A descida do *Jordão* foi difficillima, por entre escolhos, pedras e vinte e sete rapidos medonhos, chegando por vezes as canôas a bater rudemente d'encontro aos penedos do rio, soffrendo grossas avarias!

A 18 de maio *M. Lynch* chegou ao logar do *Baptismo de Jesus Christo* que classificou de perigosissimo. A approximação do *Mar Morto* tornou-se-lhes sensivel por um cheiro fetido a enxofre, entrando as barcas n'elle com um vento fresco de Noroeste, emergindo uma pollegada para fóra das aguas! O mar offerecia á superficie a contemplação d'uma crosta de salmoira — «As nossas faces e os nossos vestidos, escreve *M. Lynch*, cobriram-se de incrustações salinas que occasionavam na pelle uma certa secreção picante, excessivamente dolorosa para os olhos. As barcas, pesadamente carregadas, experimentaram de principio, apenas, uma fraca resistencia, mas, logo que o vento se encrespou, ellas eram batidas como que por martellos de bigorna, em logar do effeito ordinario do mar agitado!» —

M. Lynch sulcou o *Mar Morto* em todas as direcções durante um mez. O tenente *Dale* que o acompanhava morreu dois mezes depois d'esta exploração.

M. Lynch, levando comsigo as duas barcas, conseguiu retornar á America, onde, n'um lucidissimo relatorio, deu conta ao seu governo da missão de que fôra incumbido.

Ao Norte dos *ouâdys en-Nâr* e *Maras* encontra-se uma fonte d'aguas mornas e salobras chamada de *El-Feschkah,* proxima do valle e do cabo do mesmo nome. Proximo d'esta fonte *M. de Saulcy,* encontrou ruinas importantes. Ellas estendem-se até uma distancia de legua e meia e são conhecidas pelos nomes de *Kharbet-Feschkah, Kharbet el Yahoud, Kharbet- Goumran. Saulcy. Voyage autour de la Mer Morte,* tomo 2.º, pag. 159. A fonte de *El-Feschkah,* clara e abundante, rebenta d'entre roche-

surprezos, que ellas e os nossos vestidos estavam impregnados d'uma ligeira camada de sal!

---

dos, muito perto do mar. A margem alli está coberta de arbustos.

Encontram-se perto, ainda, os alicerces d'uma antiga torre quadrada e de outras construcções de menor importancia. Os rochedos que cercam *El-Feschkah*, avançam pelo mar dentro. A região aqui é por todos os lados nua e requeimada, apenas povoada por grandes lagartos, abelhas e coelhos selvagens! A' vista de tamanha desolação, *M. Lynch* exclamou: «Evidentemente a maldição de Deus pésa sobre este mar impuro!»

Descendo-se sempre para o Sul, d'este lado occidental do lago, encontra-se, primeiramente, uma fonte d'agua doce chamada *Aïn-Ghouweir;* a seguir, muito perto do lago e junto d'uma montanha, encontra-se a fonte *Aïn-Thérabeh*, que corre abundantemente por entre tamargueiras, lirios, acacias, e vinhas selvagens. A seguir, as montanhas avançando pelo lago dentro tornam impossivel o trajecto pela margem até *Engaddi*. Alguns planaltos mais elevados e valles d'esta costa occidental do lago são povoados por *beduinos* que ahi semeam trigo e cevada. Alguns d'elles são attenciosos para com os viajantes, sendo, todavia, necessario proceder com elles com toda a prudencia e cautella.

Os rochedos mais elevados e selvagens que avançam sobre o lago são os de *Ras-Mersed*, ao norte de *Engaddi;* estão dilacerados por numerosas grutas que foram, outr'ora, habitações de penitentes.

No anno 600, conta em seu *Itinerario* Antonino *Martyr*, viviam ahi dez mil cenobitas e existiam ahi vinte conventos.

A parte Sul do lago é formada de baixios. Na epocha da maior evaporação das aguas apparece ahi o lago á vista cheio de ilhotas e de bancos d'areia, cobertos por uma camada de sal!

De resto, muitas vezes singulares illusões d'optica, effeitos extraordinarios de luz, fazem vêr alli ilhas que nunca existiram, dando aos objectos uma apparencia extraordinaria que deslumbra os olhos! *Engaddi*, em frente á foz do *Arnon*, acha-se sita, mais ou menos, a meio da margem occidental do lago. Não existe, hoje, d'esta an-

Já o auctor do Livro *Viagem d'um peregrino a Jérusalem*, [1] notava que mettendo-se um braço

---

tiga cidade mais do que o seu emprazamento e a bella fonte que lhe deu o nome, d'aguas dôces. calcareas e abundantes, mas quentes!

Junto da fonte encontram-se, ainda, ruinas de edificios; a cidade estava edificada a uma meia legua de distancia mais abaixo e a um quarto de legua das margens do lago. A fonte — *Aïn Djidi*—borbulha de entre uns rochedos, precipitando-se fervida para o lago atravez d'um magnifico tapete de relva e por entre bellos macissos de *mimosas*, rhamnaceas, lódãos, resedas, saiões, beldroegas e muitas outras plantas, formando um pequeno *oasis* da mais rica vegetação, animado pelos gorgeios de nuvens aladas de passaros cantores, entre os quaes sobresahem as perdizes e os pombos. As cabras montezas relvam alli, errando selvagens. E' aqui que se encontra a celebre arvore *ochr (calotropis procera)* que, de resto só cresce na Nubia, e que é, talvez, a verdadeira arvore que produz o pommo de Sodoma, descripta por Josepho; este fructo que se assemelha a uma maçã abre quando se aperta na mão não deixando ficar mais do que filamentos e farrapos d'uma casca delgada. *Engaddi* no territorio de Judá, a Asassonthamár do *Gen.* XIV, 7, era celebre, outr'ora, pelas suas vinhas *(Cant. dos Cant.* I, 13) pelos seus poços de betume e arvores de balsamo. *David* fugindo de *Saül* veiu refugiar-se alli. (*1.° Livr. dos Reis*, XXIV, 1). Hoje, apenas, por alli vivem alguns *beduinos!* Dizem que é de noite, ao clarão da lua, que *Engaddi* produz o mais bello effeito. Os rochedos escarpados d'um e outro lado, o mar, a doçura do clima e as plantas exoticas encantam ahi o viajante!

A uma legua de distancia de *Engaddi*, para o Sul, encontram-se ruinas antigas n'um valle chamado mesmo das *Ruinas*, e, a pequena distancia, uma fonte fetida de nome *Birket-el-Khalil*. Abaixo do valle das *Ruinas* estáse logo em frente da peninsula chamada *el-Mezra'ah*, ligada por um estreito isthmo á costa oriental.

A costa occidental n'esta direcção está coberta de mamelões bizarros que apparentam grandes ruinas, templos e palacios, cupulas e porticos! Todavia, sobre um rochedo a pique, que tem mais de mil pés de elevação,

nas aguas do Mar Morto, elle sahia como que revestido d'uma luva de sal.

---

vê-se, ainda, uma ruina verdadeira que relembra um dos mais tragicos acontecimentos da historia humana: é *Sebbeh*, a antiga *Masada*, a praça mais forte da antiga *Judéa*, fundada por Jonathas Macchabeu e o ultimo baluarte da sua nacionalidade ferida pela invasão extrangeira.

Herodes o *Grande*, que a reedificou esteve ahi encerrado com sua mãe, com *Marianne*, sua mulher e outros parentes seus, fugindo á perseguição de *Antigono*. Os Romanos só poderam conquistal-a á custa de immensos sacrificios. As ruinas de *Masada* ainda hoje são dignas de attenção! O solo aqui é nú e sem cultura. Algumas plantas rachiticas, apenas, se vêm alli, entre as quaes se destaca a *salsola kali*, o *koubeibi* dos Arabes, planta de haste brilhante e pequenas folhas vitreas, que os Arabes queimam e a cujo residuo chamam *al-kali*. Tambem aqui apparece a celebre *rosa de Jericó*, de que fallarei adiante. Continuando-se de *Masada* a descer para o Sul atravessa-se uma região extremamente tormentosa e arida. O canal chamado de *Lynch*, por ter sido este intrepido americano o primeiro que ahi penetrou, e que separa a costa occidental da peninsula de *el-Mezra'ah*, não tem mais de meia legua de largura sendo a sua profundeza muito consideravel.

Finalmente a laguna que termina ao Sul o lago tem o nome de *Backwater*.

Depois d'algumas horas de caminho chega-se ao *ouâdy ez-Zuweireh*, onde se encontra um forte em ruinas da epocha dos *Sarracenos* e uma excellente fonte. Da planicie onde desagua a torrente *ez-Zuweireh*, bem como as de nome *en-Nedjid* ao Norte e *el-Muhauwat* ao Sul, partem vaus que conduzem, atravez da laguna, até á sua margem oriental. O lago aqui tem, apenas, duas leguas de largura e no estio a sua profundeza é insignificante.

Os Arabes queixam-se do muito calor que faz no fundo do lago a ponto de lhes esfolar por vezes os pés! Isto faz crêr que a agua rebenta alli de fontes quentes ou mesmo de naphta. A salmoira da agua é muito maior aqui, ainda, do que na parte Norte! *M. de Saulcy* diz

Tem-se escripto que as aves do céu que se aventuram, em seus largos vôos, por sobre as

---

«que ella lhe pareceu ao paladar uma mistura de sal, coloquintidas e azeite; que a da parte septentrional do lago é limonada em comparação d'esta!»

Passado o valle de *Muhauwat* encontra-se, logo, a celebre montanha de *Sodoma*, *djebel Ousdoum*, totalmente coberta de sal e cheia de grutas, n'uma extensão de tres leguas de comprimento e uma de largura, completamente isolada!

Finalmente, entre as montanhas de *Sodoma* e o lago vêem-se, hoje, as marinhas de sal, de duas leguas de largura e que terminam o *Mar Morto.* O terreno aqui é tão baixo que, quando o nivel do lago cresce, todo elle fica completamente submergido! Mais ao Sul, ainda, encontra-se uma planicie de nome *Ghôr* onde se encontram arvores destroçadas, trazidas pelas aguas do lago, totalmente carregadas de sal!

Atravessa-se esta planicie com summa difficuldade; os homens e os cavallos enterram-se no lodo que a cobre, muitas vezes com grande risco de vida!

Um calôr ardente se exhala alli dos póros da terra. Por vezes estas marinhas estão cobertas d'uma camada tão espessa de sal que os cavallos passam por cima como por sobre gelo!

Os Arabes fazem bom negocio com este sal que transportam d'alli sem nenhuma outra preparação, ao dorso de camelos, até *Gaza* e até ao *Egypto.* Tambem nas proximidades da peninsula de *Mezra'ah,* principalmente, explora-se largamente o enxofre de que os *beduinos* da região se servem para fazer polvora, para curar a morrinha das ovelhas e afugentar as cobras com o seu cheiro.

A expedição americana constatou que existem em todo o littoral do *Mar Morto* grande numero de fontes sulphurosas e que é d'ellas que se exhalam esses gazes fetidos que, levados pelo vento em todas as direcções, empestam as margens d'este lago!

Partindo-se na direcção Sul do *Mar Morto* chega-se a *Pètra*, a antiga *Séla* ou *Jactehel*, no valle das Salinas, no paiz da *Idumea*, conquistada por *David* e *Amasias. 4.° Livr. dos Reis*, XIV, 7. *1.° dos Paral.*, XVIII, 12 e *2.° dos Paral.*, XXV, 11.

aguas empestadas [2] d'este lago, cahem mortas sobre elle, feridas pela setta ervada das suas exhalações lethaes!

Este facto não é verdadeiro. Verifiquei eu mesmo a sua inexactidão, observando varias aves aquaticas que voavam por sobre o *Asphaltite*, re-

---

D'esta antiga capital dos ***Nabatheus*** não restam actualmente, mais do que preciosas ruinas! E', sobranceira a esta cidade destruida, que se levanta a montanha de ***Hôr*** onde morreu ***Aaron***. (***Num***. xx, 27 e 29). Salomão estendeu a sua denominação até á extremidade d'este valle das Salinas, isto é, até ***Aila*** ou ***Eloth*** — a moderna ***Akabah***, porto dos ***Edomitas***, no golfo ***Elanitico***, formado pelas aguas do ***Mar Vermelho*** e onde o grande rei construira a sua frota.

Não são necessarios mais do que dois dias para se chegar, hoje, da extremidade do ***Mar Morto*** a ***Akabah***, seguindo-se o ***ouâdy Mousa***, o antigo caminho dos conquistadores e das caravanas atravez do deserto!

Este valle é regado, no inverno, por grande numero de torrentes d'agua; durante o estio é secco e ardente, matizado, todavia, por alguns ***oasis*** onde crescem arbustos e arvores sempre verdes, entre as quaes se distingue a acacia ***vera*** e a ***seyal*** que distillam a gomma arabica.

Este é o antigo paiz por onde peregrinaram os ***Hebreus*** sahidos do ***Egypto***. Os curiosos que desejarem conhecer particularmente, ainda, toda a costa oriental do ***Mar Morto*** pódem consultar a erudita obra de ***M. Saulcy***, á qual já fiz referencia.

[1] ***Viagem d'um peregrino a Jerusalém e visita que fez aos Logares Santos em 1817, Frei João de Christo, indigno filho do Seraphico Patriarcha S. Francisco***. Este livro reproduz grande numero de tradições piedosas da Terra Santa e dá amplas informações sobre a forma como se celebram os Officios religiosos em Jérusalem, na igreja do Santo Sepulchro, na Semana Santa. Insere ainda uma tabella de todos os ***Logares Santos*** e das Indulgencias que lhes estão annexas e fornece circumstanciadas informações sobre as muitas dadivas e esmolas que de Portugal têm sido enviadas para a Terra Santa, etc.

[2] ***Deut.***, xxix, 23.

colhendo-se depois aos fojos tenebrosos das fronteiras montanhas do paiz de *Moab*. [1]

A tarde cahia. O famoso *Asphaltite*, que occupa o emprazamento da antiga *Pentapole*, tingia-se já, áquella hora, com as admiraveis côres do sol poente! Approximava-se o momento de nos retirarmos.

As primeiras nuvens da noite e as sombras das montanhas de *Moab* cahiam por sobre as aguas do sinistro lago, attingindo fórmas selvagens, apparencias feericas de phantasmas lugubres!

O solitario lago por sobre cujas aguas, segundo a poetica expressão de *Josepho*, parece aperceberem-se, ainda, as *sombras* das cidades da Sodomitida destruidas, começava já a cobrir-se d'um espesso nevoeiro.

Os primeiros ventos da noite perpassavam já no ar, gemendo e soluçando n'uma orchestração monotona!

Sentia-se mais pronunciado o odôr forte e incommodo das aguas! Alguns dos peregrinos sentiam tambem vertigens, estonteamentos de febre! Todos se queixavam d'um mal estar indefinivel!

---

[1] Maundrell affirma ter testemunhado o mesmo facto. Tambem affirma o mesmo facto de que se diz testemunha ocular o auctor do livro citado a pag. 44 d'este livro, no vol. 2.º, pag. 336. No *Mar Morto* desaguam varias torrentes, entre as quaes é celebre a do *Callirhoë*, onde Herodes o *Grande* foi banhar-se, na esperança de recuperar a saude, morrendo quasi logo! Esta torrente sai das montanhas de *Moab* e é formada por varias nascentes thermaes. Corre no ouâdy *Zerka Mayn*.

E' celebre, tambem, a torrente do *Arnon-ouâdy en Moudjeh*, termo de *Moab*, (Num. XXI, 13), que se lança directamente no *Mar Morto*, cinco leguas ao Sul da de *Callirhoë*. Foi esta torrente que os *Israelitas* atravessaram a pé enxuto. Ella separava a região habitada pelos Amorrheus da dos Moabitas. Num. XXI, 13.

Regressámos ao convento pelo asperrimo desfiladeiro de *Aïn-Thérabeh*, povoado de cobras e de lacraus! Todos manifestavam visiveis signaes de cançaço. Quando entrávamos no mosteiro de *S. Sabas* já os contornos das fronteiras montanhas do paiz de *Moab* se perdiam na fuligem da noite.

Depois d'alguns momentos de repoiso, foi-nos servida a ceia. A noite passou-se tranquilla, no lasso tôrpor a que obrigava o exgottamento das forças, depois da fatigante jornada do dia anterior.

No dia seguinte entrávamos todos, por horas do meio dia, na *Casa Nova*, em *Jérusalem*. [1]

Estava feita a visita do *Mar Morto* e havia, ainda, necessidade — ó desejos insaciaveis de peregrinos e de viajantes! — de fazermos a visita da Samaria, da Galiléa e do Jordão! [2]

---

[1] O itinerario d'esta viagem de regresso está traçado a pag. 222 d'este livro.

[2] Alguns viajantes costumam fazer na companhia do seu *drogman* a visita do Jordão immediatamente a partir de *S. Sabas*. Esta viagem é de seis horas e meia, mais ou menos, isto é, até ao *Logar* do Baptismo de Jesus Christo. D'aqui regressam a *Jérusalem* por Jerichó, Fonte de Eliseu, Montanha da Quarentena e Bethania.

N'esta viagem de *S. Sabas* ao *Jordão*, atravessa-se primeiramente o *Cédron* para ir encontrar-se, a cinco minutos de caminho, mais ou menos, uma cisterna chamada *Bir el-Aarab*, que no inverno encerra agua potavel. D'aqui por deante entra-se já em dominios dos *Beduinos*. O caminho segue atravez de valles, de ravinas e de cristas de montanhas, d'um trilho difficil e incommodo. A região por alli é da mais espantosa desolação que possa imaginar-se! Passa-se, ainda, proximo d'uma cisterna de nome *Bir el-Amâra*, que algumas vezes encerra agua. A pequena distancia d'esta cisterna encontra-se um *Mechâdeh*, que não é mais do que um montão de pedras que téem por fim advertir os *Musulmanos* de que n'este logar elles estão já á vista de *Nébi-Mouça!*

Mar Morto, *Mar Morto*, lago sulfureo d'aguas estagnadas e fundas, sinistro mar d'asphalto, campa liquida onde se fundiram e vazaram todas

---

Nébi-Mouça é um convento, talvez o mais antigo do Christianismo, fundado por Santo Euthymio, no seculo quarto. Kosroës trucidou todos os seus monges, como fez em *S. Sabas* e em muitos outros conventos. Mais tarde é que os *Musulmanos* imaginando que Moysés fôra alli tumulado, se apoderaram d'elle, operando então ahi algumas modificações. Actualmente, como já n'outra parte d'este livro adverti, a pag. 153, a sua entrada é inteiramente prohibida aos Christãos. Para além de *Nébi-Mouça* passa-se junto d'um reservatorio aberto na rocha, de nome *Birket oumm el-Fouss* que nem sempre encerra agua.

A meia hora de caminho para além atravessa-se uma larga torrente chamada *Ouâdy Khérabîeh* e tambem *Ouâdy es-Saranique*. Caminha-se, depois, durante quarenta minutos, mais ou menos, por sobre uma pequena planicie ondulada, de nome *el-Bqâa* e que se estende até á base do *Djabal el-Khamoûm*. Deixa-se, então, pela esquerda o caminho de *Jerichó* para descer-se ao *ouâdy el-Kuaître*, torrente que apenas rola agua quando chove.

Alguns minutos para deante encontra-se a celebre pedra chamada *Nébi Mouça*, á qual alludi já a paginas 236, em nota, d'este despretencioso livro. Ella é esbranquiçada externamente, mas totalmente negra no interior, espalhando quando arde muito desagradavel cheiro.

Encontram-se, ainda, outros *Méchadêh*. O *Mar Morto* apparece, então, á vista, singularisando-se pelas fortes emanações que d'elle se exhalam!

Chega-se, seguidamente, atravessando-se um terreno ondulado, nú e semeado de rochas que parecem carbonizadas, ao *Ouâdy ed-Dâbbour*, larga torrente erriçada de sarças selvagens. D'aqui em deante o solo vai apparecendo coberto, aqui e alli, de manchas brancas produzidas por materias salinas que alli véem incrustar-se.

O caminho segue sempre, agora, serpenteando por entre sarças e moitas de plantas bravas que medram n'este terreno quente e salgado. Por aqui e com especialidade no *Ouâdy ed-Dâbbour*, encontram os caçadores codornizes, rolas, melros, perdizes, chacaes, gazellas,

as depravações da corrupta *Pentapole:* [1] eu nunca mais te tornei a vêr, senão no dia em que, do alto da montanha das *Oliveiras*, te saudei, no

---

lebres e outros roedores! Trinta minutos para além passa-se, pela direita, perto da pequena fonte chamada *Aïn el-Hédjaïr* ou *Sgaïr*, cuja agua é mediocremente boa. Esta fonte, cercada de arbustos, nutre pequenos peixes chamados *Cyprinodon*, ovoviparos, não ultrapassando mais do que sete centimetros de comprimento. *Lortet. Poissons et reptiles du lac de Tibériades et de quelques autres parties de la Syrie.* A doze minutos de caminho está-se já nas margens do *Mar Morto.* D'este ponto até ao *Logar* do Baptismo de Jesus Christo, no *Jordão*, a jornada é de hora e meia de caminho, mais ou menos, atravez, ora de um terreno completamente nú, ora de sarças e moitas de vegetações selvagens!

[1] Maundrell affirma que o Padre Guardião do Santo Sepulchro em Jerusalem que o acompanhara ao *Mar Morto* lhe testificara ter visto ahi ruinas das antigas cidades submersas, visiveis em epochas do anno em que as aguas se encontram mais baixas. Fallam d'isto mesmo ainda outros auctores e viajantes incluindo Strabão. Tacito, Chateaubriand. *Itiner.*, pag. 178. As cidades da *Pentapole*, edificadas no fertilissimo valle de que falla a *Vulgata*, chamando-lhe das *Arvores*, (*Gen.*, XIV, 10), regado como o *Jardim de Jehovah*, como a terra do *Egypto*, eram *Gomorrha*, *Adama*, *Séboïm*, *Bala* ou *Ségor* e *Sodoma*. De *Gomorrha — Kherbet Goumram* ou *Kherbat el Jahoud*, situada na ponta N. O. do lago, existem hoje, apenas, vestigios n'uma fonte de agua dôce, n'um logar chamado *Aïn-Gazal.*

De *Adama*, hoje, nem sequer se conhece o emprazamento! De *Seboïm-Kherbet-Sebâam*, parece estar provado serem as ruinas de uma antiga povoação chamada *Sebeeh*, o seu emprazamento! De *Ségor* hoje *Zoera*, situada a N. O. de *Sodoma*, vêm-se, ainda hoje, algumas ruinas, entre as quaes a d'uma pequena fortaleza. Tambem ahi corre uma pequena fonte. De *Sodoma* finalmente, situada no angulo S. O. actual do lago, junto do *Djebel Esdoum*, — *montanha de Sodoma*, — que foi abrazada pelo fogo do céo, segundo a narrativa do *Gen.*, XIX, 24, existem, hoje, montões de pedras accumuladas! A

meu ultimo e saudoso adeus á santa e illustre Palestina!

---

montanha de *Sodoma* é formada de sal-gemma, coberto por uma leve camada de terra vegetal.

Tambem, em alguns pontos das margens do *Mar Morto*, se vêem, por vezes, alguns fructos. São o *Pomo de Sodoma,*— o *Solanum Sodomeum, de Linnéu.—(Flora Palæstina)*, chamado pelos indigenas *Saccarân*, fructo produzido por uma arvore pequena, espinhosa e que vegeta sempre em moitas; o *Oscar* ou *Kharoub El-Ouaouï*, na lingua indigena, fructo de côr amarella, de succo acre e caustico, de interior esponjoso; e outros. Fallam na antiguidade d'este fructo entre outros, Tacito e Josepho. Maundrell que visitou o *Mar Morto* em 1700 diz não lhe ter sido possivel vêr o pomo de Sodoma e affirma que é elle apenas uma ficção poetica. Foulcher de Chartes que viajou na Palestina em 1100, Ceverius de Vera, Baumgarten, Pedro de la Vallée, Froilo, Roland, Neret, Pocock, Shaw, o padre Nau. todos fallam dos fructos da arvore de Sodoma, uns affirmando a sua existencia, outros negando-a absolutamente. Vid. sobre o assumpto Chateaubriand, *Itin.* vol. 2.º, pag. 180.

Sobre o *Mar Morto* póde consultar-se a obra immensamente elucidativa do *Dr. Gaillardot,* sabio tão modesto quão consciencioso que, durante quinze annos, habitou n'estas regiões. Essa obra intitula-se: *Note sur la Mer Morte et la vallée du Jourdain. Annalles de la Societé d'emulation des Vosges. 1848. Tom. 6.º, 3.ª edição.*

E tambem a obra de *F. de Saulcy*, intitulada: *Voyage autour de la Mer Morte. 2 vol. Pariz, 1853, já citada.*

IX

S. JOÃO DA MONTANHA — AÏN-KARÉM, OU S. JOÃO NO DESERTO [1]

O Deserto de S. João Baptista [2]

Puer autem crescebat et confortabatur spiritu: et erat in desertis usque in diem ostensionis suæ ad Israël.

LUC., *Cap. I, 80.*

Nenhum peregrino no Paiz de Christo omitte a visita da cidade sacerdotal, que foi berço da santa familia do *Precursor.* [3]

Quantos mysterios, quantas piedosas remembranças, que dôces recordações se não prendem alli, áquellas montanhas envolventes!

---

[1] *S. João da Montanha*, a antiga cidade sacerdotal chamada *Aïn*, (*fonte* em arabe) na tribu de Judá, poderá ter, hoje, uma população de 1:500 habitantes entre musulmanos, latinos e gregos scismaticos. Os Franciscanos, além do convento e da igreja parochial, têem lá uma eschola para rapazes. As *Damas de Sião* têem egualmente ahi um convento, uma eschola e um orfalinato para donzellas. Os musulmanos de *S. João da Montanha* são descendentes d'uma antiga colonia de mouros hespanhoes, expulsos da Hespanha por Fernando, o *Catholico.*

[2] A palavra *Deserto* na imaginosa e rica linguagem oriental não exprime, apenas, uma extensão inculta e arida, mas, tambem, um logar isolado de uma povoação. Assim é que diz o *Livro 1.º dos Reis*, XXV, 1 a 3, que David depois da morte de Samuel se retirou para o deserto de Faran; e que havia no deserto de Maon um homem chamado Nabal que tinha as suas possessões no Carmello.

[3] Ha exegetas que têm querido identificar a cidade

Alli viveram Zacharias e Isabel, esses dois sympathicos velhos, de quem o Evangelho de S. Lucas falla com tanto louvor; alli nasceu o maior dos filhos dos homens — João Baptista, o Anjo que Deus promettera, por intermedio do propheta Malachias, para preparar as vias do Senhor; [1] alli, finalmente, foi que a *Virgem-Mãe* veiu visitar sua prima, demorando-se com ella tres mezes. [2]

Os arabes do logar mostram, ainda hoje, com satisfação ao peregrino a *Fonte da Virgem*. [3]

A tradição narra que a Virgem Maria alli ia buscar agua, durante o tempo em que permaneceu hospeda de sua santa prima.

E' uma fonte abundante, a unica da povoação, de uma encantadora apparencia rustica, ensombrada alegremente pelas folhagens das arvores circumdantes e alimentada por um largo jorro d'agua.

---

de Jutta, de que falla *Josuë*, xv, 55, e xxi, 16, com a cidade de Jüdá, referida em *S. Lucas*, i, 39, como a patria do *Precursor*. Robinson (*Biblical Researches*, i, 494) encontrou essa Jutta ainda com o mesmo nome a duas pequenas leguas ao sul de Hebron.

[1] *Malach.*, iii, 1. *Amen, Amen, dico vobis. non surrexit inter natos mulierum major Joanne Baptista. Math.*, xi, 11. Mas o que é menor no reino dos céos é maior do que elle, concluiu o Senhor. Isto é: mais é ser christão do que ser propheta: mais é ser filho de Deus do que filho de mulher; mais é ser santificado interiormente do que exercitar um ministerio exterior.

[2] A tradição que fixa em *Aïn-Karem* o nascimento do Baptista e o *Logar* da Visitação, data apenas do seculo vi.

[3] Por cima d'esta fonte os musulmanos construiram um logar de oração e um minarete. Turcos e turcas ahi vêm fazer nas aguas da fonte as suas abluções antes d'entrarem na mesquita adjuncta a fazerem as suas orações.

Fria e saborosa, eu bebi d'ella a haustos sofregos.

Vaza-se n'uma pequena represa, onde lavam roupa as mulheres da immediação. D'esta desce, cantando vagamente, a fertilisar os campos, hortas e pomares adjacentes, humidos e relvosos sempre das imbibições da agua.

Subindo-se um caminho de calcetamento aspero e cortante, chega-se breve á pequena igreja da *Visitação*, que marca o local onde a Virgem Santissima, chegada de Názareth em visita a sua santa prima, se encontrou com ella. [1].

Um altar de rica ornamentação santifica este abençoado *Logar*.

Ao lado, na parede da pequena igrejinha, vê-se a rocha, tosca e esponjosa, onde, segundo narra a tradição, Santa Isabel escondeu seu filho João á raiva dos sicarios de Herodes.

Lê-se alli a inscripção seguinte: *Dum infantes ab iniquo Herode mactabantur, Elizabeth in hac rupe abscondisse filium suum Joannem continua tenet traditio.* A tradição narra que o rochedo se amollecera como cêra para receber o menino perseguido.

Piedosissimo o pequeno oratorio, todo cheio de recatado mysterio na meia luz, desmaiada e frouxa, coada atravez das janellas baixas!

Annexas á igreja estão todas as Indulgencias dos *Logares Santos*.

Sagrado recinto! Quantas commoventes recordações te santificam!

Sobre o altar da *Visitação*, meio occulto em uma especie de gruta, celebra-se a santa Missa.

Eu lá a celebrei e ah! com que piedade, reconcentrada meditação e fervida compuncção!

E' sempre a Missa votiva da *Visitação* que alli se reza.

---

[1] *Luc.*, I, 40.

Em *Bethléem*, é sempre a Missa votiva da *Natividade do Senhor*, com a alteração seguinte nas ultimas palavras do Evangelho de S. João: *Hic Verbum caro factum est*, assim como no Calvario é sempre a Missa votiva das *Dôres*, que se celebra. [1]

Além do altar da *Visitação* ainda se vê, a dentro d'este pequenino templo, o altar de *S. Zacharias*, que se suppõe marcar o *Logar* da circumcisão de S. João Baptista. E' o que está á direita do altar-mór, n'um nicho da parede oriental.

Externamente, o templo é circumdado por um formoso jardim, onde os franciscanos cultivam mimosas e perfumadas flôres.

Um poço, ao lado, d'aguas frias e abundantes, rega os arbustos em flôr. E' o poço de Santa Isabel.

Adjunctas, vêem-se, ainda, ruinas da velha casa de Zacharias!

O hospicio franciscano está ao lado, distinguido por um alto terraço, d'onde se arremessa como uma flecha para as alturas, para os espaços virgens, para o céo azul, para o ether imponderavel, uma esguia torre!

O hospicio, porém, propriamente dos peregrinos em *S. João da Montanha*, está cá mais abaixo, adjuncto á igreja de S. João Baptista.

Sahindo-se da igreja da *Visitação* e do jardim adjacente, vê-se um templo russo scismatico, em-

---

[1] Há um *Indulto* especial para se poderem celebrar em todos os dias do anno *Missas votivas* nos principaes santuarios da Terra Santa. Assim: na crypta de *Nazareth*, celebra-se a Missa votiva da *Annunciação*, em Bethléem a da *Natividade*, no Santo Sepulchro a da *Paschoa*, no Calvario, no altar da Dolorosa, a de *Nossa Senhora das Dores*, no Tumulo da SS. Virgem, a da *Assumpção*, no Logar do nascimento de S. João Baptista a da *Natividade* do mesmo Santo, *etc.*, *etc.*

moldurado por uma fila d'altos cyparisos, de magestosas coniferas, esguias como espectros, solemnes como pyramides!

Partindo-se... ah! mas como partir-se, como ausentar-se o coração d'aquelle amado Logar?!

Como? Pois não foi alli que a Virgem celeste, abraçada em sua extremosa parenta, teve a intuição plena da sua futura grandeza e gloria de que viria a ser a Rainha de todas as gerações, de todas as raças, e de todos os seculos?

Pois não se passou alli um dos mais ternos e dôces dos seus mysterios?

O Anjo Gabriel, o Anjo amigo de Daniel [1] o mensageiro divino da Encarnação, appareceu um dia na Galiléa á humilde Maria. Saudou-a o Anjo, exclamando: *Avé Maria, cheia de graça; bemdita és tu entre todas as mulheres e o Senhor é comtigo!*

Annunciou-lhe depois Aquelle que havia de nascer della e disse-lhe que lhe chamasse Jesus, isto é, Salvador!

Ora, seis mezes antes, este mesmo Anjo havia sido enviado a Zacharias, esposo d'Isabel, já velha e esteril, annunciando-lhe, quando elle exercia as suas funcções no Templo de Jérusalem, que sua oração seria attendida e que sua esposa seria mãe d'um filho, a quem poria o nome de João.

Entre os hebreus, a esterilidade era um op-

---

[1] *Daniel*, IX, 21. E' Elle o Anjo bom que acalma as duvidas de José, *(Math.*, I, 20), convoca os Pastores e os envia á Créche, previne os Magos da malicia e perversidade de Herodes, *(Math.*, II, 12), desperta José para fugir para o Egypto, *(Math.* II, 13), e mais tarde no Egypto lhe falla para que novamente volte para a sua patria, *(Math.*, II, 19), consola o Salvador no Gethsemani, *(Luc.*, XXII, 43), confirma a Resurreição ás mulheres *(Math.*, XXVIII, 2), e falla na montanha das Oliveiras, depois da Ascensão do Senhor, aos Apostolos. *(Act.*, I, 10).

probrio. Isabel deu occultamente graças a Deus pela haver lavado, com a graça d'um filho, d'aquella nodoa.

O Anjo que annunciara a Maria a divina Encarnação que deveria operar-se em suas purissisimas entranhas, instruiu-a, ainda, do milagre que tambem se havia operado em sua prima Isabel.

Maria, sabedora do facto, deu-se pressa em correr ao paiz das montanhas, onde habitava sua prima, para saudar n'ella todas as maravilhas da graça do Senhor!

Quando entrava, Isabel que a havia avistado já, correu para ella sustendo-a em seus braços.

A' saudação de Maria, Isabel sentiu o filho mover-se nas suas entranhas e, sob a inspiração divina, exclamou: «Bemdita és entre as mulheres; bemdito é o fructo do teu ventre! E d'onde me vem isto, que a mãe do meu Senhor me visite? Sim, á tua voz, o filho que trago nas minhas entranhas estremeceu d'alegria! Quanto és feliz tu que crêste! O que o Senhor te disse ha-de realizar-se!»

Foi então que Maria confiou a Isabel o mysterio da sua Concepção e da sua divina Maternidade.

E, logo, prorompeu no seguinte sublime cantico, rapto da mais alta e inspirada poesia, hymno triumphante da mais pura e ardente fé que a Igreja commemora como o cantico mais sublime da sua liturgia, e que resume, ao mesmo tempo, o mais esplendido grito d'alegria que tem sahido do peito humano: «Minha alma glorifica o Senhor e o meu espirito se alegra em Deus, meu Salvador! Por Elle ter posto os olhos na humildade da sua serva: pelo que eis ahi de hoje em deante todas as gerações me chamarão bemaventurada! Porque obrou em mim coisas grandes, Aquelle que tudo póde e é santo o seu Nome; e a sua misericordia se extende de geração em geração sobre todos os que o temem! Elle manifestou

a força do seu braço: dissipou os que no fundo do seu coração, formavam altivos pensamentos! Depoz do seu throno os poderosos e exaltou os humildes! Encheu de bens os que tinham fome e deixou pobres os ricos! Tomou debaixo da sua protecção a Israël seu servo, lembrado da sua misericordia: assim como o tinha promettido a nossos paes, a Abrahão e á sua posteridade para sempre!» [1]

Assim cantou a Virgem, assim cantou a mais pura Virgem de Nazareth, «louvando ao Senhor, agradecendo suas misericordias, admirando seus altos juizos e dando graças pelo cumprimento da promessa do Messias.» [2] Se algum dia um coração explodiu n'um cantico de inspiradas expressões, foi decerto o da Mãe do Messias, n'este momento!

Nunca a poesia humana ascendeu tanto, em vôos d'inspiração arrebatada, como n'este hymno jubiloso de Maria, que a brilhante concepção do genio hellenico jámais conseguiu egualar.

A poesia é a linguagem do coração e só no Oriente póde o coração arrebatar-se, porque só alli existem as fontes da verdadeira inspiração poetica: noites serenas e silenciosas, céus estrellados de constellações brilhantes, uma natureza eternamente louçã, formosa, primaveril, verde e inspirativa!

Piedosos viajantes que, em *S. João da Montanha*, quando visitais a igreja da *Visitação*, sentis o coração preso áquelle amado Logar e os pés chumbados áquella terra santificada pelas plantas da *Virgem*, vós e eu sentimos e não sabemos exprimir o terno encanto que alli nos prende!

Ah! os ultimos echos do cantico de Maria, parece, ainda, echoarem aos nossos ouvidos!

---

[1] *Luc.*, I, 46 e seg.

[2] A. Souza de Macedo. *Eva e Ave.*

Mas é forçoso que nós partamos!

A nós, peregrinos christãos chegados de longinquo paiz, só nos é dado o espaço fugaz d'algumas horas, as mais das vezes, para gosarmos as mais suaves consolações espirituaes que pódem sentir-se na terra!

*

* *

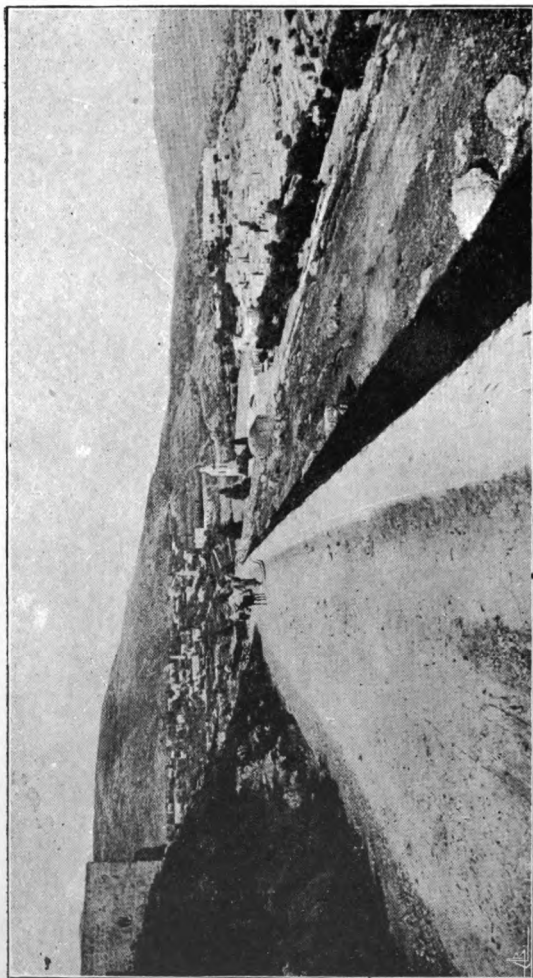
A pequena aldeia de S. *João da Montanha*, sita em meio dos montes judaicos, dista de Jérusalem o espaço de duas horas de caminho, approximadamente. Sahindo-se da Cidade Santa para alli, vai-se seguindo pela antiga estrada de Jaffa, hoje ladeada de bellos predios europeus.

A pequena distancia, dois kilometros, se tanto, logo apparece, na lombada da montanha, pela esquerda, o traço de estrada, perfeitamente conservado, que conduz a S. *João da Montanha*. D'esta bifurcação até alli são, talvez, cinco kilometros.

O trajecto faz-se sempre atravez das montanhas da Judéa que se encadeam por alli, boleadas, em ondulações successivas, em depressões suaves, recortando-se na atmosphera como grandes negruras immoveis!

Vistas principalmente do alto do teso onde se eleva o *Tumulo de Samuel*, — *en-nebi Samouïl* — ellas desdobram-se apparentemente como um enorme leque, aguarelladas de longe a longe, apenas, por uma ou outra povoação que se destaca no fundo anilado do céu, como uma grande mancha preta!

Ao longe alargam-se fundos horizontes, banhados de luz.

A natureza n'aquellas empinadas montanhas é sempre agreste, uniforme e triste, resumida, apenas, a matto anão, panascaes estereis, restolhos de centeio, estevas rasteiras, medronhaes selvagens e galhos seccos de matto!

S. João da Montanha (Aïn-Karém)

Vêm-se n'esta photographia os trez grandes estabelecimentos christãos da aldeia: o convento das Irmãs de Sião, o campanario da igreja de S. João Baptista e o sanctuario da Visitação.

Todavia, de quando em quando, apparecem, aqui e alli, algumas herdades isoladas, cheias de plantações de figueiras e oliveiras!

Um *guia* cuidadoso aponta sempre ao peregrino attento os vestigios que a pequena distancia, em plena montanha, se observam ainda, da antiga Rama, ou *Ramataïm Sophim*, [1] patria do propheta *Samuel*, filho de Elcana ephrateu e Anna. [2]

Depois, quando já vai descendo a vertente das montanhas, a sua mão alonga-se e aponta, no espinhaço de uma serrania fronteira, as velhas ruinas do inexpugnavel castello de *Modin*, [3] d'onde irradiou o grito da liberdade de Israël, vibrado pelos labios dos valentes *Macchabeus!*

O tumulo de *Samuel-Nebi-Samouïl* avulta lá mais acima, na piçarra d'outra agreste serrania, ultimo elo da cadeia orographica dos montes samaritanos.

Agora, a natureza transforma-se, a perspectiva e a paizagem monotona e melancolica das

---

[1] Hoje *Er-Ram*. Esta cidade estava sita entre *Béthel* e *Gabâa*. nos montes d'*Ephraïm*. *Ramataïm Sophim* ainda existia nos tempos de S. Jeronymo, mas era então, apenas, uma pequena aldeia! Ha na *Palestina* muitas villas e aldeias com este nome de *Rama* porque elle significa *altura*, *logar alto*.

[2] *1.º Livr. dos Reis*, ou de *Samuel*, I, 1 e seg.

[3] E' esta a opinião, hoje muito controvertida, de grande numero de palestinologos que crêem sêr a moderna aldeia de *Souba* a antiga *Modin* á qual se prendem recordações historicas do tempo dos *Macchabeus*. *1.º Livr. dos Mach.*, II, 23. *Souba* corôa um dos pontos culminantes da Judéa, sendo um magnifico ponto estrategico. Existe ahi uma magnifica fonte de agua potavel que sahindo da montanha por um aqueducto vai regar os jardins subjacentes. Em *Souba* ainda se vêem vestigios das suas antigas fortificações. A sua população, toda musulmana, não ultrapassa 500 almas.

montanhas, apenas alegrada pela alacreante luz solar, matiza-se e colora-se de cambiantes bizarros!

O profundo valle do *Terebyntho*, tão cheio de recordações historicas apparece, estendendo-se ao fundo d'aquella corda de serranias, todo coberto de grandes e pequenos blocos de *silex*, livres e errantes uns, em estratificação outros, por entre os quaes crescem oliveiras de folhagem luzente e de troncos ferruginosos!

O leito secco de uma torrente selvagem, que desce estrangulada dos visos das montanhas, semelhando uma cicatriz rasgada no seu dorso, corta ao meio o famoso valle.

Foi n'esta torrente que David apanhou as pedras com que derrubou *Goliath!* Foi n'este valle que se feriu o combate das tropas de Saül com os Philisteus. [1]

Elles foram rechassados até Geth, até Accaron, dizimados implacavelmente pelas tropas de Saül! David o heroe, que havia cortado a cabeça do Gigante com a sua propria espada, foi levado até Jérusalem n'uma ovação triumphal, em que as mulheres cantavam incessantemente: Saül matou mil e David dez mil! [2] A espada de Goliath foi collocada como um tropheu em Nobe, no Tabernaculo, e David ahi a foi encontrar fugindo da colera de Saül. [3]

---

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XVII. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial. O auctor do livro *Voyage de Terre Sainte,* impresso em Paris, em 1720, ainda viu os restos d'uma igreja construida pelos antigos christãos no valle do *Terebyntho,* em memoria da victoria ganha por David sobre *Goliath.* Segundo uma outra opinião o valle do *Terebyntho,* é o *Ouâdy-es Sant,* a tres horas approximadamente, ao norte de Beït-Djibrine, terra sita a meio caminho, mais ou menos, de Jerusalem a Gaza.

[2] *1.º Livr. dos Reis,* XVIII, 7.

[3] *1.º Livr. dos Reis,* XXI, 9.

Os nossso pés já calcam e os nossos olhos já vêem, agora, as montanhas que exultaram com o nascimento do *Precursor!*

Desenhando-se na atmosphera limpidissima, apparecem as primeiras casas de *S. João da Montanha*, a patria de S. João Baptista. A aldeia é chamada pelos arabes *Ain-Karin*, [1] palavra que significa em hebraico *fonte das vinhas*. Descança ella sobre um oiteiro, circumdado e recingido por um circulo de collinas, muito mais altas ainda, onde abundam as figueiras e as oliveiras.

Na linha severa e uniforme do horizonte, descobrem-se torres de vigia, castellos, tufos agrestes e raros de medronheiros e de alfostigos!

A agulha esguia da igreja do convento latino [2] fende triumphantemente os ares.

O peregrino vai orar alli, n'uma pequena mas rica crypta subterranea, totalmente aberta na rocha, onde a tradição colloca o nascimento do *Precursor*. [3] Ganha-se alli uma Indulgencia plenaria. [4]

De joelhos, eu orei tambem alli, entoando o

---

[1] Ou *Aïn-Karën.*

[2] Esta igreja foi restaurada por ordem de Luiz XIV, de França. *Marcellus Souvenirs de l'Orient. Cap. 14.* Está construida por sobre o emprazamento da casa de S. Zacharias. Serve, actualmente, de igreja parochial aos 200 latinos da aldeia. O estylo architectural d'esta igreja é simplicissimo. Reparte-se em tres naves e todo o edificio é coberto por abobadas sustentadas em pilares quadrados. O pavimento é formado de marmores variados, formando um mosaico original. O altar-mór é dedicado a S. Zacharias. Ao lado do orgão um quadro representando S. João no deserto, é copia d'um quadro de Murillo.

[3] *Luc.*, I, 57.

[4] Esta capella era uma das camaras da casa de Zacharias, outr'ora. Enquadrados no muro negro da crypta cinco lindos baixos relevos em marmore branco, representam a vida do Santo.

cantico *Benedictus*, n'um ardente arrebatamento d'espirito!

As luzes vivas de seis alampadas espalham, noite e dia, no interior do recinto uma dôce claridade. S. Boaventura exclama, fallando das duas igrejas commemorativas da Natividade de João Baptista e de Isabel: ó feliz casa, ó feliz camara, ó feliz leito onde estiveram taes mães que pariram taes filhos, Maria a Jesus e Isabel a João. [1]

Pela tarde fui ao *Deserto*. Não ia só. Fomos encorporados varios peregrinos, de visita em *S. João da Montanha*, servindo-nos de guia um Religioso franciscano do convento da aldeia.

A tarde estava calida. O sol cahia sobre a terra, áquella hora, em flechas ardentes!

O *Deserto de S. João Baptista* deve distar de *Aïn-Karën*, a distancia approximada de hora e meia de caminho, para o Oeste.

E' um passeio por sobre caminhos invios, rudes, abruptos, escorregadios e pedregosos, atravez das montanhas da Judéa, que por toda a parte formam um cahos de rochas fendidas, de cabeços calvos, de balsas rachiticas, de barrancos cobertos de moitas de arbustos, de arvores torcidas, de toda uma vegetação, emfim, enfezada, anã, murcha e rara!

Logo, a pequena distancia da aldeia, no teso de um oiteiro, o nosso *guia* nss mostrou, á beira do caminho, uma pedra, de cima da qual, segundo é tradição, o *Precursor* annunciava a approximação do *Reino de Deus*. [2] E' o rochedo de *S. João Baptista*. [3]

---

[1] Boavent. *Vita Christi*.

[2] *Math.*, III, 2.

[3] Em 1721 um musulmano pretendendo fazer desapparecer este rochedo tão venerado pelos Christãos, partiu-o em muitos fragmentos que lançou n'um forno a fim de fazer cal. Mas apenas deitou o fogo ao combus-

A meio do caminho, approximadamente, onde se carcava um algar emmaranhado de bravio denso, atravessa-se, ensombrada pela magnifica ramaria de um frondoso aloendro, uma funda represa d'agua que rega algumas vinhas e plantações alqueivadas nas ravinas.

E' este o *ouâdy* [1] *Khandak.*

Ganha-se depois uma chã ladeada de extensas leiras de feno, alvejantes como um extendal de lençoes; só depois que se transpõe o vallo d'urzes e de giéstas que formam o tapume d'estas terras cultivadas, é que apparece o *Deserto.*

O *Deserto de S. João Baptista* é uma solidão, cheia de grandes sombras affaveis, dominando a torrrente do *Terebyntho*, onde, cavada em plena rocha viva, por sobre o flanco oriental do valle de *Beit-Anina*, se abre uma gruta, ornamentada toda artificiosamente pelas volutas caprichosas das heras e das labiadas que espontaneamente vegetam em torno.

Ao fundo ruge a torrente que atravessa o *ouâdy Sathaf;* em frente, na encosta occidental, coberta de plantas varias e de arvores odoriferas,

---

tivel que deveria requeimal-os eis que se ouve uma grande detonação, rebentando o forno e arremessando para longe as pedras ahi amontoadas! O musulmano espantado deu graças a Deus por lhe haver poupado a vida, e conduziu uma d'essas pedras para o convento de *S. João da Montanha,* entregando-a ao *Superior* dos Franciscanos. Desde então essa pedra guarda-se n'um nicho aberto n'um dos muros lateraes da capella de Santa Isabel, á mão direita de quem entra para a sacristia.

Por cima do nicho, lê-se, gravada n'uma placa de marmore, a inscripção seguinte: *Lapis iste super quem steterunt pedes Præcursóris Domini Pœnitentiam agite clamantis juxta desertum Juda, ob traditionem facti perennem, magna in veneratione fuit ab immemorabili tempore et huc positus.*

[1] *Ouâdy,* isto é, *valle* ou *torrente.*

rumorejam as vozes dos arabes da aldeia de *Sathaf*, amanhando os plantios; em roda, arrulham por entre as folhagens as pombas amorosas e gorgeam os rouxinoes palreiros, nasce a herva, alinham-se familias de myrtaceas e de funchos, expandem os seus ramos negros as alfarrobeiras [1] e os limoeiros e derramam pela atmosphera perfumes odorantes e sadias emanações de oxygenio as florescencias novas das acacias reverdecidas!

A encosta, que vai descendo em quintaes, taludes, planos e socalcos até á base da montanha. cobre-se de arvores frugiferas [2] e reveste-se toda de arbustos em flôr, de folhagens luzidias e prateadas!

O logar é deliciosamente poetico, amavel e inspirativo!

Alli no *Deserto*, diz *Origenes:* «o ar é mais

---

[1] A alfarrobeira—*ceratonia siliqua*—é a mais bella arvore da *Palestina*. Os seus frondosos ramos, cobertos sempre de folhas verdes e persistentes, espalham pela terra uma sombra agradabilissima; os seus fructos servem de alimento tanto aos homens, como aos animaes.

[2] As principaes arvores fructiferas da *Palestina* são as figueiras, as oliveiras, as romanzeiras, os damasqueiros, os pecegueiros, as amendoeiras, os limoeiros e as larangeiras, produzindo todas fructos inegualaveis. Tambem se encontram no paiz macieiras, pereiras, ameixoeiras, e cerejeiras, arvores estas, porém, d'importação que, em geral, apenas produzem fructo perto das torrentes d'agua.

A nogueira, apparece, tambem, na *Palestina*, mas raramente.

São muito frequentes as palmeiras que produzem tamaras deliciosas; são communs por toda a parte as amoreiras; os choupos frondejam junto das aguas correntes; os loureiros e os tamarindos apparecem em qualquer parte!

O algodão, finalmente, muito fino e d'uma alvura deslumbrante, desenvolve-se, ainda, em algumas planicies e valles da terra de *Chanaan*.

puro, o céo mais luminoso, Deus mais familiar![1]

O ermo onde se enflorou a infancia e se robusteceu a juventude do filho de Zacharias, encerra uma d'essas deleitosas solidões que a alma deseja muitas vezes para descansar do mundo e viver comsigo.[2]

Uma fonte, d'aguas crystallinas, frescas e dulcissimas, rebenta ao lado da *Gruta*, do seio de um rochedo, n'um jacto forte e abundante, regando tudo em volta, e enchendo tudo de verdura! E' a fonte, é a agua de S. João Baptista![3]

Agua da rocha mysteriosa, agua da solidão,

---

1 *Orig. Hom. 2.ª in Luc.*

2 *Poujoulat.* Correspondencia do Oriente, tom. 4.º carta 96.

Fr. Pantaleão d'Aveiro descreve o sitio, o deserto do Precursor, traçando um quadro descriptivo cheio de aridas penedias, florestas povoadas de feras e de aves de rapina. «Mostra-se uma casa pequena ou antes gruta aberta na rocha viva, com um leito de pedra á feição de poial, aonde se diz que dormia o Santo. Por duas frestas, rasgadas uma ao sul, outra ao poente, entra a luz. A porta fica egual com o tecto. Cinco ou seis passos ao lado, no mesmo penedo nasce uma fonte pequena, que de fóra não dá mais signal de si do que sentirem-se as gottas d'agua cahindo e vêr-se o logar todo cheio de humidade. Contemplando o sitio dir-se-hia que de proposito fôra disposto pela natureza para a vida angelica do Precursor. Ao redondo, vão grandes mattas d'alcaparras e para baixo segue o rochedo muitas vezes quasi a prumo; o valle angustiado entre duas asperas montanhas que se lhe abre aos pés é tão medonho e escuro que faz tristeza só olhar para elle e para o sombrio e vasto arvoredo que o veste.» Fr. Pant. d'Aveiro. Itin. da Terra Santa, cap. 56.

3 Esta fonte é chamada em arabe *Aïn-Hhabise.* A sua agua vai perder-se, ao fundo, no leito da torrente do *Terebyntho* deslisando na primavera, por sobre uma tapeçaria de relvas, gramineas e verduras.

agua bonissima, que saciaste e refrigeraste os labios resequidos do *Precursor*, bemdita sejas!

Agua do deserto, tu dessedentaste a minha sêde, como a agua do Horeb dessedentou a sêde dos hebreus; agua alguma do mundo póde ser-te comparada, ó agua da rocha viva, agua do *Precursor*, agua dos santos, agua dos peregrinos, ó agua da bondade inexgotavel!

Nada te eguala em tua crystallica limpidez; a tua doçura, a tua leveza, a tua pureza, o teu gosto, nada ha, não ha veia na terra, não ha torrente na selva, não ha fonte borbulhante nas montanhas que possa ser-te comparada!

E's mais doce do que as aguas da mythica *Castalia;* vivificante, incolôr e d'uma frescura saudavel, tu és a rainha das aguas da Palestina, a unica que me inebriaste, como se fôras ambrosia de deuses, a unica de quem conservo, ainda hoje, a mais saudosa memoria!

Fonte d'Eliseu, agua do poço de Jacob, lympha da cisterna de David! Não; vós não podeis rivalizar com a agua do *Deserto* do Precursor!

*

* *

A *Gruta* onde João orava, no deserto de Judá, é informe e selvagem, suspensa na encosta d'um oiteiro elevado. Ella é inteiramente natural e, a meu vêr, pouca modificação poderá ter soffrido desde que foi habitada pelo *Precursor*.

Lá dentro abriga-se, hoje, das asperezas do ar e das inclemencias do tempo, um arabe que tem a seu cuidado o cultivo das hortas e dos talhos hortenses adjacentes.

Quando eu lá estive, elle não estava. Não pude, pois, entrar dentro, nem companheiro algum meu.

Segundo informação do nosso *guia* vê-se dentro uma pedra, em fórma de altar, que teria servido de leito ao santo *Precursor*.

Por algum tempo estivemos todos fóra conversando, assentados em pedras, no recosto da ladeira da serra, á sombra discreta, bemfazeja e amiga d'algumas oliveiras de *torsos* opulentos. Tapetavam o solo centenas de folhas seccas desprendidas dos seus talos.

As emanações sadias das arvores circumdantes, os cheiros acres das resinas dos troncos dos eucalyptos das devezas adjacentes, dos lameiros e das estevas que á nossa vista se estendiam, evolavam-se para a atmosphera, n'uma forte e embriagante oxygenação fresca e tonica de vida! Fazia em volta um grande calor enervante. No ar chiavam cigarras estridulas, zumbiam moscas d'azas lampejantes; alguns moscardos isolados vergastavam a atmosphera com as suas caudas asperas, n'uma sêde impetuosa de sangue fresco; borboletas espaireciam, beijando levemente os rosaes silvestres repontando em flôres; bandos de passarinhos volitavam ao grande sol, na alegria serena da luz, com pipilações joviaes, por entre as franças verdes das acacias e amendoeiras, á procura das conhecidas ramarias dos seus ninhos!

Na aba da montanha fronteira alcandoravamse pelas fragas as ovelhas numerosas d'um armento, esmontando os renovos tenros das primeiras hervas da primavera.

De repente todos nós fomos surprehendidos pelo canto longinquo d'uma pegureira que não viamos, occulta talvez, pela aresta, pelo cotovello d'algum fraguedo.

Era uma dôce e repassada canção, uma *volata* d'amôr, quem sabe? que ella entoava. A sua voz fresca, d'um timbre crystallino e meigo, cheia d'encanto, repercutia-se nos echos da serra, como o gemido penetrante d'uma infinda saudade! Eu não sabia o que era que ella cantava; o tom cicioso e mésto da sua canção balbuciada no sonoro idioma arabe, osseo, energico, extraordinariamente guttural, assemelhava-se, todavia,

na sua singela melopéa, ao das cantilenas, á desgarrada, entoadas nas chãs das serras e nas espinhas dos oiteiros pelas pegureiras do meu paiz natal!

A audição d'aquella cantiga gemebunda, produziu em mim uma vibração pungentissima de nostalgia patria! Por um momento eu sonhei com as serranias alpestres, os barrocaes profundos, as brenhas hirsutas, as gargantas apertadas e as quebradas escurecidas pelas sombras dos pinheiros e dos freixos, que, na minha terra, na terra querida onde eu passei os descuidos e as alegrias da minha infancia, emmolduram a torrente fervida do Tamega, que por alli corre estrangulado, refervendo em rôlos d'espumas vaporosas, por entre escarpas e açudes, soltando o gemido longo, maguado, fundo e estorturoso dos agonisantes!

O Religioso franciscano que nos acompanhava, hespanhol de origem, por infelicidade sua estorcendo-se já, como me disse, nas angustias da ataxia, explicou-nos que alguns penitentes, alguns peregrinos, tinham ficado alli já, na *Gruta de S. João*, temporariamente entregues á contemplação beatifica das coisas de Deus!

Fallou-nos de um padre francez que, não havia muito tempo ainda, alli permanecera um anno seguido!

Bebia agua da torrente e comia alguns alimentos frugaes que lhe enviavam do mosteiro franciscano de *Aïn-Karĕn*. [1]

---

[1] Algum tanto acima da *Gruta de S. João* ainda hoje se notam umas ruinas, onde, segundo a tradição, nos primeiros seculos da Igreja, viveram alguns cenobitas, seguindo os exemplos do *Precursor*. Entre elles, segundo *Quaresmius*, deve contar-se *S. Theodosio*. Ainda a pequena distancia da Gruta se vê, hoje, um pequeno sanctuario recem-edificado, que guarda, dizem, o sepulchro de Santa Isabel. Tambem, segundo uma outra tra-

A tarde cahia. O sol, como um enorme lyrio branco, fechava-se já em meio das ondas do mar de Jaffa. A briza vespertina rumorejava alegre por entre os arvoredos proximos. Nós tinhamos que partir d'alli. Todavia, eu estava preso áquelle logar! Fascinava-me aquella solidão! [1] Eu recordava-me do santo, do sobrio e austero *Precursor* que alli durante trinta annos orara, alli se penitenciara, alli se educara em companhia apenas dos chacaes, vivendo a vida das féras, na rude escola da natureza e se fortificara em espirito para o cumprimento da sua gloriosa missão! Parecia-me vêl-o, ainda, á imagem de Elias na presença do rei Achab, vestido com uma simples tunica de pelle de camêlo, [2] cingidos os rins á raiz da carne com um cinto de coiro, não comendo pão, não bebendo vinho nem bebida alguma fermentada, [3] não cortando os cabellos nem as barbas, alimentando-se, apenas, de hervas, de raizes do deserto, da carne de gafanhotos que apanhava e cozia por sobre as pedras e do mel das abelhas que colhia na cavidade dos rochedos e no cortex das arvores! [4]

---

dição colhida por *Quaresmius* os *Magos*, regressados de *Bethléem* ao seu paiz, pernoitaram na *Gruta do Deserto de S. João Baptista*. O auctor do livro *Voyage de la Terre Sainte*, atraz citado, diz ter visto ainda, sobranceiras á Gruta de S. João, as ruinas d'um convento e d'uma igreja e perto d'estas uma alfarrobeira de cujos fructos, que elle colheu, diz, se alimentara o Baptista, segundo era tradição.

[1] Os Franciscanos celebram frequentes vezes por anno Missa na *Gruta do Deserto de S. João*. Ganha-se alli uma Indulgencia parcial.

[2] *Marc.*, I, 6.

[3] *Luc.*, VII, 33.

[4] *Math.*, III e IV. Não deve espantar-nos a linguagem evangelica que nos diz alimentar-se o Baptista de mel selvagem. A Palestina era bem a esse tempo o paiz aben-

Depois o seu rosto transfigurava-se; a palavra de salvação que elle prégava aos homens, irrompia-lhe dos labios, franca, viva, reflexa e impetuosa, como convinha á verdadeira linguagem de Deus! A sua imaginação viva, o seu verbo captivante e sobretudo o accento energico da sua voz, tornavam a sua eloquencia irresistivel!

Eu seguia na minha imaginação o admiravel *Precursor*, em sua longa e fatigante peregrina-

---

çoado onde o leite, o azeite e o mel corriam em ondas: *terra olei atque mellis* (*Deut.*, VIII, 8) *fluit lacte et melle* (*Num.* XIII, 28), elle ahi se encontrava nas fendas dos rochedos, *de petra melle saturavit eos (Psalm.* LXXX, 17). Tambem Jonathas, em plena floresta se deliciou com elle, *(1.º Livr. dos Reis*, XIV, 27) e Sansão o colheu na propria carcassa d'um leão *(Juizes*, XIV, 8).

Os gafanhotos téem sido sempre um flagello na Palestina e ainda hoje o são, invadindo, de quando em quando, em nuvens densas, as plantações e os campos que devoram com uma rapidez incrivel não deixando ficar uma unica folha verde, não se achando o logar sequer onde elles tenham estado, segundo a expressão do propheta Nahum. III, 17. Tambem ainda hoje se cultiva prosperamente a apicultura na Palestina, principalmente em S. João da Montanha, sendo o mel d'alli muito apreciado em Jérusalem. Os cortiços ahi são feitos de terra cosida e consistem em vasos cylindricos mais compridos do que largos. Tambem ainda hoje o mel selvagem é colhido em grande quantidade nas arvores das solidões e nas rochas dos *ouâdys* da Palestina. Os gafanhotos a que allude o Evangelho que serviam de alimentação ao *Precursor,* não são, como téem entendido alguns viajantes, os fructos da alfarrobeira que por alli abunda, mas sim, verdadeiros insectos, como aquelles a que allude o *Levitico*, XI, 21 e 22, e que o Senhor permitte comer. De resto, ainda hoje se encontram habitantes na Palestina que comem gafanhotos cosidos com sal em agua a ferver. e seccos depois ao sol, como na Abyssinia e na Ethiopia, segundo conta *Frédéric Asselquist. — Voyages dans le Levant.* Paris, 1769, 1 vol. Em Medina, na Arabia, ha lojas onde se vendem gafanhotos por medida.

ção, atravez das montanhas da Judéa, pelos confins da Samaria e pelas margens do Jordão! [1]

Parecia-me ouvir, ainda, a sua palavra rude, sahindo-lhe dos labios, cortante, em imagens fortes, em gritos poderosos, como os rugidos d'um leão!

Elle é o typo acabado do prophetismo biblico; Isaias, Elias, [2] o *Theasbita*, [3] o gigante dos prophetas, habitando as cavidades dos rochedos lá na sua aspera solidão do Carmello, d'onde sahia apenas, para como o raio fazer e desfazer os reis, revivem n'elle! As suas palavras penetram as consciencias! Pela sua austeridade, elle impõe-se e commove as multidões!

Fazei penitencia, era o seu grande brado!

«Eis que Deus vem; preparai o seu caminho; arrependei-vos; o Senhor vem para reinar sobre o seu povo, vem como juiz; traz a joeira na mão, purificará a sua eira, ha de joeirar o seu trigo e separar o grão da palha! O grão será recolhido no celleiro e a palha queimada n'um fogo inextinguivel! Se a arvore plantada por Deus não dá fructo, será cortada sem piedade! E' chegada a hora, arvore esteril, em que o machado vai ser posto ás tuas raizes! Vais ser cortada e lançada ao fogo!» [4]

Tal era a prégação do *Precursor!*

Mas era forçoso partir, e eu parti. Dominado por estas impressões, o espirito opprimia-se-me! O horizonte estava já cerrado por entre as flocosidades phantasticas da neblina densa da tarde.

A natureza, sem as claridades do sol, apresentava-se melancolica, agreste e nua. O arrebol do crepusculo franjava já de purpura as agulhas

---

1 *Math.*, III e *Luc.*, III, 3.

2 *Ibid.*, XVII, 10 a 13.

3 *4.º Livr. dos Reis*, IX, 36.

4 *Luc.*, III.

das montanhas! Rutila e scintillante, apparecia no firmamento a estrella Vesper! Sómente, áquella hora, a serenidade do céo, lavado e azul, dominava e alagava tudo!

Ao entrarmos em *Karën*, topámos o ermitão arabe, guarda da gruta do deserto.

Tinha vindo á aldeia fazer compra d'alguns mantimentos e seguia, agora, para a sua gruta, para a sua solidão. Era um magnifico rapaz, de plastica forte, d'um bello e apollineo typo syriaco elançado, corpulento e sadio, [1] christão de crença e do rito maronita. Evidentemente, o ar puro das serras de Judá depurava-lhe o sangue e revigorava-lhe o systema n'uma grande força de saude e de vida!

A' bandoleira, vinha elle d'espingarda, de dois canos, que eu tive o cuidado de examinar. Era uma magnifica caçadeira de fogo central. Atraz, dois perdigueiros.

Disse-nos que se entretinha por lá, em suas aventuras cynegeticas, a bater as lebres e as perdizes, [2] escondidas por entre as urzes dos mon-

---

[1] Em geral o clima palestiniano não é hostil; secco no deserto, é excellente nas boas altitudes. Todavia, no fundo dos valles quentes, grassam e luctam os seus habitantes com as febres rebeldes, as affecções do figado, as ophtalmias, as doenças das entranhas, e, principalmente, contra a lepra, esse horrivel morbo, flagello mysterioso, de origem obscura, cujo remedio medico algum conseguiu descobrir ainda!

[2] As perdizes abundam na *Palestina*. Eu vi por muitas vezes, magnificos bandos d'ellas, tanto na *Judéa*, como na *Samaria*, e na *Galiléa*. Nas immediações de *Jérichó*, eu vi algumas de plumagem matizada d'um pardo claro, pequenas, lindissimas! Por vezes, tambem, os *moukres* e o *drogman* da caravana, encorporado á qual eu fiz a viagem da *Galiléa*, alvejaram magnificos exemplares d'estes gallinaceos, bem como gallinholas gordas e esbeltas codornizes, estas, principalmente, nas margens do lago de *Tibériades*.

tados, nas densas verduras dos corregos e no mysterio impenetravel das brenhas e dos combros fechados de matto espesso e bravo, perdidos nas lombas, nos algares e nos pendores das montanhas de Judá.

Para amostra da sua pericia venatoria, trazia a tiracollo, pendentes da cartucheira, duas perdizes!

— Adeus caçador, *Nemrod* [1] das montanhas!

Foi esta a ultima saudação que lhe dirigi.

Momentos depois, entravamos todos na aldeia. A noite cahia já das arvores, tepida e luminosa, toucando de crepes os cocurutos dos montes. A natureza afogava-se toda nas sombras opacas do crepusculo! O céu salpicava-se d'um largo espargimento d'estrellas, ardendo no espaço como fachos scintillantes e resplandecentes, despedindo raios d'oiro, flechas de chammas de luz eterna.

Por sobre as aguas transparentes do mar de *Génézareth*, eu vi, ainda, bellos bandos de patos selvagens, como estes, que, na minha terra, sóbem d'inverno as aguas revoltas do *Tamega* e que fazem as delicias dos caçadores da minha aldeia! De resto a fauna palestiniana é rica em aves canoras, de plumagens brilhantes, como sejam as *poupas*, muito frequentes na *Samaria*, os *gaios*, os *pintasilgos*, as *andorinhas*, os *verdilhões*, os *abelharucos*, as *alveloas*, os *tordos*, as *toutinegras*, as *corujas etc.*, que vivem por todo o paiz.

Por sobre o mar de *Tibériades*, as aguas do *Jordão* e as torrentes selvagens, deslizam frequentemente *os piscos ribeirinhos!* Os *corvos* abundam, tambem, na terra de *Chanaam.*

As aves de rapina, os *abutres*, as *aguias* e os *falcões* descem das montanhas frequentes vezes ás planicies. Eu tive occasião, ainda, de vêr na *Palestina* varias d'estas aves. Ouvi tambem dizer que no paiz havia *cucos* mas que não cantavam lá!

[1] *Nemrod*, filho de *Chus*, neto de *Cam* e bisneto de *Noë*, foi caçador robusto e homem muito poderoso na terra. *(Gen.*, x, 8 e 9).

As mulheres da aldeia, de costumes simples e patriarchaes, iam e vinham da fonte da *Virgem*, caminhando lentamente, silenciosas e graves, com a amphora da agua poisada sobre o hombro, levemente inclinada para a cabeça, a mão levantada para a sustentar, semelhantes a estatuas gregas em movimento!

Esta aldeia, este logar, esta pequena povoação das montanhas da Judéa, aquecida de sol, bafejada pelo sopro de brizas suaves, gorgeada de trillos suavissimos de mil variadas familias d'aves canoras, lavada de ares puros, cheia de frescuras e de sombras, de pomares e de arvoredos, respira doçura, encanta a vista, exhala saude, vive immersa toda n'uma grande e bucolica pacificação rustica, n'um silencio absoluto de paz religiosa, de quietismo mystico, como se estivesse isolada do mundo, a mil leguas de distancia da terra!

Nenhum ruido perturba esta amavel solidão; o pensamento e a alma sobem d'aqui irresistivelmente para Deus! Os homens trajam largas capas e as mulheres cobrem-se de vestidos, riscados de muitas côres, costumes regionaes sempre inalteraveis; cingem a fronte com uma faxa e envolvem-se em grandes chailes de linho branco, que se assemelham a mortalhas! Ellas respiram toda a virgindade dos costumes puros; o ar de alegria e serenidade que lhes transluz nas faces, fazem-nos lembrar, trazem-nos á idéa a recordação de todos esses sêres mysteriosos, que, lá nos abençoados tempos da Redempção, saudaram aqui os impenetraveis mysterios da concepção de João Baptista e da *Visitação* de Maria!

No convento latino de S. João todos os peregrinos recebem uma hospedagem franca e generosa, pelo espaço de tres dias.

O *Hospicio* é vasto; magnificamente mobilado, offerece todos os confortos. O convento, cercado de altas arvores, andava em obras, ao tempo em que eu estive lá. Pela sua construcção mas-

siça, assemelha-se a um forte, edificado em meio da aldeia. Muitos dos Religiosos que o habitam são de origem hespanhola.

Pareceu-me que o convento era a providencia de toda a miseria da aldeia. Pelo que me toca, é-me grato registar aqui que sempre encontrei por toda a Palestina, nos conventos dos Franciscanos, a mais penhorante hospitalidade.

Se alguem ignora o destino e a applicação das esmolas que no Occidente se recolhem, em Sexta-feira Santa, [1] a titulo de serem destinadas á conservação dos *Logares Santos*, saiba que todo esse dinheiro tem uma louvavel e meritoria applicação, não só contribuindo para as despesas da sustentação do culto sagrado em todos os templos e sanctuarios da Palestina, mas, ainda, para a hospedagem de todos os peregrinos, seja qual fôr a sua raça ou a sua religião, que, de passagem no Paiz de Christo, batam ás portas dos hospicios franciscanos. [2]

No dia seguinte, muito cedo, logo ao dealbar da manhã, ao repontar da aurora, quando os primeiros reflexos da madrugada, as primeiras lindissimas côres vivas e avermelhadas do arrebol começavam ainda apenas a franjar o nascente, e os derradeiros raios argenteos e dôces da lua iam morrendo já na suave claridade da alva, parti eu a cavallo para Jérusalem. Eu e o venerando bispo americano que alli se achava tambem de visita. Todos os outros peregrinos ficaram.

Era, porém, necessario que eu partisse.

N'essa tarde dirigia-se para a Galiléa, atravez da Samaria, uma outra caravana de peregrinos, e

---

[1] Por Lettras Apostolicas dadas em Roma, no dia 26 de Dezembro de 1887 pelo Santo Padre Leão XIII, d'illusre e veneranda memoria.

[2] Vid. Relatorio e Contas da Commissairaria da Terra Santa em Portugal. Anno de 1905. Typographia Cabral — Torres Vedras.

nós tinhamos intenções de encorporar-nos n'ella.

Não foi, pois, sem um grande sentimento de funda, penetrante e repungida saudade, que eu disse o meu ultimo adeus a *S. João da Montanha!*

Eu despedi-me, chorando quasi, d'esse pequenino canto silencioso das montanhas da Judéa que, ainda hoje, vive das recordações de Maria, de Isabel e do santo sacerdote Zacharias!

Mas que! Ao mesmo tempo que se confrangia, o meu espirito alegrava-se!

Eu ia, finalmente, penetrar n'esse solo abençoado e fecundo do paiz de Génézareth, n'essa immensa planicie da romantica Galiléa, accidentada toda de variadissimos aspectos e relêvos, collinas verdejantes, valles floridos, montanhas harmoniosas, correntes d'aguas dôces serpenteando murmurosamente por entre poeticas verduras, lagos azues de margens relvosas, idyllicas, inspirativas e onde não ha um palmo só de terra que não ouvisse e não resoasse com as palavras do Divino Mestre!

Finalmente, os meus olhos iam contemplar o espectaculo grandioso e illimitado que offerecem á vista do viajante as altas montanhas da Galiléa: o grande Hermon, sempre brilhante de neves, semelhante a um zimborio, solitario no céu; os montes biblicos de Gelboë, [1] outr'ora manchados com o sangue de Saül e a pyramide augusta do Thabôr, ainda hoje, rebrilhante dos esplendores da Transfiguração de Christo; o lago celeste de Génézareth, que é a perola do paiz; a planicie de Esdrélon, veiga deliciosa, de matizes bellissimos, mesclada de amarello e de cinzento, como um tapete persa; a cadeia azul do Carmello, re-

---

[1] *2.º Livr. dos Reis*, I, 21. Os montes de *Gelboë*, hoje *djebel-Fôkouä*, na lingua indigena, o pequeno *Hermon-djebel-Dahhy* e o *Thabôr*, constituem os pontos culminantes da baixa Galiléa.

franjada, ao pôr do sol, de largas sombras violaceas; os barrancos sombrios da Samaria, profundos e desolados, fundindo-se nas derradeiras claridades da luz crepuscular; as poeticas margens do Jordão, finalmente, verdejantes, ensombradas, cobertas de salgueiros, de cannas e de tamargueiras de folhagens claras, vigorosas, densas, confusas e luzentes como espadas!
E assim se fecharia o cyclo das minhas peregrinações na terra de Chanaan!

Depois, eu voltaria á minha patria, rejubilante e feliz, na intima satisfação de haver gosado já na terra a maior felicidade que anhelava n'ella o meu coração!

X

Adorabimus in loco ubi steterunt pedes ejus.
PSALM. 131, 7.

Finalmente os meus olhos iam contemplar a illustre Galiléa!

Partindo de Jérusalem, havendo já percorrido grande parte da Judéa, eu ia percorrer agora, essa outra provincia, essa outra gleba que fórma os limites septentrionaes da Palestina e que fôra o theatro do divino apostolado de Jesus, o grande ponto culminante, o immenso campo d'acção do Divino Mestre!

A Galiléa assistira a todas as glorias e a todos os triumphos de Jesus; alli a maior parte da sua vida foi penetrada, foi embebida toda do amôr, da luz paradisiaca do Reino de Deus; a Judéa testemunhara todas as suas ingentes luctas contra o erro, a protervia e o odio das seitas até que a iniquidade da Synagoga o immolou na ignominia da cruz!

Toda a grande obra da minha religião, todo o edificio magestoso da Igreja que Jesus viera fundar na terra, cimentou-se e completou-se na Galiléa!

Se não fôra a vontade do Pae celeste de que seu Filho affrontasse a morte, Jesus poderia ter desapparecido após logo a gloriosa Transfiguração no Thabôr, porque a sua obra estava já feita, nada de essencial faltava já aos seus eternos designios!

Fôra na Galiléa que Jesus evangelizara o povo; alli annunciara Elle o seu Evangelho, isto é [1] a *boa nova* do Reino de Deus; alli promulgara Elle a sua Lei, reunira em volta de si fieis partidarios e discipulos, constituira os seus Apostolos e lançara as bases da sua Igreja; alli designara Elle o seu chefe e lhe conferira os seus poderes; alli revelara Elle, finalmente, no alto d'uma montanha, a divindade da sua missão!

Quando Jesus se determinou a abandonar a Galiléa pela ultima vez, estava verdadeiramente terminado o seu apostolado!

Estando terminados, diz o Evangelho [2] os dias em que deveria ser arrebatado d'este mundo, porque não convinha que um propheta morresse fóra de Jérusalem, voltou Elle resolutamente o seu rosto para a Cidade Santa. [3]

Tinham acabado os dias felizes da sua vida; entrava, agora, o periodo doloroso e ámargo d'ella!

Estava passado, estava findo o reinado da poesia, do idyllio, da festa, do dôce inebriamento mystico e espiritual das almas; de ora em deante não mais se ouviriam sermões nas montanhas, não mais se veriam possessos curados, cortezãs arrependidas, mortos resuscitando, coxos andando á voz imperiosa do Mestre; mulheres de coração candido e de éffusiva ternura não mais viriam derramar azeite purissimo por sobre a sua augusta cabeça e perfumes odorantes por sobre os seus pés sagrados; não mais se fariam pescas miraculosas nas transparentes aguas do mar de Tibériades; as bellas montanhas da Galiléa não mais repercutiriam os echos da dôce voz de Je-

---

[1] *Evangelho*, palavra grega que significa *nova alegre, boa.*

[2] *Luc.*, IX, 51.

[3] *Luc.*, XIII, 33.

sus, fallando aos homens do Reino de seu Pae celestial; estava perdido para sempre o meigo encanto d'esses *lyrios dos campos*, d'essas arvores, d'essas flôres, d'essas sementes, de todos esses sêres animados e inanimados dos quaes o Mestre tirava as suas mais encantadoras parabolas; soara a ultima nota do hymno celestial da paz, da caridade, da misericordia, do perdão e do amôr, que Jesus havia entoado na terra!

A viagem da Galiléa era pois o ultimo ponto, o nó, o termo de todos os meus planos de visita no Paiz de Christo; feita esta, tinha soado a hora de partir para a minha patria querida, para a terra saudosa e bem amada onde, familia e amigos me esperavam, suspirando pelo meu almejado regresso, n'uma ancia irrefreavel, n'um dôce-amargo sentimento incoercivel de terna e pungentissima saudade!

Ah! E como eu estava desejoso de partir! Lá, sob o bello céu do Oriente, contemplando as noites serenas e translucidas, calmas e puras da Palestina, cheias de silencio e de magestade, allumiadas eternamente pelas maravilhosas scintillações das estrellas, eu recordava-me das noites formosas do meu paiz, a minha irritante e quasi infantil sensibilidade nostalgica cruciava-me e, se não fôra o immenso e infinito affecto que me prendia o coração áquella terra abençoada e amada que recebera em suas visceras a semente do Evangelho e recolhera em seu seio as lagrimas e o sangue de Christo, ah! eu, novo filho prodigo da sublime parabola evangelica, errante pelo mundo em lances d'uma vida pittorescamente accidentada de boa e má fortuna, teria regressado immediatamente á minha patria, que eu entrevia sempre atravez do prisma da minha imaginação ardente, da nevoa dos meus olhos magoados pelo pranto da saudade e dos sonhos do meu coração entristecido pela ausencia, teria regressado logo após a minha chegada a Jérusalem!

*

* *

A Palestina é um dos paizes mais bellos, impressionantes e suggestivos da terra; prendem-nos alli todos os encantos da natureza e da vida e todos os encantos das tradições e da historia; paiz algum no mundo existe, talvez, que offereça cambiantes tão bizarros, tão imprevistas mutações de scena, tão graciosos e bruscos contrastes, como a Palestina !

Os seus valles e as suas montanhas estão eternamente immersas n'um profundo silencio; os seus campos são mudos, e logo que o viajante se afasta das suas cidades, encontra por toda a parte a calmaria, a erma e agreste soledade do deserto; os seus dias, cheios de luz, são calidos e ardentes e as suas noites, cheias de estrellas, são luminosas e brilhantes; nada perturba o seu recolhimento; apenas, por momentos, echoam nas amplidões distantes, os raros latidos dos cães e os queixumes doloridos dos chacaes. [1]

Sente-se atravessando aquelle paiz, o desalento d'uma vaga e funda tristeza; ah ! mas isto

---

[1] Os chacaes são os mais communs e os mais numerosos dos animaes selvagens da Palestina. Depois que o sol se põe ouvem-se os seus gritos funebres pelos campos e logares desertos; os seus gemidos assemelham-se aos das crianças! Este animal vive em bandos, e, como as raposas, vive da rapina. Elle é inteiramente inoffensivo. Encontram-se, tambem, lobos na Palestina, mas raramente, uivando pelas gargantas das serranias; encontram-se hyenas, que não inspiram pavor; ursos, apenas no Libano e raros; leopardos, muito raros, apenas em barrocaes inexplorados: raros gatos-tigres, apenas perigosos, quando provocados. Eu apenas vi, na planicie do Jordão, d'entre todos esses exemplares da fauna palestiniana, um bando de chacaes, de olhos vitreos, rubros, como ascúas.

é só porque o espirito não póde consolar-se já da amargura que o punge, recordando-se de que o divino Salvador já não respira aquelles ares, nem peregrina por aquella terra!

O seu encanto, porém, não se perdeu ainda; as suas campinas ainda semelham tapetes de flôres; em parte alguma do mundo as montanhas se desdobram, ondulando em curvas harmoniosas, inspirando mais elevados pensamentos, como na Galiléa; o paiz ainda rescende embalsamado pelo odôr das palmeiras; as pequenas herdades, plantadas de vinhas e ensombradas de bosques de romanzeiras, oliveiras e figueiras que parece terem alli o seu *habitat*, ainda imprimem, hoje, e dão ao paiz com a sua pingue uberdade uma feição idyllica!

Desolada e melancolica, suggestionando profundamente o espirito com as suas paizagens accentuadamente lugubres, a Palestina, apesar de tudo, é e ha de ser sempre aos olhos do mundo a *terra que o Senhor habitou!* [1]

Pela solidão dos seus desertos peregrinaram os santos Patriarchas e á sombra protectora e amiga dos seus frondosos carvalhos, fallaram do futuro, os videntes d'Israël!

Pelos cerrados bosques de Ephraïm, echoaram os maviosos accentos da harpa de David; o Jordão e o Cédron; a Judéa, a Samaria e a Galiléa; o Thabôr, o Hermon, o Garizim, e o Olivete; Jérusalem, Bethléem, S. João da Montanha, Jerichó, Sichem, Názareth, ah! tudo rescende, ainda, tudo falla e relembra, ainda, as mais ternas palavras, os mais extraordinarios mi-

---

[1] Hoje a *Palestina* poderá contar um numero approximado de setecentos mil habitantes, entre os quaes vinte e quatro mil Catholicos, vinte e cinco mil Gregos scismaticos, duzentos mil Judeus, seis mil Drusos, dois mil Métouális e dois mil Armenios. Todo o resto é Musulmano.

lagres e os mais pungentes e dolorosos soffrimentos de Jesus !

Percorrendo toda a terra de *Canaan*, [1] atravessando toda a santa terra da *Promissão*, que fôra dada em herança por Deus ás doze tribus d'Israël, desde Emath até á torrente do Egypto [2] e desde as cordilheiras de Galaad, até ás tempestuosas plagas do Mar Occidental, ah ! eu me parecia vêr, ainda, resurgir do solo, de todo aquelle solo saturado de historia, a alma do passado, a alma de todo aquelle povo, adormecido no somno eterno, no eterno somno dos seculos !

E eu recordava-me dos santos Patriarchas e dos austeros Prophetas; dos illustres guerreiros d'Israël e dos illustres reis de Judá; eu recordava-me de todas essas illustres personagens biblicas e de todas essas illustres mulheres dos mysterios da antiguidade, que passaram pela terra, guiadas pela mão de Deus !

---

[1] Assim chamada de *Canaan*, neto de Noë, que povoou a Palestina com os seus descendentes. *(Num.*, XXXIII, 51). Esta palavra *Canaan* significa "região baixa" e foi empregada talvez em opposição ás terras altas do Libano e Gilead. (Peréa). *(Num.*, XXXIII, 51. *Josuë*, XXII, 32).

Dos descendentes de Jacob foi chamada terra d'Israël *(1.º Livr. dos Reis*, XIII, 19). Este nome foi restringido, depois da separação das Tribus, apenas ás terras do norte. *(2.º das Chron.*, XXX, 25. *Ezech.*, XXVII, 17).

Foi a Palestina chamada tambem, Terra da Promissão, nome derivado das promessas feitas por Deus a Abrahão e sua descendencia. *(Gen.*, XII, 7, 13 e 15. *Hebr.*, XI, 9) e Palestina dos Philisteus, etc.

Tambem a Palestina é chamada Terra Santa em *Zach.*, II, 12. A *Terra* simplesmente em *Ruth.*, I, 1.

Para um estudo completo da Geographia da Palestina vid. a erudita obra do Dr. George Adam Smith, *Historical Geography of the Holy Land.* pag. 49.

[2] A Torrente do Egypto é designada na Biblia como o extremo sul da Terra da Promissão. *(3.º Livr. dos Reis*, VIII, 65. *4.º Livr. dos Reis*, XXIV, 7. *Ezech.*, XLVIII, 28. *1.º Livr. das Chron.*, XIII, 5. *2.º Livr. das Chron.*, VII, 8)

Eu me parecia vêr, ainda, conversar ainda com Abrahão, o Pae de todas as gentes, offerecendo a Deus o seu proprio filho Isaac, no alto do monte Moriath e o venerando Jacob, pae dos chefes das doze Tribus d'Israël, fugindo para Haram, para casa de Laban, a fim de evitar as iras de seu irmão Esaü; a terna e amorosa Agar, voltando o rosto para o lado, no deserto de Bersabéa, para não vêr morrer seu filho Ismaël; José, o casto adolescente, vendido por seus irmãos, a mercadores egypcios; Moysés, o austero legislador, atravessando os desertos de Sür, de Sin, de Pharan e de Zin, commandando o povo de Deus, sahido do Egypto, da terra de Gessen; Job, o santo patriarcha da Iduméa, chorando as suas desgraças sobre um monturo; Gedeão, o venerando juiz, malhando trigo e recebendo a visita d'um anjo; Debbora, a prophetiza inspirada, poeta, juiza e guerreira, [1] distribuindo a justiça, á sombra das palmeiras de Ephraïm; Johel, a mulher forte, reanimando nos combates, com seus canticos, os intrepidos filhos de Judá; Booz, o bondoso rendeiro, todo occupado na azafama das ceifas; Tobias, o sympathico velho, correndo ao encontro de seu filho, que voltava de longa jornada; Elias, *o raio de Deus*, fazendo cahir fogo do céu, para accender a lenha verde do sacrificio; David, o piedoso rei, derrubando com a sua funda o gigante Goliath; Salomão, o *amado do Senhor*, recebendo a visita da bella Nicaulis, resplandecente como um sol, montada no seu dromedario de Epha; [2] Abigaïl, a mulher prudente, cuja fronte brilha aureolada com uma immarcessivel corôa de gloria; [3] Esther, a formosa rainha, salvando a sua raça d'uma destruição eminente; Judith,

---

[1] *Juizes*, IV, 5.

[2] *2.º dos Paral.*, IX, 1 e *3.º Livr. dos Reis*, X, 1.

[3] *1.º Livr. dos Reis*, XXV, 3.

a destemida heroina, libertando Bethulia das mãos de Holophernes; Isabel, finalmente, a justa, santa e terna esposa de Zacharias!

Vendo um cedro, eu lembrava-me, ainda, do Templo de Salomão, construido com cedros do Libano; [1] vendo um carvalho, lembrava-me dos que ensombravam o valle de Mambré e d'aquelle em cujos galhos ficara suspenso Absalão; [2] vendo um sycomoro, [3] lembrava-me de Zacheu; [4] vendo uma figueira, lembrava-me d'aquella debaixo da qual estava Nathánaël [5] e d'aquella que foi amaldiçoada por Christo; [6] vendo um therebintho, lembrava-me d'aquelle que estava por detraz da cidade de Sichem, [7] junto ao qual sepultou Jacob os idolos das suas mulheres; vendo uma aroeira, lembrava-me de Suzanna; vendo uma vinha, [8] lembrava-me das de Engaddi; [9] vendo um junipero, lembrava-me d'aquelle a cuja sombra se acolhera Elias, fugindo das iras de Achab; [10] vendo um cacho d'uvas, lembrava-me dos explora-

---

[1] *2.º dos Paral.*, II, 8.

[2] *2.º Livr. dos Reis*, XVIII, 10.

[3] O sycomoro—*Ficus sycomorus, a arvore da paz e do descanço*—é um tronco robusto, de longos ramos horizontaes, produzindo pequenos fructos de côr verde e de gosto insipido, aos quaes alludia já o propheta Amóz, (VII, 14). A madeira d'esta arvore é leve e duradoira. Encontram-se muitos sycomoros por toda a Palestina, principalmente em Jaffa.

[4] *Luc.*, XIX, 4.

[5] *João*, I, 48.

[6] *Marc.*, XI, 14.

[7] *Gen.*, XXXV, 4.

[8] A vinha floresce ainda hoje, maravilhosamente por todo o paiz, produzindo um vinho muito estimado pela sua doçura e fôrça alcoolica, capitosa e cerebral.

[9] *Cant. dos Cantic.*, I, 13.

[10] *3.º Livr. dos Reis*, XIX, 5.

dores que Moysés mandára á *Terra Promettida;* [1] vendo uma palmeira, lembrava-me das de Cadés, [2] uma rosa, das de Saron, uma espiga, [3] das de Ruth, [4] um cardo, dos do Libano, um cypreste, dos de Sião, uma lentilha, das de Esaü, uma mandragora, das de Lia, um hyssope, dos de David, uma oliveira, das dos *campos*, um lyrio, dos dos *valles;* [5] vendo o nardo, finalmente, ou a myrrha, ou o aloës, ou a açucena, ou o zimbro, ou o balsamo, ou o cinammomo, eu lembrava-me das plantas que adornavam o sagrado horto de Gethsémani!

Era uma caravana que passava? Parecia-me vêr, ainda, o tropel dos camellos e dos dromedarios, vindos de Madian e Epha!

Ouvindo balir um cordeiro, eu recordava-me do Cordeiro paschal; vendo um aprisco, parecia-me vêr, ainda, as ovelhas de Jacob, de Cedar e os touros de Nabaioth; ouvindo ladrar um cão, [6] eu

---

[1] *Num.*, XIII, 24.

[2] *Eccles.*, XXIV, 18.

[3] O milho cultiva-se hoje na Palestina, ainda que em pouca quantidade.

[4] *Ruth.*, II, 3.

[5] *Cant. dos Cantic.*, II, 1.

[6] Os cães na Palestina abundam por toda a parte, errantes e vagabundos, em maior ou menor numero consoante a maior ou menor quantidade de detritos que encontram para se alimentarem. Elles não atacam o homem a não ser que sejam provocados. Quando se lhes dá de comer elles acompanham os viajantes e as caravanas exercendo a vigilancia e servindo de guarda aos acampamentos durante a noite. Os cães na Palestina são de grande utilidade hygienica porque devoram rapidamente todas as immundicies. Os naturaes reconhecem isto pois que se irritam quando vêem maltratar um cão. Em Jérusalem estes cães errantes abundam pelas ruas, conhecendo cada qual o seu bairro proprio que não pódem abandonar sem logo serem reconhecidos e atacados pelos seus congeneres do bairro que invadem ou atravessam! (Vide nota 1.ª pag. 133).

recordava-me do de Tobias; avistando um asninho, logo me acudia á imaginação aquelle em que Jesus montara, entrando em Jérusalem; o regougar d'uma raposa, [1] trazia-me á memoria as raposas de Sansão; o vôo d'um corvo [2] que atravesssasse o espaço, recordava-me o das torrentes, [3] e aquelle que levava pão a Elias; finalmente, uma rola que gemesse, ou um pombo que arrulhasse, recordava-me a humilde offerta da Virgem Santa, feita ao Templo, no dia solemne da sua *Apresentação!*

A contemplação d'uma estrella, lucilando no firmamento sempre azul e sereno da Palestina, trazia-me á idéa a estrella de Jacob e a estrella dos *Magos;* bebendo n'uma cisterna, eu recordava-me d'aquella dentro da qual foi lançado José por seus irmãos; vendo uma piscina, recordava-me da de Siloë; um reservatorio, dos de Salomão; um poço, d'um dos muitos que fôram excavados por Isaac; uma fonte, da que foi dulcificada por Elyseu; uma torrente, da do Cédron; em todos os montes que enxergava, emfim, ém todos os valles e em todas as collinas que á minha vista se apresentavam, eu me parecia vêr, ainda, a sombra de algum Patriarcha, d'algum Propheta ou d'algum Discipulo de Jesus!

Em Jerichó, eu respirei e aspirei, ainda, o inebriante aroma das rosas dos seus jardins; junto das aguas tranquillas do mar de Tibériades, eu ainda cri ouvir as vozes tumultuosas dos Apostolos, pescando; ainda escutei as dôces palavras do *Precursor*, baptizando Jesus nas sacras aguas do Jordão; em Bethléem, acudi, ainda, á semelhança dos *Pastores*, á *Creche* divinal; saudei as

---

[1] A raposa, hoje, é rara na Palestina.

[2] Os corvos são, hoje ainda, muito frequentes na Palestina. São algum tanto maiores do que o melro e téem uma linda côr pardo-clara.

[3] *Prov.*, xxx, 17.

montanhas que exultaram com o nascimento do *Baptista;* misturei, ainda, as minhas lagrimas com as lagrimas de Jesus, no sagrado horto de *Gethsémani;* ajoelhei-me na crista da santa montanha do *Olivete*, parecendo-me vêr, ainda, o Mestre, ascendendo ao céu n'uma nuvem; entrei no valle de Josaphat, onde meditei repungido todos os tremendos mysterios do Juizo Final; saudei de longe, ainda, os visos do grande Hermon, esguios e inacessiveis, estampando-se no céu em linhas brancas, eternamente toucadas de neves, as montanhas do paiz de Sichém, onde assentavam os logares santos da edade patriarchal, as montanhas de Sullém, cheias de terriveis recordações e os plainos ondeados da Gaulonitida e do Pereu, envoltos semprê n'uma especie de atmosphera avelludada; subi o Thabôr, onde Christo se transfigurou, montanha pyrâmidal que mergulha no espaço a sua bella fórma arredondada, que a antiguidade comparou a um seio; colhi, na santa montanha de Sião, um ramalhete de myrrha e ajoelhei-me, finalmente, junto do santo *Sepulchro* da Virgem e em frente ao *Santo Sepulchro* de Christo, soluçando ahi as mais ardentes e fervidas preces da minha alma!

Toda a Palestina por onde o divino Salvador da humanidade peregrinara, ensinando os homens, constituia a nação do povo Judeu e dividia-se, áquelle tempo, nas tres provincias da Judéa, da Samaria e da Galiléa.

Eu atravessei todas estas tres provincias que Jesus percorrera por varias vezes, evangelizando o povo.

Ao tempo do Salvador, todo o paiz florescia em riquezas materiaes e encantava os olhos do estrangeiro, desenrolando á sua vista perspectivas deslumbrantes!

Os hortos de Názareth, delicioso retiro onde se enflorara a infancia de Jesus, viçavam cultivados de oliveiras, das quaes se extrahia o oleo que servia para ungir a cabeça dos reis d'Israël!

O Carmello, ostentando as suas bellas linhas, terminadas por uma ponta abrupta e povoado pelos austeros discipulos do propheta Elias, estava coberto d'uma vigorosa e exhuberante vegetação de alperceiros, damasqueiros e outras preciosas arvores da flora oriental !

As alturas do Libano rebrilhavam coroadas de macissos de cedros, e Cadés occultava-se por detraz de moitas de cyprestes !

Os valles da Galiléa, ainda hoje na primavera tão planturosamente verdes, tão ferteis e tão fecundos, transpirando aqui e alli fumos d'ignota poesia, estavam semeados, então, de terebinthos, sycomoros, figueiras e palmeiras, cujos fructos alimentavam os arabes, vindos dos desertos da Iduméa !

Os desertos da Samaria, hoje tão solitarios e tão tristes, eram então continuamente atravessados pelas caravanas, que procuravam dessedentar-se em suas cisternas, a si, aos seus gados e aos seus camellos !

Os campos de Zabulon encantavam os olhos, matizados de violetas !

Os cerrados bosques de Ephraïm e as profundas brenhas da tribu de Manassés, embalsamavam os ares com as suas odoriferas essencias !

Jerichó rescendia com o aroma das suas rosas e alegrava a vista com as suas longas filas de esbeltas palmeiras !

A Galiléa, sobretudo, superabundava ao tempo de Jesus, em prosperidade e alegria.

A quem alli chegava, depois de atravessadas as aridas montanhas da Judéa, com a vista cansada de espraiar-se por sobre a solidão desolada das melancolicas charnecas samaritanas, deparava-se repentinamente á vista um maravilhoso scenario, o limiar d'uma região encantada, desenhando-se ao longe e ao largo, no céu, nas aguas, nas planicies e nas montanhas, em fórmas azues, vaporosas, vagas, refulgentes !

Céus e aguas, planicies e montanhas, succe-

diam-se umas ás outras em proporções suaves, cadenciadas, como a prosa, o idyllio, a poesia!

Semeada de pequenas cidades e de grandes aldeias, era a Galiléa um paiz de feição idyllica e deleitosa, um paiz risonho e amavel, cheio de encantos e de sombras, o verdadeiro paiz do Cantico dos Canticos e das canções do Muito Amado!

As suas campinas semelhavam tapetes de flôres; silenciosos regatos, povoados de pequenas tartarugas, [1] de olhos vivos e meigos, deslizavam serenos por entre a fresca relva dos seus prados!

Uma excellente e fecunda irrigação dividia e separava em jardins amenos e deliciosissimos hortos toda aquella terra encantadora!

Immersos na torrente boa da agua fertilizante, surgiam renques symetricos de bellas arvores, viçosas e copadas, ramalhando ao sol, cyprestes negros irradiando reflexos prateados, magnolias soberbas de franças immoveis, estrelladas de grandes flôres brancas, palmeiras esbeltas agitando no ar os seus grandes leques, oliveiras verdes entremostrando os seus fructos cinzentos, amoreiras de folhagem espessa occultando mysteriosamente larvas de seda; toda uma uberrima e resplandecente vegetação de vinhas espreguiçando-se pelas encostas e marchetadas de fructos de prata e oiro surgia alli á vista do estrangeiro!

Pela fertilidade do seu solo e pela variedade dos seus sitios, a Galiléa era a provincia mais afamada da antiga Palestina.

---

[1] As tartarugas communs -- *testudo mauritanica* -- a tartaruga *Ibera*, a tartaruga grega -- *testudo græca* -- de côr doirada, a pequena tartaruga d'agua -- *Emys caspica*, são, ainda hoje, abundantes na *Palestina*, principalmente na torrente do *Cison* e no *ouâdy Melek*, na Galiléa. Nas costas da Syria encontram-se, tambem, tartarugas prodigiosamente grandes. Estas são as tartarugas do mar -- *chelonia chouanna*. Em setembro pescam-se em *Jaffa* tartarugas d'estas pesando oitenta kilos!

Josepho chamava-lhe *um grande jardim de trigo!* [1]

Cobriam as suas montanhas largas florestas de carvalhos e de pinheiros; em meio das plantações das suas vinhas, dos seus olivaes e das suas figueiras, dos seus vastos prados e dos seus espaçosos campos cultivados, alvejavam os casaes.

Toda a sua vasta superficie de noventa a cem milhas quadradas, limitada, ao Poente, pelo territorio de Tyro e de Sidon e pela cadeia azul do Carmello, ao Sul, pela Samaria, ao Norte, pelo rio Leontes, e pelos cerros do Anti-Libano que a separavam da Phenicia e a Leste pelo alto Jordão, pelo lago de Génézareth e pelos territorios de Gadara, de Hippos, e de Schythopolis, [2] ostentava

---

[1] Josepho, *Bell. Jud.*, Livr. III, cap. 4.º. Varios historiadores da antiguidade descrevem a Palestina tecendo os maiores elogios á formosura das suas paisagens, á uberdade do seu solo e á opulencia das suas cidades. (Vide Ammiano Marcellino, libr. 14, cap. 8. Tacit. Hist. Libr. 5, 1. S. Jeronymo. Commentario a Isaias).

[2] Era uma das cidades da *Decapole*, a maior das dez, na margem direita do Jordão, sobre as montanhas de *Gelboë*, a *Bethzan* ou *Beth-Séan*, na tribu de *Issachar*, dada em herança a *Manassés. (Josué*, XVII, 11). Depois da batalha de *Gelboë* os Philisteus conduziram os corpos de Saül e de Jonathas, e os foram pendurar nas muralhas d'aquella cidade. *(1.º Livr. dos Reis*, XXXI, 10). Os habitantes de Jabés de Galaad, marchando toda a noite tiraram o cadaver de Saül e os dos seus filhos do muro de *Bethsan* e voltaram para Jabés de Galaad onde os queimaram e tomaram os seus ossos sepultando-os no bosque de *Jabés* jejuando depois sete dias. Os carvalhos de *Besan* eram celebres outr'ora, quasi eguaes aos cedros do Libano e as suas ricas pastagens engordavam numerosos rebanhos. *(Mich.*, VII, 14. *Jer.*, L, 19. *Isaias*, II, 13.) Ainda hoje alli se encontram bellas ruinas d'um amphiteatro, d'um hyppodromo e d'uma igreja, convertida, agora, n'uma mesquita! A *Decapole, Decapolitana, ou Liga das Dez Cidades*, foi explorada no principio do se-

elevados planaltos, altas montanhas, planicies, collinas e frescos valles, regados por fontes sem

---

culo dezenove por *Seetzen*, viajante allemão, nascido em *Ostfrisia*, em 1767, que desceu até ahi e até ao *Mar Morto*, depois de haver explorado os territorios do *Haouran* e *Djolan*, sitos a sueste de *Damasco*.

Gadara, que conjunctamente com *Pella*, constituia, ainda, uma das cidades da *Decapole* mais importantes, reconhece-se, ainda hoje, na aldeia arabe de *Mkês*, pelas suas ruinas abundantes em sarcophagos e columnas. Ella foi outr'ora uma grande cidade, favorita das Musas, a patria do rhetorico Theodoro de Gadara, do poeta Meleagro de Gadara, do satyrico Menippo de Gadara. Os destroços dos seus theatros são bem visiveis ainda. D'essa rica e bella metropole da Peréa, hoje *Oumm-Heiss*, restam escombros, triturados pelos tremores de terra e pelas mordeduras do sol implacavel, habitados por chacaes e *fellahs*, alojados como troglodytas, nos tumulos vasios, apesar da prohibição formal do *Korão*. De *Gadara*, *Seetzen* foi até *Abil*, a *Abila* dos antigos, a algumas leguas para leste. Elle a encontrou totalmente arruinada e abandonada, cheia, porém, ainda de bellas ruinas que attestavam o seu esplendor passado! Sahindo do districto de *El-Bathin*, *Seetzen* entrou seguindo para o sul, no de *Edschlun*. Foi alli encontrar as ruinas importantes de *Dscherrasch*, que não são outras mais do que as da antiga *Gerasa* e que pódem ser comparadas com as de *Ba'albek* e as de *Palmyra!* Esta cidade está edificada n'uma planicie descoberta, muito fertil e atravessada por um rio. O viajante contou alli perto de duzentas columnas que ainda supportavam, em parte, o seu entablamento!

Seetzen atravessou depois a *Zerka*, o *Jabbok* dos historiadores hebreus, que formava o limite septentrional do paiz dos Ammonitas (*Gen.*, XXXII, 22), penetrou no districto de *El-Belka*, paiz outr'ora florescente, mas então absolutamente inculto e deserto, onde se não encontra mais do que uma só villa — *Es Salt* — a antiga *Ramoth Galaad*. Visitou em seguida *Ammann*, celebre, com o nome de *Rabbath Ammon (Philadelphia)*, entre as cidades decapolitanas, no paiz dos Ammonitas, a cujos habitantes escreveu S. Jeronymo uma carta, junto d'uma

numero, atravessados por um rio sagrado e embellezados por um mar interior.

Os grandes caminhos commerciaes que ligavam as mais importantes cidades do littoral, como Ptolomaïs, Tyro e Sidon, com Damasco e a Mesopotamia, atravessavam a Galiléa, dando-lhe uma grande animação.

Os *Romanos* tinham traçado n'ella os mais bellos *specimens* das suas estradas da *Campania;* os *Gregos* e os *Egypcios*, ahi tinham aberto essas largas veredas por onde transitavam com os seus camellos até *Memphis!*

A Galiléa era o jardim da Syria, um pedaço da Italia sob o céu da Asia! [1] Ao murmurio das suas aguas dôces, á sombra espessa dos cedros do seu *Hermon*, dos verdes carvalhos do seu *Carmello*, dos seus jardins de flôres e de fructos, de palmeiras, de myrtos e de laranjeiras, a alma inebriava-se, repassava-se toda do dôce encanto das grandes bellezas pantheistas!

Se ha na terra um logar em que o homem sinta a estreiteza da vida civil, a instabilidade dos interesses do mundo, a contingencia fugaz das affeições e dos desejos, é alli, n'aquelle vasto e socegado horisonte, em que parece que o céu

---

das nascentes do *Jabbok* e onde se encontram ainda bellas antiguidades; *Eléala,* antiga cidade dos Ammonitas, *Madaba,* chamada *Madba,* no tempo de Moysés, já no paiz de *Moab,* onde hoje existe uma pequena communidade de beduinos catholicos, governados por um cura latino, e que vêm offerecer á venda aos viajantes, moedas antigas, e seguindo sempre para o Sul, já na primitiva tribu de *Ruben,* explorou o monte *Nébo, Diban,* o paiz de *Kérak,* patria dos Moabitas, as ruinas de *Rabba (Rabbath Moab)* residencia dos antigos reis do paiz e chegou, depois de numerosas fadigas, atravez de montanhas abruptas, á região situada na extremidade meridional do *Mar Morto* e que é chamada *Gor ez-Szophia.*

[1] Vid. Josepho, *Guerra dos Judeus,* livr. 3. cap. 4.

exerce mais profundamente a sua attracção infinita sobre a alma captiva. Jesus educou-se alli, á vista de todas aquellas doces paizagens da Galilêa, sob a influencia benigna das brizas do Carmello, dos effluvios saudaveis da serra do Thabôr, de todas as terras patriarchaes das tribus do norte, suavemente adormecidas entre figueiraes viçosos e vinhedos resplandecentes.

Aquelle humido paraizo da Galiléa, fechado todo por um circulo apertado de montanhas harmoniosas, cortado de regatos azulados, derivando tenues e mansos, como que sonhando, por entre frondosas espessuras de tamargueiras e nogueiras, era nos tempos de Jesus a terra do ideal, da virtude e do sacrificio. Jesus verdadeiramente devêra ter nascido e deveria ter-se creado alli; a Judéa, aspera, secca, com as suas collinas calvas e os seus valles cobertos de pedras e urzes, não podia crear mais do que pharizeus fatuos, argumentadores, vaidosos, e escribas lapidadores de homens. Só essa seiva oxygenada, sadia e forte das arvores da Galilêa podia fortificar os espiritos d'esses homens justos d'Israël que tiveram e ensinaram altos pensamentos de justiça, de verdade e de amôr, como fôram Judas Galaunite, Hillel, Jesus filho de Sirach, Gamaliel, Schammaï, e sobre todos o divino Jesus de Nazareth.

A joia, porém, d'esta provincia da Galiléa, era o lago de Génézareth.

Nas suas margens floresciam grandes e importantes cidades: Hippos, Gamala, Gergesa, Bethsaida Julias, na margem oriental, Capharnaüm, Bethsaïda, Magdala, Tibériades, Tarichéa e outras na margem occidental. [1]

---

[1] De algumas d'estas cidades restam ainda ruinas magestosas, principalmente de *Gamala*, que foi a ultima cidade destruida antes do cerco de Jérusalem, por Tito e Vespasiano, no anno 69, a 23 d'Outubro.

O mar de Tibériades illuminava com os seus largos horizontes, banhados de luz, a incomparavel tela das suas aldeias, das suas cidades, das suas quebradas e das suas planicies!

Por sobre as suas aguas, leves, azues e transparentes, deslizavam cegonhas, fingindo ares de pudicicia, cysnes e pelicanos de compostura donairosa, simulando gravidade magestatica!

As suas vagas vinham expirar dôcemente nas praias, espreguiçando-se por sobre taboleiros de verdura, massiços de flôres, moitas poeticas e floridas de myrtos, narcisos e nympheas!

Vegetavam nas suas margens a nogueira do *Caspio*, a figueira da *Syria*, a palmeira do *Nilo*, a laranjeira da *Sicilia*, o carvalho e o cypreste do *Norte!*

Sobre cada ponta de rocha avistava-se uma cabana de pescador ou de barqueiro; sobre cada monticulo de terra um ramalhete de trigo, de videiras, d'arvores, de flôres! [1]

---

[1] *Josepho* deixou-nos a pintura seguinte do paiz de *Génézareth:* "A terra que cérca o lago de *Génézareth* e que tem o mesmo nome, é admiravel não só pela sua belleza, como pela sua fecundidade. Não ha uma planta só que não germine ahi! O ar ahi é tão temperado que é admiravelmente propicio a toda a especie de fructos. Vê-se ahi uma enorme quantidade de nogueiras; vêem-se arvores amantes dos paizes mais frios; arvores que necessitam dos maiores calores, como as palmeiras e arvores que buscam os climas dôces e temperados, como as oliveiras e as figueiras! De fórma que a natureza, n'um esforço d'amôr por este bello paiz, compraz-se em alliar alli as coisas mais oppostas; ella não produz ahi sómente excellentes fructos, mas os conserva, ainda, durante muito tempo, de modo que pódem comer-se uvas e figos durante dez mezes e outros fructos durante todo o anno!„ (Josepho. *Guerra*. Livr. 3.º. Cap. 35). *Antonino Martyr*, pelo anno de 600, antes da invasão musulmana, ainda

Nos bosques que marginavam as suas praias, ensombrados de palmeiras e sycomoros, cantavam rolas esbeltas, cotovias cristadas e melros azues, tão velozes e tão leves, que não curvavam os debeis raminhos das arvores em que poisavam!

De longe em longe, finalmente, para que nada faltasse na belleza do quadro, recortavam-se, nas chanfraduras do lago, promontorios de verdura encantadora, povoados de aloendros, tamargueiras, alcaparreiras espinhosas, de toda a verde exuberancia das arvores nascidas na agua!

As caravanas enchiam os caminhos, á volta do lago.

As cidades que o emmolduravam, agitavam-se todas, no grande movimento da vida.

D'entre ellas, era mais celebre, pela passagem das caravanas, *Capharnaüm!*

Estava esta cidade situada quasi na ponta norte do lago, ao longo do caminho que levava a Damasco pela Gaulonitida e sobre as encostas suaves que descem para o lago, das alturas de *Safed*.

A cidade era opulenta em seus edificios. Os seus habitantes gabavam a sua synagoga, construida pela munificencia d'um centurião![1]

---

viu a *Galiléa* coberta de deliciosas plantações e compara a sua fertilidade á do Egypto. *(Itin)*.

No *Talmud* lê-se tambem: "Se ha um paraizo na terra é *Génézareth* e *Bethsan* ou *Scythopolis* é a porta d'este paraizo." *(Bab Erubhin.* fol. 19).

[1] As ultimas explorações feitas nas ruinas de Capharnaüm pozeram a descoberto duas synagogas. Ahi se vêem duas filas da columnas que dividiam uma d'ellas em tres naves. Capiteis, frisos, sóccos, fustes, molduras, tudo está decorado de lavôres perfeitissimos, folhagens de palmeiras quasi sempre. As columnas são geminadas. Encontraram-se ainda ahi duas inscripções que authenticam a situação actual de Capharnaüm.

Tinha ella uma cintura de muros, uma centuria e um posto d'alfandega.

As suas casas avançavam até á praia.

A industria da pesca era activissima alli, pois que em Jérusalem havia um mercado especial, onde os pescadores do lago vinham vender peixe secco.

Foi em Capharnaüm [1] que Jesus, expulso de Nazareth, veiu procurar um refugio. [2] Foi na synagoga d'esta cidade que Jesus, todos os sabbados, durante muitos mezes, fallou e ensinou. [3]

Nosso Senhor havia-se constituido cidadão de Capharnaüm. Elle ahi vivia quasi continuamente, ahi elle pagava o imposto. Pedro e seu irmão André, ainda que naturaes de Bethzaida, tinham uma casa em Capharnaüm. Era natural d'alli a mulher de Pedro. Em parte alguma os milagres do Mestre foram mais numerosos, os seus discursos mais frequentes, a sua divina bondade se manifestou mais terna, mais paciente, mais misericordiosa. E' a sogra de Simão Pedro livre ahi da febre [4] é a hemorrhóissa que é curada só com tocar a fimbria do manto de Jesus; [5] é a filha de Jairo que se levanta do seu leito de morte como se despertasse d'um somno; [6] é o servo do centurião a quem o *Domine non sum dignus* do seu senhor, retorna a saude; [7] é o surdo mudo a quem uma uncção de saliva sobre os ouvidos e o Eph-

---

[1] Palavra formada de *Caphar*, aldeia e *Nahum*, nome do seu fundador. Na Edade Media, no tempo do Reino latino de Jerusalem, *Capharnaüm*, que era séde d'um bispado, chamava-se *Caparcotia*. (Vide Migne, *Dictionaire de Geographie sacreé*, palavra *Capharnaüm*),

[2] *Luc.*, IV, 29.

[3] *Marc.*, I, 21.

[4] *Ibid.*, I, 31.

[5] *Math.*, IX, 20.

[6] *Luc.*, VIII, 54 e *Math.*, IX, 25.

[7] *Math.*, VIII, 8.

phatha omnipotente restituem a voz e o ouvir; [1] são esses dois cegos e esse possesso mudo cuja cura excita tão grande enthusiasmo entre o povo; [2] é esse outro possesso exclamando em plena synagoga: Jesus de Nazareth, nós sabemos que tu és o Santo de Deus; [3] é esse paralytico descido com cordas do terraço da casa aos pés do Mestre e a quem elle perdoa os peccados antes de o curar! [4] E' em Capharnaüm que Jesus vê o publicano Levi, e o chama. Matheus deixa a sua caixa dos impostos e segue-o. [5] Em Capharnaüm pouco tempo depois d'essa famosa multiplicação dos pães e dos peixes, talvez em Bethsaida-Julias, Jesus falla pela primeira vez d'uma maneira cathegorica da divina Eucharistia: O pão que eu vos darei é a minha carne. Se vós não comerdes a minha carne não tereis a vida em vós. [6] E' em Capharnaüm que, ás ordens de Jesus, S. Pedro encontra nas guellas d'um peixe as duas peças de dinheiro para satisfazer as exigencias do fisco. [7] Depois de tantas graças desprezadas, Capharnaüm obstinada na sua cegueira mereceu os anathemas do Mestre: E tu Capharnaüm exaltada até ao céu, serás submergida até ao inferno. [8]

Verdadeiramente a luz de Deus brilhava sobre as margens d'este mar, em que *Capharnaüm* estava edificada, nos confins de Zabulon e de Nephtali, como o havia predicto o propheta Isaias! [9]

---

[1] *Marc.*, VII, 34.
[2] *Math.*, IX, 29.
[3] *Marc.*, I, 24.
[4] *Ibid*, II, 5.
[5] *Math.*, IX, 9.
[6] *João*, VI, 52 e seg.
[7] *Math.*, XVII, 26.
[8] *Luc.*, X, 15.
[9] *Isaias*, IX, 2. *Math.*, IV, 13.

Hoje tudo ahi está completamente transformado!

Os viajantes que por alli passam, agora, sentem, como eu senti, toda a funda e penetrante dôr, que se evola das desolações e das ruinas!

D'esse bello paiz oriental salvaram-se, apenas, de toda a sua brilhante antiguidade, o sol quente, o céu claro, as linhas suaves e os contornos harmoniosos dos seus horizontes longinquos!

As bellas cidades d'outr'ora que enchiam este nobre paiz, desappareceram todas, deixando, uma memoria immorredoira, apenas attestada, hoje, em fragmentos de marmores contornados, templos olympicos, porticos e muros destruidos, troços de columnas penthelicas, doiradas pelo genio da arte antiga!

Capharnaüm, cuja palavra significa *consolação*, a cidade amada de Jesus [1] — *a sua segunda patria* — como lhe chamavam, e que, pela dureza da sua incredulidade, foi amaldiçoada pelo Mestre, desappareceu! D'ella só restam, hoje, ruinas informes, dormindo ao sol em parte, entre moitas de caniços e em parte sepultadas debaixo da terra! [2]

Nem mesmo é possivel já reconstituir o plano primitivo da cidade!

---

[1] *Math.*, IX, 1.

[2] Alguns palestinologos ainda hoje duvidam da verdadeira situação de *Capharnaüm*, havendo-os que a querem localisar algum tanto ao sul de *Bethsaida*, talvez no actual *Khan Minyeh*, na extremidade noroeste da planicie de *Genezareth*, ou junto de *Aïn-el-Tin*, e ainda de *Aïn-Medawara*. Seja, porém, como fôr o certo é que *Capharnaüm* era uma terra de pescadores nas margens do lago. (*Math.*, IV, 3). Ora *Aïn-Medawara*, fica a meia hora do lago. Esta identificação ultima pelo menos parece difficil de justificar.

O emprazamento da cidade evangelica parece ser com todo o fundamento aquelle onde, actualmente, os Franciscanos têm feito excavações importantes e edificaram um hospicio para peregrinos.

Apenas a synagoga se reconhece, ainda, pelos restos existentes dos seus grandes assentos de calcareo polido, pelas quatro fileiras de columnas de marmore brunido que interiormente a dividiam em cinco naves, pelos destroços architectonicos dos entablamentos, dos fustes das columnas, de pedaços de frisos e das folhas d'acanlho dos capiteis!

O seu proprio nome desappareceu. *Capharnaüm*, não é mais, hoje, que *Tell-* [1] *Hoûm*, miseravel complexo de choças e de ruinas, por entre as quaes serpeam reptis venenosos!

A mesma sorte, o mesmo destino teve *Bethzaïda*, a patria de Pedro, e André, seu irmão, de Philippe, de Thiago Maior, e de João o *Evangelista*, irmão de *Thiago!* [2]

Korazïm, outr'ora chamada a terra dos jasmins, chora egualmente inconsolavel a sua ruina!

Bethzaïda, [3] cuja palavra significa *casa do trigo e logar de pesca*, situada nas margens do lago, ao sul de Capharnaüm, perto d'uma pequena enseada, á entrada da planicie de *Gennezar*, e ella mesma em meio d'uma planicie risonha cortada por torrentes de aguas dôces, possuindo um ancoradoiro excellente, ao abrigo dos ventos do Sul, e a mesma cidade dos do Norte pela montanha proxima, alimentada de aguas excellentes, era immensamente animada pela passagem das grandes caravanas, que, de Damasco vinham até ao Egypto e até ao Mediterraneo, pela larga estrada

---

[1] ***Tell***, **isto é,** ***collina.***

[2] ***João***, **I, 44.**

[3] **Não ha de confundir-se esta com a *Bethzaida Julias*, a que alludirei mais adiante. Não faltam tambem palestinologos que identificam esta *Bethsaida* com a *Julias* reconhecendo, apenas, a existencia d'uma só *Bethsaida*.**

que atravessava essa planicie em todo o seu comprimento.

Esta grande estrada bifurcava-se em duas outras, indo uma d'ellas até *Capharnaüm*, a tres quartos de hora de marcha e a outra internava-se nas gargantas das montanhas de *Safed*.

Da antiga *Bethzaïda*, *Et-Tell*, hoje, só restam, ruinas, e escombros! Os viajantes ainda admiram alli uma parte do abside d'uma igreja construida pelos primeiros christãos com magnificos blocos de pedra!

Korazïm, sita ao norte de *Capharnaüm*, e a alguma distancia do lago, é hoje egualmente um chaos!

Esta cidade, condemnada pelo anathema de Christo, era celebre tambem. [1]

Jesus veiu alli prégar muitas vezes.

Os vestigios, ainda hoje, existentes d'ella attestam a sua primitiva grandeza!

São blocos de basalto sombrio, todos os restos que d'ella existem hoje; todas essas pedras jacentes fórmam uma espantosa confusão; a propria terra tem ahi o aspecto d'um solo vulcanizado!

Ruinas por toda a parte; apenas alguns beduinos acampam por entre os destroços das cidades malditas, em meio dos bosques de *sidr* que os occultam!

Tibériades, ou *Tiberias*, a unica cidade da Galiléa poupada por Tito, por causa da sua submissão e fidelidade aos Romanos, *Tabarieh*, hoje, é a unica cidade das margens do lago de *Génézareth*, que ainda existe!

A' sahida de *Tibériades*, outr'ora tão celebre e frequentada por causa dos seus banhos, apparecem ingremes penedias — ossos disformes da terra — e uma montanha que parece aluir-se no mar.

---

[1] *Luc.*, x, 13.

E', depois da passagem d'esta montanha, coroada e revestida de fraguedos crenulados, que surge á vista uma planicie, coberta de verdura e de aguas murmurosas! Este é o paiz de *Génézareth*, propriamente dito. Esta planicie, hoje *Ouâdy el Hamam*, a antigo Gennazar, [1] á qual Josepho chamava *a ambição da natureza*, está quasi ao nivel do lago do mesmo nome. Era alli que as multidões accorridas da Galiléa, da Judêa, de Jérusalem, dos paizes transjordanicos, das regiões maritimas de Tyro e Sidon, se apertavam, seguindo e ouvindo o Mestre. [2]

Ninguem agora vê passar já as caravanas; sómente os camellos das tribus nomadas, desfilam atravez dos campos, levando familias inteiras, mulheres e creanças acocoradas por sobre as tendas enroladas!

Se desappareceram, porém, as cidades infieis, não desappareceram nem os horizontes, nem o lago, nem a natureza, nem o céu!

Os campos da Galiléa ainda apparecem, hoje, esmaltados de flôres, respirando uma suavidade graciosa, pastoril; o perfume embalsamado dos prados, nos mezes de março e abril, principalmente, em que toda a campina é um tapete de boninas, d'incomparavel frescura de côres, ainda faz esquecer alli o pesado e calido sopro do vento da Judéa!

Rolas esbeltas e vivas, melros azues e tão leves que não curvam a herva em que pousam, cotovias cristadas que quasi vêm metter-se debaixo dos pés do viandante, cegonhas despidas de toda a timidez, permittindo que o homem se approxime muito d'ellas, parecendo até chamal-o, enchem ainda hoje de gorgeios e movimentos aquelle circulo encantado das montanhas e valles da Galiléa, berço primitivo do Reino de Deus.

---

[1] *Math.*, XIV, 34.
[2] *Ibid.*, 4, 23, 24 e 25 e *Marc.*, III, 8.

De quando em quando a vista espraia-se e recreia-se na contemplação de deliciosos oasis; as frescas sombras e as aguas murmurantes encontram-se frequentes vezes, ainda hoje, na Galiléa! E os horizontes, os caminhos, as collinas e as praias são as mesmas tambem, ainda, que Jesus percorrera e onde elle fundara a sua obra divina!

O viajante não vai encontrar-se já em meio das cidades laboriosas do lago de *Génézareth*, [1] mas vai gosar alli, ainda, as mais dôces e admiraveis impressões!

Para os lados da verde planicie de *Gennazar*, — *valle das flôres*, ou *jardim dos principes* — cortada de fecundas torrentes, [2] lá se estende o valle das *Pombas*, atravessado muitas vezes por Jesus, quando vinha de Nazareth e lá se levanta o monticulo de *Medjdel*, com a sua torre em ruinas, talvez a antiga habitação de Maria Magdalena; para os lados do Oriente lá se vêm *Julias*, os montes solitarios onde Jesus pela primeira vez multiplicou os pães, [3] a terra dos Gerasenos, com a sua capital Gergesa, *Kersa*, hoje, [4] onde expulsou os demonios; lá se vê, finalmente, desdobrando-se de norte a sul, como uma toalha liquida, o lago ce-

---

[1] Plinio, (livr. 5, cap. 15) diz que o lago de Genezareth estava cercado e rodeado de formosas cidades *amœnis circumseptum oppidis*.

[2] O *Nahr'Amûd* e o *Leymûny*, que descem das alturas de *Safed*, as aguas de *Aïn-Tabiga*, de *Aïn-et-Tïny* (fonte da figueira), emprazamento, talvez, da antiga *Chinneroth*, etc.

[3] *Math.*, VIII, 28.

[4] Fica esta cidade do outro lado do Lago, em frente quasi a Magdala, junto do *ouâdy Sémak*, ainda hoje povoado de porcos bravos, como esses para os quaes Jesus mandou os demonios que atormentavam dois possessos. (*Math.*, VIII, 32). E' esta a opinião de M. Thomsom, hoje mais admittida. M. Thomsom, *The Land and the Book*.

leste, cheio de ruinas e de mysterios, enchendo de serenidade toda esta terra, hoje maldita.

O esplendido lago, porém, com as suas praias e os seus promontorios cobertos de tamargueiras, de aloendros, da alcaparreiras e de agnocastos, conserva ainda hoje toda a doçura e belleza infinitas dos tempos de Jesus.

E' alli sobre as margens do lago encantador que é preciso lêr o Evangelho inteiro, em todas as suas paginas. Verdadeiramente é alli o berço do christianismo e da Igreja. «Eu creei sete mares, diz o Talmud, pondo estas palavras na bocca de Deus, mas eu apenas me reservei um, o de Génézareth». Elle o reservou, em verdade, e quando Elle desceu sobre a terra foi esta a região que Elle escolheu para viver com os homens, para lhes fallar, para lhes prodigalisar todos os seus beneficios e ensinos!

O lago é a perola da Galilêa. Nuvens de passaros nadadores, de plumagens brilhantes, aguias, pelicanos, graciosas pernaltas, cobrem as suas aguas e as suas margens. Elle póde comparar-se a uma taça, sobre a qual paira a serenidade tranquilla das aguas adormecidas. E' um pedaço de céu diluido n'uma bacia d'oiro!

O lago alonga-se de norte a sul, na extensão de mais de vinte kilometros, desenhando uma oval irregular e na largura maxima de doze kilometros, em frente a *Magdala.* [1]

---

[1] Passado o ***Khan Minyeh,*** situado na extremidade noroeste da planicie de Genezareth, seguindo-se sempre á beira do lago, um lindo caminho estreito e fundo, cortado na rocha, que de certo Jesus trilhou muitas vezes e que serve de passagem entre a planicie de Genezareth e o declive septentrional do lago, a um quarto de legua de distancia, mais ou menos, atravessa-se um riacho de agua que rebenta da terra por muitas nascentes, chamado ***Aïn-et-Tabegah.*** A vista e a contemplação d'este riacho encheu-me d'encanto. Elle entra no mar de ***Ti-***

Os seus horizontes, deslumbrantes de luz, estão fechados por todos os lados por um circulo immenso de montanhas resplandecentes, que só se entreabrem, ao Sul, para darem passagem ao Jordão!

Formam-lhe, na apparencia, um engaste de fino cinzelamento. Visto ao pôr do sol, como eu o vi, o aspecto d'este lago é phantastico!

As suas aguas, azuladas e vaporosas attingem, por vezes, a alvura da prata, espelhando magicamente todos os brilhos do firmamento!

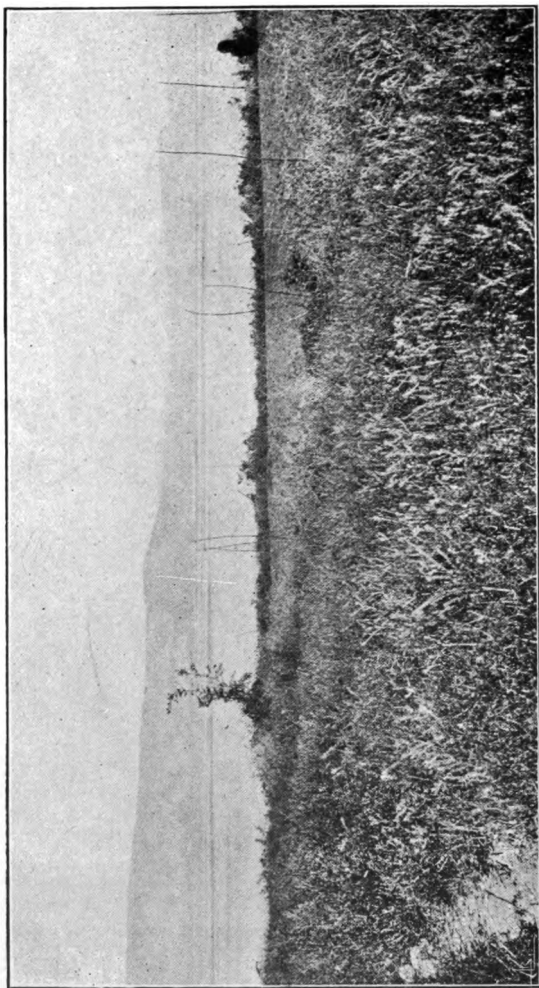
A' sahida do Jordão, proximo a *Tarichéa* e junto da orla poetica da planicie de *Génézareth*, ellas véem morrer dôcemente por sobre deleitosos taboleiros de relva e de flôres!

Os ultimos raios do sol poente, reflectindo-se n'ellas, tingem-n'as de ceruleas *nuances*, de matizes brancos, só comparaveis ás neves do *Hermon*, que, ao Norte, recorta no céu as suas cristas alvejantes!

Tomam, seguidamente, todos os cambiantes, n'uma viva e feerica polychromia de côres; ora são azues, como as saphiras, ora brancas como as opalas; d'um momento a outro, attingem côres metallicas, variadissimas!

---

bériades — hoje *Bahhr-Tabarîyeh* na *lingua indigena* — por entre espessas moitas de verdura, formando um remanso cheio de pequeninas conchas, espalhadas pela areia da praia palhetada de mica e oiro.

Ha alguns annos que uma colonia de catholicos allemães se estabeleceu em *Aïn-Tabeghah*, onde, devido aos seus esforços intelligentes se vê, hoje, um canto de verdura que se diria um pedaço do paraiso terrestre. *Aïn-Tabeghah*, foi, segundo todas as probabilidades, um dos suburbios da antiga *Capharnaüm*. Ainda ha poucos annos se encontravam alli bellas ruinas, que os beduinos têm feito desapparecer. Junto de *Tabeghah* cresce a mostarda selvagem, que nos relembra a parabola de Nosso Senhor comparando o Reino dos céus ao grão da mostarda. (*Math.*, XIII, 31 e 32).

Lago de Tiberiades

Esta photographia representa o lago divino, visto das proximidades do Kalat-el-Hosn, a antiga Hippos. A sua largura aqui é de nove kilometros. Ao longe, ao centro, similhante a uma linha branca ondulada, vê-se Tiberiades, sobranceira á cidade e vê-se a dupla ponta do Koroum-Hattine, tão celebre pela victoria de Saladino sobre os Cruzados.

As nuvens do céu, nuvens d'oiro, nuvens de sangue, nuvens de fogo, nuvens de cinza, nuvens esmeraldinas, nuvens da côr dos topazios e dos carbunculos, cahem por sobre as aguas do lago, como por sobre a polida face d'um espelho de Veneza!

Ellas mergulham-se, rojam-se, afogam-se n'aquella taça de jaspe! Ellas estão lá em cima desdobrando-se e deslaçando-se no ar claro e immenso e estão cá em baixo, imperceptiveis e tenues, no fundo do scintillante lago, a cuja superficie emergem como florescencias de jardim, como candidos nenuphares, como nympheaceas virginaes!

As vegetações das margens irrompem idyllicamente, n'uma suave doçura bucolica, marginando e afestoando a ourela das aguas de massiços de rosas, de moitas de lyrios, das côres mais vivas e dos perfumes mais odorantes!

Cada folha d'essas vegetações roseas surge deliciosamente delicada, admiravelmente matizadada e deslumbrante!

A luz solar alaga com o seu brilho toda aquella peregrina riqueza vegetativa. São ondas de luz resplandescente, é toda a magnificencia da luz vibrante envolvendo tudo em ondas d'oiro, em crystallizações d'oiro e pedrarias!

O sol esbate ahi toda a magestosa symphonia das côres do *iris*, por sobre todas aquelles aguas vivas, por sobre todas aquellas folhas mimosas, por sobre todas aquellas flôres aureas; matiza-as de tons vermelhos, amarellos, azues, violaceos; tons e reflexos de seda pallida, de nacares, de lacas, de hydrargirio, de perola, de verde translucido, de rosa e lilaz, como só se vêem no interior ainda humido de certas conchas e nas escamas luzentes de certos peixes; concentra ahi toda a sua viva e irial polychromia; todo o céu, todo o espaço, toda a ingente rhapsodia chromatica da côr dada ao mundo se reflecte maravilhosamente n'aquellas flôres e n'aquellas aguas!

O lago que os antigos chamaram *Kinnerelli*, por ter a fórma d'uma harpa, *(Kinnôr)* murmura dôcemente, quando a aragem vespertina, descida das montanhas, lhe enruga, n'uma tremura, e face lactescente!

Depois, á medida que se vão extinguindo as ultimas reverberações do *iris*, vão desmaiando, tambem, todas as côres do lago, fundindo-se n'uma côr violeta esmaecida, como a do céu!

Quando nascem as estrellas, então o lago resplende, faiscando magicamente todas as scintillações astraes; cobrem as suas aguas, luzentes recamos d'oiro, de prata fosca, de crystal brunido; a briza refresca, o lago desperta e a vaga encrespando-se, plissada pelo vento, vem bater meigamente sem afflicções e sem ondas nos seixos polidos das praias, beijar os renques dos viçosos aloendros que revestem as margens e afagar, n'uma dôce caricia, os grandes tufos de cannas esguias que as recingem!

Tal é o lago de *Génézareth*, [1] fôrno reverberante e comburente, [2] hoje deserto de homens e

---

[1] Assim chamado d'uma cidade d'este nome existente entre *Bethsaida* e *Capharnaüm*, cujos vestigios são desconhecidos.

[2] *Josepho* acha o paiz muito temperado. B. J. III. X. 7 e 8. Foi pois a devastação que o mahometismo fez n'aquelle tracto de terra tão querido de Jesus a causal d'essa fatalidade. No tempo dos calores a atmosphera vibra sobre o lago, ondulante de fogo, sob a acção das crispações ardentes e estonteadoras do sol coruscante. A bacia do *Mar de Tibériades* é uma das mais torridas e ardentes do globo. Chega a temperatura alli, bem como no Mar Morto e na bacia do Jordão, a attingir, por vezes, 60 grans centigrados! Na minha segunda visita a *Tibériades*, em Setembro de 1902, o calor era suffocante. Ao meio dia o thermometro marcava 50°; a agua do lago marcava 34°. Alguns peixes fluctuavam inertes á superficie das aguas! Eu pernoitei no Convento latino não me sendo possivel conciliar o somno por causa do calor!

apenas povoado por grandes cardumes de peixes [1] e bandos d'aves que esvoaçam sobre as suas aguas!

Depois porém, que me mergulhei pelas duas horas da madrugada nas aguas do lago pude dormir com satisfação a manhã.

[1] O lago de *Génézareth*, segundo *S. Luc.*, (v, 1), ou *Mar da Galiléa*, segundo *S. Math.*, (IV, 18), *mar de Tibériades*, segundo *S. João*, (VI, 1), chamado por Moysés e Josuë *Cinnereth. (Num.*, XXXIV, 11. *Josué*, XIII, 27) é ainda hoje como nos tempos de Jesus, *(Math.*, IV, 18. *Luc.*, v, 4 e seg. *João*, XXI, 11), abundantissimo em peixes d'especies varias, de escamas luzentes, que os ichtyologos téem classificado. (Dr. Lortet. *Poissons et reptiles du lac de Tibériades et de quelques autres parties de Syrie).* O auctor do livro *Viagem Santa e Peregrinação devota aos Santos Logares de Jérusalem*, por mim citado já, diz-nos que visitando elle o lago de *Tibériades* eram ahi tantos os peixes e em tão grande quantidade que davam saltos fóra d'agua, mostrando assim quererem vir visital-o a terra pelo contentamento que sentiam por elle os vir visitar! *(Pag. 28, 2.ª parte).*

D'entre elles, quasi todos d'excellente qualidade para comer, destaca-se o *Clarias macracanthus*, vulgarmente conhecido pelo nome de *balbout* ou *malbout* e ainda *peixe de S. Pedro*, que a tradição identifica com o peixe que S. Pedro pescou sob as ordens do Salvador e que tinha uma moeda na bocca. (*Math.*, XVII, 26). Este peixe encontra-se ainda na Palestina, no Jordão, no lago *Houleh*, e em outras correntes d'agua. (Vid. sobre este peixe vol. 7.º dos Sermões de Vieira, Sermão de Santo Antonio, prégado na igreja das Chagas de Lisboa, em 1642, parte 8.ª, edição Lello & Irmão, Porto, 1908). Elle assemelha-se a uma enguia, sendo, porém, um tanto mais grosso e a cabeça mais chata e apparece adornado com oito barbatanas carnosas. Este peixe que eu vi em *Tibériades*, no convento latino, vive na vasa e alimenta-se de herva. A sua carne assemelha-se á da enguia. Elle é particularmente curioso e interessante porque solta gritos roucos se lhe batem. Em minha segunda visita a *Tibériades* eu comi d'estes peixes, lembrando-me que Jesus

Eu ainda conservo d'elle outras impressões mais extranhas, bizarras e solemnes!

Vi-o todo illuminado pelos fogos electricos do céu; os lividos clarões do relampago, desenhando-se e atravessando os ares em largas e zig-zagueantes fitas vermelhas e violaceas, imprimiam-lhe fulgurações sinistras, illuminando a mil côres as verdes paizagens que lhe cerram e bordam as praias.

Eu, que tivera de passar uma noite, n'uma tenda, [1] junto das suas margens fui, por altas horas já, despertado pelo estrondo do trovão longinquo. O ar estava pesado, d'um calor excessivo; o céu negro, encarvoado, d'uma escuridão opaca, augmentava a torva tristeza d'aquella treva medonha. O silencio profundo, apenas era interrompido, de quando em quando, pelo canto d'algum sapo ou pelo piar d'alguma ave nocturna!

Grandes toalhas de nuvens pardacentas condensavam-se na atmosphera, dando-lhe como que a solidez das loisas de chumbo!

A tempestade rugia, deflagrando-se temerosa no silencio e na tranquillidade da noite e eu,

---

tambem se alimentava com elles, mesmo depois já da sua Resurreição. (*Luc.*, XXIV, 12 e *João*, XXI, 13).

A maior profundidade do lago é de 55 metros. As suas aguas são dôces mas pouco frescas. Um grande silencio reina alli. Apenas algumas miseraveis barcas sulcam as aguas do maravilhoso lago, um dos mais bellos do nosso hemispherio, outr'ora cheio de vida e de movimento! Nas suas margens encontram-se, de quando em quando, caranguejos e caracoes, de fórmas graciosas! Ainda, por vezes, posto que raramente, se vêem passar e nadar por sobre as suas aguas, gansos, cysnes e pelicanos! Os patos selvagens, porém, vivem alli em grande quantidade, bem como um bom numero d'aves ribeirinhas e aquaticas. Formam-se por vezes sobre o lago formidaveis tempestades.

[1] Na minha primeira viagem á Palestina, em 1897.

que havia assistido já ao imponente espectaculo d'uma trovoada nas regiões ardentes dos tropicos, [1] senti-me alli novamente impressionado pela imponencia d'uma trovoada equatorial !

Nada poderia na natureza egualar a força d'aquelles estampidos; as almas mais frias, não assistem, sem se commoverem, á deflagração d'uma d'essas trovoadas, que se fórmam frequentemente nos flancos do Grande Hermon !

A atmosphera carrega-se de electricidade; sêcca e rarefeita, illumina-se ininterruptamente de fogos deslumbrantes; dir-se-hia que se está exhibindo alli uma festa, um certamen de pyrotechnia !

Não cahia uma gotta só de chuva; o céu estrallejava com trovões medonhos, lugubres e cavernosos que enchiam com o seu ribombo as asperas, ardentes e plutonicas [2] regiões da Gaulonitida, da Batanéa, e da Ituréa, rolando, retumbando e repercutindo os seus ultimos echos por sobre a superficie lactea do lago de Génézareth, manchado, agora, na sua limpidez, incomparavel e indefinivel, pela negrura de grandes farrapos de nevoa, espessando-se e estendendo-se pelo ar !

Poetico lago de Génézareth, aguas dôces, silenciosas e inspirativas; aguas sagradas, que ouvistes as mais suaves e harmoniosas palavras do Mestre; aguas transparentes, hyalinas, vivificantes e incorruptiveis, que humedecestes as redes dos Apostolos, eu nunca mais hei de tornar a vêr-vos ? Quem sabe ? Quem poderá dizel-o ?

Ninguem ! Só Deus !

---

[1] Em Moçambique.

[2] A parte oriental do lago de *Tibériades*, a Gaulonitida, o *Golan* de Josuë (xx, 8), a Ituréa, bem como toda a planicie de *Hattin* até *Safed*, são terrenos de formação ignea.

*

* *

A Galiléa formava, ao tempo de Jesus, uma das tres provincias em que a tradição judaica dividia a terra autonoma d'Israël, ao depois tributaria.

As outras duas eram a *Judéa*, a terra santa por excellencia, a séde da metropole, do *Templo* e do governo, o centro religioso, politico e nacional da raça, e a *Peréa*, ou *Transjordanea*. [1] A Samaria ficava excluida.

Todavia, os doutores orthodoxos da sciencia formalista do *Talmud*, negando-lhe os privilegios concedidos ao sólo sagrado, não a confundiam com os territorios pagãos!

O judeu fiel e rigido não se manchava, diziam, bebendo as suas aguas, pisando os seus caminhos ou entrando nas suas habitações!

Era, porém, prohibido comer ou beber com elles; [2] era axioma de certos casuistas «que um boccado de pão dos Samaritanos era como se fosse carne de porco...» [3] Nenhum nome era mais desprezivel em Jérusalem que o de samaritano. [4]

---

[1] A *Judéa* comprehendendo a *Iduméa*, é dividida da *Peréa* pelo rio Jordão no seu curso inferior. No seu curso superior este rio divide a *Galiléa* da *Trachonitida*, hoje a *Ledja*,—da *Batanéa*, hoje a *Noukra*, mais ou menos, da *Gaulonitida*, o *Djolan* actual—da *Auranitida*, a cadeia do *Haouran*, (o paiz de Job, o patriarcha sublime), propriamente dito, hoje,—e da *Ituréa*, cuja situação não está bem definida ainda. A *Peréa*, assim chamada d'uma palavra grega que significa *para além* é o paiz de *Galaad*. A *Peréa* é a *Belka*, hoje. Ella foi habitada pelos Amorrheus. (*Num.*, XXXII, 39). Estava comprehendida entre as ribeiras do *Arnon* e do *Jabock*.

[2] *João*, IV, 9.

[3] Mischna, Schebüt, VIII, 10.

[4] *João*, VIII, 48.

A Galiléa, a quem chamavam o ***districto dos pagãos***, constituia com a Peréa, depois da morte de Herodes, o *Grande*, uma tetrarchia, governada por Antipas, um de seus filhos.

Dividia-se ella em alta e baixa Galiléa.

A baixa Galiléa estendia-se pelas tribus de Zabulon, d'Asser e de Nephtali, de cá do Jordão.

A alta Galiléa, tambem chamada dos *Gentios*, estendia-se principalmente d'além do Jordão. [1]

O idioma fallado pelos Galileus extremava-se muito do dos Judeus, na pronuncia e na accentuação viciada, principalmente.

S. Pedro, na noite da condemnação de Jesus, foi reconhecido como galileu, por causa do accento da sua pronuncia. [2]

Os Galileus haviam-se conservado sempre fieis ás tradições judaicas, apesar das suas communicações com os pagãos romanos e os syro-phenicios que lhes estavam vizinhos. [3]

Todavia, os Galileus eram desprezados pelos habitantes da metropole e pelos judeus puros. A Galiléa, que não tinha doutores, nem escolas celebres, não tinha credito em Jérusalem, nos ultimos tempos de formalismo e legalidade religiosas.

Tinham-nos como ignorantes e pouco ortho-

---

[1] *Math.*, IV, 15.

[2] *Ibid.*, XXVI, 73.

[3] Os Syro-phenicios eram os habitantes dos confins de Tyro e Sydonia, ao longo do Mediterraneo. Era d'este povo aquella mulher que foi curada por Jesus d'um fluxo de sangue. E' chamada a *Cananéa* por S. Matheus, porque os Phenicios descendiam de *Chanaan* por *Sidon*, seu filho mais velho. Aos tempos de Jesus a Galiléa — *Gelil-haggoyim* (circulo dos Gentios), contava entre os seus habitantes muitos que não eram judeus. (Phenicios, Syrios, Arabes e até Gregos). (Strabão, XVI, 2, 35. Josepho, *Vita*, 12.)

doxos em materias de religião. [1] Accusavam-nos sobretudo de haverem misturado o sangue judeu com sangue de gente idolatra.

Dizia-se: *Nada de bom póde sahir da Galiléa!* [2] A expressão: *Galileu é idiota*, tornara-se proverbial!

E no emtanto a gente da Galilèa era simples e dedicada; ella vivia em meio d'uma natureza tão amavel. tão humana, tão cheia d'aguas, tão beneficiada de sombras, que ella não podia deixar de ter as qualidades mais finas e harmoniosas; elles eram trabalhadores e sobrios, soffredores e humildes, sempre immersos nos seus sonhos, cheios, povoados d'aspirações, de esperanças messianicas.

Todavia, fôra alli, na Galiléa, que Jesus inaugurara o Reino de Deus! [3] Os seus pescadores, [4] os seus aldeões, os fiscaes dos seus postos, fôram os escolhidos por Jesus para servirem de instrumento a esta grande obra!

---

[1] Talmud de Babylonia. Erubin, 53 e seg.

[2] *João,* I. 46 e VII, 56.

[3] *Marc.*, I, 14 e 15.

[4] Foram doze os primeiros Apostolos de Jesus, cujos nomes são: Pedro, o homem de pedra, antes da sua vocação apostolica chamado Simão; André, o calmo André, que grangeou a reputação de trazer outros a Jesus, irmão de Simão, filhos ambos de Jonas, pescador do lago de Genezareth, e elles tambem pescadores; Thiago *Maior* e João, *os filhos do trovão*, que estiveram com o Senhor no monte da Transfiguração, filhos de Salomé e Zebedeu, tambem pescador (*Luc.*, v, 10). Thiago *Menor*, filho de Maria Cleóphas (*Math.*, XXVII, 56), irmã da Virgem Maria, mãe de Jesus, (*João*, XIX, 25); Thomé, chamado Didymo na traducção grega (*João*, XXI, 2); Phillippe, Bartholomeu ou Nathanaël, o homem em quem não havia dolo; (*João*, I. 45, e 47 e XXI, 2); Matheus ou Levi, filho de Alpheu, (*Marc.*, II, 14); Simão, chamado *Cananeu* (*Math.*, X, 3) e o *Zelador* (*Luc.*, VI, 15); Judas Thaddeu, ou Lebbeu (*Math.*, X, 3), irmão de Jesus (*Math.*, XIII, 55) e o Iscariotes, o unico que não era Galileu, substituido por Mathias (*Act.*, I, 26).

O grande theatro da obra da Redempção humana foi a Galiléa. Foi a Galiléa quem deu ao mundo a ingenua Sulamite, a humilde Cananéa, a apaixonada Magdalena, o bom marido José, a santa e terna Virgem Maria. Foi alli, atravessando aquelle formoso solo da Galiléa, que o Salvador do mundo espalhou com mais generosidade a semente da sua divina palavra, luminosa, alada, deliciosamente cariciante, exaltando os humildes, e amaldiçoando os poderosos!

Jesus percorreu todo o paiz, todas as suas grandes cidades e todas as suas pequenas aldeias, todas as suas encruzilhadas e todos os seus caminhos; subiu ao alto das suas montanhas e navegou por sobre as aguas azues do seu lago.

Toda a obra de Jesus — o que elle chamava o seu Reino — essa obra, que deveria encher o mundo, sob o nome de Igreja, foi fundada e organizada na Galiléa!

Hoje, toda esta provincia, outr'ora tão fertil e de população tão densa, onde *Josepho* contava, no primeiro seculo, quinze cidades fortificadas, cada uma das quaes, das mais pequenas, não contava menos de quinze mil habitantes, [1] mais de duzentas aldeias e dois ou tres milhões de habitantes, está coberta de ruinas silenciosas, povoada, apenas, por algumas miseraveis tribus de *fellahs* e apenas distincta por quatro insignificantes cidades: *S. João d'Acre*, onde os arabes véem vender os seus cereaes, *Saféd* [2] e *Tibéria-*

---

1 Josepho, *Guerra*, Livr. III. Cap. 4.º.

2 *Saféd*, cidade cheia de recordações historicas e biblicas (*Tobias*, I, 1) aquella a que alludia, talvez, nosso Senhor, dizendo não poder esconder-se uma cidade situada n'uma montanha (*Math.*, v, 14) conta, hoje, uma população approximadamente de quarenta mil habitantes, cuja maioria são Judeus, chegados alli na velhice de todas as partes da Europa, da Allemanha e da Polonia, principal-

des, onde os Judeus esperam o seu Messias e *Názareth*, levantada da sua humilhação, apenas, pela piedade dos christãos.

Muda e devastada, o silencio melancolico da Galiléa é, apenas, interrompido, hoje, pelas caravanas dos mercadores que vão de Damasco a Jaffa, ou a S. João d'Acre e dos beduinos que ahi véem vender o trigo e a cevada dos planaltos do Hauoran, Djoulan [1] e da Peréa.

Sobre essa terra aonde, outr'ora, rumorejou a forte e viril raça galiléa, acampam hoje os arabes em suas tendas, passeando os seus rebanhos pelas suas immensas solidões, que apenas produzem trigo e cevada!

---

mente, no intuito unico de misturarem os seus ossos com os ossos dos seus avós na terra que herdaram por doação de Deus! Elles contam esta no numero das suas cidades santas e crêem que o propheta Oséas, filho de Béeri, ahi foi enterrado, conjuntamente com outros rabbinos, tidos por elles em grande veneração. Em toda a Palestina devem existir, talvez, duzentos mil Judeus. Em todo o mundo, segundo a ultima estatistica do jornal *Jewish Jear Book*, há 11.102:389 Judeus. Em *Saféd*, nos seus arrabaldes, cultiva-se em larga escala a vinha, que produz um vinho excellente.

1 Segundo Schumacher, *Across the Jordan*, (Londres, 1866) a quantidade de cereaes transportados do *Haouran* a *S. João d'Acre* e *Caïffa*, destinados principalmente á França e á Italia, não tem sido inferior durante muitos annos a cento e vinte mil tonelladas por anno. Esta cifra elevar-se-ha quando estiver concluida a linha ferrea entre *Caïffa* e *Damasco*, que arrastará alli maior numero de trabalhadores a agricultarem aquella terra tão rica e productiva. Os territorios do *Hauoran* e *Djoulan*, muito pouco conhecidos, hoje, por causa da hostilidade dos *beduinos*, foram explorados por *Seetzen*, no principio do seculo dezenove, como expliquei já a pag. 338. Elles constituiam, ao tempo dos Romanos, as duas provincias da Auranitida e da Gaulonitida. O Haouran, é a antiga terra de Hus, patria de Job, o Santo Patriarcha (*Job.*, I. 1).

Não se encontram já nem florestas, nem cidades, nem fortalezas, nem palacios!

As suas pequenas aldeias são, apenas, agrupamentos de casinhòlos alvadios de pedra tosca e de casas quadradas, miseraveis, elevadas de ordinario por sobre algum pequeno monticulo ou collina de suave declive, surgindo de repente na volta d'alguma vereda, cangosta ou azinhaga, na préga sumida d'algum cerro, e agrupadas sempre á volta d'alguma pobre mesquita, singularizada pelo seu minarete, dealbado a cal, marcando o tumulo d'algum santo protector!

Pelo fundo dos seus valles e pelos flancos e lombas das suas collinas, outr'ora sempre rumorejantes com a alegria festival das grandes safras annuaes, pastam e ruminam, hoje, a herva, fleugmaticamente, os bandos de jumentos dos indolentes *fellahs* [1] que habitam o paiz!

Apenas aqui e alli, na doçura e na lenidade da paizagem, singela e primitiva, deslizam e serpeam chalreando — *per amica silentia* — as aguas murmurosas d'algumas fontes borbulhantes, escoando-se e perdendo-se mansamente em meandros bizarros por entre grandes tufos de aloendros [2] viçosos, agnocastos alvacentos, amieiros [3] esguios, palmeiras [4] flexuosas, sinceiraes sussur-

---

1 Agricultores.

2 O aloendro — ***nerium oleander*** — apparece frequentemente na Palestina, ornando os regatos d'agua.

3 E' o amieiro das nossas terras, o ***almus glutinosa***, de folhas detersivas e propriedades therapeuticas. Pisadas, frescas ou quentes, as folhas d'esta arvore applicam-se como tonicos sobre os peitos para suspender a secreção do leite. A casca d'esta arvore prescreve-se como succedaneo da quina para combater a febre.

4 São as tamareiras, as ***Phœnix dactilifera***, de Linneu. A palmeira na Palestina é notavel pela sua belleza, pelo seu tronco erecto, pela sua apparencia de mocidade eterna, pelas suas folhas ondeantes e recortadas, batendo

rantes, platanos altivos e terebinthos [1] gigantescos.

*

* *

A caravana a que eu me encorporara em Jérusalem com destino á Galiléa, atravez da Samaria, partiu da *Cidade Santa* na intenção de vencer em tres ou quatro dias, as trinta e quatro leguas que a separavam de *Názareth.* [2]

---

o ar, nas lufadas da tarde, como enormes leques verdes. Ella é o symbolo da alegria e da exaltação. Ella não murcha nunca e a poeira da terra requeimada nunca a mancha, desfeiando-lhe a belleza das suas folhagens. Ella é a arvore escolhida na festa dos Tabernaculos (*Lev.*, XXIII, 40) para a alegria e para os louvores diante do Senhor, na festa triumphal da entrada de Jesus em Jerusalem *(João,* XII, 13) e é a arvore bemdita e sagrada cujos ramos ornam no céu as mãos dos bemaventurados nas visões do Apocalypse (*Apoc.*, VII, 9). A utilidade d'esta arvore é irrivalisavel. Dizem que os indigenas da Syria conhecem 360 usos diversos para que póde applicar-se a palmeira. A sua sombra refrigera e amenisa, e os seus fructos alimentam; ella é a prenunciadora da agua para o viajante que chega morrendo de sêde; das suas fibras fazem-se cordas, das suas folhas fazem-se camas, com os seus ramos fazem-se tapumes.

Os melhores fructos d'esta arvore, as deliciosas tamaras, são os produzidos pela arvore já centenaria.

Das suas raizes rebentam filhos numerosos formando uma floresta de palmeiras, (*Juizes,* IV, 5). Vide *Natural History of the Bible*, de Tristam.

1 São plantas arbustivas medicinaes, as *Pistacea Terebinthus*, de Linneu. O terebyntho, cuja madeira muito pesada e dura toma uma linda côr vermelha é, hoje, bastante raro na Palestina.

2 A viagem em tres dias é muito violenta e incommoda. Em quatro dias viaja-se muito mais á vontade e ha tempo de sobra para se visitarem as localidades que se atravessam.

Ah! Era este, sem duvida, um grande esforço que eu e os restantes excursionistas, que faziam parte da caravana, tinhamos de fazer. Mas que! O valente *drogman* que dirigia a caravana assim o determinara em seu plano de viagem e nós deveriamos, pela propria natureza do nosso contracto, conformarmo-nos inteiramente com elle!

Para mim, tenho orgulho em dizel-o, este esforço não representava prostração de forças physicas. A unica recommendação que eu fiz insistente ao *drogman*, na vespera da nossa partida, foi a de que elle reservasse para mim um cavallo nervoso e fogoso, ao estimulo da espora! Esta apenas!

De antemão, já, eu estava assegurado de que não faltaria coisa alguma do necessario e indispensavel, para garantir a subsistencia e commodidade relativa do transporte para toda a caravana.

Esta levava comsigo cozinha portatil, cozinheiro, provisões, tendas, creados — *moukres* — para as cavalgaduras.

O itinerario determinava que passariamos a primeira noite ou em *Ramâllah*, [1] ou em *Béthel*,

---

1 **Na minha segunda viagem á Palestina desci do lago de Tiberiades para Jérusalem atravez da Samaria, seguindo o seguinte itinerario: De Tiberiades, d'onde parti ás 10 horas da manhã, até ao Thabôr, passando por Loubieh. um dia; do Thabôr até Djenin, passando por Naïn e Soulem, outro dia; de Djenin até Naplouse, passandò por Dothaïn, El-Sileh, Sebaste, outro dia; de Naplouse até Sendjel, passando pelo Poço de Jacob, Pentekoumieh, Sâouitreh e Silo, outro dia; de Sendjel a Jerusalem, passando por Bethel, El-Bireh e Ramallah, outro dia, até ás 3 horas da tarde.**

Ramallah é uma terra sem importancia historica, habitada actualmente por grande numero de familias catholicas, que nos vieram saudar á nossa passagem. A estrada de rodagem que o governo turco fez construir entre

ou em *Jifna;* no segundo dia iriamos almoçar ou ao *Khan-Loubban*, ou ao *Khan*[1]*-es-Sâouieh*, e pernoitar em *Souhaîtreh*, perto de *Naplouse;* no terceiro dia iriamos arranchar para comer ou em *Pentekoûmieh*, ou em *Jébâa*, conforme a hora, e pernoitar em *Djenin;* no quarto dia, emfim, depois de havermos arranchado em *Soulem* ou em *Naïn*, chegariamos d'um salto a Názareth !

Viagem fatigante, mas, ah ! cheia d'encantos ! Nós seguiriamos sempre, emquanto não chegassemos á Galiléa, atravez de regiões desoladas e penhascosas, envoltas eternamente n'uma atmosphera pesada e ardente ! Apenas, de quando em quando, surgiria á nossa vista, na aridez da paizagem, como visão encantadora, como formosa idealização da natureza caprichosa e phantasista, algum raro *oasis* de verdura, alguma vinha rasteira, algum figueiral melancolico, alguma herdade d'oliveiras ferruginosas, [2] regada por algum fio tenue d'agua viva, derivando da eminencia d'algum oiteiro, coroado por alguma miseravel aldeia de *beduinos*, que era necessario recear e temer !

Mas ah ! quantas recordações ! Quantas solemnes recordações não evocaria ao nosso espirito todo o variadissimo scenario d'aldeias, pla-

---

Jerusalem e a Samaria, chega já a Ramallah. Nós arranchamos alli para almoçar, á sombra d'alguns sabugueiros e lentiscos de folhagens verdes. Há em Ramallah uma Missão latina com escola para os dois sexos, uma Missão ingleza e uma escola grega. A vinha cultiva-se com esmero em Ramallah.

1 *Khan*, isto é, *caravençará.*

2 Na minha segunda viagem atravez do paiz a oliveira, principalmente na região penhascosa que separa Sendjel de Ramallah, ostentava-se carregada de formosas azeitonas.

nicies, *ouâdys*, *ouélis* [1] e montanhas que teriamos de atravessar e de avistar!

A primeira jornada da nossa caravana foi o transporte directo, sem descanço, de Jérusalem a *Bèthel*, em cinco horas, approximadamente.

Sahidos da *Cidade Santa* pela porta de *Jaffa*, cavalgando todos em fila, uns após outros, hilares e festivos, ao dorso de cavallos, por uma linda manhã de primavera, todos os excursionistas da caravana de que eu fazia parte, rapidos chegaram além do *Tumulo dos Reis*, sobre a eminencia do monte *Scopus*.

Ahi saudamos todos pela ultima vez a *Cidade Santa*, que só tornariamos a vêr no nosso regresso, entoando unisonos, n'um *ensemble* magnifico, o Psalmo *Lectatus sum in his quæ dicta sunt mihi* [2] ao qual está concedido pelo *S. S. Padre Leão XIII* uma Indulgencia de trezentos annos por cada vez que, alli, n'aquelle ponto se recitar ou cantar! [3]

Que magnifica scena! Os echos dos valles da serra repercutiam, n'uma successão prolongada, os nossos accentos choraes! O sol, n'um deslumbramento triumphal de luz, enchia já gloriosamente o céu áquella hora!

Após cinco minutos de jornada encontram-se tres caminhos, dois ao lado direito e o outro ao esquerdo; deixam-se todos para seguir-se a grande estrada que se dirige para o N. O. Que desolação nos campos, na natureza inteira d'aqui por diante!

---

1 Pequeno monumento funebre venerado pelos musulmanos.

2 *Psalm.* CXXI.

3 Os peregrinos que ao desembarcarem em Jaffa, ou Caïffa, beijarem o solo e rezarem um *Pater* e um *Ave*, ganham uma indulgencia plenaria.

Tudo está secco; a propria terra aravel, nua de vegetação, carcomida pelos soes, está assolada e devastada!

Após quinze minutos de caminho passa-se em frente a *Châafât*, pequena aldeia musulmana. Pela direita vê-se a collina de *Tall-es-Soma*, outr'ora emprazamento de *Gabâa*, celebre cidade da tribu de Benjamin. *Gabâa* foi a patria de Saül. [1]

Ella está cheia de recordações historicas. [2]

Depois do *Captiveiro*, apenas 621 homens de *Gabâath* e de *Rama* retornaram a habitar o seu paiz!

Hoje d'esta antiga cidade, apenas restam escombros, ruinas, pedaços destruidos de velhas cisternas e de tumulos abertos na rocha viva!

De *Tall-es-Sôma* gosa-se um magnifico panorama. Para leste vê-se o Mar Morto e *Anathat*, a antiga *Anathot*, a *pobre*, [3] cidade levitica da tribu de Benjamin, patria do propheta Jeremias. [4]

A região em frente é a mesma de que falla

---

1 *1.º Livr. dos Reis*, x, 26.

2 *Juizes*, xix, 14 e seg. *1.º Livr. dos Reis*, xiii, 15 e 16. *3.º Livr. dos Reis*, xv, 22 e xxiii, 19. *2.º Livr. dos Paral.*, xiii, 2.

3 *Isaias*, x, 30.

4 *Jerem.* i, 1. *Anathot* parece ter sido outr'ora uma cidade fortificada. Fragmentos de columnas apparecem enquadrados nas miseraveis casas da aldeia. A' entrada da mesma, á direita da estrada, vêm-se as ruinas, sem duvida d'uma antiga igreja, com o seu pavimento de mosaico, muito bem conservado.

E' a pequena distancia de Anathot, a ultima aldeia da Judêa sobre a vertente do Jordão, que póde visitar-se a garganta pittoresca do *ouâdy-Fara*, onde S. Chariton fundou a *laura*, dita de Pharan, a primeira da Palestina, m 330, appr oximadamente. Corre ahi a bella fonte *Aïn* e *ır.ɪ.*

F

Isaias. [1] Para os lados do S. E. vê-se o monte das Oliveiras; para os lados de S. O. vêm-se as aldeias de *Kastal* e de *Beït-Iksa;* para os lados de O. S. O. vêm-se *Nébi*[2]*-Samouïl*, [3] *Beït-Ounia* e a antiga *Gabaon*, hoje *el-Jib*, celebre cidade onde Josuë fez parar o sol, antes de terminar a batalha contra Adonisedec, rei de Jerusalem, sustentado por quatro reis Amorreus. [4]

Esta cidade, hoje miseravel aldeia de estupidos musulmanos e onde há uma fonte de boa agua, está, egualmente, cheia de recordações biblicas. [5] Restos d'antigos edificios, tumulos e ruinas, attestam a grandeza primitiva d'aquella terra, uma das reaes cidades, muito maior ainda que *Haï*, cujos guerreiros, mais que os de *Haï*, gosaram fama de valentes. [6]

Para os lados do N. ao N. E. finalmente, vêemse *Gabâa e Rimnon*, nobres cidades historicas. [7]

Continuando a nossa viagem, passando em frente da alta collina cognominada *Tall-el-Foul*, deixando pela esquerda a aldeia de *Beït-Hhanina*, [8] sentada junto da torrente do *Terebyntho*,

---

1 x, 28.

2 Propheta, em arabe.

3 Nébi Samouïl, isto é *Tumulo do propheta Samuel.*

4 *Josuë*. x, 6, 12 e 13. Parece, segundo certos Commentadores, que a expressão biblica: Sol, detem-te sobre Gabâon e tú, Lua, pára sobre o valle de Aïalon. que se lê em Josuë, exprime, apenas, na phantasiosa linguagem oriental, o espanto da natureza diante do esforço prodigioso dos Israelitas, vencendo os Cananeus e matando-lhes cinco reis.

5 *2.º Livr. dos Reis*, II, 12. *3.º Livr. dos Reis*, III, 4. *2.º Livr. d'Esdras*, VII, 25.

6 *Josuë*, x, 2.

7 *Juizes*, xx, 47. *2.º Livr. dos Reis*, XXI, 6.

8 E' provavelmente a antiga *Anania* da Escriptura. *2.º Livr. d'Esdras*, XI, 32.

fômos, depois de rapido trajecto, [1] parar junto das ruinas da antiga *Rama* de Benjamin, hoje *Er-Ram*. Esta terra, toda cheia de recordações de *Baasa*, rei d'Israël, [2] e de Nabusardan, general do exercito de Babylonia, [3] não é hoje mais que uma insignificante aldeia musulmana e christã. Ainda ahi se vêm actualmente ruinas de construcções d'origem desconhecida.

Seguindo sempre atravez de ruinas dispersas, como sejam as de *Kherbet el Attarah*, provavelmente a antiga *Attarah Addar*, [4] e de povoações miseraveis de musulmanos, fômos nós encontrar a bella fonte chamada *Aïn-el-Bîreh*, manancial de boa agua, coroada por um pequeno monumento, d'onde rapidamente chegamos á aldeia de *El-Bireh*, a antiga Maspha, cidade culminante da tribu de Benjamin, centro das assembleias das Tribus, [5] onde Débora, a *Prophetiza*, mulher de Lapidoth, sentada á sombra d'uma palmeira, julgava o povo d'Israël, distribuindo a justiça com a nobre isempção d'uma consciencia pura. [6]

Segundo a tradição foi em *Maspha* que a Santa Virgem, retornando para Názareth de Jérusalem, onde ia todos os annos no dia solemne da

---

1 Neste trajecto deixa-se, pela esquerda, a antiga *via* romana que conduz a Jaffa pelas duas *Bethoron* — *Beïtour el Foka*, a *alta* e *Beïtour et Tahhtah*, a *baixa*, cidades muradas que tinham portas, ferrolhos, e fechaduras, hoje duas pequenas aldeias, chamada a primeira *Beït-Ur*, repleta ainda hoje de bellos materiaes d'antigas construcções. As suas tradições constam da Biblia. *Josuë*, x, 10. *2.º Livr. dos Paral.*, VIII, 5 etc.

2 *3.º Livr. dos Reis*, XV, 22.

3 *Jerem.* XL, 1.

4 *Josuë*, XVIII, 13.

5 *Juizes*, XX, 1 e 3 e XXI, 8.

6 *Ibid.*, IV, 4 e 5.

Paschoa, [1] em companhia de S. José deu pela falta de seu Divino Filho, que extraviado ao provido amor de sua mãe pelo anhelo de corresponder aos impulsos da sua missão, discutia no Templo com os doutores da *Lei* antiga !

Hoje *El-Bîreh* resume-se, apenas, n'uma pobre aldeia musulmana de oitocentos habitantes onde a vinha baixa, sem estaca, floresce e fructifica maravilhosamente, e onde se visitam, ainda, as ruinas d'um castello construido ahi pelos *Cruzados*, d'uma igreja e d'um hospital. [2]

D'alli nos partimos para chegarmos, finalmente, ao termo da nossa primeira jornada, a *Béthel* ou *Beïtine*. Apenas n'este pequeno tra-

---

1 *Luc.*, II, 41.

2 Construiu-se outr'ora em El-Bireh uma igreja, em memoria á Desapparição de Jesus. Os Cruzados já a encontraram em ruina, e reedificaram-na. O tempo volveu a destruil-a. Mas a fonte da aldeia lá está, centro sempre animado da vida popular, como nos tempos biblicos. A fonte é n'uma aldeia da Palestina o *rendez-vous* das donas de casa; é ahi que se entrevistam os estrangeiros, se transmittem as novidades, se ajustam os casamentos. Tambem Eliézer sentou-se nas pedras que orlavam a fonte de Nachor, para encontrar-se com Rebecca. *(Gen.*, XXIV, 73.)

A mulher na Palestina casa-se muita nova, geralmente aos doze annos já. Um bom numero dos alumnos das escolas catholicas são ou já casados, ou noivos. Quando se casam ellas levam todas as suas riquezas em medalhas ou moedas d'oiro suspensas nos cabellos ou ao pescoço. E' o seu dote. Ellas valem o que carregam; o seu valor está nos seus cabellos.

3 Em *Béthel* pernoitámos nós sob as nossas tendas. Poder-se-hia encontrar alli hospitalidade em casa dos indigenas, mas *Bethel* é uma aldeia inteiramente habitada por musulmanos pouco amaveis para com os christãos. Poder-se-hia, tambem, ir passar a noite a *Ramâllah* ou mesmo a *Jifna*, localidade que convém muito aos peregrinos como estação para passar a noite. Este itinerario, porém, alonga a viagem trinta e cinco minutos, mais ou

jecto de *El-Bîreh* a *Béthel* os nossos olhos viram algumas bellas fontes d'aguas abundantes, junto á margem da estrada.

Béthel é, incontestavelmente, uma das mais antigas cidades da Palestina. Ella está toda cheia de recordações biblicas e historicas! [1] Alli Loth, sobrinho de Abrahão, se separou do seu tio por causa das questões entre os pastores dos rebanhos d'um e outro; [2] alli Jacob, fugindo de seu irmão Esaü, passou uma noite, deitado em pleno campo, com uma pedra por cabeceira, durante a qual teve a visão da escada mysteriosa; [3] alli elle, voltando da Mesopotamia, erigiu um altar a Jehovah, recebendo de Deus o nome de Israël. [4]

Todos os annos Samuel vinha a Béthel para ahi julgar o povo de Deus. [5] Eram naturaes de Béthel os quarenta e dois meninos devorados por duas ursas, por haverem escarnecido do propheta Eliseu, chamando-lhe calvo! [6]

---

menos. Tem, todavia, as seguintes compensações: encontra-se ahi uma parochia latina cujo cura concede hospitalidade tanto quanto póde e o caminho fica melhor dividido, pois que uma vez a caravana em *Jifna* acha-se já mais perto de *Naplouse*, do que se pernoitasse em *Béthel*. A estação em *Ramâllah*, embora haja ahi um cura latino que recebe os peregrinos tanto quanto lhe é possivel, embora mesmo haja ahi alguns indigenas catholicos que dão hospitalidade, é muito inconveniente por causa da grande distancia a que fica de *Naplouse*.

1 O seu nome era primitivamente Luza. Foi Jacob quem lhe deu o nome de Béthel, isto é *casa de Deus*. Gen. XXVIII, 19.

2 *Gen.*, XIII, 8.

3 *Ibid.*, XXVIII, 11 e seg.

4 *Ibid.*, XXXV, 10 e 15.

5 *1.º Livr. dos Reis*, VII, 16.

6 *4.º Livr. dos Reis*, II, 24. O auctor d'este livro, que tambem é calvo, como o Propheta, relembra sempre com especial satisfação esta scena biblica.

Amós prophetizou contra *Béthel*, exclamando: *Não procureis Béthel, não vades a Galgala, nem passeis por Bersabéa, porque Galgala será conduzida ao captiveiro e Béthel será reduzida a nada!* [1] E em verdade *Béthel* desappareceu! Hoje não é mais do que uma miseravel aldeia de trezentos habitantes, todos musulmanos, hostis aos christãos e onde se vêem, ainda, as ruinas d'uma igreja convertida em mesquita, construida no proprio logar da visão mysteriosa de Jacob. [2]

A segunda jornada directa da nossa caravana foi de *Bethél* ao *Khan-es-Sâouieh*, n'um precurso de cinco horas de viagem, approximadamente.

Caminhavamos, agora, ao longo da antiga tribu de *Ephraïm.* [3] Estavamos em plena Biblia! Tinhamos entrado na velha Samaria! Logo saudamos de perto *Jabroud* e de longe, após vinte minutos de marcha por sobre um caminho mau e pedregoso, pela esquerda, sobre um ponto culminante, a aldeia de *Bir-Zeït*, onde existe uma pequena communidade latina e, pela direita, a veneranda *Taïbeh*, a antiga *Ephrëm*, ou *Ephron* de

---

1 *Amós*, v, 5.

2 Admira-se, ainda, em *Bethél* uma das maiores piscinas conhecidas no paiz e admiram-se enormes fragmentos de columnas e de grossas pedras, restos, talvez ainda, do templo do veado d'oiro construido por Jeroboão.

3 Os habitantes *d'Ephraïm*, por um defeito natural da loquela, não podiam pronunciar *chi.* Vencidos d'além do Jordão n'um recontro com *Jephté,* elles pretenderam fugir para o seu paiz. Os habitantes, porém, do paiz de *Galaad* guardavam todos os vaus do Jordão e antes de lhes permittirem a passagem perguntavam-lhes se elles eram de *Ephraïm* e, para maior certeza, mandavam-nos pronunciar a palavra *Shibboleth,* que significa *espiga.* Ora como os de *Ephraïm* pronunciavam *Gibboleth* em vez de *Shibboleth*, foram reconhecidos e mortos quarenta e dois mil (1180 annos antes de J. C.). *Juizes*, XII, 6.

Josuë, para onde Jesus Christo se retirou depois da resurreição de Lazaro ! [1]

Taïbeh não é hoje mais do que uma pobre aldeia de oitocentos habitantes, dos quaes cento e cincoenta são catholicos latinos, construida sobre um ponto culminante e fragoso, onde se vêem, ainda, blocos magnificos, ruinas d'uma antiga fortaleza ! [2]

D'alli nos fômos, atravez de aldeias miseraveis, de torrentes sêccas cheias de pedras rolantes e de espessos olivaes ferruginosos, descendo caminhos pedregosos de trilho extremamente difficil e cortando valles cuidadosamente cultivados, plantados de arvores varias, avistando ao longe, pela esquerda, *Jifna*, que é a antiga *Gofna*, [3] e que, hoje, é apenas uma aldeia de quatrocentos habitantes, metade latinos e metade gregos heterodoxos, [4] passando perto da fortaleza chamada *El-Bordj*, hoje em ruinas e atravessando a aldeia musulmana de *Loubban*, em frente do *Khan Loubban*, [5] parar, finalmente, ao *Khan-es-Sâoueih*, a pequena distancia já para diante da aldeia de *Sâouieh*, edificada sobre uma alta montanha.

Aqui arranchamos todos para tomarmos a

---

1 *João*, XI, 54.

2 Em *Taïbeh* ha uma parochia latina. Sobre o ponto culminante da montanha observam-se, ainda, restos d'uma antiga fortaleza.

3 Ella foi outr'ora uma cidade tão importante, como Emmaüs e como Lydda. Tito ahi se deteve na noite que precedeu o sua chegada a Jerusalem; elle ahi encontrou a guarnição deixada por seu pae Vespasiano.

4 Esta aldeia está situada n'um dos valles mais ferteis da Samaria. Os Latinos têm alli um parocho missionario e uma igreja.

5 *Loubban* é a antiga *Lebona*, dos *Juizes*, (XXI, 19.) Maundrell, *Voyage d'Alep a Jerusalem*.

nossa parca refeição á sombra d'algumas frondosas oliveiras, baixas de tronco, mas de cerradissima copa. Ha alli perto uma fonte d'agua que os moradores de *Sâouieh* fornecem aos viajantes em odres feitos de pelles de bodes. Um rebanho de jumentos guardados por alguns miseraveis *fellahs*, que á nossa vista se apresentava, recordou-me Saül percorrendo estas montanhas d'Ephraïm, em busca dos jumentos de seu pae e encontrando o sceptro d'Israël aos pés de Samuël. [1]

---

1 *1.º Livr. dos Reis*, IX, 3 e seg. N'esta viagem entre *Béthel* e o *Khan-es-Sâouieh*, póde, desviando-se o viajante do caminho directo, nas alturas da grande aldeia musulmana de *Sendjel*, situada sobre a vertente d'uma montanha e em meio do valle chamado *ouâdi Sendjel*, ir visitar o emprazamento da historica cidade de *Silo*, que é uma das terras da Palestina mais celebres pelas suas tradições. Esta visita, apenas, augmenta a viagem de trinta a quarenta minutos.

Foi em *Silo*, hoje *Seillun*, que *Josuë* (XVIII, 1) collocou a Arca da Alliança, que ahi permaneceu depois durante trezentos e vinte e oito annos, ao fim dos quaes foi roubada pelos Philisteus. *(1.º Livr. dos Reis*, IV). Foi em Silo que elle juntou o povo de Deus para dar ás sete tribus que ainda não tinham entrado de posse da herança que Deus lhes dava, a parte devida da Terra Promettida. *(Josuë*, XVIII). Muitas outras recordações desperta esta pequena terra. *(Juizes*, XXI, 2. *3.º Livr. dos Reis*, XIV, 2. *Jerem.*, VII, 12, etc.) Na minha segunda viagem á Palestina, descendo da Galilêa para Jerusalem, passei em Silo, pela tarde, vindo do acampamento de *Saouêtreh*, a caminho da aldeia de *Sendjel*, onde pernoitei, em acampamento. O caminho de *Saouêtreh* até Silo, segue um valle selvagem, pedregoso, queimado e sobe gargantas de serras verdadeiramente medonhas. Foi o trajecto mais feio e perigoso que encontrei em toda a minha viagem da Galilêa até Jérusalem. De Silo vae-se a Sendjel atravez d'uma bella planicie, passando-se pela aldeia de *Tourmesaya*, onde abundam as figueiras e florescem as vinhas. Em *Silo* não se vêm mais do que destroços e ruinas, vestigios

Do *Khan-es-Sâouieh* nos partimos uma hora depois a fim de podermos chegar com quatro horas de viagem, approximadamente, a *Souhaîtreh*, perto de *Naplouse*, onde deveriamos pernoitar a dentro das nossas tendas.

Esta viagem offerece sempre os mesmos incidentes e aspectos da primeira.

Cortam-se extensas planicies entre *Kefr-Kullin*, *Haouârah* e *Roudjib*. Atravessa-se o valle de *El-Makknah*. Trepam-se collinas escabrosas, vencem-se escarpas d'aspero piso por causa do cascalho solto que as cobre. Vinhedos e olivaes poem de quando em quando notas sombrias nos re-

---

de casas circulares, oblongas, quadradas—toda a geometria dos povos pastores e agricolas das pristinas eras—e uma velha construcção, uma antiga mesquita, talvez um templo, ou o quer que fosse, hoje em ruinas, cobertas pela sombra d'uma arvore que ao lado frondeja os seus ramos sempre verdes. O director da caravana de que eu fazia parte leu alli varias passagens biblicas allusivas ao logar. A viagem de *Sendjel* a *Bethel*, sempre atravez da antiga tribu d'Ephraïm, é d'uma selvageria assombrosa. Os caminhos semeados de pequenas pedras roliças são d'um piso difficil, incommodo e mesmo perigoso. Envereda-se pelo valle profundo e extenso chamado dos *Ladrões*, escurentado d'espesso olivedo e figueiraes densos, e onde gotteja a fonte *Aïn-el-Haramieh*. O logar aqui é melancolico e deleitoso e poucas impressões na vida egualam as que sente quem alli passa uma vez. O valle é estreito e sombrio, fechado por duas muralhas lateraes, cheias de tumulos cavados na rocha. E' este, talvez, o *Valle das Lagrimas* ou das *aguas gottejantes*, cantado como uma das estações do caminho entre a Samaria e a Galilêa, no delicioso Psalm. LXXXIII, 7, impregnado todo d'uma religiosa e commovente poesia, d'um triste e doce mysticismo. A alegria só volta aos corações quando, ao chegar-se pelas alturas de Bethél, mais ou menos, se avista Jerusalem, ao fundo do horisonte distante e se entra na nova estrada macadamizada em construcção de Jérusalem para Nazareth.

levos accidentados dos terrenos. E o calor por vezes é por alli tão intenso que os viajantes se vêm obrigados a applicar compressas d'agua fria sobre as frontes escaldadas.

De *Souhaîtreh* nos partimos, no destino de partirmos sem perda de tempo para a Galilêa, com intenção de, na volta, a caminho do Jordão, visitarmos demoradamente o celebre poço de Jacob, o poço da Samaritana, ao qual se prende um dos mais tocantes episodios da vida do Salvador. [1]

Todavia já de caminho, entramos pela porta occidental em *Naplouse*, na altiva e fanatica *Naplouse*, a antiga Sichem, [2] talvez, dos textos hebraicos, uma das mais antigas cidades do mundo, chamada, hoje, *Nablos*, [3] pelos indigenas.

Esta cidade, está, tambem, como todas as cidades da Palestina, cheia de recordações biblicas, [4] e christãs.

Ella foi a patria de S. Justino, o *Apologista*. A sua entrada é agradavel. Alguns edificios modernos de bom aspecto, cobertos a telha de Marselha, uma avenida d'oliveiras, o tradiccional cemiterio, que é sempre no Oriente o passeio publico, jardins em varandas, numerosos rebanhos de cabras pastando nos flancos das collinas, eis o que contemplam os olhos do viajante.

Naplouse, pittorescamente situada n'uma bella e fertil planicie encravada entre os montes Hebal e Garizim, banhada pelas aguas abundantes de vinte e duas fontes, metade das quaes correm

---

1 *João*, IV, 5 e seg.

2 Ou *Sechem*.

3 Corrupção de *Neapolis*, *Flavia Neapolis*, assim chamada em memoria da sua restauração por Tito Flavio Vespasiano. Tambem lhe chamaram *Mabortha*,—*desfiladeiro*, *passagem*.

4 *Juizes*, IX. *3.º Livr. dos Reis*, XII, etc. *Josuë*, VIII, 33.

todo o anno e que fazem rodar moinhos, cercada d'amenos jardins e cerradas florestas d'oliveiras, e fechada por uma muralha, é uma cidade assás importante, de vinte mil habitantes, talvez, entre catholicos, [1] gregos scismaticos, samaritanos, protestantes, judeus e musulmanos, que constituem a maioria, que se entregam ahi na sua quasi totalidade ao commercio do sabão, [2] e do algodão.

As physionomias d'estes habitantes de Naplouse não têm nada de sympathicas. Quando nós entravamos os curiosos, os *mirones*, olhavam-nos das janellas e dos terraços; mulheres esqualidas apostrophavam-nos de longe, dirigindo-nos insultos e affrontas pouco amaveis, dizia o *Guia*.

Existem em Naplouse duas escolas catholicas, dirigidas uma, pelas Irmãs do *Rosario* e outra, a dos rapazes, por um padre maronita; além d'estas ha uma judaica, outra samaritana e varias musulmanas. [3]

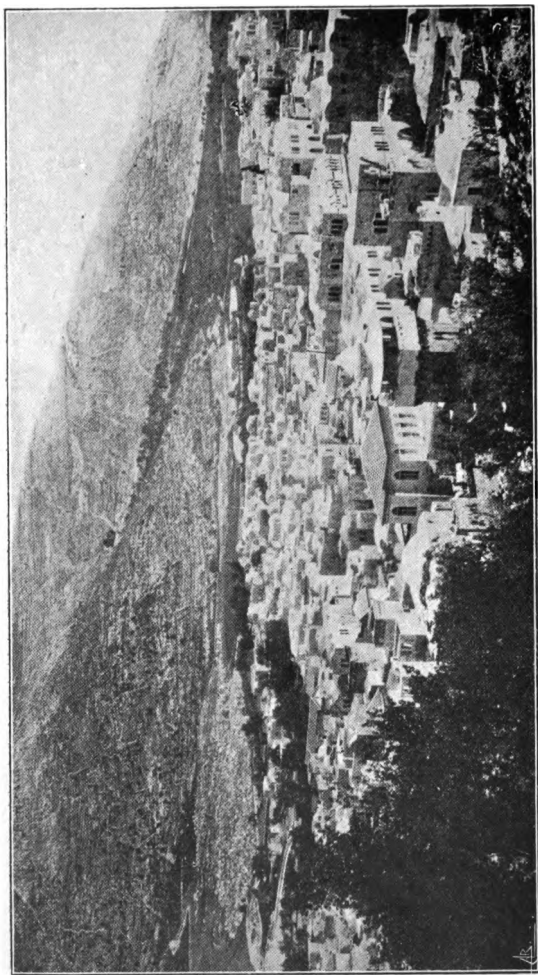
E' proverbial o odio que os moradores de *Na-*

---

1 60, ou poucos mais.

2 Ha, talvez, vinte e quatro fabricas de sabão em Nablos.

3 Naplouse tem repartição do correio e telegrapho ottomano. Na minha segunda viagem á Palestina, descendo da Galilêa para Jerusalem, os acampamentos da minha caravana foram levantados, para pernoitarmos, no campo, em frente a Naplouse, em meio do valle que separa os dois montes Ebal e Garizim. Recebemos todos ordem expressa de nos não aventurarmos a passear de noite pelas ruas da cidade, por causa da hostilidade dos seus habitantes. A' noite ao jantar, sob a tenda, foi nosso commensal o cura latino de Naplouse, acompanhado do mais respeitavel dos seus catholicos.

A Companhia Hamburgo-Americana possue hoje um hotel em *Naplouse* para hospedar os seus clientes, bem como em *Djenin*.

Naplouse e o monte Ebal

plouse nutrem contra os estrangeiros, sendo necessario que estes se façam acompanhar sempre por um *gendarme* para evitarem insultos.

Os Samaritanos mostram em *Naplouse* um manuscripto do *Pentateuco*, guardado na sua synagoga, mediante um *bakchich* d'um franco que exigem por cabeça. E' necessario, porém, para entrar na synagoga, descalçar os sapatos. Quem não quizer sujeitar-se a este incommodo, poderá esperar fóra da porta que elles alli lhe virão mostrar o manuscripto. Está este escripto em caracteres samaritanos sobre uma longa folha de pergaminho enrolada em rolos de metal, e abrange os cinco Livros de Moysés. O precioso manuscripto tirado do seu estojo de cobre, ornado de finos cinzelamentos, surge á vista como uma reliquia verdadeiramente sagrada. Elle é o patriarcha dos livros. Duas luzes ardem constantemente aos seus dois lados. Os Samaritanos remontam a sua origem até *Abisué*, [1] filho de *Phinéas*, filho de *Eleázar*, filho de *Amrão*, isto é, a 1500 annos antes de Christo. E', porém, mais provavel que este manuscripto remonte apenas até *Manassés*, primeiro Grande Sacrificador do Templo do Garizim. [2]

E' extraordinariamente curiosa a historia d'estes Samaritanos, d'este nucleo de habitantes da moderna cidade de *Naplouse*. Elles são, ainda hoje, os representantes da raça estrangeira, introduzida no paiz por Salmanazar, oito seculos antes de Christo, para substituirem os Judeus, que elle levara em captiveiro. [3]

---

1 *1.º Livr. dos Paral.*, VI, 4.

2 330 annos antes de Christo. Costumam os Samaritanos enganar os estrangeiros mostrando-lhes não o verdadeiro manuscripto, mas uma imitação.

3 *4.º Livr. dos Reis*, XVIII, 9 e seg.

Os novos colonos [1] tentaram fundir-se com a população indigena. A assimillação nunca foi, porém, completa. Esta intrusão na familia mosaica de que não ha outro exemplo, foi sempre mal vista d'Israël. D'ahi resultou, como em todos os cruzamentos, uma raça hybrida: nem assyriana pura já, nem judia jámais; a raça adoptou o nome do paiz onde se estabelecera e ficou sendo a raça samaritana.

Se o judeu não confunde a Samaria com os territorios pagãos, exclue-a, todavia, do solo sagrado da patria. Assim quando depois da volta do Captiveiro os Samaritanos se offereceram aos Judeus para a reconstrucção do Templo, a sua offerta foi desdenhosamente repellida. [2] Elles construiram, então, um templo sobre o monte Garizim, cujas ruinas são, ainda hoje, bem visiveis, pretextando, como ainda hoje affirmam os seus representantes que alli, e não em Jerusalem, Melchisedech se encontrara com Abrahão e que fôra alli e não no Moriah que o Patriarcha offerecera a Deus seu filho Isaac. Este *Templo* durou dois seculos, segundo diz Josepho. [3]

Foi destruido por João Hircano que se apoderara de Sichem.

Os Samaritanos têm atravessado todas as vicissitudes, entrincheirados sempre nas suas crenças, firmes nos seus costumes; elles têm resistido a todas as influencias; taes foram, taes têm permanecido na extensão de vinte seculos. Elles não são mais hoje do que um punhado; elles não têm defeza d'especie alguma; nada, porém, os póde abalar. Nem a Synagoga, nem o paganismo os têm perturbado; o Evangelho e o *Koran* encon-

---

1 *4.º Livr. dos Reis,* XI, 24 e seg.

2 *Edras,* IV, 1 e 2.

3 Desde 332 a 130 antes de Christo.

tram-nos egualmente impassiveis. Elles não admittem movimento algum no tempo nem crêm que Deus tenha accrescentado uma só palavra ás revelações primitivas. Receberam de seus paes os Livros de Moysés e não admittem outros. O judeu que é para nós o typo da tenacidade n'uma crença firme, não vale aos olhos dos Samaritanos mais do que um povo mobil e versatil que deixou degenerar a sua fé nas revelações dos Prophetas. 'E' uma raça isolada, impenetravel, misanthropa, recusando-se sempre a misturar o seu sangue com o sangue das outras raças. Elles não são mais hoje em Naplouse do que 150, agrupados em volta do seu *Pentateuco;* apesar d'isso elles não se casam senão entre elles; estiolam-se n'estes casamentos consanguineos e assim, á força de se empobrecer a seiva samaritana, ha-de acabar por seccar completamente. Os Samaritanos são typos bellos, graves, limpos, reservados, cheios de dignidade, despertando verdadeira sympathia. Elles fallam o arabe nas suas relações ordinarias da vida. Nos seus dias de festa elles vão ainda ao Garizim para alli sacrificarem e as suas mulheres renunciam ainda symbolicamente a todas as suas joias e ornamentos d'oiro, afim d'expiarem a falta dos filhos d'Israël no deserto que offereceram os seus para ser fabricado o veado d'oiro. [1]

A actual cidade de *Naplouse*, com as suas casas em terraços e as suas janellas em arco, semi-circulares umas, gemineas outras, offerecendo externamente um aspecto dos mais agradaveis, internamente é d'uma repugnancia e porcaria verdadeiramente indescriptiveis. E' uma segunda *Tiberiades*, ou muito peior ainda do que *Tiberiades*. A' parte duas ruas principaes

---

1 *Exodo*, XXXII, 2.

que atravessam a cidade em toda a sua extensão, tudo mais é da mais incrivel repulsão. O *Bazar* extremamente curioso aliás, é ignobil de immundicies, exhalando por todo um bafio e um odôr de podridão quente e humida que se não affronta sem nauseas do estomago e vertigens da cabeça. Certas passagens abobadadas da cidade, principalmente, pegajosas de humidade, porejando salitre, baixas como canos d'exgoto, sombrias como grutas, cheias de poeira fina que cega e penetra nos pulmões, fazem estremecer os visitantes. A cada instante escorrega um pé n'um charco d'agua estagnada; aqui é preciso saltar por cima d'um animal morto, já em decomposição; alli cães estripados, carcassas fedorentas de carneiros cobertas de nuvens de moscas repellentes atravancam as ruas. As lixivias das barrellas, todos os dejectos domesticos lançados á rua suffocam a respiração. E vivem ahi seres humanos! Macillentos, sordidos, immundos, esfarrapados, os habitantes pobres de *Naplouse* coçam continuamente a bicharia do corpo.

As creanças semi-nuas revolvem-se nas lamas dos charcos parecendo acharem n'isso grande prazer. Os seus olhos remellentos e lacrimejantes estão cobertos de moscas que ellas não pensam em enxotar. Tal é *Naplouse!* [1]

A nossa caravana, depois de partir de *Naplouse*, a caminho de *Jebâa*, do seu acampamento de *Souhaîtreh*, atravez do valle de *Naplouse*, tão deleitoso e aprazivel, cheio d'aguas e arvoredos, de amoreiras, larangeiras, romanzeiras e figueiras, embalsamado de perfumes e resoante de gorgeios suaves d'aves canoras, foi, seguindo cami-

---

1 Nos primeiros seculos do christianismo *Naplouse* era um bispado. Procopius, seu bispo, assigna o *Rescripto* no Concilio de Nicéa. *Migne*, "Dictionnaire de Geographie Sacrée".

nhos asperrimos, [1] parar momentaneamente a *Sebaste*, conhecida na Biblia pelo nome de *Samaria*, fundada por *Amri*, rei d'Israël. [2]

Esta terra, cheia de recordações biblicas [3] e de recordações historicas, é celebre, ainda, pela prégação do diacono S. Philippe. [4]

O celebre templo de *Baal*, em Samaria, foi destruido com todos os seus sacerdotes, nos dias de Acab, por Jehú. [5] Hoje, cercada de ferteis planicies é, apenas, uma miseravel aldeia de trezentos *fellahs*, mais ou menos, unicos vestigios ainda hoje existentes da opulenta cidade engrandecida por Herodes o *Grande* e cognominada por este monarcha *Augusta*, em honra de Augusto, que d'ella lhe havia feito doação. Em *Sebaste* desposou Herodes Mariamne, sua primeira mulher e ahi fez estrangular os dois filhos que d'ella tivera. Sua segunda mulher Mathacéa, era egualmente de Sebaste.

Foi em *Sebaste* que os discipulos de Jesus repellidos pelos Samaritanos, quizeram que o fogo descesse do ceu para castigar essa gente inhospita. [6]

Ruinas esparsas, bellas columnas em pé,

---

1 Uma bella estrada de *macadam* segue, hoje, na extensão d'alguns kilometros o valle de *Naplouse*, na direcção de *Sebaste*.

2 *3.º Livr. dos Reis*, XVI, 23 e 24.

3 *4.º Livr. dos Reis*, V, 3, VI, 25 e XVII, 24.

4 *Act.*, VIII, 5.

5 *4.º Livr. dos Reis*, X, 27. Em *Naplouse* a nossa caravana visitou, ainda, o *Djameh-el-Khebir*, antiga igreja construida em 1167 pelos Conegos do Santo Sepulchro e dedicada aos duplos mysterios da *Paixão* e da *Resurreição* do Salvador, hoje convertida n'uma mesquita. O seu *mihrah* está decorado com columnas de marmore branco.

6 *Luc.*, IX, 52.

umas, prostradas no solo, outras, vestigios ainda existentes do templo de Baal e das ruinas do theatro de Herodes, attestam aqui e alli a primitiva grandeza de Samaria.

Sebaste, a antiga capital do reino d'Israël, depois da divisão das doze Tribus, é chamada, hoje, *Sebastieh* e os seus habitantes que acodem a offerecer á venda aos viajantes moedas antiquissimas gosam da fama de ladrões, sendo necessario como precaução deixar um guarda junto dos cavallos ! [1]

---

[1] Na minha segunda visita a *Sebaste*, vindo da Galilêa, o paiz ardia debaixo das laminações ardentes d'um sol de braza. *Sebaste* recrea-se, apenas, hoje á sombra d'algumas figueiras e oliveiras. A agua vem-lhe d'um kilometro de distancia, á cabeça das mulheres da povoação, em pesadas urnas. A mulher em meio d'estas atrazadas populações musulmanas é considerada como um sêr de condição inferior. Desprezada e maltratada, ella faz todos os trabalhos domesticos e agricolas. Na religião do *Islam* a mulher não tem alma. Por isso ella não ora; é-lhe interdicta a entrada n'uma mesquita. Ella carrega com os fardos e mercadorias como se fosse um animal de carga, emquanto que o marido caminha atraz, balançando os braços, o *chibouk* na bocca. Ella é verdadeiramente escrava, não comendo jámais com o homem, São vistos muitas vezes *fellahs* arroteando a terra com uma charrua que mal risca o solo, á qual vão attreladas as suas mulheres, á falta d'um burrinho, ou d'um camello. Uma comprida camiza azul apertada nos rins por uma corda, constitue quasi sempre toda a sua *toillete*. Os braços, as pernas, o pescoço, as orelhas, tudo n'ellas, porém, está coberto d'ornamentos: anneis, argolas, braceletes, brincos, collares, amuletos, pingentes, medalhas e moedas entrelaçadas nos cabellos d'ebano. Algumas mesmo mostram um annel d'oiro na membrana esquerda do nariz. Eliezer por ordem de Isaac offereceu tambem eguaes dadivas a Rebecca. E os Proverbios alludem a estas coisas vaidosas. (*Prov.* XI, 22). A maior parte das mulheres do interior da Palestina, as beduinas estremes, estão cobertas de tatuagens que as tornam extremamente feias, com as palpe-

N'este trajecto de *Naplouse* a *Sebaste* passa-se á vista de varias aldeias arabes, como *Zaouta* e *Nakoura* e junto de fontes abundantes, entre as quaes se distingue a de nome *Aïn-Nakoura*, proxima da aldeia do mesmo nome.

A nossa caravana de *Sebaste* foi parar a *Jebâa*, com quatro horas de marcha, approximadamente. De passagem saudamos ainda algumas miseras aldeias arabes, entre as quaes *Boukra* e *Pentekoumieh*. As caravanas dos camellos passavam frequentemente por nós. Velhos de longas barbas patriarchaes, andrajosos, apoiados a um bastão, uma cabacinha d'agua presa na ponta d'um pau, acocorados na ourela dos caminhos, pediam-nos esmola. Uma familia de gente pobre do paiz passou por nós, saudando-nos. Um burrinho d'aspecto triste, carregava sobre uma albarda, presa apenas por frageis baraços, as pro-

---

bras para maior horror tingidas d'antimonio e as unhas de *hinné*. Ellas têm um especial horror ao espelho que as faz fugir espavoridas se lh'o mostram. E' tambem impossivel convencel-as a que se deixem photographar, pois que o *Koran* prohibe formalmente a reproducção do rosto humano, bem como o uso do espelho.

Para se visitarem em *Sebaste* as ruinas da igreja de S. João Baptista, construida pelos Cruzados sobre as ruinas d'uma igreja que ahi existia já no 4.º seculo e os sarcophagos d'este mesmo Santo, tido pelos musulmanos em grande veneração e illuminado por elles a petroleo, — do propheta Abdias, — o intendente de Achab, — e do propheta Eliseu, é necessario pagar um franco por cabeça. Parte da igreja está convertida n'uma mesquita. As ruinas existentes, ainda, os altos pilares, as columnas geminadas e os muros externos attestam a magestade primitiva da igreja. Observarei, ainda, que em Damasco eu vi a mesquita chamada dos *Omayyades* d'uma extensão e sumptuosidade extraordinarias, que foi uma antiga basilica christã dedicada no seculo 4.º a S. João Baptista e onde os musulmanos pretendem guardar n'um ediculo em face ao *Mihrah*, a cabeça de S. João Baptista.

visões, tanto as suas, como as dos seus donos. Uma mulher, envolto o rosto com um veu branco, seguia assentada em cima, sustentando um filho nos braços. A pé, ao lado, caminhava um velho d'olhos vivos e hombros queimados pelo sol. Elles me recordaram, em verdade, a Santa Familia vinda de Nazareth a Jerusalem por estes mesmos caminhos. Estes eram pobres e os paes de Jesus tambem eram pobres. Os pobres assemelharam-se sempre uns aos outros em todos os tempos, atravessando as aridas charnecas da vida, d'olhos amortecidos, membros lassos, rostos tostados, perfis magros e trigueiros.

Como n'este trajecto, ao dobrarmos uma azinhaga, repentinamente nos surgisse á vista uma deveza de pinheiros, perguntou-me o nobre conde de *Nouailles*, um dos companheiros da caravana, se havia d'aquellas arvores na minha terra. Disse-lhe eu que era ella a arvore mais commum dos montes e bouças do norte do meu paiz e que a poesia portugueza cantara já em versos lapidares a belleza vegetal d'essas coniferas, n'um magnifico soneto que eu alli logo lhe recitei em voz alta:

Altos pinheiros septuagenarios
E ainda empertigados sobre a serra!
Sois os enviados extraordinarios
Embaixadores d'El-Rei Pan na terra!

Á noite, sob aquelles lampadarios
Conferenciaes com elle... Ha paz? Ha guerra?
E tomam nota vossos secretarios
Que o Livro Verde secular encerra.

Hirtos e altos, Tayllerands dos montes!
Tendes a linha, não vergaes as frontes
Na exigencia da Côrte ou beija-mão!

Voltaes aos homens com desdem as faces
Ai! oxalá que Pan me despachasse
Addido á vossa extranha Legação! [1]

Jeba, ou *Jebâa*, construida sobre um ponto culminante, é uma terra amavel e silenciosa, cheia toda de biblicos tons de pureza e de frescura, cercada de oliveiras e arvores fructiferas. *Jebâa* possue boas fontes cuja agua os habitantes da aldeia ministram da melhor vontade aos viajantes.

Muito perto já de *Jebâa*, no caminho de *Sebaste* a esta localidade, encontra-se, pela esquerda e á beira da estrada, um poço de boa agua, chamado *Aïn-Jebaâ-Gharbìeh*, junto do qual costumam arranchar as caravanas. A nossa parou tambem alli para tomar a sua refeição, no chão, sobre tapetes desdobrados. Foi d'alli que nós nos partimos em direcção a *Djenin*, onde tinhamos

---

1 Antonio Nobre. Do Livro *Só*. Este poeta portuguez é um dos mais perfeitos modelos dos modernos *jongleurs* da rima e poesia exotica entre nós. Não póde, porém, negar-se que é um poeta de nobre e altissima inspiração, distinctissimo e singularissimo com toda a impressionabilidade, toda a vibratibilidade, todo o temperamento emfim d'um artista, em meio de toda a moderna alluvião de plumitivos que arranham temerariamente o plectro das *Musas*. O seu livro *Só*, encerra poemetos burilados d'uma impeccavel tessitura gothica ou chineza e d'uma invejavel e invulgar perfeição d'arte. Mas, é forçoso dizel-o, no conjuncto a architectura poetica do seu livro é molle, fragil e incaracteristica. O poeta com a sua apathia, com a sua tristura e com todos os seus accessos de tosse romantica e de asthma lyrica, perdida toda a sua crença nos homens e esperança na felicidade humana, dá-nos, apenas, com os seus versos a idéa melancholica da planta lacustre que se definha e murcha mergulhada na agua lodosa dos pantanos! Queriamos que o poeta abrisse os labios n'um sorriso e volvesse os olhos enxutos para a toalha azul do céu, resplendente de luzes d'eterno brilho!

intenção d'armar as nossas tendas a fim de pernoitarmos.

Esta jornada é approximadamente de trez horas e meia atravez de caminhos accidentados, asperrimos, ao longo de montes aridos onde o calcareo afflora. A cotovia canta por alli em meio das searas. Cruzando o ar em largas curvas vêm-se, por vezes, bandos de cegonhas melancolicas. E as montanhas encadeiam-se sempre nuas, tristissimas, queimadas sempre no estio por um sol inclemente, abafante, que martyrisa os viajantes. Nas ladeiras empinadas, abruptas, o viajante por vezes tem que agarrar-se valentemente ás crinas dos cavallos, sendo frequente verem-se apear os mais timoratos, que receiam resvalar no piso extremamente rude dos caminhos.

Encontra-se n'este trajecto, após uma hora de marcha, mais ou menos, a pequena aldeia de *Sanour*, que é talvez a antiga *Bethulia*, patria de Judith. [1]

Sanour é, hoje, uma povoação de duas mil almas, fanaticas e rebeldes, edificada sobre uma collina isolada.

Logo se entra na planicie de *Sanour-Mardj-es-Sanour*, ou *Ghorouk*, muito bem cultivada de cereaes no verão, coberta d'aguas da chuva no inverno e cheia toda de recordações historicas. [2]

N'este trajecto encontram-se aldeias, como *Jerba* e *Kabatieh*, cujos habitantes são pouco affectos aos estrangeiros, ruinas dispersas, *ouélis;* atravessam-se florestas d'oliveiras e deparam-se abundantes mananciaes d'agua, entre os quaes se nota, já muito perto de *Djenin*, o que se chama *Aïn-Hananieh*, fonte d'agua tão abundante que

---

[1] *Judith.*, VIII, 3 e seg. Maundrell identifica Bethulia com a moderna Saphet.

[2] *Judith.*, VIII e seg.

chega a formar um bello regato, deslizando ora sereno e manso por sobre um tapete d'hervas verdes, ora correndo e saltando, fervido e espumante, por entre alvercas e barrocaes, dando viço, saude e frescura ás junças e mentrastes das ribanceiras. [1]

Djenin — fonte dos jardins — é provavelmente a antiga *Engannin*, cidade levitica, rica, de fortes muralhas, sita entre olivaes e vinhedos, no paiz de Issachar, a quem foi dada por Josuë, situada nas fronteiras da Galiléa e da Samaria. [2] Crê-se que foi em *Djenin* que Jesus curou dez leprosos. [3]

Esta terra, sita na base d'uma montanha de verdura e á entrada da planicie de *Esdrélon*, é,

---

1 Na minha segunda viagem á Palestina, descendo do Thabôr para Jerusalem, eu vim de *Djenin* passar em *Dothaïn*, *Tell-Dothaïn*, hoje, sita n'um valle fertil, coberto de pastagens. As tradições biblicas de Eliseu (*4.º Livr. dos Reis*, VI, 13 e seg.) e de José, filho de Jacob, partido de Hebron em procura de seus irmãos, mettido por estes n'uma cisterna e vendido depois a mercadores egypcios, prendem-se aqui. (*Gen.*, XXXVII, 17 e seg.) E ainda hoje a grande estrada de Gilead para o Egypto alli passa perto d'uma cisterna, que será, quem sabe? a de José. As cisternas, em verdade, não faltam alli. Uma fabrica de moagem a vapor, de cereaes, vê-se, hoje, em *Dothaïn*. Cercam a aldeia bellos olivedos e figueiraes, fechada por altas sebes de cactos. E a romanzeira tambem alli ornamenta a paisagem. O paiz d'aqui em diante, na direcção da Samaria, apparece cada vez mais montanhoso; os caminhos de difficil piso, cobertos de pedras rolantes, descendo sempre em encostas abruptas, offerecem muito perigo aos cavallos.

Atravessando a planicie de *Sanour*, á qual se prendem as mais bellas tradições do livro de Judith, é que nós chegamos á aldeia de El-Sileh, regada por uma fonte de boa agua, onde arranchamos, para d'alli, atravez de caminhos não menos perigosos, chegarmos a *Sebaste*.

2 *Josuë*, XIV, 21.

3 *Luc*, XVII, 14.

hoje, uma cidade de trez mil habitantes todos musulmanos, gente de má sombra e olhar desconfiado, entregues á horticultura e á agricultura. O *drogman* disse-nos que havia alli duas familias catholicas. Bellas e esbeltas palmeiras, viçosos jardins regados por algumas fontes abundantes, hortos de figueiras, oliveiras, romanzeiras e outras arvores frugiferas, dão a esta terra um aspecto agradavel ainda que o clima alli, é, dizem, muito febril. Nos arredores da cidade cultivam-se em larga escala as plantações dos tomates. Cerca-a uma pallissada de cactos gigantescos. Da bella igreja que nos primeiros seculos christãos alli construiram os fieis, nem é possivel encontrar hoje o emprazamento. Apenas o minarete d'uma mesquita se destaca alli por entre as brancas casas dos habitantes da cidade. Elles nos olhavam, quando alli entravamos, curiosos, das portas, muitos d'elles correctamente vestidos á européa, na cabeça, apenas, o *fêz* classico, vermelho. [1]

*

* *

Tinhamos finalmente chegado ao limiar do abençoado solo da Galiléa.

---

1 Em *Djenin*, como em *Naplouse*, foram as nossas tendas guardadas durante a noite por soldados, concedidos pelo *cheikh* da localidade. Há, hoje, em *Djenin* uma estação postal. Vêm-se na cidade bellos edificios. As suas ruas são bastante asseiadas e os seus habitantes são conhecidos pela sua polidez e distincção. Extremamente fanaticos, elles olham, porém, malevolamente os christãos. Vive alli um governador musulmano e ha alli aquartellada uma guarnição militar. O telegrapho que liga Nazareth com Jerusalem por Naplouse, passa em Djenin.

Agora iamos subir directamente para Nazareth, passando por Soulem, Naïn e pelo Thabôr. A distancia é de sete horas de marcha, a cavallo, approximadamente.

Cavalgavamos, agora, por entre enormes sebes de cactos espinhosos. Rapidamente chegamos á historica planicie de Esdrélon, [1] assaz ondulada, a mais bella da Palestina, povoada de bandos de grous e de cegonhas.

Lá estava, agora, a montanha de Gelboë, celebre pelo combate alli travado entre Saül e os Philisteus e onde elle morreu com tres filhos. [2]

David chorou a morte d'esses heroes, exclamando: Montanhas de Gelboë, que nem o orvalho nem a chuva caiam mais sobre vós, porque ahi foram humilhados os escudos dos fortes. [3]

Hoje Gelboë está quasi totalmente cultivada e habitada.

Lá estava, ainda, na direcção oeste o Campo de Maggedo, *Maggido*, hoje, ou *Lejjun*, tão celebre ainda agora pelas suas aguas e pelas suas pastagens e onde Josias, rei de Judá, cahiu debaixo das flechas de Nechau do Egypto que marchava contra os Assyrios. [4]

---

1 *Merdj* (pradaria) *ibn Amir*, hoje, outr'ora tambem conhecida na Biblia pelos nomes de Jezreel, ou Campo de Maggedo.

2 *1.º Livr. dos Reis*, XXXI, 2 e seg.

3 *2.º Livr. dos Reis*, I, 21.

4 *2.º Livr. dos Paral.*, XXXV, 20 e seg. Esta planicie, cheia toda d'illustres recordações, onde as tropas de Sisara, general do exercito de Jabin, foram submergidas com todos os seus carros de guerra (*Juizes*, V, 20); onde Débora entoou um cantico triumphal exaltando as glorias d'esse combate que terminou pela morte de Sisara, atravessado nas fontes pelo prego de Jahú, estende-se entre o Carmello e o Jordão e é cortada, entre muitas outras, pela celebre torrente de *Cison*,—*Nahr-el-Moukata*, hoje, a *ri-*

Passam-se seguidamente varias aldeias, longos tractos de terrenos pedregosos semeados no verão ora de trigo, ora de cevada, ora de sorgho, até que se entra em Zeraïn, a cidade de Achab, a antiga Jezraël, [1] da tribu de Issachar. [2]

A nossa caravana tinha chegado alli. Esta cidade, cheia de recordações de Achinoam, mulher de David, de Achab, rei d'Israël e de Naboth que possuia ahi uma vinha proxima do palacio do rei, de Jesabel mulher de Achab, de Joram, filho de Achab e de Jesabel, de Jehú, finalmente, [3] é hoje, apenas, uma pobre aldeia ardendo ao sol, sem sombras e sem arvores, cheia de ruinas de sarcophagos e de cisternas abertas na rocha viva.

Onde seria a vinha de Naboth, *herança de seus paes*, que elle não quiz ceder a Achab? A cruel e perfida astucia de Jesabel fez despojar o pobre homem da sua vinha e talvez que d'entre as pedras que nós ainda hoje pisamos aos pés, talvez que alguma d'ellas lapidasse o innocente!

---

beira antiga dos *Juizes*, (v, 21). O *3.º Livr. dos Reis*, (xviii, 40) allude á torrente de *Cison*.

Ella vae desaguar no Meditterraneo as suas aguas lodosas engrossadas pelas chuvas do inverno descidas dos barrancos do Carmello. A planicie de *Jezreel* ou *Maggedo* pertencia á tribu de Issachar. (*Josuë*, xix, 17 e 18.) Ella foi o grande campo de batalha da Palestina. (*Juizes*, iv, 6 e 7. *1.º Livr. dos Reis*, xxix, 1, etc.) Tão celebre outr'ora pela sua edenica feracidade, ainda hoje é notavel a sua fertilidade, apesar de estar sem cultura em grande parte. Na primavera ella cobre-se de flôres e de herva alta por entre a qual erram as gazellas e os chacaes. Abundam ahi os cardos, as cruciferas, as labiadas, as corimbiferas e muitas outras flôres e plantas dos campos de Portugal.

1 Isto é: *Deus é quem semeia.*

2 *Josuë*, xix, 18.

3 *4.º Livr. dos Reis*, ix, 30 e 33 e x, 8.

Mas Elias o *Thesbita*, fallou ao usurpador da parte de Deus e aqui mesmo os cães beberam o seu sangue e o seu corpo foi lançado no campo de Naboth, emquanto o seu carro era lavado na fonte visinha. Jesabel, audaciosa, ornada, coberta de galas, os olhos pintados de antimonio, *depinxit oculos suos stibio*, o *Kohl* dos Arabes, de que se servem ainda hoje as mulheres do paiz, Jesabel foi precipitada do alto d'uma torre. Os cavallos pisaram aos pés o seu cadaver e os cães fizeram com elle um festim. Jehú, depois de haver degollado na Samaria os setenta filhos de Achab, fez das suas cabeças ensanguentadas duas pyramides que mandou levantar ás portas da cidade. Racine cantou em versos sublimes todas estas horriveis scenas.

A nossa caravana chegou seguidamente a Soulam, a antiga Sunem, da tribu de Issachar, patria da encantadora Sulamite, a paizana protagonista da enlevante pastoral do *Cantico dos Canticos*, a maravilhosa e resplandecente virgem Abisag. [1]

Esta terra, tambem cheia de recordações biblicas [2] e historicas, é hoje, apenas, uma grande aldeia mahometana, de casas mesquinhas e immundas, feitas de terra amassada e palha, dormindo n'uma grande paz bucolica, em meio d'uma floresta cerrada de cactos vigorosos, tropicaes e de hortos de figueiras, oliveiras e larangeiras, junto do pequeno Hermon. Corre alli uma fonte de excellente agua.

As mulheres de Sulem, muito feias, velam escrupulosamente a face se o viajante as fita. E os habitantes da cidade mostram, ainda, aos visitantes muito perto da fonte da aldeia, o empraza-

---

[1] *3.º Livr. dos Reis,* I, 3.

[2] *1.º Livr. dos Reis,* XXVIII, 4.

mento da casa onde o propheta Elizeu, vindo do Jordão a caminho do Carmello, foi hospedado por uma caritativa mulher, cujo filho depois resuscitou. [1]

Sulem é um pequeno *oasis* em meio do deserto. Ha alli flôres e perfumes, aves e gazellas. A vinha mescla alli os seus pampanos com os ramos dos arbustos. Os jasmins e as rosas rivalisam alli em frescura e casam suavemente os seus aromas.

De Soulem, seguindo na direcção norte, atravez d'um atalho ladeado de cactos fortes, a nossa caravana dirigiu-se para Naïn. Este trajecto faz-se em hora e meia, approximadamente.

O pequeno Hermon, onde nos tempos de S. Jeronymo havia um convento de mulheres, ás quaes elle dirigiu a sua carta XXXIII de titulo *Ad Virgines Hermonenses*, surgiu logo á vista da nossa caravana. Sem cultura alguma, apenas alli se vê um *ouéli.*

Passamos depois á vista da fortaleza arruinada e da aldeia de *Afouleh*, provavelmente a antiga *Affec*, a que allude a Biblia. [2]

Finalmente chegamos a Naïn, a *graciosa*

*

* *

A humilde aldeia de *fellahs* miseraveis que outr'ora teve o nome de *Naïn* fica ao pé do *dje-*

---

1 *4.º Livr. dos Reis*, IV, 36. A agua da fonte de Sumel é boa e saborosa. Eu bebi d'ella na minha segunda visita á Palestina. Desce-se á fonte por alguns degraus de pedra polida onde facilmente se escorrega.

2 *3.º Livr. dos Reis*, XX, 30.

bel ed Dûhy, que é o *Pequeno Hermon* de S. Jeronymo. [1]

Os seus habitantes vivem em cabanas, sordidas como os seus moradores. Vêm-se alli as ruinas da cidade primitiva; reconhecem-se restos de duas mesquitas que fôram antigas capellas christãs.

A natureza em Naïn é aprazivel, sorridente, d'uma suggestão hypnotisante.

A aldeia é um retalho encantador de paisagem fresca e sã; moitas cerradas de carnosos e verdes nopaes, cactos verdadeiramente gigantescos erriçados de espinhos perfurantes na aresta das suas grandes folhas coriaceas, cercam alli, como em quasi todas as aldeias da Palestina, as casas pardacentas, d'uma apparencia miserrima. Elles formam-lhe uma muralha impenetravel aos homens e aos animaes. Os camellos mordem com delicia as succulentas folhas d'estas cacteas e os arabes colhem as suas flôres rubras, purpurinas, com que ornam os seus turbantes. Os seus fructos, conhecidos pelo nome de figos da Berberia, fornecem-lhes uma alimentação muito appetecida.

Essas gordas piteiras, estriadas d'amarello, cheias de ferrões, e sangradas de flôres vermelhas n'uma grande parte do anno, cercam em Naïn todos os hortos e vallados, em renques longos, em sebes vivas, recortando no ar os afiados cutellos da sua folhagem baça.

Jesus operou, junto das portas d'aquella cidade, um dos seus mais brilhantes milagres. [2]

---

1 No valle que separa Naïn do Thabôr, alcançou Kleber em 1789 uma gloriosa victoria, contendo a marcha a um exercito turco que vinha em soccorro de S. João d'Acre, cercada por Napoleão.

2 *Luc.*, cap. VII, 11 e seg. Em *Naïn* ganha-se uma indulgencia plenaria, orando-se no proprio Logar onde

Um adolescente, filho d'uma infeliz viuva, tinha morrido. Levavam-n'o á cova, seguido de sua pobre mãe, absorta na sua dôr, cega pelas lagrimas, chorando desolada!

A mãe é o symbolo do sacrificio, o typo da bondade e a fonte do amor. A ternura é n'ella a essencia da alma.

Aquella afflicta mãe crystallizava em lagrimas a terna e excruciante saudade de seu filho morto!

Jesus, chegado de Capharnaüm n'aquelle mesmo dia, alguns dias passados apenas depois do celeberrimo Sermão da Montanha, ia passando, cercado de immensa multidão.

Vê o enterro, ouve os gritos doloridos e maguados da desventurada mãe e commove-se.

Manda parar o prestito lugubre; approxima-se do esquife e, com voz imperiosa, brada ao morto: *Levanta-te, digo-to eu.* E o morto, banhado ainda todo o seu rosto d'um pallôr feral, sentou-se a fallar. Depois Jesus, diz o Evangelho, o entregou a sua mãe.

Este adolescente de Naïn é o symbolo das almas innumeraveis que a Igreja chora e que a voz do Salvador restitue todos os dias á vida da graça.

* * *

Não muito longe de Naïn, uma hora de distancia, approximadamente, no caminho que

---

Jesus Christo operou o grande milagre da resurreição do filho da pobre viuva. Os Franciscanos traziam em obras a construcção d'uma capella alli, quando eu lá passei, e offerecem a sua habitação aos peregrinos que desejem descançar. Naïn possue uma bella fonte de agua que rega e fertilisa os quintaes subjacentes. Ella vasa-se a um tanque de boas proporções aonde nadava um *fellah* quando eu alli passei pela segunda vez, em 1902.

d'esta aldeia conduz ao Thabôr, tivemos occasião d'observar, quasi junto do pequeno Hermon, a celebre cidade da tribu de Manassés, chamada *Endor*, onde Saül veiu evocar o espirito de Samuel por intermedio da Pythonissa — a mulher que tinha o espirito de Pithon — antes de ferir a celebre batalha de *Gelboë* e onde elle morreu com seu filho Jonathas. [1]

Eu não vi mais alli do que um montão de penedos, que servem, explicaram, de esconderijo a salteadores arabes.

*

* *

Entre Naïn e o Thabôr a nossa caravana encontrou um acampamento de beduinos.

Resumia-se elle apenas em algumas tendas formadas por velhas mantas, presas sobre quatro estacas. Os rebanhos das cabras relvavam em roda; as mulheres da malta, acocoradas junto a uma fogueira que ardia entre duas pedras, esmagavam trigo e preparavam o leite e a carne para o repasto commum; os homens, estendidos no chão, fumavam o *chibouk*, a espingarda estendida ao lado e a sua grande lança espetada ao alto na terra em frente á tenda! E junto d'elles nunca falta a amphora da agua, sempre ao alcance da mão para gorgolejarem depois de cada somno, porque o beduino bebe, sempre que acorda, um golo d'agua.

1 *1.º Livr. dos Reis*, XXVIII, 7 e XXXI, 2 e seg. A Sybilla galilêa habitava talvez uma d'essas grutas que hoje servem de refugio aos indigenas. Os nossos *espiritas* modernos deveriam venerar estes logares e fazerem d'elles um centro de peregrinação.

* * *

Os viajantes que de *Naïn* seguem directamente a *Názareth*, passam em frente á aldeia de *Iksal*, ou *Ksalis*, a antiga *Casaloth* da tribu d'Issachar. [1] A pequena distancia atravessam a celebre torrente do *Cison*, orlada de tamargueiras e espadanas e o *campo de batalha de Débôra*, ao qual se refere o livro dos Juizes. [2] D'ahi vai desemboccar-se atravez d'um desfiladeiro na planicie argilosa e escura d'*Esdrélon*, d'onde se vai, subindo por uma magnifica estrada construida em 1886, até ás alturas de Názareth. Galgada esta eminencia, encontra-se, a pequena distancia, um poço chamado *Bir Abou-Djése* e avista-se pela esquerda *Yafa* a que allude *Josué*, [3] e que é a patria de Zebedeu, pae dos dois apostolos Tiago Maior e João. [4]

Yafa é hoje uma aldeia de 600 habitantes, entre latinos, gregos scismaticoos, musulmanos e protestantes. Vê-se actualmente ahi uma boa igreja catholica e os Padres da Terra Santa têem lá uma capella que se crê occupar o emprazamento da casa de Zebedeu, e onde se ganha uma indulgencia parcial. Continuando o caminho chega-se, após 13 minutos, á vista de Názareth; seis minutos para deante, sobre uma collina, pela direita, avista-se já a capella de *Nossa Senhora do Espasmo*, ou do *Tremor*. Deixa-se depois, pela esquerda, a estrada de *Yafa*, alonga-se depois o

1 *Josuë*, XIX, 18.

2 IV e V.

3 XIX, 12.

4 *Math.*, IV, 21 e *Marc.*, I, 19 e 20.

convento das religiosas de Santa Clara, fundado em 1884, para entrar-se quasi logo em Názareth.

*

* *

Seguidamente a nossa caravana foi parar em frente ao monte *Thabôr* [1] que os antigos conheciam pelo nome de *Atabyrion* e os arabes, hoje, chamam *Djebel-et-Tour.* [2]

E' este uma montanha calcarea, revestida d'uma vegetação exuberante, em fórma de pyramide, [3] que se levanta para o céu, como um grande altar resplandecente, a mais de seiscentos metros d'altura do Mediterraneo, *alta* e *isolada* na expressão biblica, [4] na extremidade nordeste da planicie de *Jizreel* e em frente ao monte *Hermon.*

Os seus flancos onde reinam as eternas sombras crepusculares, estão cobertos e revestidos d'um profundo macisso selvagem de grandes arvores, graves, d'uma solemne austeridade, carvalhos e aroeiras, cerrados tufos de sycomoros, de teberynthos, lentiscos, acacias, pilriteiros, chaparros, tamargueiras, alfarrobeiras, freixos, azinheiros e gigantescos platanos, por entre os quaes serpenteia em lancetes o caminho que conduz lá acima, ao alto da montanha, que é uma oval plana, levantada nos limites das antigas fronteiras que separavam a tribu de Zabulon da de

---

1 *Thabôr* significa *eleição, pureza, cume.*

2 *Djebel,* isto é *montanha.*

3 O auctor do Paraizo Seraphico compara o Thabôr a uma pinha. Parte 1.ª, pag. 265.

4 *Marc.,* IX, 1.

Issachar, [1] é que ainda hoje se vê coberta de ruinas d'antigos sanctuarios e asceterios christãos. [2]

O Thabôr, a unica floresta da Palestina, hoje, apparece pela primeira vez mencionado nas Escripturas, em Josuë. [3]

A' similhança dos antigos peregrinos, de Jeronymo, de Antonio e de Paulo, nós subimos ao alto da montanha, remontando pelo espaço d'uma boa hora por entre a espessura invia e umbrosa das grandes arvores, uma estrada de difficil ascensão erriçada de pedras rolantes, escorregadias e traiçoeiras, d'arestas vivas, boleadas e polidas pelas aguas das chuvas dos invernos rudes da Galiléa, afugentando aqui e alli bandos de perdizes e lebres fugazes e espantadiças. [4]

---

1 *Josuë*, XIX, 12.

2 D'entre as arvores que revestem o Thabôr, cito como interessante a chamada *Abghar*, cujos fructos encerram caroços de nome *Hhambaloses* utilisados na confecção de rosarios.

3 *Josuë*, XIX, 22. Alludem tambem ao Thabôr os *Juizes*, IV, 12, e VIII, 18; *Jerem.*, XLVI, 18; *Oséas*, V, 1, etc. Na base do Thabôr, a N. O, vê-se ainda hoje a aldeia de *Debûrieh*, a antiga *Dabereth*, da tribu de Zabulon, nas fronteiras da tribu de Issachar. (*Josuë*, XIX, 12.) Foi aqui, segundo é tradição, que os Apostolos ficaram esperando o seu divino Mestre, que subira ao alto da montanha na companhia apenas de Pedro, Thiago e João. Emquanto esperavam, elles tentaram inutilmente, narra *S. Marcos*, (IX, 17) livrar um possesso d'um espirito mudo. Esta aldeia possuia outr'ora uma igreja, cujas ruinas desappareceram. Ella é, segundo alguns exegetas, a patria de Débora, a *Prophetiza*, que governou o povo de Deus durante muitos annos e por cuja ordem e conselhos Barac derrotou Sisara, general do exercito de Jabin. A fonte da aldeia ainda hoje se chama dos *Apostolos*.

4 Outr'ora era o Thabôr povoado de tigres, chacaes, javalis, aguias e abutres, que já se não encontram hoje. Na minha segunda viagem á Palestina eu fui encontrar

Foi no alto d'esta montanha que Jesus, antes de abandonar para sempre a Galiléa, se transfigurou á vista de seus amados discipulos Pedro, Thiago e João, afim de confirmar a fé ainda vacillante dos tres Apostolos. [1]

---

a estrada do Thabôr sensivelmente melhorada por ordem do *Sultão*, em obsequio ao imperador Guilherme da Allemanha, que havia pouco tempo antes feito a ascensão do monte.

1 *Marc.*, IX, 1 e seg.; *Luc.*, IX, 28 e seg. Nicephoro, livr. VIII, cap. 30, falla da igreja que Santa Helena fez construir, sob o titulo da *Transfiguração*, no Thabor. Convem advertir ainda que varios palestinologos têm contestado a authenticidade d'esta montanha apresentando razões mais ou menos attendiveis para collocarem a scena da Transfiguração no *Grande Hermon*, a *Sarion* dos Sidonios, o *Sanir* dos Amorrheus, *(Deuter.*, III, 9) no paiz de Edom, o *Djebel Esch-Shéykh* (o *Chefe)* e o *Jebel Eth Thelj* (a *Montanha nevada)* dos Arabes, onde nascem o Jordão e as ribeiras Abana e Pharfar que banham e regam o valle de Damasco. Vid. *The Life of Christi by Dean Farrar*, London, 1906, cap. 36. No alto do Thabôr, no ponto culminante da montanha ganha-se uma indulgencia plenaria. Os Franciscanos possuem alli uma modesta capella construida no *Logar* da Transfiguração, dizem, um convento e um pequeno hospicio para peregrinos. Tambem os Gregos scismaticos possuem perto uma igreja dedicada a Santo Elias e um convento. Vêmse ainda alli as ruinas das antigas fortificações da montanha, que foi, nos tempos judaicos, uma praça forte e as ruinas de trez igrejas alli construidas pelos primeiros christãos, dedicada uma ao Salvador, outra a Moysés e outra a Elias. Os Franciscanos têm procedido a escavações que têm exhumado á luz todas essas ruinas saudosas. A mortalha dos escombros occulta tambem no Thabôr o grande convento dos Benedictinos de Cluny, fundado ahi nos tempos dos Cruzados. Os Franciscanos concedem no Thabôr aos peregrinos uma bizarra e generosa hospitalidade, servindo-lhes de *cicerones* na visita ás ruinas da montanha. Sobre o Thabôr póde consultar-se a magnifica obra *Le Mont Thabôr. Notices historiques et descriptives* par le P. Barnabé d'Alsace. O. F. M. Pariz, J. Mersch, imprimeur, 1900.

A grande e affavel sombra virgem das arvores que revestem o monte envolve tudo ahi n'uma ascetica beatitude, n'uma mystica e bemdita paz religiosa. A tapeçaria dos fetos e das carrasqueiras hostis alcatifa as suas encostas. As mosquetas brancas e emmaranhadas rompem em cachos das fisgas das pedras. As folhas verdes dos vetustos carvalhos parecem chorar ainda ahi silenciosamente as suas saudades pelos antigos anachoretas que povoaram o monte. Todo o ambiente onde palpita a vida alegre dos insectos zoantes, está saturado de perfumes de resina balsamica. Sente-se alli o halito forte e sadio dos grandes troncos pujantes e das plantas humildes que vivem de rastos, forrando a terra de estofos frescos. As aroeiras e os sycomoros bracejam para todos os lados os seus ramos frondentes. Sob a melancholia da folhagem, musgos e velludosidades de cryptogamicas, filhas da humidade, tapetam o chão e as pedras esparsas. Por entre as sombras espessas da matta arrulham pombos cariciosos, ciciam caricias dôces e *zmorzam* tremulos segredos mil avezinhas namoradas!

A cumiada d'aquella montanha está afogada em luz, em ondas d'ar largo e tonificante.

O Mediterraneo, com a sua tranquillidade e com as suas tempestades, rouco já de tanto bramir, avista-se ao longe, atravez d'um córte do promontorio do Carmello e atravez d'uma garganta dos montes de Názareth.

E' soberba a vista que d'alli se gosa abrangendo um panorama de dez a quinze leguas em redor, todo fechado por horizontes luminosos e esmaltado de païzagens suaves!

Vê-se toda a Galiléa, com as suas montanhas esculpturaes, os seus valles romanticos e um canto azul do seu lago diaphano, onde o céo mira a sua face rutilante!

Vêem-se, apparecendo, no mesmo campo visual, *Séphoris*, que se orgulha de ter sido o berço

da Virgem Santa, *Caná*, onde Christo operou o seu primeiro milagre, *Hattin*, monte sobre o qual o Mestre proclamou o reino das *Bemaventuranças*, *Naïn*, sobre o primeiro contraforte do pequeno *Hermon*, toda cheia, ainda, de recordações do orfão resuscitado por Jesus, *Endor*, onde Saül consultou a pythoniza, *Tibériades*, sentada ás margens do lago celeste, *Názareth*, meia occulta pelo monte do *Precipicio*, edificada em meio de rochas esbranquiçadas, de plantações risonhas de figueiras e de sycomoros; vêem-se os barrancos gelados do grande *Hermon*, feridos, ao longe, d'uma luz, ora da côr das violetas, ora da côr do oiro, vêem-se os altos planaltos ondulados da *Gaulonitida* e da *Peréa*, estendendo-se em taludes até *Cesarêa de Philippe*, ao Norte, erguendo-se, de longe a longe, em picos desertos e inaccessiveis, cobertos d'um tapete de velludo azul, vê-se a terra de *Galaad*, da outra banda do mar de Génézareth, vêem-se as montanhas, finalmente, da desolada e triste Samaria, da agreste e aspera Judéa, as protuberancias osseas do oblongo e arrogante promontorio do Carmello, cheio todo de mysticas tradições. [1]

---

[1] Na minha segunda viagem ao paiz eu vim de Tiberiades ao Thabôr por Loubiêh, passando pelo derruido *Khan-et-Toudjar*. Faz-se alli um mercado todas as quintas-feiras. Há alli uma fonte d'agua detestavel e havia alli na occasião um acampamento de beduinos. A bella vegetação arborescente do Thabôr começa aqui. Eu cheguei á montanha pela noite, torrado pelo sol do dia, ardendo em febre e sêde. Pernoitei no convento franciscano do Thabôr por especial benevolencia, pois que a peregrinação a que me associara só fornecia tenda, Flagellava-me na occasião uma dolorosa cystite. Fóra o vento *siroco* soprava rijo, devastador. No dia seguinte, antes de partir para a Samaria, o medico da peregrinação presagiou-me a morte se eu tentasse essa viagem, a caminho de Jerusalem. Res-

*

* *

Do monte Thabôr a nossa caravana dirigiu-se para Nazareth, a *En Nassara* — hoje, dos Arabes, [1] a rosa da Galiléa, a perola de Zabulon, a cidade das flôres, a patria de Jesus Christo, segundo a sua mesma expressão, [2] sita a 340 metros acima do nivel do Mediterraneo. A distancia é de trez horas de marcha approximadamente.

Esta palavra Nazareth, significa *flôr e rebento*, na interpretação de S. Jeronymo. A cidade da Virgem apparece pela primeira vez mencionada na Escriptura, em S. Lucas. [3]

Nem o Antigo Testamento, nem Josepho, nem o Talmud a ella alludem em parte alguma.

Nazareth, que não poderá differir muito ainda hoje da Nazareth dos tempos de Jesus, é uma pequena cidade de ruas estreitas, sujas mas bem calcetadas, de casas brancas, quadradas, de tectos chatos e janellas em arco, construida em amphitheatro sobre a vertente d'uma collina, cercada de montanhas, com as suas officinas, as suas lojas, o seu mercado, a sua synagoga, o seu telegrapho, o seu correio e todo um sensivel e proficuo movimento agricola. [4]

---

pondi-lhe dizendo-lhe que só Deus era conhecedor da vida e da 'morte das suas creaturas e que se morresse toda a grande consolação da minha vida seria ser tumulado no Paiz de Christo. Parti e felizmente cheguei quasi bom a Jerusalem, saciado das magnificas aguas que se encontram na Samaria, recolhendo apenas um dia na Cidade Santa ao hospital francez de S. Luiz.

1 Isto é *cidade branca*.

2 *Luc.*, IV, 23.

3 I, 26.

4 A cidade terá, hoje, cinco a seis mil habitantes entre catholicos, maronitas, gregos, protestantes e musul-

Ella apresenta o aspecto arido e pobre das povoações dos paizes semiticos. O clima em Nazareth é muito salubre e o inverno por vezes intensamente frio. No verão a temperatura é ardente. As casas da cidade são feitas d'argamassa de miudos fragmentos de pedra, moidos a pilão, á falta d'areia. Em compensação a pedra abunda na localidade.

A casa de José, casto esposo da Virgem, devia assimilhar-se a essas humildes casas da Nazareth

---

manos. Os peregrinos hospedam-se em Nazareth no hospicio franciscano, *casa nuova*, ou *forasteria*, chamada· Tambem ha em Nazareth dois hoteis. Existem ainda na cidade varias casas d'educação: a escola para rapazes dos Franciscanos, a cujo cargo está a parochia latina, um orphalinato e uma escola para donzellas das *Damas de Nazareth*, além de quatro grandes estabelecimentos religiosos: o hospital dos *Irmãos de S. João de Deus*, o convento das *Clarissas*, o das *Irmãs de S. José da Apparição*, com um dispensario gratuito annexo e a escola dos *Irmãos da Doutrina Christã* para rapazes do rito latino e grego unido. Tambem a Russia possue em Nazareth estabelecimentos importantes. Por ultimo um vasto orpha linato protestante domina a cidade, ao norte. A magnifica igreja da *Annunciação*, d'uma architectura simplicissima, datando apenas do seculo XXVIII, reconstruida sobre as ruinas accumulladas da basilica Constantiniana destruida no seculo XIII, dividida em trez naves, pertencente aos Franciscanos e que serve de parochial, encerra na sua crypta a capella da *Annunciação*, abrangendo quatro altares: o de S. Joaquim e Santa Anna, o do archanjo S. Gabriel, o da Annunciação e o de S. José, ou da Fuga para o Egypto. No altar da Annunciação ganha-se uma indulgencia plenaria. Nos outros uma parcial. O altar da Annunciação marca o Logar, onde, segundo é tradição, o Archanjo annunciou a Maria que ella seria Mãe do Salvador. (*Luc.*, I, 30.) Alampadas de prata ardem incessantemente deante d'este Logar veneravel. Por sobre o marmore branco do pavimento lê-se a seguinte inscripção: *Verbum caro hic factum est.*

actual, alluminiadas. apenas, pela luz que irrompe pela porta e que servem conjunctamente de sala, de cosinha e quarto de dormir, tendo por unico mobiliario uma meza, uma esteira, alguns coxins brancos, um ou dois vasos d'argilla e uma caixa pintada. Os nazarenos, [1] são pessoas amaveis, sorridentes, gente de boa sombra.

A leste da cidade alarga-se o valle em que nasce a fonte que hoje se chama de Maria e onde, segundo é tradição, a Virgem vinha buscar agua para os arranjos domesticos de sua casa.

A fonte de Maria, a unica da cidade, é formada por um portico incrustado nas granulações dos seus humbraes, frisos e pavimento de revestimento de lichens esverdeados, com laivos claros, marmoreando o granito. A agua jorra por trez bicas, limpida e fresca. [2] Ganha-se àlli uma indulgencia parcial.

As mulheres da povoação, essas ditosas conterraneas de Jesus, sisudas e graves como estatuas da Hellade classica, de perfil esguio e regio, de troncos flexiveis como os das cannas plantadas á margem das torrentes, espelhando nas feições do rosto, modesto, calmo, sympathico, a brancura assetinada do alabastro, vestindo como nos tempos da Virgem, vão ainda hoje á fonte de Maria, similhantes ás filhas de Madian, encher

---

1 O nome de nazareno dado a Christo por desprezo passou a seus discipulos. (*Math.*, II, 23 e *Act.*, XXIV, 5) Os christãos ainda hoje se chamam no Oriente *nassâra*.

2 A nascente da fonte de Maria encontra-se alguns metros acima debaixo d'um altar da igreja dos Gregos orthodoxos, d'onde é conduzida por um canal até á fonte publica. Os Gregos mostram de boa vontade a nascente da fonte e mesmo dão de beber da sua agua aos visitantes. Na liturgia grega existe uma tradição que diz ter sido alli que pela primeira vez foi saudada pelo Archanjo a Virgem Maria.

d'agua os seus cantaros biblicos de terra cota, marchando com os filhos pela mão, com aquella graça cheia de languidez, meiga e acariciadora que caracterisa o typo syriaco. Essa *allure* solemne, essa *pose*, esse *cachet* artistico do vestuario das mulheres em Nazareth, indo e vindo da fonte da Virgem, dão-nos a illusão d'uma cariatide grega posta repentinamente em movimento. Era assim que Rebecca ia á fonte onde a esperava Eliezer. [1]

Ellas são extremamente affaveis, d'uma enlevante e evocativa formosura virginal, que é considerada entre ellas como um dom da Virgem Maria e parece que alli não manifestam tão vivamente, como em outras terras da Palestina, a natural aversão que nutrem pelos christãos. Os odios religiosos estão mais amortecidos em Nazareth, do que em outra qualquer parte do paiz. [2]

---

1 *Gen.*, XXIV, 15. Na minha segunda visita a Nazareth, em 1903, as donzellas da cidade, vieram ao encontro da nossa caravana cantando a *Ave Maria*, como se canta em *Lourdes*, nos dias das grandes peregrinações. Todas ellas amam dizerem-se ser primas ainda da Virgem Maria. A nossa entrada na cidade foi verdadeiramente solemne. A' frente ia o estandarte da Peregrinação; a cavallaria dos peregrinos formava em duas alas. As ruas enchiam-se de curiosos, de physionomias sympaticas: elles olhavam-nos egualmente das janellas, das portas das casas e dos telhados chatos, saudando festivamente os Francos. Vendo-os, eu lembrava-me das palavras de nosso Senhor—*prégar de cima dos telhados*. (*Luc.*, XII, 3. *Math.*, X, 29). Sobe-se a elles por uma escada interior, ou por uma exterior subindo ao longo da parede. E' por esta que é preciso descer muito á pressa no dia da desolação, diz nosso Senhor, e não perder tempo se se está no tecto da casa. (*Marc.*, XIII, 15).

2 Os proprios musulmanos ostensivamente manifestam em Nazareth a sua sympathia religiosa pela Virgem, sendo muito conhecido alli um facto tocante passado com

Nazareth é uma terra muito fertil e florida, cercada de jardins verdes e amenos, uma cidade de paz, de poesia, de abstracção e de sonho, amavel e silenciosa, onde o espirito do viajante e do peregrino lasso já pela assimillação monotona dos mesmos episodios e aspectos da paizágem aspera da Judéa e da Samaria, vae encontrar um trecho idyllico de paizagem suave, georgiana, enlevante, d'uma graça profundamente communicativa.

Por fins do seculo VI, Antonino Martyr comparava aos do paraiso a fertilidade dos campos de Nazareth. Ainda hoje o trigo fructifica alli admiravelmente. Oliveiras e pinheiros, macissos de cactos glabros e de aloës espinhosos espalmando as suas largas folhas sempre verdes, plantações de romanzeiras, amendoeiras, alfarrobeiras, maciei-

---

mahometanos de Damoun, aldeia visinha de S. João d'Acre. Uma creança agonisava alli á vista de sua mãe, que no auge da afflicção invocou a Dama Maria de Nazareth. Repentinamente um milagre se operou recuperando a creança a saude pedida. A população da aldeia, profundamente commovida com o acontecimento, enviou uma deputação solemne a Nazareth agradecer á Virgem a sua singular benevolencia. Cento e cincoenta turcos ahi chegaram uma manhã; entram na igreja da Annunciação, oram respeitosamente, relatando em seguida aos padres franciscanos, surpresos, o facto occorrido. Mas eis que no momento um dos turcos, fixando um crucifixo, interroga um dos padres perguntando-lhe quem era esse homem suspenso dos braços da cruz — E' o Filho de Maria, lhe responde o Religioso — Mas quem o crucificou assim tão barbaramente, lhe perguntou elle de novo! — Os Judeus — O turco, indignado, vae procurar os seus companheiros, informa-os do facto como se elle datasse da vespera e eis que todo o grupo se exalta, grita, se inflamma em colera ameaçando de morte os Judeus da cidade. Não deu pequeno trabalho fazer-lhes comprehender que a feia acção dos Judeus era antiquissima e que *Allah* já tinha feito sobre elles justiça!

ras, amoreiras, limoeiros, escuros e lutuosos cyprestes embellezam a pequena cidade que apparece, semelhante a um lyrio virginal, situada n'uma larga concavidade no alto do conjuncto de montanhas fechadas ao norte pela planicie de Esdrelon.

Alli foi Jesus concebido; menino e moço, foi alli que desabrochou toda a sua infancia risonha e se enflorou toda a sua venturosa mocidade, submisso a seus paes, crescendo em sabedoria, edade e graça deante de Deus e dos homens. [1].

Filho d'artista, artista elle mesmo, Jesus preparava por suas mãos jugos e balanças, [2] symbolos da justiça e da paz, d'essa paz e d'essa justiça que elle vinha a prégar ao mundo.

Durante longos annos Jesus subiu as collinas de Názareth, meditando solitario na grande obra que vinha operar entre os homens.

Do alto d'essas collinas, alfombradas de violetas e de papoilas que eternamente enviam para o céu, como se fôssem thuribulos d'oiro, as essencias purissimas das suas urnas, do alto d'essas collinas que nós, ainda hoje, podemos subir, invocou Jesus muitas vezes o seu Pae Celeste e contemplou a terra immensa por sobre a qual havia de cahir a semente fecunda da sua doutrina.

Não póde imaginar-se a dôce tranquillidade patriarchal que respira este retalho solitario de paizagem verde-negra da provincia da Galiléa, este oasis de luz e de perfumes emmoldurado de penumbras poeticas, este humilde retiro de Názareth, que parece ter sido creado exclusivamente

---

1 *Luc.*, II, 52.

2 S. Justino, de Naplouse, que viveu no 2.º seculo, diz no seu Dialogo com Tryphon, que no seu tempo ainda se viam charruas e jugos trabalhados por Jesus.

para o idealismo, para o idyllio, para o sonho da felicidade absoluta!

A perspectiva da cidade, dos seus contornos e das paizagens distantes tirada do alto da montanha por sobre cuja vertente a cidade está edificada, é d'um encanto e belleza inteiramente intraduziveis na palavra! [1]

E' o Thabôr bojante, immerso n'uma onda de luz, que se vê para os lados de Sudeste; é a planicie d'*Esdrélon* com o pequeno Hermon, para o Sul; é o monte Gelboë n'outra direcção; é a cadeia do Carmello, é Caïpha, é Séphoris, é a bahia de S. João d'Acre, é a cidade de Saphet, em fim, ao Norte, junto do ponto culminante d'uma das mais altas montanhas da tribu de Nephtali!

As planicies circumjacentes matizam-se de poeticos taboleiros d'anemonas, boninas, campanilhas, gladiolos, malvaiscos, congossas, botões d'oiro, margaridas, lyrios e aloés e de tufos de asphódelos, quando a primeira seiva da primavera circula evolutiva pelas arterias da terra!

Vistas, como eu as vi em março, banhadas na luz suave e encantadora do sol da tarde, são d'um encanto, d'um boculismo pantheista! [2]

---

1 Esta montanha está coroada por um *ouéli* chamado *Nabi Said*. *Ouéli* é um logar de oração, consistindo n'um pequeno monumento funebre indicando a sepultura d'um *Iman* — theologo e prégador musulmano — d'um *Derviche* ou d'um *cheik*—religioso mahometano, ou d'um *santão,* talvez, anachoreta que alli vivera e fôra sepultado. Os *ouélis* são logares sagrados e inviolaveis para os musulmanos e encontram-se muito frequentemente na Palestina.

2 Por toda a Palestina viça uma magnifica collecção de flôres variadas. São, entre muitas outras, o lirio, o junquilho, o jacintho, o cyclame de tons varios, ornando as fendas das rochas, a tulipa, o narciso, alguns formosos *iris* marginando os caminhos e ornando os cemiterios,

A atmosphera, á hora do crepusculo, é d'uma limpidez translucida! A rarefacção do ar produz alli perturbações na vista, semeando de corpusculos luzentes todo o campo visual! As paizagens apparecem, então, polvilhadas de scintillações multicôres, exhibindo uma tão viva tonalidade de cambiantes, como nunca sonharam os pintores de palheta mais rica de colorido!

Quando, á hora liturgica do poente, o sino da igreja parochial latina bate ao toque das *Avé-Marias*, como benção da tarde que vem de cima, as ondas sonoras da voz do campanario repercutem-se alli indefinidamente, de quebrada em quebrada, de cêrro em cêrro, de varzea em varzea, como o echo soluçante d'uma oração religiosa!

Ao cahir da noite, cheia de silencio e de paz, macia como um velludo, toda a planicie de *Esdrélon*, que se lhe estende aos pés, tapetada de seda verde, se entrecruza resplendorosamente de facetas luminosas e de phosphorescencias crepitantes. Nenhum ruido perturba esta silenciosa tranquillidade nocturna.

Apenas de longe a longe se vêm atravessar no ar pares de pyrilampos tremuluzentes e se ouve, aqui e alli, o balido d'alguma ovelha perdida, o grito d'algum chacal que se recolhe á sua toca, ou o canto d'alguma aguia que esvoaça por sobre a sua preza. Tal é Nazareth.

A mui pouca distancia da cidade vê-se ainda hoje o *djabal-et-Kafzeh*, d'onde os nazarenos quizeram precipitar Jesus. [1]

Este monte chamado, hoje, da *Precipitação*

---

anémonas esmaltando as terras semeadas, ranunculos de flôres vermelhas e malvas espontaneas. que servem d'alimento aos habitantes do paiz.

1 *Luc.*, IV, 29.

ou do *Precipicio-saltus-Domini* e onde se ganha uma indulgencia parcial, está situado entre grossos tufos de cactos ferruginosos, ao lado d'uma torrente profunda. Ainda se vêm alli vestigios de antigas construcções religiosas dos tempos de Santa Helena, n'um ponto chamado pelos indigenas *Kherbet Rechach* e onde se encontram algumas edificações miseraveis. Do alto d'este monte gosa-se d'uma formosa vista da planicie d'Esdrélon. [1]

*

* *

De Nazareth a nossa caravana dirigiu-se para Tiberiades passando por Caná, Loubieh, e pela montanha das *Bemaventuranças*.

---

1 Modernamente construiram os Franciscanos em Nazareth a capella de *Santa Maria del Tremore*, pequeno sanctuario, n'uma ponta de rocha, onde, segundo a tradição, Maria cahiu desmaiada ao ter noticia de que os nazarenos haviam arrastado Jesus para fóra da synagoga e o tinham levado para o *Precipicio*. E junto d'esta mesma collina fundaram ha pouco tempo ainda as *Clarissas* uma das suas Abbadias. A outra das suas Abbadias na Terra Santa encontra-se proxima a Jerusalem, no caminho de Bethléem. Direi ainda por ultimo que a igreja dos *Gregos* catholicos de Nazareth occupa, dizem, o emprazamento da antiga synagoga, onde o Salvador interpretou uma prophecia de Isaias. (Luc. IV.) Ganha-se alli uma indulgencia parcial.

Os *Franciscanos* ainda possuem em Nazareth uma formosa capella, a alguma distancia da igreja dos *Gregos* unidos, que guarda a pedra *Mensa Christi*, onde se ganha uma indulgencia parcial e onde, segundo é tradição, Jesus Christo tomou um repasto com seus discipulos depois da sua resurreição. Para visitar-se a *Mensa Christi* e o *Atelier* de S. José é preciso prevenir o *Servo* sachristão da igreja da *Annunciação* que guarda as chaves d'estas duas capellas. No *Atelier* de S. José ganha-se uma indulgencia parcial. E', hoje, uma capella construida em 1856 pelos Franciscanos.

Caná, isto é *logar de juncos*, está situada á distancia approximadamente de duas horas de caminho de Nazareth, na antiga tribu de Zabulon, na estrada de Tiberiades e ao pé das montanhas que fecham ao norte a planicie hoje chamada *El-Buttauf*. [1]

Caná foi a patria de Nathanaël, [2] e de Simão chamado o *Cananeu*. [3]

Foi em Caná de Galiléa que um official vindo de Capharnaüm, pediu a Jesus a cura d'um filho doente. [4]

Foi em casa d'esse Simão, o *Cananeu*, que Jesus n'um banquete de nupcias, no qual, segundo a tradição, era o mesmo Simão o noivo, a pedido de sua mãe, inaugurou a sua vida publica afim de que se conhecesse a sua gloria, [5] operando o seu primeiro milagre, o grande milagre da conversão da agua em vinho, que inspirou a Paulo Veroneso, o pintor immortal das perspectivas, o magico artista das côres, dotado como Goya — o sombrio pintor dos typos, dos documentos humanos — das mais poderosas faculdades psychologicas d'observação e de analyse, uma das obras primas da pintura classica.

Sobre o emprazamento da casa de Simão, onde

---

1. Alguns palestinologos discutem a authenticidade da Caná evangelica. Dizem que o emprazamento da Caná do Evangelho se encontra junto d'uma fonte, proximo a Nazareth, chamada *Aïn Kenna*. Tambem os Cruzados se fixaram algum tanto ao norte da actual Caná. Vê-se, pois, que a questão ainda não está resolvida.

2. *João*, XXI, 2. Elle foi conduzido por Phillipe á presença do Mestre. *(João*, I, 45) Chamavam-lhe o Bartholomeu.

3. *Math.*, X, 4.

4. *João*, IV, 47.

5. *João*, II, 11.

outr'ora Santa Helena levantara uma igreja que os mahometanos mais tarde converteram em mesquita, levanta-se hoje a igreja parochial latina dos Franciscanos, pequena, redonda, corôada por uma cupula. No seu sub-solo existe uma crypta a cujo centro se vê uma amphora mutilada, reproducção das que serviram no festim biblico.

Na igreja latina ganha-se uma indulgencia plenaria. Sobre o emprazamento da casa de Nathanaël ganha-se uma indulgencia parcial. Vê-se tambem alli uma capella franciscana em cujo torno se estende o cemiterio catholico da aldeia.

Caná, ou *Kefr*[1]*-Caná*, como hoje dizem na lingua do paiz, é simplesmente agora, uma miseravel aldeia de pobres casas orientaes, edificada n'uma posição magnifica, por sobre a vertente d'uma eminencia que fórma como que o centro d'um horizonte de collinas, perto d'uma fonte, onde outr'ora vinham a buscar agua as graciosas filhas de *Caná* [2] e *Séphoris* e que, hoje, trescala á terra circumdante a seiva boa e fecunda d'uma forte vegetação vivaz de oliveiras, limoeiros, figueiras, romanzeiras e vigorosos cactos.

Na fonte de Caná abeberavam-se á nossa pas-

1 *Kefr*, isto é *aldeia*, em arabe.

2 As duas pretendidas *Urnas*, grosseiramente trabalhadas em pedra indigena, que os discipulos de *Photio* mostram, hoje, como eu vi, na sua igreja em *Caná*, como sendo as mesmas da casa de *Simão* e que encerravam a agua convertida por Jesus em vinho, são apocryphas. Está demonstrado isto cabalmente. São, apenas, antigos baptisterios d'igrejas outr'ora existentes em *Caná*. Os *Annales archéologiques* de 1851, 52 e 53, fornecem interessantissimas communicações a respeito d'algumas das urnas de *Caná*. Parece que algumas d'ellas se encontram, hoje, em França, trazidas da Palestina por S. Luiz. Uma, pelo menos, encontra-se indiscutivelmente na cathedral d'*Angers*. E' de porphyro vermelho.

sagem, n'um tropel innumeravel, cabras negras, de longas orelhas flaccidas, quasi tocando o chão, que iam a caminho dos pastos verdes, conduzidas ao som das flautas pastoris.

Caná é um logar verde, redolente, ameno, transparente de luz, um trecho de paizagem rustica da viva natureza suggestiva, deliciosamente fresco, cheio de sombras, de doçura e de silencio, d'um sacro e sublime silencio apenas interrompido de quando em quando pelos canticos do grande poeta dos bosques, do grande artista da natureza, do mavioso e inspirado rouxinol! [1]

---

1 Havia outra *Caná* na Galiléa, mas na tribu d'*Aser*, perto de *Sydonia*, nas visinhanças do rio *Eleuthero*. Era já na alta Galiléa, chamada a dos *Gentios*. Chamavam-lhe a esta *Caná* a dos *Sydonios*, para a distinguirem da outra. D'ella era natural a *Cananéa* que foi livre do demonio por Jesus. *(Math.*, xv, 22.) *Kefr-Caná* possue, hoje, cerca de 600 habitantes entre latinos, gregos scismaticos, protestantes e mahometanos. Os habitantes de Caná perseguem os viajantes offerecendo-lhes agua aos gritos de *hadji* (peregrino). Os Padres da Terra Santa, os Gregos scismaticos, os protestantes e musulmanos téem todos escholas em *Caná*. Os Franciscanos téem tambem actualmente lá um hospicio para peregrinos, aos quaes offerecem sempre como recordação das bodas de Caná, um vinho excellente, ainda que não milagroso. De *Kefr-Caná*, na direcção Sul, vai encontrar-se, após cinco minutos de marcha, a fonte da aldeia, onde se nota um bello sarcophago que serve de pia para os animaes beberem. D'ahi, seguindo-se na direcção O., atravez d'um caminho ladeado de duas longas filas de cactos, vai encontrar-se, finalmente, uma montanha rochosa, de cuja eminencia se vê a N. O. uma collina coroada por uma aldeia chamada *El-Mesched*, cheia, nas proximidades, de ruinas da antiga *Gethhépher*, da tribu de Zabulon *(Josuë*, xix, 13) patria de *Jonas* que ahi foi inhumado. *(4.º Livr. dos Reis*, xiv, 25) Vid. S. Jeron., Prefacio ao *Livro de Jonas*. Os musulmanos téem em grande veneração o tumulo d'este propheta, deante do qual arde continuamente uma alampa-

*

* *

Sahida de *Caná*, a nossa caravana, em sua direcção para *Tibériades*, foi parar a *Loubieh.* O trajecto até alli é de uma hora, approximadamente.

Apenas, n'esta jornada o caminho serpenteia algum tempo atravez de collinas pedregosas, cobertas de sarças, arbustos, cardos e carvalhos verdes.

Atravessa-se, seguidamente, um bello campo, salpicado de papoulas, malmequeres, malvaiscos e outras flôres de petalas azues e verticiladas, muito bem cultivado actualmente, chamado *Campo das Espigas*. Diz-se que fôra alli onde os dis-

---

da. Os habitantes de *Mesched* são todos musulmanos. Não ha ahi uma fonte só e os seus habitantes véem procurar agua a *Kefr-Caná*. Continuando a seguir-se o caminho durante 12 minutos atravez d'uma verêda muito accidentada, nota-se uma pequena fonte, pela esquerda, perto do caminho, que é provavelmente a mesma que no tempo dos *Cruzados* era conhecida pelo nome de *Fonte dos Agriões*, e á qual se prendem varias recordações historicas. A agua d'esta fonte é boa mas pouco abundante. Sete minutos para deante e depois de se ter deixado, pela esquerda, uma igreja parochial latina, atravessa-se uma pequena ravina onde corre durante algum tempo do anno um pequeno fio d'agua e d'onde se observa pela direita, *Er-Reineh.* Uma parte dos habitantes d'esta localidade, desejando entrar na Igreja Catholica, os Padres da Terra Santa abriram ahi em 1879 uma missão que obteve plenamente o fim desejado. Monsenhor o Patriarcha Latino erigiu *er-Reîneh* em parochia e a confiou ao zêlo d'um dos seus padres que em 1881 ahi construiu a igreja que actualmente se vê. Esta aldeia cobre a vertente S. O. d'uma fertil collina. Encerra mil habitantes, mais ou menos, entre latinos, gregos scismaticos, musulmanos e protestantes.

cipulos de Jesus, apertados pela fome, vieram colher um dia espigas de milho para comer! [1]

Era um dia de sabbado. Tanto bastou para fazer extravasar a bilis rancorosa dos phariseus. O Mestre, porém, com uma palavra só confunde esse rigorismo hypocrita.

Passa-se, depois, á vista, finalmente, da aldeia de *Tourâan*, perdida entre oliveiras, á vista d'uma torre que marca a situação de *Séphoris*, para se entrar na fertil planicie, ainda que muito mal cultivada, hoje chamada *El-Buttauf*, emmoldurada entre duas cadeias de collinas.

De quando em quando surgem á vista tendas de beduinos, rebanhos de cabras d'orelhas flaccidas, descahidas, sem chifres, cegonhas rasgando o espaço em vôos largos.

Quasi logo, tambem, apparece *Loubieh.*

Esta terra é apenas, hoje, uma aldeia musulmana edificada por sobre uma collina pedregosa.

De *Loubieh* a nossa caravana, depois de haver tomado a sua refeição sobre tapetes estendidos no chão, á sombra d'algumas frondosas oliveiras e figueiras e bebido agua [2] fornecida pelos indigenas do logar, dirigiu-se para Tibériades, subindo algum tanto ao Norte, a fim de visitar a montanha das *Bemaventuranças*. Este trajecto até Tibériades foi feito em tres horas, approximadamente.

*

* *

A montanha das *Bemaventuranças* — *Koroum Hattin*, na lingua indigena do paiz — eleva-se, como uma ilhota, a mui pequena altura, cincoenta

---

1 *Math.*, XII. *Luc.*. VI.

2 Da minha segunda passagem alli em fins d'Agosto a agua era detestavel.

metros, se tanto, em meio d'uma planicie verdejante, — a planicie de *Hattin.*

Por sobre o pequeno planalto d'esta collina, de cem metros de extensão, mais ou menos, ainda se vêem, hoje, alguns destroços d'uma construcção, que se crê sejam d'uma primitiva igreja.

Foi sobre esta montanha que Jesus Christo, voltando dos confins de Tyro e Sydon, querendo dar uma fórma mais precisa á sua obra e formular mais solemnemente a sua doutrina, ensinou um dia as oito Bemaventuranças, o *Pater* aos seus Discipulos e prégou as maximas d'uma moral sublime jámais ouvida no mundo. [1]

Ahi o Mestre ensina e revela aos filhos d'Israël que d'ora em diante a alma da Lei não seria mais o receio, mas sim o amôr. Foi ahi, no alto d'essa montanha, banhada toda na mais viva liberdade d'ar e de luz, rodeado de mulheres e creanças, que Jesus fallou em palavras luminosas e suaves aos pobres e aos humildes das esperanças do Reino de Deus, do fim das lagrimas, da gloria dos desherdados do mundo, da felicidade dos opprimidos, e de todos quantos fossem simples como as creanças, innocentes como as avezinhas do céu, como os lyrios das campinas.

Foi tambem descendo esta montanha que Jesus curou um dia um leproso. [2]

Toda a nossa caravana subiu ao alto da pequena eminencia das *Bemaventuranças*, cheia não só das mais illustres recordações evangelicas mas, ainda, das mais celebres recordações historicas. Gosa-se d'alli a vista d'uma bellissima perspectiva!

No dia formosissimo de sol em que lá subiu a nossa caravana, avistavam-se perfeitamente a al-

---

1 *Math.*, v, 6 e 7. *Luc.*, vi, 20.

2 *Ibid.*, viii, 1, 2 e 3.

deia de Loubieh com as suas choças, o monte Thabôr com os seus resplendores, o monte Arbéla com as suas cavernas, o lago de Tibériades com os seus horizontes luminosos, o paiz de Galaad, com os seus vulcões apagados, o Grande Hermon com as suas neves eternas, o Valle das Pombas, hoje *Ouâdy-Hhamâme*, antiga planicie de Gennezar, com as suas flôres eternamente viçosas, e, finalmente, a cidade de *Saphet*, com os seus minaretes, lá muito ao longe, na direcção norte ! [1]

*

* *

N'este rapido trajecto da montanha das *Bemaventuranças* a Tibériades, que póde effectuar-se á vontade em duas horas de marcha, encontra-se, ainda hoje, o Logar celebre ao qual a tradição constante prende o facto evangelico da *Multiplicação dos sete pães e cinco peixes*, pela segunda vez, segundo a narrativa de S. Matheus. [2]

Este logar venerando, sito na celebre planicie de *Hattin*, que se estende desde Nazareth até Tibériades, distingue-se á direita da estrada que o governo turco fez construir ultimamente entre Caïpha e Tiberiades, passando por Nazareth, por alguns blocos de basalto. Os indigenas chamam ao logar *Hhadjar en Nassarah*. Ganha-se alli uma indulgencia parcial.

---

1 Os judeus apontam o Koraïn Hattïn como sendo o tumulo de Jethro, sogro de Moysés, sacerdote em Madian. *(Exod.*, III, 1).

2 XV, 36. É na planicie subjacente a esta collina que em 3 e 4 de Julho de 1187, Saladino, por uma grande victoria, aniquilou para sempre o poder dos Cruzados, em que o rei Guy de Luzignan foi feito prisioneiro. Mais tarde Kleber e Bonaparte ahi acamparam tambem.

Da igreja e das doze grandes pedras chamadas *Os doze Thronos dos Apostolos* que a historia diz terem sido alli collocadas por Santa Helena não se vêm, hoje, vestigios sequer.

D'alli nos partimos para Tiberiades. D'aqui em diante, á vista já do surprehendente lago de Genezareth, o terreno deprime-se quasi a pique e a viagem faz-se atravez de caminhos asperrimos, estrangulados por entre enormes massas de rochedos, onde se cavam innumeraveis cavernas, ninho, hoje, de pombas e outr'ora de bandidos. [1]

*

* *

Tiberiades, cidade das mais nobres e illustres tradições biblicas, [2] uma das mais importantes da Decapole, fundada em honra de Tiberio por Herodes Antipas, tetrarcha da Galiléa e sua residencia habitual, [3] é hoje, com a sua entrada principal rasgada nas muralhas desmanteladas pelo terramoto de 1837, com as suas ruas estreitas e tortuosas, as suas casas cubicas e em terrassos, os seus bazares tão caracteristicos como os de todas as cidades turcas, uma typica cidade oriental. Em mostradores moveis, montados sobre cavalletes, fazem os negociantes a exposição das suas fructas e hortaliças, de frituras preparadas em azeite queimado, de pão abolachado contendo azeda coalhada, de guloseimas cobertas de calda tingida, de carnes enfeitadas de geraneos, artigos de confeitaria assucarados e vis-

---

1 Na minha segunda viagem ao paiz fui a Tiberiades de carro, partido de Nazareth. A estrada desce o ingreme pendôr das montanhas em lancetes sinuosos.

2 *João*, VI, I, XXI, 1, etc.

3 *Joseph.*, *Antig.*, XVIII, 3.

cosos, mil artigos empacotados n'um desalinho barbaro. Tiberiades foi já a séde d'um bispado suffraganeo do de Nazareth, durante o tempo do Reino Latino de Jerusalem. A nova cidade levanta-se hoje sobre as ruinas da antiga, que foi, em 1759, totalmente destruida por um terramoto.

Ella é considerada pelos judeus como uma das suas quatro cidades santas. Elles ahi constituem o maior numero dos habitantes e ahi possuem algumas synagogas que de bom grado mostram e patenteiam aos peregrinos, ainda que n'ellas nada ha digno de nota.

Depois da destruição de Jerusalem por Tito, os Judeus salvos da catastrophe refugiaram-se em Tiberiades, sendo para ahi transportado o Sanhedrio. A alma do judaismo ahi permaneceu localisada durante seculos; a escola rabbinica ahi conservou as tradições e a erudição dos doutores d'Israël.

O Talmud inteiro ahi foi composto. Ainda hoje os Judeus esperam um Messias que nascerá em Tiberiades. Silenciosos e taciturnos, elles vêm com maus olhos os viajantes. Caras patibulares, de barba hirsuta, elles singularisam-se tanto alli como em Jerusalem, pelas longas madeixas dos seus cabellos cahindo-lhes em fórma de saca-rolhas ao longo das fontes e pelo seu chapeu conico, semelhante ao que a lenda colloca na cabeça do Judeu Errante.

Exangues, d'uma côr de tinta mate, d'olhos penetrantes e prescrutadores, parecendo faiscar odio e baixeza, d'uma *allure* falsa, hesitante, elles dão-nos a ideia dos passaros nocturnos surprehendidos em pleno dia. Inspiram verdadeiramente dó, humilhados como vivem em toda aquella nauseante immundicie.

Da cidade construida por Herodes na margem occidental do lago do mesmo nome, não restam hoje senão ruinas. A nova cidade, estendendo-se na distancia d'um kilometro ao norte das ruinas

da antiga, destaca-se pittorescamente de longe, singularisada pelas suas muralhas ameiadas, em mais d'um lanço em ruinas, e pelas altas e graciosas palmeiras que a ornamentam. Os mosquitos em Tiberiades tornam insupportaveis as noites. As pulgas tambem parece terem ahi o seu *habitat.*

Já o proverbio arabe reza que vive em Tiberiades a rainha das pulgas. E segundo um outro proverbio os habitantes de Tiberiades passam dois mezes do anno a dançar; [1] dois mezes a coçarem-se; [2] dois mezes a jogarem a bengala. [3]

Elles andam quasi nús durante dois mezes por causa do extremo calôr que os suffoca; passam dois mezes a tocar a *zoummara;* [4] durante dois mezes, finalmente, elles chafurdam e patinham na lama que cobre as ruas da cidade! [5]

---

1 Allusão á sua agitação corporea incessante proveniente da picadella das pulgas.

2 Allusão aos percevejos que os devoram.

3 Allusão aos movimentos continuos que elles fazem para afastarem as vesperas dos pratos assucarados que elles tanto apreciam.

4 Planta da canna. Allusão á canna de assucar que elles chupam.

5 Tiberiades poderá ter 9:000 a 10:000 habitantes, sendo 8:000 judeus. Os Franciscanos têm alli um hospicio para peregrinos e uma igreja, bem como os Gregos unidos. Tiberiades é muito quente e febril. A temperatura alli é por vezes egual á das margens do Mar Morto. No valle que cerca o lago de Tiberiades desenvolve-se admiravelmente a vegetação das tamargueiras, limoeiros, larangeiras e do anil. A cidade está ligada a Nazareth e Caïpha por uma linha telegraphica. O seu encanto advem-lhe apenas do esplendido lago que, meigamente, silenciosamente, beija dia e noite os seus pés, n'uma dôce caricia. As pombas descem a poisar na ourela das suas aguas. A igreja ogival do convento dos Franciscanos, do tempo

* *

No dia seguinte ao da nossa chegada a *Tibériades*, eu e alguns peregrinos da caravana tomámos o caminho de *Capharnaüm*, sita ao Norte do lago.

O nosso destino era subir até alli por agua, em barco, [1] e descermos por terra, ladeando o lago. Assim poderiamos visitar grande numero de logares celebres não só por tradições historicas como por tradições evangelicas.

A travessia de *Tibériades* a *Capharnaüm*, faz-se em barca, a remo, em quatro horas, approximadamente.

Por terra a viagem é de tres horas.

---

dos Cruzados, quasi junto ao lago, marca o *Logar* onde Jesus Christo instituiu S. Pedro Chefe supremo da sua Igreja. (*João*, XXI, 17). Esta tradição, cumpre-me ainda dizer, é muito discutida entre os palestinologos e parece remontar, apenas, aos tempos dos Cruzados. (Vid. o livro *The Land and the Book*, by W. M. Thomsom, D. D. Myssionary in Syria and Palestine. Pag. 397.)

Um bello quadro cheio de luz. de côr, de movimento e de verdade vê-se no refeitorio do convento latino, representando o facto evangelico. E' uma dadiva de Portugal. Em Tiberiades, além da *Casa Nuova* dos Franciscanos, encontram os viajantes o hotel *Tiberias*

[1] As barcas que pódem encontrar-se em *Tiberiades* para o transporte dos peregrinos não offerecem commodidade alguma e custam ordinariamente entre vinte a trinta francos, para um grupo de oito a dez pessoas e consoante os logares que se combina visitar. Os embarques e desembarques são feitos ás costas de homens, tal qual como me tem acontecido já na Africa, em Zanzibar e no Brazil, na cidade do *Recife*, capital do Estado do *Ceará*.

*

* *

Em *Capharnaüm* póde ganhar-se uma indulgencia plenaria. Os Franciscanos possuem, actualmente, um terreno em *Capharnaüm*, cercado por um muro de pedra, a dentro do qual edificaram uma casa, onde hospedam os peregrinos.

As ruinas d'esta cidade estendem-se ao longo do lago, n'uma desoladora perspectiva! Apenas alguns aloendros, de folhagem fina e luzidia, marginam alli as praias do mar de *Tibériades!*

*

* *

Para se visitarem as ruinas de *Korazïm-Khirbeth-Kérazéh*, hoje, é necessario seguir um caminho pessimo, amontoado de blocos de basalto, a N. O. de *Capharnaüm*. O terreno do emprazamento de *Korazïm* que não está coberto de basalto é muito fertil.

A tribu dos *Beduinos* que alli vive tem o nome de *Aarab-es-Samaquîeh*.

Possue esta localidade dois poços d'agua, um dos quaes chamado *Bir-Korâzeh*, situado a N. N. E., na extremidade do emprazamento da primitiva cidade; é alimentado por tanta abundancia d'agua que chega a formar um regato durante muitos mezes do anno!

*

* *

A margem Nordeste do lago de *Génézareth*, entre a emboccadura do Jordão e o *ouâdy Djebarieh* fórma uma planicie florida na primavera e humida no inverno, conhecida, hoje, pelo nome de *El-Batyed*, ou *Butaiha*, muito bem cultivada de vinhas pelos Arabes e muito visitada hoje pelos mercadores de Safed que ahi vêm buscar

melões e pepinos conhecidos como os mais temporãos do paiz.

Cortada de torrentes, tem ella a fórma d'um vasto triangulo, cuja base é formada pelo lago e os dois lados pelo Jordão e pela montanha de *Gaulan*.

No cume do triangulo, a pouca distancia do rio e a uma legua do lago, sobre um monticulo, existiu, outr'ora, a cidade de *Bethzaida-Julias*, tambem chamada a *Transjordanea*, fundada por Philippe, [1] tetrarcha da Bathanêa, da Traconitida e da Auranitida, de todo o districto, emfim, da baixa Gaulonitida e onde o mesmo Philippe foi tumulado, n'um soberbo monumento, segundo o testemunho de Josepho. [2] Alli abriu Jesus os olhos a um cego. [3]

Da cidade, tão celebre pela sua grandeza d'outr'ora, como attesta Josepho, [4] não resta, hoje, senão o monticulo por sobre o qual ella esteve edificada, conhecido entre os beduinos pelo nome de *Et-Tell — a collina!* Vivem por alli alguns raros moradores. Perto cresce uma arvore gigantesca, a cuja sombra, dizem os indigenas do logar, descansou o Messias.

*

* *

De *Capharnaüm* ás margens da baixa Gaulonitida, a travessia do lago faz-se n'uma hora.

Esta região é solitaria e deserta, abafada e triste.

A paisagem alli é severa, rigida, incaracteris-

---

1 Filho de Herodes o *Grande*.

2 Foi esta cidade chamada Julias, em honra de Julia, filha de Augusto.

3 *Marc.*, VIII, 22.

4 *Ant.*, XVIII, 2, 1.

tica. Por sobre o solo calcinado, como um ladrilho n'um forno, apenas cahe a sombra d'algum cardo secco, ou d'alguma grande agave, de folhas perfurantes.

As planicies e as collinas envolventes, respiram uma tranquillidade melancholica.

Uma montanha, não muito distante do actual logar de *Douka*, projecta-se na atmosphera. [1]

Parece que foi alli onde Jesus operou o estrondoso milagre da primeira multiplicação dos pães e dos peixes, segundo a narrativa de S. Marcos. [2]

Este admiravel milagre excita na multidão o sonho d'essa felicidade temporal predominante nas tradições judaicas e que deveria ser realisado pelo Messias. O Mestre, conhecendo que elles vinham procura-lo para o proclamarem rei, retirou-se para a montanha. [3]

Tambem eu alli fui, atravessando o lago, n'uma pequena falúa arabe.

Nem uma pedra só marca, hoje, o *Logar* sagrado do grande milagre! Uma velha arvore, apenas, estende alli por sobre o sólo negro os seus braços aphyllos, descarnados e alvacentos, como ossada d'um grande cetaceo, comida pelos lobos marinhos e deslavada pelas aguas eternamente irrequietas.

*
* *

Korazïm, *Bethzaïda* e *Capharnaüm*, tinham sido objecto d'um zêlo especial do Mestre.

Endurecidas, não quizeram ouvil-o.

---

1 Esta montanha é chamada por *Calvi — Resol.*, IX, — *Christio* ou *Cardi*.

2 Cap. VI, 41.

3 *João*, VI, 15.

Jesus achou-as peores do que as cidades pagãs, peores do que as cidades malditas, como Sodoma.

O Mestre exclamou: «A desgraça cahirá sobre ti, *Korazïm!* A desgraça cahirá sobre ti, *Bethzaïda!* Se os prodigios realizados dentro dos vossos muros, se tivessem realizado a dentro de Tyro e de Sidon, teriam estas cidades, de ha muito tempo já, feito penitencia, no cilicio e na cinza. Por isso vos digo, no dia do *Juizo*, haverá menos rigor para Tyro e para Sidon, do que para vós.» [1] «E tu, *Capharnaüm*, que fôste a patria d'Aquelle que os Prophetas chamavam e as nações desejavam, serás exaltada até ao céu? Não, tu descerás até aos infernos; porque, se as virtudes que brilharam dentro de ti, se tivessem realizado em Sodoma, Sodoma subsistiria ainda. Por isso vos digo, no dia do *Juizo*, haverá menos rigor para a terra de Sodoma do que para ti.» [2]

A planicie de *Gennezar*, nos arredores de *Bethezaïda*, foi inundada com todos os beneficios do Mestre.

Mas não quizeram acredital-o.

Jesus abandonou aquella gente cega e endurecida e foi-se d'alli até ás fronteiras occidentaes da terra da Galiléa, na visinhança das terras pagãs, [3] de Sidon, de Sarepta e de Tyro, [4] na Phenicia.

Em Sidon, ou Saïda, cura Jesus a filha da cananéa. [5] O Mestre visita em seguida a Decapole, [6]

---

1 *Math.*, XI, 21.

2 *Ibid.*, XI, 24.

3 Josepho, *Vita.*

4 *Marc.*, VII, 24.

5 *Ibid.*, VII, 25.

6 *Ibid.*, VII, 31. As cidades semi-pagãs da Decapole estavam sitas umas áquem e outras além do Jordão.

toca em Magdala e torna a partir para a tetrarchia de Herodes Philippe, passando por Bethsaïda Julias. Ao apparecer sobre a margem oriental do lago, retornam a seguil-o as multidões enthusiasmadas, recomeçando novamente os grandes milagres e os admiraveis discursos. [1] Os seus inimigos apparecem tambem de novo. Jesus afasta-se então uma segunda vez ainda recommendando ao povo que se acautele da perfidia dos phariseus e dos herodianos. [2] Elle vae ainda com os seus Apostolos até Cesaréa de Philippe e é, então, no circulo intimo dos seus amigos que elle inicia as grandes revelações e funda a sua Igreja. [3]

Só depois d'essas diversas viagens é que Jesus atravessou novamente a Galiléa e por um instante voltou a Capharnaüm, na vespera de a deixar para sempre a caminho da «cidade que matava os Prophetas.» [4]

Quando chegou o tempo em que Jesus deveria ser arrebatado do mundo, elle toma a resolução de se dirigir para Jerusalem. [5]

O Mestre segue então pela Transjordanea e dirige-se ao logar aonde os enviados da familia de Lazaro lhe vêm annunciar que o seu amigo estava gravemente doente. D'aqui Elle se dirige para Jerusalem de Jericó.

Por estas terras habitadas, hoje, por musul-

---

1 *Marc.*, VII e VIII.

2 *Ibid.*, VIII, 15.

3 *Math.*, XVI, 13 e seg. *Luc.*, IX, 18 e seg. Cesaréa de Phillipe, tambem chamada Panéas, foi o ponto mais ao norte das viagens de nosso Senhor. Ella estava situada perto d'uma das reconhecidas origens do Jordão (Panium). Em Cesaréa, cidade toda pagã, mandou Herodes levantar um admiravel templo de marmore em honra de Augusto. (*Joseph. Antig.*, XV, X, 3.)

4 *Math.*, XXIII, 37.

5 *Luc.*, IX 51.

manos, quasi nenhumas lembranças restam já da passagem de Jesus. Apenas, proxima do *Djebel-esch-Scheikh*, [1] se mostra ainda uma fonte onde, segundo é tradição, Jesus teria bebido.

*

* *

Eu e os peregrinos que tinhamos ido visitar Capharnaüm, subindo até alli de Tiberiades atravez do lago, retornamos a Tiberiades por terra. N'este trajecto, ladeando sempre o lago, viemos parar junto das ruinas da historica e evangelica Bethzaïda. Jesus Christo operou alli alguns dos seus mais estrondosos milagres.

E' alli que o Mestre cura um cego. Jesus o toma pela mão, faz-lhe sobre os olhos uma uncção de saliva e o cego vê vagamente todas as coisas. Os homens parecem-lhe grandes como arvores! Jesus põe novamente as mãos nos seus olhos e então elle vê claramente. Este milagre é o symbolo tocante dos estados porque passa uma alma cega até que chega a ser illuminada pela luz da fé. [2]

D'alli nos partimos em direcção a Magdala, cuja palavra significa *torre*.

Seguindo sempre pelas margens do lago, por entre poeticos tufos de aloendros, atravessando por vezes algumas torrentes d'agua, chegamos finalmente ao *Valle das Pombas*, — a planicie fertilissima de Genezareth — cortada de fios d'agua, ricamente plantada de cereaes, a perder de vista, sem uma sebe ou barreira, em cuja extremidade apparece, depois de transposto o *ouâdy Hhamame*, a patria de Santa Maria Magdalena.

Mejded, ou Magdala, a Dalmanutha, talvez, de

---

1 E' o grande Hermon.

2 *Marc.*, VIII, 22.

S. Marcos, [1] talvez a Magédan de S. Matheus, [2] e provavelmente ainda a *Majdal-El* de Josué, na tribu de Nephtali, [3] não é hoje mais do que uma miseravel aldeia de beduinos, rica apenas em ruinas dispersas. Os pobrissimos habitantes de Mejdel, gente da peior especie, dão na vista, como os de *Tell-Hum*, pela sua fealdade. Mancos, côxos, cegos ou estrabicos, sujos os dentes, cobertos de trapos, esqualidos, tatuados, corroidos de herpes, remelados, inspiram verdadeira compaixão, as mulheres sobretudo, d'uma repellente fealdade, curtidas em camadas de lixo empedrado. Uma bella palmeira é a unica arvore que alli embelleza a paizagem melancolica. [4]

D'alli nos partimos para chegarmos finalmente pela segunda vez a Tiberiades.

*

* *

D'esta cidade ainda eu fui, na companhia d'alguns poucos excursionistas da minha caravana, guiado pelo nosso bravo *drogman*, fazer uma rapida visita até *Tarichéa*, sita a Oeste da ponta meridional do lago de *Génézareth*.

---

1 *Marc.*, VIII, 10.

2 *Math.*, XV, 39.

3 *Josué.*, XIX, 38.

4 Proximo d'esta aldeia para S. O. vê-se uma alta montanha, muito escarpada, verdadeiramente selvagem, cujos flancos estão cheios de cavernas chamadas *Kalâat-ibn-Mâan*, habitadas outr'ora por ladrões que infestavam todo o paiz, nc tempo de Herodes o Grande, e por elle exterminados. A tres kilometros ao S. O. de *Magdala* vê-se, hoje, a aldeia de *Kherbert-Irbid*, edificada por sobre o emprazamento da antiga *Arbela*, cidade historica onde foi inhumada *Dina*, filha de Jacob. O livro 1.º dos Macch. (IX, 2) allude a esta cidade.

Muitos dos peregrinos nossos companheiros, ou por cançados já, ou porque não achavam interesse nesta excursão, ficaram esperando-nos em *Tibériades*.

Tambem nós rapidamente fizemos esta visita em quatro a cinco horas, se bem me recordo, pois que os poucos que fômos a *Tarichéa* eramos bons cavalleiros, mais ou menos, e quizemos andar depressa.

N'este passeio eu apenas vi de nota, logo ao sahir de *Tibériades*, nas margens do lago já, immersas na agua limpida, algumas columnas partidas, escombros esparsos sem duvida que da antiga *Tibériades Herodiana*, restam ainda hoje; — escombros que se prolongam aqui e alli, na extensão d'uma legua, para Leste, até aos celebres banhos; uma montanha que surge em frente, ao fundo da planicie, e onde se encontram no local antigamente chamado *Emmaüs* alguns estabelecimentos thermaes de banhos, muito frequentados, hoje, cujas aguas, as unicas mineraes de toda a Palestina, [1] se escoam para o lago, formando um deposito de sedimentos salinos e ferruginosos; [2] uma synagoga judaica, sem interesse, a pequena distancia do estabelecimento de banhos de *Solimão*, chamados pelos indigenas *Hhamâm Solimam;* — finalmente, *Tarichéa*, cidade cheia de recordações historicas da guerra dos Judeus com os Romanos, da qual não restam, hoje, mais do que ruinas sem interesse e o nome arabe de *Kérak!*

---

1 Não quero alludir ás aguas thermaes do *ouady Mendhour*, proximo ás ruinas de Gadara, a leste do lago de Tiberiades, nem ás aguas de Callirrhoë, a leste do Mar Morto.

2 Os banhos do Tiberiades, que são hoje uma localidade verdadeiramente triste e melancolica, já foram o mais formoso sitio da Galilêa. (Josepho, *Ant.*, XVIII. II, 3).

Eu vi ahi, ainda, a torrente do Jordão deslizando rapida á sahida do lago.

Proximo, divisavam-se algumas ruinas. Na margem oriental do Jordão e mesmo junto da extremidade sul do lago, no fertil delta formado pelo rio, pelo lago e pela torrente *Jarmuk*, algumas milhas ao sul, vi eu a aldeia de *Samak*, emprazamento da antiga *Hippos*.

Era n'esta direcção que se estendia, outr'ora, o paiz dos Gerazenos, cuja capital Gérasa ou Gergesa, hoje Khersa, presenceou o milagre de Jesus, curando, por occasião da colheita dos balsamos, um homem atormentado por um espirito impuro chamado *Legião*. [1]

*

* *

De Tibériades a minha caravana tomou novamente a direcção de *Názareth*. Era nosso intuito, agora, fazermos d'alli uma excursão rapida ao *Carmello*, d'onde regressariamos a Jérusalem, atravez da *Samaria*, depois de havermos visitado o *Jordão*, no logar veneravel do *Baptismo* de Jesus Christo, Jericó e a montanha da *Quarentena*.

Agora, segundo as determinações do nosso *drogman*, a caravana iria ao *Carmello* passando por *Séphoris* e *Chépha-Amar* e retornaria a Názareth por *El-Hartieh*.

Esta viagem de regresso fazer-se-hia, porém, em carruagem. Na ida iriamos almoçar a *Chepha-Amar*, á sombra das arvores da planicie, junto d'um poço de boa agua.

D'alli ao *Carmello* chegariamos em quatro horas.

Tambem o *drogman* alvitrou que fôssemos todos de carruagem de *Názareth* a *Kaïffa*. Esta jor-

---

1 *Marc.*, v, 1 e seg. *Math.*, VIII, 28.

nada era realmente muito mais commoda e fazia-se rapidamente em seis horas. Todos nós, porém, preferimos ir a cavallo e assim fômos.

Partidos de *Názareth* em direcção a *Chépha-Amar*, jornada que tencionavamos fazer em tres horas e meia, após hora e meia de viagem, approximadamente, fômos parar a Séphoris, a *Diocesaréa* dos Romanos, hoje *Sáffouriêh*. Esta terra, tão celebre nos primeiros seculos do christianismo, como consta de Josepho e varios autores romanos, que se orgulha de ter sido o berço da *Mãe de Deus*, edificada na pendente d'uma collina, é hoje, apenas, um burgo de 6:000 habitantes musulmanos, em extremo fanaticos, perigosos e hostis aos christãos !

Vêm-se ainda n'esta terra as ruinas d'um castello do tempo dos Cruzados e o emprazamento d'uma antiga igreja gothica edificada por sobre as ruinas da casa de *S. Joaquim e Santa Anna*, paes da gloriosa *Mãe de Deus*. Os Franciscanos guardam, actualmente, este venerando Logar.

Chépha-Amar é uma povoação de 4:000 e tantos habitantes, entre latinos, gregos scismaticos, protestantes, judeus, musulmanos e *drusos*. Vêem-se ahi muitas ruinas.

As *Damas de Názareth* têem alli uma escola para meninos.

Os habitantes d'este burgo cultivam laboriosamente as terras circumdantes onde crescem e fructificam maravilhosamente as oliveiras e as figueiras.

O caminho d'este burgo até ao *Carmello* é excessivamente pittoresco, serpeando, ora por entre florestas de oliveiras, ora atravez de terrenos cheios de carvalhos verdes e de tufos cerrados de arbustos varios.

De quando em quando, surgem á vista velhas ruinas. Apparecem alguns poços á beira da estrada, atravessa-se a torrente do *Cison* orlada de tamargueiras, por sobre uma ponte de barcas e

entra-se, finalmente, em *Kaïffa*, depois de se haverem admirado os magnificos jardins d'esta cidade, ornamentados de numerosas e formosas palmeiras.

Kaïffa, a antiga *Sycaminum* dos escriptores gregos e romanos, chamada, hoje, pelos arabes *Hefa*, é uma cidade de muitas recordações e tradições historicas, situada junto do monte Carmello, na extremidade sul da bahia de S. João d'Acre, não muito longe da embocadura do Cison. [1]

A nossa caravana, atravessada a cidade, subiu a montanha do Carmello, que agora apparecia nitidamente deante dos nossos olhos com todas as suas quebradas e precipicios, em busca do convento do Carmo.

E' ella uma montanha de verdura, uma solidão mysteriosa, onde, sob a verde umbella das frondes ramalhantes dos carvalhos e dos sycomoros seculares, debaixo das sombrias columnatas dos cyprestes e dos platanos e em meio d'uma atmosphera silenciosa, immobilisada n'uma beatifica penumbra e toda perfumada com as exhalações das resinas vegetaes, parece vêrem-se ainda, mergulhados em scismadoras abstracções, er-

---

1 S. João d'Acre, cujo nome actual lhe advem dos cavalleiros de S. João, é a antiga *Acco* da Biblia, (*Juizes*, I, 31) a *Ptolomaïda* dos *Actos* (XXI, 7). Acre está ligada hoje a Caïffa por uma linha ferrea. Têm alli casas d'educação as Damas de Nazareth, congregação franceza cuja casa-mãe é em Oullins, perto de Lyão, e os Irmãos da Doutrina Christã. A igreja parochial latina é governada e administrada pelos padres Carmelitas, que no seu convento de Caïffa, offerecem aos peregrinos bondosa e magnifica hospitalidade. Elles ahi têm, tambem, uma escola. Fóra da cidade de Caïffa estende-se, hoje, uma colonia prussiana, de 500 pessoas, mais ou menos, subsidiada pelo imperador Guilherme. Em Caïffa pódem os peregrinos hospedar-se no *hotel Carmel*.

rantes e vaporosos, os espiritos, as fórmas vagas e impalpaveis do propheta Elias e seus discipulos. [1]

A montanha do Carmello é uma das mais celebres e veneradas de toda a Palestina. Ella está toda cheia de recordações historicas e religiosas. O propheta Isaias canta a sua belleza chamando-lhe *Decor Carmelli.* [2]

O rei Osias, que era homem affeiçoado á agricultura, ahi tinha vinhas e vinhateiros. [3]

Elias confundiu alli os sacerdotes de Baal. [4]

O Cantico dos Canticos compara a cabeça da Sulamite ao Carmello: *caput tuum ut Carmelus.* [5] Eliseu, discipulo de Elias, teve ahi uma escola que foi chamada Escola dos Prophetas. Pythagoras passou, segundo narra Jamblico, seu historiador, alguns annos no Carmello, meditando, immerso em abstracções philosophicas, que resoaram mais tarde nas escolas gregas.

Tacito, [6] fallando do Carmello, diz: *Carmellus est Judæam inter Syriam; ita vocant montem*

---

1 Na minha segunda viagem á Palestina desembarquei em Caïffa e subi o Carmello a pé, atravez da estrada aspera e dura, alastrada de pedras soltas, que conduz lá acima. Na igreja do convento assisti a uma piedosa solemnidade ahi celebrada em honra dos peregrinos; ahi fui admittido como Irmão da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo e ahi recebi o diploma conferido pelo Rev.mo Padre Superior do Convento dando-me faculdades para admittir os fieis como Irmãos da Confraria do Carmello. Visitei todo o convento e vi que os seus monges, algumas das cellas dos quaes visitei, vivem ahi com muita austeridade.

2 *Izaias*, XXXV, 2.

3 *2.º Livr. dos Paral.*, XXXI, 10.

4 *3.º Livr. dos Reis*, XVIII, 19 e seg.

5 *Cantico dos Canticos*, VII, 5.

6 *Hist.*, II, 78.

deumque. Nec simulacrum Deo aut templum: sic tradidere majores: aram tantum et reverentiam. Elle esteve já outr'ora povoado de solitarios e de penitentes; foi habitado por muitos santos, por S. Narciso no primeiro seculo, por Santo Spiridon no terceiro, por S. Cyriaco no quarto. Visitou-o S. Luiz, rei de França, em 1252. S. Simão Stock ahi instituiu a Archiconfraria do Escapulario do monte Carmello; foi alli, que se levantou a primeira capella em honra de Maria, Mãe de Deus, em sua vida ainda. [1]

E' uma montanha de perfumes ! Evolam-se de todas as suas pedras, de todas as suas grutas, canticos d'amôr, preces, supplicas de misericordia e de perdão ao Deus eterno. Santa montanha do Carmello, eu te saúdo !

Actualmente o Carmello — *Djabal*, [2] — *Mar*, [3] *Elias*, na lingua do paiz, matizado todo na primavera de mil plantas aromaticas, é a mais bella montanha de toda a Palestina, formando uma longa cadeia orographica de seis leguas d'extensão, terminada por um promontorio, projectando-se sobre o Mediterraneo magestosamente.

A grandiosidade selvagem da sua natureza destaca-se nitidamente no céu azul sob uma luz rembrandtesca.

Ainda hoje o Carmello, nas visinhanças principalmente de *Sheikh Bureîkh*, é povoado de chacaes, hyenas, gazellas e varios outros animaes selvagens. Começa-se já de cultivar a terra ahi por meio d'uma intelligente cultura; poderá tornar-se mais tarde aquella montanha, a *ingens sylva* dos geographos romanos, um celleiro de provisões e um odorifero jardim de bellas arvores fructiferas.

---

1 Breviario Romano, em 16 de Julho, Lição 4.ª

2 Isto é, *montanha*.

3 Isto é, *santo*.

As vinhas, os lentiscos, os loureiros e sobretudo as oliveiras, acanhadas d'altura, mas viçosas e sãs, de casca lisa e polida, revestem o Carmello. Variedades ricas e estimadas de plantas aromaticas e medicinaes revestem a montanha.

No Carmello visita-se o convento do Carmo, a seiscentos metros acima do nivel do mar, fundado por S. Berthold, monge francez, no seculo XII, um dos mais bellos e vastos da Palestina, de muros grossos como os d'uma fortaleza. Na igreja [1] do convento ganha-se uma Indulgencia plenaria, no *Logar* da Gruta de Elias, que está sita sob o altar-mór, votado a Elias e Eliseu, que n'esta Gruta procuraram um asylo, segundo é tradição. [2]

Do convento do Carmo póde ir visitar-se, a alguns minutos de distancia, a Fonte de Elias — *Aïn-es-Siah* — n'uma garganta selvagem, a Gruta de S. Simão Stock, e, a alguns minutos de distancia ainda a Escola dos Prophetas. N'esta se recolhiam a meditar as Escripturas, diz a tradição, Elias, Eliseu e os seus discipulos. Alli veiu a Sunamita ao encontro de Eliseu depois da morte de seu filho. [3] Hoje está esta Gruta, que já foi uma

---

1 Esta igreja, dedicada a Nossa Senhora do Monte Carmello, occupa o centro do convento. Em fórma de rotunda, corôada por uma cupula, está ella ricamente decorada. Os proprios musulmanos ahi vêm venerar a Gruta de Elias. No jardim fronteiro ao convento um modesto monumento perpetúa a memoria dos soldados francezes da expedição de Napoleão, ahi massacrados pelos turcos, em 1799. Napoleão havia confiado os soldados feridos em S. João d'Acre aos cuidados dos Padres do Carmo e os turcos ahi os assassinaram sem escapar um só.

2 Vid. o livro *Vie du Saint Prophète Elie, fondateur et patriarche de l'Ordre du Carmel*, par le P. Albert Marie de Saint-Sauveur, 1 vol. in-8.º Maison de la Bonne Presse, Pariz.

3 *4.º Livr. dos Reis*, IV.

synagoga e uma capella, em poder dos musulmanos e para entrar-se lá é preciso gratificar com *bakchiche* o *santão* que lhe está de guarda.

Segundo uma antiquissima lenda, a Sagrada Familia, chegada do Egypto, acolheu-se momentaneamente áquella Gruta.

Eis o que a nossa caravana viu e visitou no monte Carmello, que é o extremo norte da Terra Santa, do Paiz de Christo. [1]

*

* *

A nossa caravana, no dia seguinte ao da sua chegada ao Carmello, á hora em que os pintasilgos começavam d'ensaiar já os seus primeiros *trillos* por entre as arvores da montanha e as roseiras dos jardins de *Kaïffa*, vistas atravez da bruma matinal, pareciam esboçadas, apenas, muito ao de leve n'uma tela de gaze, partiu em carruagem de regresso a Nazareth por *El-Hartieh*, a antiga *Haroseth* das gentes. [2]

N'este trajecto, de dez horas mais ou menos, como geralmente em todos os trajectos atravez de toda a terra da Palestina, encontram-se sempre miseraveis aldeias arabes — *Jadjour*, por exemplo, de aspecto pobrissimo, entre figueiras e olivaes; *Beled esch Cheikh*, habilitada por Drusos do Libano — poços junto das estradas, atravessam-se bosques d'oliveiras, observam-se ruinas

---

1 Observarei por ultimo que o convento do Carmo foi construido com esmolas recolhidas em toda a Europa por um dos Religiosos do monte Carmello. O Chili mandou ultimamente erigir em frente do convento uma elegante columna de bronze corôada por uma estatua dourada de nossa Senhora do Carmo, Padroeira especial do seu exercito.

2 *Juizes*, IV, 2.

historicas e contemplam-se paisagens, ora verdes, amenas, poeticas — frescos jardins fructiferos, ricamente oxygenados, regados d'aguas vivas, sussurrantes — ora tristes, desoladas, melancholicas — longos tractos de terrenos estereis, collinas resequidas, montes revestidos, apenas, de pedras duras e de urzes selvagens. No trajecto de *El-Hartieh* a Nazareth, [1] atravessam-se algumas collinas cobertas de soutos de carvalhos verdes e de muitas outras arvores frondosas.

E' verdadeiramente ao transpôr-se esta frondosa collina de *El-Hartieh* que o paiz da Galiléa surge á vista do viajante. A commoção é sempre extraordinaria, intraduzivel na palavra fallada ou escripta. Avistam-se d'alli pela primeira vez ao peregrino que entra na Palestina por Kaïffa, os montes Thabôr, de Galaad, de Gelboë, da Peréa; está á sua vista, agora, o Paiz, a terra natal de Christo ! [2]

Na passagem pela miseravel aldeia de *Djéda*, a antiga *Jédala*, da tribu de Zabulon, vêm-se bellos campos de tabaco, fechados por altas sebes de cactos. Ha alli uma casa branqueada a cal e coberta de telha vermelha contrastando estranhamente com as miseraveis cabanas feitas de terra amassada, habitadas pelos arabes da povoação. Avança-se seguidamente atravez das collinas on-

---

1 38 kilometros.

2 O bosque de *El-Hartieh* pertence a varios christãos de Beyrouth que respeitam religiosamente a conservação das suas arvores. A estrada de rodagem que atravessa o bosque, pondo em communicação Caïffa com Nazareth, está alli muito bem conservada, pelo que os peregrinos gostam de subir a pé a collina, arranchando á sombra dos carvalhos verdes, no meio d'uma clareira tapetada d'anemonas, das côres mais vivas. A minha caravana, na minha segunda viagem ao paiz, ahi arranchou e ahi tomou um frugal repasto.

dulosas e ferteis que limitam ao nordeste a planicie de Esdrélon. Vêm-se *Moudjeidil*, que a estrada atravessa em diagonal, circumdada toda de renques de cáctos gigantes que não só lhe servem d'elegante moldura, como de muralha de defeza verdadeiramente intransponivel; *Maloul*, a antiga *Meralak* de Zabulon; vê-se no cume do Carmello, que limita sempre o horizonte, proxima da arruinada aldeia de *El-Mansourah*, a pequena construcção branca que os P.P. Carmelitas ahi fizeram edificar no Logar [1] do sacrificio miraculoso de Elias; [2] ao fundo d'um valle, pela esquerda da estrada, avista-se a aldeia de *Semounieh*, junta das ruinas da *Semonias* de que falla Josepho e que foi completamente arrazada pelos Romanos. Transpõe-se seguidamente a collina e atravessa-se *Maloul;* passa-se depois em Yaffa, a antiga *Japhie*, que é, segundo a tradição, a patria de Zebedeu e seus dois filhos, os Apostolos Thiago e João, até que se avista finalmente, de surpreza, na volta d'uma lomba, a pequena distancia já, a bella e risonha Názareth, singularisada pela esguia torre da igreja do convento latino.

*

* *

A nossa caravana ia, finalmente, abandonar para sempre a Galiléa.

Não foi, todavia, sem um sentimento pungentissimo de immensa saudade, que eu d'ella me despedi !

D'ora em deante o Mestre quasi que se occultava para mim.

Eu saudara-o nas planicies floridas de Náza-

---

1 Chamado pelos indigenas *El-Mouraka.*

2 *3.º Livr. dos Reis*, XVIII.

reth, no alto sagrado do Thabôr, nas margens umbrosas do mar de Tibériades, nos arredores bucolicos de Naïn e sobre as ruinas solitarias de Caná.

Cada palmo de terra que eu pisara na Galiléa, fôra tambem pisado pelo Mestre; cada collina e cada montanha a que eu subira haviam exultado já com a presença do Messias!

A fama dos seus milagres está, ainda, indelevelmente vinculada a todas as pequenas e miseraveis populações da Galiléa; o proprio ar rescende, ainda, com todos os perfumes e fragrancias da sua divina palavra, da sua angelica mansuetude!

Agora, abandonando para sempre a Galiléa, perdiam-se para mim todos os mais luminosos passos do Salvador!

A sua figura sympathica e attrahente, as doçuras da sua caridade, os prodigios da sua misericordia e do seu amôr, iam desapparecer, acabar para mim.

Eu seguil-o-hia ainda, é verdade, atravez da Samaria e ao longo da planicie chata do Jordão, mas já, quasi, como quem segue uma sombra!

Vel-o-hia e ouvil-o-hia, ainda, recebendo o baptismo da agua no Jordão, prégando ás tribus do deserto, e ensinando a Samaritana, junto do poço de Siquem; vêl-o-hia em Jericó, dando vista a um cego e chamando Zacheu, que subira ao sycomoro; vêl-o-hia em Bethania, finalmente, evocando á vida o seu amigo Lazaro, que havia morrido!

Mas que! Ainda assim, o dôce e terno Jesus, o nosso Pae, o amigo dos peccadores, das creanças e das viuvas, o affavel, o humilde e suavissimo Jesus, o bom pastor — *bonus Pastor* — estava perdido para mim!

D'ora em deante, Elle apparecer-me-hia, occulto porém sempre, como que n'uma penumbra.

Depois que Jesus, partindo da Galiléa, veiu

fixar-se definitivamente na Judéa, os Evangelhos pouca claridade derramam sobre a sua vida.

A Judéa, que recebera as primicias do apostolado messianico, poucos traços conserva da passagem de Jesus.

Sabemos que Elle a percorrera em diversos sentidos e direcções: todavia, não se encontra hoje, nem em Bethléem, nem em Karën, nem em Hébron, nem em Engaddi, nem nos confins da Iduméa, lembrança alguma do Mestre!

Havemos de encontral-o muitas vezes, ainda, em Jérusalem; mas esta cidade era o centro obrigado de toda a acção salvifica do Messias; Jesus, Enviado de Deus, deveria manifestar-se alli claramente, n'essa terra sagrada que tinha o Templo, alimentava a tribu mais illustre e que era o coração de toda a vida nacional e religiosa do povo hebreu.

Do apostolado de Jesus na Judéa, de toda a obra sublimemente redemptora de Jesus na Judéa, sabemos apenas, pela confissão dos seus amados discipulos João e Matheus «que Elle viera com os seus discipulos para a terra da Judéa e alli se demorava com elles e baptisava, [1] que o seguiam muitas gentes e curava alli os enfermos.» [2]

Mas era necessario que eu partisse da Galiléa e que refreasse em meu coração todos os mais ardentes sentimentos que o abrazavam.

Esta é a sorte e o destino de todos os viajantes e peregrinos — a d'uma contínua, ininterrupta e saudosissima despedida!

«Estranho é o destino do viajante! escreve *Lamartine*. [3] — Aborda a uma praia, contrahe alli

---

1 *João*, III, 22.

2 *Math.*, XIX, v. 1 e seg.

3 *Viagem ao Oriente*. De novo recordo que esta obra fugaz e brilhante, d'um verdadeiro parnasiano, toda espuma e toda rendas, é um poema que apenas nos afaga

affeições, semeia recordações e penas. E, quando parte, sabe que olhos e corações o seguem desde a praia que vê fugir. Fita alli um olhar derradeiro; lá deixa algo do seu coração; depois o vento transporta-o a outros horizontes! »

E em verdade assim é!

Jesus não se perderia, porém, para mim, com a minha partida da Galiléa; eu não seguiria mais os seus divinos passos, exultante de enthusiasmo, atravez de toda a terra d'Israël, por entre as herdades cheias de sombras do paiz de Génézareth e ao longo do calmo espelho do lago de Tibériades, mas eu trazel-o-hia commigo, para sempre escondido no meu coração!

Depois, eu tinha reconstituido já todo o ambiente social em que Jesus vivera, coisa esta em que tinha o maximo empenho; eu, que havia lido com attenção a obra da moderna critica racionalista franceza e allemã, demolidora da obra de Jesus, o divino semeador d'ideas immortaes, tinha grande interesse em constatar pessoalmente, no contacto de todas as ruinas da Palestina, de todas as sagradas lembranças de que ella está cheia, a profunda verdade e a fulgente realidade de todos os factos evangelicos. E este meu supremo desejo estava agora satisfeito!

Eu havia percorrido já toda a romantica e formosa Galiléa e ah! como a sua poetica e graciosa aldeia de Názareth, o seu céu claro e diaphano, o seu lago azul e transverberante, o seu Thabôr esbelto e refulgente, as suas collinas ondulosas e caprichosas e os seus valles frescos, de-

---

os ouvidos; brilha, fulge, scintilla; é apenas um bazar d'illusões e de chimeras; obra toda de phantasia que nas facetas irisadas da fórma, na plasticidade maviosa do rythmo, no bimbalhar sonoro das imagens nos hypnotisa e nos encanta arrastando-nos atravez das nuvens vaporosas do artificio ao esquecimento do Real e da Verdade.

leitosos, verdes e amenos, d'uma frescura paradisiaca, me pareciam, agora, ajustar-se bem, emmoldurar bem a figura celeste, radiosa e maviosissima de Jesus, vivendo trinta annos desconhecido e revelando-se ao depois, como apostolo e como doutor popular, annunciando o *Reino de Deus*, o reino dos mansos, dos humildes, dos pacificos e dos misericordiosos, em singelas parabolas, tocantes apologos, aphorismos concisos e sermões lucilantes, arrastando as multidões ao deserto e revelando aos seus discipulos, sobre uma montanha, a sua gloria eterna !

A *Judéa*, austera e arida, agerrima e asperrima, com as suas chans largas de ineffavel melancolia, com as suas montanhas agrestes e alpestres, eriçadas de penedias, de contornos tristes e aspectos desolados, com as suas charnecas barrentas, agras gandaras e camarções areentos, talhados em leivas cobertas, apenas, de vegetações raras e com as suas aldeias miserrimas, de pedras ennegrecidas, da côr do luto, sem pomares vicejantes, sem fontes harmoniosas e sem lizas correntes a luzir, como longas fitas, por entre as folhas e á sombra dos salgueiraes — Jérusalem, melancolica, soturna e funebre, abraçada pelo Cédron e perdida entre os seus tumulos, ah ! como se harmonisam bem com o Propheta repellido, condemnado ignominiosamente á morte e pregado na cruz !

Eu podia, pois, partir sem grande magoa.

*

* * *

A nossa caravana descera novamente para a Samaria, que havia já atravessado em sua viagem para a Galiléa.

Vinha agora em direcção a *Siquem*, á moderna *Naplouse.* [1]

Ia procurar alli o *Poço de Jacob*, que recorda um dos mais tocantes testemunhos da bondade e da misericordia de Christo. [2]

A Samaria, que depois da deposição de Archelau [3] ficou fazendo parte da provincia da Judéa, dependendo directamente dos procuradores romanos, está encravada entre a Judéa e a Galiléa, estendendo-se desde a planicie de *Saron* até á do *Jordão*, e tendo por limites, ao Norte, a planicie de *Jizreel* e, ao Sul, o *ouâdy Lubban*.

Toda esta terra apparece, hoje, desolada.

Verdadeiramente, a gloria de *Ephraïm* desappareceu ! [4]

Eu farei da Samaria um montão de pedras n'um campo, disse o Senhor, *acervum lapidum in agro*, um logar proprio para a plantação de

---

1 Verdadeiramente *Naplouse,* segundo as mais auctorizadas opiniões, está edificada á distancia d'um kilometro da antiga Siquem ou Sichar.

2 Os Judeus que vinham á Galiléa, bem como os Galiléus que vinham a Jérusalem, evitavam quasi sempre este caminho, seguindo o do valle do Jordão, por Jericó, por causa da rivalidade existente entre uns e outros com os samaritanos e que lhes fazia correr perigos. Nosso Senhor, pondo-se acima d'estas considerações e subindo por alli a caminho de Jérusalem para a Galiléa, cedia sem duvida a um commovente sentimento de misericordia.

3 Por testamento de Herodes o *Grande*, Archelau seu filho, recebeu em partilha a ethnarchia da Judéa, da Samaria e da Iduméa. Accusado pelos Judeus deante de Augusto por causa da sua tyrannia, foi deposto e desterrado para *Vienna,* nas Gallias. A ethnarchia de Archelau foi seguidamente annexada á Prefeitura da Syria. (Flavio Josepho, *Historia dos Judeus,* Liv. 17, cap. 15.)

4 *Oséas,* IX, 11.

vinhas. Eu farei rolar no valle as suas muralhas e eu porei a descoberto os seus fundamentos! [1]

Não é, porém, silenciosa e recolhida, austera, simples e dura, como a Judéa.

A oliveira, [2] que na Judéa é o symbolo da tristeza, transforma-se na Samaria, levantando para o ar o seu tronco robusto e os seus ramos donosos e esbeltos, adornados de folhas e toucados d'azeitonas prateadas!

As montanhas da Judéa, esmaltadas apenas de vegetações rudimentares, moribundas quasi, são aridas e apparecem sempre semeadas de rochas; as montanhas da Samaria, pelo contrario, arredondam os seus morros de lineamentos mais harmoniosos, repontam em flôres na donosa primavera, e cercam varzeas e valles mais largos, regados por torrentes d'agua mais sussurrantes!

Não é tão sombria; é mais tépido o seu ar; ha mais luz nos seus horizontes, mais doçura nas suas brizas e mais encantos no seu céu.

As suas fecundas planicies, onde resplandecem todas as graças amenas e todos os mimos bucolicos da boa natureza mãe, estão cobertas de gados e ataviadas de fructos; ha mesmo mais abundancia de aguas nas suas fontes de crystal.

Nas collinas da Samaria, cheias de verduras e de sombras, frescas e viçosas, d'um bucolismo virgiliano, o bom sol ainda hoje matura e empur-

---

1 *Micheas*, I, 6.

2 A arvore mais commum que se encontra na Judéa, é a oliveira. Ella desenvolve-se por toda a parte, por sobre o sólo mais sêcco, em meio dos proprios rochedos! Parece cumprir-se assim a prophecia que se lê no *Deut.*, XXXII, 13: «*Jehovah* fará com que o seu povo recolha mel e azeite da pedra mais dura». No tempo de Josepho a Samaria era principalmente notavel pelo sua abundancia de leite e pelas suas excellentes pastagens. As suas aguas eram as melhores do mundo. (Josepho, *Guerra*, livr. 3, cap. 4.)

pura cachos e vinhos deliciosos; é sobretudo alli, no grande, fecundo e prosperrimo valle de *Naplouse*, animado e regado d'aguas correntes, borbulhadas por entre as fisgas das rochas porosas, que a floresta repovoadora, sob uma intelligente cultura, que fizesse germinar todas as forças latentes no seio da terra, poderia salvar, ainda, a aridez da montanha e refrescar os valles requeimados, enchendo-os de fertilidade ! [1]

*

* *

Toda esta velha terra, hoje, tão desolada e tão triste, coberta pelo demonio do Islam com um véu de seccura e lucto, está povoada de recordações.

Era, proxima de *Siquem*, que se encontrava a floresta de carvalhos de *Moreh*, onde *Abrahão*, chegado de Haran com sua mulher Saraï e seu sobrinho Loth acampou e Deus lhe disse: *Darei esta terra á tua raça.*

Em memoria da sua visão, o Pae de todas as gentes elevou n'aquelle logar um altar a Jehovah. [2]

Jacob, ao voltar da Mesopotamia, (1788 annos antes de Christo) onde tinha servido sete annos a seu tio Labão, levantou alli a sua tenda e uma pedra para fazer um sacrificio ao Deus d'Israël. Perto d'esta floresta comprou o patriarcha um campo, onde cavou um poço profundo. Aqui a curiosidade de sua filha Dina, sahindo fóra a vêr as mulheres do paiz, como reza a Biblia, resultou n'uma grande desgraça. O filho do rei de Sichem raptou-a e os filhos de Jacob, para vinga-

1 Este valle de *Naplouse*, muito bem cultivado, produz legumes em abundancia; as arvores, principalmente os marmeleiros, desenvolvem-se ahi admiravelmente.

2 *Gen.*, XII, 7.

rem a offensa feita á sua irmã, entraram por uma brecha na cidade onde massacraram os seus habitantes. Foi alli que José perguntou por seus irmãos em cuja procura andava e alli lhe disseram que elles tinham ido para Dothaïn. [1] José, estando a morrer no Egypto, pediu e fez jurar a seus irmãos que o transportariam para alli afim de ser sepultado no campo que tinha herdado de seu pae. [2]

Moysés, sahindo da terra dos Pharaös, lembrou-se da ultima vontade do grande homem, [3] e trouxe os seus ossos até á entrada da terra de Canaan; elles foram depois depositados no campo comprado por Jacob pelo preço de cem cabeças de cordeiros aos filhos de Hemor, pae de Siquem. [4]

Siquem já não existe. Resta d'ella hoje, apenas, uma miseravel aldeia, chamada *Balatah*, regada por uma bella fonte de nome *Aïn-Balatah.* Do campo de Jacob até se ignoram os vestigios, hoje. Os christãos, porém, os peregrinos passam ainda agora por alli, porque sabem que Jesus, subindo da Judéa para a Galiléa, pelo mesmo caminho por onde tinham passado Abrahão e Jacob, [5] parara nas proximidades da cidade de Si-

---

1 *Gen.*, XXXVII, 16 e 17.

2 Segundo os *Actos dos Apostolos* (VII, 16) não sómente José mas todos os patriarchas seus irmãos foram sepultados em Siquem, n'um sepulchro comprado por Abrahão, com moeda de prata, aos filhos de Hemor, filho de Siquem. Hoje ainda se vê a pouca distancia da aldeia de Balatah, não longe do poço de Jacob. um *ouéli* que dizem ser o monumento funebre do patriarcha José, tido em grande veneração pelos musulmanos e chamado por elles *Ouéli-Nébi-Yousef.*

3 *Exodo*, XIII, 19.

4 *Josuë*, XXIV, 32.

5 Por uma excèpção, como atraz notulei, Jesus seguiu d'esta vez este caminho. Quando da Galiléa vinha a

car, [1] junto da herdade que Jacob tinha doado a José, seu filho, á beira do poço cavado pelo patriarcha. Fôra ahi junto d'esse veneravel poço, hoje ligado a Naplouse por uma bella avenida ladeada de cacteas soberbas e bellas arvores frondosas, [2] que se desenrolara o tocante episodio do colloquio do Mestre com a Samaritana peccadora, no qual sobresahem todas as delicadezas e ternuras da sua bondade e da sua misericordia.

A nossa caravana parara alli. Em frente, d'um e d'outro lado, viam-se os montes *Hébal-djebel-eslamyieh*, ao norte, o monte da maldição [3] e o *Garizim*, — *djebel-êt-Tôr* ou *ech Khe-el-Kibli*, ao sul, — o monte da benção, [4] separados pelo grande valle de *Naplouse*, e reflectidos, áquella hora, pelos raios victoriosos e triumphantes do sol. [5]

O poço de Jacob — *Bir-Yacoub* ou *Bir-es-Sa-*

Jérusalem nosso Senhor geralmente seguia o caminho que pelo valle do Ghôr, ou atravez da Peréa. da outra banda do Jordão, punha em communicação a sua provincia com a metropole.

1 *João*, IV, 5.

2 Verdadeiramente esta avenida liga Naplouse com a herdade dos Gregos scismaticos a dentro da qual se venera o Poço da Samaritana.

3 *Deut.*, XI, 29.

4 *Ibid.*

5 Sobre estes dois montes historicos cheios de recordações, vêm-se, hoje, varias aldeias arabes como *Râfidieh*, sobre o Garizim, cujos habitantes metade são catholicos — *Djinète*, *Beit-Oujine* e outras. O *Garizim*, que é uma montanha calcarea, está coberto d'uma delgada camada de terra — *humus* — muito fertil, ricamente cultivada e onde os gados encontram um pasto finissimo. O *Garizim* e o monte *Hébal*, fórmam os pontos culminantes das montanhas de *Ephraïm*. A *Biblia* allude em muitos pontos ao monte *Garizim*. (*Deut.*, XXVII, 12; *Jos.*, VIII, 33.) Do monte Hébal falla *Josuë* (VIII, 30), *Duet.*, XXVII, 13, e XI, 29, etc.

mirieh — [1] como lhe chamam na lingua do paiz — existe ainda, revestido com uma pellucia de velhos limos accummulados, verdejante de modestos, bucolicos e avelludados musgos que põem nas suas pedras esponjosas e esburacadas, tons e laivos de bilis, de fórma circular, sempre profundo, semi-cheio d'agua no inverno! Cobre-o uma abobada quasi a desabar, carcomida pelo tempo; cerca-o um monte de ruinas; a herva e a hera, crescem e enlaçam-se n'um grande abraço de amizade, por entre os destroços d'algumas columnas de granito, unicos vestigios d'uma antiga igreja que ali houve, [2] que attestam, ainda hoje, a fé e a piedade dos primeiros christãos que quizeram honrar o *Logar* em que Jesus dissera: «Não mais se adorará Deus em Jérusalem, nem no Garizim, mas em espirito e em verdade!» [3]

---

1 *Bir*, isto é, poço.

2 Obra de Santa Helena. Sobre as antigas igrejas outr'ora existentes na Palestina, sobre as quaes deram já uma relação completa os antigos escriptores de historia ecclesiastica, Nicephoro e Eusebio, póde consultar-se a obra do erudito conde Melchior de Vogüé, do Instituto de França, intitulada *Les Églises de la Terre Sainte*.

3 *João*, IV, 21 e 23. Ganha-se no poço da Samaritana uma indulgencia plenaria. O poço dista de *Naplouse*, a vinte minutos se tanto, muito perto do caminho que as caravanas seguem. Os Gregos scismaticos cercaram ultimamente o poço da *Samaritana*, bem como o terreno circumdante que converteram n'um pomar, com um muro de pedra. Para se obter a entrada n'este *Logar* venerando, que se não recusa a ninguem, é preciso que o visitante se dirija ao porteiro que occupa uma pequena habitação sita ao angulo S. O. do muro. O *bakchiche* é de rigor, mas basta gratificar-se o guarda com um franco apenas por cada grupo de cinco até dez pessoas. O poço da *Samaritana* está perdido entre ruinas e fragmentos de fustes de columnas d'uma antiga igreja que alli existiu, construida por Santa Helena. Santa Paula visitou

Foi d'alli, depois de havermos á sombra e sob a paz centenaria d'uma grande e copada arvore, tomado o nosso frugal alimento á maneira das tribus primitivas e apagado a nossa sêde com a agua do poço abençoado pelos patriarchas, que a nossa caravana tomou a direcção do valle do Jordão.

Nós iamos, agora, descendo as escarpadas vertentes que das alturas de *Taïbeh* conduzem ao valle do Jordão, ao encontro de Jesus, recebendo das mãos do *Precursor* o baptismo da agua na torrente do Jordão.

Vêl-o-iamos, depois, entre as penedias da montanha da penitencia, jejuando quarenta dias seguidos.

Seguiriamos consecutivamente, ainda, os seus passos, atravez da planicie de Jericó, para nos encontrarmos definitivamente com Elle em Jerusalem, onde assistiriamos á funebre tragedia da sua morte.

Recordariamos ainda o illustre Precursor prégando a penitencia e preparando os caminhos do

---

este sanctuario no seculo IV. No seculo VIII S. Willibaldo visitava, ainda, esta igreja, bem como Arculfo e o veneravel Beda. Destruida, provavelmente, por *Hhakem*, ella foi reconstruida pelos *Cruzados*. Edrisi viu-a em 1154, sendo provavelmente destruida depois da desastrosa batalha de Hattin, em 1187. Guilherme de Baldensel, que ahi passou em 1336, encontrou a igreja já totalmente destruida. Em 1630 Quaresmius encontrou ahi uma capella onde os Gregos scismaticos de *Naplouse* vinham, de quando em quando, celebrar Missa. As ruinas que encerram o poço da *Samaritana* foram reivindicadas em 1896 pelas auctoridades locaes como propriedade do governo. O veneravel *Poço*, onde se desce por uma serie de degraus, construido com bons materiaes, tem de profundidade dez metros, não estando todavia. ainda totalmente desentupido. Da minha segunda viagem á Palestina estive novamente junto do veneravel *Poço*, que estava completamente secco.

Messias, até morrer decapitado no castello de Makeronte, ou Makéros.

*

* *

— *Drogman*, que caminho é esse na nossa frente?

— E' a picada que vae para *Beïsan* passando por *Aïn-Farah*, *Toubas*, *Teyasir*, *Khirbet Kaour*, até findar ao sul do lago de Tibériades, me respondeu o amavel homem.

Esta pergunta fazia-a eu junto á herdade que encerra o poço de Jacob, ao guia da nossa caravana. [1]

— Lá está o rio *Jordão!* [2] bradava agora o nosso guia, que caminhava sempre adeante da caravana, depois de termos atravessado o caminho que leva as caravanas de Jericó a *Beïsan*, atravez do Ghôr ou valle do Jordão.

A caravana de que eu fazia parte, composta de muitos peregrinos, que, como eu, se achavam em Jérusalem, hospedes da *Casa Nova*, caminhava, como todas as caravanas no Oriente, ao dorso de jumentos e de cavallos, alugados de longe a longe, aos arabes das aldeias percorridas e dos sitios visitados.

Não ha lá, não existe por aquellas terras, ainda hoje, outra especie de transporte. [3]

---

1 Esse caminho é frequentado quasi, apenas, pelas caravanas dos beduinos, sendo poucos os viajantes que por alli se aventuram. Em Beïsan passa hoje a linha ferrea que liga Caïffa a Damasco.

2 *Nahr-es-Schria*, na lingua indigena.

3 Os meios de transporte a cavallo, na Palestina, são ou em cavallos, ou jumentos, ou mulas. Estas, como animaes hybridos que são, atiram, de quando em quando, o seu coice perfido. Os jumentos, como pachydermes pa-

Afóra as proximidades de Jérusalem, que estão ligadas á Cidade Santa por estradas macadamizadas, toda a restante Palestina só póde percorrer-se a cavallo.

Os arabes seguem os viajantes, não só para tomarem cuidado das azémolas, mas tambem para os defenderem dos assaltos dos beduinos.

Levam-se mantimentos e tendas. Onde anoitece, ou quando chega o momento physiologico de comer, a caravana arrancha, soltam-se os jumentos, accende-se o fogo e armam-se as tendas para pernoitar em meio do campo.

O jumento é o companheiro infatigavel de toda a gente na Palestina; o sobrio animal vive com pouco, leva as provisões, os vestidos e o seu senhor, ou a quem o seu senhor ordena.

As caravanas atravessam continuadamente o paiz; os disformes camellos passam por alli, ainda hoje. como nos velhos tempos dos patriarchas. A vida é a mesma sempre dos venerandos tempos biblicos; pára-se junto das fontes e das cisternas que apparecem, de longe a longe, [1] ao

---

cificos, são, na Palestina, creaturas de boa indole e costumes. O *dromedario* tambem por vezes serve na Palestina para o transporte dos viajantes, mas quasi exclusivamente nos desertos, como no de *Pharan*, ao sul do Mar Morto, aos viajantes que vão visitar o *Sinaï*, o *Horeb*, o poço de *Madian*, toda essa região, emfim, da Arabia Petréa, onde estanceou, durante quarenta annos, o povo hebreu, sahido do Egypto.

1 A agua na Palestina é rara. Apenas, de quando em quando, se encontra algum jorro de lympha diaphana, dôce e pura, que é a benção d'esse paiz, onde a agua é considerada como o olhar fluido de Deus! As cisternas que ainda hoje se encontram por toda a Palestina, disseminadas por sobre os rochedos, ao longo dos caminhos e das estradas, pelos campos, pelos jardins, pelas aldeias e pelas cidades, é provavel que tênham sido cavadas pelos *Chananeus*. (*Deut.*, VI, 10 e 11) Em Jérusalem, não se

longo das estradas e das ourelas dos caminhos, para se beber agua e para se dessedentarem os animaes: quando se encontra uma arvore, acolhe-se a caravana debaixo d'ella, para se abrigar dos ardores do sol!

O viajante não encontra, hoje, no paiz difficuldade alguma, nem para se encorporar n'uma caravana, nem depois, em toda a sua excursão pela Palestina.

Existem em Jérusalem homens, cujo officio e emprego consiste na organização d'estas caravanas. Partem ellas constantemente da *Cidade Santa.*

Estes homens, guias e chefes das caravanas dos peregrinos, têem no paiz o nome de *drogmans.*

Uns são de nacionalidade arabe, outros são italianos.

O viajante nada mais tem a fazer do que contractar a sua encorporação na caravana.

O *drogman*, depois de ajustado e fechado o contracto, obriga-se a occorrer a todas as despezas, provêr tudo quanto seja necessario á alimentação e alojamento dos peregrinos, e resolver todas as difficuldades occorrentes, compativeis com o juste. [1]

---

desentulham cincoenta metros de terreno sem encontrar-se uma. Em 1842, na extensão de cem metros por sobre o monte *Sião*, encontraram-se treze. Hoje na Palestina as aguas são muito mais raras e muito menos abundantes do que nos tempos dos *Hebreus*. Algumas fontes mesmo téem seccado ou diminuido consideravelmente. Jérusalem apenas possue uma fonte intermittente e mui pouco abundante, que é a fonte da Senhora, á qual já alludi atraz. Toda a restante agua da cidade é a da chuva, depositada em cisternas.

1 O *drogman* encarrega-se de fornecer aos viajantes tendas, leitos, cobertores, lençoes, tapetes para cobrirem o sólo dentro das tendas, *moukres* em numero

Estes homens, para organizarem as caravanas, percorrem os hoteis de Jérusalem e entram frequentemente na *Casa Nova.*

O *Guia* das caravanas deve ser pratico, sabio e previdente; deve conhecer o curso das estrellas, a marcha do sol, os picos e as collinas, as dunas e as depressões dos terrenos que transudam alguma humidade; deve reconhecer as pégadas impressas na areia e adivinhar a presença do salteador para lhe fugir — que não aconteça mais tarde um ossuario disperso recordar o triste destino da sua caravana! Todas estas excellentes qualidades possuia, em subido grau, o nosso valiosissimo *Guia*, Victor Marroum, drogman — *Factotum*, *Topa a tudo*, *Petrus in cunctis* — de peregrinos na Palestina, na Syria, em Pétra, em Damasco, no Sinaï e no Egypto, como reza o seu cartão de visita que eu ainda hoje conservo.

---

sufficiente, cantina, cozinheiro, utensilios de cozinha e de mesa com seu serviço completo, todos os objectos necessarios, emfim, para uma viagem longa e tudo de boa qualidade. A alimentação da caravana de que eu fiz parte, era, geralmente, algum tanto frugal, mas relativamente boa e nutriente. Ao almoço sempre o *drogman* nos fornecia café, muitas vezes mesmo com leite quando isto era possivel, ovos, ora estrellados, ora em omeleta, ou então um prato de boa carne, sempre bem preparada, pão de boa qualidade com manteiga ou mel; á segunda refeição elle nos fornecia carnes frias, sardinhas, conservas, peixes d'escabeche, queijo, fructas, e café; finalmente o jantar sempre consistia, mais ou menos, em sopa, dois pratos de carne fresca, um ou outro prato de legumes, um *prato de meio*, queijo, fructas, chá ou café. Era realmente o mais que poderia exigir-se em meio d'aquelle paiz! Sómente o *drogman* não fornecia vinho, pelo preço do contracto. Mas fornecia-o por um contracto especial.

*

* *

— Lá está o rio Jordão! — bradava elle agora, alongando o braço para os lados de Leste.

Todos nós olhámos na direcção apontada.

Em verdade lá se via o rio, sereno e manso, deslizando langorosamente por sobre o seu leito, sinuoso e enredado, polido como um espelho, brilhante como um crystal!

Nós iamos visital-o no proprio logar onde, segundo todas as mais antigas e venerandas tradições, João pregava a penitencia no deserto da Judéa, [1] e baptizara Christo, [2] nos dominios da antiga tribu de Benjamin. [3]

Esse logar está cheio de recordações biblicas; fôra alli que os Israelitas, vindos do paiz de Moab, atravessaram o rio a pé sêcco, entrando com Josuë na Terra Promettida; [4] fôra alli que

---

1 *Math.*, III, 1.

2 *Ibid.*, III, 16.

3 João baptisava e prégava nas duas margens do rio *(Luc*, III, 3) mas pricipalmente em Bethania, na margem oriental, em frente de Jericó, provavelmente *(João*, I. 28). Origenes (*Comm.* in *Joan.*, VI, 24) chama a esta Bethania, Bethabara, isto é, *logar de passagem*. Depois passou João, como adverte S. João, (III, 23) a baptisar em Ennon, ou as *Fontes*, junto a Salim, que S. Jeronymo fixa junto a Beïsan ou Scythopolis.

4 Emquanto os Israelitas passavam o rio, as aguas inferiores escoavam-se para o *Mar Morto* e as superiores, avolumando-se, formavam uma montanha desde o valle de *Adom* até *Sartham (Josuë*, III. 16). Josuë, tomando doze pedras do leito sêcco do rio, collocou-as no seu acampamento em *Galgala* como eterna memoria para o povo do milagre que Deus lhe fizera *(Josuë*, IV, 30). *Galgala*, hoje *Tall-Geljoul*, não é mais do que um terreno ligeiramente ondulado, onde se vêem, ainda, alguns vestigios d'uma igreja primitiva. Todavia, este logar está cheio de recor-

David passara, acompanhado de seus fieis servos, perseguido por seu filho Absalão; [1] fôra alli que o propheta Elias, acompanhado de Elyseu, seu discipulo, cortara o rio com seu manto e abrira uma passagem atravez das suas aguas rapidas; [2] fôra alli, finalmente, que Naaman, chefe do exercito do rei da Syria, veiu banhar-se cheio de lepra, por ordem de Elyseu, que vivia em Samaria. ficando logo curado! [3]

---

dações biblicas. Foi alli o primeiro acampamento do povo hebreu quando entrou na Terra Promettida *(Josuë*, IV, 19). Alli circumcidou Josuë todos os filhos d'Israel *(Josuè*, V, 3); alli foi celebrada a primeira paschoa na Terra Promettida. Alli vinha Samuel todos os annos distribuir a justiça ao povo *(1.º Livr. dos Reis*, VII, 16). Quantas outras recordações biblicas se não prendem a este logar venerado! *(1.º Livr. dos Reis*, X, 8; XI, 14-15 e XIII, 15, etc. *Amós*, IV, 4, e V, 5, etc.)

Galgala encontra-se a dez minutos de distancia para o Norte, depois de atravessada a torrente do *Nahr-el-Kelt*.

Ao Sul de *Galgala*, a uma boa legua de distancia, nota-se o convento de Santo Erasmo — *Deïr-Hhadjlah* — primitivamente dedicado a Santo Erasmo, e no seculo XVI habitado, ainda, por monges gregos scismaticos, que ahi davam hospedagem aos peregrinos. Cahido em ruinas, foi restaurado em 1882 e occupado novamente por monges gregos scismaticos. A vinte minutos E. N. E. de *Deïr Hhadjlah* rebenta uma fonte de boa agua em meio de uma pequena bacia circular de metro e meio de profundidade. Esta fonte, de nome *Aïn Hadjlah*, está cercada d'espessos tufos de arbustos que ensombram o emprazamento da antiga *Beth-Hagla*, cidade chananéa, sita na tribu de Judá, nos limites que a separavam da de Benjamim *(Josuë*, XV, 6.) As ruinas d'esta cidade desappareceram totalmente.

1 *2.º Livr. dos Reis*, XVII, 22.

2 *3.º Livr. dos Reis*, II, 8.

3 *Ibid.*, V, 10.

Este váo chama-se, hoje, *Maktha*, palavra que quer dizer *logar de passagem.*

Não ha aqui senão dez metros de largura [1] e d'aqui ao Mar Morto só vai a distancia de legua e meia.

O logar é cheio de silencio, de mysteriosa magestade, apenas perturbado pelo grito d'algumas aves que passam no ar em vôos rapidos e pelo murmurio abafado e angustiado do rio.

A atmosphera envolvente conserva-se sempre calida e sêcca, e o céu sempre abrazado e calmo.

O rio descreve alli uma curva brusca, onde a agua redemoinha, turvada e barrenta, derivando em corrente célere e arrebatada, formando uma pequena barra de pedras e de marga, roendo os rochedos a pique da margem oriental. [2]

A outra margem, porém, é ensombrada, frondosa, verdejante e apparece á vista recingida poeticamente por uma ourela de cómoros phantasticamente decorados de opulenta e luxuriaria vegetação. Cobrem-n'os densas sebes de verduras, espessos tufos de cannas esguias, de figueiras decrepitas, de tamareiras adolescentes, de acacias floridas, de salgueiros, de choupos, de alcaçuzes, de mostardeiras e de tamargueiras de folhagens prateadas e pennugentas, mirando-se e projectando todas nas aguas limpidas os seus perfis esguios de velhos monges. Os raios ardentes do sol do meio dia chegam esfriados ao solo, coados atravez das folhagens densas, lustrosas e verdes

---

1 A largura maxima do Jordão é de 50 a 70 metros. A sua profundidade nunca excede a 5 metros.

2 E d'este lado oriental que se estende o deserto de *Santa Maria Egypciaca*, onde esta heroica penitente viveu durante 48 annos, morrendo em 421, sendo sepultada ahi pelo padre Zozimo.

de todos aquelles arvoredos. [1] Centenas de familias d'aves canoras nidificam e celebram idyllios adoraveis no mysterio recondito das suas frondes

Cerradas moitas de bambús inclinam-se formando sobre o rio sereno uma abobada de verdura; a agua espreguiça-se alegremente por sobre a areia fina; canta, cheia de transparencia, refervendo em rôlos de espuma, d'uma alvura de jaspe, por entre os seixos lustrosos do seu leito e dorme, resplandecente como prata, nos sitios mais frescos, dôce, descansada e immovel, por debaixo dos lapêdos carcomidos, á sombra do guarda-sol verde negro dos tamarindos e da umbela branca dos sabugueiros d'amentilhos florescentes!

Os melros de S. Sabas, as toutinegras e os rouxinoes, as perdizes e as rolas chegadas de longinqua migração, galream, pepitam, trillam e

---

1 *Fr. Pantaleão d'Aveiro*, illustre viajante portuguez na Palestina, assim escreve do *Jordão* em sua linguagem facil, pinturesca, por vezes vividamente colorida: «Grande alegria e contentamento foi o nosso, quando chegámos ao rio *Jordão*, vendo cumpridos nossos desejos e satisfeito o premio do trabalho que n'aquella jornada passamos. Fômos ter áquella parte, onde os filhos d'Israël o passaram, vindos do captiveiro do Egypto, e estiveram tantos annos, sendo seu companheiro *Josuë*, filho de *Num*, successor do santo propheta *Moysés* e no mesmo logar o passaram Elias e Elyseu a pé enxuto: e no mesmo em que o Filho de Deus eterno do glorioso *Baptista* foi baptizado. Vai n'aquella parte o rio cercado d'um tão espesso arvoredo, que se não póde vêr, senão depois que, entrando por elle, chegais junto da agua, posto em outra vai descoberto.» *(Itinerario da Terra Santa e suas particularidades, composto por Fr. Pantaleão d'Aveiro. Edição de MDLXLIII. Pag. 185.)*

E o nosso erudito Rebello da Silva descreve-nos assim em prosa casta e vernacula o *Logar* onde se passou a grande scena do Baptismo: «Jesus recebeu o baptismo

gorgeiam pacificamente as puras notas dos seus edenicos cantares primitivos, como se a terra fôsse um eterno paraiso, occultas por entre os recessos sombrios, as ramagens espessas e as sombras protectoras de todos aquelles arvoredos, balsas e vegetações ribeirinhas, dando uma serenata aos céus com os seus harpejos.

Tem-se alli a sensação molle, extatica da natureza verde, affavel, da vida repousada, contente, feliz. Eu senti-me alli empolgado novamente pela grande impressão da vida das coisas, pelo silencio suggestivo das selvas virgens, assombradas de magestade, ebrias de seiva, que orlam as margens do Amazonas, o rio collosso, vasto e fundo como o mar.

Enrediças silvestres cahem das arvores em filamentos, enroscando-se nos galhos, formando filandras que o vento agita mollemente. Em certos pontos as penumbras são mais densas, as pas-

n'aquella parte do Jordão que fica defronte de Jericó e por onde os hebreus passaram a pé enxuto. O rio alli vai cercado d'arvoredo tão alto, tão fechado, que não se vêem as aguas senão depois de se romper por entre as ramas e de se chegar ao pé. Apertada nas margens, a corrente arrebata-se mais funda e estreita, toma côr terrea e barrenta, parecendo volver ondas d'areia desmaiada. Nos ramos que se entrelaçam e nos troncos debruçados. os rouxinoes e aves desfazem-se em gorgeios e trinados desde que no céu, de uma pureza admiravel, começa a raiar o primeiro alvôr do dia. A um tiro de arco acima, o Jordão não é tão coberto e as ribas vestidas de tamargueiras, canniços e mostardeiras, deixam-se espraiar, levantando por um lado médas d'areia, emquanto do outro as aguas se quebram, ladeando uma ribanceira elevada. Até onde a vista alcança, nas proximidades, ambas as margens são copadas d'arvores frondosas, carregadas d'annos e de sombras, e como notámos, cruzando-se no ponto indicado pela tradição, fórmam uma viçosa cortina, enchendo o logar de mysteriosa magestade... *(Fastos da Egreja).*

sagens mais difficeis, porque os cipós cruzam-se e pelo chão alastram-se cordoveias que embaraçam os passos. Perdem-se os olhos alli contemplando uma bella e forte arborisação em florescencia, em fructo, abotoada de germens fecundos, casando-se a variedade da flóra tropical com a dos outros continentes.

Ao ar livre, na communhão das arvores, sentados sobre o chão macio, em meio das sombras frescas e junto da agua correndo murmurosa, n'um sussurro perenne, sente-se o effluvio das selvas penetrar-nos alli beneficentemente d'uma mansuetude salutar, d'uma grande paz de coração.

Uma caravana de beduinos rentando por nós trazia tambem alli áquella hora a beber, a dessedentar os seus camellos, angulosos e nostalgicos, na frescura suave e reparadora das aguas.

Ao passo que me approximava do rio eu sentia-me inebriado pelas emanações divinas que se evolam d'aquellas sacras aguas.

Sentia uma commoção d'alegria intraduzivel.

Não eram, apenas, as aguas historicas d'um rio que eu tinha á vista. Aquella torrente crystallica, deslizando serena por entre margens frescas, verdes, amenas e deleitosas, trazia-me á memoria a imagem santa de Christo e do Baptista!

Sómente, áquelle momento, uma nevoa de tristeza ensombrava e entoldava toda aquella risonha perspectiva

As montanhas do paiz de Moab, altaneiras, livres, altivamente isoladas, sem sombras e sem arvores, dilaceradas por fundos barrocaes, semelhantes a montes de cinza e de destroços calcinados, appareciam ao longe, immoveis e mudas, como se fôssem columnatas gigantescas sustendo os tectos infinitos do firmamento, desenhando no céu solitario, baixo e pesado, os seus finos recortes, e guardando, como sentinellas vigilantes, as melancolicas solidões do Mar Morto!

As suas grandes e magestosas linhas selvagens appareciam bem assignaladas por enormes e informes fraguedos, escuros e dentados, com vagas apparencias de larvas monstruosas d'um cerebro escandecido!

Talvez que, lá nos tempos da gestação da terra, nos periodos primitivos da genesis do planeta, algum grande e descompassado *geleiro*, movendo-se de nascente para o poente, e arrastando comsigo enormes penedos que se friccionavam com outros, chegasse alli, desaggregando e desconjunctando toda a estructura harmoniosa d'aquellas montanhas, que assim ficaram como hoje se vêem, definitivamente consolidadas após a epocha glaciaria do mundo, talvez!

Finalmente, nós pudemos chegar e ajoelhar, em frente ao proprio sitio onde Jesus fôra baptizado. Era pela tarde. Tivemos que pernoitar em tendas, alli, [1] na margem do rio.

A noite apresentou-se serena, luarosa, tepida, brilhante de fogos estellares, illuminada gloriosamente em toda a extensão do infinito pelas scintillações faiscantes de todas as joias do firmamento.

Na minha tenda, deitado por sobre uma esteira, eu adormeci rapido, n'um somno pesado, n'um somno de chumbo, isolador e absorvente, fatigado em excesso pela extenuante viagem que a caravana fizera quasi sem cessar desde a Samaria até alli, atravez da ardente, deshabitada e chata planicie do Jordão, por sobre as areias moveis do deserto, e sob a acção caustica e intensa do sol ardente.

---

1 As caravanas pernoitam ora em tendas, no campo, ora nos conventos franciscanos e hoteis onde os ha, ora nos *Khan — caravançará* — e mesmo em casa dos proprios Arabes, mediante uma condigna gratificação, nos logares onde elles fraternizam mais com os estrangeiros.

A febre, excitada pelo sol calcinante do dia anterior, cruciava-me dolorosamente. Alta noite já, eu accordei n'um sobresalto, n'uma horrivel crispação de nervos!

A areia removia-se debaixo do meu corpo; era um repugnante lagarto, d'esses que tanto abundam por aquellas solidões, que rastejava no subsolo, abrindo passagem por debaixo da minha esteira!

No dia seguinte o *drogman* da caravana a quem eu relatara este incidente disse-me que o facto era muito commum n'aquellas paragens.

Eu sahi para fóra da minha tenda. O murmurio sonoro e cadenciado das aguas do Jordão, rolando por sobre o seu leito pedregoso, ouvia-se distinctamente a pequena distancia, semelhante a uma musica longinqua. Eu vim até junto das aguas rumurosas.

Tudo em volta repoisava, n'um silencio claustral!

A paz da noite, cheia toda d'um grande luar vivo, profundo, envolvia as arvores, as aguas e as montanhas do paiz oriental.

Os *moukres* da nossa caravana dormiam no chão, embrulhados em mantas grossas de lã de camello.

As cavalgaduras de toda a caravana jaziam, estendidas por terra. Apenas um dos arabes velava, passeando e alimentando com ramos sêccos, de longe a longe, uma grande fogueira que, a pouca distancia, continuadamente ardia para afugentar as féras! A claridade brilhante do fogo allumiava em roda um circulo bastante extenso.

Cahiam sobre a terra por entre as ramagens, sombras suaves, acariciadoras; toda ella estava envolvida n'um silencio dôce, nostalgico; o ar estava todo cheio, impregnado da frescura das aguas, de cheiros acres de plantas. A casta lua, a flava Diana derramava lá do céu, áquella hora pacifica e serena da noite, a sua luz macia e mor-

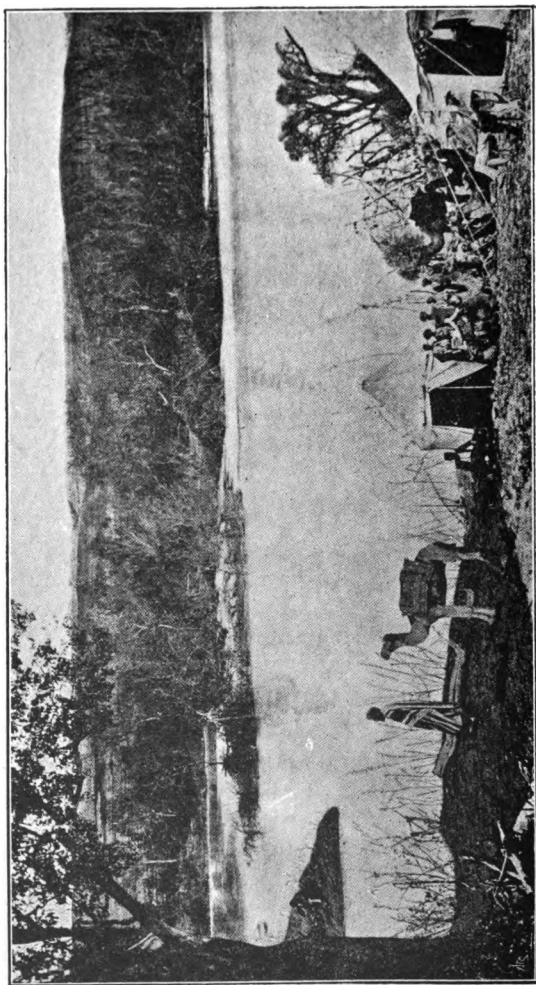
na por sobre as aguas dormentes, prateando os massiços sombrios que as orlam. Vesper rebrilhava, destacada em relevo nas profundezas do firmamento, como uma esmeralda; a estrella polar fulgia affavelmente, como um grande topazio oriental. Syrio, Véga, e Altaïr eclipsavam os brilhos das outras constellações com a sua brancura deslumbrante.

De quando em quando, eu ouvia distinctamente os uivos sinistros dos lobos selvagens e os gritos doloridos dos chacaes errantes. Dos campos proximos vinham guinchos lugentes de sapos. Os córos dos grillos, n'um *crescendo* contínuo, enchiam a noite calma de mil ruidos. Os pios dos mochos coavam na alma um terror panico.

Ao longe os latidos dos cães dos pastores arabes e o tambôr e a flauta beduina rythmando alguma festa selvagem serenavam a tristeza que invadia todo o meu sêr.

Eu tornei a recolher-me novamente á minha tenda, onde difficilmente, e, apenas só à espaços, conseguia conciliar o somno.

No dia seguinte, ao desabrochar da alvorada, envolta n'uma leve gaze aquosa, ao arraiar da manhã, que appareceu d'uma ineffavel doçura primaveril, á hora em que já todo o valle jordanico despertava na luz, muitos dos peregrinos da caravana tomaram o banho de preceito nas aguas lamacentas do rio. Eu tambem não faltei a essa grande ablução matinal, apesar da febre que me flagellava, ainda, desde o dia anterior. Que refrigerio, que brandura, que grande amenidade! [1]

1 Ganha-se alli uma indulgencia plenaria. Este banho é tradicional. Falla d'elle já S. Gregorio de Tours, no seu livro *De gloria Martyrum*, cap. 17, e poucos peregrinos o omittem, ainda que o rio, de torrente rapida e de leito coberto de seixos cortantes e de vasa, convida pouco

O Rio Jordão

Após, um padre francez que nos acompanhava, celebrou a santa Missa, nas margens do rio, sobre um altar portatil, [1] levantado em meio d'uma clareira, ensombrada pelas grandes arvores.

---

a tomal-o. O rio alli fórma um rapido violentissimo contra o qual é perigoso aventurar-se. Já alli se têm perdido muitos viajantes por causa da sua temeridade. Os Assumpcionistas já alli perderam um membro da sua peregrinação; apezar d'isto, os peregrinos acudiram sempre a mergulhar-se piedosamente n'aquellas sacras aguas. Todavia, a quando da minha segunda visita, eu vi um arabe atravessar a nado o rio para a outra margem. Já nos primeiros seculos da Igreja habitavam nas margens do rio numerosos solitarios; havia alli uma igreja e um convento; uma grande cruz estava posta a meio das aguas, marcando o Logar onde Jesus Christo fôra baptisado. Das duas margens vinham até alli os peregrinos por sobre poldras de marmore. Os padres derramavam balsamo nas aguas e, em seguida, todos os peregrinos se mergulhavam no rio, enxugando-se a um lençol que depois conservavam religiosamente para servir-lhes de mortalha após a sua morte. Nos primeiros seculos do christianismo era crença commum, ainda, que as aguas do Jordão, no *Logar do Baptismo de Jesus Christo*, tinham a virtude de curar a lepra e outras doenças. *S. Gregorio de Tours* é o primeiro que attesta esta tradição, contando muitas maravilhas a este respeito. Geralmente os peregrinos amam trazer do Jordão frascos d'agua, como recordação. Não faltam mesmo alli arabes que os offereçam á venda. Em Jérusalem tambem se encontram. Ultimamente formou-se na America a *Sociedade da Agua do Jordão* sob a direcção do coronel Clifford Nadaud, destinada a transportar em toneis a agua do rio sacro sob a mais rigorosa fiscalisação, authenticada pelo sello ottomano e do consul dos Estados Unidos em Jérusalem, a fim de ser expedida para todo o mundo christão em garrafas, para baptismos e outras cerimonias christãs, mediante a esportula convencionada.

[1] Como no *Jordão*, no *Logar do Baptismo de Christo*, não ha altar, nem capella, os ecclesiasticos que desejem celebrar alli Missa, devem prevenir-se com altar portatil

A cerimonia não podia ser mais bella, mais suggestiva! Toda a caravana assistiu a ella com a maior devoção e recolhimento.

Ah! que grandes commoções as d'aquella manhã! Assistir alli, nas margens do rio da penitencia, ao augusto sacrificio da expiação dos peccados dos homens pela penitencia, assistir alli á santa Missa, adorar alli a Hostia Sacrosanta, no proprio Logar onde Christo, Hostia de propiciação e de expiação, inaugurara a sua vida publica e revelara a sua natureza divina, glorificado pelo seu Pae celeste que, sobre Elle, do alto céu exclamara: «*Este é o meu Filho muito amado, em quem tenho postas todas as minhas complacencias*».[1] Ah! que grandes e vibrateis commoções!

*

* *

A primeira nascente do Jordão é n'uma urna de basalto, em *Tel-el-Kadi*, n'uma fonte chamada *Dan*, nos limites septentrionaes da patria judaica, que, segundo a Biblia, se estendia desde *Dan* a

---

que facilmente lhes é fornecido pelo Superior dos Franciscanos. no convento de S. Salvador em Jérusalem. E' necessario tambem licença do Patriarcha jerosolymitano para celebrar d'esta fórma. Ella é, porém, facilmente concedida aos peregrinos que o desejem.

Da minha segunda visita ao Jordão, na companhia dos Assumpcionistas, fiz um pequeno passeio em barco, rio abaixo. Quantas vezes, navegando mais tarde nos rios do Amazonas, eu recordei as margens do Jordão, revestidas da mesma opulenta e luxuriante verdura! No Jordão, da minha segunda visita, estacionava fundeada uma pequena lancha a vapor dos gregos scismaticos do visinho convento de S. João Baptista. Não funccionava, porém, por expressa prohibição do Sultão de Constaninopla.

1 *Math.*, III, 17.

Bérsabéa. [1] As muitas outras fontes que alimentam o rio sagrado, rebentam nas entranhas do *Grande-Hermon* — *Djebel esch-Cheïkh* e *djebel Eth-Thelj* — (montanha nevada) — o pico imponente e culminante, entre todos os *djebels* da Syria, sempre coberto de neves.

Ainda hoje, tambem, por entre as verduras que orlam o Jordão se encontram Abyssinios levando vida eremitica, a dentro de cabanas feitas de canas e vivendo das parcas esmolas dos peregrinos.

Jordão, em hebreu *Yardan*, significa: *que desce*. E, em verdade, o *Jordão* desce rapidamente. Elle lança as suas primeiras aguas no lago *Hhoûleh-bahhr-el-Hoûleh*, na lingua indigena, o mesmo que a Biblia [2] reconhece pelo nome de *Aguas de Mérom*, e a antiguidade chamava *Semechonitis.* [3]

Este lago, d'aguas dôces e piscosas, está a dois metros, apenas, acima do nivel do mar.

Dois kilometros abaixo, desenham-se á vista por sobre as aguas do rio, os perfis sombrios e soberbos dos quatro arcos da ponte dos Filhos de Jacob — *Dschir* (ponte) *Behat (Jacub)*, na lingua indigena, talhados em basalto. Esta ponte, que é a primeira do rio depois da sua nascente, marca o logar da passagem de *Jacob*, segundo a tradição, com a sua familia, vindo da *Mesopotamia.* [4]

---

1 *Juizes*, x, 1. *1.º Livr. dos Reis*, III, 20. *1.º Livr. das Chrón.*, XXI, 2. *3.º Livr. dos Reis*, IV, 25, etc.

2 *Josuë,* XI, 5.

3 Josepho.

4 Passa alli a estrada de Jérusalem a Damasco seguida pelas caravanas. Uma outra ponte atravessa o rio ao nordeste de Beïsan, ao sul já do lago de Tiberiades. Construida pelos Arabes na Edade-Media, ella é o caminho seguido pelas caravanas do paiz de Adjloum e do oriente do lago.

As margens do rio aqui, bem como as do lago *Hoûleh*, verdadeiros borraçaes de vasa, estão encobertas por altas vegetações agrestes e selvagens, por entre as quaes serpenteiam as aguas extravasadas, rastejam vermes repellentes, sifflam e colleiam reptis vistosissimos e venenosos, [1] occultos por debaixo do tapete elastico das folhas apodrecidas. [2]

As aguas do rio vasam-se depois, tres leguas abaixo, atravez d'uma garganta granitica, n'um outro grande lago, especie de concha nacarina, chamado *Mar de Tibériades* ou *Lago de Génézareth.*

Este está já, n'uma depressão de 208 metros abaixo do nivel do Mediterraneo!

Sahido d'este lago, o *Jordão* serpeia pacificamente, semelhante a uma serpente, como o classificou Stanley, salvo um ou dois rapidos, por entre cannaviaes, até chegar ao valle que os Arabes chamam *Ghôr.* [3]

As suas aguas são ainda alli, d'uma limpidez

1 Ha pela Palestina varias especies de cobras, nenhuma das quaes, todavia, ataca o homem. A nossa caravana teve occasião de observar varios exemplares de *ophidios,* de pequena importancia, principalmente na Thabôr e no valle do Jordão.

2 Este *Houlêh,*—planicie, lago e montanhas circumdantes—é a mais importante região da Palestina em caça grossa, de pello e de penna. Cabras, rapozas, chacaes, hyenas, lobos, porcos varrões e gasellas, leopardos e pantheras erram ahi livremente.

3 *Ghôr* quer dizer *depressão,* logar baixo entre montanhas. Em verdade, a depressão d'este valle é a mais notavel do globo, não só pelo seu comprimento como pela sua incrivel profundidade. Outr'ora, diz o *Gen.* (XIII, 10), o Jordão regava esta planicie como o Nilo fecundava a terra do Egypto. Era verdadeiramente alli o jardim de Jehovah.

perfeita antes de serem perturbadas mais abaixo pela torrente barrenta do *Jarmouk*.

Por sobre este valle, cruelmente febril, entalado e deserto, cahem a prumo, reverberantes, todos os raios do sol syrio, elevando a temperatura a uma media annual de quarenta e quatro graus, differença esta extraordinaria, pois que em Jérusalem a media é apenas de vinte e sete. E' esta, pois, uma pequena zona torrida em meio da zona temperada!

Este valle de *Ghôr* ou *El-Ghôr*, profundo e resequido, poderia bem converter-se n'um jardim amenissimo, se os indolentes *fellahs* e arabes nomadas que habitam e percorrem o paiz, quizessem, podessem ou soubessem por meio de canaes, como se fez em *Damasco*, aproveitar para a sua irrigação as aguas do rio. [1]

Varias torrentes veem desaguar no Jordão, no seu percurso entre o lago de Genezareth e o Mar Morto: São mais notaveis, legua e meia abaixo do lago, a *Yarmouk*, chamada *Hieromax* pelos gregos e latinos—*Scheriat-el-Menadirieh*—hoje, que desce do Haouran e do Djoulan, e é atravessada por uma ponte de cinco arcos muito proximo da sua emboccadura no Jordão;—a *Zerka*, de que já fallei atraz, ambas da parte oriental e os *ouâdys Neuamieh*, *El-Kelt*, etc. da parte occidental.

Por ultimo, a trinta leguas já do mar de *Tibériades*, a torrente jordanica formando um delta, vai lançar-se nas aguas dormentes do lago *Asphaltite*, que está, ainda, a cento e oitenta e seis

---

1 Para isto, porém, seria preciso que o proprietario d'esse valle, que é um dos filhos do Sultão da Turquia, o permittisse. Entre os turcos quasi não existe a propriedade e os impostos são discricionariamente lançados pelos agentes do fisco. Razão porque, ainda, os habitantes do paiz são naturalmente ociosos.

metros abaixo do nivel do mar da Galiléa. Primitivamente o Jordão seguia, por sobre o leito que ainda hoje se observa ao Sul do Mar Morto, a lançar-se no Mar Vermelho, no golpho de *Akabah*.

O Jordão é innavegavel por causa das suas tortuosidades e dos seus rapidos. E' excessivamente piscoso. As suas aguas são agradaveis ao paladar. As suas margens sempre verdes constituem o *Eden* da Palestina.

Em Abril o Jordão desbordado pela abundancia das neves derretidas que cobrem o Libano extravasa pela planicie, desalojando para as terras altas as feras bravas occultas nas suas margens arborisadas.

*

* *

A Leste do *Jordão* estende-se o paiz lacrimoso da *Transjordanea*, o antigo paiz de *Galaad*, pertencente á tribu de *Gad* e de *Ruben*, cortado de longas torrentes, filhas das tempestades, limitado por horizontes cheios de luz! O seu solo está coberto em muitos pontos, ainda, de ruinas de pura architectura romana!

Alguns dos *djebels* fuliginosos que se avistam n'este paiz, fornalhas que o sol todas as manhãs accende, formaram outr'ora uma linha de vulcões, agora, frios, mudos e extinctos, talvez para sempre!

Hoje, toda essa região sombria e monotona, que os arabes chamam a *Belka*, coberta eternamente por um céu anhydro, alto, calmo, brunido, semelhante a uma abobada de bronze, erriçada de montanhas que se alinham ao longe, a duas leguas de distancia do rio, dispostas em cones, ora parallelos, ora arredondados, ora esguios e ponteagudos, de côr fulva ou cinzenta, cozidos e recozidos pelo sol, envolta sempre n'uma atmosphera sêcca e conservadora, perdida a sua belleza

virginal e o espectaculo feerico das suas illuminações vulcanicas, é d'uma monotonia pesada, dolorosa, afflictiva !

Não se encontra ahi uma nascente, uma só fonte borbulhante; nunca ahi chove; não ha ahi uma arvore, um tapete de relva, manifestação alguma de vida ! O sol durante o dia desenha-se em linhas de fogo por sobre aquellas chatas immensidades; por sua vez a noite, cruzada e entrecruzada sempre de fulgurações electricas, condensa na sua treva o calor disperso, que, no dia seguinte, ás primeiras claridades da aurora, é logo d'uma temperatura ardente !

Apenas a miragem seductora e fallaz faz fluctuar n'aquella atmosphera rarefeita a illusão d'uma quéda d'agua, d'uma cascata sussurrante; dir-se-hia um veio de lympha pura, mas não passa tudo, apenas, d'uma illusoria phantasmagoria do ar, e o viajante póde bem morrer de sêde á beira d'essas chimericas *Castalias !*

*

* *

O deserto jordanico produz sobre o nosso espirito a mesma perturbação que n'elle opera a idéa do espaço e do tempo infinitos. Quem viaja atravez das suas immensas solidões crê percorrer como que n'um pesadello a immensidade triste d'um planeta, onde a vida se houvesse extinguido, um d'esses mundos mortos que no céu immenso, desde milhares de milhões d'annos, descrevem as suas revoluções immutaveis.

A terra affigura-se alli, apenas, como um gigantesco cadaver cujos ossos esparsos os pés do viajante calcam e que a areia incessantemente procura sepultar sob o seu lençol movente. Por sobre este vasto ossuario do deserto jordanico onde a morte domina com imperio soberano, reina a tristeza solemne e dramatica dos grandes

cataclysmos. O sol, semelhante a um monstro insaciado que se encarniça sobre os ultimos restos da sua victima, rescalda ainda dia a dia, mais e mais, as ruinas d'esse solo que elle ha muitos seculos já pulverisou.

Toda essa longa e immensa região da Peréa é um chaos, um montão de rochedos de todas as formas, de granitos fendidos pelo calor, estratos de pedras cortantes, d'angulos agudos e salientes, afiados como facas, despedaçados em mil fra-mentos, como o balastro das vias ferreas — archivos, testemunhas phantasticas das tenebrosas epochas da genese do globo.

No deserto jordanico as dunas d'areia alinham-se finamente onduladas pelas brizas; os seus contornos suaves alegram os olhos; dir-se-hia serem molles tapetes estendidos para o viajante dormir a sésta. Ah ! Mas ellas possuem a alma voluvel e caprichosa da mulher amante; despertam quando o vento galopa em folia atravez dos espaços e então avançam furiosamente sobre a planicie e suffocam-na com as suas perfidas caricias ! Em algumas direcções do deserto o terreno abate-se de repente, formando o leito d'uma ribeira secca — brilhante e polido como uma lamina d'aço, cortando em linha recta a crosta do solo. Uma vegetação rasteira obstina-se em medrar n'esta terra ressequida da Peréa; são plantas que nem são arbustos, nem hervas; são apenas carcassas torturadas pelo soffrimento caustico da sêde, sêccas antes de sentirem subir nas suas veias o jacto da seiva vital.

Todos estes diversos aspectos da terra da Peréa illuminam-se, em horas differentes do dia, de bizarras colorações, inapercebidas em outra qualquer parte. Predominam n'ellas a côr verde das pirites de cobre, a cinzenta violacea dos iódos, a vermelha ochracea dos bromios, a côr azul sombria das ardosias, as côres flavas das areias, as côres vitreas das efflorescencias dos saes de

magnesia. Logo de manhã cedo, quando lucilam no céu as primeiras claridades, a magica começa; a principio são tintas imitantes a borras de vinho, malvas e rosas pallidas de confeitaria; depois, á medida que o sol se vae erguendo no céu, tudo se transforma em scintillações inexprimiveis e inexplicaveis; o ar vibra, as côres confundem-se n'um tremeluzimento luminoso; já não têm nôme; são offuscações, reflexos, espelhamentos; o deserto assemelha-se então a uma chapa de metal aquecida ao rubro que a retina se recusa a fixar, contrahida a dentro das palpebras.

A' hora do crepusculo, finalmente, surge á vista nas miragens da Peréa o palacio encantado das Mil e uma Noites; é agora um deslumbramento de pedrarias, de sedas, de velludos, de laminas d'oiro que só se esvae e desapparece quando as sombras da noite acabam de velar por completo todos estes esplendores, convertendo o deserto n'um verdadeiro paiz de phantasmas.

Desenham-se então sob o fundo azul hortensia do firmamento, como bestas do Apocalypse, as montanhas dentadas, e os blocos errantes que a lua banha de reflexos lividos, em quanto que o silencio profundo da natureza augmenta o pavor horrido que estas solidões inspiram.

Sobre ellas reina o mysterio, o horror do nada, a obsessão da morte e o viajante que se aventura n'essas paragens tem alli a consciencia plena da sua fraqueza e da sua pequenez e alarma-se, perturba-se n'uma tristeza obsidiante, n'uma inquietação infinita.

*

* *

Do Jordão nos partimos a caminho de Jericó, passando pelo convento greco-scismatico de S. João Baptista — *Deïr-Mâr-Youhanna* (convento de S. João) á hora em que as cotovias cantavam

já effusivas e matinaes e os primeiros raios do sol começavam de romper por entre as cambraias das nuvens vaporosas em que se achavam envolvidos. [1]

A distancia é, approximadamente, de duas horas de viagem.

A verde cidade, regada pela fonte que hoje se chama de *Elyseu*, apparece, como um oasis, em meio da planicie diluviana do Jordão, de formação quaternaria.

Esta, que agora vinhamos atravessando, triste e deshabitada, offerecia á nossa vista, áquella hora, logo após o raiar do diluculo, o aspecto encantador das suas raras vegetações, pulverizadas d'atomos brilhantes, perladas de delgadinhos filetes de prata fluida. Eram perolas luminosas e tremeluzentes que o pranto da noite e o orvalho da manhã borrifara por sobre o calice fresco das flôres, semelhantes a delicadisssimos pingentes de crystal n'uma phantasia de velho *Saxe*.

Aquellas lagrimas da noite, pendentes das florescencias novas, imprimiam á paizagem esse especial colorido de tons humidos que a arte desespera d'imitar.

A planicie do Jordão, quanto mais se avizinha do *Asphaltite*, mais esteril, monotona, deserta e inculta se apresenta.

O seu solo calcareo apparece cortado, remexido, dilacerado, offerecendo á vista aspectos extravagantes; a vegetação rasteira, entanguida, murcha, doentia, rareia cada vez mais, restrin-

---

1 O convento de S. João era habitado no seculo IV por piedosos cenobitas. Foi ahi que Santa Maria Egypciaca se deteve antes de passar o Jordão. D'ahi partiu o padre Zozimo a dar sepultura no deserto a esta illustre penitente. Este convento, abandonado muitos seculos, começou de ser restaurado, ha poucos annos ainda, pelos russos scismaticos que actualmente o habitam.

gindo-se, apenas, a pequenos capões densos e a largos planos de gramineas, de hervas parasitas, pastos mirrados e moitas de piornos estiolando-se na terra exhausta; a terra torna-se pouco a pouco amarella e parda, apenas, de longe a longe, quebrada na sua monotonia pelo apparecimento de restolhos, d'algumas brenhas de *zakkoum*, (o *balanites ægyptiaca* dos botanicos) [1] isoladas moitas de acacias enganadoras para os que procuram um abrigo contra os raios verticaes do sol, [2] e por raros tufos d'um arbusto espinhoso, que os arabes chamam *nebk* e *sidr!* [3]

Nem um trigal vicejante, nem uma vinha esmeraldina alegra a planura arida; apenas o vento suão chora alli, beijando as dunas arenosas, fazendo oscillar os ramos d'algum raro medronheiro, acaleados, seccos, hirtos na atmosphera, n'uma grande agonia patibular!

---

1 E' uma especie d'oliveira brava que produz um fructo semelhante á azeitona, cujo caroço distilla um alcool amarellento, muito estimado, empregado para a cura de feridas. Não será o balsamo de que falla Josepho? E' tambem muito commum este balsamo no paiz de Galaad. Os mercadores egypcios que compraram José a seus rmãos, traziam os seus camellos carregados de balsamo de *Galaad* (*Gen.*, XXXVII, 25). Os christãos de Jérusalem empregam estes caroços para a confecção de Terços.

2 Diz o proverbio arabe: *Conta com a protecção d'um grande e com a sombra da acacia!*

3 E' o *Rhamnus nabeca* dos botanicos. Produz um fructo chamado *Daüm*, que se assemelha a uma cereja branca. A sua carne é esponjosa e tem um gosto acidulado. Dizem outros ser este arbusto o *Ziziphus spina Christi*, de cujas hastes foi entretecida a Corôa d'espinhos do Senhor. A Corôa d'espinhos, mais preciosa do que todos os diademas dos imperadores do mundo, é hoje o mais rico thesouro da cathedral *Notre Dame de Paris* Sobre este assumpto veja-se a obra excellente do Ch Rohaut de Fleury, já citada.

A extensa linha esbranquiçada do Jordão, vai serpenteando pelo valle, ao longo da sêcca, aspera, rescaldada e pulverisada charneca jordanica, manchada de nodoas violaceas, tapetada de finas efflorescencias salinas, arrastando as suas aguas por sobre uma terra marnosa, carregada de nitro.

Por sobre esta planicie, chata e descampada, profundamente triste sempre, que se estende até ao lago de *Tibériades*, ao Norte, e ao *Mar Morto*, ao Sul, dardeja eternamente um sol de fogo, um sol de braza, pesado, electrico, enervante! Elle cahe sempre implacavel por sobre as cabeças dos viajantes; magoa-lhes a retina a sua luz demasiadamente viva; a areia calcinada requeima-lhes os pés; ás vezes marcha-se muitos dias por sobre ella sem encontrar-se uma gotta só d'agua que desejar-se-hia pagar com a vida!

As pallidas estrellas, derramando na escuridão a sua luz silenciosa, scintillam á noite no céu, phosphorejando altas e intensas, como pharoes, semelhando esmeraldas engastadas nas roupagens do firmamento, no azul diaphano dos espaços infinitos!

Paira em toda aquella extensão um silencio sepulchral que infunde n'alma um profundo sentimento ineffavel de pacificação e serenidade! Apenas, de quando em quando, nuvens de aves, bandos de gaivotas de largas azas, esvoaçando pelas altas paragens do azul, atravessam o valle, desenhando-se na terra requeimada!

Foi no fundo d'este agro valle do Jordão, cavado como um sulco immenso, foi alli, debaixo d'aquelle céu ardente e inexoravel, que não condensa jámais uma nuvem, nem verte jámais uma gotta só de chuva, foi ahi que João Baptista, ou *Johannam Baptista*, o ultimo e o maior de todos os Prophetas, sahido do deserto das montanhas de Karën, pôz em fermentação a consciencia d'Israël!

O Baptista percorreu-o todo de Norte a Sul, de Nascente a Poente; errava pelos caminhos, pelas cidades, solitario do pensamento, dirigindo a sua palavra, sertaneja e rude como as penhas das selvas, aos viandantes e ás caravanas que passavam !

Toda a sua prégação, caldeada no brazeiro dos mais intensos e luminosos sonhos do seu espirito, se resumia em dois elementos: uma virtude, o arrependimento e um rito, o baptismo, acompanhado da confissão dos peccados. [1] Elle preparava os caminhos do Senhor, baptizando na agua; depois d'elle viria outro, «de quem elle não era digno de desatar as correias dos sapatos», [2] que baptizaria no Espirito e em fogo ! [3]

Estas eram as suas palavras.

João prégava a doutrina do arrependimento e da penitencia. Depois d'elle viria o Messias, annunciar e prégar o *Reino de Deus*.

E o que era o *Reino de Deus ?* Este *Reino* consistia essencialmente na participação do homem na vida de Deus; Jesus chamava-lhe *a vida eterna*. Para que o homem nasça para tal vida, não basta o seu livre esforço; é necessario que o proprio Deus se lhe communique pela sua graça e por uma liberalidade infinita. Cada um ha de salvar-se conforme a graça de Deus e as suas proprias obras. [4] Ora, a funcção do Messias foi realizar esta communicação da graça, dando-nos o Espirito de Deus.

Tal era o *Reino de Deus*, destinado a dilatar-se, a estender-se, a penetrar em toda a parte pela attracção do amôr, da bondade e do perdão,

---

1 *Matt.*, III, 6.
2 *João,* I, 27.
3 *Matt.*, III, 11.
4 *Idid.*, XVI, 27.

pelo culto da pureza do coração, da fraternidade entre os homens, da brandura, da reciprocidade humana, da paz intima da consciencia, do completo desinteresse do coração, da poderosa virtude do sacrificio, da mansidão, do perdão das injurias, da glorificação do fraco e do humilde, da supremacia do interior sobre o exterior, da caridade, da rehabilitação d'aquelle que perdeu a graça divina, da recompensa das boas obras depois d'esta vida !

«O reino de Deus está dentro de vós», dizia Jesus aos que procuravam signaes exteriores. [1]

O Reino de Deus é o reino dos pobres, das creanças, dos desherdados da vida, dos que soffrem, do pagão, do samaritano e até da mulher desprezada de Sidon.

Hoje, toda esta terra, onde o Baptista se levantou como um propheta, está desolada ! Não se vê por alli nem uma arvore, nem uma sombra, nem uma aldeia; sómente, ao longe, *Abou-dis*, a antiga *Bahurim*, [2] na parte do Poente, e *Taybeh*, ao Norte, restam como ultimos marcos milliarios d'uma velha civilização extincta !

Por toda a parte reina um silencio profundo; apenas algumas arvores enfezadas, tapetes isolados de roxas florescencias de urzes, raros cardos lanceolados e seccos, medram por sobre as camadas calcareas d'aquelle solo, revolvido pelas revoluções vulcanicas !

Os morros innumeraveis, que por aquellas paragens se succedem em ondulações successivas, semelham-se, na sua apparencia selvagem, a um mar em furia, cujas vagas se tivessem subitamente petrificado !

O caminho de Jericó a Jérusalem, serpenteia

---

1 *Luc.*, XVII, 20 e 21.

2 *2.º Livr. dos Reis*, III, 16.

ao longe, como uma linha branca, na direcção do monte das Oliveiras, que domina o poente.

Em meio d'aquellas solidões immensas, [1] em face d'esses horizontes repletos de ar e de luz, mergulhados eternamente n'um profundo silencio religioso sentimo'-nos fortemente impressionados. A luz impera alli, derramando cruas colorações de chamma por sobre o flanco das collinas; toda a immensidade da terra e do céu que envolve estas solidões, parece fundir-se lá, n'essas claridades vibrantes, que, no Oriente, ora parecem supprimir as distancias, ora dão aos horizontes uma nitidez e profundeza infinitas!

*

* *

— Em sua opinião, illustrado *Victor Marroüm*, onde colloca o celebre *Macheros*, a fortaleza altiva de Herodes Antipas?

— Além, entre aquelles escarpados e solitarios montes de *Moab* que vê, da parte oriental do *Mar Morto*, balizando as fronteiras da Peréa e da Arabia e que começam já de enfeitar-se á luz mysteriosa dos primeiros arreboes!

Este dialogo, travado entre mim e o estimabilissimo *Guia* da nossa caravana, despertou a attenção de todos os meus companheiros.

— Poderá traduzir-nos a lenda, a historia, a tradição que se prende a essa fortaleza? — acudiu, logo, o respeitabilissimo conde de *Nouailles*.

— Com o maior prazer, senhor — lhe respondeu o *Guia*.

---

1 Apenas por alli, com excepção das caravanas dos peregrinos, se vêem passar, hoje, as *tropas* dos arabes que se dirigem para o paiz oriental do Jordão, seguindo o caminho que por *Nébi Mouça* atravessa o rio em *Chattieh*, por sobre uma ponte.

A caravana fizera alto. Insensivelmente todos se haviam voltado para os lados do paiz de *Moab*. De cima do seu cavallo, o verboso e sempre inflammado *Guia* começou em voz forte e largos gestos angulosos, rasgados e dramaticos, a historia do castello de *Macheros*, engrinaldando-a toda com os realces brilhantes e nativos da malleavel e ductil phantasia oriental, colorindo e vivificando os factos com as tonalidades quentes da sua palavra vibrante.

Disse: Entre muitos filhos que fôram de Herodes o *Ascalonita*, cognominado pela historia antonomasticamente o *Grande*, conta-se um de nome *Antipater* ou *Antipas*, filho de Cleopatra de Jérusalem, uma das nove mulheres d'esse rei. Com a morte de seu pae, coube a este filho em herança a tetrarchia da Galiléa, á qual depois se uniu, ainda, o governo da Peréa.

Principe indolente, effeminado, irresoluto, preguiçoso e corrompido, favorito adulador de Tiberio, *Antipas* casou por influencia de seu pae com *Sara*, filha de Hâreth, ou Aretas, rei de Pétra, que governava nos arabes do deserto de Manaïm, princeza virtuosa, prudente, cheia de dignidade, de resolução e de coragem, de belleza e de graça, verdadeira antithese de seu marido. Emquanto Herodes o *Grande* viveu, os dois esposos viveram, tambem, apparentemente felizes.

Em uma das suas viagens, porém, á Italia, por onde continuamente se distrahia, *Antipas* casualmente viu em Roma pela primeira vez *Hérodiades*, neta de Herodes o Grande, filha de Aristobulo, casada com seu irmão *Philippe*, [1] tetrarcha da Gaulonitida e da Batanéa e que vivia na Italia, gozando o luxo latino.

1 *Math.*, XIV, 3. *Marc.*, VI, 17.

Hérodiades era formosa, ambiciosa e bella. *Antipas* deixou-se apaixonar pela sua fatal belleza. *Hérodiades*, tambem, deixou-se enredar por sua vez nos laços d'aquelle amôr incestuoso e seguiu *Antipas* para o seu palacio de *Tibériades*, na Galiléa.

Ahi tomaram o perfido plano de se desfazerem, elle, da filha de *Aretas*, sua legitima mulher, ella, de seu marido, filho de Herodes o Grande e da filha de Simão, Grande Sacrificador, que Herodes desposara.

Sara, sempre pundonorosa e nobre, abandonou seu marido deshonrado e foi refugiar-se nos dominios de seu pae, para evitar o veneno traiçoeiro de *Hérodiades*. Esta, por sua vez, repudiou seu marido com grande escandalo da *Lei* e de todo *Israël*, lançando-se loucamente nos braços de *Antipas!*

Aretas, para vingar sua filha ultrajada, começou a guerra contra *Antipas*. Foi então que este principe, cobarde e effeminado, temendo as consequencias da lucta, abandonou o seu palacio de Tibériades e veiu refugiar-se no castello de *Makaur*.

Este, era uma cidadella formidavel, edificada por Alexandre Jannéu, rei dos Judeus, depois reedificada sumptuosamente por Herodes, o Grande, levantada nas fronteiras do paiz de *Moab*, na linha divisoria entre os dominios de *Aretas* e os de *Antipas*. [1]

A altiva fortaleza elevava-se no alto d'uma collina, em um planalto pedregoso, elevada como uma torre, guarnecida de ameias e solidas muralhas. Estas firmavam-se sobre pavorosos rochedos de basalto; as suas torres inexpugnaveis

---

1 Vid. em Flav. Josepho a descripção d'este castello — *Guerra dos Judeus* — Livr. 7, cap. 2.

alteavam-se, até onde só chegam as aguias em seus poderosos vôos! As tribus arabes esmagavam-se ahi, de encontro a esse formidavel obstaculo!

A fortaleza era negra e soturna por fóra; por dentro, porém, resplandecia de marfins, de jaspes e de alabastros; dos seus altos tectos de cedro, pendiam largos broqueis d'oiro, semelhantes a constellações! [1]

Foi ahi que se apresentou um dia o *Baptista*, trajando uma velha tunica de pelle de camêlo apertada na cintura por uma correia, nús o pescoço, os braços, as pernas e os pés que pareciam de granito vermelho, pisados do trilho dilacerante do deserto! E, livre como o vento, não escutando mais do que a voz do dever, não tomando outro conselheiro mais do que o seu proprio coração, o *Precursor*, dirigindo-se á presença do criminoso tetrarcha da Galiléa, disse-lhe: «Ouve, *Antipas*, [2] e tu, tambem, mulher de *Philippe:* Não te é licito reteres a mulher de teu irmão! [3] Ai dos que abrigam debaixo do seu tecto uma mulher adultera! Amaldiçoados serão pelo Deus d'Israël. Volta, *Hérodiades*, para a *Ithuréa*. Se estás cega, abre os olhos, se não ouves, abre os ouvidos á minha voz que ensina o dever. Maldita e morta seja a pedradas a mulher adultera!»

---

1 As suas ruinas téem, hoje, o nome de *Mkaur*. *Makeros* está situado n'um dos *ouâdys — o ouâdy Zerka Main* — mais em declive ao Oriente do *Mar Morto*, justamente nos limites dos antigos reinos de *Aretas* e de *Antipas*. Este sitio não tornou a ser visitado depois de Seetzen, viajante a que alludi já.

2 Este *Herodes Antipas* é o mesmo a quem Jesus chamou raposo (*Luc.* XIII, 32), que em Jérusalem, no dia da *Paixão*, mandou vestir uma tunica branca d'escarneo ao Senhor. (*Luc.*, XXIII, 11).

3 *Matt.*, XIV, 4.

As consequencias d'esta linguagem firme, acrimoniosa e desassombrada appareceram rapidas. João Baptista foi arrebatado do meio dos seus discipulos pelos emissarios de *Antipas* e conduzido preso, no estio approximadamente do anno 29, para o castello de *Macheros*, accusado do crime de sedição!

Chegou, no mez de *Schebat*, (provavelmente no anno 30) o dia dos annos de Herodes. Celebrava-se um magnifico festim em *Macheros*, a que assistia *Vitellio* que, então, viajava na Syria.

Mais de cem convidados cercavam o regio amphitryão na esplendida sala construida por seu pae Herodes o *Grande*. Tudo de quanto mais precioso se póde imaginar em baixellas e purpuras, de delicado em iguarias e vinhos, abundava na mesa d'esse principe faustoso e sensual.

A sala estralejava de dictos alegres, lisongeiros, picantes!

Flôres de Damasco, rosas de Jericó, plantas fortes de Galaad pendentes de vasos negros da Peréa, similhantes a serpentes verdes, penetravam o ar da molle vitalidade que dão os aromas. No chão luzidio, formado todo de mosaicos finissimos, viam-se amphoras e jarros cinzelados.

Estavam alli escribas, herodianos, sadduceus, phariseus. Estes principalmente eram todos devotos zelosos; alguns costumavam até cobrir-se de cinza. Eram no geral todos gordos, fortes, vermelhos. Reluziam d'alguns as cabeças calvas. De quasi todos eram caracteristico uma physionomia aspera, um nariz adunco, olhos obliquos e faces erriçadas de barbas. Deitavam-se todos em estrados cobertos com lãs de Babylonia. Soltavam-se largas, amplas, sonoras risadas. O vinho doirado, um capitoso vinho de Safed, um phalerno especial de Cesaréa, dava uma respiração forte aos peitos, scintillações fascinantes aos olhos negros dos velhos e austeros phariseus que se feriam propositadamente nas pedras dos caminhos

para serem vistos, mas que alli, tremulos já, devorando a comida com um ruido devoto, fios de molho enlambuzando-lhes as barbas, d'olhares anciosos, levantavam as amphoras, as taças de bronze cheias de vinho e as esvasiavam a largos haustos. Os espiritos de todos os convivas estavam exaltados a um grau de temperatura quasi infernal!

N'este momento ouviu-se dos lados de fóra uma musica suave, dulcissima, arrebatante. Abre-se uma porta e por ella vêem-se entrar cincoenta escravas nubias vestidas, apenas, de transparente gaze que véem collocar-se em linha, com tochas doiradas na mão. E uma visão, semelhante a um raio de sol, apparece subitamente na sala! Foi geral a surpreza.

Antipas levantou-se deslumbrado. Era *Salomé*, filha de *Hérodiades* e de seu legitimo marido *Herodes-Philippe*, como sua mãe egualmente ambiciosa e dissoluta, educada secretamente em *Cesaréa*, que invadia a sala, radiante de belleza, desenvolta, cheia de graça aerea na harmoniosa perfeição das suas linhas, bella como um collar d'estrellas, soltos em madeixas os longos cabellos loiros, ondeados, ostentando na fronte um arco d'oiro, coroado por uma estrella de brilhantes, que a assemelhava a uma Venus pagã!

Ao som da musica ella começou de executar uma dança maravilhosa, á maneira de Babylonia, requebrando o corpo n'uma serie de posições bizarras, com a flexibilidade d'uma panthera!

A musica foi-se avivando pouco a pouco e, então, *Salomé* começou a saltar; ao impulso dos seus movimentos a gaze transparente que a envolvia, esvoaçava, fazendo-a parecer-se com a borboleta doidejante que adeja na primavera por sobre os calices frescos das flôres!

A musica accelerava-se vertiginosamente. A sala estremecia; o enthusiasmo electrizara todos os corações!

Salomé exercitava verdadeiros prodigios de dança, estonteante, voluptuosa, vulcanica. Era uma visão diabolica, fascinante, verdadeiramente infernal!

Antipas, fóra de si, exclamou: *Que eu fique pobre como Job, se não conceder a esta donzella tudo quanto ella me pedir, ainda que seja metade do meu reino!*

Salomé parou anhelante, exhausta, a bocca semi-aberta, emmurchecidos pela fadiga os dois botões de rosa dos seus olhos ternos e brilhantes, e foi cahir nos braços de sua mãe.

Momentos depois, vinha ella com um prato d'oiro na mão, pedir n'elle a *Antipas* a cabeça do *Baptista*, que jazia em baixo, preso nas enxovias do castello...

Antipas, aterrado, offerece-lhe a cidade de *Tibériades*, thesoiros, as cem aldeias de *Génézareth*... *Salomé*, a um signal de sua mãe, por quem fôra instigada, insistiu, porém, pedindo novamente a cabeça do *Baptista!* [1]

Todos os convivas, Sadduceus, Escribas, homens ricos da *Decapole*, os Romanos e até o proprio Vitellio, exclamavam alegremente: *Tu prometteste, tetrarcha! Tu juraste, tetrarcha!*

Momentos depois, um negro da Iduméa entrava na sala, trazendo n'uma das mãos uma espada e na outra, presa pelos cabellos, a cabeça do propheta João Baptista, Precursor de Christo. [2]

---

1 Antipas, mais timido do que cruel, não desejava mandar matar a João, ou porque receava uma sedição popular (*Matt.*, XIV, 5) ou por que tendo ouvido o prisioneiro, a sua conversação o deixara em grande perplexidade (*Marc.* VI, 20).

2 *Marc.*, VI, 28, e *Math.* XIV, 1 a 11. A tradição conta que *Hérodiades*, á semelhança d'aquella dama romana que ferira com um alfinete do seu cabello a lingua de Cicero que promovera a condemnação de seu

Aqui o *Guia* emmudeceu.

— A historia d'esse *Antipas* faz calefrios na gente, faz arripiar a epiderme — exclamou o amabilissimo benedictino Paul Renaudin.

— O filho reflectindo o pae, o pae projectando-se no filho com todos os fulgôres sinistros da sua vida — obtemperou a proposito o nobre conde de *Nouailles*.

— Herodes é uma sombra pavorosa projectada por sobre a historia; uma nodoa de sangue na vida humana — reflectiu por sua vez o venerando bispo americano, que era tambem um dos peregrinos da caravana. — O filho côntinuou as tradições paternas ! — rematou.

---

marido, com o rosto expandido por um jubilo que gelava o sangue, approximara o seu copo d'oiro dos labios lividos da cabeça decepada e lhe vasara na bocca uma parte do vinho, dizendo: *Bebe, propheta, á saude do tetrarcha Antipas, e de sua mulher Hérodiades!* Horrivel vingança de mulher! E' mais difficil escapar aos odios d'uma mulher do que aos effeitos do veneno! diz um proverbio arabe. Herodiades, conta Nicephoro, *Hist.*, livr. I, cap. XX, 18, morreu egualmente por decapitação, em Lyon, nas Gallias, para onde fôra desterrado Antipas, por ordem de Caligula. (Josepho, *Historia dos Judeus*, livr. XVIII, cap. 9). Caminhando um dia por sobre um tanque gelado, os gelos quebraram-se, ella afunda-se e os blocos de gelo, unindo-se outra vez, deceparam-lhe a cabeça. Herodes, banido por Claudio para as Gallias, no anno 40, ahi morreu de miseria e abandono.

S. João Baptista foi sepultado pelos seus discipulos em *Sebaste,* na Samaria. Ainda hoje se vê alli o sepulchro do santo *Precursor*, tido pelos musulmanos em grande veneração e guardado por elles, como jè atraz notei. Santa Paula, no seculo V, tendo vindo visitar este tumulo, foi ainda testemunha de milagres ahi operados. Jesus Christo achava-se nas margens do lago de *Tibériades* quando os discipulos de João Baptista lhe fôram communicar a sua morte. *(Math.*, XIV, 12). O Salvador retirou-se então para o deserto (*Marc.*, VI, 31).

— Peço licença para fazer uma reparação — disse eu.

Todos emmudeceram.

Em meio do silencio do deserto, eu disse: «Este *Antipas*, palavra que significa etymologicamente *semelhante a seu pae*, não reflecte, não, as tradições paternas! Este principe herdou do pae os defeitos e não as virtudes. A historia chamou por antonomasia *Grande* a Herodes, que foi um dos maiores verdugos que téem apparecido entre os homens.

Arabe por nascimento, romano por ambição, grego na alma e nos gestos, judeu por necessidade, Herodes foi a maior calamidade que affligiu o povo de Deus. A historia registou todos os seus crimes. Elle desmoronou o sagrado edificio da religião judaica, desprestigiou e aviltou o grau supremo do sacerdocio em Israël, que representava entre aquelle povo como que o poder visivel de Jéhovah, converteu o Grão-Sacerdote n'um simples official da sua côrte e mudava-os, matando-os, segundo as phases da sua politica! [1]

Astuto e dissimulado, ambicioso, profano, transviado n'um dédalo de luctas religiosas, sem crença nem fé, Herodes tanto sacrificava a *Jehovah*, como protegia *Asthoreth* em Sidon, *Molok* na Syria, *Isis* no Egypto, *Dagon* nas terras dos Philisteus, *Manah* entre os Israelitas, *Artémis* entre os Gregos, rendendo culto a *Jupiter* entre os romanos!

Defensor dos deuses, Herodes o *Grande* nunca conheceu outro deus senão a Cesar em honra de quem construiu um templo nas nascentes do Jordão! São interminaveis os seus crimes!

Por uma intriga matou o grão-sacerdote *Ananelo*, que tinha mandado vir de Babylonia e ma-

---

1 Vid. em Rénan, *Historia do povo d'Israèl*, vol. v, a vida de Herodes.

tou *Aristobulo*, da raça dos Macchabeus; matou setenta membros do *Synhedrio*, que o accusavam de ter matado Hircano, aniquilou as familias principescas e sacerdotaes da Judéa, matou os parentes de sua mulher *Marianna*, matou as suas proprias mulheres, parentes e amigos, matou seu cunhado *Aristobulo*, matou a mulher do grão-sacerdote *Hircano*, matou seu tio *José* e o marido de sua irmã, *Cortobano*, matou sua mulher Marianna a *Macchabéa*, com seus dois filhos que ella tinha mandado educar na côrte d'Augusto, matou seu filho mais velho de nome *Antipatro*, matou sua avó *Alexandra*, que, para agradar-lhe, tinha arrancado, fio a fio, os cabellos côr d'oiro de sua filha *Marianna*, matou os seus amigos e cumplices *Dorotheu*, *Gadias* e *Lysimacho;* finalmente, mandou matar os *Innocentes* de Bethléem! Os seus Estados tornaram-se rubros com o sangue dos morticinios por elle mandados executar!

Ainda antes de morrer, depois de ter tentado suicidar-se, reuniu no amplo theatro de Jericó os homens mais eminentes da nação judaica para os mandar matar a fréchadas! Esta monstruosidade, todavia, não chegou a consummar-se. [1]

---

1 Flavio Josepho narra-nos em côres tetricas os ultimos dias d'este tyranno. "Chagas interiores devoravam-lhe as entranhas, um fogo ardente queimava-o por dentro e uma fome insaciavel realisava n'elle o supplicio fabuloso do orco pagão. As dôres constantes e agudas não lhe concediam um instante de repouso. Os vermes sahiam das suas carnes ulceradas e os nervos contrahidos prendiam-lhe os movimentos. O seu halito empestava. Quantos o viam, feito imagem viva da corrupção do sepulchro e dos tormentos infernaes, reconheciam que pagava já no mundo a pena visivel da impiedade e dos crimes. (Flav. Josepho, *Hist. Ant.)*. Sobre a vida e morte de João Baptista, escreve Josepho, depois de descrever a derrota das tropas de Herodes pelas de Aretas, que muitos Judeus a atri-

Herodes foi isto, um sanguinario feroz! Mas, tambem, continuei eu, entre o sangue e o morticinio, irradiam fulgores que se projectam rutilos, inapagaveis na historia! Herodes o *Grande* foi o *Augusto* da Judéa! Elle levou para o meio d'aquelle povo formalista, indomito e intolerante, o gosto pelas artes e pelas sciencias; a tolerancia e todos os nobres sentimentos do respeito pelas crenças alheias; extinguiu os privilegios do *Templo*, inutilisou as ameaças rancorosas dos pharizeus, supplantou o poder arbitrario e discricionario dos doutores da *Lei* que perturbavam o *Estado* e eram uma nodoa no codigo da legislação mosaica!

Herodes fortificou as cidades da Syria, fundou magnificos estabelecimentos publicos, unificou a nação judaica, congraçou todos os elementos dissidentes espalhados pelo *Reino*, nobilitou o povo redimindo-o da escravidão a que o havia sujeitado o sacerdocio e a aristocracia, aniquilou os partidos dos *Macchabeus*, dos *Boëthusios*, do *Templo*, da *Synagoga;* fez da Syria uma nação

---

buiram a uma punição do céu por causa de João, appelidado o Baptista. Elle era um homem de grande piedade que exhortava os judeus a abraçarem a virtude, a praticarem a justiça e a receberem o Baptismo, depois de se tornarem agradaveis aos olhos de Deus, não se contentando, apenas, com não commetterem peccados, mas unindo a pureza do coração á da alma. Como uma grande massa de povo o seguia para ouvir a sua doutrina, Herodes, temendo que a influencia que elle produzisse sobre elles excitasse alguma sedição, pois que elles estavam sempre promptos a obedecer-lhe, creu prudente prevenir este mal para não ter que arrepender-se depois de muito tarde procurar remedia-lo. Por esta razão o enviou primeiro para a fortaleza de Machero e os judeus attribuiram a derrota do seu exercito ao justo castigo de Deus por uma acção tão iniqua. (Josepho, *Historia dos Judeus*, Livr. 18, cap. 7.

hellenica pela civilisação intellectual, edificou o templo d'*Apollo* em Rhodes, reconstruiu o templo de Jérusalem, convertendo esta cidade n'uma das mais soberbas do Oriente, [1] cooperou para a construcção do templo dos Samaritanos no *Garizim*, cobriu todos os seus Estados de palacios, theatros, thermas, gymnasios, circos e residencias magnificas, edificou cidades no gosto grego, organizou um exercito que incutia terror, foi a conciliação, até onde um espirito prudente póde chegar, entre os estupidos *zelotes* e os *pharizeus* intolerantes, que eram a maior calamidade da Judéa e de Jérusalem; o proprio *Cesar*, finalmente, tratava-o como irmão !

Eis o que foi Herodes o *Grande*, a quem seu filho *Antipas* só imitou nos vicios e nos crimes ! conclui eu».

— *Hurrah !* pelo nosso joven orador — bradou o nobre conde de *Nouailles* que até alli se conservara no mais profundo e attentissimo silencio.

— A *Jericó*, a *Jericó*, partamos para *Jericó!* — bradou o *Guia*, o excellente *Victor Marroüm*.

Momentos depois a nossa caravana punha-se em movimento.

As asperrimas e longinquas montanhas do paiz de *Moab*, cheias de ravinas, de covões, de penedias chaoticas, de fraguedos informes e de morros giganteos, appareciam, ainda, áquella hora, com os seus arredondados mamillos occultos na frescura baça da nevoa matinal que se ia esgarçando gradativamente á medida que o sol ia subindo no céu.

---

1 As construcções herodianas em Jérusalem rivalisavam com as mais bem acabadas da antiguidade pelo seu caracter grandioso, pela perfeição da sua execução, pela belleza dos seus materiaes. (Vid. Josepho, *Ant.*, e *S. Marc.*, XIII, 1 e seg.)

Na bruma, ainda pallida e cinzenta, da manhã côr de fumo e de ardozia, as perspectivas dos ultimos morros distantes perdiam-se quasi indistinctas; mas na nevoa fluida dos longes adivinhava-se que elles se estendiam, ainda, leguas e leguas na immensidade violacea dos céus!

Formadas de basaltos e de porphyros, de rochas plutonicas e de rochedos calcinados, dispostas em longas linhas esbranquiçadas e uniformes, recortando até ao infinito as suas cristas dentadas, sem um tufo só de relva para a *toilette* das rochas, sem um macisso só de arvores para as melodias do vento, as montanhas de Moab, succedem-se, accumulam-se em tropel desordenado, enlaçam-se umas ás outras, sombrias e tristes, debaixo d'um céu azul mate, eternamente sêcco e ardente!

Por sobre o esqueleto rudimentar de toda aquella negra orographia moabita, zebrada de manchas titanicas, o sol dardeja inclemente á hora meridiana, cai esmagador, reverberante! A vida aborta alli; por sobre aquelles cêrros de perfil tranquillo, de lineamentos macissos, não brota uma verdura só, não borbulha um unico fio de agua; apenas resaltam medonhamente requeimados rochedos eruptivos, enormes!

Vistas, porém, como eu as vi do alto do monte das *Oliveiras*, á grande luz festival do sol poente, as ravinas de todas essas montanhas, entre as quaes avulta como sentinella vigilante de todas ellas, o *Nébo*, [1] a montanha do *Propheta*, d'onde

---

1 Este monte, totalmente deserto, tem, hoje, entre os Arabes o nome de *Djabal-Nabou.* Ainda se vêem lá ruinas d'uma velha igreja. Está sito na extremidade Norte do *Mar Morto,* do lado oriental. Moysés, que morreu no cimo d'este monte, foi sepultado no paiz de Moab, *vis-à-vis* de *Phogor.* Nenhum homem, porém, até hoje, conheceu o logar da sua sepultura. *(Deut.*, XXXIV, 6).

Moysés pela primeira e ultima vez espraiou os olhos por sobre os horizontes da *Terra Promettida*, aonde elle nunca deveria entrar, [1] parecem, apparentam-se polvilhadas d'oiro, meridionalmente bellas e harmoniosas!

Destacam-se alli á vista contrastes delicadissimos, verdadeiras e surprehendentes phantasias da creação! A harmoniosa gamma da natureza desce alli desde o bramido da leôa, até ao gorgeio do rouxinol, e sóbe desde o dolente ciciar da briza até ao estampido pavoroso da tormenta!

Apenas, da parte occidental, o rebordo dilacerado da *Judéa*, gredosa e calcarea, rouba ás aguas a perspectiva do sol poente.

A desolação d'esta margem, onde apenas medram algumas coloquintidas de fructos venenosos, contrasta dolorosamente com as regiões do antigo reino judaico, que a pequena distancia, entre Bethléem e Jérusalem, se cobrem d'espigas, vinhas, figueiras e oliveiras.

*

* *

Atravessada a formosa torrente do *Nahr* [2] *el-Kelt*, toda bordada poeticamente de taboleiros de verdura e de massiços de flôres, a *Carith* [3] da Escriptura, onde, por ordem de Deus, Elias ou Elijah, o Thesbita, se occultou e foi alimentado por um corvo, [4] a nossa caravana chegou a *Jericó*, a horas em que o sol ia já alto no céu.

---

1 *Deut.*, XXXIV, 4.

2 *Nahr*, isto é, *torrente*, *ribeiro*, *rio*.

3 Esta opinião é hoje contestada, pensando-se que o *Carith* da Biblia deve procurar-se mais ao norte e do outro lado do Jordão.

4 *3.º Livr. dos Reis*, XVII, 3 e seg.

Jericó — logar fragrante — é a moderna *Rihha* dos arabes. A velha cidade cananéa, fundada por Hiel de Bethel, [1] está situada na antiga tribu de Benjamin, a duas leguas de distancia do Jordão e a sete de Jérusalem.

Chamavam-lhe na antiguidade a *cidade das palmeiras*, [2] e, para expressar os seus encantos, empregavam os antigos este proverbio: *Plantatio rosæ in Jérico.* [3] As palmeiras, hoje, desappareceram, cedendo o logar a arbustos espinhosos!

Foi esta a primeira cidade do paiz de *Chanaan* que os Israelitas tiveram a combater, depois da passagem do Jordão. Elles a destruiram ao som clangoroso das trombetas e *Josuë* mandou passar depois ao fio da espada todos os seus habitantes, com excepção d'uma mulher chamada *Rahab.* [4] Jericó está cheia de recordações biblicas.

Foi aqui que os pobres embaixadores enviados por David ao rei dos Amalecitas esperaram confusos que novamente lhes crescesse a barba, pois que para humilhar n'elles a David, Amalec lh'a fez cortar, o que era considerado entre elles como uma suprema injuria. [5]

Em verdade a barba é ainda hoje sagrada no Oriente. Ainda hoje, para se classificar alli de tola uma pessoa, se diz «que são faceis de contar os cabellos da sua barba».

Esta cidade foi particularmente honrada com os milagres do Salvador. Alli curou Elle um cego e foi alli que Elle se hospedou em casa de Za-

---

1 *3.º Livr. dos Reis*, XVI, 34.

2 *2.º Livr. dos Paral.*, XXVIII, 15.

3 *Ecclesiastico*, XXIV, 18.

4 *Josuë*, VI, 17. Algum tanto acima da *Fonte de Elyseu* encontra-se, ainda hoje, o emprazamento da casa d'esta mulher, segundo as tradições.

5 *2.º Livr. dos Reis*, X, 5.

cheu, homem muito rico, chefe dos publicanos, que o espreitara de cima d'um syconioro. [1]

Era esta a ultima viagem que o Mestre fazia. Elle vinha da Samaria após haver curado dez leprosos em *Djennin*. [2]

No caminho Elle fallara da indifferença que o Filho do Homem encontraria sobre a terra com o seu advento, relembrando a mulher de Loth — *memores estote uxoris Loth*, — recommendando a humildade da oração na parabola do publicano e do pharizeu. [3]

Abençoara tambem os meninos que lhe tinham sido apresentados, [4] e encontrara esse joven homem rico, que não tendo a força d'animo bastante para renunciar as suas riquezas, se foi triste, seguido sempre pelos olhos compassivos de Jesus, que exclamara com dôr: *Quanto é difficil entrar um rico no Reino dos ceus.* [5] Depois, ao approximar-se de Jericó, Elle despedaça todos os veus como até alli jámais o fizera, como que para pôr á prova os Apostolos, exclamando: *Eis aqui que nós subimos para Jerusalem e ahi o Filho do Homem será entregue aos seus inimigos para lhe darem a morte e Elle resuscitará.* [6] Elles não o comprehenderam, tanto estavam ainda os seus espiritos ingenuos immersos nos sonhos das ambições d'este mundo, que logo a mãe dos Ze-

---

1 *Luc.*, XIX, 4. Encontrava-se este sycomoro ao lado do caminho que conduzia a Jérusalem. O auctor do *Itinerarium á Burdigala Hierusalem usque*, diz ter visto ainda esta arvore.

2 *Luc.*, XVII, 14.

3 *Ibid.*, XVIII, 10.

4 *Ibid.*, XVIII, 16.

5 *Math.*, XIX, 13.

6 *Ibid.*, XX, 17 e 18.

bedeus reclama para seus filhos, a instigação dos mesmos, logares de honra no novo Reino. [1]

Todos estes bellos incidentes, todas estas bellas e maravilhosas palavras, a cura repetida de cegos á entrada da cidade. [2] agruparam em volta do Mestre uma grande multidão, poisque a grata *villegiatura* em Jericó, celebre pela fresca sombra das suas palmeiras, bananeiras. [3] sycomoros e terebynthos, sob um céu torrido, attrahia alli todos os annos os ricos estrangeiros vindos a Jerusalem para celebrarem a festa da Paschoa.

Jesus passeava na cidade, rodeado sempre pela multidão, respondendo a mil perguntas. Alli Elle ensina o povo por meio da explicação das parabolas dos dez talentos, [4] e dos trabalhadores da vinha. [5]

Ora havia em Jericó um homem de baixa estatura que desejava vêr e ouvir Jesus e ainda que elle fôsse rico — *et ipse dives* — ainda lhe não tinha sido possivel tal. Era elle um preceptor da localidade, personagem mal vista, mercenario ao serviço dos Romanos.

Havia um certo prazer em o afastar da primeira fila para que elle não podesse vêr Jesus. Elle se vale então d'um estratagema para se vin-

---

1 *Math.*, XX, 20 e 21.

2 *Ibid.*, XX, 30 e seg.

3 A Palestina, apezar de encontrar-se sita na zona temperada, ainda hoje cría plantas, arbustos e arvores proprias das zonas tropicaes. Cultiva-se mesmo ainda hoje em larga escala e com grande proveito a canna do assucar ao longo do Mediterraneo, entre Jaffa e Tripoli. As bananeiras e as tamareiras fructificam tambem ainda hoje maravilhosamente nas planicies de Saron, de Esdrelon e de Jericó. As tamaras do paiz são deliciosas, das melhores do mundo.

4 *Luc.*, XIX, 12 e seg.

5 *Math.*, XX, 1 e seg.

gar da affronta anonyma que lhe faziam. Sóbe a um sycomoro nas margens da estrada por onde tinha de passar Jesus. A attenção do Mestre foi despertada pelos risos da multidão. Elle olha, vê Zacheu e diz-lhe: *Zacheu, desce que eu vou a tua casa.* Zacheu foi fiel á graça que n'aquelle dia entrou em sua casa e nós o encontramos no numero das vinte e uma personagens evangelicas que fôram as primeiras a prégar nas Gallias a *Boa-Nova.* Zacheu foi o primeiro bispo de Rocamadour, onde o seu tumulo foi sempre tido em grande veneração.

*

* *

Jericó não é mais do que uma pobre aldeia arabe de miseraveis cabanas feitas de ramos d'arvores, emborcadas a lama, [1] povoada por 400

---

1 Não é tanto assim hoje. Da segunda vez que cheguei a Jericó já lá encontrei o correio, trez hoteis — o de *Belle-Vue*, de *Gilgal* e do *Jourdain*, onde estive hospedado — algumas casas de negocio e uma guarnição militar. Uma estrada de rodagem, ainda que pessima, põe já Jericó em communicação com Jérusalem. As carruagens transportam agora alli os viajantes. Os Franciscanos compraram alli um terreno onde levantam uma construcção. As propriedades dos gregos embellezam-se lá de bellas bananeiras que ahi fructificam com abundancia. Vêem-se alli ainda magnificas plantações de fructas e de legumes, regadas pelas aguas da fonte de Elizeu, até onde póde subir-se de carruagem. No tempo dos Cruzados, Jericó foi a séde d'um bispado e ahi se levantavam trez mosteiros de Carmelitas, Bazilianos e Benedictinos. Os Russos possuem actualmente em Jericó um hospicio onde dão hospitalidade a qualquer peregrino, seja de que nacionalidade ou religião fôr, mediante apresentação d'uma carta de admissão do seu archimandita residente em Jérusalem, e que se obtem pedindo-a. O hospicio, porém, exige trez francos diarios para fornecer alimento.

habitantes, ferozes e ladrões, do aspecto mais selvagem.

Cerca-a uma solidão funda, vaga, contristadora e afflictiva, onde reinam as febres, o calôr é por vezes excessivo e as noites são atormentadas por legiões de mosquitos que não deixam dormir os viajantes. [1]

Ao passo que a nossa caravana, partida do Jordão, se approximava de Jericó, a natureza ia apparecendo-nos mais agreste e desolada. Pisavamos novamente o deserto com a sua areia fina, com as suas pedras cortantes, toda a sua nudez exhaustadora e toda a sua brancura tumular!

O céu, que se estende por sobre a planicie do Jordão e do Mar Morto, emmoldurado pelas duas filas de cadeias dos montes da Judéa e de Moab, está quasi sempre tingido de côres violaceas! A paizagem alli, impregnada d'uma vaga melancolia acariciante, é cheia de grandeza, de austeridade e de luz.

Aquellas solidões melancolicas e paizagens esmaecidas, mudas e desertas, apenas povoadas e animadas, hoje, por bandos de cabras e ga-

---

1 Na minha segunda visita a Jericó, no mez de Setembro de 1902, o calor era verdadeiramente horrivel, suffocante, insupportavel! E' viagem perigosa mesmo para organisações pouco affeitas a arrostar altas temperaturas. Não são poucos os peregrinos que têem morrido alli, ou d'insolação ou de febres, ou por aggravamento subito de molestias já contrahidas. A noite que passei em Jericó, no hotel do *Jourdain*, foi de completa insomnia, devido ao calor e aos mosquitos! Ensopei os lençoes da minha cama em suor e soffri as ferroadas dos vampiros sanguisedentos que me erriçaram a epiderme d'empolas dolorosas! Noite peor ainda do que algumas por mim passadas no Amazonas, no pantano do Marajó, onde os *carapanás* parecem querer devorar uma pessoa!

zellas, d'olhos dôces, humidos, avelludados, [1] já retumbaram, porém, todos os echos da vida, quando as atravessavam os grupos de peregrinos e as ricas caravanas que vinham a Jerusalem, da Gaulonitida, da Auranitida, das terras de Damasco e da Galiléa!

Logo, porém, que se entra na planicie de Jericó, [2] a natureza transforma-se magicamente. Sob a alegria da luz, sob os encantos do sol a planicie apparece verdejante, como um oasis, esmaltada de rosas e alfombrada de fragrantes, florentes e luxuosos taboleiros de flôres. [3] São as rosas de Jericó.

---

1 Estes ruminantes, graciosos e gentis, extremamente meigos e humildes quando domesticados, encontram-se frequentemente pela Palestina, e, por vezes, em bandos. Eu vi d'estes animaes, no Jordão, no Mar Morto e na Galiléa. Na fauna palestiniana, além d'estes exemplares da grande familia dos roedores, encontram-se os *porcos espinhos*, os *ouriços*, os *porcos montezes*, e entre outros, principalmente nas margens occidentaes do Mar Morto, lindas cabras montezas! Eu tive occasião de vêr algumas d'estas ultimas, e um magnifico porco montez nas immediações do *Carmello* que foi alvejado inutilmente por um dos peregrinos da caravana, um *gentleman* inglez desfibrinado, ponteagudo, sêcco, raspado, n'uma grande resiccação ossea, como um velho palimpsesto, como uma peça de anatomia mumificada!

O que é um *gentleman?* Um *gentleman* é um nobre, digno de commandar, integro, desinteressado, capaz de se expôr e até de sacrificar-se pelos que dirige, homem de honra e de consciencia ao mesmo tempo, em quem os instinctos generosos foram confirmados pela justa reflexão e que, procedendo bem em harmonia com a sua natureza, ainda procede melhor em harmonia com os seus principios. (Taine, *Notas a respeito da Inglaterra*).

2 Foi na planicie de Jericó que Sedecias, rei de Jérusalem, foi preso com toda a sua comitiva pelos soldados de Nabuchodonozor e levado prisioneiro. *(4.º dos Reis*, XXV. *Jer.*, XXXIX).

3 *Josepho* fala do *oasis* de Jericó com tanta admiração como do da Galiléa, chamando-lhe egualmente *paiz di-*

A Santa Escriptura [1] allude a estas flôres. [2] A lenda canta e exalta as suas mirificas virtudes.

Um devoto peregrino que aspirara, tambem, o seu perfume, escreve o seguinte: «São preciosas estas rosas pela sua virtude. As mulheres de parto, que não téem forças para expellir o

---

vino! (Guerra da Judéa, XXVII). Plinio, louvando a Judéa pela excellencia das suas culturas, accrescenta «que o districto de Jericó era famoso pela belleza das suas palmeiras.» (Plin., livr. 13, cap. 4).

Ao tempo de Jesus, este oasis, deleitoso e ameno, regado d'aguas abundantes, era um dos mais formosos tractos da terra da Syria.

Hoje, ainda lhe dão um encanto incomparavel as rosas e flôres que o matizam. Todavia, a agricultura ahi está abandonada. As bellas aguas da fonte d'*Elyseu,* da fonte chamada *Aïn-Diouk* e da fonte *Aïn-Nouaimeh* perdem-se em grande parte! Se fôssem bem aproveitadas, ellas fertilizariam maravilhosamente aquella terra que poderia produzir, ainda, arroz, açafrão, canna d'assucar, linho, anil, toda a especie de cereaes, de legumes e fructas. Apenas, porém, se vê semeado hoje, alli, trigo, milho e cevada. Ha exemplo d'uma videira que existiu alli e morreu por falta de cuidado, que media no pé dois metros e trinta centimetros de circumferencia e que chegou a produzir mil e quinhentos kilos d'uvas n'um anno! Tão fecundo é o solo d'aquelle paiz! Ainda hoje se encontram, tambem, por alli, ruinas de engenhos de assucar, prova de que a canna dôce se cultivava outr'ora n'aquella região.

1 *Ecclesiastico,* XXIV, 18.

2 Esta rosa é chamada pelos indigenas *Kaf-Máryam.* E' a *anastatica* (planta que resuscita) *hiericuntica* de Linneu, da familia das cruciferas. Esta rosa tem a propriedade de se abrir, todas as vezes que se mergulha na agua, durante o espaço de cinco a seis horas. A verdadeira rosa de Jericó, porém, não se encontra mais alli. A *anastatica hiericuntica* apenas apparece hoje em alguns pontos arenosos da Syria e da Arabia e em *Engaddi-Ain-Jidi,* nas margens do Mar Morto. Em Jérusalem existem á venda grande numero d'estas flôres.

feto, téem experimentado, mediante estas rosas, prodigiosos effeitos. Lançada a rosa em agua na presença da mulher de parto, á proporção que a rosa vai abrindo, a mulher se vai dispondo para lançar o féto e é necessario extrahir logo a rosa da agua. Este effeito certamente não é natural, visto não ter natural proporção com o que precede a elle: mas qual seja a causa, não o sei. Dizem alguns auctores que estas rosas abrem na noite de Natal, á mesma hora que a Santa Virgem deu á luz seu bemdito fructo: tambem dizem que para ter a sobredita virtude, devem ser cortadas no dia 15 d'agosto ou a 8 de setembro. Cada um póde dar a isto o credito que lhe parecer, conclue o devoto e judicioso peregrino». [1]

Como recordação, eu trouxe para Portugal uma rosa colhida na planicie de Jericó. Ainda hoje a conservo. Está murcha, fanada, estiolada e resequida.

Quando, porém, o orvalho matinal lhe aviventava e perlava de camarinhas o calice mimoso, era peregrinamente bella a gentil flôr!

As suas petalas tinham a macieza do velludo; as suas folhas largas, lanceoladas, e glabras, rebrilhavam, cheias de garbo, de viço e de frescura, feridas pelos primeiros raios do sol nascente, reflectidos nas gottas limpidas e translucidas do rocio da manhã que as aljofrava!

A sua haste era esbelta, em sua pequenez, como o tronco erecto d'uma palmeira do deserto!

A sua corolla, os seus estames, o seu pistillo, outr'ora rescendiam e embriagavam!

Gentil flôr! Jazes, hoje, morta, imagem real da vida humana, que brilha um instante e logo definha e fenece! Eu te conservarei sempre e te guardarei emquanto viver, como se fôras e va-

---

1 Vid. o livr. de Fr. João de Jesus Christo já citado.

lêras um precioso e inapreciavel thesoiro, porque tu, perfumada e fragrante rosa, symbolizas, hoje, para mim, a desillusão d'uma vida feliz, já gosada e já vivida!

O leitor ouviu falar alguma vez na *Flôr da Resurreição?* Talvez não. E' ella uma planta extremamente rara, typo unico no mundo, sem antepassados nem descendentes, exemplar isolado na terra e na sciencia. Pois esta flôr phantastica, sêcca e desmaiada, ostentando como unico adorno, dois botões queimados pelo sol e amarellecidos pelo tempo, é um *talisman* sagrado, a maravilha do deserto, encontrada sobre um sepulchro egypcio onde repoisava, á sombra da morte, uma sacerdotisa. Derramai algumas gottas d'agua por sobre esses botões amarellecidos e murchos, e contemplareis um prodigio maravilhoso: a planta estremece, agita-se, ergue-se na haste, incham e entreabrem os seus botões, e a flôr cheia d'elegancia e de frescura, exhalando perfumes embriagadores, separa as suas pétalas diaphanas e soberbas e volta a sua corolla perfumada para os raios do sol! Quando as gottas d'agua seccam, a flôr desmaia novamente, enlanguesce e declina, a sua haste dobra-se, as suas nervuras contrahem-se, as suas pétalas fecham-se, e a planta agoniza e morre, deixando como ultima recordação da sua vida extincta os dois botõesinhos amarellecidos e queimados pelo sol que ha cinco mil annos a beijara! Não ha analogia entre esta flôr de que nos fala *Humboldt* e a rosa de Jericó!

*

* *

Da formosa Jericó, outr'ora cheia de seivas e de rosas, ensombrada de palmeiras adolescentes, de arvores preciosas que distillavam balsamo aromatico, licôr que fructo algum no mundo po-

dia egualar, segundo diz Josepho, [1] ornamentada de moitas de rosas odorantes, não restam, actualmente, senão ruinas. As sarças cobrem os escombros do primitivo circo, da casa do rico publicano Zacheu, [2] das thermas opulentas e dos palacios magnificentes da cidade herodiana. [3] As saborosas e doces aguas da fonte de Eliseu, [4]

---

1 *Guerra*, cap. XXVII. Arculfo, citado em Beda, já não vê no seculo VII em Jericó a famosa arvore do balsamo.

2 O castello hoje chamado *Bordj Rihha*, proximo ao estabelecimento russo marca, approximadamente, o emprazamento da casa de Zacheu. Houve já uma igreja alli e alli se ganha ainda hoje uma indulgencia parcial.

3 Herodes o Grande, o *Idumeu*, o descendente do crespo e hirsuto Esaü, possuia em Jericó um magnifico palacio, chamado *Cypros*, do nome de sua mãe. Elle morreu em Jericó, com 70 annos d'edade e o seu corpo foi d'ahi trasladado para a fortaleza do monte Herodion.

4 Hoje *Aïn-el-Soultan*, fonte do Sultão. A fonte de Eliseu, uma das mais bellas da Palestina e a mais abundante da Judéa, dista approximadamente, a meia hora de distancia de Jericó. O caminho que alli conduz serpenteia por entre grossos tufos de *sidr* e *zakkoum*. Da segunda vez que visitei a fonte de Elizeu tomei um banho no tanque que as aguas da fonte enchem e nadei n'ellas a grandes braçadas, similhante a um golphinho, a um mythico tritão. Porque eu aprendi a nadar no meu amado Tamega desde os 10 annos da minha vida.

Era pela tarde e eu havia chegado de Jérusalem, debaixo d'uma nuvem de pó e d'um sol de fogo, estarrecido de sêde, febricitante. Alguns peregrinos meus companheiros, que se tinham adiantado, lá chapinhavam já, n'uma grande voluptuosidade, n'uma infinita delicia. Ao lado da *Fonte* uma barraca arabe afofada entre bananeiras vendia refrescos aos viajantes a elevados preços. Saluberrima ablução a minha na *Fonte de Elizeu!* Se algum dia eu voltar á Palestina, anhelo intenso da minha alma, eu voltarei a Jericó no proposito de mergulhar-me novamente nas beneficas aguas da *Fonte do Propheta*.

d'uma frescura deliciosa, perdem-se em crebros murmurios, atravez dos campos cultivados, deslisando serenas, n'uma calma e dôce tranquillidade, por sobre alfombras innocentes de musgos e de relvas e por entre tufos verdes de tamargueiras, carrapateiros,[1] jujubas, faias, loureiros-rosas, romanzeiras, arbustos espinhosos, de toda uma bella vegetação vivaz povoada de melros, de alvéolas, de pombas, de mil scintillantes aves palreiras, destacando-se poeticamente em meio da aridez do deserto.

Emmolduram a fonte de Eliseu tufos de folhagens vigorosas, por entre as quaes sobresahem as campanulas afuniladas das verdeselhas, ostentando uma extrema brancura mate, e hastes fortes, d'um amarello de cidra, d'arbustos desconhecidos, aformoseados de folhas, ora d'um verde liso, ora d'um vermelho sanguineo.

A contemplação das aguas da fonte de Eliseu encheu-me de alegria. O milagre, as maravilhas da antiguidade prophetica prendem-se a ellas!

Ouçamos, ainda, o que sobre esta fonte de Elyseu, escreve o mesmo devoto peregrino, ha pouco citado: «A sua agua, diz elle, era muito salobra; passando alli Elyseu, perguntou aos moradores d'aquelles campos, como lhes ia n'elles. Responderam-lhe que a terra era boa, mas que a agua era pessima. Compadecido Elyseu da sua necessidade, pediu sal e lançando-o n'um vaso novo, o introduziu na fonte, dizendo: *Sanavi aquas has. Hæc dicit Dominus!*[2]

Coisa prodigiosa! No mesmo instante as aguas

---

[1] E' o arbusto que produz o oleo de ricino. Elle prospera ahi em estado selvagem, attingindo proporções arvoreas.

[2] A mesma narração se encontra em Josepho, (*Guerra dos Judeus,* Cap. 27).

se tornaram dôces e saborosas até ao dia de hoje!» [1]

A torrente da agua da fonte de Elyseu rebenta gorgolejando de numerosas nascentes, cujos filetes véem avolumar-se, n'um grande tanque, construcção talvez de Herodes, e onde nadam cardumes de peixes, [2] e bandos de palmipedes, brancos uns, negros outros, com scintillações metalicas d'um azul escuro, outros.

Um bello abside, vegetado de cryptogamicas, serve-lhe, hoje, de ornamento. Estas aguas extravazadas do grande tanque formam um bello regato que vai pôr em movimento um moinho ha poucos annos restaurado. A grande sombra das oliveiras bravas espalha-se em redor, nas aguas referventes. Revoadas de pardaes esfusiam, estridulos, chiando por entre as sebes enfolhadas nos gommos novos da primavera, ainda gottejantes do orvalho da manhã; as rãs coaxam alegremente, chapinando e mergulhando as cabeças nos limos dos pantanos que as aguas amodorradas formam em roda; as libellinhas scintillam no ar como pequenas plumas de côres berrantes, brilhando como as chammas azuladas do enxofre; os gaios escarninhos, escorraçados pelas vozes festivas dos viandantes, esvoaçam, gralheando a distancia, occultos por entre as ramagens novas das vegetações reverdecidas!

---

1 *4.º Liv. dos Reis.*, II, 21.

2 A mais pequena corrente d'agua na Palestina, o mais pequeno reservatorio alimentado por uma fonte, está povoado de peixes! As aguas mais piscosas são as do Jordão e do Mar de Tibériades. N'este vi eu varias especies de *barbos* e outros peixes variados que não conheci. Apenas as fontes de *Aïn-Hadjalah*, e a de *Aïn-Feschkah*— a mais abundante da Palestina, no valle do Jordão, proximo do convento de Santo Erasmo, é que não alimentam peixe algum.

Abençoadas aguas! Abençoada fonte de Elyseu! Lympha candida, immaculada, diaphana, translucida, que rebentas d'improviso do solo abrazado, nunca exhaurida pelo sol, ensoberbecida sempre para a vida, para o encanto e para o esplendor do resequido valle de Jericó, que fazes germinar e florir, dando frescura á terra, seiva ás ervas sêccas, aroma e esmalte ás flôres desbotadas, abençoada sejas! Abençoada sejas, ó fonte de Elyseu!

*

* *

Partindo de Jericó, subindo da doçura das aguas para a aspereza das montanhas, a nossa caravana tomou a direcção Noroeste, á procura dos vestigios de Jesus no deserto.

A distancia será d'uma hora de marcha, passando-se pela fonte de Elyseu. [1]

Qual foi essa solidão que assistiu á penitencia do Salvador pelo espaço de quarenta dias [2] e qua-

---

1 Logo após a partida da fonte de *Elyseu* sobe-se uma collina formada pelos escombros da antiga Jericó, onde, em 1869, os inglezes fizeram intelligentes excavações. Logo a seguir, ao longo do caminho marginado de sarças espinhosas, notam-se, pela direita, as ruinas d'um engenho antigo d'assucar. Os *Cruzados*, tendo encontrado em Jericó o cultivo da canna dôce, continuaram-n'o. A pequena distancia d'alli, passa-se deante d'uma bella arvore sempre verde, de bellas folhas e fructos dôces, semelhantes a uvas, e chamada pelos arabes *Gambile*. Mais adiante encontram-se ruinas d'outro engenho d'assucar. Está-se aqui já em frente ao logar onde começa a ascensão da montanha da *Quarentena*.

2 O periodo quarentenario é na Escriptura mysterioso e sagrado. A chuva do diluvio cahiu durante 40 dias, os Israelitas erraram no deserto 40 annos. Moysés permaneceu 40 dias no alto do Sinaï esperando a Lei; a

renta noites, sem outra companhia mais do que as féras, na pratica de rigoroso jejum? Onde o Salvador recebeu os ataques de Satanaz, vencendo-o? Onde Christo se retirou, antes d'entrar na sua vida activa, como que para amadurecer alli o seu plano messianico? Onde Elle, como que foi a depurar o seu coração e os seus pensamentos, temperar as suas resoluções e avigorar a sua coragem? Onde Elle como que foi procurar na oração, na contemplação e na absorpção de todas as suas faculdades em Deus, seu Pae, comprehender e avaliar toda a belleza e toda a grandeza da sua missão futura, medindo-lhe as difficuldades, presentindo-lhe todas as dôres e todos os sacrificios, a agonia, a cruz e a morte?

A solidão approxima de Deus, e Jesus necessitava, antes de entrar em acção, de communicar intima e particularmente com seu divino Pae.

Todos os sêres religiosos, destinados a exercerem na terra uma missão sublime, téem passado pela solidão!

Moysés veiu procurar Deus no cimo solitario do Horeb; Elias pediu ao deserto um asylo contra as maldades dos homens; João Baptista viveu no deserto, caldeando o seu espirito no fogo da meditação e da penitencia, crescendo e multiplicando-se no contacto do Espirito; Paulo isolou-se nas planicies deshabitadas da Arabia, para ahi meditar a voz d'aquelle que lhe falara no caminho de Damasco; Çakia-Mouni fez frequentes estações na solidão, durante os annos da sua vida penitente e na sua viagem atravez de Mogadha; Zoroastro viveu muito tempo retirado sobre uma montanha; Mahomet procurou um

---

Ninive foram concedidos 40 dias para a sua penitencia; 40 dias depois da sua gloriosa Resurreição é que Jesus sobe ao céu.

refugio, na montanha d'Hira, não longe de Méca; os discipulos do Crucificado, finalmente, sepultavam se nas profundas cavidades da Thebaida!

Qual é, porém, esse deserto, onde o Espirito levou Jesus? Eis ahi um ponto sempre nebuloso, sempre fluctuante, nas tradições evangelicas. [1] Conjectura-se porém, com toda a probabilidade, que este seja o *Deserto de Judá.*

As mais antigas tradições vão encontrar os vestigios de Jesus no deserto, na região montanhosa e inculta que se estende a noroeste, acima de Jericó, até proximo das alturas de Bethania, limitada ao Sul pelo *ouâdy el-Kèlt* e, ao Norte, pelo *ouâdy Neuamied.*

Levanta-se alli uma montanha pedregosa e escarpada, pico dominante e imponente de todo o ermo deserto jordanico, immenso bloco de calcareo avermelhado, formado pelas differentes stratificações do terceiro periodo, chamado, hoje, *Montanha da Quarentena* ou *Monte da Tentação.* [2]

Os seus flancos, rasgados, hiantes, estão cheios de cavernas naturaes de pedras carcomidas, cavadas pelos ventos e pelas tempestades, abrigo outr'ora de penitentes e eremitas, [3] asylo, hoje, de asquerosos reptis, lethiferos escorpiões e cha-

---

1 *Luc.*, IV, 1.

2 Os arabes chamam-lhe *Djebel-Kourotoul.* Póde distar, talvez, á distancia de quarenta a cincoenta minutos da *Fonte de Elyseu.* Esta montanha foi primitivamente habitada por grande numero de anachoretas, martyrizados todos por *Kosroës*, em principios do seculo VII. Na Edade Média, a *Montanha da Tentação* pertencia aos *Conegos do Santo Sepulcro*, e era habitada por Religiosos que tinham o nome de *Irmãos da Quarentena.* Os primeiros christãos construiram no alto da montanha uma capella, da qual ainda hoje se vêem vestigios.

3 Affirma Quaresmius que n'uma d'essas grutas se encontram muitos cadaveres de eremitas, intactos, incorruptos.

caes noctambulos! Profundas ravinas separam as cristas em que se divide a montanha.

Nós tinhamos chegado alli. Na companhia do nosso corajoso e intrepido *drogman*, eu e alguns poucos peregrinos mais corajosos fizemos a ascensão da montanha. atacando-a por S.E., atravez do caminho aberto ha poucos annos, ainda, pelos gregos scismaticos.

Era por horas da sésta.

Toda a restante caravana, deixou-se ficar, acampada na planicie.

Eu e o Padre Renaudin, que a mim se prendera desde as primeiras horas em que nos viramos pelos laços d'uma mysteriosa affinidade sympathica, seguiamos sempre, como intrepidos *touristes*, capazes de ascendermos aos cumes nevados do monte Branco, ao lado da nosso *Guia*, grimpando corajosos as espaldas angulosas dos penhascaes da montanha!

De quando em quando, tinhamos que nos agarrar ás arestas das rochas e subir, quasi que de rastos, por um caminho talhado na penedia! Firme, todavia, na minha bengala de ebano, que trouxera da Africa, eram sempre seguros os meus passos! [1]

Um poetico tapete de boninas raiadas, alfombrava aqui e alli o esqueleto osseo da montanha. O abysmo escancarava-se fascinante a nossos pés.

O sólo da montanha apparecia por vezes gretado, fendido das calcinações do sol, todo cheio de scintillações de luz, faiscantes, cruas!

Apesar do descanço que, de momento a momento, nós tomavamos, o suor alagava a nossa

---

[1] M. *L'Abbé* Mariti *(Voyage dans l'islle de Chypre, du Syné et de la Palestine*, (Paris, 1791*)* **que fez a ascenção da *Quarentena*, traça e rubrica impressões identicas ás minhas.**

fronte em grossas bagas. O céu, todo azul, immenso, magico, o mais bello céu do mundo, d'uma grande calma e serenidade, vibrava por cima das nossas cabeças reluzente como um manto de setim, cheio de luz e de fulgôr! O sol, equinoxial, mordente, queimava, [1] engastado no firmamento, na abobada de crystal brunido do firmamento,

---

[1] O calor nas grandes altitudes palestinianas, bem como no Mar Morto, Jericó e margens do Jordão, é, por vezes, tão caustico e ardente que chega a tornar-se insupportavel! Os viajantes cobrem o rosto com um véu branco, um *kouffieh*, que se vende em todas as cidades da Palestina e calçam luvas, para se preservarem de lhes cahir a pelle das mãos. Os peregrinos na Palestina procederão bem se se prevenirem de guarda-soes brancos, que são os melhores para resistir aos grandes calores. Eu comprei um em *Port-Saïd* que me serviu em toda a viagem que fiz pelo interior do paiz.

E' tambem conveniente levar um chapéu de feltro d'abas largas, coberto com um panno branco cahindo por sobre os hombros. Isto para abrigar o pescoço do sol. As melhores camisas para os peregrinos são as de flanella, por causa do suor. Eu aconselharia, tambem, o peregrino que levasse comsigo para a Palestina, uma borracha de couro para agua, ou uma pequena frasqueira com o competente copo. Quantas vezes no interior a agua levada em tal repositorio, a tiracollo, é de incalculavel valor! A mim nunca me desacompanhou por toda a Palestina uma pequenina frasqueira portatil que havia comprado em *Lourdes*, e um originalissimo copo de couro, da maior commodidade, objecto que meu fallecido e saudoso pae trouxera do Brazil, ha bons 40 annos. Ainda hoje possuo e guardo cuidadosamente estes objectos. Tambem levei commigo um pequenino sacco de viagem que havia comprado em Moçambique, o qual me serviu maravilhosamente para levar o meu breviario e alguns objectos de primeira necessidade, durante a minha viagem pelo interior da Palestina. Levava-o amarrado a uma argolla do selim da minha cavalgadura. Levava tambem commigo algumas capsulas de quinino para combater as febres palustres, um pequenino frasco de arnica para o caso d'algum ferimento ou contusão, uma pequena garrafa de *cognac*,

similhante a uma grande e rutila saphira, olympicamente aureolado de resplendores, como a velha cabeça d'um deus!

Os pombos e as aguias, nautas do ar, batiam de quando em quando as azas, levantando-se em revoadas das anfractuosidades das rochas, calcinadas como que por um incendio!

No mais alto da montanha já [1] chegámos a uma gruta, a que dá accesso um caminho talhado na rocha; foi aqui que Jesus se abrigou segundo a tradição, durante a sua permanencia no deserto.

Nós entrámos lá a fazer uma rapida oração. [2] O sopro rijo do vento, vindo do paiz oriental do Jordão, sifflava fóra, de quando em quando, n'uma lufada asphyxiante! Os nossos olhos detiveram-se depois na contemplação do panorama que se desenrola á vista do alto da montanha, do

---

finalmente, para preparar com agua uma bebida refrigerante. A bebida, porém, entre todas a melhor nos paizes quentes é a agua temperada com café.

1 O pico d'este *djebel* está a 500 metros acima da planicie do Jordão.

2 Esta santa *Gruta*, á qual está annexa uma indulgencia plenaria, serve de capella aos gregos scismaticos que ahi se estabeleceram em 1874 e sempre recebem amavelmente os peregrinos, offerecendo-lhes um calice de licôr preparado por elles. Ainda hoje se vê decorada com algumas pinturas allusivas a scenas evangelicas, como sejam *Jesus tentado pelo demonio*, etc. Esta é propriamente a capella do *Jejum*. A capella da *Tentação*, construida pelos primeiros christãos, está precisamente no alto da montanha. D'esta só restam ruinas. E' preciso levar a chave d'esta capella que está em poder dos gregos. O caminho da gruta do *Jejum* até á gruta da *Tentação* não é perigoso. E' um carreiro em *zig-zag* aberto pelos gregos ha poucos annos, em 1893. E' preciso gratifical-os com 50 centimos por cabeça, para que elles permittam a entrada no *Santo Logar*. O caminho que da base da montanha conduz á gruta do *Jejum* é difficil, fatigante e até perigoso.

vertice d'aquelle pinaculo abrupto e augusto, em circulo, no horizonte.

A natureza em redor, é morta; só as lembranças falam alli ao viajante.

A imagem de Jesus parece, todavia, fluctuar ainda, austera e magestosa, na atmosphera rarefeita e algodoada, que envolve estes cerros desolados.

A Leste, para além da planicie do Jordão, vê-se o monte Nébo, onde Moysés acabou os seus dias, destaca-se em relevo severo, n'um contraste magestoso, o vulto massiço e ingente da orographia de Moab, cheio de corcovas e depressões, afogado n'uma onda de luz, aniquilado sob a amplidão insondavel do firmamento, e avistam-se as planúras da Peréa, com as suas montanhas rasgadas de gargantas agrestes que outr'ora constituiam, com a Galiléa, a tetrarchia de Antipas e que, hoje, estão reduzidas a uma vasta solidão, núa e amargurada, apenas povoada por beduinos: ao Norte avista-se o *Grande Hermon*, toucado sempre de neves doiradas e perdido em profundezas luminosas; ao Sul, contempla-se o Mar Morto, adormecido n'uma serena placidez; ao Poente, a montanha das Oliveiras, dominada por uma torre branca, intercepta a vista de Jerusalem.

Toda a terra da saudosa Judéa está alli em frente, triste e melancolica, levantada em cones innumeraveis, esbarrondados pelas chuvas do inverno e apenas cobertos d'uma herva rara!

*

* *

Descidos da montanha da *Quarentena*, eu e alguns dos meus companheiros, na companhia do nosso *drogman*, fomos rapidamente, a cavallo, emquanto o resto da caravana nos esperava, visitar a fonte de *Aïn-Diouk*, no sópe da montanha, a meia hora de distancia, approximadamente.

Esta bella e abundante fonte deve o seu nome a uma pequena fortaleza, construida por *Ptolomeu*, filho de *Abóbo*, governador de *Jericó*. Foi n'esta fortaleza chamada *Doch*, que, durante um festim, elle matou traiçoeiramente, no intuito de se apoderar do poder, seu sogro *Simão Macchabeu* e seus dois filhos *Mathatias* e *Judas!* [1]

Parte das aguas da fonte d'*Aïn-Diouk*, assim como das da fonte d'*Aïn-Nouaïmeh*, que nasce, á pequena distancia de doze metros da primeira, banham o magnifico valle que se estende ao sopé da montanha da *Quarentena*.

Outra parte das aguas lança-se no *Ouâdy-Nouaïmeh*.

Da antiga fortaleza não restam, hoje, mais do que escombros esparsos!

*

* *

De Jericó, feita a sua provisão d'agua na fonte d'*Elyseu*, a nossa caravana tomou o caminho mais curto, que poderia conduzir-nos a Jerusalem. [2]

---

1 *1.º Liv. dos Macch.*, XVI, 11 e seg.

2 Da fonte d'Elyseu ao *Khan el-Ahhmar*, a distancia é de tres horas de viagem, approximadamente. Atravessa-se primeiramente uma floresta de arbustos espinhosos; deixa-se, á direita, a montanha da *Quarentena*; passa-se junto d'um oiteirinho, de nome *Tall-es-Saâmarate*, que parece obra humana. Seguindo-se sempre n'esta direcção, chega-se á torrente *Nahr-el-Kelt*, a mesma que encontrámos já, no caminho do Jordão a Jericó. Mais ou menos coberta por uma scintillante toalha d'agua, ella atravessa-se com toda a facilidade. Ainda se vêem alli restos d'uma antiga ponte e d'um aqueducto. E' d'alli que vai ganhar-se rapidamente a bella estrada de rodagem, antiga via romana, a ladeira de *Adommim*. Passa-se, seguidamente, deante d'uma cisterna sempre

A estrada que agora seguiamos, trazia-nos direitos a Bethania. Era o antigo caminho, a primitiva picada que, atravez da charneca jordanica, de Jericó vinha a Jerusalem. [1]

---

sêcca, chamada *Khan-ibn-Djabôr*, para descer-se ao fundo do *Nahr-el-Kelt*, garganta medonha, sinuosa e profunda, d'uma selvageria natural, que nos desperta verdadeira admiração, e por onde desliza limpidissima torrente d'agua, filha das fontes *Aïn-Kelt* e *Aïn-Faouar*, uma das mais abundantes da Palestina, animada por uma especie de peixes de nome *capœta damacena*. Na ravina a pique da margem direita ainda se notam, hoje, destroços de velhas construcções. A torrente atravessa-se por sobre uma ponte de pedra ha pouco tempo ainda concluida, para ir visitar-se o *Deïr-el-Kelt*, velho convento, do tempo dos Essenios contemplativos, cahido em ruinas, que, desde pouco tempo ainda, religiosos gregos scismaticos da Ordem do S. Bazilio procuram reconstruir. E' o convento de S. João de Kozibá, verdadeiro ninho d'aguias pavorosamente suspenso na face perpendicular de rochas talhadas a pique, como que á faca! Retomando novamente o caminho alongam-se varios *ouâdys*, transpõe-se a subida de *Aakbat-el-Crâd* para, depois de se atravessar uma ponte, se chegar ao *Khan-el-Ahhmar*

1 Na minha segunda visita ao Jordão fui de Jérusalem em carro seguindo a estrada que ultimamente se abriu entre Jérusalem e Jericó. O *Khan* do Samaritano está hoje convertido n'uma estalagem onde se vendem fructas, refrescos e café. Ha alli *divans* para descançar e ha um bazar para se fazerem compras. Vêem-se alli duas cisternas e sobranceiro ao *Kan* a collina do Sangue (*Tel-at el-Dam)* com os restos d'um forte medieval. Um pouco antes do *Khan* do Bom Samaritano, a 2 kilometros approximadamente ao sul da estrada de Jericó, se encontram as ruinas do mosteiro de Santo Euthimio — *han-el-Achmar*. Depois de ter permanecido na *laura de Pharan* e na de S. Theoctisto, Euthimio veiu estabelecer-se na visinha planicie de *Mountar*, em 425. A gruta primitiva d'Euthimio, convertida em igreja, foi consagrada por Juvenal, em 429. Ainda se vêem vestigios d'ella. Para lá do *Kan* do Samaritano retorna a paisagem monotona, a charneca deserta e adusta, o desfiladeiro profundo, silencioso e

A natureza apresentava-se-nos, agora, uniformemente aspera; as montanhas calcareas, escalvadas, appareciam á nossa vista aridas e pardacentas, como a cinza; pelo fundo dos valles sombrios, estrangulados por entre as gargantas das serranias, alongavam-se os leitos sêccos e pedregosos das torrentes selvagens! Sómente, a natureza muda, nas proximidades do *Khan-el-Ahhmar*.

A vida então renasce. A paizagem humanisa-se. As espigas loirejam nos valles, as perdizes

---

atormentado entre rochas asperrimas. Não póde conceber-se nada mais selvagem do que aquelle caminho, aquella região que separa Jérusalem de Jericó No alto d'uma montanha a caravana parou, o convento de S. João de Kozibá, com a sua pitoresca cupula branca, appareceu perdido ao fundo do *Nahr-el-Kelt* e os peregrinos que assim o desejassem foram convidados a visital-o. Eu tive a coragem de me encorporar no numero dos que quizeram ir alli. Foram poucos. Quasi todos temeram a espantosa ladeira a descer e recuaram. Eu fui visitar, verdadeiramente impressionado, o convento. A sua capella ostenta lindissimas imagens e pinturas byzantinas, d'uma hieratica e austera rigidez e sobriedade. Os monges do convento, para o qual se entra quasi de rastos por uma porta baixa, recebem bem os visitantes e offerecem-lhes um calice de licôr hygienico e restaurador. Proxima está a necropole, o cemiterio do convento, uma gruta natural, allumiada por uma alampada, cheia de ossos e de craneos enfileirados! O mesmo tinha eu visto já em S. Sabas, na igreja de S. Nicolau. Todos esses ossos são dos monges martyrisados por Kosroës. Grutas naturaes apparecem á vista na profunda ravina, habitadas por monges! Elles ahi se encerram subindo por escadas de corda ou agarrando-se a cordas de nós e só descem aos domingos para assistirem aos Officios religiosos na capella do convento. A frugalissima refeição que lhes servem, elles a puxam por um arame preza n'uma cesta! A visita a este convento de *S. João de Kozibá*, será sempre das mais impereciveis entre todas as minhas recordações da Palestina.

cacarejam zombeteiramente por entre os urzedos, as cotovias cantam na espessura das messes, os campos riem, matizados de flôres, e os rebanhos pastam, relvando nas collinas!

Nas balseiras ouvem-se os gorgeios melodiosos dos rouxinoes cantando as suas divinas paixões e os arrulhos ternos das rôlas e das pombas gemendo os seus castos amores!

O *Khan-el-Ahhmar*, edificado na maior aspereza da serra, foi sempre, desde tempos immemoraveis, uma estação para as caravanas. Nós parámos alli. Jesus tambem alli descançara! [1]

Fôra alli que o Mestre explicara aos seus Discipulos, em palavras de commovente belleza, dôces e penetrantes, a tocante parabola do Samaritano compassivo!

Alli o Mestre, d'uma véz e para sempre, solidificara o principio de que toda a fé religiosa, todo o verdadeiro amôr de Deus, está simples e exclusivamente na caridade, no amor do proximo, na fraternidade humana. Sobre a estrada de Jericó, disse Jesus, estava prostrado um homem. Passou um padre, viu-o e continuou o seu caminho. Passou um levita e seguiu adeante. Um samaritano, tendo compaixão d'elle, approxima-se e derrama balsamo sobre as suas feridas e applica-lhes uma ligadura! Só este, concluiu o Mestre, é que amou verdadeiramente o seu proximo. [2]

---

1 No *Khan do Samaritano*, na Quaresma principalmente, encontram-se sempre descansando peregrinos de todas as religiões e de todas as procedencias; *touristes* Cook, russos que voltam a pé do Jordão, carregados d'agua do rio sacro, pastores arabes conduzindo rebanhos innumeraveis de cabras negras, beduinos que seguem para Moab, conduzindo grandes tropas de camellos, negros, moukres, frades latinos, monges gregos, etc.

2 *Luc.*, x. Ganha-se alli uma indulgencia parcial.

Quando transpunhamos a subida, hoje conhecida pelo nome de *Aakbat Rihha* — a antiga subida de *Adommim*, [1] nos limites de Judá e Benjamin [2] — frisou-nos o nosso guia, que fôra alli onde se achavam os dois cegos do Evangelho pedindo esmola. Um d'elles era conhecido. Chamavam-lhe o filho de *Timeu* — *Bar-Timeu.*

Ouvindo que Jesus passava, poz-se elle a gritar, com essa confiança ardente que a desgraça muitas vezes inspira:

— Jesus, filho de David, tem piedade de mim !

A multidão ia adeante e Jesus seguia-a.

Os que caminhavam á frente, reprehendiam o cego, mandando-o calar, mas elle, redobrando as suas supplicas, gritava cada vez mais alto:

— Filho de David, tem piedade de mim !

Jesus parou e mandou que lhe trouxessem o cego.

— Tem confiança — disseram-lhe — levanta-te, elle chama-te !

O cego, deixando o manto, levantou-se apressado e dirigiu-se a Jesus que lhe perguntou:

— Que queres que eu te faça ?

— Senhor, que eu veja.

— Vê — disse-lhe o Mestre — a tua fé curou-te.
— E, logo o cego seguiu Jesus, glorificando a Deus ! [3]

---

1 Esta palavra quer dizer *logar de sangue*, nome proveniente, talvez, dos frequentes attentados que alli se commettiam. *(Josuë*, xv, 7, falla de *Adommim*). S. Jeronymo escreve: *Adommim quod interpretatur sanguinum, quia multus in eo sanguis crebis latronum fundebatur incursibus. (Hieron. Ep. Paulæ matris).*

2 Dividia as duas tribus do lado do Oriente a celebre *Abenboen — pedra do limite* — de que fala *Josuë,* (xviii, 18.)

3 *Marc.*, x. 46 e seg. Outros collocam o logar onde Jesus operou este milagre em *Kherbet-Kakoum*, a antiga *Kakoum*, hoje um montão de ruinas, entre as quaes

Este caminho, que nós iamos seguindo agora, tinha sido pisado muitas vezes por Jesus e seus amados Discipulos.

O logar é medonho. Já os romanos se viram obrigados a construir alli um forte. O paiz n'este ponto apparenta-se verdadeiramente pavoroso; gargantas profundas descem por entre rochedos talhados a pique por sobre abysmos onde a vista se perde aturdida!

As lendas do paiz phantasiam ser alli o palco onde se exhibem, a horas adeantadas e recolhidas da noite, sahidos das profundezas incommensuraveis e celebrando festas e danças macabras, todos os espiritos maus do abysmo, larvas mysteriosas, hypogriphos pavorosos, duendes nocturnos, trasgos chavelhudos, toda a legião infernal do malefico e perversissimo *Mephisto!*

Nós iamo'-nos avizinhando sensivelmente de Bethania. A estrupida dos nossos cavallos, como mesnada guerreira da Edade Média, enchia de echos retumbantes as profundas ravinas!

Ao subirmos o *ouâdy el-Kelt*, explicou-nos o *guia*, que fôra alli onde os mensageiros de Martha vieram ao encontro do Mestre, annunciando-lhe que o seu amigo Lazaro estava sepultado, havia quatro dias. Mas não antecipemos. [1]

---

se destaca a d'um reservatorio antigo, chamado *birket Mouça* e que recebia primitivamente as aguas d'*Aïn-Fôra*, que actualmente se escoam para o *Nahr-el-Kelt*. Encontram-se estas ruinas a pequena distancia do *Nahr-el-Kelt*, no sitio onde as caravanas vindas de Jericó atravessam a torrente.

1 Partindo-se do *Khan el-Ahhmar*, vai-se seguindo sempre na direcção de Oeste pela grande estrada, avistando-se logo a construcção russa do alto do monte das *Oliveiras*. Atravessa-se por sobre uma ponte de pedra a torernte chamada *ouâdy-Sidr — valle dos espinhos*,—entra-se depois em outro valle chamado *ouâdy-Keb-es-Semm*, en-

Subindo esta ladeira, ao avisinhar-se de Bethania, disse um dia o Mestre aos seus Discipulos:

— Eis aqui vamos subindo para Jerusalem, e tudo que está escripto pelos Prophetas, tocante ao Filho do homem, será cumprido, porque elle será entregue aos gentios e será escarnecido e açoitado e cuspido; e depois de o açoitarem, tirar-lhe-hão a vida e elle resurgirá ao terceiro dia. [1]

Esta era a ultima viagem que Jesus fazia a Jerusalem.

Ella marca o fim de todos os seus dias tranquillos. Agora, Jesus vai entrar na lucta decisiva! Tinham acabado, agora, os bellos e formosos dias da sua evangelização pacifica do povo atravez das herdades prenhes de uberdade, ao longo dos lagos poeticos, e junto das fontes claras e faldas das montanhas pittorescas, envoltas sempre em suaves penumbras, que recortam o bello paiz da Galiléa!

Jesus não falará mais, em imagens populares, colhidas dos mais simples factos da vida, ensinando os seus ouvintes, em meio dos campos floridos, ou sobre o dorso verde e ondulado das collinas!

Jesus vae deixar de ser o delicioso moralista que só aspira a encerrar sublimes lições em aphorismos breves, vivos, para converter-se no revolucionario transcendente que trata de renovar o mundo, refazendo-o desde as suas bases para architectar sobre ellas o ideal que concebera do Reino de Deus.

Vai, agora, pela ultima vez, na cidade da theo-

---

tra-se, ainda e finalmente, no *ouâdy el-Hhaud* para ir encontrar-se em sua extremidade a fonte dos *Apostolos*, após uma hora de marcha, mais ou menos.

1 *Luc.*, XVIII, 31 e seg.

cracia intolerante, do judaismo obstinado, affirmar nitidamente, em phrase cortante e incisiva, em terriveis flagellações justiceiras, quem é e o que quer; vai affirmar a sua filiação divina, os seus direitos, a sua obra e o seu papel messianico!

Vai arrostar com a opinião, com as paixões, com as conspirações! Não se entreterá mais com a multidão simples e sem cultura da sua provincia!

Jesus marcha para Jerusalem, cidade da intriga e do zelo fanatico, onde vai ferir o seu ultimo combate com a aristocracia intransigente, com todos os representantes officiaes do judaismo!

Vai fazer-se jurista, exegeta, controversista, theologo!

Vai apresentar-se solemne e inexoravel, sem perder, todavia, jámais o seu caracter de doçura e de paz, deante dos hierosolymitas, dos habitantes da metropole, dos judeus puros, puritanos, doutrinarios e philosophos, dos canonistas insipidos, dos devotos falsos e hypocritas, dos sadduceus scepticos e solertes e dos phariseus intolerantes e enfatuados,—os moedeiros falsos da verdade, como lhes chama Schiller, na presença dos doutores empertigados da sciencia orthodoxa, rigorista e tradicional, das atrabiliarias e pedantes personagens influentes da hierarchia, orgulhosa da sua apparente moralidade, ás proprias portas do Synhedrio tumultuario, onde se discutiam e resolviam todas as questões da casuistica religiosa!

Elle será amarrado a uma cruz pelo judaismo formalista, legal e ferrenho pelas tradições, mas triumphará definitivamente na glorificação posthuma das consciencias bem formadas e dos espiritos puros e sinceros! E depois, como consagração solemnissima do seu incomparavel triumpho, toda a humanidade futura, vivendo n'uma só moral, adstringida pelos laços do mesmo direito, una e solidaria na fé viva em um mesmo

Deus, restará para sempre, até á liquidação final dos seculos, concorporea com Elle mesmo, na phrase do nervoso, profundo e sublime Paulo: *Gentes esse cohœredes et concorporales... in Christo Jesu per Evangelium!*

*

* *

A *Fonte dos Apostolos* — *Aïn-el-Hôd* — a unica que se encontra d'aqui até ao Jordão, está sita no *ouâdy el-Hôd*, á distancia approximada de quatro horas e meia do *Khan-el-Ahhmar*, incluindo o descanço indispensavel. Esta é, provavelmente, a fonte dó *Sol*, de que falla Josuë. [1]

Tem, hoje, o nome de *Fonte dos Apostolos* porque, segundo a tradição, por vezes os *Apostolos* alli se detinham, quando vinham de *Jericó* a *Jerusalem*.

Esta fonte é a unica que apparece n'este caminho.

Nós tambem alli parámos. A agua da *Fonte dos Apostolos* é boa, mas por vezes contém sanguesugas, pelo que é preciso coal-a atravez d'um lenço.

Um pequeno monumento ornamenta esta fonte.

Perto vêem-se, ainda, os escombros d'um velho *Khan* e uma pequena piscina. Ganha-se alli uma indulgencia parcial. [2]

E', partindo-se d'esta fonte que, após a passagem da torrente *el-Hhaud*, por sobre uma ponte de pedra, seguindo-se a grande estrada, deixando-se pela esquerda uma casa e um poço de nome

---

1 xv., 7.

2 Quando alli passei pela 2.ª vez, o *Khan* estava restaurado e substituido por uma loja de bebidas e de *shops*.

Bir el Aïd, se chega á vista de *Bethania*, ao O. e de *Aboudis*, ao S.

*

* *

A nossa caravana chegara, finalmente, á vista de Bethania. O guia mandou fazer *alto!* no sitio que, hoje, tem o nome de *Pedra do Colloquio*.

Aqui nos apeámos todos. Era por horas de sésta. [1]

O sol da tarde, luminoso e tepido, em todo o esplendor do solsticio da primavera, descia já no horizonte, mosqueando o céu d'estrias de sangue, leves tintas radiantes, doirando, empavezando garridamente de fulgurações ardentes, as paizagens distantes do Jordão e do Mar Morto.

Os montes da Judéa, tocados pela luz obliqua do poente, attingiam colorações azues, d'uma dôce meiguice.

A estrada alongava-se, d'alli até Bethania, por entre jardins, hortas e pomares.

A atmosphera toda, resplandecente e amavel, afogava-se, áquella hora, em perfumes, derramados dos languidos lyrios e das pudibundas açucenas que viçavam, n'uma ineffavel e suavissima doçura, por entre os arrelvados circumdantes.

N'este momento, approximava-se de nós uma grossa caravana de beduinos, bizarramente montados na anca de jumentos, conduzindo na sua

---

1. Os *moukres* que acompanhavam a caravana, tomaram conta das cavalgaduras. Quando eu me apeei, descavalgando-me, como abandonasse imprudentemente o meu cavallo baio, elle, que até alli viera por vezes empinando-se em upas inglezas, corcovos e garbosos *piaffés,* antes que o arreeiro se approximasse, partiu pela estrada fóra n'uma carreira veloz! Felizmente, logo adeante, com satisfação do pobre homem, fez *alto,* deixando-se segurar. Toda a caravana riu alegremente do caso.

frente centenas de burricos, que, de Jerusalem, pelo caminho de Jericó, iam até Damasco.

Passando na nossa frente, aquelles arabes esbeltos e altivos, bellos e graves, de fronte tisnada, trajando os seus albornozes de lã de camelo, os pés entrapados em ligaduras, calçados de sandalias e armados de espingardas, de punhaes e de cutelos, sorrindo-nos, deixando entrevêr dentes de porcellana, saudaram-nos, em nome de *Allah*, rematando *Mâassalâmeh !* [1]

Os seus meios de locomoção e transporte, eram os mesmos, ainda, dos bons tempos biblicos !

No Oriente conservam-se, ainda hoje, em toda a sua intensidade tradicional, os velhos usos patriarchaes.

Os homens seguiam, uns ao dorso dos cavallos, assentados, outros sobre o lombo giboso dos camelos e dos dromedarios.

Os camelos caminhavam a um de fundo. O da frente ia preso por uma corda á cabeça d'um jumento que era o guia da caravana e que não levava a minima carga.

Os camelos engalanavam-se de franjas escarlates e de plumas bizarras, contrastando frisantemente com as suas pernas osseas e descarnadas, felpudas e nodosas, arripiadas e ankylosadas de joanetes disformes !

Os jumentos e os machos restantes, carregavam com as mercadorias e com as bagagens. [2]

---

1 *Boa Viagem!*

2 Os camelos encontram-se por todas as estradas da Palestina. São creados pelas tribus nomadas ás quaes prestam os serviços do boi e da besta de carga. Os melhores cavallos arabes, tão celebres pela doçura do seu caracter, como pela sua sobriedade, encontram-se entre os *Beduinos* que difficilmente os vendem. Por vezes, um cavallo ou um jumento pertence a diversos donos. O ju-

Quando os cavallos se inutilizam para a sella, os beduinos não hesitam, todavia, em atirar-lhes a albarda e carregal-os, como qualquer asno!

N'estes pittorescos paizes do Oriente, não se conhecem, ainda hoje, outros meios de transporte.

Não é que sejam desconhecidas nas cidades orientaes as carruagens modernas. Os vehiculos das nossas terras, vêem-se, tanto em Jerusalem, como em Damasco, como em Bagdad.

Os arabes, todavia, é que não sentem o minimo gosto por esta especie de vehiculos.

De resto, as suas cidades, de ruas estreitas e sem passeios e as suas aldeias, desprovidas de estradas proprias, inutilizam qualquer tentativa de vulgarização de carruagens.

E' muito grande, finalmente, o affecto que o beduino, que o nómada, que a gente do deserto tem aos seus cavallos [1] e aos seus camelos, para se esquecerem d'elles, em proveito do luxo dos vehiculos da civilização européa.

Sem o cavallo e sem o dromedario, seria bem penosa a sua vida, em meio das arenosas solidões do Oriente.

Seria necessario um livro inteiro para contar todas as magnificas qualidades, todo o conjuncto de contrastes que caracterizam o cavallo arabe: ninguem ignora que a mais bella raça cavallar

---

mento é muito commum na Palestina. A mula, porém, é o animal mais commum da Palestina, não só para cavallaria como para carga, como para a tracção dos vehiculos. Ella é muito sobria e de grande longevidade. Os excrementos de todos estes animaes, depois de sêccos, servem de combustivel.

[1] Se tu tens um cavallo, um fuzil e uma mulher, diz o proverbio arabe, e se te vires em necessidade vende primeiro a mulher, depois vende a espingarda, mas não vendas nunca o teu cavallo.

do mundo é creada nas caudelarias de *Nedjed*, no centro da Arabia.

Amarram-n'os seus senhores, expostos a todos os rigores do sol, pelos quatro pés a postes cravados no chão, de modo a immobilizal-os! Apenas, muitas vezes, durante vinte e quatro horas lhes dão a beber uma vez só e a comer alguma cevada! Parece que a rudeza d'este tratamento, longe de os definhar lhes dá sobriedade, paciencia e rapidez! Elles ahi estão acorrentados sobre a areia calcinada, as clinas pendendo esparzidas, a cabeça inclinada por sobre as mãos, como que a procurar um resto de sombra, deixando cahir um olhar obliquo por sobre o dono! Mas eis que o desembaraçam das suas prisões e então elle escuma, estremece e devora o espaço!

E não existe no mundo animal mais docil do que o cavallo arabe! Domado á força de caricias, acostumado a pastar livremente, elle vem correndo á simples voz do dono! Se o cavalleiro na carreira cai, logo o cavallo se detém e fica junto d'elle sem o desamparar! O cavallo arabe é o mais intelligente entre todos os cavallos do mundo, é o corredor mais veloz e o mais affeiçoado ao dono.

Já houve um arabe do deserto que possuia uma egua magnifica que constituia toda a sua fortuna e alegria. Propoz-lhe a sua compra o consul de França em *Saïda* ou *Sidon*, na intenção de a offerecer ao rei Luiz XIV. Resolveu-se o arabe a vendel-a por uma somma consideravel. O consul conta-lhe o dinheiro e na occasião em que o animal ia passar ás mãos de estranhos, o arabe enternecido, suspira, arremessa o oiro ao chão e exclama, volvendo carinhosamente os olhos ao animal: «A quem te vou eu entregar? A europeus que te farão infeliz. Pois não o serás. Torna commigo minha linda, minha gazella! Serás a alegria de meus filhos!»

Pronunciando estas palavras montou novamente, e retomou o caminho do deserto! [1]

Quanto ao camelo e ao dromedario, é inutil fazer-lhes a reputação; elles enchem quasi todas as provincias e todas as cidades da Asia e da Africa.

São como que *os navios do deserto* estes camelos, de duas corcundas, animaes de proporções disformes, que atravessam infatigavelmente os *saharás*.

A outra especie d'estes quadrupedes, d'uma corcunda só, é o dromedario corredor, cuja velocidade e resignação não téem eguaes.

Elle póde percorrer até duzentos kilometros em um só dia e, normalmente, vinte e cinco a trinta leguas diarias, durante oito dias seguidos, por sobre a areia em fogo, debaixo d'um céu de braza, a grandes passos cadenciados, comendo pouco e não bebendo nada, transportando os seus nobres senhores, esses arabes altivos, independentes, puritanos, heroicos, indomitos, imaginativos, sêccos, magros, flexiveis, bronzeados, de testa alta e arqueada, nariz aquilino, olhos grandes e olhares suaves, de membros vigorosos, musculaturas elasticas, linhas finas e firmes, tão bellos quanto é possivel sel-o, de grande delicadeza de caracter, phantasia ardente e viva, extremada viveza de temperamento e plastica esculptural, typos d'uma raça fortissima e viril, hoje bastante degenerada já pelos seus cruzamentos de sangue hindú, de sangue do Iran e de sangue africano, mas cujo typo e unidade foram unicos na especie! [2]

---

1 Vid. *Voyage dans la Palestine* por M. de la Roque, já citado.

2 O dromedario, que se distingue do camelo por ter apenas uma bossa, é muito mais commum, ainda, do que o camelo e é mais pequeno. Os arabes consideram este

A caravana perdeu-se, rapida, na ultima curva da estrada, e, todo o nosso agrupamento de peregrinos se uniu, já sobre o planalto da montanha, esperando anciosamente as explicações do *guia*.

— Nós estavamos agora n'aquelle mesmo *Logar*, onde — principiou falando o *drogman* — Jesus estivera sentado sobre uma pedra, quando Martha e depois Maria, vieram encontral-o, communicando-lhe em sentidos prantos, que seu irmão Lazaro havia morrido. [1]

O logar alli é cheio de luz, alagado de sol intenso e ar livre, respirando-se a plenos pulmões um novo e saudavel perfume d'urzes, de giestas e de estevas.

Alguns peregrinos mais piedosos ajoelharam alli e rezaram devotamente alguns momentos.

Eu colhi e compuz um pequeno ramalhete de flôres, de graciosas papoilas e anemonas, que, em volta da tradicional e veneranda pedra, lhe formavam poetica moldura.

Depois tentei extrahir, arrancar d'ella um leve

---

ruminante como um presente do céu; sem elle não poderiam viajar, nem commerciar, nem subsistir! O pêllo do dromedario renova-se todos os annos, servindo, depois da tosquia, para fazer vestes. Este animal é muito sobrio, podendo passar sete ou oito dias sem beber. Tem cinco estomagos, não sendo o quinto mais do que um deposito para certa quantidade d'agua que elle faz vir á bôcca quando se sente mais atormentado pela sêde.

Tanto elles como os camelos, gostam mais ou menos da musica, e para os fazer andar mais ou menos depressa, basta só que se lhes cante uma *aria*, em compasso mais ou menos *moderato* ou *vivo*, consoante se desejar que elles caminhem mais ou menos depressa!

1 *João*, XI, 21. Ganha-se alli uma indulgencia plenaria. Chama-se-lhe *Pedra do Colloquio*. E' ella um pedaço de silex, misturado de calcareo, que não tem mais do que um metro de comprimento, sobre cincoenta centimetros de largura.

e pequeno fragmento. Qual ! Foi-me isso absolutamente impossivel !

Por mais que batesse e ferisse com outra pedra, não pude cortar-lhe a menor particula !

Outros peregrinos fizeram o mesmo, obtendo o mesmo resultado.

Qual a razão d'esta impenetrabilidade e dureza da pedra ? Não a sei.

Em Jerusalem contaram-me depois que varios peregrinos tinham experimentado e notado já o mesmo facto.

Será que haja aqui algum milagre particular, pelo qual Deus queira preservar da profanação dos viajantes a pedra veneranda ?

*

* *

A nossa caravana veiu seguindo da *Pedra do Colloquio*, em direcção a Bethania. Quasi logo, pela esquerda, deparámos com uma cisterna onde tirava agua uma rapariga do sitio, bella como a aurorà, gracil e lêda como a antiga Rachel, que Jacob abraçara junto do poço de Harão !

Os seus olhos garços, d'uma intensa expressão suggestiva, raiados d'amôr perfeito, pareciam de esmalte; na escuridão da noite deveriam brilhar como estrellas: alli e no pleno esplendor da tarde, rutilavam, cheios de luz, como os d'um archanjo sideral ! As feições do seu rosto, setinosas, alabastrinas, tinham a côr do jambo e do lirio; os seus labios eram de carmim; nadavam em luz as suas pupillas; os seus longos cilios pretos davam-lhe a apparencia d'uma *Virgem* de *Raphael!*

Eu pedi-lhe de beber. *Ana datchan, binnt,* disse-lhe eu, arremedando o arabe, como quem queria dizer: *tenho sede, moça!* [1]

---

1 Fôra o *Guia* da caravana quem préviamente me

Ella não me comprehendeu, devido, sem duvida, á pessima accentuação que eu dei áquella phrase arabe, pelo que logo o nosso *Guia* lhe fez a explicação das minhas palavras.

Então ella, trefega, approximando-se de mim, qual outra Rebeca, voltando da fonte, depois de ter dado de beber a Eleazar e aos seus camelos, [1] permittiu que eu saciasse a sède bebendo pelo seu gomil de fórma biblica!

Mabosoute, elhh-amdoulillah, binnt. Khâtrak! exclamei eu, como quem queria dizer: *Muito bem, moça, eu te agradeço. O Senhor, Deus de Abrahão, t'o pague! Adeus!*

Foram estas as ultimas palavras que lhe dirigi, mettendo-lhe conjunctamente no concavo da mão um *bakchich*, uma pequena moeda do paiz chamada *bechlik*, que ella recebeu satisfeita.

Quasi logo uma peregrinação musulmana a caminho de *Nebi Mouça*, passava rente da nossa caravana. Os homens iam a pé; as mulheres, inteiramente veladas de branco, iam montadas em pequenos burricos.

Besoiros azues, de tons metallicos, luzentes, redopiavam no ar em volteios curtos e sonoros. Borboletas voavam confiadas, sem receio, d'um lado para outro, abrindo as azas de saphyra e prata que fulguravam ao sol. Passarinhos aos bandos mariscavam no saibro da estrada. Ao lado, um velho sycomoro farfalhava, beijado pelas brizas suaves da tarde.

Nas franças virginaes d'algumas romanzeiras

---

ensinara esta phrase arabe, que aqui deixo transcripta em linguagem figurada. Os *Guias* na Palestina, sobre falarem correctamente o *arabe* e o *turco*, falam duas e mesmo mais linguas européas. *Victor Marrotim*, guia da nossa caravana, falava correntemente *turco*, *arabe*, *francez*, *inglez* e *italiano*.

1 *Gen.*, XXIV, 11.

proximas arrulhavam amorosamente alguns casaes de rôlas. Os fructos d'estas arvores, mordidos pelos beijos do sol, vermelhavam as suas provocações sorridentes, abeberados de succos dôces. Um beija-flôr ruflando as azas, pairou no ar. Rapido, a seguir, pousou na terra, bicando trefego, aos saltinhos, logo fugindo para os galhos altos, as copadas ramas innaccessiveis d'um terebyntho. Um jumento passava, tambem, na occasião, merencorio e triste, ajoujado e carregado de tamaras, conduzido por um arrieiro arabe, especie de manipanso obeso e rolante, de face tisnada, d'um biltre acobreado, barba grisalha, enrolando-se em farripas escassas, embrulhado n'um farrapo azul!

Um silencio sacro alargava-se em torno. Cahia do céu, na calentura da hora, uma benefica paz communicativa. Toda a natureza, impregnada d'um grande recolhimento meditativo, estava cheia de mysterios dôces, d'uma divina espiritualização pantheista.

As collinas proximas de Bethania matizavamse e retingiam-se de reflexos fulvos, illuminadas pela aurea chamma do sol poente, de fulgores raros, côr de rosa e côr de oiro.

A paizagem esmaecia ao longe n'uma dôce paz luminosa, irisada de tintas subtis, illuminada pelos derradeiros raios do sol que se afogava, desvanecida e desfeita agora toda a gloria imperial da sua luz, n'uma apothéose de tons vermelhos e alaranjados, por entre as dobras e as franjas de purpura do oceano em fogo.

O esplendor da tarde imprimia, finalmente, em tudo quanto nos cercava, tonalidades d'uma pastoral das edades biblicas, dos tempos d'Agar e dos tempos de Moysés.

*

* *

Tinhamos, finalmente, chegado a *Bethania*, [1] onde toda a montada se desapeou.

Esta palavra *Bethania*, quer dizer *casa de afflicção* ou da *obediencia*.

Que encontra, hoje, o peregrino, de visita em *Bethania*? Encontra, apenas, um logarejo miseravel, de vinte ou trinta cabanas, construidas com pedras, arrancadas aos velhos edificios d'outr'ora!

Modernamente, em Bethania vê-se, todavia, na encosta oriental da montanha das Oliveiras, algum tanto acima das ruinas da casa de Simão o *Leproso*, um elegante *chalet* de tijolo, com bonitos aspectos de predio de cidade, alvejando na sua mão de cal nova, esfusando no ar os cocurutos d'ardosia das suas torrelas, propriedade talvez d'algum estrangeiro rico que alli o mandara construir, namorado e encantado não só da belleza do sitio, como pelas commoventes e piedosas tradições christãs que alli se prendem.

O *chalet* avulta ao meio d'um jardim onde ha aleas saibradas ascendendo em curvas claras por entre renques de tilias umbrosas e de buxos densos, architectados á tesoira, tufos de arvores exoticas e indigenas, esbracejando para todos os lados, recantos poeticos de verduras, tapetes de musgos e de gramineas revestindo os taboleiros das flôres e os canteiros dos arbustos d'um córte symetrico, d'uma correcção digna dos paisagistas francezes, e um pequenino parque, a cujo

[1] Chamam-lhe os arabes *el-Azarieh*, palavra derivada de *Lazarus*. Dista 3 kilometros mais ou menos de Jérusalem, quinze estadios, segundo *S. João,* (XI, 18.) Na Edade media Bethania chamava-se *Lazarium*.

centro, n'uma bacia recingida de nenuphares e povoada de pequeninos peixes repuxa um esguicho de agua glauca pela bôcca dum silvestre e petulante sileno, cahindo depois n'um monotono *tlingh-tlingh*, por entre as stalaclites e as pedras rusticas d'uma cascata, construida ao meio, d'onde segue soluçante a perder-se nas ravinas por sobre um leito matizado de alfenas e alelis.

Bethania está edificada na encosta d'uma collina, n'uma posição ridente, que os primeiros raios do sol nado tornam adoravel.

Os seus habitantes são beduinos. [1] Apenas algumas figueiras, amoreiras e oliveiras esparsas, ensombram alli o solo remexido e requeimado.

E, todavia, *Bethania*, outr'ora, com as suas oliveiras, as suas figueiras, as suas amendoeiras, os seus jardins e terraços, as suas plantações de palmeiras e de sycomoros e os seus hortos feracissimos, embalsamados pelos aromas do aloës e do nardo e onde a natureza toda se enflorava e ria perpetuamente, comprazendo-se em exhuberancias de vida e jubilo, era um logar de delicias, uma aldeia encantadora, onde a vista repoisava, depois de ter percorrido as regiões desoladas e exhaustivas que se atravessam, quando se chega alli dos lados de Jericó.

O peregrino, porém, de sobra chega hoje já desilludido, alli, depois de ter feito a peregrinação da terra de Chanaan.

Não pensa mais encontrar a verdura dos po-

---

1 Bethania poderá ter 300 habitantes, hoje, todos musulmanos. Muito fanaticos, a permanencia entre elles dos Padres Passionistas que ultimamente ahi fundaram uma residencia sob a invocação de Santa Martha tem-lhes adoçado o caracter.

mares, regados e murmurosos, exhalando aromas, respirando abundancia e fréscura!

Não mais pensa vêr, ainda, a idyllica paizagem aromal dos vergeis da Escriptura, formados de nucleos de oliveiras, de figueiras e de vinhas, desabrochando em renovos tenros, cheios de esperança, de auspiciosa fecundidade!

O peregrino, no *Paiz de Christo*, passa, hoje, vivendo só da perpetua saudade e da perpetua rememebrança do passado!

O peregrino pára e descança em *Bethania*, porque as mais commoventes recordações evangelicas envolvem este pequenino canto da terra. Encontram-se alli hoje, ainda, muitos vestigios do Salvador, do Mestre sempre e eternamente adoravel pela doçura do seu ensino, pela amargura da sua morte e pela gloria da sua resurreição immortal.

Quando Jesus vinha a Jerusalem, pelo caminho de Jericó, detinha-se sempre alli, em casa d'uma familia das suas intimas relações, composta de tres irmãos: Eleazar, ou Lazaro, Martha e Maria.

Era alli, no seio intimo e na convivencia serena e tranquilla d'aquella familia que Jesus descansava, sempre que vinha a Jerusalem, das penosas fadigas dos seus pesados trabalhos apostolicos.

Alli vinha o Divino Mestre procurar allivio, entregue ás effusões dôces e consoladoras da amizade, para os desgostos com que exacerbavam a sua alma candida e immaculada, as perfidias insidiosas e aleivosas dos phariseus hypocritas, e dos escribas protervos da Cidade Santa.

Todos o amavam ternamente n'aquella casa. Quando Jesus chegava, Martha, que era uma creatura muito diligente e cuidadosa, logo toda se preoccupava com os arranjos domesticos e com as refeições que deveria ministrar a Jesus, o querido amigo da familia.

Pelo contrario, Maria, de genio naturalmente languido, meigo e meditativo, assentava-se aos pés de Jesus, toda enlevada a ouvil-o, absorta, esquecida completamente das suas obrigações domesticas.

Martha, então, queixava-se dôcemente. E Jesus respondia: «Martha, Martha, tu te afadigas com tantas coisas e uma só é necessaria! Maria escolheu a melhor parte, aquella que nunca lhe será tirada!» [1]

Era em Bethania, ainda, que morava aquelle Simão, o *Leproso*, em cuja casa, [2] n'um banquete a que assistia a opulenta aristocracia jerosolimitana, a elegante juventude doirada e toda a illustre litteratura do paiz, a rica, nobre e formosa Maria, [3] d'uma juventude de maio em flôr, entrou, sustentando nos braços, d'uma brancura de leite,

---

1 *Luc.*, x, 42. O emprazamento da casa de Lazaro, Martha e Maria, pertence, hoje, aos Franciscanos. Encontra-se em frente das ruinas da torre do antigo convento de Bethania. Essa torre, que domina toda a aldeia, é ainda um vestigio do convento de Benedictinos que a rainha Mélissenda, mulher de Foulques d'Aujou, 4.º rei de Jérusalem, ahi fundou no seculo XII, perto da igreja de S. Lazaro. Ganha-se alli uma indulgencia parcial.

2 *Marc.*, XIV, 3 e seg.

3 Não ha-de confundir-se esta Maria, chamada nos Evangelhos irmã de Lazaro, com a *Magdalena*, a mulher que tinha no corpo sete demonios e que Jesus curou. (*Luc.*, VIII, 2). São duas personalidades inteiramente distinctas. Comparae, sobre a *Magdalena*, *Math.*, XXVII, 56 e 61, XXVIII, 1 e 10; *Marc.*, XV, 40 e 47, XVI, 1, 9; *Luc.*, VIII, 2; *João*, XIX, 25 e XX, 1, 18, e sobre a *Maria*, irmã de Lazaro, *Luc.*, X, 38, 42; *João*, XI, 1, 44 e XII, 2, e 8; *Math.*, XXI, 6, 11. Nem ha-de confundir-se esta tocante scena em casa de Simão o *Leproso*, com outra de que falla *S. Lucas*, (VII, 37) em que figura uma mulher, cujo nome não é citado pelo Evangelista, dizendo ser ella apenas uma mulher peccadora na cidade.

torneados como fustes de columnas, um vaso de precioso alabastro, ou onyx, cheio de perfumes caros, finamente odorantes, que em seguida derramou, n'um delirio d'amor e de fé, por sobre os pés sagrados de Jesus, partindo logo o vaso, segundo o uso da epocha, como significação de respeito para com os hospedes distinctos. [1]

Alli, finalmente, operou Jesus o extraordinario milagre da resurreição do seu amigo Lazaro que havia quatro dias estava sepulto na immovel e lutuosa placidez da morte, envolto em faixas e perfumado d'aloës e myrrha, segundo o costume oriental. [2]

Hoje não existem já nenhuns d'estes edificios materiaes, nem a casa de Lazaro, nem a casa de Simão. [3]

Apenas, de uma igreja, que alli foi elevada para conservar a memoria da casa de Lazaro, restam pedras dispersas, fragmentos de columnas, fustes e capiteis partidos!

O *Tumulo de Lazaro* — *Kabr-el-Azar* — ainda se visita. [4] Todos os peregrinos da minha caravana se dirigiram para alli, guiados pelo *drogman*.

---

1 *João*, XII, 3.

2 *João*, XI, 39. Em 1114 existia em Bethania um convento denominado de *S. Lazaro*, pertencente aos Conegos do *Santo Sepulcro*.

3 O emprazamento da casa de Simão, o *Leproso*, vê-se, ainda, a 100 metros de distancia do sepulcro de Lazaro, para O. Do oratorio alli outr'ora levantado nada existe já. As pedras com que elle era construido, vêem-se esparsas, hoje, aqui e alli, sustentando em socalcos os quintaes de Bethania. O emprazamento da casa de Simão pertence desde 1890 aos Padres da Terra Santa. Ganha-se alli uma indulgencia parcial.

4 Na ultima casa da parte oriental de Bethania, pódem vêr-se hoje, ainda, os restos da antiga igreja construida junto do *Tumulo de Lazaro*, talvez por Santa Helena. No seculo VII Arculfo viu ainda em Bethania uma

Consiste elle n'uma profunda caverna, de grave e sombria antiguidade, povoada, hoje, de arachnideos asquerosos e pelludos, e onde se entrá por um buraco sem porta, praticado n'um muro que se estende ao nivel da estrada publica.

Desce-se lá á luz d'uma vela, por uma escada de pedra, tortuosa e estreita, semi-circular, de vinte e oito degraus. Os musulmanos, como eu tive occasião de observar, téem em grande veneração este monumento. [1]

Eu pude descer lá abaixo, na companhia do *drogman*, conjunctamente com alguns outros peregrinos.

O *guia* apontou-nos alli o logar, onde Jesus estava quando bradou: *Lazare, veni foras!* [2]

Ah! o grande milagre de Jesus, o ultimo e o mais estrondoso de todos os seus brilhantes milagres, havia-se operado alli! Em poucos *Logares*, no Paiz de Christo, como, junto do sepulchro de Lazaro, eu me senti mais vivamente impressionado!

Sim, eu que por toda a Palestina procurara encontrar, sempre avido, os passos do Mestre, vim encontral-o alli, na mais solemne manifestação do seu poder, operando o grande milagre da

---

grande basilica e um mosteiro construidos sobre o sepulcro de Lazaro.

1 É necessario gratificar com um *bakchich* (que não deve passar d'um franco por um grupo de cinco cu seis pessoas) o musulmano que se diz proprietario d'este santo *Logar*. Ganha-se alli uma indulgencia plenaria.

2 *João*, XI, 43. N'esta camara subterranea, véem solemnemente todos os annos, em dia da festa de S. Lazaro e sua irmã Maria, celebrar Missa os Franciscanos. E' d'esta camara que por uma escada de tres degraus, baixa e estreita, se desce á camara sepulcral de Lazaro. Cumpre advertir que o sarcophago funebre de Lazaro, propriamente dito, já não existe.

amizade, que deveria ter na sua vida consequencias fataes!

O exame do proprio logar do acontecimento, a tradição inalteravel que do facto permaneceu, sempre, entre o povo de *Bethania*, a veneração que, ainda hoje, os arabes apparentam pelo sepulchro de Lazaro, [1] formam bem a base d'uma incontrastavel e solida critica historica da authenticidade e da verdade do milagre!

Jesus, resuscitando o seu amigo Lazaro, reconstituindo a materia desaggregada já, reanimando o pús d'um cadaver, perfumando com o aroma da vida a tabida putrefacção d'um sepulcro, consolando o luto d'uma familia ternamente amada, restituindo-lhe aquelle que ella chorava, attestou definitivamente e para sempre o seu poder divino!

Toda a natureza historica da resurreição de Lazaro está alli solidamente e apodictamente garantida.

A critica racionalista e a critica materialista téem clamado que este milagre é apocrypho, que elle era impossivel. Na impossibilidade de negar o milagre da resurreição de Lazaro, a critica desnatura-o.

A vezania da impiedade chega a phantaziar a possibilidade de o proprio Lazaro, ainda pallido da doença, se ter enfaixado como um morto e se haver encerrado no seu sepulchro de familia para dar ensejo a Jesus, a quem era affeiçoadissimo, de manifestar o seu poder e a sua gloria, evocando-o á vida! [1]

---

1 **Elles estão persuadidos de que a morte lhes arrebatará os filhos, se elles faltarem ao respeito devido a este santo *Tumulo!* E têm alli perto uma mesquita como para santificar o Logar.**

2 **Rénan, *Vida de Jesus*.**

Lazaro estava apenas adormecido n'um somno cataleptico, dizem !

Mas, embalde, se esforça a critica em desnaturar a natureza d'este grande milagre. O testemunho do quarto Evangelho, que nol-o transmitte, é formal, preciso, irrefragavel.

O historiador e o critico a quem o milagre não espanta, nem obseca o partidarismo de eschola, que não sabe violentar os textos nem desnaturar a narração, de longe admitte a verdade d'este prodigioso milagre.

Nunca a figura nobre e solemne de Jesus haveria de apparecer no futuro da humanidade mais sublime e divina do que em frente ao tumulo do seu amigo Lazaro, cheio de perfumes, de angustias e de lagrimas.

Jesus, entrando em ***Bethania***, vindo da Peréa. na ultima das suas viagens a Jerusalem, em casa de Martha e Maria, que choravam a morte de Lazaro, e, entregando-lhes o irmão resuscitado, provava ás consciencias sinceras, presentes e futuras, que Elle era o verdadeiro Enviado do Pae e o verdadeiro Mestre e Senhor da vida.

Pelo que a doutrina mythica e a eschola critica que negam systematicamente o sobrenatural e rejeitam todos os factos e todos os phenomenos suprasensiveis, se esforçam em deturpar com exposições cavilosas, argucias irrisorias e subterfugios pueris a natureza d'este grande milagre.

Mas a exegese racionalista, corrosiva e dissolvente, na impossibilidade de o attenuar, vê-se na necessidade de o negar em absoluto ! E, então, ó suprema cegueira do orgulho humano ! surge-lhe a necessidade de negar todo o milagre e todo o sobrenatural !

Objecta a eschola que um facto tão extraordinario em si, apenas nos é relatado por João.

Mas ah ! Assim como da contradição resalta a harmonia, assim como do choque de dois corpos resalta a luz, assim tambem, das controver-

sias e das luctas entre a sciencia critica e a apologetica christã, tem resultado a verdade.

O estudo attento dos synopticos tem explicado bem esta omissão.

Não se poderá jámais argumentar em boa critica contra o testemunho de um com o silencio de outro.

Todos os quatro synopticos téem um traço de physionomia commum: datam o ministerio publico de Jesus desde a sua apparição na Galiléa, e, do ministerio judaico, só relatam a ultima semana.

Apenas S. João, que é o Evangelista por excellencia do dogma, da metaphysica do christianismo, emfim, conta as viagens de Jesus á metropole e alguns dos milagres que pertencem a este ultimo periodo da sua vida. Se, pois, os outros synopticos não falam da resurreição de Lazaro, é isto só porque o quadro da sua narração o não comportava.

«Philosophia, philosophia, a tua luz, como a do *Inferno* de Dante, só serve para tornar viziveis as trevas! [1]»

*

* *

A negação do grande milagre da *Resurreição de Lazaro*, synthetiza-se e toda se compendia, com todos os sophismas e apparentes razões em que se bazeia, na obra celebre de Ernest Rénan — *Vie de Jesus.*

Que juizo devemos, porém, fazer nós d'essa obra demolidora, fascinante de estylo e de artificio, cheia de paginas perturbantes, maravilhosas, como esmaltes? Toda ella, pagina a pagina, tem sido victoriosamente refutada pela apo-

---

1 *Gerard de Naral.*

logetica christã, por pujantes controversistas catholicos, denodados athletas do raciocinio, do pensamento e da logica, como *Freppel*, *Passaglia*, *Wallon*, *A. Nicolas*, *Mr. Plantier* e *Camillo Castello Branco*.

Mr. Meignan, vigario geral de Pariz, mostra-nos a obra refutada pela eschola critica d'*Além-Rheno*.

Eugenio Potrel tenta contar os *peut-être*, os *probablement*, os *il se peut*, os *il parait*, todo o cardume, emfim, das fórmas dubitativas do livro, e cai-lhe a penna de cançaço ao fim d'uma longa relação de doze paginas!

Polemistas vigorosos como *Delaporte*, *Gratry*, *Crelier*, *Pinard*, *Grison*, *Orsini*, *Felix* e *Loyson*, denunciam, uns, as falsidades manifestas, outros as inanidades da obra.

Augusto Cochin e o eloquente *Freppel*, apontam os textos dos Evangelhos que o livro cita como provando exactamente o contrario do que quer o auctor do livro! Até mesmo os orgãos dos cultos dissidentes, os philosophos, os proprios livres pensadores da França são os primeiros que combatem o livro!

Alberto Reville [1] e *Salvador* [2] declaram-se em divergencia. *Peyrat*, julga ser necessario reconstruir a obra do novissimo evangelista!

Colani, a cujo patrocinio o auctor se acolhera na introducção do seu livro, fulmina-lhe solemne protesto n'esta simples phrase viva, acerada, percuciente: *non pas au nom de la critique, au nom de l'histoire. (Examen de la Vie de Jesus*, pag. 62).

Proudhon, incidentalmente, em seu livro *Du*

---

1 *La vie de Jesus de M. Rénan devant les orthodoxies et devant la critique.*

2 *Jesus-Christ et sa doctrine* (prefacio da ultima edição).

principe de l'art e *Patrice Larroque*, em trabalho especial — *Opinion des deistes rationalistes sur la Vie de Jesus selon M. Rénan* — unem, finalmente, a sua voz a este côro de universal reprovação!

O segundo livro que *M. Rénan* escreveu, seguidamente á *Vie de Jesus*, intitulado *Les Apôtres*, parece-me a mim manifestar symptomas de reconsideração e de esperança de futura reconciliação com a verdade orthodoxa, por parte do discipulo de *Strauss* e *Bruno Bauer*.

Alguns espiritos de superior cultivo e scintillação intellectual qualificam este segundo livro de *M. Rénan* como uma demonstração involuntaria da verdade da religião christã!

Ao menos, pergunto eu, que significação e interpretação deveremos dár aquellas palavras que o auctor escreve no prefacio d'esse segundo livro: *Jouissons de la liberté des fils de Dieu; mais prenons garde d'être complices de la diminution de vertu qui menacerait nos societés si le christianisme venait á s'affaiblir. Que serions nous sans lui?* palavras que eu acabo de lêr, no momento em que pego na penna para escrever as reflexões que acima deixo feitas? [1]

*

* *

A caravana partiu de *Bethania* para entrar em Jerusalem, antes que se fechasse de todo a noite.

Bethania está ligada á Cidade Santa por uma boa e bem conservada estrada macadamizada, que modernamente se prolonga até Jericó.

Dobravamos, agora, a encosta oriental do mon-

---

1 *Les Apôtres* — Douziéme edition — 1889 — Introduction, a pag. LXIII.

te *Olivete*. A estrada, n'este ponto, descreve uma larga curva, caminhando por sobre a vertente Sul da montanha.

Pela esquerda, n'um pequeno oiteiro, a oitenta metros ao S. da *Pedra do Colloquio*, ergue-se o campanario d'uma igreja grega, toda perdida entre a sombra de altos e esguios cyprestes silenciosos.

Dois ou tres gregos, religiosos scismaticos, habitam uma linda casa annexa, conclusa em 1883. [1]

Foi alli, diz-se, que David, fugindo de Jerusalem, para o Jordão, durante a revolta de seu filho Absalão, foi insultado por um homem do povo, de nome *Semeï* [2] que o apostrophou violentamente, chamando-lhe sanguinario, homem de *Belial* e amaldiçoando-o! [3]

O *drogman* apontou-nos, quasi logo, a pequena aldeia de *Bethphagë*, [4] pela esquerda.

A esta povoação foi que os enviados de Jesus vieram a buscar a jumentinha, sobre a qual o Mestre, em cumprimento da prophecia de Zacharias (IX, 9.) entrou triumphantemente em Jerusalem! [5]

---

1 Os gregos permittem facilmente a entrada alli. A igreja ou capella dos gregos, fórma uma cruz latina; ella está ornamentada de pinturas bysantinas muito piedosas, e o seu pavimento é de marmore. Os Religiosos gregos mostram alli uma pseudo *pedra do Colloquio*. D'alli a Bethania são dez minutos de caminho.

2 Alguns palestinologos tambem collocam o local onde se realisou este facto biblico em *Bahurim*, o que é a moderna *Aboudis*.

3 *2.º Livr. dos Reis*, XVI, 7.

4 *Bethphagé*, quer dizer, *casa dos figos*, talvez por ser alli antigamente um logar povoado de figueiras. Segundo S. Jeronymo, *Epist. 27 ad Eustoch.*, *Bethphagé* era a residencia dos sacerdotes que serviam no Templo.

5 *Marcos*, XI, 2. Primitivamente existia n'esta po-

Eu só vi alli uma pequena tenda de miseraveis beduinos, e algumas poucas oliveiras e figueiras de vegetação rachitica!

Jerusalem, finalmente, appareceu á nossa vista, debuxando-se já nos vagos fumos da tarde.

Soberba e desolada, ella projectava no alto céu as sombras das cupulas pardas das suas igrejas e das suas mesquitas. Grandes rebanhos de cabras negras, sem chifres, que pastavam nas ravinas do Ophel, recolhiam já aos seus curraes em Siloë, guiados por pastores que tocavam flauta.

A Cidade Santa foi saudada com um grito de enthusiasmo por todos os peregrinos. Os arabes que nos acoompanhavam, apontaram para ella, bradando: *El-Kods!* [1]

Este é o nome com que a designam.

Jerusalem lá estava: em verdade, cercada, jugulada pelas suas altas muralhas sarracenas. A magestosa cupula da mesquita d'Omar, encimada por um enorme *crescente*, avultando por entre longas filas d'elevados cyprestes e coroando a chã do *Moriah*, apparecia, a nossos olhos, como uma visão radiosa, banhada em cheio, sumptuosamente, pelos derradeiros raios do sol poente.

---

voação uma capella assignalando o rochedo sobre o qual o Messias se firmara para montar a jumentinha em que fez a sua entrada triumphal em Jérusalem. Destruida por *Kozroës*, foi reedificada pelos *Cruzados*, sendo seguidamente destruida pelos turcos. Em 1883 os Franciscanos, depois de haverem comprado o local, fizeram ahi obras, construindo um pequeno edificio e pondo a descoberto o rochedo venerando. Hoje, para se visitar esta *Pedra*, basta dirigir o pedido ao guardião, que habita uma casa vizinha do sanctuario. O bloco de *Bethphagë*, adherente ao solo, ainda conserva muitas pinturas e inscripções allusivas ao facto evangelico que relembra.

1 Esta palavra quer dizer *a Santa*. Os arabes tambem chamam a Jérusalem *Bait-el-Mokeddes*, isto é, *morada da santidade*.

O monte *Scopus*, pardacento, mosqueado d'anemonas e asphodelos, via-se, agora, emmoldurando a Cidade Santa, pelo Norte; o monte das *Oliveiras*, da parte de Leste, apparecia todo coberto pelas sombras das arvores tristes, estendidas por cima dos sepulchros arabes que o enchem; o monte do *Escandalo* — o monte da idolatria de Salomão — estendia-se aos nossos pés, arido, negro e medonho, até lá abaixo, até á profunda ravina do *Cédron*, cortado de medonhos precipicios e erriçado de rochas sobrepostas e fraguedos alvadios, que servem de base e alicerce ás miseraveis casas dos habitantes de *Siloë;* [1] o valle do *Cédron*, esse mesmo ao qual a Escriptura [2] chama o valle de *Savë* ou do *Rei*, surgia ao fundo, recolhido e triste, cheio de monumentos funebres, entre os quaes se destacavam, envoltos na sua brancura tumular, os moimentos doricos de Absalão, de Josaphat, e o de Zacharias; ao longe e ao Sul, finalmente, avistavam-se as montanhas onduladas de *Bethléem*, esfumando-se já na emmurchecida luz da tarde, o morro altivo e dominante do *Herodion*, afogueado pelas nuvens purpureas do occaso, e, mais ao longe, ainda, fundiam-se nas derradeiras claridades do dia, os montes solitarios do paiz de Moab, tingindo-se das côres alaranjadas e violaceas do disco solar, tomando, de gradação em gradação, na dôce agonia do poente, os cambiantes das opalas!

*

*   *

A nossa caravana descia, agora, a montanha das *Oliveiras*, pela larga e espaçosa estrada que

---

1 Por sobre os rochedos nús do monte do *Escandalo* véem-se, hoje, duas casas de construcção moderna.
2 *Gen.*, XIV, 17.

de *Bethphagë* conduz á cidade atravessando o *Cédron*, quasi junto do *Horto de Gethsémani.*

O guia apontou-nos a piscina de *Siloë*, que se avistava, lá em baixo, a céu aberto, situada na ponta Sudoeste do antigo bairro de *Ophel*, no encontro dos valles do *Cédron* e de *Gihon.*

No tempo de Herodes o *Grande* as muralhas da cidade estendiam-se até esta piscina. Toda ella está hoje em ruinas.

Apenas raros pedaços de columnas calcareas attestam, hoje, a existencia d'uma igreja, alli levantada nos primeiros seculos, em honra do *Salvador Illuminador.*

N'este momento um facto curioso despertou a nossa attenção e curiosidade. Um grupo de arabes que iam descendo ao longo do *Cédron* pararam em frente ao tumulo de Absalão, e, tomando cada um d'elles uma pedra do solo, arremessaram-nas juntas, com gesto de vingança, contra esse tumulo! E exclamaram em voz indignada: *Eis ahi, eis ahi o carrasco, o ingrato, o cruel que fez guerra contra seu proprio pae!* Esta foi a versão que nos transmittiu o nosso *guia.* Este, depois, nos historiou que todos quantos passam alli, quer sejam christãos, ou turcos, ou judeus, atiram sempre uma pedra sobre o tumulo de *Absalão!* E', pois, a maldição da humanidade cahindo em peso sobre o filho ingrato, que levantara o braço contra o seu proprio pae!

Apontou-nos, ainda, o *guia* dois logares célebremente tragicos: aquelle em que o protervo e truculento Judas de Kerioth, [1] se enforcara n'uma

[1] Segundo a tradição, Judas nasceu em *Kérioth*, cidade sita na extremidade sul da tribu de Judá, a um dia de jornada além de Hebron, hoje *Kurgetein* ou *Keretein.*

arvore [1] e aquelle onde Jesus amaldiçoara uma figueira, que não tinha produzido fructo! [2]

Esse, onde se enforcou Judas, o traidor, encontra-se, segundo uma tradição muito antiga, na vertente da eminencia que domina o valle de *Josaphat*, a Leste, entre o tumulo de *Zacharias* e a aldeia de *Siloë*.

O discipulo tredo e infame, depois de haver vendido traiçoeiramente, com fria e calculada ignominia, o seu divino Mestre por trinta moedas ou siclos de prata, [3] atormentado pelo remorso, flagellado e allucinado pelos terrores da sua propria consciencia, transformado o semblante com o rubor da sua propria deshonra, foi procurar a morte, como unico desenlace para a grande tragedia da sua vida, enforcando-se alli, no ramo d'um terebyntho! [4]

A nossa caravana chegou rapida ao *Horto de Géthsémani*, assignalado distinctamente pela alta fila de cyprestes piedosos que o circumdam.

Situado na encosta occidental do monte *Olivete*, este pequeno jardim, solitario e recolhido, está hoje fechado por um alto muro, todo caiado de branco. Deve distar cem passos, se tanto, a cavalleiro, da torrente do *Cédron*.

N'aquelle jardim, algum tempo depois de haver partilhado com os seus Apostolos o Cordeiro ri-

---

1 *Actos*, I, 18.

2 *Marc.*, XI, 14.

3 *Math.*, XXVI, 15. O siclo de prata ou *stater*, (*Math.*, XVII, 26), a mais espalhada das moedas judaicas desde o tempo dos Macchabeus, valia quatro drachmas, cerca de 700 réis da nossa moeda. O preço, portanto, da infamia do reféce Judas, foi de trinta siclos de prata, isto é, de 21$000 reis!

4 *Math.*, XXVII, 5.

tual, orou Jesus pela ultima vez, no silencio da noite, calada e fria, antes de ser preso.

Nos tempos de Jesus a natural belleza do logar, a fresca serenidade do ambiente, a silenciosa espessura das arvores circumdantes, a perspectiva suave e recolhida do Cédron, faziam de Gethsemani um retiro preferido para espiritos bons, mysticos, possuidos de idéas nobres, de esperanças divinas.

O logar hoje é arido e abafado, austero e religioso. A atmosphera que o envolve é sombria e serena, d'uma ineffavel doçura e d'um mysticismo absorvente.

Os olhos, elevando-se, apenas avistam, sob o céu, ao poente, as grandes muralhas da cidade; á direita, o monte *Scopus*, despido; á esquerda, o valle de *Josaphat*, occulto entre os seus tumulos!

A natureza offerece alli á vista, apenas, um trecho de paizagem incaracteristico, cheio de desolação e suggestivo de pensamentos torturantes! Sómente, em meio da monotonia da paizagem inesthetica, os esguios e negros cyprestes que circumdam o horto de *Gethsemani* avultam, accentuando a sua opacidade na larga amplitude do céu, traçando no ar todos os finos e delicados recortes das suas densas e imbricadas ramarias.

A luz quente da tarde desmaiava alli, áquella hora, mortalmente desbotada e maguada.

Na immobilidade do ar, serenadas as coisas n'uma bemdita paz religiosa, andavam boiantes as primeiras claridades melancholicas do crepusculo.

Ao atravessarmos a torrente do *Cédron*, atravez da ponte moderna, hoje, por sobre ella lançada, fomos assediados por uma turba esfarrapada, miseravel e andrajosa de creanças, mulheres e homens doentes, encardidos, intonsos, esqualidos — velhos paralyticos, decrepitos, de mãos

enclavinhadas por sobre os joelhos, tiritantes na algidez da decrepitude, rheumaticos, Jobs e Lazaros de corpos nús, esmaltados de flôres de carne em chaga e de dahlias de pús suppurando gangrenas no estilicidio dos cancros da côr das folhagens outomnaes — que nos pediam esmola, lhes dessemos *bakchiches !*

Um leproso olhou-nos, tambem, n'uma supplica commovida ! Tinha o rosto horrivelmente dermatosado pela aknose e pela psoriase. A pelle estalava-lhe de dartos, apostemada e rubra, avolumando-se em phlegmoses, escorrendo podridões, rebarbando d'escamas ! Na sua pustulosa orographia medravam cachos de pequeninas vesiculas, brancas, metallizadas, duras como empolas d'um metal que bolhasse ao fogo ! O nariz esponjoso, amorpho, porejava sanies podres ! A adynamia muscular da sua face apparentava a impassibilidade dum cadaver ! Lacrimejava serosidades o seu globo ocular hypertrophiado; descahiam-lhe, arregaçando-se, as palpebras e expremia-se-lhe violentamente a commissura dos labios !

A pobreza é immensa nos arrabaldes de Jerusalem, e, em geral, por toda a Palestina.

A contemplação de toda aquella immensa miseria ambulante, commoveu-me.

Aquelles desafortunados paralyticos, deitados em seus leitos de soffrimento e pedindo-me uma esmola, a mim, peregrino em terra longinqua, desfavorecido da fortuna, pobre tambem dos bens d'este mundo, despertaram-me a lembrança de Jesus compassivo, quando passando, outr'ora, por aquelle mesmo logar, lhes dava a esmola infinitamente mais agradecida da saude !

Jesus, porém, não passará mais alli e todos aquelles infelizes terão, agora, que permanecer, deitados sempre sobre o catre do seu martyrio,

esmolando as migalhas dos ricos, estendendo a mão á caridade do viandante ! [1]

*

* *

A nossa caravana entrou, finalmente, na Cidade Santa, pela porta de *Maria*. Alguns janizaros turcos que a guardavam, levantaram-se á nossa passagem, saudando-nos.

Quasi logo, passavamos em frente á igreja nacional franceza de Santa Anna, onde existe a noroeste da porta d'entrada, a Piscina Probatica, isto é, das *Ovelhas*, tão celebre no Evangelho.

Chegamos sem demora ao Pretorio. D'aqui por diante fomos seguindo a *Via Dolorosa*. Atravessa ella toda a cidade inferior ou o *Acra*, passa a rua *Baixa*, a mesma a que Josepho chama o *Tyropeón*, que separava o *Acra* do *Gareb* e eleva-se em encosta, até á porta *d'Ephraïm*, ou de *Damasco*.

A nossa caravana dirigia-se para a *Casa Nova*. Como, porém, as ruas da cidade são por alli estreitas e lobregas, accidentadas, entrecruzadas e abobadadas, tornámos a sahir d'ella pela porta, creio que de *Damasco* ou de *Herodes*.

A gloria do sol morria já, para os lados do Occidente, afogando-se entre as ondas do mar de Jaffa, refranjadas de listras purpurinas e de reflexos deslumbrantes.

---

1 Os pobres em Jérusalem, agrupados principalmente ás portas dos conventos e dos varios sanctuarios christãos, seguem sempre tenazmente os peregrinos. *Fatemi la caritá! Fatemi la caritá!* Senhor, Senhora, *bakchich*, é o seu brado! Elles pedem esmola com as lagrimas nos olhos, lagrimas na voz, e até lagrimas nas mãos desmesuradamente estendidas. E' uma desolação a miseria em Jérusalem!

A abobada celeste embebia-se toda de tintas lilazes.

Uma tenue claridade rosea cahia, n'uma dôce serenidade, por toda a natureza circumdante, immobilizando e envolvendo as coisas n'uma transparencia de sêda, n'um suave esmaecimento de luz crepuscular.

Toda a cidade musulmana, cujos muros iamos contornando, lançava ao céu, áquella hora contemplativa do poente, um immenso grito de supplica! As vozes prolongadas e plangentes dos *mueddin*, [1] rompiam, sonoras e vibrantes, nos cimos dos esbeltos minaretes, modulando os longos versiculos *(suras)* do *Koran* em que se recorda aos crentes a hora do *salath Moghreb*, [2]

---

1 Funccionario do culto que chama os fieis á oração. A religião do imperio turco é o mahometismo professado pela grande maioria dos seus habitantes. Todo aquelle que o não praticar, é mais ou menos desprezado pelo povo e pelo governo. Os povos que os mahometanos consideram como mais oppostos ao seu culto, são os idolatras e depois d'elles os christãos em geral sem distincção de rito. Os christãos, mesmo os que são subditos ottomanos, não pódem gosar de todos os direitos e regalias dos outros filhos do paiz.

2 Os musulmanos fazem a oração — *Namaz* — em cinco horas differentes do dia, indicadas por um *mueddin* do alto d'um minarete. A da aurora — *salath Soubhh* — foi composta por Adão, quando, expulso do paraizo, viu pela primeira vez a luz do dia! A segunda é a oração do meio dia — *salath Douhr* — recitada por Abrahão, no momento do sacrificio de seu filho Isaac. A terceira é a da sésta — *salath Aâsr* — expressão do reconhecimento de Jonas, sahido do ventre da baleia. A quarta é a oração da tarde — *salath Maghreb* — recitada por Jesus Christo, á hora do crepusculo, para assegurar a sua submissão ao Eterno Pae. A quinta, emfim, é a oração da noite — *salath âaicha* — que teve Moysés por auctor, quando, perdido, ao sahir de Madian, se encontrou, ao cahir da noite,

annunciando que só Deus é Deus e Mahomet o seu propheta — *La illah il Allah, Mohhammad raçoul Allah!*

Allâhou acbar (tres vezes): *achhadou anna lâ ilâha ill-allâh, anna mouhammedour-rasoùlou-allâh* (duas vezes); *hayyâ alas-salâ* (duas vezes); isto é: Deus é grande; eu affirmo que não há outro Deus senão Deus e que Mahomet é o seu propheta! Vinde á oração!

A dentro da cidade, ás portas das mesquitas, acotovellava-se a multidão dos fanaticos.

Os menos zelosos contentavam-se, subindo aos terraços, com fazerem ahi as abluções do rito, ou com estenderem, em plena rua, um tapete, sobre o qual diziam as suas preces, ora acocorados, ora em pé, ora com a cabeça lançada para traz e a face voltada para o céu, em todas as differentes posições prescriptas aos adoradores de *Allah* pela lei sagrada do *Propheta!*

---

na planicie *Ouâdy-Eymen!* A obrigação de se lavarem antes da oração é de rigoroso preceito para os musulmanos. E' por isso que as mesquitas possuem todas á entrada um reservatorio d'agua. No deserto, o crente póde servir-se da areia para cumprir este preceito!

O musulmano quando ora, descalça-se e volta-se para *Méca*, como os Judeus se voltavam outr'ora para Jérusalem. Um dos principaes deveres do crente, depois dos quatorze annos d'edade, é o jejum no mez do *Ramadan*. Do nascer do dia ao pôr do sol, *desde que se póde distinguir um fio negro d'um fio branco*, até ao tiro de peça que annuncia o pôr do sol, a abstinencia é absoluta, nada se póde comer nem beber! Os mais fanaticos nem fumam, não aspiram o perfume d'uma flôr, nem mesmo salivam. Muitos negocios suspendem-se durante este mez. De noite, porém, entregam-se a verdadeiras orgias pantagruelicas. Como o anno arabe é um anno lunar, succede que, sendo 11 dias mais curto do que o nosso, o *Ramadan* percorre no espaço de 33 annos todas as estações; d'ahi, quando elle cahe no estio, a sêde torna-o mais penivel.

Os mais devotos dos sectarios do *Koran*, esses entoam toda a noite, dos altos terraços de suas casas, loucamente, estridentemente, estrepitosamente, a interminavel *dziker*, [1] esperando ouvir um echo no céu!

Todavia, eu tive occasião de observar que nem todos os musulmanos jerosolymitas téem tão ruidosa devoção!

Eu os vi, tambem, áquella hora, sentados em coxins, acocorados sobre os calcanhares, as pernas retrahidas, á porta dos *cafés* orientaes, *flanando* socegados e tranquillos, falando dos séus negocios, exhaurindo dos profundos *narghîlehs* e *choubouks* fumegantes, a essencia embriagante do tabaco!

O escuro véu da noite sagrada cai sobre a cidade e elles, os *habitués*, continuam sempre, sob a magestade do céu nocturno, conversando intimamente, dizendo, talvez, e contando as velhas glorias da raça conquistando a Asia, a Africa e a Europa, os milagres e as victorias de *Mohammad*, os mysterios de *Ali*, as historias dos *Kalifas*, toda a gloria do *Islam!*

Sómente, quando os cantos solemnes dos *mueddin* annunciam do alto dos minaretes a hora da meia noite, então, toda aquella gente se levanta, reza as suas orações em commum e se separa!

As mulheres musulmanas passavam por nós, vestidas de branco e com o rosto totalmente coberto com um véu escuro.

No Oriente, apenas as mulheres christãs trazem o rosto descoberto. As raparigas musulmanas solteiras trazem o rosto descoberto, mas rapidamente o cobrem com um véu se, acaso, algum christão as fita! [1]

---

1 **Oração contínua.**

2 **Para evitar qualquer desgosto momentaneo, é pru-**

A nossa caravana entrando, finalmente, na cidade, pela segunda vez, atravez a porta *Nova*, chegou, quasi ao lusco-fusco, á *Casa Nova.*

A noite começava já a desdobrar o seu *velarium* semeado de estrellas, vibrando raios de luz intensissima, cirios coruscantes d'um altar immenso sob o immenso docel de velludo azul, sem mancha!

Estava terminada a nossa grande peregrinação! Estavam satisfeitos todos os mais fervidos e ardentes desejos da minha alma!

Sómente no dia seguinte, todos nós haviamos de reunir-nos, ainda, na igreja do *Santo Sepulchro*, onde assistiriamos á celebração d'uma *Missa* em acção de graças ao bom Deus que conduzira a caravana em toda a sua peregrinação sem um contratempo só, sem a mais leve indisposição de saude de membro algum d'ella!

O' meu Deus! Por tudo te devemos gratidão, por tudo te tributamos nossas orações! Mas, Senhor, justo era que, ao fim de tão longa jornada em que sempre estivestes comnosco e sempre de nós tivestes cuidado, dando-nos em guarda e companhia os vossos anjos, justo era que, todos nós, em grupo e em união intima e affectuosa de sentimentos, entoassemos jubilosamente em teu louvor religiosa prece de gratidão e reconhecimento!

Tudo estava, porém, acabado!

Agora só me restava preparar-me para a mi-

---

dente que, por toda a Palestina o peregrino jámais se detenha a olhar attentamente qualquer mulher musulmana, quer seja unicamente para contemplar o seu rosto ou mesmo o seu exquisito toucado! Seria tambem imprudencia afagar cariciosamente uma creancinha mahometana. Muitas vezes me aconteceu vêr que ellas tapavam rapidamente o rosto com um lenço, só porque eu as fitava! Tal é o horror que toda a grande familia mahometana nutre pela christã!

nha partida definitiva de Jerusalem, a caminho da Europa.

Todavia, eu ainda projectava voltar a *S. João da Montanha*, pela segunda vez, d'onde me dirigiria novamente a *Bethléem*.

Era, agora, o cumprimento d'uma obrigação sagrada que alli me impellia, apesar do extremo cançaço que me acabrunhava depois da ultima viagem da Galiléa.

Eu havia-me compromettido a voltar lá a fim de dizer o meu ultimo adeus a um bom Religioso franciscano hespanhol, que alli se prendera a mim pelos laços da mais viva e cordeal affeição.

A *Bethléem* retornava, por motivos particulares de piedade.

Tambem eu deveria fazer, ainda, a pequena peregrinação de *Emmaüs*, para que assim ficasse fechado e completo o cyclo de todas as minhas visitas dos *Logares Santos*.

Mas, breves e rapidissimas deveriam ser, agora, estas jornadas e nem já tinham sequer o caracter de romagens piedosas. Tudo estava pois terminado para mim.

Pelo que, tambem, este é o momento de dizer o meu ultimo e saudoso adeus a todos os meus bons, queridos e sempre affectuosos companheiros de peregrinação na Galiléa. Recordarei sempre, inolvidaveis companheiros, a intima harmonia e fraternal amizade que nos enlaçou, durante todo o tempo em que juntos peregrinámos, juntos arranchámos e juntos comemos!

Mas, d'entre todos, eu citarei os vossos nomes, ó mais queridos e intimos de todos elles, que compartilhastes commigo todas as minhas alegrias e todos os meus effusivos enthusiasmos, relembrarei os vossos nomes, ó nobre conde de *Nouailles*, ó sympathico padre Marcellino, ó bondosissimo e affectuosissimo bispo americano, ó, sobre todos, intimo dos intimos, Religioso benedictino Paul Renaudin e a ti, ainda, ó meu im-

pagavel, prestante e sempre obsequioso *drogman* Victor Marroüm, [1] espirito crispante e mordente de galanteria e de bonhomia, de galhofa e de surriada, que esfusiavas e chanceavas a todas as situações, ora criticas, ora comicas, com a tua *verve* faiscante e hilariante de chalaça e de laracha, picaresca e burlesca, esmaltada sempre de chascos desopilantes, discretos remoques, apodos agudos e jocosas facecias!

Vós ficareis para sempre gravados na minha memoria imperecivel!

Que Deus a mim e a todos vós, guie sempre e conduza pela mão, atravez dos escabrosos caminhos da vida e nos conceda vermo'-nos todos, mais tarde, no dia eterno da sua gloria.

Valete.

---

1 Na minha segunda viagem á Palestina, fui encontral-o em Jérusalem, radiante de saude e vida, todo atarefado nos preparativos para excursão no interior do paiz d'uma peregrinação italiana esperada em Jérusalem alguns dias após a nossa partida.

XI

BETHLÉEM

HORTUS CONCLUSUS—FONS SIGNATUS

(Segunda visita)

Jardim fechado, és, irmã minha esposa, jardim fechado, fonte sellada.

CANT. DOS CANT., *IV, 12.*

Os arabes chamam a Bethléem — *Beith-* (casa) *Lahm*. Eu estive em *Bethléem* por duas vezes. As minhas impressões, rapidas e fugitivas, sobre *Bethléem*, já as deixei exaradas n'um outro capitulo d'este livro, que se intitula *O Mar Morto*.

Desejo, porém, consagrar a esta cidade veneravel um capitulo especial. Mesmo, as impressões da minha visita, traçadas n'esse outro capitulo, ficaram incompletas.

Eu cheguei a *Bethléem*, pela segunda vez, vindo directamente de *S. João da Montanha*, que acabava de visitar, tambem, pela segunda vez. [1] Aluguei alli uma jumentinha [2] por dois francos,

---

1 Esta viagem póde fazer-se entre duas a tres horas.

2 O jumento no Oriente parece ser mais vivo e d'aspecto um pouco mais selvagem do que o da Europa. Divide-se elle alli em tres raças: o *jumento commum*, muito pequeno, o *jumento negro*, quasi tão grande como o cavallo ordinario da Syria e mais valente ainda do que a mula, muito frequente em Damasco e o *jumento branco*, de bella estampa, e d'uma indole de doçura muito ca-

e, acompanhado por uma pobre mulher arabe do sitio, que vinha, não só, para me ensinar o caminho, mas, tambem, para trazer para casa o animalsinho, parti.

Era ella uma moçoila ainda, de graciosa apparencia e d'uma juventude louçã, mas a quem não sei que enfermidade precoce emmagrecera as faces, amarellecera a pelle e sugara a seiva que viçava em flôres de graça por todo o seu mimoso semblante.

Devo notar que esta mulher era christã e falava francez. Isto deve causar estranheza aos meus leitores, mas é verdade. [1]

Fôra ella educada no orphanato das *Damas de Sião*, que existe em *S. João da Montanha*, na outra collina, fronteira ao *Hospicio Franciscano.* [2]

---

racteristica. Este jumento é creado por uma tribu de *Beduinos* chamada *Sléb* que se encontra ordinariamente ao oriente de Damasco, á distancia de tres bons dias de marcha. A mula é, incontestavelmente, o animal mais util da Palestina, servindo para cavallaria e para carga, atrelando-se com tanta facilidade ao carro, como á charrua e ao moinho. Ella é no paiz d'uma grande sobriedade e longevidade. Criam-se d'estes animaes em grande quantidade em *Saphet.*

1 A lingua official na Palestina é o turco. O povo, porém, em geral fala o arabe. E, devido á grande quantidade de escolas para creanças indigenas que existem em Jérusalem e por toda a Palestina, dirigidas pelas muitas Congregações religiosas estabelecidas no paiz, não é difficil, é mesmo frequente ouvir fallar francez aos filhos do povo. De resto o oriental é naturalmente polyglotta; elle revela uma facilidade maravilhosa para o estudo das linguas.

2 São francezes os Religiosos que habitam o convento, fundado pelo veneravel padre Ratisbonna, judeu converso, que falleceu alli e jaz sepultado no jardim do mesmo. Mostra-se lá o seu tumulo, aos pés d'uma estatua da Virgem.

Todos vós quantos me lêdes, que já visitastes *Aïn-Karën*, deveis lembrar-vos perfeitamente de terdes visto a graciosa igreja d'esse convento, realçada por uma esguia torre, toda ella perdida e afofada entre verduras, sombras e plantações novas...

No convento de *S. João da Montanha*, havia, ao tempo em que eu estive lá, alguns Religiosos hespanhoes, que não sabendo falar *francez*, se entendiam, todavia, perfeitamente commigo na minha lingua.

Eu não encontrei, jámais, uma pessoa só que falasse portuguez em todo o *Paiz de Christo*, a não ser em *Jaffa*, como já expliquei no capitulo d'este livro, intitulado *O Mar Morto*.

Em Jerusalem e em Názareth, encontrei ainda outros Religiosos hespanhoes.

De passagem, vou referir-me a esta hospedagem que os Franciscanos dão no *Paiz de Christo* aos peregrinos.

Os religiosos da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco d'Assis chamados da Observancia, são os Custodios de todos os *Logares Santos*. [1]

Encontram-se elles no Egypto, em Jaffa, em Ramleh, em Jerusalem, em Bethléem, em Em-

---

[1] Aos que habitam na Palestina dá-se-lhes o nome de *Padres da Terra Santa*. Chamam-lhes os musulmanos *Os Padres da Corda*. Ha já sete seculos que elles velam pela conservação e pela veneração dos *Santos Logares*. Além d'isso, elles sustentam na Palestina, não só os hospicios para os peregrinos, mas ainda orphanilatos, escholas, officinas e hospitaes. Servem as parochias; são missionarios, medicos e pharmaceuticos. Estão sob o protectorado da França A grande casa central dos *Irmãos Menores* na Palestina é o convento de *S. Salvador*, em Jérusalem. A casa do Noviciado está em Názareth. O estudo das humanidades faz-se em *S. João da Montanha*, o da philosophia em Bethléem, e o da theologia em Jérusalem.

maüs, em S. João da Montanha, em Tibériades, em Caná, em Capharnaüm, no Thabôr e em Nazareth.

Ora, annexo ao seu convento, téem elles em todas as terras um diversorio ou *Hospicio* para peregrinos.

Em Jerusalem, este *Hospicio* tem o nome vulgar de *Casa Nova — Hospitium Franciscanum* — como reza o distico da porta de entrada. [1]

Recebem n'elles todos os peregrinos, homens e mulheres, ricos ou pobres, de todas as raças e de todas as religiões, que batam á porta. Todos são acolhidos com a mesma cordealidade e attenção.

Em Jerusalem, a hospedagem é concedida pelo espaço de quinze dias. Nas outras terras, é de tres dias.

Não a concedem, todavia, aos peregrinos que tiverem em Jerusalem hospicios proprios da sua nação, como os austriácos e os allemães, cujo hospicio, sito em frente ao convento grego de *S. Caralambos*, é dirigido pelas *Irmãs de S. Carlos Borromeu.*

---

1. A *Casa Nova* é conhecida entre os arabes pelo nome de *Dare Jedídeh*. O hospicio em Jaffa fica a dois passos de distancia do caes do desembarque. A' entrada lê-se: *Hospitium Latinum*. Só alli é que o peregrino socega depois do seu desembarque. Não se imagina quão insupportavel é em Jaffa o cumprimento das formalidades aduaneiras e da repartição da verificação de passaportes! E depois, aquelles conductores de malas, homens e moços que perseguem os estrangeiros, procurando exploral-os, quanto ser possa! Eu nem quero lembrar-me das indignidades de que fui victima alli! Ninguem se arreceie, pois, em procurar hospitalidade nos *Hospicios* dos Franciscanos, que a téem solicitado já muitas e importantes personagens. Elles me mostraram no seu *Hospicio* de Jaffa os aposentos que foram occupados pelo imperador Francisco José, da Austria, quando em 1869 visitou os *Logares Santos*.

Os christãos dissidentes, os judeus e os musulmanos, têem tambem em Jerusalem hospicio proprio para os seus. Os Syrianos catholicos construem, actualmente, o seu hospicio entre a porta de Damasco e *Notre Dame de France.*

A hospedagem é excellente. Os padres fornecem medico e remedios, gratuitamente, quando os peregrinos d'elles precisem.

A *Casa Nova* de Jerusalem é magnifica. Tem cinco andares em quadrado, e póde alojar para cima, talvez, de cem peregrinos ao mesmo tempo. [1]

Ha na *Casa Nova* tres classes para os peregrinos, consoante ás suas condições sociaes.

Em todas ellas, porém, a hospedagem é sempre boa, benevola e honrosa.

Fornecem os padres muito boa e variada alimentação e aposentos asseadissimos. Nada pedem, paga nenhuma exigem, quando o peregrino se retira.

Se o peregrino quizer permanecer alguns dias, ainda, além do tempo regulamentar, tambem o não despedem.

Todavia, é costume e isto é immensamente louvavel, que o peregrino, por occasião da sua retirada, deixe á casa uma esmola qualquer a seu gosto e vontade, lembrando-se dos sacrificios e beneficios que a casa lhe fez.

Beneficios! Vós os que haveis visitado a Palestina, vós sois quem podeis dar testemunho authentico da incalculavel vantagem d'esta hospitalidade franciscana.

Por aquellas terras não existe, ainda, a civilização das nossas cidades. São turcos os seus habitantes e isto equivale a dizer que são inimi-

---

1 Ha já uma filial da *Casa Nova* junto á *Flagellação,* construida em virtude da grande affluencia de peregrinos a Jerusalem.

gos dos christãos e portanto seus ladrões, assassinos, etc., se puderem sêl-o.

Ainda hoje se não póde viajar pelo interior da Palestina, em certas localidades, como na Peréa, ao sul do Mar Morto, no paiz de Moabe e nas margens orientaes do lago de Genezareth, a não ser em caravana e com todas as precauções.

Todos sabem os trabalhos, fadigas, privações e perigos que, ha quarenta annos ainda, soffriam e passavam os peregrinos que iam á Palestina.

Chateaubriand, no principio do seculo passado, conta que em Jerusalem foi recebido com o alvoroço facilmente imaginavel, causado pela presença d'um peregrino do Occidente na *Cidade Santa!* Alli, o Superior do *Convento de S. Salvador* disse-lhe que apenas tinha visto, ainda, seis peregrinos francezes em Jerusalem! [1]

Hoje, felizmente, pódem visitar-se com segurança e mesmo com alguma commodidade os *Logares Santos.*

A Palestina é atravessada, hoje, por numero immenso de *parvenus*, chegados de todo o mundo, *dillettantis* da natureza, fetichistas das montanhas abruptas e dos horizontes interminos de fulgurantes perspectivas! Graças aos novos progressos de civilização e melhoramentos de viação na Palestina, encontram-se frequentemente por alli os *touristes* alegres cascalhando risadas, em despreoccupada *aisance*, armados com o guarda-sol do paizagista, como nas montanhas da Suissa, e do cavallete photographico, como nas margens do lago de Genebra! São entre todos caracteristicos os filhos da fria Albion, passando em bandos e lendo em voz alta o *Cook*, o *Murray* ou o *Baedeker!*

---

1 Chateaubriand: *Itinerario de Pariz a Jérusalem.*

Jerusalem está ligada a Jaffa, no littoral, desde 1892, por uma linha ferrea, de oitenta e sete kilometros de extensão, explorada por uma Companhia Franceza.

Parte todos os dias o trem de Jaffa, ás duas horas e meia, approximadamente, da tarde, e chega a Jerusalem depois das seis.

Assim, o caminho que, antigamente, durava dois ou tres dias, faz-se hoje em tres ou quatro horas, pouco mais ou menos, pela modica quantia de cinco francos, em segunda classe.

Jerusalem está, actualmente, uma cidade modernizada, com o seu *tic*, mesmo, de cidade européa.

Eu não quero referir-me á cidade *intra-muros*.

Essa é plenamente oriental.

Externamente, porém, levantam-se já magnificos edificios de construcção européa e movimenta-se um laborioso commercio. [1]

Não faltam mesmo já bellos hoteis europeus, ainda que excessivamente caros.

Quando se chega a Jerusalem, pelo caminho de ferro, a cidade apresenta-se, á primeira impressão, como uma terra européa.

Pelas suas ruas, largas, animadas, circula a onda humana, hoje, n'uma torrencial apojadura de vida; não faltam lá os *snobs*, os janotas, os bohemios, as hetairas, as gentes ociosas do *flirt*, estrangeiras e indigenas, cheias de grotescas vaidades, de vesanias, d'ulceras secretas que um anatomista social como Zola, que um psychologo

---

1 Hoje, fóra dos muros da cidade traçam-se por toda a parte já planos de ruas onde as casas apparecem como por encanto! A cidade nova circumda já em muitos pontos a antiga. O commercio abre alli numerosos estabelecimentos. Estadeiam-se pelas paredes taboletas variadas e polyglotas. A' porta dos hoteis falla-se inglez, francez, italiano e arabe. A' *Porta de Jaffa* principalmente o cosmopolitismo da civilisação é extremamente pittoresco.

humano como Balzac, escalpelisaria implacavelmente.

Observam-se até as construcções de grandes fabricas, resfolegando rolos de fumo negro das suas altas chaminés!

Como as nossas pilulas Pink, ou o nosso depurativo Dias Amado, egualmente nas esquinas das ruas jerosolimitanas se vêem annuncios d'outras congeneres *blagues* pittorescas da medicina caseira.

A' sahida da estação *ferro-viaria*, o viajante encontra, logo, commodos vehiculos que o transportam por um franco a qualquer ponto de Jerusalem.

*

* *

Na companhia da mulher de *Aïn-Karën*, parti eu, nas boas horas, para *Bethléem*.

A jumentinha que me conduzia, era, como todos os animaes d'esta familia no Oriente, d'uma extrema doçura e mansidão, notavel, sobretudo, pelos seus grandes olhos negros, sombreados de longos cilios.

O caminho de *Aïn-Karën* para *Bethléem* segue, sempre, atravez das montanhas de *Judá*.

De quando em quando encontravamos algumas pobres aldeias de casas miseraveis, apenas cercadas por algumas plantações de figueiras e vinhedos resequidos. [1]

---

1 N'este trajecto passa-se ao lado da aldeia de *Malehhah*, a antiga *Magala*, á qual se allude no Livro 1.º dos Reis (XVII, 20). E' hoje uma povoação musulmana, coroando uma bella collina. D'alli desce-se ao *ouâdy el-Ouârd* ou *valle das rosas*. Atravessada a linha ferrea, passa-se em frente á aldeia de *Charâfate*, edificada sobre uma alta collina. Transposta uma pequena planicie, passa-se, ainda, perto da pequena aldeia de *Beït-Safâfah*. E' d'aqui que se vai encontrar a estrada de rodagem que liga Jérusalem a Bethléem.

Os caminhos estendiam-se a nossos pés excessivamente pedregosos, cortados de arestas de silex penetrante.

Todavia, as montanhas apresentavam-se, áquelle tempo, matizadas de boninas e de anemonas, revestidas de mimosas e olentes flôres silvestres, que lhes davam um particular encanto.

De longe a longe, a dentro das pequenas herdades, recreavam-se os meus olhos na contemplação de largos roseiraes em flôr.

Bandos de mariposas, de azas scintillantes, adejavam em roda, beijando dôcemente os calices alvos das tulipas e sacudindo o oiro das suas azas na taça dos jasmins que as adornavam. No azul, alto, infinito, bandos de pombos faziam sobresahir as suas plumagens brancas.

Ninguem enxergava por alli, todavia, um fio d'agua. Os pobres moradores d'aquellas terras apenas pódem encontrar agua no fundo lodoso de cisternas.

Só, de longe a longe, se encontra alguma fonte de recordações historicas e eu, n'esta jornada de *S. João da Montanha* a *Bethléem*, encontrei, ainda, aquella fonte á qual se prende o facto do baptismo do ennucho da rainha Candace [1] da Ethiopia, pelo diacono Philippe ! [2]

---

1 *Candace* era nome commum, o titulo da realeza feminina inherente ás rainhas da Ethiopia. Esse ennucho era um homem poderoso, ministro da fazenda e guarda dos thesouros da rainha. Ia elle de Jérusalem para Napata (hoje Merawi, perto do *Djebel-Barkal)* pela estrada do Egypto, lendo a Biblia em voz alta, segundo um costume muito em voga n'aquelle tempo.

2 *Actos*, VIII, 36 e seg. Tem, hoje, esta fonte o nome de *Fonte de S. Philippe*. Os arabes chamam-lhe *Aïn-el-Hhanteh*. A fonte brota d'um rochedo no ouâdy *el-Uard*. As suas aguas limpidas e frescas, que outr'ora faziam girar um moinho, fertilizam admiravelmente o valle de *Hhanteh*. Ganha-se alli uma indulgencia parcial. A pe-

Depois d'algum tempo de caminho penetrámos no valle dos *Raphaïns* ou dos *Gigantes.*

Jerusalem não estava longe.

Seguindo, sempre, na direcção de *Bethléem* fômos encontrar a estrada macadamizada que de Jerusalem conduz á cidade que teve a honra de ser o berço do Salvador do mundo.

Foi pelas alturas do *Tumulo de Rachel*, em meio do campo de *Rama.*

Este campo está cheio de recordações tragicas. Os Innocentes que Herodes mandou degollar, tinham nascido alli. [1]

---

quena distancia da fonte, n'uma vinha, vêem-se, ainda, duas columnas que marcam, talvez, os vestigios d'uma igreja alli construida pelos primeiros christãos, para perpetuarem a lembrança do *Baptismo* administrado por S. Philippe. A excursão pela *Fonte de S. Philippe* poderá retardar uma hora a viagem de S. João da Montanha a Bethléem. Segundo uma outra tradição apurada por S. Jeronymo, Eusebio e outros palestinologos, a *Fonte de S. Philippe* seria uma outra chamada *Aïn Dirueh*, a pouca distancia das ruinas de *Bethsur*, que se encontra a legua e meia de distancia de *Hébron*, á esquerda do caminho que de Bethléem conduz a esta cidade. Esta opinião, porém, parece insubsistente.

[1] *Math.*, II, 18. E' este um dos crimes mais abominaveis de Herodes e que, no emtanto, passou despercebido ao proprio Josepho, o historiador do tyranno, por lhe parecer talvez insignificante em comparação d'outras crueldades do que fôra sete vezes assassino na propria familia! De resto, que importaria o morticinio de trinta a quarenta creanças, immoladas a um capricho do soberano? Não se diz que Constantino, cathecumeno, quiz banhar-se em sangue de creanças immoladas para curar-se da lepra de que estava ferido!? O proprio Augusto, segundo narra *Suetonio*, escapou de ser degolado no berço por uma causa analoga á dos Innocentes de Bethléem! Como, pelo tempo do seu nascimento, estivesse predicto o advento d'um monarcha universal, o senado romano propoz, para salvar a republica, uma lei ordenando a morte de todas

O *Tumulo de Rachel* com os seus muros brancos cobertos de nomes de peregrinos é um pequeno edificio em fórma de rotunda, dos tempos medievaes.

Nada tem de importante.

E' um simples *marabouth* arabe, conhecido pelo nome de *Koubbet-Kahhil*, tido em grande veneração pelos proprios musulmanos. As mulheres judias ainda ahi vêm hoje em peregrinação implorar a graça da maternidade. A localisação historica d'este monumento é das mais certas. S. Jeronymo falla d'elle no seculo IV; Arculfo viu-o no seculo VII; na Edade-Media erguiam-se ahi uma pyramide e duas grandes pedras em memoria dos doze filhos de Jacob. Os judeus têm tambem este monumento em grande veneração e gostam de gravar os seus nomes nas suas pedras em memoria da esposa querida de Jacob.

De proximo d'aquelle ponto avista-se uma nesga do Mar Morto, do alto da chã da montanha que a estrada galga e vence. Quando eu passava em frente ao *Tumulo de Rachel*, duas moças

---

as creanças masculinas que nascessem no decurso do anno! Felizmente os senadores cujas esposas estavam gravidas, fizeram fallir o projecto de lei! Em Bethléem, porém, a ordem barbara foi executada e a historia transmitte-nos pela bôcca do chronista *Macrobio (Saturnal*, libr. 2, c. 4) que Augusto, á nova do morticinio das creanças de Bethléem e do assassinato de Antipatro, exclamara: "Eu desejaria ser antes o porco de Herodes que seu filho!" O porco, convem ainda esclarecer, é intangivel entre os Judeus. Muitos criticos racionalistas negam o crime da degolação dos Innocentes pela razão de ser *Macrobio* o unico de todos os historiadores pagãos que, já no seculo III, a elle allúde. *Rénan* nega-o pela simples razão de que Herodes, segundo a sua opinião, morreu 4 annos antes do nascimento de Jesus. *Historia do povo d'Israël*, (vol. 5).

bethlemitas, semelhantes ás pudicas *Ruth* e *Noema*, vinham cantando de mãos dadas pela estrada fóra, n'uma dôce crystallinidade de voz, uma ternissima canção arabe, algum madrigal galante, talvez, quem sabe? da bella poesia oriental!

Fascinado pelo imprevisto da scena, eu faleilhes e disse-lhes tambem a quadra saudosa d'um poeta portuguez:

> **O' Virgens que passais ao sol-poente**
> **Pelas estradas ermas a cantar!**
> **Eu quero ouvir uma canção ardente**
> **Que me transporte ao meu distante lar.** [1]

Mais adiante, ainda, uma caravana de beduinos preparava uma frugal refeição ateando fogo a lenha verde, cuja chamma alegre e estalidante lambia panellas e caçarolas de barro grosseiro.

*
* *

Eu cheguei pela tarde, a *Bethléem*.

Vinha a esta cidade pela segunda vez, não só por impulsos especiaes de coração, mas porque desejava, ainda, fazer a visita de algumas particularidades de *Bethléem*, que não pudera fazer por occasião da minha primeira visita.

Eu tinha desejos, ainda, de avançar para o Sul, no caminho de *Hébron*, até ao valle de *Mambre*, onde acampara o patriarcha Abrahão com toda a sua familia e todos os seus gados.

Eis-me, pois, em *Bethléem!* A cidade está edificada em amphiteatro, sobre duas collinas pedregosas, em meio das montanhas calcareas de Judá e surge á vista, como uma flôr perdida entre as areias do deserto, como um retalho de paisagem galiléa no seio da adusta região judaica, cercada

---

1 **Antonio Nobre. Do livro *Só*.**

Uma mulher de Bethléem

de valles minusculos, fertilissimos, plantados d'arvores e de vinhas.

Nada tem que a distinga, hoje, a não serem os seus monumentos christãos e alguns bellos edificios modernos dealbados a cal. As suas ruas estreitissimas, sombrias e irregulares, e o seu casario agrupado, de tectos em terrasso, imprimem-lhe o cunho caracteristico das cidades do oriente. Os seus habitantes, christãos e mouros, são typos apollineos, d'uma esthetica impeccavel, modelar. As mulheres de *Bethléem* em geral são magnificamente bellas, de formas plasticas, esculpturaes. Ellas trazem, á moda egypcia, os filhos sentados aos hombros. A pureza dos costumes é proverbial em *Bethléem:* a cidade é o centro mais christão de toda a Palestina. A grande maioria da sua população é catholica.

As moças bethlemitas, d'uma juventude risonha, de physionomia calma, fina, illuminada sempre por um sorriso discreto, revelador da sua honestidade, ressumbrando encanto e sympathia, destacam-se sobretudo pela sua fórma esbelta, semelhantes a amphoras da Hellade classica. A diaphaneidade mimosa da sua cutis, d'uma brancura de flôr d'amendoa, os seus longos e alvissimos dedos semelhando estames de roseiras, parecendo ser modelados em jaspe, as tranças dos seus cabellos cahidas por sobre os hombros, enfeitadas com um cabazinho de violetas ao peito e uma grinalda de malmequeres na cabeça, sobretudo, ah ! o classico véu branco, descendo-lhes garbosamente do alto da cabeça, emmoldurando-lhes o rosto e cahindo-lhes em pregas bizarras para as costas deixando entrevêr as orelhas enfeitadas muitas vezes de delicadissimos pingentes, semelham-nas ás virgens mysticas da escola de Raphael!

Os minaretes das mesquitas, de rigidos perfis, e o campanario quadrado da igreja de Santa Catharina, avultam por entre os edificios irregulares de janellas altas.

Um templo protestante de excellente architectura, assignalado pela aguda flecha da sua torre, resaltando por sobre os terrassos das casas, existe tambem alli, servindo para os crentes da missão anglicana estabelecida em *Bethléem*.

A grande e mais desenvolvida industria bethlemita é a dos trabalhos de objectos religiosos em nacar vindo do *Mar Vermelho*.

A cidade está isolada de todos os lados por valles profundos. [1]

O valle do meio, que tem o nome de *ouâdy-el-Karroubeh*, desce em socalcos que sustentam a terra, apresentando o aspecto d'um amphitheatro entresachado e coberto todo de vinhas, [2] de oliveiras, de figueiras, de amendoeiras e de alfarrobeiras, de cujos troncos os primeiros sóes da primavera faziam brotar já gommos, frondes, e hastes verdes, lustrosas, vidrentas, sadias e vivazes, pujantes de seiva.

Ao fundo, avista-se o *Campo de Booz*, onde *Ruth*, a *Moabita*, veiu respigar.

As searas novas renasciam ahi já, desbordantes de auspiciosa fecundidade, sob o sol resplandecente. Por entre as gavelas enfloradas de penachos de trevo novo, riam as papoilas escarlates

1 Bethléem possue uma população de 10:000 habitantes entre catholicos, gregos scismaticos, armenios scismaticos, cophtas, gregos unidos, protestantes, musulmanos e judeus. Esta população tende a augmentar, apesar da forte emigração dos bethlemitas para a America. Os bethlemitas são activos, corajosos, intelligentes e laboriosos. Além da agricultura e da pastoreação de gados elles occupam-se na fabricação d'objectos de piedade em oliveira, nacar, coral e pedra do Mar Morto a que já alludi n'este livro. Nas ruas de Bethléem vêm-se passar por vezes, beduinos das margens do Mar Morto.

2 Ellas produzem um vinho excellente, muito estimado no paiz.

e zigazeavam no ar as cigarras enchendo tudo com a *cega-rega* dos seus ruidos.

Adjuncto, vê-se o pequeno monticulo, por sobre o qual assenta a aldeia de *Beïth-Sahour* — a aldeia dos *Pastores*.

Os hortos que circumcingem esta povoação, repovoam-se modernamente de arvores novas, de ramaria franjada e variada.

Ao longe, avista-se o deserto de *Judá*, estendendo-se até ao *Mar Morto*, com os seus montes successivos, cheios de fragosidades e de bravezas serranas, severos, calvos, ingremes, arenosos e quasi sempre estereis, semelhantes a montes de cinzas pardacentas, brochados, aqui e alli, de tintas amarellas e das manchas verdes e raras das giestas e dos codeços.

Apenas por sobre elles pascem hoje os rebanhos, tosando as pequenas hervas, marinhando os primeiros rebentos que germinam depois da quéda das chuvas da primavera.

Os pastores que vigiam os gados apparentam, ainda, os mesmos que saudaram o nascimento de Christo!

Assentam-se elles sobre as pedras, nas arestas dos alcantis fragosos, nos pendores abruptos das collinas, soprando e tocando as suas agrestes avenas e frautas pastoris, lançando aos echos das montanhas os queixumes da sua dôr, cobertos, apenas, com um longo véu preto, uma pelle de carneiro sobre os hombros, os pés nús ou calçados com miseraveis sandalias e um cajado de carvalho ou de sycomoro na mão!

Fóra dos muros da cidade, para O., levantam-se alguns edificios europeus de congregações religiosas, vastos e regulares, entre os quaes se distingue a *Casa do Noviciado*, no Oriente, dos *Irmãos da Doutrina Christã.* [1]

---

[1] Ha em Bethléem varios institutos e edificios religiosos, entre os quaes destaco: O convento dos *Fran-*

A' distancia d'uma hora de caminho, approximadamente, do *Hospicio Franciscano*, visita-se o valle que na Escriptura, no *Cantico dos Canticos*, esse delicioso poema d'amor, rescendendo os perfumes do cinamommo e do nardo, tem o nome de *Hortus Conclusus — Jardim Fechado*. [1]

Nada tem elle, hoje, digno de menção. Está encravado ao fundo das montanhas circumdantes e resume-se em pequenos quintaes d'arvores fructiferas, cultivados por alguns arabes miseraveis.

Sómente alli a paizagem, humida e verde, d'uma grande melancholia sympathica, d'um encanto profundamente penetrante, é cheia de doçura e de belleza. Taboleiros de flôres odorantes e de papoilas sorridentes tapetam o solo. Por entre os myrtos e as moitas de açucenas, á sombra fresca e copada das viçosas arvores, gorgeiam dôcemente as aves canoras. [2]

---

ciscanos dominando o *ouâdy Karroubeh*, encerrando a igreja de Santa Catharina, que é a parochial catholica, bello sanctuario bysantino de trez naves, de construcção moderna, de muros pesados, sustentados por contrafortes enormes, enriquecido por Baduino, rei de Jerusalem, successor de Godofredo de Bulhão, ao qual está adjacente o dos Gregos e o dos Armenios — o dos *Carmelitas*, o dos Padres do *Sagrado Coração*, o das *Irmãs de S. José da Apparição*, o hospital dirigido pelas *Irmãs de Caridade*, o orphanilato e eschola de artes e officios dos *Salesianos*, de tão prestante benemerencia social e religiosa, as escholas dos *Franciscanos* e das *Irmãs de S. José da Apparição* para rapazes e meninas, etc.

1 *Cant. dos Cant.*, IV, 12. Alguns palestinologos, hoje, negam ser alli o *Jardim Fechado* de Salomão e collocam-n'o em Jérusalem, no valle de Siloë, baseados na opinião de *Andrichomius*. De resto, a tradição que colloca o *Jardim Fechado* no valle chamado de *Ourtas* ou *Eurtas*, remonta, apenas, ao seculo XVI.

2 Por meados do seculo passado, um anglo-americano, encantado com a belleza do sitio, estabeleceu alli a sua residencia. Este foi o successor de Salomão! O logar

Ainda hoje o *Hortus Conclusus* é regado pelas aguas extravasadas dos celebres *Tanques de Salomão*, que ficam na encosta da montanha proxima.

Do outro lado do *Hortus Conclusus*, para Oeste, na vertente da serra, vêem-se, ainda, os fundamentos e as substrucções d'uma antiga cidade. [1] O Religioso franciscano que me acompanhava, apontou-me lá uma caverna, onde Sansão, segundo é tradição, se occultou, fugindo aos *Philistheus*. [2]

Eu vi, ainda, os *Tanques de Salomão*, alimentados pelas aguas fluviaes e pela agua da *Fonte Sellada* — *Fons Signatus*, que os Arabes chamam hoje *Ras-el-Aïn*, a mesma que Salomão comparava á sua amada, [3] e á qual se desce hoje á luz d'uma vela. Os *Tanques* são trez e todos de largas proporções. O do extremo fundo estava cheio d'agua. Dizem que tem dezesseis metros de profundidade. Os arabes nadam n'elle. Nas suas margens rãs monstruosas coaxam aphonicamente, ocultas por entre as vegetações que as revestem. Os asphodelos e os calhaus são hoje o unico ornamento circumdante.

é d'uma tão prodigiosa fecundidade, devida sem duvida ao calor concentrado e á abundancia d'agua, que chega a produzir cinco colheitas de batata por anno! Este valle é chamado hoje, *Ouâdy-Eurtas*. Alli veiu estabelecer-se já, tambem, uma colonia de protestantes americanos, que não subsistiu.

Actualmente, por sobre a pendente da montanha, do lado do Sul, algum tanto abaixo do *Jardim Fechado*, construe-se, tambem, um convento de Irmãs americanas, sob o titulo de *Irmãs do Jardim Fechado*, fundação de *Mgr. Solero*, arcebispo de Montevideu.

1 *Etham.*

2 *Juizes*, xv, 8.

3 *Cant. dos Cant.*, iv, 12.

E todavia outr'ora bellas arvores ornamentaes cresciam alli cobrindo o solo e as aguas dos *Tanques* de suaves e deliciosas sombras. A desolação da morte estende agora alli o seu manto funebre; todas as pedras d'aquelles magnificos monumentos estão careadas e carcomidas. As rapozas das montanhas proximas, tão numerosas ainda hoje como nos tempos biblicos, vêm dessedentar-se nas aguas d'aquelles *Tanques* a horas mortas da noite, estragando as vinhas dos arredores, como nos dias do Esposo dos Cantares — *Capite vulpes parvulas quæ demoliuntur vineas.* [1]

Aquelles *Tanques* foram mandados construir por Salomão, [2] a fim de ser conduzida d'alli a agua a Jerusalem, ao templo sumptuoso que elle fizera construir no alto do *Moriah.* [3]

A agua chegava á *Cidade Santa* por sobre um aqueducto soberbo de duas leguas de extensão. Ainda hoje se vêem grandes pedaços d'esse aqueducto. [4]

A *Fonte Sellada* encontra-se algum tanto acima dos *Tanques*, a pequena distancia. Hoje, tudo

---

1 *Cant. dos Cant.*, II, 15.

2 São d'opinião alguns palestinologos, que estes *Tanques* são obra, apenas, do seculo XVI, do Solimão, ou quando queira dar-se-lhes maior antiguidade, apenas os remontam aos primeiros seculos do christianismo. Seguramente então foram restaurados por Solimão e d'ahi o seu nome actual — *El Bourak Souleiman*, que se traduz: *Tanques de Salomão* em vez de *Tanques de Solimão*.

3 *Eccles.*, II, 6.

4 O aqueducto de *Salomão* é chamado pelos musulmanos *Kanâte el Koûffarah — aqueducto dos infieis.* Partindo dos *Tanques de Salomão*, a uma legua para S. O. de Bethléem, elle contorna o monte do *Mau Conselho* ao approximar-se de Jérusalem, transpõe o valle do *Gihon*, a alguns metros da piscina — *Birket es Sultan* — por sobre uma ponte de nove arcos, cerca o monte *Sião*, até que chega á mesquita d'*Omar*.

alli é triste, espectral, respirando funda melancholia. [1] O terreno circumjacente é secco e adusto e as rochas são crespas e fendidas, como que requeimadas pelo fogo do céu. Só se vêem ruinas e escombros, por entre os quaes germinam as *digitalis* venenosas e florescem as papoilas soporiferas !

Aquelles eram, todavia, os logares de delicias do maior dos reis de Israël, o illustre, rico e sabio Salomão, que alli mandara construir um palacio, chamado *Hétam*, cercado de frescos e mimosos jardins, [2] cuja belleza e formosura elle mesmo celebra nas paginas do seu livro dos *Cantares*.

Para alli vinha o monarcha jerosolymitano flanar, gosando os momentos de ocio que lhe permittiam os deveres indeclinaveis do seu officio de rei.

Alli, Roboão, seu filho, fortificou mais tarde uma cidade do mesmo nome ! [3]

Ao lado da *Fonte Sellada*, erguem-se ainda hoje, os grossos muros ameiados d'um vetusto castello medieval alli levantado pelos Cruzados. Tem o nome de *Kalâat-el-Bourak*. [4]

A poucos passos, avança para o Sul a estrada de *Hébron*, acabada em 1888.

Eu pude seguir, ainda, esta estrada a cavallo, na distancia approximada de legua e meia, segundo calculei. Ah ! mas atravez d'aquelle paiz

---

1 Para visitar-se esta fonte, são precisas vélas, pois que a nascente é subterranea.

2 *Joseph.*, *Antig.*, liv. 8, VII, 3.

3 *2.º Livr. dos Paral.*, XI, 6.

4 *Kalâat*, isto é *castello forte*. Foi junto d'aquelle grande castello que *Ibrakim Pachá* perdeu uma batalha em 1834, travada com os habitantes das aldeias vizinhas.

Residem n'este castello dois *Bachi-bouzoucks* — *gendarmes* — para guardarem as aguas e o caminho de *Hébron*.

montanhoso e deserto, eu apenas pude reconstruir na minha phantasia a memoria das florestas cerradas que cobriam outr'ora o solo, á direita e á esquerda, e que occultavam por entre as suas verduras as cidades philistéas de *Adoraîm*, *Anab*, *Shochoh*, *Juttah*, *Eshtemoa*, *Anim*, *Maon*, *Carmel*, *Ramah*, *Beth-Zur*, tão celebre pela lucta gloriosa que Judas Macchabéu ahi sustentou contra Lysias, [1] *Halhûl*, *Liph*, cheia de recordações de David, [2] e varias outras! Da grande estrada, que, de Jerusalem ia até Pétra e até ao Egypto, nem vestigios se vêem já! Apenas se observam, ainda, algumas grandes pedras que a calçavam, atravancando o caminho!

Nada ha mais a visitar em *Bethléem*. O peregrino vai ajoelhar-se pela ultima vez junto da *Créche* veneravel do Salvador do mundo e retira-se, depois, da illustre cidade, dizendo-lhe para sempre o seu eterno adeus, sem que lhe atravessem o coração os espinhos d'uma pungente saudade.

Apenas a recordação do berço infantil de Jesus permanece na sua memoria.

A sorte, porém, do peregrino é, sempre, a d'uma contínua e ininterrupta despedida a tudo quanto prende e captiva o seu coração!

Que fazer, pois? Voltar novamente junto do *Santo Sepulchro de Christo*, a fim de, alcançadas todas as graças espirituaes dos *Logares Santos*, preparar-se para a despedida derradeira da santa Palestina, onde morreu aquelle Senhor, que o peregrino, não podendo encontrar já na terra, deve esperar vêr, contemplar um dia na sua gloria eterna.

De *Bethléem*, regressei eu novamente a Jerusalem.

---

1 *1.º Livr. dos Macch.*, VI, 33 e seg.

2 *1.º Livr. dos Reis*, XXVI, 1, 12.

Era, tinha soado a hora do meu exodo, o momento que eu não podia procrastinar mais, de despedir-me para sempre da Cidade Santa e da veneranda Palestina !

Eu tinha de partir d'alli para terras longinquas, e era forçoso, agora, que eu fizesse a minha ultima, derradeira, saudosa e nostalgica despedida á terra amada, onde o meu coração exultara, inebriado das mais suaves e dôces consolações.

Vós, os que me lêdes, vós, os que haveis seguido, attentos, na leitura d'estas singellas narrativas, a minha longa peregrinação atravez da illustre terra de Chanaan, ouvireis, ainda, os ultimos echos da minha voz abafada, saudando, entre lagrimas, o desapparecimento longinquo da ultima orla de terra da santa Palestina, quando, sobre as aguas já do Mediterraneo, eu vier a caminho do Occidente.

XII

EXCURSÕES DISTANTES

Eu não fiz nenhuma d'estas visitas e excursões que vou descrever. Como, porém, muitos viajantes e peregrinos não omittem em seu plano de viagem a visita d'estes logares mais ou menos celebres, eu vou dar d'elles uma noticia rapidissima para satisfazer a curiosidade dos meus leitôres que desejarem informações particulares sobre elles. Estas informações, agora, são as mesmas, apenas, que me foram communicadas em tranquilla e amena conversasão em Jerusalem, com o erudito e respeitavel palestinologo, Fr. Lievin de Hamme.

Estas visitas fazem-se a cavallo. As precauções a tomar por causa dos *Beduinos*, e por causa da alimentação ficam todas a cuidado do *drogman*.

*

* *

De *Bethléem* ao *Monte dos Francos*, póde chegar-se em hora e meia, passando-se pela miseravel povoação de *Beït-Tâamar*, habitada por *fellahs*.

O monte dos *Francos* era, antigamente, uma fortaleza, construida por Herodes o *Grande*. Elle quiz mesmo ser sepultado alli, e, Archelau, seu filho, fez-lhe a vontade.

Este monte está coberto, ainda hoje, com as ruinas da antiga fortaleza herodiana e construcções adjacentes.

Da cumiada d'este monte, até onde póde subir-se com facilidade, os olhos embebem-se todos na contemplação d'um panorama bellissimo!

Descobre-se d'alli para os lados do Norte uma grande parte da tribu de Benjamin, a aldeia de *Taïbeh*, que substitue, hoje, a antiga *Ephrem*, a aldeia de *Rimoum*, que é, talvez, a antiga *Remmon;* descobrem-se as aldeias de *Gaba*, *Hezma*, *Bethania*, descobre-se o monte das *Oliveiras*, descobre-se *Talda*, alta montanha coberta com algumas ruinas, descobrem-se *Beit-Tdamar*, e, finalmente, *Mikmas*, a antiga *Makmas*, toda cheia de recordações de *Saul* e de *Jonathas*, [1] de *Jonathas Machabeu*, [2] das mais nobres tradições biblicas! [3]

Para além do Jordão, descobrem-se a tribu de *Gad* e o paiz de *Galaad*, onde *Jacob* acampou, vindo da Mesopotamia.

Para os lados de nordeste vê-se a tribu de *Ruben* na parte oriental do Mar Morto e do Jordão.

Lá está, avistando-se perfeitamente, o monte *Nebo*, hoje *Djabal-Nabou*, sempre illustre pela morte de *Moysés*.

Lá se vê em toda a sua extensão a immensa cadeia dos montes de *Moab*, rematada ao Norte, na margem oriental do *Mar Morto*, pela cadeia dos montes *Abarim*, que fecham o horizonte.

A L., ao fundo das montanhas, vê-se uma grande extensão do *Lago Asphaltite*.

Dos lados do E. ao S. S. E., vê-se, ainda, na antiga terra de *Moab*, a cidade de *Kérak*, toda cheia de recordações biblicas. [4]

Para os lados S. S. E. e S., vèem-se as ruinas

---

1 *1.º Livr. dos Reis*, XIII, 2.

2 *1.º Livr. dos Macch.* IX, 73.

3 *1.º Livr. dos Esdras*, II, 27. *Isaias*, X, 28.

4 *2.º Livr. dos Macch.*, XII, 17.

de *Kassr el-Limoum*, que não téem interesse, e vê-se a profunda garganta do *ouddy-Khareïtoum*.

Para os lados S. ao S. O., vêem-se as aldeias de *Beït-Fadjar* e de *Beït-Oummar*, bem como uma grande parte das montanhas de *Judá*.

Para os lados de S. O. para O., vêem-se a aldeia de *Kefr ed-Deïr* e alguns oiteiros cobertos de ruinas esparsas.

Para os lados do O. a O. N. O., vê-se *Beït-Djallah*, a antiga *Bezec*, toda cheia de recordações biblicas; [1] vê-se para os lados de O. N. O., elevando-se como uma fortaleza, o *Hospital dos Cavalleiros de S. João*, situado perto do tumulo de *Rachel;* vêem-se para os lados de N. O. ao N. N. O. *Kastal* e *Bethléem;* para os lados N. N. O., finalmente, avistam-se as aldeias de *el-Bïrek*, *Er-Ram*, *Tell el-Foule* que é um dos pontos culminantes da Judéa, *Tell es-Soma*, *Chàafâte*, *Nebi Samouïl*, e por ultimo *Jerusalem*.

Tal é o monte dos *Francos*, o antigo *Herodion*, o moderno *Djebet Foireidis* dos Arabes.

*

* *

Do monte dos *Francos* ás ruinas de *S. Chariton* póde chegar-se em hora e meia, passando-se pelo *ouddy-Khareitoun*, torrente profunda, muito mais selvagem ainda do que a garganta de *S. Sabas* e de *Kosibá*, estrangulada por entre immensos muros de rochedos a pique, e rasgada de innumeras grutas.

Em *S. Chariton*, um dos cantos mais curiosos do deserto de Judá, ha uma fonte d'agua — *Bir el Aïnézieh* — junto da qual os peregrinos tomam a sua refeição.

As ruinas de *S. Chariton* — *Kerbet-Khareïtoun*

---

1 *Juizes*, I, 5.

— consistem em escombros d'uma piscina, d'uma cisterna e d'uma torre. Visita-se, tambem, proxima d'estas ruinas, a *Gruta de S. Chariton — Moghâret — Khareïtoun.*

A difficuldade que apresenta a visita d'esta *Gruta*, não compensa os incommodos da mesma. Ella, apenas, tem de celebre haver sido habitada pelo illustre *S. Chariton*, que ahi morreu em 410 e por outros muitos illustres anachoretas.

Esta *Gruta* é uma enorme caverna, habitação hoje de morcegos e animaes selvagens, que, segundo algumas opiniões, poderá ter duzentos e vinte metros de profundidade pelo interior dentro da montanha.

*
* *

Da fonte de *S. Chariton* a *Thécua*, a distancia é de cincoenta minutos, approximadamente. N'este caminho passa-se junto da piscina *Aïn-Anazîeh*, digna de ser vista.

Thécua, hoje *Toka* ou *T'koua*, é uma terra cheia de recordações biblicas. [1] Ella foi a patria do rude e austero propheta *Amós*, pastor de gados, que colhia as bagas dos sycomoros para se sustentar d'ellas. [2]

Os seus habitantes, depois do captiveiro de Babylonia, contribuiram para a reconstrucção dos muros de Jerusalem. [3]

Thécua, emfim, recorda muitas e bellas tradições biblicas e historicas .

Hoje, *Thécua* não é mais do que uma immensa

---

1 *2. Livr. dos Paral.*, VI, 6.

2 *Amós*, VII, 14.

3 *2.º Livr. d'Esdras*, III, 5.

ruina, contando seiscentas cisternas! De *Thécua* a *Bethléem* póde chegar-se facilmente em duas horas, atravessando-se o *ouddy-Foureidis*, passando-se ao lado das ruinas de *Kherbet-Beït-Falouhh*, aldeia situada sobre uma collina, das ruinas de *Beït-Nadjeh*, das ruinas de *Kherbet Kakouseh*, atravessando-se, finalmente, o *ouâdy-Sahhine*.

*

* *

Hoje póde ir-se rapidamente em carruagem até *Hébron*, a moderna *el-Khalil* [1] dos arabes. A cavallo, a viagem póde ser d'um dia, incluindo o descanço forçado. Em *Hébron* póde encontrar-se hospitalidade quer em casa dos judeus, quer dos musulmanos, ou no estabelecimento russo, sito junto do carvalho de Abrahão, no *ouâdy-Sebta*, cuja authenticidade hoje ninguem reconhece já. S. Jeronymo no seculo IV já o não vê. E' alli o valle de Mambre de que falla a Escriptura, onde Abrahão veiu fixar a sua residencia depois de haver-se separado de seu filho Loth. [2]

Hébron, cidade sacerdotal da tribu de Levi, [3] cheia das mais bellas recordações biblicas, [4] historicas e religiosas, uma das mais velhas cidades do mundo, sete annos mais antiga do que *Tanis*

---

1 ***Khahil Allah***, isto é, ***amigo de Deus, cidade do amigo de Deus.*** (Epist. S. Thiago, II, 23). Os Cruzados chamavam a Hebron ***castelum*** ou ***præsidium ad sanctum Abraham.*** Hébron foi um bispado em 1167 e foi tomada por Saladino em 1187.

2 ***Gen.***, XIII, 18.

3 ***Josuë***, XXI, 11.

4 ***Josuë***, XV, 13. ***Num.***, XIII, 23. ***3.º Livr. dos Reis***, IV, 12, etc.

no Egypto, [1] é hoje, apenas, uma terra typicamente oriental com as suas casas acinzentadas, escalonando-se pela encosta das collinas, as suas cupulas e os seus minaretes, postada nas fronteiras do deserto da Iduméa, com uma população de oito mil habitantes entre judeus e musulmanos, industriaes de odres de pelles de cabra, missangas e avellorios, que constituem os ornatos predilectos das mulheres do paiz, das mulheres da Samaria, das beduinas do deserto, das *fellahs* do Egypto, para onde são transportados e onde são objecto d'um bom commercio.

O seu principal monumento é a mesquita de Abrahão, o *Haram*, cuja pesada molle emerge d'entre os terrassos e as cupulas dos edificios da cidade, absolutamente interdicto aos christãos, como a mesquita da *Mecca!*

Apenas, nos ultimos tempos, alli pôde penenetrar o actual *czar*. A guerra da Criméa, que coseguiu fazer abrir as portas da mesquita d'*Omar* em Jerusalem aos olhos dos christãos, não pôde forçar as portas d'esta de Hébron; ainda hoje todo o christão que tentasse penetrar ahi seria irremediavelmente morto como um cão.

Os musulmanos dizem estar encerrado alli o tumulo de Abrahão, que Mahomet reconhece ter sido um grande propheta. Segundo dizem, elle occupa o logar da caverna *Machpelah*, comprada por Abrahão a Ephrom *hetheu* para ahi sepultar sua mulher Sara. [2] Ahi jazem tambem, segundo a tradição, Lia, Isaac, Rebecca e Jacob. [3]

1 *Num.*, XIII, 23.
2 *Gen.*, XXIII, 13 a 19.
3 *Gen.*, IXL. 30, 31.

*
* *

Qual será a estructura interior do *Harâm*, a sua ornamentação? O mysterio intriga sempre e espicaça a curiosidade. Dizem que os seus muros interiores são ornados e revestidos de marmores raros; que as suas pesadas portas são chapeadas de prata e que são do mesmo metal os seus gonzos, cinzelados com arte maravilhosa; que os pés calcam a dentro do edificio riquissimos tapetes; que na caverna intacta de *Makpelah*, onde se chega atravez de galerias sombrias, se veneram os tumulos dos patriarchas, revestidos de esplendidas sedas, bordadas a oiro, sendo verdes as que ornamentam os tumulos d'Abrahão, d'Isaac e de Jacob e côr de purpura as dos tumulos de Sara, Rebecca e Lia. Diz-se, ainda, que estes magnificos sarcophagos se acham vasios e que os corpos dos patriarchas se conservam n'uma crypta mais profunda ignorada dos profanos. Já *Josepho* attestava no I seculo que os tumulos de Abrahão e de seus filhos ainda se viam em Hébron. [1] Santa Paula vê-os ainda no IV seculo. [2]

E' muito de suppôr que as sepulturas dos Abrahamidas tenham sido respeitadas até nossos dias; é esta pelo menos a tradição do paiz. Os privilegiados viajantes a quem o governo de Constantinopla tem permittido penetrar na mesquinta de Hébron, o principe de Galles em 1861, o principe herdeiro da Prussia em 1869, não conseguiram, porém, transpôr a soleira do subterraneo que conduz á caverna de *Makpelah*. Os

1 *Guerra judaica*, IV. 9, 17.

2 Lagrange. *Histoire de Sainte Paule*. 1867, pag. 281.

seus *firmans* não têm sido obedecidos; os viajantes têm-se visto obrigados a recuar diante da attitude hostil da população da cidade. Seja como fôr, o que podemos esperar é que um dia, quando o fanatismo musulmano ceder á influencia da civilisação christã, nós talvez possamos vêr ainda a mumia de Jacob, que foi embalsamado segundo a forma usada no Egypto. [3] exhumada d'esse hypogeu sombrio cuja entrada os musulmanos de Hébron absolutamente prohibem aos christãos.

*

* *

Hébron é ainda hoje uma das cidades da Palestina onde o fanatismo musulmano se manifesta com mais intensidade. Os rapazes perseguem alli o *Franco* (nome dado a todo o europeu) dizendo-lhe injurias! [1]

Atravez das ruas estreitas e sombrias da cidade, cognominada a *parda*, escorregam os pés nas pedras polidas e luzentes do seu pavimento. As suas casas cubicas, abobadadas, parece não terem tecto; junto ás portas baixas, de tosca architectura arabe que lhes dão accesso, os seus moradores olham com odio os christãos e os peregrinos chamando-lhes, como em Bethléem, *Mogharabis.* Ella é seguramente a cidade menos hospitaleira de toda a Palestina; a sua população, feroz e fanatica, nada perdeu ainda d'essa desconfiança innata em todo o oriental pelo extrangeiro e do odio inveterado do musulmano contra o christão. O cosmopolitismo ainda

---

1 *Gen.*, L, 3.

2 **Da minha segunda viagem á Palestina fui visitar Hébron, de carruagem partida de Bethléem, em companhia d'alguns dos peregrinos da *Penitencia.***

ahi não penetrou; é ainda hoje Hebron a unica cidade de toda a Palestina que conserva a côr local, inalteravel, da civilisação arabe.

A estrada de Bethléem a Hebron, na distancia de 35 kilometros, segue por entre montanhas e collinas pedregosas, offerecendo todas sempre o mesmo aspecto; sempre pequenas e calcareas, succedendo-se umas ás outras rapidamente. E a paizagem é, tambem, inalteravelmente sempre secca e dura; as searas ondeiam de quando em quando pelas encostas; passam frequentemente as tropas dos camellos; avistam-se acampamentos de beduinos; levantam vôo as cegonhas; nas ourelas do pantano formado pelas aguas da fonte da *Alfarrobeira*, — *Aïn Dirouêh* — a cuja vista se passa, pullulam os agriões, formando no solo um tapete de verdura. De longe a longe encontra-se uma ou outra fonte, uma ou outra miseravel aldeia musulmana e uma ou outra ruina d'alguma cidade historica.

As cercanias de Hebron, porém, fórmam um dos mais bellos e ferteis districtos do sul da Palestina; a vinha prospera ahi admiravelmente; as figueiras e as romanzeiras, as oliveiras e os damasqueiros, os marmelleiros e as macieiras tambem alli dão á paizagem um tom suggestivo de encanto e frescura.

O *ouâdy Jskahil*, ao N. O. de Hébron, é, talvez, o valle do *Cacho*, de que fallam os *Numeros*. [1] E os viajantes notam, em meio das plantações das arvores frugiferas, torres de vigia, de guarda, onde se installam, no tempo dos fructos maduros, os vinhateiros e os proprietarios dos hortos para os defenderem dos assaltos dos ladrões. Era assim já nos tempos biblicos. S. Matheus falla-nos, no cap. XXI, d'um homem rico que plantou a sua vinha, a cercou com um muro de pedras

---

1 XIII, 24.

seccas e ao centro d'ella construiu uma torre de guarda.

O celebre carvalho de Mambre encontra-se em meio d'um jardim pertencente aos russos que ahi têm um hospicio para peregrinos. Este carvalho, tido já em grande veneração no seculo XVI, é realmente d'uma edade muito respeitavel. O povo de Israël ligou sempre um respeito supersticioso muito particular a estas arvores. [1]

*

* *

Ainda os peregrinos, que assim o desejarem, poderão ir, com muita facilidade, de *Hébron* a *Bersabêa*, passando por *Daherîeh*. A viagem de *Hébron a Daherîeh*, regula entre tres a quatro horas, a cavallo. Esta viagem, porém, é mais incommoda e perigosa, e mesmo mais dispendiosa. Comtudo, o peregrino que deseje tentar esta excursão, entendendo-se com um bom *drogman*, nada tem a recear.

No trajecto de *Hébron* a *Daherîeh* encontra-se a historica *Dâoumeh*, que não é outra senão a antiga *Ruma*, de que fala a *Vulgata*. [2] *Ruma* não é, hoje, mais do que uma ruina, um escombro, um nada!

Daherîeh, por sua vez, é tambem apenas uma pequena povoação de musulmanos, bondosos e hospitaleiros.

D'esta povoação a *Bersabéa*, a viagem deve ser de cinco a seis horas. Antes de chegar-se lá, atravessa-se a celebre planicie de *Bersabéa*. Foi alli que se desenrolou o tocante episodio de que fala o *Genesis* (XXI, 10, 19).

Agar, expulsa das tendas de seu senhor

1 *Juizes*, IX. 6.

2 *Josuë*, XV, 52.

Abrahão, internou-se n'este deserto em companhia de seu filho *Ismaël*. Ella não levava comsigo mais do que um odre d'agua. O sol dardejava-lhe sobre a cabeça os seus raios ardentissimos, a areia queimava-lhe os pés! Devorados ambos pela sêde, bem depressa se exgottou o odre. *Ismaël* sentou-se na areia, pedindo de beber a sua mãe. Ella pára anciosa, procurando soccorro. O horisonte é fogo; em parte alguma se avista uma gotta d'agua, que ella desejaria pagar com a vida! Então ella começou a chorar; depois, vendo que seu filho desfallecia, depõe-o debaixo d'uma palmeira e fugindo d'alli, exclama: *ao menos não o verei morrer!* Foi então que o Anjo do Senhor lhe appareceu e lhe mostrou um poço d'agua.

Bersabéa é uma terra cheia de recordações de *Abrahão*, [1] *de Isaac*, [2] e de muitas outras recordações biblicas! [3] Da *Bersabéa*, tão celebre nas historias patriarchaes, cujas pastagens se estendiam até *Negeb*, não resta hoje mais do que uma immensa e desoladora ruina!

*

* *

Póde, tambem, nas mesmas condições da precedente, fazer-se a viagem de *Daherieh* a *Gaza*, passando-se por *Beït-Jibrine* e *Brére*. E' viagem de dois dias, a cavallo, arranchando-se junto das fontes, torrentes ou cisternas, para o repasto indispensavel e pernoitando-se ou nos *Khans*, ou sob tendas, em pleno campo.

---

1 *Gen.*, XXII, 19.

2 *Gen.*, XXVI, 23, e 33.

3 *Josuë*, XV, 28; *1.º Livr. dos Reis*, III, 20, e VIII, 2; *4.º Livr. dos Reis*, XII, 1; *Amós*, V, 5; *2.º Livr. d'Esdras*, XI, 27, 30.

N'esta excursão, encontra-se logo, a alguns minutos de distancia de *Daherieh*, uma cisterna chamada *Bir-ed-Damm* — *poço de sangue* — porque já esteve cheio de sangue humano por occasião d'uma batalha aqui ferida entre beduinos e os habitantes de *Daherieh!* Vêem-se, tambem, ao longe, sobre um ponto culminante, as ruinas da antiga *Jéta*, cidade levitica da tribu de Judá, [1] e passa-se junto das ruinas da antiga *Morasthi*, patria do propheta *Micheas*, [2] hoje conhecida pelo nome de ***Kherbet Mar Hhanna.***

De ***Daherïeh*** a ***Mar Hhanna***, a viagem é, approximadamente, de quatro a cinco horas.

De ***Mar Hhanna*** a ***Beït-Djibrin*** a distancia é de meia hora de caminho.

Beït-Djibrin é a antiga ***Eleutheropolis***, de Septimo Severo, a ***Bethograbis*** de Ptolomeu. Hoje é, apenas, uma pequena povoação musulmana de mil habitantes, onde nada ha de particular.

Beït-Djibrin é um valle deliciosamente verde na primavera. Caminha ahi o viajante por entre a espessura das grandes hervas, das formosas anemonas vermelhas, dos iris violetas e dos cyclamens rosas!

Toda ella rescende com o perfume evolado dos calices e dos corymbos das flôres silvestres. Para nada faltar na belleza d'este quadro encantador, um pequeno lago espelha ao centro da planicie as suas aguas claras onde, ao cahir da tarde, vem dessedentar-se o tropel innumeravel das cabras, dos carneiros, dos bois, conduzidos por pastores vestidos de longas tunicas e turbante na cabeça, semelhando santos ou prophetas; creanças vêm seguindo-os, sustentando em seus braços infantis, cordeirinhos que beijam e affagam com ternura.

---

1 *Josuë*, XXI, 16.

2 *Jerem*, XXVI, 18.

As ruas de *Beït-Djibrin* são estreitas e feitas de lama secca; edificada sobre uma collina, d'entre as muitas que ondulam no valle, coberta toda d'oliveiras verdes, ella é bem um estabulo de muitos centenares de cabras negras, onde erra, esparso na atmosphera, um odôr são e forte de curral misturado com os perfumes das pastagens do valle. Encontra-se alli a vida pastoril, a vida biblica, em toda a sua simplicidade e em toda a sua grandeza.

Em *Beït-Djibrin* ainda se vêm os destroços da cathedral aonde officiaram os bispos Cruzados: columnas de marmore branco de capiteis corinthios jacentes sob a alta herva e uma nave, em completa ruina, aonde se abrigam os beduinos e as cabras, eis todos os seus vestigios!

*

* *

De *Beït-Djibrin* a *Brére* a jornada é de quatro horas, approximadamente. Estes trajectos fazem-se sempre á vista de collinas, torrentes, *ouélis*, cisternas, poços e ruinas que relembram, as mais das vezes, algum facto historico ou alguma scena biblica. Um bom *drogman* não se esquece nunca de fazer aos peregrinos a historia de tudo quanto vão observando.

Brére é, hoje, uma pequena povoação de mil e tantos musulmanos, ensombrada de formosas palmeiras, cercada de viçosos jardins, emmoldurados por altas sebes de cactos, regados todos de aguas abundantes. E' uma cidade typicamente oriental, com as suas casas baixas e mal construidas.

*

* *

De *Brére* a *Gaza* a viagem é de tres horas, approximadamente.

Em *Gaza* os viajantes que não queiram accommodar-se em tendas, pódem procurar hospitalidade, ou em casa dos missionarios latinos, ou nas casas particulares mediante *bakchiche*, ou nos *Khans*.

N'esta excursão, como de resto em todas pela Palestina, encontram-se duas particularidades dignas de nota: são os *Sabile* e os *Mechâdeh*. Estes são pequenos monticulos de terra que servem para indicar aos viajantes que está á vista um *ouéli*, isto é, um sanctuario musulmano.

Os *Sabile* são umas construcções pequenas, encerrando um recipiente, onde, todas as manhãs, vai uma pessoa encarregada d'este serviço; derramar agua fresca para uso dos viandantes.

Tambem, entre *Brére* e *Gaza*, para além do *ouâdy-Khéssi*, vê-se, hoje, um bello sycomoro, plantado, dizem, por uma dama musulmana, a fim de proporcionar ao viajante grata e benefica sombra. Chama-se áquelle sitio *Salakha*, nome que foi da caritativa senhora.

Gaza — a forte — conhecida, hoje, entre os arabes pelo nome de *Aazzah* e *Ghazeh*, é uma cidade toda cheia de recordações biblicas e historicas. O *Genesis* aponta-a como sendo o limite meridional do antigo territorio de Chanaan. [1] Ella é, indubitavelmente, uma das mais antigas cidades do mundo.

Hoje, *Gaza* é simplesmente uma cidade de 26:000 habitantes, entre mahometanos, judeus, gregos scismaticos, catholicos e protestantes. São elles, em geral, pacificos, bondosos e attenciosos para com os estrangeiros.

Gaza, a perola preciosa dos philisteus, sanctuario do deus Dagon e de todas as divindades do Nilo e dos arabes, o primeiro oasis do deserto e o ultimo jardim da Palestina, é um vergel em

---

1 *Gen.*, x, 19.

meio d'um areal; desde tempos immemoriaes ella é o ponto de reunião das caravanas que vão e vêm do Nilo e do Egypto, antes e depois de atravessarem as monotonas, arenosas e movediças solidões do *Etham* e *Pharaam*, do periodo terciario. Ella é a colmeia dos viajantes ; todos se reunem e levantam alli as suas tendas !

Sentada á beira mar, as ondas beijam-lhe eternamente e cariciosamente as praias alvejantes. Já teve um grande porto, hoje entulhado e inutil, por onde transitavam as mercadorias de todo o mundo. Agora, apenas, os seus habitantes, nos ardentes mezes da canicula, vão respirar a fresca briza da tarde á sombra das formosas palmeiras que orlam o Mediterraneo !

Mas os pombos ainda arrulham dôcemente por entre as fendas das suas derrocadas torres; os rouxinoes ainda cantam nos seus jardins, as brancas gazellas e as cabras de comprido pêllo ainda pastam nos seus prados.

A principal industria de *Gaza* é a fabricação de vasos de terra cozida, que se exportam para toda a Palestina e de lindos tecidos de lã e de algodão.

A cidade possue, tambem, um commercio muito movimentado. Os beduinos formigam pela cidade e em volta dos bazares, como em Jaffa e em Jérusalem. *Gaza* está cercada de deliciosas palmeiras que produzem tamaras deliciosas, figueiras, limoeiros, damasqueiros, amendoeiras, alfarrobeiras, sycomoros, macieiras e pereiras. As laranjeiras alli são raras.

A vinha é, tambem, cultivada em *Gaza*. Altas filas de espessos e carnosos cactos, fecham, em sebes, esses deliciosos vergeis e amenissimos jardins regados por abundantes mananciaes de aguas crystallinas.

Ainda hoje em *Gaza* se aponta, a pequena distancia da casa do cura latino, o emprazamento da casa, onde, segundo a tradição, a *Santa Familia* passara uma noite quando ia a caminho da terra

inclemente do Egypto. E' este um logar desprezivel, hoje.

A vinte e tantos minutos de *Gaza*, levanta-se o *Djebel-Mountar*. Foi alli que, segundo a tradição, Sansão depositou as duas portas de *Gaza* com suas trancas e fechaduras ! [1] Esta eminencia está, hoje, coberta de tumulos de beduinos.

*

* *

De *Gaza* póde ir-se para *Jaffa*, seguindo-se uma boa estrada de rodagem. A bom andar, sem descanço, a viagem é de doze horas. Muitos peregrinos que fazem estas viagens de circulação na Palestina, dirigem-se tambem directamente de *Gaza* a *Ramleh*, passando por *Ascalon*, *Asdoud* e *Jamnia*.

Esta viagem é de dois dias, incluindo o descanço necessario. Até *Ascalon* a viagem é de quatro horas, approximadamente, atravessando-se uma ponte de pedra, de tres arcos, lançada sobre o *ouddy Khéssi*.

Ascalon está, tambem, cheia de recordações. Ella foi a patria de Herodes o *Grande*, que alli nasceu no anno 70 antes de Jesus Christo.

Segundo a tradição, Semiramis, a fundadora do imperio Assyrio, nasceu alli. *Ascalon*, a segunda satrapia dos philisteus, era nomeada entre os antigos pela excellencia dos seus vinhos, pela belleza dos arvoredos que lhe refrescavam as campinas e pelos seus poços attribuidos a Isaac e Jacob.

Hoje, *Ascalon* não é mais do que um montão de destroços, por entre os quaes os beduinos cultivam algumas arvores fructiferas e a vinha, que ahi produz um vinho excellente.

---

1 *Juizes*, XVI, 3.

De *Ascalon* a *Asdoud* a jornada é de tres horas, mais ou menos.

Neste trajecto passa-se em *Madjale*, a antiga *Magdalgad* de que fala Josuë (xv, 37) pertencente, outr'ora, á tribu de Judá e sita na planicie de *Séphéla*. Hoje *Magdalgad* é, apenas, uma povoação musulmana de 2:000 habitantes. Canta, cheia de sorrisos, illuminada por um sol de oiro, a ode eterna da sua juventude, em meio dos deliciosos jardins e das esbeltas palmeiras que a cercam.

A' distancia de quarenta minutos, approximadamente, apparece, tambem, *Hhamâmeh*, aldeia musulmana, sorridente e feliz, na paz bucolica dos seus pomares adjacentes.

Asdoud, a antiga *Azot*, palavra que significa *poder*, *força*, está tambem cheia de recordações biblicas. [1]

Azot, a terceira cidade mais importante dos philisteus, celebre pelas suas searas e pelo seu templo de *Dagon*, situada n'uma elevação, abraçada e recingida de lindos vergeis e jardins deliciosos de flôres e de fructos, a oito milhas da beira mar, hoje, é uma povoação cheia de ruinas, de 4:000 habitantes, cercada de jardins fructiferos e altas palmeiras.

De *Asdoud* a *Jamnia*, a jornada é de tres horas, approximadamente, atravessando-se o *ouâdy Asdoud* por sobre uma ponte de pedra, formada em quatro arcos.

Jamnia, hoje *Jabneh*, está como todas as terras d'Israël, cheia, tambem, de recordações. Actualmente, é, apenas, uma pequena povoação, construida no declive d'um oiteiro.

Partindo-se de *Jabneh* para *Ramleh* atravessa-se o *Nahr-Roubine* — *rio de Ruben* — para chegar-se, a final, a *Ramleh*, á patria de José d'Arima-

1 *Josuë*, xi, 22, e xv, 47; *1.º Livr. dos Reis*, v, 7; *1.º Livr. dos Macch.*, v, 68.

théa, após tres horas de viagem, approximadamente.

*

* *

A viagem do monte *Carmello* a *Jaffa*, que póde fazer-se em dois dias, é de si não só muito interessante mas mesmo de muitas vantagens para os viajantes, que não encontrando vapor para embarcar em *Caïffa* quizerem vir embarcar a *Jaffa*, onde as partidas são tres por semana, ao passo que em *Caïffa*, ha, apenas, uma partida de quinze em quinze dias.

O alojamento durante a noite será em tendas, que será prudente nunca armar a muita distancia dos povoados. Em *Cesaréa*, póde encontrar-se hospitalidade nas proprias casas dos seus habitantes, mediante uma gratificação que póde regular de cinco francos diarios para uma pessoa só, nove para duas, doze para tres, vinte para cinco e vinte oito para sete. A casa do *cheikh* é a melhor em *Cesaréa*. Tambem ahi existe um *Khan*, nas margens do mar, perto do castello. A viagem de *Héfa* a *Jaffa*, póde fazer-se, tambem, em *char-à-bancs*. O preço d'um d'estes carros com quatro logares, é de cem francos para todo o trajecto. Neste caso não se passa por *Cesaréa*, mas sim por *Zamarina*, colonia judia. N'esta terra ha uma casa de hospitalidade contendo alguns leitos, commodos almadraques á disposição dos viajantes. Custa cada cama dois francos. Não dão ahi de comer; apenas vendem lá vinho e cerveja. E' preciso, pois, antes de partir-se de *Caïffa*, fazer as provisões necessarias.

A cavallo, a primeira jornada é a que vai do convento dos RR. PP. Carmelitas do monte Carmello até *Sarfand*, tres a quatro horas de caminho, mais ou menos.

Sarfand é uma pequena aldeia habitada por

trezentos musulmanos e construida sobre uma collina penhascosa.

De *Sarfand* a *Cesaréa*, vão-se tres horas de viagem, mais ou menos, passando-se pelas celebres ruinas de *Athlit*, — o *Castello dos Peregrinos* e por *Tantoura*, antiga cidade cananéa, que, com os seus arredores, constituia um reino. [1] Está esta terra cheia de recordações biblicas. Sob o nome de *Dôr* allude a ella a Sagrada Escriptura. [2] Nos tempos de S. Jeronymo, esta cidade estava deserta. [3] O illustre Padre e doutor da Igreja diz, ainda, que Santa Paula, a piedosa dama romana, admirara as ruinas de Dora. [4] *Dôr*, ou *Dora*, hoje *Tantoura*, é uma aldeia de 1:500 habitantes, todos musulmanos. As suas mesmas ruinas téem desapparecido! As excavações abertas no solo por todos os lados demonstram exuberantemente haver-se arrancado até aos fundamentos toda a cidade primitiva !

No trajecto de *Sarfand* a *Cesaréa* alonga-se, quasi ao chegar ao *Nahr ez-Zerka*, uma planicie pantanosa onde pastam bufalos.

O *Nahr ez-Zerka* está povoado de crocodilos. Herodes o *Grande* fez conduzir a *Cesaréa* as aguas d'esta torrente por sobre um aqueducto cujas ruinas se vêem ainda.

Cesaréa de Palestina — *Kaissârieh*, hoje, — nobre cidade historica fundada por Herodes o *Grande*, [5] cheia toda de recordações evangelicas [6] é, hoje, uma pequena cidade musulmana sem importancia, coberta de ruinas herodianas, cuja vi-

---

1 *Josuë*, xi, 2.

2 *Josuë*, xii, 23.

3 *Onomasticon*, palavra Dornaphet, n.º 198.

4 *Epist.*, lxxxvi.

5 *Flav. Joseph. Ant.*, l. xv, 13.

6 *Actos*, x, 1, xxi, 8 e xii, 19.

sita é perigosa, por causa das muitas covas abertas no solo para a extracção dos materiaes antigos, covas em parte encobertas pelas hervas selvagens.

De *Cesaréa*, transpondo-se os *Nahrs el Akhdar*, *Abou Zabourah* e *Falaik* e passando-se por *Arzouf*, vai-se a *Sidi-Aaly ibn-Aleim*, em seis horas, mais ou menos, e d'ahi a Jaffa em tres horas e meia, depois de transposto o *Kalat Ras el-Aïn*, sempre atravez da planicie de Saron. Na aldeia de *Sidi-Aaly ibn-Aleim*, vai procurar-se hospitalidade ao *Hharame* — (nobre mesquita) — *Sidi-Aaly*, estabelecimento mahometano, onde se recebem todos os viajantes de bom grado, fornecendo-lhes agua a administração.

O *Hharame Sidi Aaly*, domina o mar, collocado no alto d'uma pequena collina e está muito decentemente conservado, não lhe faltando piedosos legados musulmanos. E' no seu interior que se guardam os restos de *Sidi-Aaly ibn-Aleim*, celebre *derviche* muito em veneração entre os musulmanos.

XIII

EMMAÜS [1] OU EL-KUBEIBÉH

Estamos na tarde da Resurreição do Salvador.
No Evangelho de S. Lucas [2] lê-se este facto:
Iam dois Discipulos a caminho d'uma aldeia chamada *Emmaüs*, a sessenta estadios de Jerusalem.

Pelo caminho, fallavam de tudo quanto se havia passado n'aquelles ultimos dias em Jerusalem, com relação ao Messias.

Quando caminhavam, conversando, surge-lhes, de subito, um outro viandante que se approximou d'elles:

— De que fallaes assim, tão tristes, caminhando ? — lhes disse.

Um d'elles, chamado Cleophas, respondeu-lhe:

— Sois vós tão estranho a Jérusalem que não saibaes o que se passou n'estes dias ?

O estranho viandante fingiu ignorar tudo, de proposito:

— O que? — disse-lhes.

— Não sabes — lhe retornaram — que Jesus de

---

1 Emmaüs quer dizer *Conselho temeroso* — *Timiens consilium*, diz o illustre Vieira. — *Sermões*, vol. 5.º, pag. 299, 1.ª edic.

2 XXIV, 13 e seg.

Názareth, propheta poderoso em obras e em palavras perante Deus e perante o pòvo, foi preso pelos Principes dos Sacerdotes e entregue para ser crucificado? Esperamos que era aquelle que deveria libertar Israël, e esperando, ha tres dias que tudo isto se passou!

— E' verdade — accrescentou Cleophas — que algumas mulheres fôram, antes da aurora, ao Sepulchro e não acharam o seu corpo e vieram dizer-nos que lhes appareceram anjos, affirmando-lhes que Elle tinha resuscitado! Alguns dos nossos, do numero d'aquelles que eram seus amigos e criam n'Elle, fôram, com effeito, ao Sepulchro; encontraram todas as coisas como as mulheres o tinham dito, mas não o encontraram a Elle!

Então, o estranho peregrino disse-lhes:

— O' insensatos e de coração lento em crêr tudo o que os Prophetas disseram! Não era preciso que o Christo soffresse estas coisas e assim entrasse na sua gloria?

E, percorrendo todos os Prophetas, a começar em Moysés, interpretou-lhes tudo quanto dizia respeito ao Christo em todas as Escripturas.

Ao chegarem a *Emmaüs*, o peregrino adventicio fingiu proseguir no seu caminho. Os dois viandantes, presos a elle por uma força secreta, instaram-lhe para que parasse:

— Ficae comnosco — lhe disseram — é tarde e o sol já declina!

O peregrino mysterioso acceitou a sua hospitalidade. Quando estavam á mesa, elle, o desconhecido viandante, tomou um pedaço de pão, deu graças, segundo o uso, partiu-o e apresentou-lh'o!

Era assim que elles, discipulos de Jesus, haviam visto fazer ao Mestre!

Então, os olhos abriram-se-lhes, e, como lhes cahisse todo o véu do mysterio, reconheceram Jesus! Mas, logo, elle desappareceu, rapido, da sua vista!»

Onde está sita, hoje, a *Emmaüs* do Evangelho? Eis aqui um ponto de controversia. [1] Eu visitei no *Paiz de Christo*, a Noroeste de Jerusalem e á distancia, approximadamente, segundo calculei, de duas leguas d'esta cidade, após duas horas e meia de viagem atravez dos montes judaicos, uma aldeia miseravel, chamada, hoje, pelos Arabes *El-Kubeibeh*, e que representa, dizem as mais auctorizadas opiniões, a antiga *Emmaüs*, a patria de *S. Cléophas*.

Havendo eu sahido de Jérusalem na companhia do estimavel *drogman* Victor Marroüm, ambos ao chouto de dois jumentinhos, pela porta de *Jaffa—(Bab-el-Khalil)*—saudando logo, ao fim de quatro minutos de distancia, se tanto, pela direita, a primeira *torre de vigia*, a seguir o grande *estabelecimento russo* — algum tanto adeante, *a segunda torre* e o hospital municipal dirigido pelas *Irmãs de S. Vicente de Paulo* — passando além da bella estrada que, pela esquerda, conduz a *S. João da Montanha*, a vinte minutos de marcha, approximadamente, de *Nébi-Samouïl*, [2] atravessando

---

1 Havia mais duas *Emmaüs*, na Judéa. A *Emmaüs*, chamada *Nicopolis*, no caminho de *Jaffa*, a oeste de *Nobe* e uma outra a oeste de *Bethléhem*. Alguns eruditos palestinologos discutem a verdadeira posição da *Emmaüs* evangelica. Uns pronunciam-se por *Nicopolis*, argumentando com o testemunho de S. Jeronymo e Eusebio de Cesaréa; outros ainda a identificam com *Abou Gosch*, outros com *Kolonieh*. A opinião porém mais geralmente seguida pronuncia-se por *Koubeibeh*.

2 Em *Nebi-Samouïl* passa uma antiga estrada que de *Jaffa* vai a *Jérusalem* por *Ramleh*. *Nobé* e *Emmaüs*. Era este o caminho seguido pela maioria dos peregrinos, que, na Edade Media, vinham de *Jaffa* a *Jérusalem*.

Chegados a este ponto culminante, elles avistavam já as muralhas da *Cidade Santa*, e era então, que, repassados da mais nobre e effusiva alegria, entoavam o cantico da *Magnificat!* Foi por isto que este monte foi tambem chamado *monte d'alegria*.

aldeias arabes, e descendo atalhos pedregosos e difficeis por entre os montes judaicos — atravessando a torrente do *Terebyntho*, n'este ponto chamada pelos indigenas *Ouâdy Beït Hhanîna* — encontrando, logo, a pouca distancia, a fonte *Aïn-Beït-Houlmeh*, onde se ganha uma indulgencia

---

N'este logar existe uma mesquita que marca, dizem, o tumulo de *Samuël!* Em verdade, mediante um *bakchiche*, póde entrar-se na mesquita para vêr-se ahi um cenotaphio de madeira, coberto com um tapete que apontam como cobrindo o logar do tumulo do ultimo *Juiz d'Israël!*

A mesquita está coroada por um minarete d'onde se gosa um panorama soberbo. Eu subi lá, na companhia do meu *drogman*, no nosso regresso de *Emmaüs*.

Para os lados de Leste vêem-se *Er-Ram*, sobre uma eminencia, *Beït-Hhanîna*, n'um pequeno monticulo, *Chafâte*, n'um ponto culminante e as alturas desertas de *Tall-el-Foul* e *Tall-es-Sôma*.

Lá está *Jérusalem*, a pequena distancia, fechada pelo monte das *Oliveiras* e lá estão ao longe, fechando o horizonte, as montanhas de *Moab*.

Ao Sul, lá se avistam, tambem, a torre de *el-Bordj*, a aldeia de *Liftah*, sobre a vertente d'uma montanha, e, mais para além ainda, o convento de *Santo Elias — (Mar Elias)* — o *monte dos Francos, Bethléem, Beïth-Ilksa* e *S. João da Montanha!*

Ao Sudoeste, lá se descobrem *Kastoul* e *Soba*, sobre pontos culminantes, *Beït-Sourîk*, n'uma eminencia e *Biddou* na encosta d'uma montanha. Para as bandas do Oeste lá se avistam *Lydda*, *Ramleh* e a florida planicie de *Sephéla*. A vista, n'esta direcção, mergulha-se até *Jaffa* e até ás profundezas luminosas do Mediterraneo, fechando o horizonte, e onde se fundem, n'um conjuncto vago, as aguas e o firmamento!

Ao Noroeste avista-se *Abou-Zeïtoun*, que é um *Ouéli*, coroando uma eminencia; ao Norte, por ultimo, deletreiam-se á vista, sobre eminencias, as aldeias de *Beït-Ounia*, *Ramallah* e *d'El-Gib*, *Raphâte* e *Jedîreh*, *Bir-Nabâlah*, na vertente d'uma montanha, *El-Bireh*, sobre um ponto culminante, e, finalmente, *Moukhmase*, a antiga *Machmas*, egualmente sobre uma pequena elevação.

parcial, por ser junto d'ella, segundo a tradição, que o Divino Salvador resuscitado se juntara aos dois Discipulos que iam para *Emmaüs* — circuitando, depois, por entre os flancos de duas altas montanhas cobertas de arvores e de vinhas — caminhando, em seguida, algum tempo por sobre o leito da torrente do *Terebyntho*, coberto de seixos rolantes, que, n'esta parte, serve de via — saudando, depois, algum tanto adeante, pela esquerda, sobre a encosta da montanha, as ruinas chamadas *Losa*, da antiga *Baalhasor*, cidade da tribu d'Ephraïm, onde Absalão fez morrer n'um festim seu irmão *Amnon*, para vingar o crime brutal por elle commettido contra sua irmã *Thamar* [1] — passando além, a pouca distancia, ainda, da fonte *Aïn-Beït-Sourik*, manancial de boa agua e da aldeia chamada *Beït-Sourîk* [2] — passando alguns atalhos mais que me conduziram á pequena aldeia chamada pelos indigenas *Biddou* — cheguei, finalmente, ao local, onde, outr'ora, estava sita *Emmaüs*. D'ahi ao convento franciscano, póde chegar-se em dez minutos.

Alli fui eu cordealmente recebido depois de ter apresentado o bilhete de peregrino que me havia sido entregue em Jerusalem, no Secretariado do convento de *S. Salvador*.

Emmaüs não é, hoje, mais do que uma miseravel aldeia de vinte casas, se tanto, habitada por *fellahs*, e occupando a eminencia d'uma collina, n'uma posição graciosa e ridente.

Ruinas esparsas sobre o solo attestam, ainda, a importancia, outr'ora, d'aquella terra! Os pere-

---

1 *2.º Livr. dos Reis.* XIII, 29.

2 Esta é, provavelmente, a antiga *Bethcar*, até onde Samuël, á frente do povo de Deus, perseguiu os Philisteus inimigos. *(1.º Livr. dos Reis*, VII, 11) *Beït-Sourik* possuia, no tempo dos Cruzados, um convento, uma igreja e um hospital.

grinos, além da igreja do convento franciscano, pódem visitar, hoje, em *El-Kubeibeh* as ruinas da igreja de *Emmaüs*, sitas entre a aldeia e o mosteiro dos *Padres da Terra Santa*, ruinas que occupam o emprazamento da antiga casa de *Cléophas*, dizem.

Ganha-se alli uma indulgencia plenaria.[1]

---

1 Já depois da minha segunda visita ao *Paiz de Christo* foi solemnemente inaugurada a basilica de Emdsaüs. A Associação Catholica Allemã da Terra Santa, omsue uma graciosa *Villa* em Emmaüs, cujos jardins amenissimos encantam a vista pela sua frescura nos dias ardentes do estio.

XIV

PARTIDA DE JÉRUSALEM

A caminho da patria

Nihil dulcius patria.

O venerando Fr. Philippe, Superior da *Casa Nova*, perguntara-me, na tarde de domingo de *Ramos:*

— Sempre é certo, então, meu caro padre, que partis de Jerusalem esta semana ?

Ao que eu respondi ser impreterivelmente forçado a partir pelas exigencias da Companhia Hamburgueza de paquetes entre Moçambique e Portugal, que, apenas, validara o meu bilhete de passagem para o Reino até aos fins do mez de Abril. E o ultimo paquete do mez, o *Kaizer*, deveria passar em *Port-Saïd* dentro em poucos dias.

— Pois, então, concluiu o venerando velho, ficaes convidado para uma festa intima, que, n'esta casa, ha de solemnizar-se em vossa honra, antes da vossa partida !

Fiquei surpreso.

Que galanteria era essa do bom padre Philippe? Estaria elle gracejando ?

Mas, logo lhe perguntei:

— Quando, meu padre, projectaes solemnizar a festa da minha despedida ?

— Hoje, á noite, depois do jantar, pois que vos retiraes ámanhã de manhã — me replicou.

Após a minha assistencia á festa dos *Ramos*, na igreja do *Santo Sepulchro*, voltara eu á *Casa Nova*, onde, depois de almoçar, tratei de preparar

a minha mala para a minha retirada da *Terra Santa.*

Ah ! com que custo, com que reluctancia eu me entregava, agora, a este serviço !

Mas era forçoso que eu partisse e eu tinha que me resignar !

Depois de preparada e posta em ordem a minha mala, sentei-me na *chaise-longue* do meu quarto, e, insensivelmente, deixei-me adormecer.

Invadiu-me um somno profundo, lethargico, apathico, cataleptico.

Foi d'esta modorra que o excellente padre Philippe veiu acordar-me com o seu convite.

Aquella era a ultima tarde que eu passaria em Jerusalem ! Esta idéa, esta lembrança só do meu apartamento perpetuo da Cidade Santa, torturava-me !

Depois que o padre Philippe se retirou, eu permaneci por algum tempo, ainda, como que anesthezia do, immovel e mudo.

A luz cruel do sol entrava no meu quarto, dôce, discreta e familiar, coada e tamizada dôcemente atravez dos cortinados e stores ligeiros e aereos de escomilha e de seda que guarneciam as janellas, poeirando de esmaltes rutilos, vivos e alegres, o tapete de grandes ramagens que forrava o soalho, e todos os objectos circumdantes.

Feridas pela luz solar, as janellas ardiam como se fôssem um brazeiro de pedrarias.

As moscas garatujavam no ar, zinindo. A tarde ia-se approximando do seu termo, n'um dôce esmaiar de luz, repoisado e branco.

Era chegada a hora de, pela ultima vez, eu ir ajoelhar-me junto do *Santo Sepulchro* de Christo, e collar, no marmore frio que o guarda, os meus labios, palpitantes d'amôr e de fé !

Sahindo da *Casa Nova*, ainda com algumas braçadas de sol, eu dirigi-me para a igreja do *Santo Sepulchro*, pois que a mim mesmo eu havia promettido fazer a minha partida derradeira de Jérusalem, daquelle amado *Logar.*

Voltaria ainda á *Casa Nova*, mas para nada vêr já!

Tudo estava acabado, agora, para mim! Estava finda a minha peregrinação espiritual aos *Logares Santos*, á santa Palestina, á illustre terra que fôra theatro da grande obra messianica e redemptora de Christo!

Estavam satisfeitos todos os mais ardentes anhelos da minha alma! Eu tinha gosado já a mais dôce das consolações a que poderia aspirar na terra o meu coração!

Quando cheguei ao templo do *Santo Sepulchro*, encontrei quasi deserta a pequena praça que lhe está fronteira. Apenas alguns turcos e armenios exhibiam alli á venda objectos religiosos e photographias da cidade.

Alguns padres gregos scismaticos do vizinho mosteiro annexo ao templo do *Santo Sepulchro*, passeavam tambem alli, bem caracterisados pelo seu habito negro e alto chapeu cylindrico.

Entrei. Os janizaros musulmanos que guardam o vestibulo do templo, fumando nos seus *narguïlehs*, deitados, apathicos e sonhadores, em *divans*, olhando em extasis o fogareiro onde fervia o café, saudaram-me, correspondendo-me! [1]

Quasi logo me ajoelhei, beijando a *Sagrada Pedra da Uncção*, que é a mesma sobre a qual José de Arimathéa e Nicodemus depuzeram o corpo do Senhor morto, para o envolverem em linhos perfumados e embalsamarem com uma

---

[1] Estes guardas são muitos tolerantes. Elles costumam dirigir-se aos peregrinos, pedindo-lhes *bachchiches*. Se, porém, não fôrem attendidos, não se agastam.

O privilegio de guardar a porta do *Santo Sepulchro*, com direito de a abrir e fechar, succede-se de pae a filho em duas familias jorosolymitanas. Dos guardas um tem a posse da cháve, outro o privilegio d'abrir. De fórma que é necessario que os dois se encontrem para que a porta possa ser aberta.

composição de myrrha e aloës, segundo o uso judaico. [1]

Alguns candelabros de bronze, allumiam perpetuamente a *Sagrada Pedra*. [2]

---

1 *João*, XIX, 40.

2 Esta veneranda *Pedra*, que tem annexa uma indulgencia plenaria, pertence em commum aos Latinos, Gregos, Armenios e Cophtas, que continuamente alimentam sobre ella, com excepção dos Cophtas, oito alampadas accesas. Todas as tardes do anno, pelas quatro horas, os *Franciscanos* fazem na igreja do *Santo Sepulchro* uma procissão solemne em que visitam todos os *Santos Logares* que ahi se veneram. Eu pude encorporar-me n'esta procissão no sabbado que antecedeu o domingo de *Ramos* do anno em que estive em Jérusalem. Estas cerimonias dos monges latinos effectuadas todos os dias no *Santo Sepulcro* eram outr'ora muito faustosas. *Maundrell* faz d'ellas larga descripção.

Em dias solemnes, quando o clero latino vem celebrar os *Officios Divinos* na Basilica, detem-se por momentos em frente á *Pedra da Uncção*, e ahi, o mais distincto pela sua dignidade offerece incenso em recordação do embalsamento do Corpo sacratissimo de Jesus Christo por José de Arimathéa e Nicodemus. Os peregrinos costumam, ao entrarem na basilica, ajoelhar-se em frente á sagrada *Pedra* e beijal-a seguidamente. A sagrada *Pedra* já tinha sido coberta por Santa Helena com um bello mosaico a fim de a preservar da devoção indiscreta dos fieis. Na reconstrucção da basilica feita por *Modesto*, e na segunda por *Constantino Monomaco*, o sanctuario da *Uncção* ficou de fóra do templo n'um pequeno oratorio isolado. Foram os *Cruzados* quem o encerraram a dentro da basilica. Quando os *Franciscanos* tomaram posse official do *Santo Sepulchro*, a pedra da *Uncção* ainda estava resguardada pelo primitivo mosaico. Hoje, após varias vicissitudes, a sagrada *Pedra* está resguardada por uma pedra do paiz, de côr vermelha e de fórma rectangular.

A doze metros de distancia da *Sagrada Pedra da Uncção*, approximadamente, aponta-se, ainda hoje, o *Logar* onde estavam as tres *Marias*, emquanto José e Nicodemus embalsamavam o Senhor. E' este *Logar* marcado por uma pedra circular, collocada perto da escada-

A grande e magestosa cupula do templo levantava-se, agora, por cima da minha cabeça!

A luz victoriosa e alacre, doirada e quente, do sol da tarde, cahindo das suas altas janellas, regrava e inundava todo o seu enorme bojo, ensanguentando-o de golpeaduras aurifoscadas, de estriamentos fulvos!

D'alli subi ao *Calvario*. [1] A pequena eminencia aguarda-se a dentro do templo magestoso.

Pouca gente estava alli, áquella hora.

Eu ajoelhei-me no seu pavimento de marmore, por sobre o qual incidiam, estirando-se em cruas refulgencias de rubi, as luzes polychromas das alampadas pendentes do tecto, urdido de nervuras, azul e sorridente como o céu, todo rutilante e hyssopado de prateadas estrellas, e recamos de oiro!

Em frente estava o altar da *Crucifixão*, completamente adornado de cambraias de finissimos recortes e de cabazes de flôres de olorosa e suavissima fragrancia, collocados alli pelos gregos scismaticos que o possuem.

Ao lado, o altar da *Dolorosa*, do *Stabat Mater* ou da *Compaixão*, rebrilhava, nimbado de luz sideral, scintillante de lhamas e resplandecente de lumes que alli haviam collocado os latinos que o guardam.

---

ria que conduz á capella ***Armenia.*** Ganha-se ahi uma indulgencia parcial.

E' muito perto d'ahi, a seis metros ao Norte, que se entra na ***Rotunda.*** Destruida pelo incendio de 1808, a ***Rotunda*** e a ***Cupula*** do ***Santo Sepulchro.*** fôram reconstruidas em 1869 a expensas communs da França, da Russia e do governo da ***Sublime Porta*** A ***Rotunda*** actual, está formada por sobre dezoito pilares massiços, sustentando duas galerias sobrepostas de dezoito arcadas cada uma. Corôa-a uma cupùla ornada de pinturas a ***fresco*** e arabescos.

[1] Para subir-se ao Calvario, ha mister remontar-se uma escadaria de dezoito degraus.

A imagem da *Senhora*, d'um córte sobrio e gracioso, d'uma mystica candura e d'uma pulchra e lidima belleza ascetica, deixando entrever nas faces liliaes a consumpção dos seus dolentes martyrios, guardada a dentro do sanctuario do altar, representada, em toda a soberana esbelteza da sua physionomia divina, com o seu divino coração todo embrechado de pedrarias luzentes e trespassado por sete espadas penetrantes, infundia n'alma dôce commoção de sentimento religioso!

Os seus olhos ambarinos, d'uma esvaecida pallidez eburnea, crepuscular, reflectiam a pureza dos lyrios abertos atravez da densa cerração de lagrimas de que estavam crystallizados; claros, transparentes e profundos, reverberados pelas luzes dos tocheiros d'oiro lateraes, fulgiam como estrellas radiantes, como lucidas perolas, como gemmas preciosas!

A setinea flôr do seu rosto, d'uma doçura ternissima de soffrimento resignado, banhava-se toda n'uma onda de frescura de jardim!

A sua fronte augusta cingida de cecens virginaes, aureolada de nimbos iriados e de resplendores estellares, fulgurava nitentemente como um grande astro deslumbrante!

O infinito sol da graça parecia reverberar-se ineffavelmente, crystallinamente, com todos os seus raios, na fina cutis alvinitente do seu rosto transfigurado e como que enlevado n'um deliquio d'amor divino!

Divina, mesta Virgem Mãe das amarguras, beldade soberana, iris da paz, numen desvelado de todos os corações repungidos, espelho clarissimo onde se reflectem todas as infinitas perfeições do Creador, candida cecem, lyrio alvissimo de Saron, eburnea flôr da Galiléa, adeus!

Se eu pudesse prender, agora, das tuas mãos sagradas, fios de perolas de Ceylão, verter por sobre os teus pés divinos as mais finas essencias

da natureza, entoar em tua honra uma symphonia de jubilosos hymnos, ennastrando todas as flôres que hão brotado em teu louvor na imaginação de todos os poetas christãos teus devotos e enfeixando todas as idéas que se hão desprendido da mente de todos os philosophos catholicos teus panegyristas; offerecer-te, para afestoarem o teu altar, as mais odoriferas flôres de chá dos jardins do *Filho do Sol*, os mais olorosos jasmins do *Cabo*, as mais viçosas tulipas de *Harlem*, os mais fragrantes nenúphares do rio *Amarello*, as mais balsamicas peonias do *Yung-Fran* e as mais aromaticas rosas dos canteiros d'*Alexandria*, ah! com certeza, que, todas estas offerendas te não seriam tão agradaveis, ainda, como aquella consagração d'amôr e veneração eterna que então te prestei e te jurei...

Jesus estava, em frente, pregado na cruz do seu martyrio! Visto, áquella hora, a contemplação do seu corpo chagado, ainda na frescura viçosa de todos os exulcerantes e crudelissimos flagicios da sua paixão dolorida, arrancava aos olhos as mais sentidas lagrimas!

Áquella luz moribunda do crepusculo, as gottas de sangue que desfiavam das suas chagas abertas e dos seus pés lacerados, semelhavam-se a rubis!

Os seus olhos purissimos, afogados em mares de lagrimas, e as suas faces purpureas, desbotadas, agora, penumbradas, na pallidez da morte, auroravam-se, illuminadas e ensanguentadas pelos reverberos dos pingentes do immenso candelabro d'oiro, suspenso ao centro da capella!

Eu desci do *Calvario*, depois de haver impresso no seu pavimento um osculo de pungentissima despedida, e haver saudado, pela ultima vez, os illustres paladinos das Cruzadas, os pugnacissimos heroes guerreiros, *Baduino* e *Godofredo de Bulhão*, vindos á Palestina a espostejar, floreando o montante; mós de turcos, e, agora, adormecidos

ahi para sempre, em seus tumulos de marmore! [1]

---

1 Na sacristia dos padres franciscanos da igreja do *Santo Sepulchro*, guardam-se, ainda, as esporas e a espada, que foram do glorioso paladino das Cruzadas, Godofredo de Bulhão. Está esta enferrujada, mostrando, ainda, o guarda-mão doirado. Tem ella um metro de comprimento, a fórma de cruz, e, ainda hoje, é empregada no cerimonial com que se armam os cavalleiros do *Santo Sepulchro*. Descendo-se a escadaria do *Calvario*, vê-se, ainda, o emprazamento dos moimentos funebres dos reis latinos de Jérusalem. Estes bellos monumentos de marmore branco, sempre respeitados pelos musulmanos, foram demolidos em 1803 pelos gregos scismaticos.

Actualmente, apenas, dois gradis chumbados ao muro exterior dos gregos, a quatro metros, mais ou menos, da sagrada *Pedra da Uncção*, marcam e indicam o local d'esses venerandos monumentos! A' esquerda e a dois passos penetra-se na capella de *Adão*, outr'ora uma gruta, d'origem desconhecida. Esta capella foi em 1808 prolongada pelos gregos scismaticos.

Hoje a capella de *Adão*, cujo nome lhe provém de, segundo a tradição, ter sido alli sepultado o pae do genero humano, é, apenas, uma estreita e sombria abobada, sita sob o proprio Calvario. Outr'ora ella encerrou despojos mortaes de muitas illustres personagens, e entre ellas os dos dois primeiros reis latinos de Jérusalem. Ganha-se alli uma indulgencia parcial. Avançando-se para o interior, vê-se uma porta aberta na parede sul, que dá ingresso para uma sala de recepção dos gregos scismaticos. Muito perto d'esta, nota-se o emprazamento do *Tumulo de Melchisedech*, que é, segundo a tradição, o mesmo que *Sem*, filho de Noé. O logar veneravel está occupado, hoje, por um armario dos gregos. A meio do muro da parede oriental, vê-se uma excavação fechada por uma grade que marca o *Logar onde foi deposto o craneo d'Adão*. Segundo a tradição, Noé recolheu religiosamente na *Arca* os restos mortaes do primeiro homem. Foi seu filho *Melchisedech* quem, vindo fundar *Salem*, os depositou n'esta excavação. Quando Jesus Christo exhalou o ultimo suspiro, a fenda do Calvario, occasionada pelo tremor de terra que então occorreu, estendeu-se até áquella

Depois, circuitei o templo, sob as suas altas naves, visitando e despedindo-me de todos os sagrados *Logares* que marcam os *Passos* da Paixão do Senhor.

Orei fervorosamente em frente do altar da *Columna dos Improperios*, [1] orei na capella de *Santa Helena*, [2] na capella da *Invenção da Santa*

---

excavação, sendo por ella que o sangue do *Messias* correu por sobre a cabeça do primeiro homem culpado! Esta tradição tão extraordinaria é apoiada por auctoridades conspicuas, como Origenes, Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Bazilio, *etc.* E é esta a razão ainda do costume de collocar-se um craneo por debaixo da imagem de Jesus crucificado. A excavação é assaz grande e profunda. De resto, a fenda do rochedo do Calvario que até alli chegou, vê-se, ainda, perfeitamente atravez da grade de ferro, como eu tive occasião de observar. O auctor do *Devoto Peregrino* e *Viagem á Terra Santa*, que já tenho citado n'este livro, affirma que têm sido lançadas já cordas para medir a profundidade da fenda do rochedo do Calvario, não tendo sido possivel chegar-lhe ao fim, de fórma que é crivel chegar ella até ás profundezas do inferno! Pag. 228.

1 N'esta capella, construida em fórma de abside e pertencente aos gregos scismaticos, guarda-se a columna de granito vermelho, de meio metro de altura, trazida do *Pretorio*, sobre a qual esteve assentado Jesus emquanto os judeus o ultrajavam e coroavam de espinhos. (*Matt.*, XXVII) Ganha-se alli uma indulgencia parcial. Dois metros adeante, vê-se, pela esquerda, uma escadaria de tres degraus que conduz ao refeitorio dos gregos.

2 Esta capella, aberta em parte na rocha e á qual se desce por uma larga escada de vinte e nove degraus, marca o Logar onde a illustre Imperatriz se achava, emquanto se faziam excavações em procura da Santa Cruz. Ella está decorada de alampadas e tem dois altares, sendo o principal dedicado a Santa Helena. Esta capella pertence aos *Armenios* que téem, hoje, transformada em dormitorio para os seus, a tribuna que ladeia a escadaria d'ambos os lados! Ganha-se alli uma indulgencia plenaria.

Cruz, [1] na capella do *Carcere*, [2] na capella grega de *S. Longino*, na capella armenia da *Divisão das Vestes do Senhor*, [3] e na capella latina da sua *Apparição* gloriosa á Magdalena!

N'esta capella, [4] que serve de côro aos Franciscanos, e onde, da parte de manhã, eu estivera já na cerimonia do beija-mão do venerando Patriarcha Jerosolymitano, após a festa dos Ramos, existem tres altares. N'um d'elles, que é o principal, todo entapetado de vermelho, guarda-se,

---

1 Pertence esta capella aos Latinos. Desce-se a ella da de *Santa Helena*, por uma outra escadaria de quinze degraus. Ganha-se alli uma indulgencia plenaria. Os Franciscanos celebram diariamente Missa n'esta capella que é quasi toda aberta na rocha viva e allumiada por escassa claridade. Apenas ardem alli continuamente algumas alampadas. A tres de maio de cada anno, festa da *Invenção da Santa Cruz*, é a capella magnificamente adornada.

2 Esta capella, verdadeiro ergastulo, soturno e tenebroso, marca o *Logar* onde esteve encerrado o Senhor, durante os preparativos da *Crucifixão*. Pertence ella aos gregos scismaticos que alli mantéem uma alampada accêsa. Ganha-se lá uma indulgencia parcial.

3 N'esta capella que marca o *Logar* onde os soldados partilharam entre si as Vestes do Salvador do mundo (*João*, XIX), assim como na de *S. Longino*, ganha-se uma indulgencia parcial. *Longino* é o soldado romano que trespassou com uma lança o sagrado peito do Salvador. (*João*, XIX, 34.)

4 Esta capella, pertence toda aos Latinos. Deante do altar dedicado a *Santa Maria Magdalena*, mostra-se o *Logar* onde se conservava em pé o Salvador resuscitado. (*João*, XX) Ganha-se alli uma indulgencia parcial. Uma rosacea no pavimento marca o veneravel *Logar*. Propriamente d'esta capella é que se sobe por quatro degraus até á capella que serve de côro aos Franciscanos, onde elles, noite e dia, celebram os Officios divinos, e que é conhecida pelo nome de *Capella da Apparição do Senhor a sua Santa Mãe*. N'esta ganha-se uma indulgencia plenaria.

n'um vaso d'oiro, o SS. Sacramento. Este é o altar da *Virgem*, que perpetúa a memoria do apparecimento de Jesus resuscitado á sua divina Mãe.

No outro, que é o que se encontra logo á entrada, pela direita, conserva-se um pedaço da columna da *Flagellação* do Senhor, no Pretorio. [1] Ganha-se n'este altar uma indulgencia plenaria. [2]

Eu chegara, finalmente, atravessada a pequenina capella do *Anjo*, ao *Santo Sepulchro* de Christo, o *Santo dos Santos*, da nova alliança, o mais veneravel e santo de todos os *Logares* da terra. *Non est in toto sanctior orbe locus.* Era aquella a ultima vez que eu alli entraria!

Estava eu, agora, de joelhos, na sua frente!

Uma immensa e indefinivel impressão moral dominava-me, áquelle instante!

Em volta, sentia-se o perfume acre e cariciante das grandes flôres dos jarrões, que adornavam o divino monumento.

As luzes vivas das alampadas pendentes matizavam de reflexos d'oiro as paredes do pequenino recinto, engastadas de finissimos marmores. [3]

---

1 Esta columna é de porphyro, e poderá ter setenta e cinco centimetros d'altura. Todos os annos, em quarta-feira da Semana Santa, está ella exposta á veneração e aos beijos dos fieis. Em meio do gradil de ferro que encerra a sagrada *Columna*, existe um buraco e n'elle um bordão que os peregrinos empregam para tocar na *Columna*, osculando-o em seguida!

2 O terceiro altar é chamado das *Reliquias*. E' o que está ao lado do Evangelho. Tem esse nome porque n'elle se guardou um pedaço do *Santo Lenho*, roubado mais tarde pelos armenios scismaticos. Hoje, este altar está dedicado ao glorioso *Santo Antonio de Lisboa.*

3 Em frente ao *Santo Tumulo* de Christo ardem continuamente quarenta e tres alampadas, treze das quaes pertencem aos Franciscanos.

Os olhos exsolveram-se-me alli em lagrimas; com o peito oppresso e a fronte curva, eu collei silenciosamente os meus labios tremulos na pedra fria do sagrado *Sepulchro!*

Estive, depois, assim, por largo tempo.

Que fazia eu? Orava. Estranhas reflexões arrastavam o meu espirito para uma região superior á terra. Sim, eu orava.

Orava ao céu, ao Eterno Senhor e Pae, que alli estivera tumulado um dia, na sagrada quietude d'aquelle sarcophago, olhasse misericordioso e compassivo para mim; orava por meu pae, por minha mãe, por meus irmãos, que de muito longe, lá na patria amada, oravam certamente tambem por mim; orava por todos os que vivem e por todos os que já morreram; orava por todos os homens, pedindo a Deus désse a todos o pão da sua fé e a graça do seu amôr, para que todos o conhecessem e conhecendo-o o amassem e amando-o alcançassem um dia a corôa da vida no reino da eterna paz, no goso da sua gloria eterna; orava por todos os entes que tenho conhecido, que tenho amado e por quem tenho sido amado; orava por todos os meus inimigos; orava por mim em derradeiro, supplicando ao Eterno Senhor e Pae, n'uma ardente e fervida prece, volvesse para mim a infinita clemencia do seu olhar e me enchesse de intelligencia, de fervôr e de verdade, para que eu pudesse, em todos os dias da minha vida e em meio de todas as refregas da minha existencia, cantar as suas grandezas innenarraveis, apregoar sempre as suas misericordias infinitas e contribuir, na medida das minhas forças, para a reivindicação do reino eterno da sua indefectivel e incorruptivel justiça!

Depois, quiz retirar-me e senti-me preso! Não sei que desconhecida força me segurava, me prendia, me immobilizava alli!

Olhos fitos no divino sarcophago, [1] n'uma fixidez magnetica, obsessiva, eu não podia retirar-me!

O tempo, porém, urgia e eu tive que fazer um grande esforço d'alma para me afastar d'aquelle sanctuario bemdito! O momento supremo chegou, finalmente!

Retirando-me, porém, do *Santo Sepulchro*, despedindo-me d'aquelle amado Logar, eu, peregrino obscuro d'um longinquo paiz, não me despedi do meu amado Jesus, que alli dormira o somno da sua morte gloriosa!

Eu lhe disse um adeus sentido, é verdade, mas não um adeus eterno! Jesus ficava e eu partia. A sua memoria, o seu nome, todo o seu coração iam, porém, commigo, guardados para

---

1 O *Santo Sepulchro* está, hoje, coberto e revestido como, de resto, muitos dos santos *Logares* de Jérusalem, com placas de marmore, de fórma que não é possivel vêr-se propriamente o interior natural d'aquelle sagrado monumento. Segundo, porém, as mais auctorizadas opiniões, a disposição interna do divino *Tumulo* é a d'um sarcophago. Não seria, todavia, necessario mais do que levantar uma placa de marmore para ficar a descoberto a rocha nativa. A tampa, porém, que cobre o *Santo Tumulo* preserva-o não só das injurias do tempo como das profanações da piedade indiscreta.

Jesus foi embalsamado a fim de poder ser dado o seu corpo á sepultura, não á sepultura na gleba humida e viscosa da terra fria, mas no sarcophago talhado na rocha viva, como era de costume e ainda hoje subsiste entre os orientaes.

S. João nota no seu Evangelho que com o Mestre se pozeram em pratica todas as regras em uso entre os judeus: *sicut mos est judæis sepelire* (*João,* XIX, 40). As cavidades sepulchraes entre os judeus, deixando os cadaveres quasi ao ar livre, tornavam o embalsamento absolutamente necessario. A decomposição fazia-se rapidamente, activada pelo calôr intenso do paiz, em meio d'uma athmosphera saturada de perfumes violentos. A pedra que fechava a entrada dos tumulos era sellada quatro dias

sempre e inviolavelmente no cofre da minha alma, como as perolas que se guardam nos escrinios preciosos!

Meu Jesus, adeus! Ah! o meu adeus, ó Jesus! não é a sentida e soluçante despedida d'aquelles que não mais hão de vêr-se e tornar a encontrar-se sobre a terra! Não.

Tu morreste por mim para me salvares na agonia da cruz, no patibulo execravel e infamante do facinoroso e do escravo! Eu te hei de encontrar, agora, um dia no reino eterno, almo, venturoso, sereno e immutavel do teu amôr, trans-

---

depois da deposição do cadaver e a lei prohibia removel-a sem passar um periodo de tempo assaz consideravel.

O corpo do Salvador foi obrigado, pois, a passar sob o jugo d'estas leis da salubridade publica. Depois que Maria, a Mãe sublime, prestou todos os seus ultimos cuidados á cabeça do seu Filho, arrancando os derradeiros espinhos que ainda estavam enterrados nas carnes, descolando dôcemente os cabellos empastados, lavando a poeira, os escarros e o sangue que manchavam o divino rosto, foi então o corpo de nosso Senhor preparado para a sepultura. O tronco e os membros cuidadosamente unidos foram ligados com faixas sobrepostas umas ás outras, impregnadas, á medida que se iam dobrando e enrolando, com a mistura aromatica trazida por Nicodemus.

A operação exigia muitos metros de panno. A cabeça foi envolta á parte, n'um duplo sudario. Um, passado sobre a barba, deixava o rosto a descoberto; o outro, envolvendo o pescoço, ia prender-se ás faixas que envolviam o corpo. Antes de velar para sempre o rosto do defuncto, os assistentes vinham depôr n'elle o ultimo beijo da saudade magoada.

Maria foi a ultima que imprimiu o osculo da despedida na fronte livida do seu divino Filho. Esta scena passou-se toda sob a Pedra da Uncção. O corpo do Mestre foi conduzido em seguida á cova sepulchral de José d'Arimathéa, a vinte passos de distancia e ahi foi deposto, emquanto todos os assistentes cantavam o psalmo *Qui habitat in adjutorio Altissimi*, (*Psalm.* xc) que era d'uso n'estas lugubres ceremonias.

posto o voraginoso pelago da vida, sobre a onda immensa da tua infinita misericordia por todos os peccados da humanidade!

Sim! Porque, como ó Christo amado, é impossivel encher de pedras o mar azul, infinito, assim, tambem, é impossivel esgottar o oceano insondavel do teu amôr pelos homens que crêem nas tuas promessas infalliveis e eternas!

Tu desceste a esse *Sepulchro* caliginoso em expiação de todas as iniquidades humanas!

Só ahi é que Tu, creador dos céus e dos mundos infinitos, achastes um asylo, n'este atomo que se chama a terra!

Só ahi é que Tu, depois de haveres soffrido o horrivel tormento da sêde, havendo condensado as aguas ao imperio da tua voz, de haveres sentido o doloroso transe da morte, havendo despertado a vida universal ao impeto ardente do teu sopro, de haveres conhecido o frio dos cadaveres, havendo feito arder a luz ao contacto da tua palavra, só ahi é que Tu encontraste descanço e paz para a tua dolorosa e cruciada existencia!

Mas tambem eu te verei, agora, nimbado para sempre dos resplendores que irradiam do teu divino *Sepulchro!*

O mundo te conhecerá e conhecendo-te te amará e amando-te te glorificará!

Assim como os astros se attrahem eternamente na immensidade do espaço, imantados pela mysteriosa força magnetica que se irradia do sol, assim as almas se attrahirão e buscarão eternamente na immensidade do tempo, para se confundirem, sob o influxo divino da tua graça, no seio infinito do teu amôr!

As mais sentidas lagrimas da humanidade soffredora, choradas em holocausto das suas dôres, serão para ti, Santo dos Santos; o teu culto ha-de reflorir eternamente entre os homens, em bençãos e amores; os teus soffrimentos dolorosos e todos os teus dolentes martyrios hão-de encon-

trar, sempre, echo compassivo no coração de todas as gerações; todos os seculos hão-de proclamar a tua gloria; na fervente aspiração e no anhelo eterno da posse do teu Reino, hão-de seguir-te milhares de milhões de adoradores; tu serás, no futuro, a pedra angular sobre a qual repoisará todo o edificio sagrado das aspirações espirituaes da humanidade!

Descança pois, meu Jesus, na calma consciencia do dever cumprido, descansa na paz inviolavel do teu sarcophago funebre, Santo dos Santos, Tu, alma candidissima, tão immaculada como a luz, ainda mais pura do que o pensamento das creanças innocentes, Tu, o mais amado, o mais querido e o mais estremecido de todos os homens que hão atravessado a terra na dolorosa peregrinação da vida!

Filho de Deus, Redemptor da humanidade, Verbo Eterno feito homem por amôr dos homens, quando resurgires ámanhã redivivo do seio da propria morte, quando a tua resurreição gloriosa resplandecer ámanhã como remate do teu Evangelho de paz, de perdão, de consolação e de salvação, annunciado e prégado no periodo longo e fatigante de tres annos de apostolado indefesso, então será que o mundo, ó sublime Rabbi! ó Mestre impeccavel! ó augusto e divino Salvador! ha-de reconhecer-te e cahir-te aos pés no fervente culto d'uma adoração eterna!

O teu nome passará, então, a ser invocado por todos os corações angustiados; a tua cruz será ungida de bençãos; o coração de toda a humanidade palpitará por ti em éstos ardentes d'amôr sublime; a verdade salvadora da tua incomparavel doutrina, rolará ém ondas pela terra, como balsamo odorifero d'esperança e d'amôr, inundando todas as edades da vida, enchendo todos os periodos do tempo e avassallando todos os factos da historia; serão para ti os mais embriagantes perfumes dos corações castos; evolar-se-hão para o teu throno as essencias olorosas de

todas as mais peregrinas virtudes dos filhos dos homens; o sangue dos martyres empurpurará a tua cruz sagrada; as roxas macerações dos penitentes, entoarão o hymno interminavel da tua gloria infinita; a abnegação, o sacrificio, o pathetico martyrio de todos os teus discipulos, enflorarão de rosas immarcesciveis a divindade da tua celeste doutrina; as flôres alvissimas de todas as virtudes christãs, a açucena intemerata da candura virginal das tuas filhas, a violeta azul da humildade soffredora dos teus amigos, o lirio immaculado da esperança indefectivel dos teus discipulos nas promessas infalliveis do teu Evangelho, serão as perolas, as esmeraldas, as saphiras, os rubis, as gemmas de fino quilate e scintillante brilho, que esmaltarão, que adereçarão, que fulgirão eternamente engastadas na tua corôa de Rei dos Reis e de Senhor dos Senhores; [1] Tu, ó Christo bemdito ! ó Mestre idolatrado ! ó Jesus querido ! ó Salvador ! ó Redemptor ! ó Conquistador ! ó Vencedor da morte e do inferno ! ó Vencedor do mundo ! ó Anjo do Grande Conselho, Deus forte, Pae dos seculos futuros, Principe da Paz ! ó Sacerdote magno, ó Moysés da Nova Lei, ó Desejado das nações, Esperança de todos os justos da Antiga Lei, ó Propheta dos Prophetas, ó Verbo, ó Filho, ó Sabedoria, ó Sol da Justiça, Soberano immortal dos seculos, Mediador de todo o genero humano, Cordeiro de Deus que tiraes os peccados do mundo, novo Adão do resgate, Eleito do Pae, Emmanuel, Filho de David, Bom Pastor, luz, alampada, facho inextinguivel ! ó Bem Amado, Bem Vindo, Suspirado pelos Patriarchas, pelos Prophetas, pelos santos todos d'Israël, que haveis apparecido na plenitude dos tempos, completas as setenta semanas de Daniel, para resgate da humanidade ! ó Filho de Maria, ó Filho admiravel da mais admiravel

1 *Apoc.*, XIX, 12, 16.

das mães! ó Leão, estrella, flôr, vara, monte, pedra, porta, luz e vida; ó Jesus! oleo de benção e de santificação! — *Oleum effusum nomen tuum!* — [1] oleo que arde e unge, como commenta S. Bernardo, oleo que é luz, alimento, remedio e medicina! luz que diffundida por todo o orbe illumina as almas, as cura, as alegra e as fortifica; ó Jesus! Gloria eterna ante quem se prostram todos os joelhos no céu, na terra e no inferno! — *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur cœlestium, terrestrium et infernorum!* [2] — ó Jesus! Nome excellentissimo e admirabilissimo! — *Nomen quod est super omne nomen!* — ó suavissimo Jesus, nome que é mel nos labios, melodia nos ouvidos, alegria no coração! — *Jesus mel in ore, in aure melos, in corde jubilus* — [3] ó Jesus! Santo dos Santos, sagrado por vosso Pae, Pontifice Eterno! ó pureza, ó benignidade, ó amôr! ó Jesus, a cuja voz os cegos vêem, os paralyticos recobram as forças dos perdidos membros, os leprosos são limpos, os coxos andam, os mortos resuscitam, os demonios fogem espavoridos, os leões se amansam respeitando o martyr que vos invoca, as cadeias cahem das mãos dos captivos, as portas das prisões se abrem, as tempestades se acalmam e o mar se apazigua! ó Jesus! nome que se invoca como remedio seguro nas tentações e nas enfermidades, nas tribulações e nas dôres, nas angustias dolorosas e nos martyrios sanguinolentos; ó Jesus! o mais amavel, o mais dôce, o mais terno de todos os paes; o mais generoso e o mais desinteressado de todos os amigos, amigo que se despoja de todos os bens, de todas as suas riquezas em favor d'aquelles a quem ama! — *Totus in usus nostros*

1 *Cant.*, I, 2.
2 *Phil.*, 2, 10.
3 *S. Bern.*, Serm., 5.° super Cant.

expensus — amigo que vive todo para os seus amigos, que vela sem cessar por todos os seus interesses, que intercede por elles perante seu Pae como Mediador e Pontifice, que defende a sua causa como o mais solicito dos advogados! ó Jesus! divino, celeste Salvador, nome cheio de encanto e de doçura, que os Santos nunca deixaram de repetir, que S. Paulo em suas admiraveis Epistolas repete duzentas e quarenta e tres vezes, que Santo Agostinho chama arrebatado: *nome doce, deleitavel, nome da boa esperança!* ó Jesus! sol da infinita graça, cujas perfeições inenarraveis aéem suspensas no céu, n'um extasis d'eterno amôr, as faculdades e as intelligencias dos espiritos mais elevados! ó Jesus, a quem na terra os pobres chamam pae, para quem appellam os fracos e os opprimidos, para quem os afflictos volvem os seus olhos supplicantes! ó Jesus! Verbo de verdade e de justiça, a quem admiram os que não crêem em Ti e a quem adoram os que em Ti crêem; ó Jesus! nome de poder e de magestade, Senhor de gloria eterna, para quem o proprio racionalismo, os teus maiores inimigos não pódem olhar senão de joelhos, como confessa Rénan; ó Jesus! Rei por natureza, Rei por nascimento e por herança, Rei por conquista! Rei por natureza, porque Deus como sois, possuis a soberania absoluta, a independencia omnimoda, o dominio plenissimo de todas as coisas — *Ego et Pater unum sumus!* — Rei por nascimento e por herança, porque sois Filho Unigenito e Consubstancial do Eterno; [1] porque, herdeiro de toda a sua gloria, recebestes do Pae todas as nações como herança e todos os confins da terra em patrimonio! [2] Rei por conquista, por direito adquirido, por merecimento proprio, porque nos

---

1 *Joann.*, I. 18.

2 *Psalm.* II.

arrancastes ao poder das trevas e nos resgatastes não com oiro ou prata corruptiveis, mas com o teu proprio sangue preciosissimo![1] O' Jesus! O' Jesus! O' Jesus! Tu serás festejado nos sorrisos candidos da innocencia, glorificado nos hymnos quentes e inflammados da juventude, cantado e louvado nas cruas desillusões da velhice, invocado ardentemente nos derradeiros suspiros dos moribundos; a tua cruz será entalhada no marmore das cathedraes, na face erriçada das rochas das montanhas, no aço brunido das lanças dos guerreiros, na prôa altiva dos galeões maritimos, será levada em triumpho, em apotheose gloriosa — oppressas e esmagadas todas as prevaricações do direito, todas as defecções da justiça, todas as iniquidades e infamias do orgulho do homem, raspado dos codigos todo o maldito e humilhante regimen das castas, despedaçados para sempre os ferros vis que arroxeavam os pulsos dos escravos e afundidos para sempre na ignominia os tyrannos prepotentes — será levada na vanguarda de todas as grandes e arrojadas interpresas humanas e de todas as mais esplendidas e sublimes conquistas da liberdade e da civilização; Tu, finalmente, ó divino Jesus, serás amado em todos os seculos, em rythmica e consonante harmonia, por dezenas de milhões de corações, que esperam, confiados nas tuas promessas, nas tuas palavras e no teu Evangelho, que esperam, digo, vivendo na tua Lei, cumprindo os teus preceitos e firmando-se em teus exemplos, entrarem um dia na sagrada terra da *Promissão*, abysmarem-se um dia para sempre, depois do tragico naufragio da vida, no oceano infinito do teu amôr, na posse eterna do teu Reino e na sempiternidade inextinguivel da tua gloria immortal!

---

1 *1.ª Epist. Petr.*, I, 18, 19.

*

* *

De regresso á *Casa Nova*, fui eu jantar. O vasto refeitorio do *Hospicio*, embellezado todo d'uma pintura de effeito resplandecente de bom tom e de bom gosto, enchia-se já de peregrinos.

Ao fundo da sala, alguns jarrões de faiança franceza, esmaltados como amphoras hellenicas, espalmavam decorativamente folhagens finissimas d'avencas, de gloxinias, de trepadeiras, de fetos raros, de begonias regias, carnosas, humidas, circuladas de sangue rutilo, de orchideas rosadas e d'alguns magnificos exemplares de palmeiras curtas que pareciam cinzeladas em malachite! As tenras vergonteas d'estas verduras subiam poeticámente pelas paredes em espiraes exoticas e languidas, trazendo á sala um pouco do grande halito e da risonha paizagem virginal da natureza!

Era noite quando terminou a refeição. O padre Philippe convidou-me a subir com elle, na companhia d'alguns escolhidos peregrinos, até aos seus aposentos.

Antes, porém, todos manifestámos desejos de subirmos ao terraço do *Hospicio* a fim de aspirarmos alguns haustos do ar puro da noite.

O padre Philippe, com toda a sua bondade nativa a ressumbrar-lhe em sorrisos attrahentes á flôr dos labios, acompanhou-nos até lá.

A noite estava serena, tepida, sem um arrepio de vento, banhada toda pela alma luz dos astros.

O céu, d'uma pureza infinita, como um grande lyrio aberto, illuminado todo pelos alvôres nebulosos da *via-lactea*, espraiava-se espectralmente luminoso por sobre as nossas cabeças, profundo, calmo, limpido, diaphano, escarolado e luzente, como uma *faille* de preço! A immensa aguada do firmamento aljofrava-se de astros, de espheras de luz eterna, brilhantes como soes!

O immenso e incommensuravel espaço esten-

dia-se, dilatava-se, perdia-se na immensidade, como um oceano sem fundo e sem margens; o infinito tornava-se visivel; as estrellas e os planetas, as massas cosmicas todas do céu, banhando-se no ether luminoso e imponderavel, oppondo-se, procurando-se e attrahindo-se, como giganteos imans, beijavam-se, osculavam-se mutuamente, nos paramos insondaveis!

A' luz tremulinante e cendrada da lua, que surgia no céu como um espectro baço dominando um vasto cemiterio, divisavam-se, desenhando-se ao longe na pureza da noite, as montanhas longinquas do paiz de Moab, como manchas negras, na indecisão da penumbra!

Jerusalem, a nossos pés, dormia já o somno reparador da fatigante labutação do dia.

Após alguns minutos de demora no terraço, onde nos entretivemos em intima confabulação, descemos todos aos aposentos do padre Philippe, em cujo limiar se esparrimava a larga pelle d'uma onça. [1]

Ah! Qual não foi a minha surpreza, quando, á luz clara e brilhante d'um magnifico candieiro de porcellana de *Sèvres* que diffundia torrentes de luz por todo o recinto interior, eu vi sobre uma mesa do *appartement* d'entrada, uma bandeja de chá, *sandwiches* e dôces que me eram offerecidos pelo respeitavel padre, como ultima prova de saudade pela minha despedida!

---

1 Na minha segunda viagem á Palestina tive, ainda, o gosto de abraçar o venerando padre, Superior da *Casa Nova*. Mais velho agora, a sua physionomia sympathica estava cortada já de linhas vincadas, como se fossem gravadas a cinzel n'um bloco de marmore corinthio. O Rev.mo padre Phillipe Ricci, um dos mais venerandos e antigos Religiosos da *Custodia da Terra Santa*, foi ultimamente substituido na direcção da *Casa Nova* em Jérusalem, pelo R. P. Luigi Michieli, honrado ultimamente pelo governo ottomano com a condecoração de *Médjidié*.

Um lindissimo ramalhete de flôres naturaes, collocado ao centro da sala, derramava pelo ambiente tepido uma onda embriagante de aromas subtis e penetrantes! No pavimento um formoso mosaico imitava os mais artisticos dos tempos romanos! Alguns quadros dos melhores mestres sobresahiam alli, suspensos das paredes, entre os quaes se destacavam uma rutilante *Virgem* de Murillo, d'um colorido imprevisto e surprehendente, avultando mais pela doçura da sua tonalidade do que pelo grito violento da sua côr, que parecia, no extasis do seu divino olhar, reflectir o proprio céu e a propria bemaventurança, — uma tela do divino Fra. Angelico, luzente como um astro, uma *Madonna* sublime, como só esse mystico e divino artista as sabia e podia conceber na sua mente extasiada sempre na contemplação da candura e das graças das fórmas sobrenaturaes, e uma copia d'um retrato de *Rembrandt*, verdadeiro prodigio de luz, obra prima d'esse artista egregio, cuja phantazia alada se enternecia, como a dos poetas, á vista das penumbras suaves, dos occasos em chamma, dos aspectos mais ineditos da natureza. Na abobada desenhava-se um *fresco*, como os mais bellos da *Renascença*, ressumando naturalidade e arte intensa, onde sobresahiam scenas da natureza, o advento da primavera, risonha e amavel, resplendente dos reflexos purissimos da manhã, admiravelmente colorida pelos raios do sol nascente, beijando as primeiras flôres dos campos reverdecidos!

Na parede do fundo destacava-se um grande cruzeiro d'ebano, onde empallidecia um maravilhoso Christo, um Christo medieval, como o concebiam os tragicos artistas da grande era da Agonia: o peito reentrante, cavado, desenhando a ossada curva, o rosto magro, contrahido n'um espasmo de suprema afflicção, a barba longa, pastosa, os cabellos rolando em ondas escuras pelas costas, pela fronte, pelas temporas, os dedos crispados, a bocca n'um hiato, os olhos immensa-

mente abertos, voltados para o céu, aonde pareciam buscar o grande allivio da morte!

Finalmente um rico espelho de crystal *bizauté*, *faiances* de Castelli e de Gubbio, esmaltes de Limoges, alguns bronzes claros de Bysancio, uma bella e fina estatueta modelada em marmore nú, de linhas harmoniosas e gracís, como as da Hellade, *bibelots*, porcellanas, verdadeiras maravilhas d'arte suggestionando a vista pela pureza do seu colorido e uma magnifica mobilia de mogno completavam a decoração da sala.

Servido o chá por todos os circumstantes, offereceu-me, ainda, o bizarro e amabilissimo padre, a mim e a todas as pessoas presentes, um calice de delicioso vinho *Chartreuse*, fulvo e transparente como um topazio oriental, vinho licoroso, d'um aroma e flavôr caracteristicos, d'um *bouquet* tradicional e historico! A amabilidade não podia ser mais gentil, nem mais captivante!

O galhardo e primoroso fidalgo, conde de *Nouailles*, brindou em minha honra, aprumado sempre como o mais correcto *gommeux* pariziense, em phrase modelar, d'uma impeccabilidade attica, fazendo votos ao céu pela felicidade e prosperidade da minha viagem de regresso a Portugal.

Eu agradeci-lhe commovido, como pude, tão graciosa gentileza, forrageando no idioma francez as mais amaveis expressões que me occorreram á memoria.

Egualmente, o padre Philippe, bem como todos os convivas presentes, brindaram e beberam na mesma intenção.

A sympathica e amavel esposa do meu estimavel amigo egypcio, *Hausni Gauli* que, tambem, se achava presente, sentou-se ao piano, um magnifico piano vertical de *Erard*, que alli estava, e executou n'elle, com mimo e ternura, com verdadeiro *entrain*, algumas formosas composições musicaes!

Foi coberta pelos applausos de todos os assis-

tentes e ouvintes, n'uma quente, rasgada, consonante, expansiva e calorosa manifestação de sympathia, quando, com plena intuição d'arte e firme nitidez de todos os sons, nos fez ouvir o celebre *Adagio* e a *Pastoral* enlevante d'uma das mais festejadas sonatas do imperial e sublime *Beethowen*, bem como um *Preludio* e uma *Fuga* magistral do engenhoso e inspirado *Bach!*

A musica é de todas as artes a mais perfeita e a de mais alta transcendencia. Só ella desperta estados d'alma, vibra suggestões profundas. E' ella a mais emotiva de todas as artes, a mais dominadora de todas, porque só ella brota espontanea do sentimento que d'ella irradia e não, como as outras, da harmonia plastica do universo.

A humanidade vive, hoje, mais pelo sentimento, pela vibração affectiva, do que pela razão, pelo cerebro pensante; o sentimento é a mais alta expressão da sua origem etherea; elle é o amôr, a justiça, a bondade e é só dentro d'esta divina trilogia que está o destino de todo o sêr consciente.

A musica com todo o seu vago e imponderavel rythmo, com toda a sua subtil e amorosa vibração, é a unica das artes que tende para a perfeição absoluta. As artes exteriores, concebidas, apenas, para o enlevo dos olhos, nada representam na evolução espiritual dos povos.

Não é pelas palavras nem pelas decorações que o mundo viverá e se aperfeiçoará; as palavras invadiram, hoje, a terra n'uma confusão perturbadora; o brilho das fórmas externas é banal, falso, ephemero; o mundo subsiste, apenas, pelo sentimento.

E só a musica tem poder de fazer vibrar nas almas o que ha n'ellas de mais inedito: as claridades da bondade, as ternuras do mundo, a suavidade e a pureza das suas mais sagradas aspirações!

Aquella reunião intima finalizou por um apertado abraço de despedida, que de todos recebei. O bondosissimo padre Philippe, ao dizer-me o seu

ultimo adeus, entregou-me o meu diploma de peregrino no *Paiz de Christo.* [1]

No dia seguinte, logo de manhã cedo, eu partia de Jerusalem ! Nunca mais tornei a vêr aquelles bons, amaveis e sympathicos corações !

---

1 Guardo religiosamente, hoje, este *Diploma*, devidamente authenticado com o sêllo franciscano.

In Dei Nomine. Amen.

Omnibus et singulis præsentes litteras inspecturis, lecturis, vel legi audituris fidem, notumque facimus, Nos Terræ Santæ Custos, Devotum Peregrinum R. P. Gonçalo Alves, Luzitanum, Jérusalem feliciter pervenisse die 16 Martii anni 1897: inde subsequentibus diebus præcipua Sanctuaria, in quibus mundi Salvator dilectum populum suum, immo et totius humani generis perditam congeriem ab inferi servitute misericorditer liberavit, utpote, Calvarium, ubi Cruci affixus, devicta morte, Cœli januas nobis aperuit; S.S. Sepulcrum, ubi sacrosanctum ejus Corpus reconditum, triduo ante suam gloriosissimam Resurrectionem quievit; ac tandem ea omnia Sacra Palæstinæ Loca gressibus Domini, ac Beatissimæ ejus Matris Mariæ consecrata, a Religiosis nostris et Peregrinis visitari solita, visitasse et Sacrosanctum Missæ Sacrificium hisce in Locis celebrasse. In quorum fidem has scripturas officii Nostri sigillo munitas per Secretarium expediri mandavimus.

Dabamus Jérusalem ex venerabili Nostro Conventu S. S. Salvatoris die 19 Aprilis 1897.

Gratis
Reg. N.º 98

Fr. Julius a Vicetia, Miss. Ap.
Pro Secretarius Custodialis T. S.

Tambem o meu obscuro nome ficou escripto para sempre nos archivos dos Padres franciscanos, que alli apontam todos os peregrinos, de qualquer condição social que sejam, que vêem visitar o *Santo Sepulchro.* Entre outros nomes illustres modernos, estão alli os do Imperador da Austria, que alli esteve em 1869, o do ultimo Imperador do Brazil, em 1876, do Archiduque Rodolpho, principe imperial da Austria, já fallecido, em 1881, o de Felix Faure, que foi Presidente da Republica Franceza, em 1894, e outros.

*

* *

O dia da minha partida de Jerusalem, logo aos primeiros assomos da alvorada, amanheceu limpido, sereno e primaveril, ao momento em que o primeiro arrebol da manhã banhou de claridades a zona da terra. O céu principiou de embeber-se gradualmente de tintas d'oiro liquido.

O sol, no firmamento, em toda a sua resplandecente gloria, appareceu d'uma rutilação esmeraldina, ardente, vivaz, plethorico, congestionado, espiritualisando docemente a paizagem, entoando a canção mysteriosa da sua mocidade eterna; dir-se-hia novo em folha; o céu era d'esmalte, d'uma apparencia virginal.

Ao dealbar do dia, fresco e virgineo, d'uma amenidade suavissima, despidas as velaturas brumosas da madrugada, o astro rei abria-se já, luminoso e coruscante, em palpitações de alegria, ensanguentando, alaranjando, perolando, faceteando e palhetando d'oiro os altos montes da Judéa.

A caminho de *Jaffa*, arrastado pela força vertiginosa da locomotiva, os meus olhos embebiam-se todos na doçura idyllica das paizagens das montanhas, ensopadas n'uma viçosa frescura, humectadas, ainda, do grande banho pantheista do orvalho matinal.

Marginando a linha de ferro estendiam-se as terras semeadas e latejantes, por onde as primeiras hervas novas rebentavam e reverdeciam já, borbulhando de seiva.

De quando em quando, nos momentos em que a locomotiva se detinha, ouvia-se o *trillo* modulado dos cantos matinaes das aves, gorgeando nas balsas.

Os troncos das figueiras verdes das herdades e dos hortos adjacentes, onde turgesciam já os primeiros pomos do anno, choravam algumas lagrimas de seiva primaveril, cujos perfumes ex-

travasados enchiam a atmosphera de aromas acres e resinosos.

Gottas de orvalho pendiam, como perolas preciosas, dos espinheiros; pela relva adeante iam e vinham borboletas doidas, agitando azas tremulas, amarellas, por sobre os calices puniceos das flôres desabrochadas! Os cerros circumdantes appareciam já alcatifados de verduras espontaneas, estrellados de botões de flôres silvestres. A flôr do rosmaninho e a candida florescencia da urze recebiam nas suas urnas os aljofares do céu! A giesta formava massiços n'uma e outra parte; á tôa, os cyclamens, as clematites, as madresilvas, as heras, todos os novos filamentos parasitarios despertados, agora, do seu longo somno hyemal, enlaçavam, n'uma grande amizade, as rochas disseminadas! Dos campos e dos montados em flôr vinha um bafejo aromatico, exhalava-se um halito suave de primavera!

Aqui e alli despenhava-se em cascatas, das anfractuosidades das montanhas, a agua fresca e clara das torrentes selvagens, rythmando um ligeiro *glu-glu!*

Toda a natureza — a perpetua adolescente, mãe viçosa e uberrima, forte e fecunda, dos sêres e das coisas — remoçada e rejuvenescida já, refloria, agora, n'uma suave e louçã radiação de primavera, seguindo a grande, a sagrada, a sublime, a perenne ordem da vida! [1]

O comboio entrara na planicie de *Saron*.

---

[1] A natureza fresca, omnipotente
Sorria castamente
Com o sorriso alegre dos heroes;
Os vegetaes felizes
Mergulhavam as soffregas raizes
A procurar na terra as seivas boas
Com a avidez e as raivas tenebrosas
Das pequeninas feras vigorosas
Sugando á noite os peitos das leôas.

Junqueiro

Chegára a Ramleh. [1]

Esta cidade, de magnificas tradições historicas, teve a honra de ser o berço de *José d'Arimathéa* e de *Nicodemus*, os dois piedosos varões que deram sepultura honrosa ao Senhor morto! [2]

---

1. *Ramleh*, ou *Rama* ou *Ramula*, como lhe chama Fr. Pantaleão d'Aveiro, hoje, é apenas uma pequena cidade sem importancia, de 7:000 e tantos habitantes, entre musulmanos, gregos *melchitas*, gregos scismaticos, armenios separados e unidos, cophtas catholicos, israelitas e latinos. Possue tambem *Ramleh* algumas escholas christãs.

O convento franciscano está edificado sobre o emprazamento das casas de José e Nicodemus, segundo a tradição. Ganha-se alli uma indulgencia parcial, na igreja do convento, sob a invocação de *S. Nicodemus*. Napoleão, em 1799, esteve hospedado no convento franciscano com o seu estado-maior, e a igreja foi convertida em hospital para os soldados doentes. Depois da partida do exercito francez os musulmanos vieram e apoderaram-se do convento, saquearam-n'o e mataram todos os seus Religiosos! Hoje o convento, solidamente construido e cercado por um muro e um jardim, é habitado, apenas, por tres ou quatro Religiosos.

Visita-se. ainda, em *Ramleh*, o emprazamento do *atelier* de S. Nicodemus, onde se ganha uma indulgencia parcial. Resume-se elle n'uma capella sem particularidade alguma architectonica, sita á entrada da porta da igreja, do titulo do mesmo santo. Visitam-se, tambem, em Ramleh, no convento franciscano, os quartos habitados por *Bonaparte*, d'uma extrema simplicidade ornamental, bem como a antiga igreja de S. João Baptista, convertida em mesquita, hoje, e construida no mais bello estylo byzantino; visitam-se os tanques de Santa Helena — *Anazteh* — reservatorios d'agua da chuva, obra, provavelmente, dos *Cruzados*; visita-se a torre dos *Quarenta Martyres*, totalmente abandonada e que não passa d'um velho *Khan*. ao Norte da qual se levanta o *Minarete ou Torre dos Quarenta Martyres*, d'origem musulmana, datando do seculo XIV, e d'onde se gosa um soberbo panorama, etc. *Chateaubriand* viu em Ramleh as mais bellas palmeiras da Iduméa. *Itinerario*, 2.º vol., pag. 126.

2 *João*; XIX, 38, 39 e seg.

Santa Paula, no seculo IV, fazia já a esta cidade a sua piedosa visita! [1]

O *trem de ferro*, esfumaçando o azul do céu, derramando no ar o seu aroma de hulha, voava, soluçante e tenebroso, n'uma furia de obsesso, atravez da extensa e infinda planicie de *Saron*, veiga encantadora de frescura e de fecundidade.

Toda essa planicie, ligeiramente ondulada, que se estende até á raiz das montanhas da Judéa, e desde *Gaza* ao *Carmello*, ao longo do mar, foi, na epocha dos *Juizes*, o theatro das discordias entre os Philisteus e os Israelitas. Ahi se travavam luctas contínuas e ardorosas entre os habitantes das terras altas e os do baixo paiz. Foi ahi a arena onde Sansão se illustrou com as suas mais brilhantes façanhas.

Quasi logo a locomotiva passou, tambem, em frente a *Lydda*, [2] a illustre cidade, onde S.

---

1 Hoje, com a opinião de S. Jeronymo e Eusebio, não se crê mais ser em ***Ramleh*** a patria de Nicodemus e José. ***Rentis***, localidade ao norte de ***Ramleh***, gosa d'essa honra, com toda a probabilidade. A igreja do convento franciscano em ***Ramleh*** foi modernamente reconstruida com verdadeira magnificencia; o seu campanario domina sobre todos os minaretes das mesquitas da cidade.

2 ***Lydda***, a ***Diospolis*** dos gregos, e a ***Lod*** dos hebreus, onde Gamaliel fundou uma escola celebre nos annaes judaicos, não passa, hoje, d'um burgo miseravel! Outr'ora, porém, foi uma cidade populosa, animada e rica, quando ella era o logar de transito forçado do commercio e dos viajantes que de ***Joppe*** vinham até ***Ælia-Capitolina***. ***Lydda***, segundo é tradição, foi o berço do nobre guerreiro S. Jorge, martyrizado em Nicomedia em 404, durante a perseguição de Diocleciano. Ella foi a séde d'um bispado nos primeiros seculos do christianismo. Pelagio no V seculo ahi sustentou seus erros n'uma reunião de bispos. A cidade dista um kilometro, mais ou menos, da estação do trem de ferro, hoje.

De ruas estreitas e sujas, ella poderá ter ao muito 6:000 habitantes, entre gregos scismaticos, protestantes e musulmanos que constituem o maior numero. Os gre-

Pedro, em nome de Jesus, curou o paralytico *Enéas!* [1]

Ao passo que nos approximavamos de Jaffa, a perspectiva da planicie diluviana de *Saron*, [2] de formação quaternaria, ia attingindo, n'uma ostentosa enscenação floral, como n'um variadissimo cosmorama, encantos incomparaveis!

Poeticos massiços de tulipas, taboleiros viçosos de lirios, de narcisos, de anemonas, de jacinthos, de botões d'oiro, de rosas brancas e de muitas outras bellissimas flôres, tapetavam a formosa planicie; vaporavam das suas urnas aromas suavissimos que embalsamavam a atmosphera.

Ao longe, emmoldurando-a, avistavam-se as montanhas cinzentas da *Judéa*, succedendo-se em ondulações contínuas para o Norte, até se confundirem com as da *Samaria.*

Só, de longe a longe, atravessando a vasta campina, outr'ora chamada a *Philistia*, se divisavam e observavam raras aldeias arabes, habitadas por miseraveis *fellahs!*

Nas estações do trajecto appareciam os seus moradores vestidos em trajes egypcios! As mulheres apresentavam-se com a cabeça e o rosto tapados com véus negros, que lhes permittiam verem os outros sem serem vistas!

Quando nos approximavamos de *Jaffa*, approximadamente pelas onze horas da manhã, começou a ferir-me o olfacto o perfume odorante

---

gos scismaticos guardam a igreja de S. Jorge. Na Crypta, sob o altar-mór, existe um pequeno monumento de marmore branco dedicado a S. Jorge. Ganha-se alli uma indulgencia parcial. O emprazamento da casa do paralytico *Enéas* ainda se visita, apontando-se como sendo um campo que existe ao Sul da igreja de S. Jorge. De *Lydda* a *Ramleh* póde fazer-se a viagem em 1 hora.

1 *Act.*, IX, 34.

2 *Isaias*, XXXV, 2, gaba a belleza d'esta planicie, a sua formosura, e a do Carmello.

exhalado dos famosos, cuidados e pacificos jardins que cercam a cidade. [1]

A locomotiva avançava vertiginosamente por entre estes vergeis aromaticos e floridos. Não póde imaginar-se nada mais encantador!

A natureza toda em fronde desata-se ahi em esplendores maravilhosos e fascinantes!

Arvores e arbustos, indigenas e exoticos, inteiramente carregados de fructos succulentos e de flôres balsamicas, olàias e lilazes offerecendo á vista a sua nubilidade graciosa e a sua virgindade rosea, pompeiam ahi em renques symetricos, na extensão d'alguns kilometros, embellezando estes jardins, com a varia fórma dos seus ramos frondosos, esbeltos, copados, caprichosos, e com o recórte bizarro das suas folhas luzidias, metallicas, prateadas; a olorosa flôr da laranjeira [2] embalsama a atmosphera, derramando pelo ar, tepido e claro, um perfume mais subtil e penetrante, ainda, do que o da mancenilheira; aleas de myrtaceas, tufos de hydrangeas, de anemonas, de dahlias, de cactos *opuntia* e de açucenas, dão á paizagem um tom suggestivo, uma nota tonica e impressiva de suavissima e encantadora belleza; as longas e interminaveis plantações alinhadas de vinhas, de cannas de assucar, de bananeiras, de amoreiras, de limoeiros, romanzeiras, sycomoros, loureiros-rosa, platanos, cyprestes, figueiras, [3] nopaes, macieiras, ameixeiras, marmelleiros, tamarindos e da-

---

1 **Este perfume sente-se já a duas leguas, ainda, de distancia! Os marinheiros á mesma distancia, no alto mar, aspiram estes perfumes, quando os ventos sopram de feição!**

2 **Não têm rival no mundo as laranjas dos hortos de Jaffa.**

3 **São as figueiras chamadas de Pharaõ, que produzem fructos conhecidos pelo nome de figos da Syria, pouco agradaveis ao paladar.**

masqueiros, carregados todos de fructos deliciosos, regados por fios crystallinos d'aguas vivas, proporcionando aos arabes cansados pelo caminho extenuante do deserto, a grata e fresca sombra opaca dos seus ramos sempre verdes, imprimem-lhe um relevo, um colorido, um destaque de paizagem edenica, paradisiaca, sob um céu doirado; às palmeiras dactyliferas, esbeltas, altivas e sussurrantes, erguendo para o céu as suas cuspides, carregadas de grandes e oblongos cachos de tamaras, avultam, finalmente, por entre todos aquelles especiosos e fragrantissimos jardins que enchem de admiração os estrangeiros!

A locomotiva chegára, emfim, a *Jaffa*, uma das mais antigas cidades do mundo, a antiga *Joppe*, cuja palavra significa, dizem, *belleza!*

A cidade, edificada ao longo d'uma alta collina, tem, hoje, o seu bairro europeu, elegante, donairoso, esbelto, bem talhado, lavado de luz, traçado de ruas largas, ladeadas de bons predios, excellentes hoteis e magnificos estabelecimentos commerciaes.

A cidade arabe, pelo contrario, é suja, estercorada, asquerosa, nauseante! A sua população compõe-se de turcos, judeus, musulmanos, catholicos, gregos, armenios e cophtas. Vista do mar, a cidade assemelha-se a um amphiteatro, surgindo da ultima orla espumante das ondas, branquejando risonha por entre as sebes verdes dos seus jardins alongados pela curva doirada da praia, junto ao mar infinito!

As suas casas são baixas e de tectos horizontaes e zimboricos. A população da cidade, na labuta constante e rumorosa da vida, esfervilha pelas ruas, pelas praças e em volta dos bazares, n'uma mescla e amalgama hybrida, amorpha, heterogenea, bizarra, variadissima!

São mercadores arabes com pacotes aos hombros; beduinos sordidos, turcos com gorros vermelhos, sorvendo rolos de fumo de enormes cachimbos, mulheres andrajosas cobrindo os rostos

com véus negros, creanças semi-nuas, chypriotas, syrianos, negros, fellahs, egypcios, judeus, levantinos, chinezes, *moukres*, *bachïbouzouks*, *cawas*, peregrinos de todas as raças, toda a grande massa humana, emfim, *travestida* em costumes de todas as phantasias; camellos, jumentos, carneiros, cães e gallinhas, formigando, tudo, por entre os grandes cestos de legumes indigenas e dos bazares repletos de tamaras, melancias, melões, uvas, laranjas, limões, figos, damascos e muitos outros fructos deliciosos e saborosissimos, amontoados em pyramides, semelhando montanhas d'oiro e purpura! [1]

Chegado a *Jaffa*, [2] dirigi-me eu, immediatamente, para o *Hospicio Franciscano.*

Pela tarde eu deveria embarcar a caminho de *Port-Saïd.*

---

1 Todas as mercadorias destinadas da Europa a Jérusalem, passam por Jaffa.

2 *Jaffa*, cuja origem se perde na torva nebulose dos tempos das ficções, dos mythos e das lendas, sita na antiga tribu de *Dan*, é uma cidade toda cheia de recordações historicas, pre-historicas e christãs.

Diz Plinio *(Hist., Nat.*, liv. v e 9) que fôra *Japhet* o seu fundador. A tradição quer que a arca de Noé tenha sido construida alli. Foi em *Jaffa* que o propheta *Jonas* embarcou para Tharso, fugindo ás ordens de Deus, da *face do Senhor*, *(Jonas*, I, 3), que o enviara a *Ninive*. Finalmente, foi em *Jaffa* que S. Pedro teve a visão dos animaes puros e immundos, *(Actos*, x, e xi), que elle restituiu á vida a caritativa *Talitha* *(Actos*, ix, 40) e que o vieram encontrar os enviados do centurião *Cornelio*. *(Actos*, x, 5).

Actualmente, *Jaffa* possue tres escholas catholicas, duas dirigidas pelos *Irmãos da Doutrina Christã* e uma pelos *Franciscanos*. Tambem alli têm uma eschola e dirigem um hospital as irmãs de *S. José da Apparição*. Além d'isso têm, tambem, escholas em *Jaffa* os varios ritos dissidentes. Na igreja parochial latina de *Jaffa* ganha-se uma indulgencia plenaria. Esta igreja é construida no estylo romano e dedicada a S. Pedro.

No *Convento Latino*, serviram-me o jantar, logo após a minha chegada. [1]

Aproveitando algumas horas que ainda me restavam, fui, de companhia com um servo do convento, fazer uma visita rapida á cidade.

Entre algumas curiosidades que vi, lembro-me d'um pardieiro ou alpendre abobadado, que me disse o meu companheiro serem as ruinas da casa de Simão, o *curtidor de pelles*, que hospedara S. Pedro, por occasião d'uma das suas visitas ás igrejas orientaes! [2]

Quando eu passava por uma das ruas da cidade fui, ainda, surprehendido pela algazarra ensurdecedora d'uma procissão de mahometanos, homens e mulheres em trajes e costumes garridos e berrantes, precedidos de estandartes bizarros, acompanhados todos ao som ruidoso de tambores e variados instrumentos musicos! Era a abracadabrante peregrinação dos crentes do *Islam*, dos *hadjis* [3] felizes que todos os annos, pelo caminho

---

1 O *Hospicio*, bem como o templo que lhe está annexo, fôram reconstruidos em 1831 com materiaes trazidos das ruinas de *Cesaréa*, fundada por Herodes. (Vid. *Diario da Viagem á Terra Santa em 1957*, por Fr. Antonio Taveira Pimentel de Carvalho).

2 *Actos*, IX, 43. O emprazamento d'esta casa, hoje, está occupado por uma mesquita. Para se entrar alli, ha mister gratificar com um *bakchiche* o musulmano que a guarda. Ganha-se lá uma indulgencia parcial.

3 *Hadji*, palavra arabe que significa peregrino, mas que os turcos em especial applicam aos peregrinos musulmanos de Méca e aos peregrinos christãos de Jérusalem.

Outr'ora entre os musulmanos a peregrinação ás cidades santas do *Hedjaz* attingia as raias do fanatismo. Para animar os crentes, a *Sunnah* (tradição) ligava a esta peregrinação a promessa de graças numerosas e consideraveis. "Áquelle que faz a peregrinação de Méca, diz expressamente o *Tarick Maccah* (caminho de Méca) retorna puro como um anjo, tal como quando sahiu do seio de sua mãe! A'quelle que olha com fé para a *Kaaba*,

oriental da Peréa, vão a *Méca*, á cidade santa por excellencia, á branca capital do *Islam*, em romagem piedosa ao sagrado tumulo do *Propheta*, em visita religiosa á divina *Kaaba!*

Pelas quatro horas da tarde, finalmente, a bordo do pequeno *steamer* russo, de nome *Tzar*, singrando já por sobre a esteira azulada e esmeraldina do banzeiro Mediterraneo, *o mar grande*, na

---

voam os seus peccados como as folhas sêccas d'uma arvore!„ D'aqui o fervôr e o enthusiasmo d'essa peregrinação. N'outros tempos, muitos d'aquelles que faziam a viagem de Méca, abstinham-se depois de beber vinho por toda a vida; outros faziam-se furar os olhos ou elles mesmos se cegavam a si proprios com um ferro em braza, affirmando que coisa nenhuma mais era digna de ser vista depois de se haver visto o sepulchro do *Propheta!* Um musulmano da India fez-se dar seis golpes de navalha de barba, a fim de lembrar-se sempre de ter visto o *Sepulchro do Propheta!* Um outro de *Ptolomaïda*, havendo feito esta peregrinação por duas vezes, á primeira cortou a mão esquerda e á segunda a mão direita! E de *Ibrahim-ben-Edhem* se diz que elle gastára doze annos para chegar de Damasco a Méca, pois que a todos os passos que dava se prostrava por terra!

Todo o bom musulmano deve fazer uma vez na vida a peregrinação da *Méca*. A caravana parte de Damasco no mez de *Dhoul-Kadé*, seguindo a grande via que passa por Medina. Chegados ás visinhanças da Méca, os peregrinos devem tirar os seus vestidos, nada mais lhes é premittido do que uma tanga e um pedaço de panno sobre o hombro esquerdo! Elles fazem então a volta da *Kaaba*, beijam a *pedra negra*, vão ouvir a pregação sobre o monte *Arafât*, perto da Meca, atiram pequenas pedras a Satanaz no valle de *Mina* e terminam a sua peregrinação por um grande sacrificio! N'este dia immolam-se rezes em todo o imperio do *Islam;* é o dia de festa do grande *Baïram*. O mez da peregrinação termina o anno musulmano. O *Korão* é perfeitamente adaptado ao caracter do Arabe. Mahomet gaba a beneficencia e a hospitalidade e estas duas virtudes são tradiccionaes entre elles.

Hoje a peregrinação a Méca tem decahido muito do seu primitivo esplendôr, estando resumida, quasi, á gen-

phrase biblica, [1] dizia eu o meu ultimo, sentido e derradeiro adeus á formosa Palestina, a essa santa e illustre Palestina que eu havia visitado, exultante e rejubilante, na expansão febril d'um enthusiasmo ardente !

Eu vinha a caminho da minha patria e, ah ! não foi sem uma furtiva lagrima traiçoeira a resvalar-me dos olhos, que eu me despedi talvez para sempre d'essa terra historica, d'essa famosa e veneranda terra, d'esse estreito e oblongo canto da bacia do Mediterraneo, por onde peregrinaram os Abrahões, os Isaacs, os Jacobs, as Rebeccas, os Davids, os Jeremias, os Danieis, os Isaias, o triplice côro, finalmente, dos Patriarchas, dos Prophetas e dos Apostolos !

FIM

te do povo, credula e simples. Méca, todavia, recebe, ainda, todos os annos caravanas numerosas.

A *Revue des Religions* de julho de 1895 dá, ainda, a cifra de 300:000 peregrinos vindos alli em 1894 a visitar o tumulo do Propheta! São principalmente musulmanos da India e das ilhas de Java e Sumatra. Os *hadjis* de Méca são, no emtanto, muito respeitados e venerados, ainda. Reconhecem-se pelo seu turbante verde, e por onde quer que elles passem, esta insignia attrai-lhes sempre a deferencia de seus correligionarios!

1 *Josuë,* I, 4.

NOTANDA

LIBERALIDADE DOS PORTUGUEZES PARA COM OS LOGARES SANTOS DA PALESTINA

A protecção dos Logares Santos da Palestina de parte da egregia e magnanima nação portugueza, começou de manifestar-se, logo, desde os tempos de D. Affonso Henriques.

Duarte Nunes de Leão, na *Chronica* que compoz d'este monarcha, escreve: "Pelo que, tambem, deu muitas dadivas e terras em seu Reino á Ordem dos Cavalleiros do Templo e aos do Hospital de S. João de Jérusalem, a quem fez doação de oitenta mil dinheiros d'oiro, para se comprar tanta renda que com ella se pudesse dar cada dia a todos os enfermos do hospital da Santa Cidade mantimento de pão e vinho para sempre".

D. Sancho I, diz o mesmo Chronista, deixou por legado ao Templo Santo de Jérusalem, dez mil maravedis e outro tanto ao hospital da mesma cidade.

D. Affonso II, aprestou uma consideravel e poderosa armada em defeza da Terra Santa.

De D. João II, diz Mariz no dialogo 4.º, capitulo XII, que as suas esmolas eram tantas que chegavam a Jérusalem!

De D. Manuel, narra a Historia Seraphica, parte 4.ª, que, vindo o padre Frei Mauro, Guardião do Sacro Monte Sião, a Lisboa, falar a El-Rei da parte do Soldam da Babylonia, recebera d'elle grandes offertas e esmolas para a Terra Santa.

Fr. Pantaleão d'Aveiro, no seu *Itinerario da Terra Santa,* capitulo XXXIV, diz que D. João III deixara trezentos cruzados cada anno para o azeite das alampadas que ardem assim na Casa Santa, como em Bethléem, e, egualmente, falla d'um fidalgo principal do reino, Jorge da Silva, que morrera em Africa onde se passara com D.

Sebastião, que egualmente legará outro legado para o mesmo fim.

D. Pedro II confirmou, em 25 de Janeiro de 1669, um alvará de Filippe II, passado no anno de 1605, no qual se concediam todos os annos, pela thesouraria da Casa da India, trezentos cruzados, para se conservar accesa uma alampada no Santo Sepulchro de Jérusalem. Confirmou, tambem, outro alvará antigo, em que se ordenava a todas as Camaras das cidades, villas e logares d'este Reino, seus Estados e Conquistas que, tendo ellas 400$000 réis de renda, fôssem obrigadas a dar de esmola para a Terra Santa 4$000 réis e não possuindo mais que 100$000 réis dariam 400 réis.

Confirmou mais outro alvará de 26 de Maio de 1657, pelo qual mandou a todas as Justiças d'este Reino, que ajudassem a cobrar e cobrassem as esmolas dos Santos Logares e assistissem, com todo o favôr e ajuda, ao Commissario geral d'ellas e seus companheiros.

Mandou, por alvará de 13 de Novembro de 1686, que se cobrassem executivamente as dividas aos Logares Santos, na Capitania de Pernambuco.

Offereceu aos mesmos Santos Logares, para sua veneração e ornato, varias peças d'oiro e prata e varios paramentos para o Culto Divino. Vieram a ser ao todo: 23 alampadas, 12 de latão e 11 de prata, uma bacia grande de prata, que levava tres almudes d'agua, para servir no Sabbado Santo, afóra os ornamentos.

D. João V, ainda na sua menoridade, mandou, no anno de 1695, uma estrella d'oiro para o *Logar* do nascimento de S. João Baptista. Confirmou todos os alvarás e provisões dos seus antecessores, assim como o privilegio de se cobrarem as dividas á Terra Santa, pela mesma fórma executiva como se cobravam as da sua Real Fazenda. Mandou, finalmente, este monarcha muitos ricos presentes e dadivas valiosissimas para os Logares Santos.

D. José I, confirmou todas as provisões, que, pelos seus antecessores, tinham sido passadas a favor dos Logares Santos.

O mesmo fez D. Maria I, que, além das dadivas e sommas particulares que enviou para os Logares Santos, remetteu uma alampada d'oiro para o Santo Sepulchro, avaliada em 2:600$000 réis, como diz Fr. João de Christo, na sua *Viagem d'um peregrino,* reimpressa em Lisboa, em 1831.

A munificencia e liberalidade dos subditos portuguezes para com os Logares Santos da Palestina, é, tambem, di-

gna da maior consideração. Para avalial-a é preciso lêr-se a valiosissima obra, intitulada *Paraizo Seraphico*, escripta por Fr. João Baptista de Santo Antonio, impressa em Lisboa em 1734. Capitulos III e IV, part. 1.ª, liv. 7.º; cap. VI a XIII, liv. 7.º da parte 1.ª *etc.*

Fr. Antonio do Sacramento, na sua *Viagem Santa*, impressa em Lisboa, em 1748, no cap. II da 1.ª parte, escreve: «Grande é a quantidade de dinheiro que todos os annos vai da christandade para a Terra Santa de Jérusalem. Só do nosso Portugal vão 40:000 cruzados em dinheiro de contado, além de muitas outras coisas necessarias para o culto dos Logares Santos, que importam em grosso cabedal. Dos mais reinos tambem são remettidas esmolas mui copiosas, sendo que nenhum, nem todos juntos, exportam tanto como Portugal e Hespanha!»

Ainda, no capitulo III da 2.ª parte, escreve o mesmo Frei Antonio: «Para a grande despeza que se fez na igreja da Santa Casa de Nazareth, se applicou uma conducta do nosso Portugal, que constava de 40:000 cruzados e foi feita pelos annos de 1730!

No cap. LVII, tratando do templo moderno do Santo Sepulchro, diz que elle custou mais de 100:000 cruzados, e que lhe disseram os Religiosos d'alli que fôra a sua redempção uma conducta de Portugal, que constava de 50:000 cruzados, a qual havia chegado na mesma occasião da obra!

Estas são as succintas e rapidissimas informações que, sobre a liberalidade portugueza para com os Logares Santos da Palestina, julguei opportuno inserir n'este livro.

Concluirei o assumpto, fazendo a enumeração de todas as peças e paramentos que existem nos *Logares* da Terra Santa, mandados do Reino de Portugal, como se lê no *Paraizo Seraphico*, parte 1.ª, liv. 7.º, cap. V:

No Santo Sepulchro:

Quatro alampadas de prata que estão continuamente com luz na pedra do Anjo, junto ao Santo Sepulchro e têm por titulo *Principe de Portugal.*

Mais uma alampada de El-Rei de Portugal, no Santo Sepulchro.

Mais outra alampada doirada, que serve nas funcções d'El-Rei de Portugal, dentro do Santo Sepulchro.

Mais duas alampadas de prata dos Reis de Portugal, que servem no Santo Monte Calvario.

Mais outras duas alampadas de prata do mesmo se-

nhor emquanto Principe, que estão na capella do Santissimo Sepulchro.

Uma bacia de prata que leva tres almudes d'agua, em que esta se benze no Sabbado Santo, dadiva de El-Rei de Portugal.

Um perfumador de prata e de muito custo, que mandou D. Philippe de Noronha.

Uma preciosa armação com que se adorna o Santo Sepulchro, dadiva d'El-Rei D. João V.

Um Pontifical que serve com a dicta armação e é do mesmo genero e preciosidade.

Um pontifical rôxo com ricas alvas, que mandou o Cardeal da Cunha.

Uma armação de damasco carmezim com galões d'oiro, que mandou o mesmo Cardeal, para a capella do Anjo.

Finalmente, mais um relogio de parede, que mandou um bemfeitor de Portugal.

No Convento de S. Salvador, em Jérusalem:

Uma alampada que arde continuamente na Gruta do Sacro Presepio, dadiva de El-Rei de Portugal.

Uma custodia de prata doirada que serve na novena da festa da Expectação, dadiva de El-Rei de Portugal.

Quatro alampadas de latão que servem no mesmo templo.

Dois candieiros de prata que servem nas funcções do Natal.

Um ornamento branco bordado d'oiro, que serve no Pontifical da noite de Natal e na festa da Epiphania, com as armas de Portugal na capa, casula, dalmatica, frontal, panno d'estante e véu de hombros.

Dois livros grandes de côro, que mandou El-Rei de Portugal, no anno de 1732.

No Convento da Santa Casa de Názareth:

Um thuribulo e uma naveta de prata com as armas de Portugal; o sobredicto foi mandado no anno de 1730.

Nove vestimentas de damasco, todas com as armas de Portugal, que fôram no anno de 1730, com um psalterio para o côro.

Tres casulas e cinco frontaes de brocado, com galões e franjas d'oiro e com tarjas do mesmo, em que se vêem debuxadas as armas de Portugal.

Mais uma capa, dalmaticas, panno d'estante e véu d-hombros, tudo do mesmo brocado e com os mesmos es cudos. Foi obra d'esmolas de varias pessoas de Portugal e levada no anno de 1732.

Tres alampadas de prata para a mesma Santa Casa com as armas de Portugal.

Ha mais alli oitenta covados de damasco para uma armação da Santa Gruta, que mandaram varios devotos de Portugal, no anno de 1733.

Tres casulas de damasco com galões d'oiro; uma para o convento de Chypre, outra para o hospicio da Jaffa e outra para o de Roma.

*

* *

Ha muito pouco tempo, ainda, que se fundou na Palestina a Companhia Hamburgo-Americana, destinada a proporcionar aos viajantes no paiz, todas as commodidades e vantagens na sua visita. Ella possue magnificos hoteis em Naplouse e Djennin, bem como em outros pontos do paiz, que não deixam nada a desejar sob o ponto de vista do aceio e conforto. E' agente d'esta Companhia em Portugal a casa Ernest George, successores, Rua Bella da Rainha, 8 — Lisboa, a quem póde ser pedido o Guia das Viagens á Terra Santa, no qual se fornecem informações completas sobre o modo e condições de realisar esta viagem.

*

* *

Tambem funcciona já o caminho de ferro de Kaïffa a Damasco, atravez da planicie de Esdrélon, das margens do Jordão, e do valle maravilhoso do *Jarmouk*, que andava em construcção, em 1902, por occasião da minha segunda viagem ao paiz.

*

* *

Tambem um barco a vapor sulca hoje as aguas do lago de Génézareth, facilitando aos peregrinos a visita das localidades evangelicas situadas nas suas margens.

Pelo novo caminho de ferro póde, pois, ir-se hoje de *Kaïffa* a *Sémak*, passando-se por *Beïsan*. O caminho de ferro de *Beyrouth* a Damasco desce já d'esta ultima cidade até *El-Mouzerib* e d'alli até *Sémak*, sita na extremidade sul do lago de Génézareth.

*

* *

O Museu de *Notre Dame de France* é do mais alto interesse sob o duplo aspecto da Biblia e da historia. Elle tem sido todo installado sob a direcção do eminente archeologo e palestinologo padre Germer Durand, dos Agostinhos da Assumpção, actualmente residindo em Jérusalem. Os Assumpcionistas do melhor grado abrem as portas do seu Museu aos peregrinos e viajantes que desejem visital-o.

*

* *

Li, ainda, que uma empreza americana projectava installar *tramways* electricos entre Jérusalem e a Galiléa, atravez da Samaria, Bethléem e Jericó. Quando isto se realizar fica mundanizada a santa Palestina. Evola-se e perde-se todo o perfume das suas tradições, dos seus costumes, da sua feição typica, que constitue todo o encanto dos peregrinos christãos! Ficará sendo, então, o paiz dos *touristes* elegantes, scepticos, mundanos e deixará de ser para sempre a terra saudosa e amada dos fervorosos e piedosos peregrinos christãos. Envolta na atmosphera artificialmente aquecida das extremas civilizações, não será mais a Palestina o paiz do Salvador, para converter-se n'uma das muitas conquistas do *Principe do Mundo (João*, XII, 31). Que fazer, porém? Esperar e confiar, ó Christo bemdito, irmos contemplar-te um dia na tua gloria eterna, olhos fitos sempre na immensidade insondavel da tua misericordia e do teu amôr.

INDICE

PAG.

INDICE DAS GRAVURAS

PAG.

WENCESLAU DE MORAES

Vida Japoneza, br. 800, enc. . . 1$000

THOMAZ RIBEIRO

D. Jayme, ed. completa, broch. 800, enc. . . . . 1$000
D. Jayme, edição popular, br. 400, enc. 600
Sons que passam, br. 600, enc. 800
Delfina do Mal, br. 800, enc. . 1$000
Vesperas, br. 1$000, enc. . . . 1$300
Dissonancias, br. 600, enc. . . 800

ALFREDO DE MESQUITA

De cara alegre, br. 500

SILVA PINTO

De Palanque, br. 600

REBELLO DA SILVA

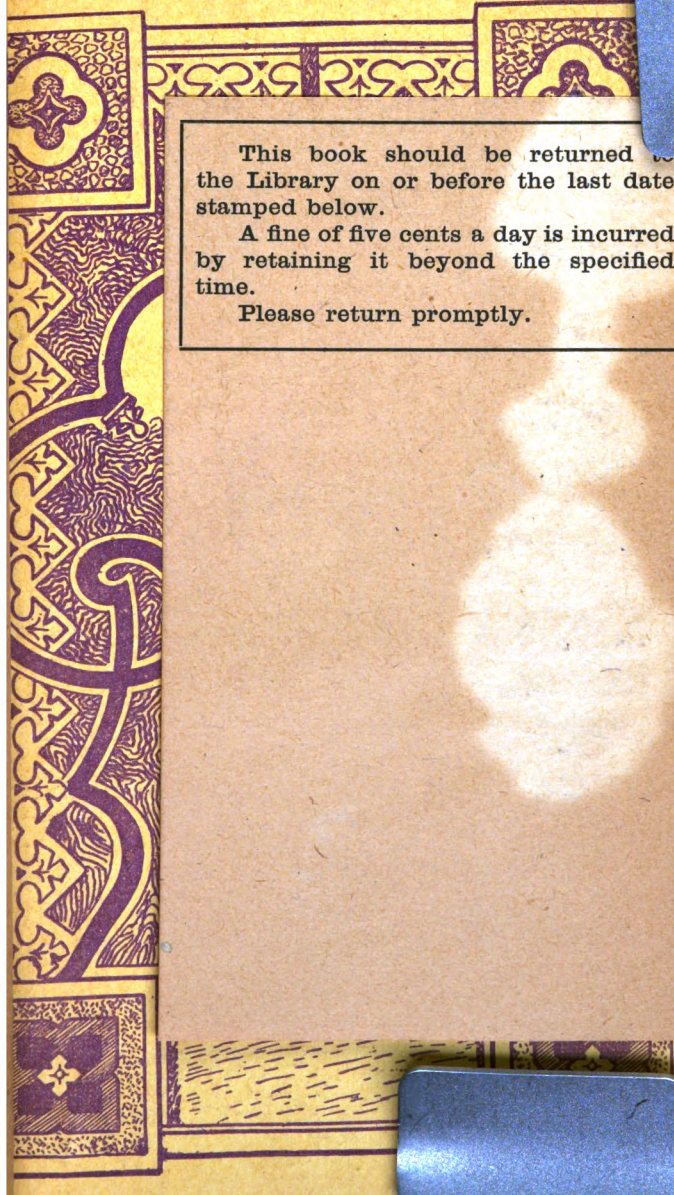
Mocidade de D. João V, 3 vol. . 1$500

LUIZ A. PALMEIRIM

Galeria de figuras portuguezas, b. 800

LUIZ DE MAGALHÃES

Brazileiro Soares, romance, br. 700
Cantos do estio e outomno, br. 500

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Poesias, br. . . . . . 1$000
Novas Poesias, br. . . 1$000
Poesias Posthumas, br. . . . . . 1$000

JOÃO DE LEMOS

Cancioneiro, br. 600
Serões d'Aldeia, br. 600

VISCONDE DE BENALCANFOR

Na Italia, br. 500
Phantasias e escriptores, br. . . 500
De Lisboa ao Cairo, br. . . . 600